



O DEBATE COMPLETO ENTRE

ORLANDO FEDELI

OLAVO DE CARVALHO

GNOSTICISMO E OLAVISMO



EDITORA RESTAURAÇÃO

Esta é uma publicação digital e sem fins lucrativos da Editora Restauração.

Esta publicação é apenas um compilado do debate que está gratuitamente disponível na internet no site:

<https://floscarmeliestudos.com.br/compilacao-de-arquivos-da-polemica-entre-orlando-fedeli-e-olavo-de-carvalho>

Recomendamos aqui também o livro “sob a máscara” em que Fernando Schlithler reproduz e comenta o debate:

<https://www.floscarmeliedicoes.com.br/sob-a-mascara>

A única intenção de nossa publicação é facilitar os estudos daqueles católicos interessados em defender a fé e a verdade.

Editoração: Cleber Silva

Arte: Pablo Ricardo

Prefácio: Mateus Larsan



O Debate aconteceu entre Fevereiro e Agosto de 2001, há 22 anos atrás. O Professor Fedeli havia escrito alguns artigos sobre René Guénon e Olavo mandou um e-mail para Fedeli dizendo que ele havia faltado com o respeito a esse grande espírito Místico. Portanto foi Olavo quem iniciou o debate.

Sumário

Prefácio	7
<i>O Debate que poderia ter salvado o Brasil: Duas décadas de Olavismo e gnose</i>	
OF-carta: René Guénon: carta de Olavo de Carvalho	11
<i>Olavo começa dizendo que tem discordâncias graves com Guénon, mas ainda assim não julga sua obra como essencialmente má. Na verdade diz que Guénon mostra uma grande elevação Espiritual, digna de respeito. O primeiro e-mail é bem respeitoso, o segundo já é mais agressivo, dizendo que OF tem má índole e uma sanha acusatória. E não nega que Guénon era gnóstico. Fedeli basicamente pergunta: Olavo, você é católico? Guénon era gnóstico?</i>	
OF-carta: Silêncio Inteiro...	15
<i>Ele começa enunciando que OC não respondeu porque foi pego no pulo. Orlando Fedeli prossegue mostrando gnose em Guénon e provando que Martin Lings apostatou. Responde a uma possível objeção de que o OC teria renegado tudo o que escreveu até 95 dizendo que se o tivesse feito, então ele teria escrito o contrário do que escreveu. Como não o fez, então não renegou coisa alguma.</i>	
OC: Aviso	29
<i>Olavo faz um limpa no site e diz que Fedeli está movendo uma inquisição contra ele. Olavo chama a Montfort de “TFP do B”.</i>	
OF-carta: Iracunda promessa de resposta...	31
<i>Fedeli provoca Olavo por seus quase dois meses de silêncio.</i>	
OC: Aviso 2. Sobre as acusações de Orlando Fedeli	34
<i>Olavo elenca as quatro características da heresia gnóstica e afirma que não sabe se ou quando responderá o Fedeli.</i>	
OC: Aviso 3	37
<i>Olavo diz que não se importará com qualquer coisa que Fedeli disser.</i>	
OC: Adendo ao Aviso Número 3	39
<i>Olavo elenca as características gnósticas segundo Voeglin e faz insinuações de ameaças ao Professor Fedeli.</i>	
A Gnose “Tradicionalista” de René Guénon e Olavo de Carvalho	43
<i>Esta é a principal carta do debate. Nela Orlando Fedeli analisa em quase 140 paginas extensivamente o assunto do gnosticismo e faz centenas de citações, tanto de René Guénon quanto de Olavo de Carvalho e conclui que ambos eram gnósticos.</i>	
OC: Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli	188

Olavo tenta se defender dizendo que é tudo mentira, que Fedeli só quer condená-lo, que faz um hábil jogo de palavras. Que ele Olavo usa gnose num sentido diferente, que estão tirando non sequiturs a partir de suas falas. Olavo só renegou um artigo antes de 95, então confirma que não renega os demais.

- Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho – sobre sua gnose** **196**
Fedeli fez uma mini aula e não apenas uma resposta. Ele não respondeu, ele denunciou e Expôs. Prova que Olavo confessa ao se inocentar. Prova que as fontes de Olavo são gnósticas. Evidencia a contradição entre essa carta 9 e os avisos 1, 2 e 3.
- OC: Mensagem do sr. Fedeli – através de um seu menino-de-recados** **206**
Basicamente a defesa de Olavo foi: “me tiraram do contexto” “mas eu uso esse termo com outro sentido” “mas onde está a heresia em andar com gnóstico e concordar com gnóstico?” Fui aluno do Schuon sim, e daí?” “Novamente, distorção do sentido das minhas palavras, para produzir uma contradição que não existe.”
- Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho – sobre sua gnose e seus sofismas** **218**
FC responde as Fofocas e prova que Olavo defende a salvação pelo conhecimento. FC prova que Schuon zomba da Igreja e rebaixa a razão. Refuta Olavo em vários pontos.
- Resumo da polêmica – e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho** **234**
Começa mostrando o e-mail enviado ao jornal O Globo pedindo que publicasse esta carta, devido ao Olavo ter utilizado do jornal e que o Globo não publicou. Refuta Olavo. Na segunda parte: Prova que Voegelin está sendo distorcido por Olavo. Basicamente FC utiliza Voegelin para refutar Olavo. Olavo no artigo do Globo insinua que os católicos tradicionais são gnósticos e que eles querem jogar a Igreja contra todas as religiões e assim fariam o trabalho dos gnósticos.
- OC: Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli** **245**
Olavo tenta ressignificar os termos de gnose e assim implicar que o Fedeli é louco e o acusa de ser gnóstico quando na verdade eles só estão divergindo nos termos. Olavo também insulta Fedeli dizendo que ele só gostaria de ser um Plínio quando crescesse e que a Montfort é uma seita.
- OC: Nota sobre fé e conhecimento e um P. S. muito revelador** **249**
Olavo continua fugindo do assunto, criando novas discussões quanto a pontos acidentais e continua sem responder as duas perguntas fundamentais: Se ele é católico e se Guénon é gnóstico ou não. Em resumo, tenta encontrar um jeito de defender que o conhecimento está acima da fé desviando dos ensinamentos do magistério.
- OF-carta: Enrolavos, remendos e gambiarras** **251**
Fedeli sobre Olavo: “ele escreve textos de tal modo para lhe permitir afirmar, se atacado, dizer que não disse o que afirmou. Dizer que não disse o que disse, mas que, se disse, disse noutro sentido, que lhe é próprio.” Fedeli refaz as perguntas: Guénon é gnóstico? Qual a religião de Olavo? Fedeli refuta Olavo sobre a tentativa de unir a Igreja contra todas as falsas religiões e se respalda para tanto nas sagradas escrituras. Fedeli novamente indica os escrito de Olavo em que ele defendeu Gnose e prova que segundo as citações que ele fez de Voegelin Olavo é um gnóstico.
- Carta: Indicativo de mével intelectual e religioso...** **263**
Pedro admite estudar astrologia e tenta colocar Fedeli e Coelho em saia justa. Diz ainda

que é possível “ser católico e anarquista, ser católico e defender a livre-empresa, ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia”

OC: Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?	265
<i>Olavo acusa Fedeli de gnóstico e de não saber o que é gnose. Chama-o também de incapaz e inapto a discussão intelectual.</i>	
Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho	272
<i>FC comenta alguns e-mails de alunos defendendo o Olavo. Extremamente heréticos, é a defesa do amigo pior do que qualquer ataque de um inimigo.</i>	
OC: Aviso Número 4	279
<i>Olavo alega novamente que Fedeli tem má intenção e deliberadamente o descontextualizou e atribuiu palavras que ele não disse</i>	
OC: OF-carta: Resposta ao AVISO 4	282
<i>Repetição do Aviso 4</i>	
OC: Um grupo de psicóticos	284
<i>Olavo chama Fedeli de louco psicótico. Confessa que crê na liberdade de consciência. Olavo diz que Fedeli infiltrou membros nos cursos do Olavo. Diz que Felipe coelho é neurótico e inseguro. Reforça que defende a liberdade de consciência. Diz que qualquer indícios de gnose em sua obra são “minúsculos e isolados”. Discorre sobre o suposto desconhecimento de Fedeli sobre o islamismo. Diz que Fedeli não é mal intencionado, apenas doido. Insiste em fugir do assunto principal e dizer que Fedeli é só um dissidente frustrado da TFP. Olavo não responde se é católico ou se Guénon é gnóstico.</i>	
Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho	300
<i>Felipe Coelho evidencia que Olavo não é católico ao defender a liberdade de consciência. Curioso que Coelho critica Olavo por falar as verdades sobre o Vaticano II (nisso Olavo está correto). Novamente utiliza Voegelin contra Olavo, com sucesso.</i>	
OF-carta: Projeções psicóticas	306
<i>Fedeli responde em uma página a carta 22 “grupo de psicóticos” e a reproduz.</i>	
Os frutos do gnóstico Olavo II: Revelações de uma câmara escura	320
<i>Felipe Coelho responde o aluno astrólogo do Olavo e expõe seus erros e contradições.</i>	

O Debate que poderia ter salvado o Brasil: Duas décadas de Olavismo e gnose.

O Brasil dos últimos 20 anos é a consequência desse debate não ser conhecido. Todo o Olavismo e toda a ação política fruto do pensamento de Olavo de Carvalho já estavam desmontados há mais de 20 anos. Pretendo nesse prefácio levantar questionamentos, expôr as consequências desse debate e dar uma breve introdução ao que é gnose e assim facilitar ao leitor o melhor entendimento possível deste debate, de suma importância.

1. Questionamentos:

Por que esse debate não teve mais visibilidade, por que não foi mais divulgado? Da parte do Olavo eu sei, a resposta é óbvia: autopreservação. Não falar, não divulgar, não deixar conhecer.

Por que os católicos não fizeram seu trabalho, que na verdade já tinha sido feito pelo professor Fedeli? Não sei. Pessoas capacitadas existem, muito mais capacitadas do que eu, aliás. Por que não o fizeram? Faltou vontade? Não perceberam o crescimento exponencial do Olavismo? Não perceberam a ‘NeoConservarização’ do catolicismo do Brasil via Paulo Ricardo? Tinham compromissos outros? Desagradariam a alguém? Medo? Onde estava a Administração Apostólica de Dom Rifan? Onde estava o movimento tradicional do Brasil? Não sei.

Por que a Liga Cristo Rei que almejava formar uma Ação Católica no Brasil nunca fez nada e nem disse nada? **Isso eu sei.** Não podiam desagradar o guru e o financiador, não é?

E aqui estamos.

2. Consequências desse debate:

Em 2001, Olavo de Carvalho foi desmascarado, pego no pulo. Seu catolicismo foi dinamitado. Dizem que durante esse debate Olavo nunca esteve mais triste e depressivo. É claro: seu plano de conduzir o futuro religioso e político do Brasil foi destruído antes mesmo de começar. Então Olavo do final do debate até sua mudança para os Estados Unidos teve que se rearranjar e se reorganizar. Preparar o caminho para que quando Orlando Fedeli não estivesse mais vivo pudesse então finalmente retomar os planos. E foi isso que Olavo fez. Construiu uma nova roupagem a partir de 2005, especialmente após o True Outspeak, em que foi durante anos o Olavo comentarista político.

Enterrou seu passado de tariqa, esoterismo, astrologia e alquimia, fazendo apenas menções brevíssimas e incompletas quanto a esse passado. Assumindo o campo político delegou então o campo religioso para seus amigos ou alunos: O ex-seminarista e atual jornalista Allan dos Santos e o “*padre*” Paulo Ricardo, com seu site sendo fundado em 2006.

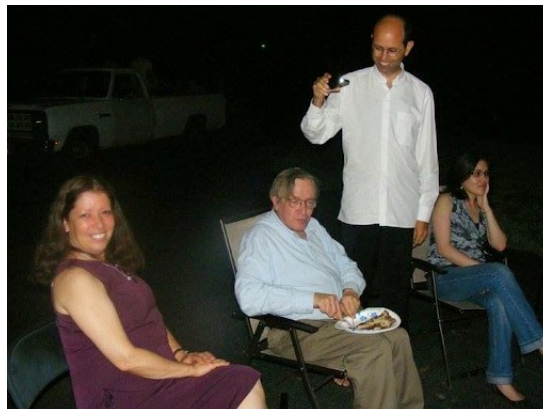


Allan dos Santos e Paulo Ricardo

Paulo Ricardo foi quem atestou a *verdadeira* conversão de Olavo para muitas pessoas. Ignorante e vítima? **Impossível. Foi comparsa.**

Após a morte de +Orlando Fedeli em junho de 2010, com o sucesso absoluto tanto do TrueOutspeak e do COF quanto do site do “*padre*” Paulo Ricardo e sem nenhuma oposição católica séria, grande e organizada, então o caminho para o domínio completo do Brasil estava livre. Não havia oposição ao plano Olavo-Paulo Ricardo de dominar o catolicismo no Brasil e não havia intelectualidade para impedir o surgimento e avanço da Nova Direita.

No final tudo deu errado, mas isso é outra história. O importante deste capítulo do prefácio é evidenciar que nada do que aconteceu precisava ter acontecido: esse catolicismo neoconservador e essa direita acatólica poderia ter sido impedida se o debate Orlando Fedeli x Olavo de Carvalho tivesse tido a visibilidade que ele merece.



“Padre” Paulo Ricardo no suposto casamento de Olavo e Roxane em 2006, nos EUA. Cadê a Batina?

Infelizmente isso não aconteceu e esta publicação é a nossa contribuição para a formação de uma Ação Política *verdadeiramente* Católica no Brasil.

3. Gnose: A Revolução Primordial.

(Fiz uma aula em que tratei longamente sobre o debate e o assunto gnose. Aos que quiserem entender mais profundamente confirmam: [\(link\)](#))

Para compreender bem a gnose é necessário fazer uma leitura atenta de Gênesis 3.

Gnose em grego significa conhecimento. Gnose é uma revolução metafísica. Gnose é o pecado de Lúcifer. Gnose é a não aceitação do Homem de seu estado. Gnose é a tentativa da criação (Homem e Lúcifer) serem criadores.

O Gnóstico é revoltado porque não é Deus.

Gnose é a tentativa do homem se salvar não através da fé e da verdade, mas através do conhecimento do Bem e do Mal. Simbolicamente a árvore da vida representa a fé e a verdade e a árvore do conhecimento a gnose.

3.1 O que é o mal?

A pergunta primeira e fundamental da gnose é: que é o Mal?

Para o católico tudo o que Deus criou é bom (E viu Deus que tudo o que havia criado era muito bom). Santo Agostinho ensina que não existe mal absoluto, porque se existisse ele teria o bem da existência, e portanto não seria mal absoluto.

O católico crê que o mal é uma corrupção ou ausência do bem, mas não um ser em si mesmo. O mal portanto não existe como ente, mas apenas como defeito. Uma comida estragada é um mal, um perna quebrada é um mal, um pneu faltante em um carro é um mal. Mas são males em vista de um bem, não existindo em si mesmo mas apenas em virtude da perfeição que lhes falta. A comida estragada é um mal porque a comida foi feita para ser boa. A perna foi feita para funcionar e o carro para ter quatro rodas. O que é uma “não-comida”, uma “não-perna” ou um “não-carro”? Essas coisas não existem.

O Gnóstico não pensa assim.

Para o gnóstico o mal é um ser, é um ente, com existência própria. Para o Gnóstico o mal existe em si mesmo. Para o católico o mal só existe como a corrupção ou a ausência de um bem. Daí a heresia dos Maniqueus: que a história seria uma luta do bem contra o mal, do SER contra o ANTI-SER. Percebem a contradição? Em última instância é a não aceitação de que tudo o que Deus fez é bom. É um pensamento fruto da revolta. Se eu não sou Deus, logo o mundo é mal! E de um princípio errado toda sorte de erros surgem e revoluções acontecem.

Tudo porque o gnóstico não aceita a ordem criada por Deus.

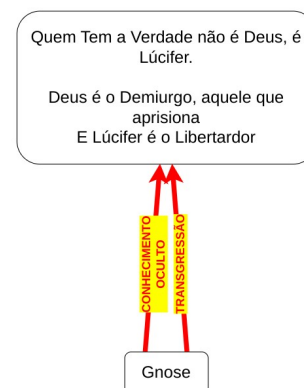
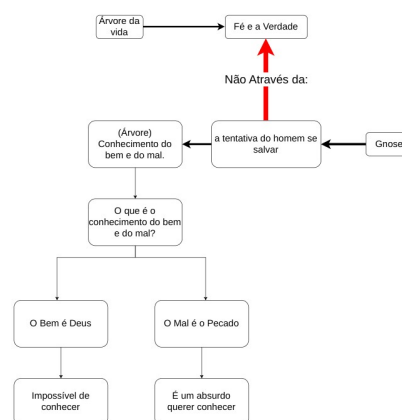
3.2 Voltando a árvore do conhecimento do Bem e do mal.

Por que Deus proibiu ao Homem comer do fruto desta árvore? Que é o Bem? Que é o mal?

O Bem é Deus. Ora, é impossível ao homem conhecer a Deus em sua essência, por isso ele não deveria comer do fruto proibido. O Mal é o pecado. Não se deve querer conhecer o pecado, pois como vimos o mal é a corrupção do bem. Querer conhecer o pecado é absurdo e por isso Adão não deveria comer do fruto proibido.

Gnose, portanto, é a tentativa do homem ser Deus pela via da transgressão da lei, pela transgressão da ordem criada por Deus. Gnose é a tentativa do homem ser Deus utilizando-se de um suposto conhecimento oculto escondido e incrustado na criação.

Ao ceder a Gnose, o Homem está, em última análise, afirmando que Deus é mentiroso e que quem tem a verdade é Lúcifer! A consequência lógica do gnóstico querer ser Deus é necessariamente acreditar que o Deus único e verdadeiro o está privando de sua divindade e quem quer libertá-lo é Lúcifer, o portador da Luz!



Aí está a revolução primordial: Deus é mal e nos aprisionou, Lúcifer é bom e nos libertará.

3.3 Resumo da Gnose:

Gnose (Gênero) é a não aceitação da lei divina, é a tentativa do homem ascender ao divino, não por meio de Cristo e da sua Igreja, ou seja, da lei divina, mas por meio de:

- 1 – Anjos
- 2 – Ciência Humana
- 3 – Coisas criadas

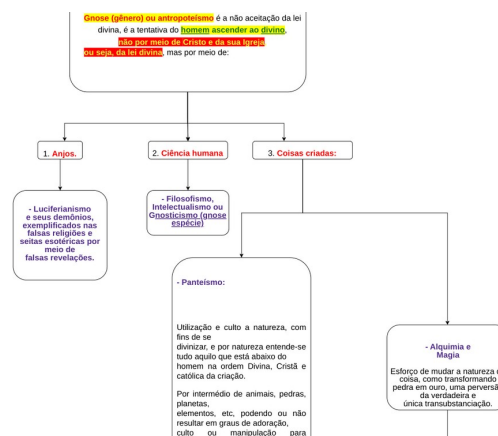
Gnose é tentar ascender ao divino por meio de um conhecimento angélico ou por meio de um conhecimento Humano ou por meio do domínio e manipulação das coisas criadas.

Esta é uma separação didática, já que todas essas formas de Gnose já estão simbolicamente representadas no Pecado de Adão. E a gnose se apresenta nas mais diversas formas, ora ressaltando um aspecto, ora outro.

3.4 Conclusão

Esse é um breve resumo esquemático da gnose, feito com o objetivo de facilitar o entendimento do Debate. Assim ficará muito mais claro de perceber o gnosticismo do Olavo de Carvalho e de toda a sua obra.

Que Santo Agostinho e Santo Irineu de Lyon, os dois maiores combates da Igreja contra a peste do gnosticismo possam interceder por nós nesse combate e que a Virgem Maria pise a cabeça da serpente e liberte o Brazil de tão danosa heresia. Que São Miguel seja conosco pela Restauração da Verdadeira Ordem ante a Revolução primordial.



Mateus Larsan S.C.R.E.
 Líder da Ação Restauracionista
 09/11/2023
 Vésperas da festa de
 São Leão Magno

Gnose

 Download  Enviar  Imprimir

☆☆ René Guénon: carta de Olavo de Carvalho

PERGUNTA

Cledson

Nome:

02/02/2001

Enviada em:

Caro Prof. Orlando,

Tomei a liberdade de enviar ao Sr. Olavo de Carvalho textos de www.montfort.org.br sobre René Guénon. Eis, logo abaixo, a mensagem que recebi, que lhe repasso na íntegra.

Felicidades,
Cledson

----- Original Message -----

From: Olavo de Carvalho

To: CRB

Sent: Sunday, January 28, 2001 10:47 PM

Subject: René Guénon

Prezado Sr. Orlando Fedelli, Acompanho seus artigos com muito interesse e sou inegavelmente um apreciador do seu belo trabalho em defesa da religião católica.

Vejo-me no entanto no dever de apontar pelo menos um grave erro no seu artigo recente sobre René Guénon. Sou um estudioso da obra de Guénon e tenho com ele pontos de concordância e de divergência. Deste últimos, alguns são bem sérios, mas nunca julguei que isto devesse me levar a enxergar na obra desse autor algo de essencialmente maléfico. Ao contrário, a elevação espiritual de que ele dá mostras cabais em inúmeros trechos da sua obra é suficiente para inibir qualquer veleidade minha de contestá-lo em termos desrespeitosos.

V. Sa., no entanto, não sente assim, e fala de Guénon de uma maneira que me parece totalmente inadequada, seja à nobreza do assunto, seja à própria dignidade do autor que subscreve o artigo.

Já seria uma coisa bem inapropriada tentar desqualificar um escritor mediante o expediente de chamá-lo de toxicômano em vez de tentar refutar primeiro suas idéias. Mas, ao fazê-lo, V. Sa. cai ainda no erro de citar como única fonte (pois as demais mencionadas são alheias a esse ponto) a obra de Marie-France James, "Esotérisme et Christianisme Autour de René Guénon" (Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1981), aliás sem consulta direta mas somente através da citação obtida de outro autor.

Conheço bem essa obra, que li e anotei há mais de dez anos, e conheço também alguns dos personagens que ela menciona. Posso assegurar que a Srta. James, malgrado toda a sua pesquisa de arquivo, desconhece a tal ponto esses personagens que chega a confundir uns com os outros, não sabendo, por exemplo, que aqueles que ela menciona com os nomes de Martin Lings e Sidi Abu-Bakr são, fisicamente, a mesma pessoa, ou, noutras ocasiões, atribuindo a Martin Lings episódios que se passaram com Titus Burckhardt e vice-versa. Sei dessas coisas por ter convivido durante algum tempo com o sr. Lings e

conversado muito com ele a respeito desses episódios, dos quais a Srta. James ignora praticamente tudo.

Ao ler depois a obra da Srta. James não deixei de dar boas risadas com as confusões que ela fazia.

Trata-se, manifestamente, de obra feita à distância, por depoimentos indiretos, sem pesquisa local e sem a mínima consulta a personagens que, não obstante, estavam vivos e acessíveis na ocasião em que a autora procedia às suas investigações.

Sem desmerecer de todo o trabalho, digo que ele vale alguma coisa pela parte concernente aos meios católicos, que a autora investigou profundamente, mas nada pelo que diz respeito às organizações e meios islâmicos, e principalmente ao círculo mais íntimo de René Guénon, que ela se limitou a conjecturar à distância e com um viés não raro malicioso.

Não vou discutir, agora, as relações entre René Guénon e o cristianismo desde o ponto de vista doutrinal. Limito-me a dizer que elas não podem ser resumidas como as de um perverso maçom infiltrado em meios católicos para destruir a Igreja.

Talvez eu possa me explicar melhor sobre esse ponto mais tarde, quando tiver tempo.

Por enquanto, só interessa assinalar que a fonte na qual V. Sa., sem dúvida de boa fé, se baseou para atestar a toxicomania de René Guénon não é confiável de maneira alguma.

No mais, asseguro que V. Sa. continuará tendo em mim um leitor e admirador fiel, e faço votos de que V. Sa. tenha sucesso continuado na sua generosa luta em prol do cristianismo.

Atenciosamente,
Olavo de Carvalho

Enviada em: Sábado, 3 de Fevereiro de 2001 15:30

Caro Prof. Orlando,

Envio-lhe mais um e-mail recebido. Caso queira entrar em contato direto com o Sr. Olavo de Carvalho, eis o seu e-mail: ...

FElícidades,
Cledson

----- Original Message -----

From: Olavo de Carvalho
To: CRB
Sent: Tuesday, January 30, 2001 11:22 PM
Subject: Re: René Guénonpbm9u

Prezado amigo,

Muito obrigado. Enviei o e-mail a vocês pensando que esse era o endereço do prof. Fedelli. Já que não era e que vocês tiveram a amabilidade de repassá-lo, peço também que o avisem disso para que ele não pense que foi de propósito que a remessa foi feita a terceiros e não a ele. Peço ainda que acrescentem esse PS:

PS - O uso de fonte pouco confiável para respaldo de tão grave acusação é ainda mais espantoso porque essa fonte não vem sequer citada no original, mas mencionada de segunda mão, com o título em espanhol, a partir de citação feita num artigo de revista. A citação indireta é justificável, mas não num caso desses. Tudo isso mostra uma "libido accusandi" mais própria a induzir em falso testemunho do que a edificar na fé.

Com meus melhores votos,
Olavo de Carvalho

RESPOSTA

+

Ilmo. Sr. Olavo de Carvalho.
Saudações.

Recebi inicialmente uma sua mensagem muito gentil, com algumas críticas ao que eu escrevera sobre o gnóstico René Guénon.

Com efeito, o sr. começou sua mensagem dizendo:

"Acompanho seus artigos com muito interesse e sou inegavelmente um apreciador do seu belo trabalho em defesa da religião católica".

Muito obrigado.

E concluía afirmando:

"No mais, asseguro que V. Sa. continuará tendo em mim um leitor e admirador fiel, e faço votos de que V. Sa. tenha sucesso continuado na sua generosa luta em prol do cristianismo."

Muito obrigado.

Quem lesse essas palavras ficaria com a impressão de que o sr. é um católico preocupado com a defesa da Fé e pronto a apoiar quem a defende.

Ora, se essa conclusão fosse verdadeira, como se explicaria que o sr. -- interessado na defesa da Fé Católica e na defesa do cristianismo -- se mostrasse também defensor de Guénon, cujo caráter gnóstico o Sr. não negou ?

Há nessa dupla atitude uma contradição profunda.

Estava eu nessa perplexidade quando me chegou um e-mail seu, acrescentando um post scriptum à sua carta do dia anterior.

Parece que o sr. não dormiu bem, pensando no que escrevera, pois seu post scriptum retardatário já não era tão gentil. Nele o senhor me diz:

"PS - O uso de fonte pouco confiável para respaldo de tão grave acusação é ainda mais espantoso porque essa fonte não vem sequer citada no original, mas mencionada de segunda mão, com o título em espanhol, a partir de citação feita num artigo de revista. A citação indireta é justificável, mas não num caso desses. Tudo isso mostra uma "libido acusandi" mais própria a **induzir em falso testemunho** do que a **edificar na fé**. Com meus melhores votos, Olavo de Carvalho" (os negritos são meus).

A acusação é pesada, e mantém de pé a perplexidade: qual é a Fé que o sr. pretende edificar?

Que entende o sr. por "edificar a fé": é aumentar a fé católica em seus leitores, ou insinuar a Gnose de Guénon?

A pergunta se justifica. Pela mensagem que o sr. me enviou, seu amigo Cledson e outros leitores não ficam sabendo qual é a "Fé", que o sr. tem, e que pretende edificar.

Qual é a "Fé" que o sr. pretende "testemunhar" ?

O sr. é católico ?

O sr. é cristão ?

Ou o sr. aceita pelo menos algumas das teses do esoterismo gnóstico de Guénon e de outros ?

O sr. protesta que eu tenha afirmado, com base numa citação indireta, que Guénon foi viciado em tóxicos.

Eu afirmei que, pior que ser viciado em tóxicos, foi ele ter sido gnóstico e apóstata, por ter aderido ao Islamismo. Cair em heresia e na apostasia são pecados contra a fé, que, de si, são piores do que os pecados contra a caridade.

O sr. me critica por ter feito uma citação indireta. O que não é crime.

Mas já que o sr., fazendo essa crítica, põe em dúvida as informações da autora citada, pergunto ao sr., que é especialista em Guénon:

Guénon foi, sim ou não, viciado em tóxicos? O sr. ao me criticar, esqueceu-se de elucidar esse ponto.

René Guénon: carta de Olavo de Carvalho - M...

<http://www.montfort.org.br/bra/cartas/gnose/2...>

Ele era ou não maçom da linha mística ?

Ele era ou não gnóstico ?

Ele se tornou ou não maometano no final de sua vida ?

Sua crítica à autora que indiretamente citei é curiosa. O sr. reconhece a profundidade de sua pesquisa em arquivos e no que se refere ao cristianismo, mas critica a sua pouca profundidade quanto aos aspectos islâmicos da questão.

O Sr a critica porque ela julgou que Martin Lings e Sidi Abu Bakr não eram a mesma pessoa.

Talvez a autora, Srta. James, não conhecesse mesmo a dupla identidade de Martin Lings (Abu Bakr).

Pois bem.

Martin Lings adotou um pseudônimo ? Por que um pseudônimo árabe ?

Será porque ele, como Guénon, apostatou e se tornou maometano também, como deixa desconfiar esse pseudônimo islâmico ?

E seu amigo Martin Lings é guénoniano também ? É gnóstico também ?

O sr. escreveu algum livro, ensaio ou artigo refutando a obra da Srta. James sobre Guénon? Se escreveu, gostaria de conhecer o que escreveu, porque ajudaria a esclarecer a questão.

Além disso, espero que o sr. me indique em que obras o Sr. julga que poderei eu conhecer toda a verdade sobre Guénon. Assim poderemos discutir com base em fontes comuns.

E também - o que considero mais importante a esclarecer - qual a verdadeira "Fé" de Olavo de Carvalho.

Li alguns poucos artigos seus, em que admirei a sua habilidade, mas não a sua clareza.

Por exemplo, em seu artigo "exotérico" "**Fórmula da minha Composição Ideológica**", o sr. se diz " tradicionalista e conservador" em religião. Só que -- habilmente -- não diz qual é sua religião.

Há tradicionalismos de todos os tipos. Há mesmo um tradicionalismo esotérico, gnóstico e cabalista.

Qual é o seu ?

É o católico ? De que tipo ? Porque também houve "tradicionalismos" ditos católicos que, de fato, eram gnosticizantes.

Já que o sr. deixa entender ser um bem defender a Fé católica e quer edificar a fé, diga explicitamente -- e não "esotericamente" -- qual é essa sua fé ?

Meu intuito não é de "induzir em falso testemunho", mas sim de defender a única Fé verdadeira: a da Igreja Católica Apostólica Romana.

Com lealdade e com clareza.

Atenciosamente,

Orlando Fedeli

Gnose

 Download  Enviar  Imprimir

☆☆☆ Silêncio Inteiro...

PERGUNTA

Felipe

Nome:

22/01/2001

Enviada em:

(...)

RESPOSTA

Meu caro amigo Felipe,
salve Maria!

É bem conhecido o ditado de que "para bom entendedor, meia palavra basta".
Há porém silêncios que permitem compreender mais do que meia palavra.
Quando se fazem perguntas precisas e claras a um interlocutor inteligente e erudito e ele nada responde, o silêncio total vale mais do que meia palavra.

Para bom entendedor, silêncio inteiro basta.
Porque há silêncios que são confissões. Daí dizer-se também que quem cala, consente.

Fui criticado pelo sr. Olavo de Carvalho -- jornalista exímio e muito cotado atualmente -- por ter escrito que René Guénon foi gnóstico, apóstata e -- citando o livro de Marie-France James -- que ele foi toxicômano.

Evidentemente, ser gnóstico é ser herege, e ser apóstata é renegar a fé. Ora, os pecados contra a Fé, de si, são muito piores do que a toxicomania. Guénon cometeu esses dois pecados contra a Fé ao abraçar a Gnose e ao renegar o seu Batismo para adotar o Islamismo como sua religião "exotérica".

O sr. Olavo de Carvalho escreveu-me uma carta defendendo Guénon, e protestando particularmente contra a acusação de toxicomania (que é bem secundária em comparação com os atos contra a Fé). Protestava o sr. Carvalho, sobretudo, porque eu citara um livro em segunda mão (o que, observo, não é crime): o livro de Marie-France James. Mandou-me, depois, um *post scriptum*, retardatário e zangado, dizendo-me que eu induzia em falso testemunho ao citar a mencionada obra.

Pedi então ao sr. Olavo de Carvalho que me indicasse livros confiáveis para estudar a vida de René Guénon, para não "induzir em falso testemunho". Perguntei também se ele havia escrito algo refutando a obra de M. F. James.

Passaram-se já trinta dias desde então, e nada de resposta. Apenas silêncio.

Perguntara eu ao sr. Olavo de Carvalho se Guénon era gnóstico ou não; se ele fora maçom ou não; se Guénon fora apóstata ou não.

Aguardei trinta dias, e só obtive o silêncio como resposta.

Como o sr. Olavo me elogiara por defender a Fé Católica, indaguei a ele se ele era católico, ou qual era a sua religião, e como podia ele elogiar a defesa da Fé católica defendendo, ao mesmo tempo, o gnóstico Guénon.

Não houve resposta.

Só o silêncio.

Esse silêncio da parte de um homem indiscutivelmente inteligente, além de hábil escritor, revela muito...

Sem a ajuda dele, fui então obrigado a comprar alguns livros, a consultar outros, a fazer buscas na Internet. Um enorme trabalho. Estou ainda para receber duas biografias de Guénon escritas por autores favoráveis a ele. O livro de Marie-France James é difícil de encontrar, mas espero tê-lo logo, para citá-lo de primeira mão, o que me eximirá do crime nefando de fazer citações de segunda mão.

O curioso é que o próprio Guénon raramente citava outros autores textualmente: nem de primeira, e nem de segunda mão... Tirava quase tudo de sua própria cabeça, ou dos ensinamentos de "mestres ocultos e desconhecidos", que insinuava serem "entidades" do mundo subtil. Eram citações do outro mundo...(cfr. carta de René Guénon de 17 - VI - 1934, citada por Jean Robin, in **René Guénon, Testimone della Tradizione**, ed. Il Cinabro, Catania, 1993, p.325).

"Excetuando-se **Le Théosophisme**, onde o método histórico adotado impunha o recurso a amplo rol de textos e documentos à guisa de prova, os livros de Guénon são geralmente isentos de qualquer aparato de notas e referências, principalmente porque na maioria dos casos ele não se apoiava em fontes escritas, mas orais, e no conhecimento direto."(Michel Weber, **Advertência do Editor**, in **A Metafísica Oriental**, de René Guénon, tradução de Olavo de Carvalho, editora Ipviter, São Paulo, 1981, p. 9).

O sr. Olavo, na carta que me escreveu, narra que rira muito com seu amigo Martin Lings -- que se chamava também Abu Bakr -- pelo fato de Marie-France James desconhecer que Lings e Abu Bakr eram a mesma pessoa.

Ora, isso também não é crime. Eu também, pessoalmente, nunca ouvira falar do tal Lings - Abu Bakr. Perguntei ao sr. Olavo se o tal Abu, também ele, se tornara um apóstata. Silêncio...

Parece que o sr. Olavo admira e é amigo de certo tipo de apóstatas. Recentemente, em artigo publicado na imprensa paulista, ele acusou Frei Betto e o ex frei Boff de apostasia. Portanto, Olavo de Carvalho julga que certo tipo de apostasia é, de fato, um mal. Mas Guénon, que se tornou "exotericamente" maometano e adotou o nome de Abdel Wahed Yahya; e Lings, que muito provavelmente deve tê-lo imitado, adotando o nome de Abu Bakr, teriam cometido apostasias "aceitáveis"...

O que seria uma apostasia aceitável?

Seria talvez adotar uma religião exotericamente, enquanto, de fato, e esotericamente, se adota a Gnose?

De qualquer modo procurei iluminar minha ignorância Lingsiana e Abubekriana via Internet.

Veja só, meu caro Felipe, o que lá encontrei.

Uma conferência de Abu Bakr--Lings, em Londres, sobre a doutrina de Guénon.

Fiquei contente, é claro, porque tinha já alguma coisa que poderia elucidar melhor meu julgamento sobre Guénon, com um documento de primeira mão, de alguém amigo de Olavo de Carvalho e amigo de Guénon. Sim, amigo de Guénon! Do próprio René Guénon, que se fazia chamar -- entre outras coisas -- de "Esfinge".

Encontrei, pois, uma conferência de Abu Bakr na qual se fazia saber que ele não só fora amigo, mas fora até secretário da Esfinge! (deve ser tremendo ser secretário da "Esfinge", e viver próximo da esfinge! Que segredos esotéricos uma "Esfinge" não ouviu da outra esfinge! E secretário da "Esfinge" no Cairo! Literalmente pertinho da esfinge, já que Lings--Abu morara na própria casa de Guénon--Abdel, num subúrbio do Cairo, perto das Pirâmides e da esfinge!)

E o que encontrei na conferência de Lings - Abu Bakr, proferida no Prince of Wales Institute de Londres, no ano de 1994?

Encontrei simplesmente isto, que cito de primeira mão e de fonte mais do que confiável, e que transcrevo da conferência de Lings--Abu Bakr:

"On the basis of this universality, which is often known as *religio perennis*, it was also Guénon's function to remind us that the great religions of the world are not only the means of man's salvation, but that they offer him beyond that, even in this life, two esoteric possibilities which correspond to what were known in Graeco-Roman Antiquity as *mysteria parva* and *mysteria magna*, the "Greater Mysteries" and the "Lesser Mysteries". The first of these is the way of return to the primordial perfection which was lost in the fall. The second, which presupposes the first, is the way to **gnosis**, the fulfillment of the precept "know thyself". This one ultimate end is termed in Christianity *deificatio*, in Hinduism, *yoga*, union, and *moksha*, delivrance, in Buddhism, *nirvana*, that

is, extinction of all that is illusory. And in Islamic mysticism, that is Sufism, tahaquq, which means realization and which was glossed by a Sufi sheikh as self realization in God".

[Fundamentado nessa universalidade, a qual é muitas vezes conhecida com *religião perene*, era também função de Guénon lembrar-nos que as grandes religiões do mundo não são apenas meios de salvação do homem, mas que elas oferecem a ele, além disso, mesmo nesta vida, duas possibilidades esotéricas que correspondem àquilo que na Antiguidade Greco-Romana era conhecido como "*mysteria parva*" e "*mysteria magna*, os "Grandes Mistérios" e "Pequenos Mistérios". Os primeiros destes são o caminho de retorno para a perfeição primordial que fora perdida com a queda. Os segundos, que pressupõem os primeiros, são o caminho da **Gnose**, o cumprimento do preceito 'Conhece-te a ti mesmo'. Este último fim é chamado na Cristandade de *Deificação*, no Hinduísmo, *yoga*, união, e *moksha*, libertação, no Budismo, *nirvana*, que é extinção de tudo o que é ilusório. E no misticismo islâmico, que é o Sufismo, tahaquq, que significa realização e que foi comentada por um sheikh sufi como a auto realização em Deus."] (Martim Lings (Abu Bakr) **René Guénon**, Conferência pronunciada no Prince of Wales Institute, Londres, 1994, apud **Sophia**, The Journal of Traditional Studies. O negrito é nosso.)

Está aí em letras negritas: o secretário de Guénon e amigo de Olavo de Carvalho -- Lings Abu Bakr -- confessa que uma das funções de Guénon era a de lembrar que a **Gnose** era o meio esotérico de divinização do homem. De onde concluo que Guénon era um gnóstico, o que será confirmado pelo exame de toda a sua doutrina, que analisarei mais tarde.

É curioso que o próprio Olavo de Carvalho diz em um de seus livros:

"... os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou **Gnose**" (Olavo de Carvalho, **Astrologia e Religião**, ed. Nova Stella, coleção Eixo, São Paulo, 1986, p. 24. O negrito é nosso, E que curioso o nome da coleção...).

Peço-lhe, Felipe, que guarde bem essa identificação que Olavo de Carvalho faz entre os termos **Sabedoria e Gnose**, porque, no final desta carta, veremos textos importantes sobre a "Sabedoria" que é preciso ter, segundo Olavo...

Portanto, esse texto de Olavo, que defende a necessidade de conhecer os "Primeiros princípios" permitiria deduzir que ele também teria uma doutrina gnóstica.

E isso não é de surpreender, porque se René Guénon é gnóstico, e Olavo de Carvalho se declara continuador do ensinamento de Guénon, ele também deve ser gnóstico.

Onde se diz Olavo continuador de Guénon? Nesse mesmo livro que acabo de citar. Na página 8, ele escreveu: "Julgamos que este trabalho [**Astrologia e Religião**] seria um comentário e prolongamento -- ou de outro ponto de vista, uma introdução -- à majestosa exposição de doutrinas tradicionais empreendida neste nosso século sobretudo por René Guénon" (Olavo de Carvalho, **Astrologia e Religião**, ed. cit., p. 8).

E esta informação "esotérica", que escapou à vigilância de Olavo de Carvalho, equivale a uma confissão. Olavo de Carvalho também é um gnóstico. É o que provarei pelo exame de seus escritos, especialmente os mais reservados...

Você me diria que Olavo, recentemente, declarou que renega tudo o que escreveu antes de 1995. Por exemplo, ele afirma que não aceita mais a "descrição" entre exoterismo e esoterismo que Guénon conheceu no Islamismo, aplicando-o erradamente em outras religiões, como o budismo.

"A própria descrição de esoterismo e exoterismo que levei a sério por muito tempo, eu não aceito mais. Ela não é suficiente, é muito pobre, apesar de ser válida" ("**Um acerto de contas**" - entrevista de Olavo de Carvalho a Roberta Tórtora, in *Porto do Céu*, Recife, junho de 2.000).

Isso é muito fácil de dizer.

Como pode Olavo dizer que a "descrição" -- não deveria ser distinção? -- de esoterismo e exoterismo é pobre, que não a aceita mais, que ela é insuficiente, mas que é válida?

Se ele renegasse, **de fato**, tudo o que escreveu até aquela data, ele deveria também **escrever o contrário** do que havia defendido até 1995. Se não fez isso, ele não renegou nada.

O que ele disse se parece com a declaração de um devedor que anunciasse: "Renego todas as minhas dívidas anteriores a 1995".

Fácil, não?

Na realidade, Olavo não renegou nada. Ele continua a defender os 'Grandes Mistérios', isto é a **Gnose**, isto é, o **Conhecimento de Deus**. E os chamados "Grandes Mistérios" são esotéricos. Como crer então que ele já não aceita a "descrição" -- ou a distinção? -- entre exoterismo e esoterismo?

Quer a prova disso?

Veja o que ele escreveu sobre os "Grandes Mistérios", no livro "**O Jardim das Aflições**", que foi editado em 1995.

"No romance de Goethe, à medida que Wilhem [Meister] supera a revolta juvenil para integrar-se na sociedade como cidadão educado e prestativo, a sociedade se revela como um microcosmo à imagem do universo dirigido por potências benévolas. A extraordinária beleza desta imagem da ordem universal não deve porém fazer-nos esquecer que nela se trata apenas daquilo que se chama uma iniciação de "Pequenos Mistérios", isto é, a revelação da ordem histórico-cósmica; e que tão logo os Pequenos Mistérios se fazem passar por uma finalidade em si mesmos, se tornam um entrave ao desenvolvimento espiritual do homem, barrando-lhe o acesso aos "Grandes Mistérios" onde a ordem cósmica é transcendida pelo **conhecimento do infinito e do divino**. Ora, a maçonaria como todas as demais vias espirituais originadas em iniciações de ofícios, é em essência uma iniciação de Pequenos Mistérios, e só conserva seu sentido quando integrada no corpo de uma tradição espiritual maior capaz de absorver o conhecimento dos mistérios cósmicos como uma etapa transitória no caminho para o **conhecimento de Deus**. E o que caracteriza de maneira mais enfática o período aqui mencionado é precisamente a ruptura entre os Pequenos e os Grandes Mistérios, a tentativa de fazer da iniciação histórico cósmica a etapa terminal do sentido da vida, de barrar ao homem o acesso ao infinito e aprisioná-lo na dimensão terrestre" (Olavo de Carvalho, "**O Jardim das Aflições**", Diadorim Editora, Rio de Janeiro, 1995, p. 338- os negritos são meus).

Na nota aposta a esse trecho, Olavo avisa que não é contra a Maçonaria:

"Portanto, que fique claro: Se de um lado rejeito categoricamente toda tentativa de imputar à Maçonaria a autoria dos males modernos, de outro lado me parece um fato que a ruptura entre Maçonaria e tradição católica está na raiz desses males -- como pretendia aliás o próprio René Guénon --, não exclusivamente, decerto, mas ao menos significativamente" (Olavo de Carvalho, op, cit. p. 338, nota 209).

E Olavo declara, em outra nota ao pé de página, que não é "nem maçom, nem antimaçom" (Cfr. Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições**, p. 316, nota 180).

Olavo não é nem contra, nem a favor. O que ele deve dizer é o que ele é. Mas isso é coisa difícil para ele.

A dificuldade de Olavo dizer qual é a sua religião é sintomática.

Quando alguém pergunta a você: "Qual é a sua religião?", você, como todo o mundo, não vacila em responder. Essa pergunta se responde, em questionários, colocando um **x** num quadradinho.

Ninguém precisa levar um mês pensando na resposta a essa pergunta.

A dificuldade de Olavo em responder qual é a Fé a que ele adere, qual é a sua religião, me lembra a dificuldade da velha solteirona em responder a quem lhe pergunta a idade.

Pergunta difícil que exige dela uma longa meditação... Ela tem que escolher um número, entre o real e o desejado, que pareça plausível ao interlocutor.

Sei bem que o sr. Olavo já deu respostas rápidas a essa mesma pergunta, que não lhe exigiram um mês de meditação.

Há ou pouco mais de um ano ele deu uma entrevista, publicada na revista **República** (distribuída no supermercado de Abílio Diniz), e quando o entrevistador lhe perguntou:

"Qual é a sua religião?"

Olavo respondeu incontinenti:

"Eu sou ecumênico radical: católico-protestante-islâmico-judaico-budista-hinduísta. Eu acredito que essas religiões têm todas um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado, que o ser humano não poderia ter inventado" (Olavo de Carvalho, **A Miséria do Materialismo**, entrevista à revista **República**, Ano IV, n° 40, fevereiro de 2000, p. 96).

Dizer-se católico-protestante-islâmico-judaico-budista-hinduísta equivale a dizer que não se é nada.

Olavo diz isso em seus artigos para a imprensa, isto é, em seus artigos exotéricos, escritos para o vulgo.

Isso me faz lembrar a anedota do caipira paulista na Revolução de 32 que, tendo encontrado uma patrulha mineira que lhe perguntou de onde era, respondeu: "Sou paulista". O que lhe valeu uma surra solene e completa.

Desmaiou.

Ao voltar a si, passava por lá uma patrulha paulista, e quando lhe perguntaram de onde era, ele se apressou a declarar: "Sou mineiro". O que lhe granjeou uma surra de pau.

Desmaiou pela segunda vez.

Recuperando os sentidos, passava uma terceira patrulha. E, quando lhe perguntaram de onde ele era, o caipira gritou rápido: "Sou docêsis!!!".

Assim se poderia pensar da resposta exotérica de Olavo: ele queria não magoar ninguém e, demagogicamente, agradar a todo o mundo.

Pensar assim, porém, seria um engano ingênuo.

A razão que leva Olavo de Carvalho a se dizer adepto de todas as religiões é mais profunda, e ele a dá -- parcialmente, é claro -- em suas aulas ou escritos esotéricos, aqueles que são só para alguns, mais iniciados em sua doutrina oculta.

Olavo afirma que por trás das religiões haveria um núcleo comum esotérico. É o que se pode ler em seu livro **"Fronteiras da Tradição"**:

"Assim, quem está numa religião [repare, Felipe: numa religião qualquer] já está na Tradição, quem dentro dessa Tradição encontra um caminho espiritual -- um esoterismo -- está 'mais dentro'. E quem chega à suprema realização está 'no centro' dessa Tradição, o qual coincide então com o centro da Tradição universal e primordial".

E prossegue Olavo, dizendo:

"Chegar ao esoterismo sem um exoterismo é tão impossível quanto chegar ao centro de um país sem penetrar as suas fronteiras e percorrer seu território. Se alguém desligado de um exoterismo tem por acaso a felicidade de contatar um mestre espiritual autêntico, a primeira coisa que este vai fazer é mandá-lo aprender e praticar o exoterismo: "É um princípio geral do Sufismo que um firme embasamento no exoterismo é indispensável como preparação no caminho esotérico; e, na Tariqah Darqáwi..., todos os noviços eram obrigados a decorar o **Guia dos Elementos Essenciais do Conhecimento Religioso** (NB- famoso catecismo islâmico em versos), de Ibn 'Ashir, como meio de assegurar que possuíssem o mínimo necessário de instrução religiosa" (Olavo de Carvalho, **Fronteiras da Tradição**, Editora Nova Stella- coleção Eixo, São Paulo, 1985, pp. 11 e 12).

Terei ocasião de analisar melhor esses textos em outra carta.

Por hoje, dou-lhe apenas uma citação de Guénon confirmando essa idéia de Olavo, e faço-lhe um esquema para elucidar o que disse Olavo repetindo, aliás, o ensinamento de René Guénon.

A citação de Guénon está no livro **"O Esoterismo de Dante"**.

Como você bem sabe, Olavo de Carvalho, tal como Guénon, se afirma esotérico e tradicionalista em religião. Ora, Guénon diz o seguinte:

"A questão, para Aroux, foi assim colocada: Dante era católico ou albigense? Para outros, a questão parece por-se mais nestes termos: ele era cristão ou pagão?" [repare que essas perguntas, feitas por Guénon com relação a Dante, são paralelas às que fazemos sobre Olavo: ele é católico ou muçulmano? Cristão ou Gnóstico?]

Continua a citação de Guénon:

"Pela nossa parte, não pensamos que se deva colocar num tal ponto de vista, porque o verdadeiro Esoterismo é outra coisa diferente da religião exterior, e que, se tem algumas relações com esta, só pode ser enquanto encontra nas formas religiosas um modo de expressão simbólico; pouco importa, aliás, que estas formas sejam as desta ou daquela religião, visto que se trata da unidade doutrinal essencial que se dissimula atrás da sua aparente diversidade. É essa a razão pela qual os antigos iniciados participavam indistintamente em todos os cultos exteriores, segundo os costumes estabelecidos nos diversos países onde se encontravam; é também porque ele via essa unidade fundamental, e não devido a um "sincretismo" superficial, que Dante utilizou indiferentemente, segundo os casos, uma linguagem própria do Cristianismo ou da Antigüidade greco-romana. A Metafísica pura não é pagã, nem cristã, é universal" (René Guénon, "**O Esoterismo de Dante**", Editorial Vega, Lisboa, 1978, p. 17).

Se os antigos iniciados no esoterismo participavam de todos os cultos e de todas as religiões exotéricas, então Olavo de Carvalho, que é um esotérico e que defende as iniciações esotéricas, pode dizer que sua religião exotérica é o Catolicismo-Judaísmo-Islamismo-Hinduísmo e etc. Todos os "etceteras" do mundo.

As religiões exotéricas -- Catolicismo, Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo, etc -- formariam o círculo exterior da "**Tradição**", isto é, da **Gnose**, que seria o Centro desse círculo, e que Guénon chama também de "**Metafísica**" (Olavo de Carvalho adota o termo "**Metafísica**" no mesmo sentido que Guénon, ou ainda, como vimos, "**Sabedoria**", como sinônimo de **Gnose**).

Da circunferência exterior, exotérica, partiriam caminhos, raios, que conduziriam ao centro, à Gnose. Esse caminhos seriam os vários esoterismos, cada um com seus métodos.

Sendo a Gnose o Conhecimento inefável, é impossível traduzí-lo em fórmulas racionais. Daí, os dogmas das religiões -- a Fé -- serem desprovidos valor maior. "É tudo bobagem" diz Olavo:

"Mas a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, **Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho**, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho –, [sem revisão do autor](http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTLM./000053-2.html), in <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTLM./000053-2.html>).

E nisso Olavo concorda exatamente com a Teologia gnóstica do Modernismo. O ex Frei Boff concorda com ele nesse ponto.

Para Olavo, "É evidente que a dimensão metafísica [e veremos que para Olavo Metafísica é igual a Gnose] não

pode ser totalmente abrangida pelo discurso legalista da moral religiosa e pelos símbolos de um culto público; que ela subentende, para além do véu simbólico dos ritos e das leis, um *sentido*, captável pela pura inteligência metafísica [a Intuição] **mas irredutível tanto à representação concreta quanto às tentativas de uma formulação doutrinal acabada**" (Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições**", p. 241. O negrito é meu).

As religiões seriam como vasos de formatos diferentes, mas seu conteúdo seria sempre o mesmo: a **"Tradição"**, isto é, a **Gnose**.

"A realidade divina foi muitas vezes comparada à água, que momentaneamente toma a forma do copo, para metamorfosear-se, conservando-se não obstante intacta, ao ser vertida em outro recipiente. Os cultos públicos são vastos sistemas de símbolos, ritos e mitos, que contêm essa água ao mesmo tempo que a ocultam." (Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições**, p. 241).

As religiões seriam os "vasilhames". A Tradição, isto é a Gnose, seria a "água"...esotérica.

Você me diria que estou me precipitando ao identificar a **"Tradição"** com a **Gnose**?

Pois veja o que diz o mesmo Olavo, em outro livro dele, numa nota ao pé de página:

"Usa-se às vezes para nomeá-lo o termo *gnose*, mas **esta palavra serve para designar** -- de modo mais genérico e sem qualquer conexão com a resistência greco-romana ao cristianismo -- **o elemento intelectual e cognoscitivo de qualquer tradição religiosa e espiritual, cristã inclusive**". (Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições**, editora Diadorim, Rio de Janeiro, 1995, p.247, nota 127. O negrito é nosso. Os itálicos são do autor).

Ora, é exatamente isto o que ensina a Gnose Rosa Cruz. Segundo Jean Robin em sua biografia de René Guénon, quem fosse Rosa Cruz poderia participar de qualquer religião exotérica:

"Não se trataria, com efeito, para os membros dessa *élite*, de aderir a uma tradição estrangeira e, portanto, de praticar os ritos dela (pelo menos até que não tenham alcançado o grau de Rosacruz, onde evidentemente é possível participar indiferentemente de todas as formas). (Jean Robin, **René Guénon, testimone della Tradizione**, ed, Il Cinabro, Catania , 1993, p. 200).

Para Olavo de Carvalho, a Fé expressa pela Igreja Católica, por exemplo, é algo que, em face do esoterismo, não tem valor real. A única coisa que importaria seria o **CONHECIMENTO**, isto é, a **Gnose**.

É exatamente isso que está, na aula dele que você me mandou.

"Para algumas pessoas, buscar a sabedoria eliminaria a fé, o mistério. Mas a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, **Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho**, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho, **sem revisão do autor** in <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTML./000053-2.html>).

Embora sem revisão do autor, o fato dessa apostila estar há tempo no site de Olavo, sem restrição alguma, demonstra que o autor não se preocupou em corrigir os excessos de linguagem de sua exposição oral. A vantagem desse texto, sem correção do autor, é que ele dá uma idéia mais correta de qual é o verdadeiro pensamento de Olavo de Carvalho, sem retoques "exotéricos".

Não gostaria de encerrar esta primeira carta, tratando de Guénon e de Olavo de Carvalho, sem mostrar como essa doutrina esotérica - exposta por Olavo, recebida de Guénon - é semelhante à do Modernismo, condenada por São Pio X. Porque o Modernismo dizia exatamente a mesma coisa: a revelação divina se dava no interior de cada homem. Ao tentar traduzir o sentimento religioso em palavras, deformava-se a revelação. Como resultado, todos os credos de todas as religiões seriam deturpações de uma única revelação interior. Todas as religiões poderiam se unir, se deixassem de lado as discussões teológicas, e procurassem unir-se no que tinham de comum: a revelação inefável interior, o Conhecimento divino inefável.

Ora, Olavo de Carvalho defende um princípio que se poderia dizer idêntico ao do Modernismo gnóstico:

"As religiões não falam da mesma coisa. É preciso ter compreendido isto para atinar que **é a mesma Voz que fala por meio de todas elas**" (Olavo de Carvalho, artigo **Lembrete de Natal**, in *O Globo*, 23 - XII- 2.000).

E essa doutrina prova que ele continuou a defender -- em dezembro de 2.000, o que afirmara não aceitar mais em junho de 2.000 -- que o esoterismo tradicionalista seria o núcleo esotérico de todas as religiões exotéricas.

Olavo se diz católico-judeu-maometano-hinduista, porque acredita que há um núcleo comum por trás de todas as religiões instituídas, o que lhe permitiria ser radicalmente ecumênico e não favorável a um ecumenismo eclético. Ora, esse núcleo comum é a Gnose.

A posição de Olavo é então a mesma que a do shiismo:

"É isto mesmo que nos mostra que a noção shiita do Imamato, o *Imamismo*, mergulha suas raízes na idéia de uma religião profética universal, da qual nós constatamos aqui a floração, ao mesmo tempo que distinguimos ainda mal a "corrente de transmissão" que a trouxe até o ecumenismo esotérico do shiismo que engloba a totalidade da *hierohistória*" (Henry Corbin, **En Islam Iranien**, Gallimard, Paris, 1971, I vol. p. 63).

E "**A doutrina shiita é por excelência a Gnose do Islam**" (Henri Corbin, **En Islam Iranien**, vol. I, p. 128)

Uma última questão a abordar referente ao Catolicismo, nesta primeira carta, que já vai longa: o que pensa realmente o sr. Olavo de Carvalho da Religião Católica?

Quem lê as primeiras linhas da carta que ele me escreveu, elogiando a defesa que faço da Fé católica, fica com a impressão de que ele é católico.

A mesma impressão se tem quando se lê seus artigos exotéricos anti comunistas, seus ataques a Frei Betto e a Frei Boff, e suas críticas ao Vaticano II. Olavo de Carvalho, nesses artigos, quer dar a idéia de que é defensor do Catolicismo, e de um Catolicismo tradicional. Ele seria até capaz de mandar algum discípulo dele, em que ele tivesse mais confiança, assistir missa tradicional com os chamados "tradicionalistas" lefebrianos...

Ora, quando ele fala a um círculo mais restrito -- ou mais esotérico -- ele se mostra nada católico, e mesmo desrespeitoso do que é mais sagrado na Fé Católica.

Essa aula de Olavo que você acaba de me enviar, assistida por conhecidos nossos, e que pode ser encontrada no site de Olavo, criticando e dando conselhos à Igreja Católica, mostra muito bem como, de católico, ele não tem nada.

Foi dito que essa aula escandalizou até alguns católicos ingênuos que a assistiram. Tratando de "Filosofia" -- e haverá o que comentar na estranha definição de Filosofia de Olavo de Carvalho -- na segunda parte da aula, se lê o seguinte subtítulo, (que muito provavelmente não é de autoria de Olavo, mas de quem transcreveu o texto da fita gravada da aula, mas que bem indica o que Olavo de Carvalho vai dizer com relação à Igreja Católica):

"Crítica e Conselhos à Igreja católica"

(Olavo de Carvalho, Aula do seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, junho de 1998, bloco n° 8).

Embora, como salientamos, o subtítulo acima citado não seja de Olavo, o que ele fez a partir desse ponto, na aula citada, foi exatamente dar "conselhos" e criticar a Igreja Católica.

Poder-se-ia, então, imaginar coisa mais pretensiosa e atrevida?

Um católico de verdade jamais ousaria tomar essa atitude.

Quem é que pode dar conselhos à Igreja Católica?

É muita pretensão!

E que crítica, e que conselhos, poderia dar Olavo de Carvalho à Igreja Católica do alto do pedestal de sua imensa presunção?

Vejamos:

"Se se quer ajudar a Igreja, é preciso falar a verdade com ela: é preciso pedir para eles pararem de mentir, de falar besteira e reconhecer que têm de cumprir seus deveres, sendo o primeiro deles o de não perder a hegemonia intelectual. A Igreja só começou a entender, por exemplo, o idealismo alemão apenas no século XX, porque até então estava tontinha, desorientada" (Olavo de Carvalho, Aula do seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, junho de 1998, bloco n° 8, p. 19 da apostila que você me enviou).

**Pode haver maior desrespeito e desprezo pela Igreja Católica do que existem nessas palavras?
Como um homem que ensina isso, vem me dizer que admira minha defesa da Fé Católica?**

**Você vê como o que ele diz pelos jornais é o oposto do que ele diz em aulas mais reservadas?
Aliás, não poderia ser diferente num autor que se confessa esotérico...**

E continua ele:

"O primeiro dever da Igreja é entender tudo, porque o clero é um guia -- [Note bem: um guia, e não o guia] -- espiritual e intelectual da humanidade, é a mãe e a mestra. Agora, minha mãe [a Igreja] não está entendendo nada, está desesperada, está abaixo dos acontecimentos, e ainda fica querendo segurarme e amarrar-me e fazer de conta que manda em mim. É uma palhaçada que tem que acabar" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 20 da apostila).

Palhaçada...

Usar a palavra palhaçada para referir-se ao que faz a Igreja Católica é um insulto.

Veja ainda o desrespeito escandaloso de Olavo de Carvalho por vários Papas:

"A primeira coisa que o Vaticano II colocou em prática foi o Pacto de Metz: o compromisso de não falar mal do comunismo. Basta colocar isso em prática, para dizer que toda essa Igreja está condenada: não se faz acordo com o diabo. João XXIII, Paulo VI são palhaços e chamo-os de palhaços, de idiotas para não chamar de coisa pior. Estou supondo a inocência do imbecil. E o inocente, o idiota, o que não sabe nada é quem vai guiar-me?" (Olavo de Carvalho, aula citada p. 20 da Apostila. - Os negritos são meus).

Nenhum verdadeiro católico -- ainda que condenando o pacto de Metz -- jamais insultaria Papas desse modo tão baixo e tão grosseiro.

Essas frases atentam contra a Igreja e contra o Papado. O que diz Olavo de Carvalho é uma injúria grosseira à Igreja e aos Papas, representantes de Cristo na terra.

Olavo de Carvalho não é Católico. Dizer-se ele católico, maometano, judeu, etc. é que é uma indução a falso testemunho, pois católico, pelo menos, ele não é.

E mais:

"Existe um limite para nossa capacidade de engolir bobagens em nome de uma autoridade. Mais do que isto estamos diante de uma tentação: vou-me jogar num precipício, vou afundar, foi Deus quem mandou, sou papa e sou infalível. Espere aí! Jesus Cristo nunca fez isso!" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 25).

"Temos que agüentar tudo e dizer que o papa é infalível? Claro que não! Poderíamos dizer que o papa deveria ser infalível, mas não está sendo" (Olavo de Carvalho, idem, p. 25).

E quando o Papa não foi infalível, segundo Olavo?

"Sob vários aspectos tenho problemas com a Igreja Católica que não consegui resolver até hoje. Por exemplo, há uma bula papal do século passado que nega a liberdade de consciência, proclamando que ela é uma coisa execrável. Ora, se o sujeito faz isso, e depois diz que é infalível, ah, vá lambar sabão!" (Olavo de Carvalho, idem p. 19).

Quem proclamou a infalibilidade papal como dogma, no Concílio Vaticano I, e condenou a liberdade de consciência e de religião em encíclicas, e não em bula, foi Pio IX.

É a Pio IX que Olavo manda grosseirissimamente "lamber sabão".

E, depois, vem me dizer, dulçuroso, que admira minha defesa da Fé católica?

É claro que Olavo de Carvalho não crê na infalibilidade papal, e que, portanto, não é católico de modo algum. Veja mais esta "pérola" olaviana:

"Além disso, a infalibilidade papal é decretada no século XIX, a mesma época em que o papa negou a liberdade de consciência. Uma coisa e outra não valem nada." (Olavo de Carvalho, idem, p. 19)

Depois de passar longo tempo insultando a Igreja e os Papas, no final de sua aula de Filosofia, Olavo

tem o atrevimento de dizer:

"Veja que não estou negando em princípio a infalibilidade papal, estou dizendo que o princípio está mal compreendido e que, pelo menos, não entendemos direito ainda" (Olavo de Carvalho, idem p. 27).

Pode haver maior contradição?

Você vê que discutir com uma pessoa tão dúplice em suas afirmações, e tão claramente contraditória, é perda de tempo. Ele estará pronto a afirmar qualquer coisa numa página, para depois negá-la na outra. Quando se fizer uma citação do que ele defendeu num mês, ele argumentará que já não defende mais aquela doutrina, para, seis meses depois, voltar a expor um pensamento baseado nela. *Non solo "la donna è mobile"*. Também Olavo muda "*d'acento e di pensiero*".

Apesar disso, esse autor esotérico vem se proclamar escandalizado pelo fato de que citei um livro de segunda mão, -- Oh!! Quel crime abominable! -- e a protestar contra a afirmação de Marie-France James de que Guénon foi toxicômano (coisa, aliás, que Olavo não negou. Apenas protestou que eu citasse o fato sem ter antes criticado os "argumentos" de Guénon).

Refutou ele, por escrito, o livro de Marie-France James?

Estou esperando chegar da Europa o livro dela para que meu "crime" cesse, pois vou então citá-lo em primeira mão.

Mas, enquanto o livro não chega, poderia analisar o que é a Moral conforme Guénon e conforme Olavo...

Algumas observações sobre a Moral segundo Guénon e Olavo de Carvalho

Olavo mostrou-se especialmente indignado com a informação de Marie-France James de que Guénon era toxicômano. O que, repito, é secundário diante da acusação de Gnose e de apostasia. Ser toxicômano é violar a ordem moral, pecando contra a caridade. Ser gnóstico e apóstata é pecar contra a Fé, o que é imensamente mais grave.

Suponha-se que Guénon não tivesse sido toxicômano. Ele continuaria totalmente condenável por seu pensamento gnóstico que o levou à apostasia de seu batismo e de sua fé original.

Que dizem a Gnose sobre a Moral e o uso de tóxicos?

Conforme a Gnose, a lei natural e os dez mandamentos que a expressam são a Lei imposta pelo Demiurgo criador do mundo. Através da Lei e dos dez mandamentos, assim como através da matéria e da razão, o Demiurgo procurou manter as partículas divinas, os éons, aprisionados. Para que o homem voltasse a seu estado divino original, ele deveria violar a Lei do demiurgo, deveria desobedecer a todos os mandamentos. Daí o antinomismo comum às seitas gnósticas. Por isso, muitas seitas gnósticas incentivavam o uso de drogas, vendo nelas a libertação, quer da servidão da razão, quer da escravidão da Lei.

Por exemplo, é muito sabido que o ismaelismo de Alamut -- uma das seitas islâmicas derivadas do Shiismo -, fazia largo uso do hashishe, palavra que deu origem ao termo designativo da seita fundada por Hassan Ibn Sabbah, em Alamut: "Assassinos."

E que dizia Guénon da Moral? Admitia ele a Moral fundamentada na Lei natural e explicitada no Decálogo?

Vejamos:

"Quanto à moral, falando do ponto de vista religioso, notamos em parte o que ela é, mas nos resemos então a falar do que se liga à sua concepção propriamente filosófica, enquanto ela é nitidamente diferente de sua concepção religiosa. Em todo o domínio da filosofia, não há nada que seja mais relativo e contingente do que a moral; para falar a verdade, nem se trata de mais de um conhecimento de ordem mais ou menos restrita, mas simplesmente de um conjunto de considerações mais ou menos coerente, cujo objetivo e alcance só poderiam ser puramente práticos, ainda que,

muitas vezes, se tenha a ilusão a esse respeito. Com efeito, trata-se exclusivamente de formular regras que sejam aplicáveis à ação humana, cuja razão de ser reside inteiramente, aliás, na ordem social, porque essas regras não teriam nenhum sentido fora do fato que os indivíduos humanos vivem em sociedade, constituindo coletividades mais ou menos organizadas; e elas ainda são formuladas colocando-se sob um ponto de vista especial, que, em vez de ser apenas social como entre os Orientais, é o ponto de vista especificamente moral, estranho à maioria da humanidade."

(...) "Fora do ponto de vista religioso que dá um sentido à moral, tudo o que se liga a esta ordem deveria logicamente se reduzir a um conjunto de convenções puras e simples, estabelecidas e observadas unicamente para tornar a vida em sociedade possível e suportável; entretanto, reconhecendo-se francamente este caráter convencional e tomando seu partido, não haveria mais moral filosófica." (...) Aliás, se a moral, como tudo o que pertence às contingências sociais, varia grandemente em função da época e dos países, as teorias morais que aparecem num meio dado, por mais opostas que possam parecer, tendem todas à justificação das mesmas regras práticas, que sempre são aquelas que se observa em geral nesse mesmo meio; isto deveria bastar para mostrar que essas teorias são desprovidas de qualquer valor real, só sendo construídas por cada filósofo para posteriormente colocarem a sua conduta e a de seus semelhantes, ou, pelo menos daqueles que são os mais próximos em acordo com suas próprias idéias, e, sobretudo, com seus próprios sentimentos". É notável que a eclosão dessas teorias morais se produza sobretudo nas épocas de decadência intelectual (...)" (René Guénon, *Introdução Geral ao estudo das Doutrinas Hindús, Ciências Tradicionais* Michel F. Veber, São Paulo, 1989p. 164-165. O negro é meu).

Perdoe-me a longa e muito enrolada citação.

Você vê bem que, para Guénon, a Moral é relativa, convencional, condicionada apenas ao mundo dos fenômenos e sem relação com a "Metafísica", isto é com a "Intelectualidade", entendidas no sentido gnóstico.

Se a Moral é um conjunto de convenções, o homem que atingiu seu "Centro", através do "Conhecimento", está acima das determinações da moral convencional...

Como diziam os gnósticos, o homem perfeito, o homem pneumático ou divino, está acima da lei do Demiurgo. Se assim é, por que Guénon não poderia usar tóxicos?

Isso, por si só, não demonstra que Guénon era toxicômano. Só mostra que a informação dada por Marie-France James não é, de si, incongruente com o pensamento de Guénon.

Quanto a Olavo, que diz ele sobre moral?

No Jardim das Aflições -- nome bem escolhido para um livro que aflige por sua chatice -- depois de criticar a Contra Reforma dizendo que "É preciso ser cego para não ver no seio mesmo da Contra Reforma (..) o influxo de novas concepções racionalistas e platonizantes", Olavo escreveu:

"A racionalização do dogma, que se anuncia no Concílio de Trento, completa-se alguns séculos mais tarde na *Teologia Moral* de Santo Afonso de Ligório. Aí pela primeira vez na história do Cristianismo, dezoito séculos após a vinda do Salvador, os cristãos recebem o formulário completo de seus deveres e direitos, segundo uma hierarquia lógica rigorosa que não admite exceções, dúvidas ou nuances de qualquer espécie: a moral cristaliza-se num sistema axiomático, salvação torna-se um problema de lógica jurídica, resolvido por métodos matemáticos. Se uma perfeita clareza teórica com relação aos deveres morais fosse absolutamente necessária à salvação, como teria podido esperar tantos séculos para vir à luz? Que teria sido de tantas gerações de cristãos dos séculos anteriores, vivendo na incerteza de um mero empirismo bem intencionado? A resposta é: a racionalização do código moral não é necessária à salvação, mas é necessária à economia interna da mentalidade racionalista. Depois disso, o espírito de formalismo legalista vai tomando posse da religião cristã em medida tal, que hordas de almas oprimidas sob o peso dos regulamentos encontrarão mais tarde alívio no protestantismo romântico". (Olavo de Carvalho, *O Jardim das Aflições*, p. 187).

É claro que um homem que escreve tais coisas não tem noção do que é a moral católica.

Para a Gnose, a salvação advém do Conhecimento de que o homem é Deus. O homem se salvaria pelo

simples fato de conhecer que seu espírito mais profundo -- seu atma, diria Guénon -- é uma parcela da Divindade. Ao ter esse Conhecimento, pelo próprio fato de conhecer isso, ele reúne seu atma à Divindade e se torna a Divindade, identificando e unindo seu atma e Brahman. Para salvar-se, a moral e a prática da virtude são absolutamente desnecessárias. Mais: é preciso desprezar a virtude e as leis morais.

Ora, é exatamente isso que se depreende da leitura da aula de Olavo de Carvalho que você me mandou.

No final da aula, ele diz que o essencial para salvar-se é ter o que ele chama de "Sabedoria", que ele conceitua como sendo o que está por trás, e que é comum a todas as religiões, isto é, como vimos a Gnose (cfr. texto já citado de Olavo de Carvalho in *Astrologia e Religião*, p. 24).

Diz ele textualmente na aula de Filosofia que citamos:

"A sabedoria é eterna e o amor à sabedoria é premiado, independentemente de você ser cristão, muçulmano, judeu, ateu." "É no plano da sabedoria que pode haver um diálogo inter religioso: cristão, judaico, mussulmano, só aí. Fora disso, não, em matéria de fé se embanana (*sic*) tudo, encontrando-se diferenças. É evidente que todas essas fés pressupõem a sabedoria, não a substituem de maneira alguma" (Olavo de Carvalho, aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, no subtítulo *Elogio da Sabedoria*, p. 26 do texto. As variações ortográficas são do original.).

E, depois, comparando a "sabedoria" com a moral e as virtudes, diz ele:

"A sabedoria é necessidade básica do homem. E a santidade? A santidade vem depois, é perfeição, é para alguns. Uns conseguem, outros não, para isto mesmo é que existe o perdão, que existe a misericórdia" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 21).

"Isso [a Sabedoria] é o essencial para poder ser cristianizado. A virtude, por si, não quer dizer nada" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 26. O negrito e o sublinhado são meus).

E se Olavo pensa que "a virtude, por si, não quer dizer nada" que significa seu escândalo por Marie F. James acusar Guénon de toxicômano?

E ele diz ainda:

"A partir do século XIX começa a haver uma ênfase cada vez maior nos aspectos rituais e sentimentais, e na moral exterior, uma bobajada" (Olavo de Carvalho, aula citada, p.22). O negrito é meu).

Para Olavo, o importante é confiar no "Espírito Santo" -- sabe-se lá o que ele entende por "Espírito Santo" -- e não ter apego às regras morais:

"Se o sujeito quer saber, vai entender. Esse mínimo de confiança no Espírito Santo é preciso ter. Se você não tem esse, não adianta apegar-se a sua maldita bem, a sua maldita moral, a sua maldita santidade tudo isso é lixo, perto da falta de confiança no Espírito Santo" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 22. O negrito e o sublinhado são meus).

Sem dúvida, essa imprecisão raivosa contra a moral e a santidade lembra o conhecido princípio luterano: "Crê firmemente e peca muitas vezes".

Daí, desse desprezo da moral, vem a opinião absurda que Olavo emite sobre Santo Afonso de Ligório:

"Santo Afonso de Ligório platonizou a moral cristã, transformando-a num sistema dedutivo, axiomático, fazendo um mal desgraçado" (Olavo de Carvalho, aula cit. p. 19. O negrito é meu).

É assim que ele trata o maior Doutor da Igreja em Teologia Moral.

E como sabe Olavo o que é mal e o que é bem, se, para ele e para Guénon, a moral é relativa; se ele recusa a moral, e julga que ela é lixo, bobagem, etc.

Dispensar-me de citar as grosserias que Olavo de Carvalho diz sobre adultério, e como ele considera tal pecado coisa de somenos.

Mas uma coisa que impressiona nos escritos de Olavo de Carvalho é seu desprezo pelas pessoas.

Veja, por exemplo, seu preconceito depreciativo das empregadas domésticas, e seu relativismo moral,

nesta frase:

"Eu não acho nada desonesto o que faz a Igreja Universal, acho apenas uma santa babaquice e não agüento cinco minutos daquele rito. Acho aquilo muito bom para empregadinha doméstica. Mas errado moralmente? Não tem nada de errado, está tudo certo, não havendo desonestidade nenhuma" (Olavo de Carvalho, aula cit. p. 19).

Imoral, para Olavo, é citar um livro em segunda mão...

Isso é que é coar o mosquito e engolir o camelo.

Há dois anos, Olavo escreveu um artigo intitulado Virtudes e Vícios, no qual se pode ler algo ilustrativo do que ele entende por moral.

"Virtude' é termo em desuso. E quando se fala de "vício", todo mundo entende apenas algo material como o fumo, a bebida e as drogas - esquecendo o ensinamento de Jesus de que o bem e o mal não estão naquilo que entra pela boca para o pulmão o estômago, mas naquilo que vem de dentro do coração" (Olavo de Carvalho, Virtudes e Vícios, artigo in *O Expressionista. com*, Rio de Janeiro, junho de 1998).

Você compreendeu, meu caro Felipe, como o autor do artigo distorceu a palavra de Cristo?

Se alguém lesse apenas o texto de Olavo, poderia concluir que a fumaça da maconha ou o pó da cocaína não tornam o homem impuro, e que não é pecado tomar drogas. Ora, Cristo se referia aos alimentos proibidos pela lei mosaica, não negando por exemplo, que seja ilícito tomar veneno, embriagar-se ou comer demais.

O texto de São Marcos deixa isso mais claro:

"Não compreendeis que tudo o que, de fora, entra no homem, não o pode contaminar, porque não entra em seu coração, mas vai ter ao ventre e lança-se num lugar escuso? Com isto declarava puros todos os alimentos." (Mc. VII18-19).

Num artigo intitulado "Fórmula de minha composição Ideológica", publicado em 15--1-2001, Olavo de Carvalho afirma o seguinte com relação à moral:

"*Em moral, sou anarquista. Acredito que há princípios morais universais, permanentes, que a inteligência discerne por baixo da variação acidental das normas e costumes, e acredito, enfim, que há o certo e o errado. Mas, por isso mesmo, impor o certo é errado, a não ser em caso de vida e de morte.*"

E mais adiante Olavo continua:

"Mas como podemos aprender, se um tirano paternalista nos proíbe de errar?"

Como você vê, caro Felipe, ele é mesmo um anarquista em moral. Ninguém pode impor o certo. O que leva a concluir que ele não aceita os Mandamentos de Deus, que, sendo Mandamentos, nos são impostos.

Estou no final desta carta.. Mas não no final do assunto.

O post scriptum de Olavo me incentivou a fazer um estudo mais fundo da vida de Guénon. Vou escrever uma pequena biografia dele. Já li alguns livros... É tão interessante...

Também vou fazer uma análise de suas doutrinas e provar que René Guénon foi um gnóstico e um apóstata.

Para concluir, vou fazer um estudo das "doutrinas" de Olavo de Carvalho, para ver em que sentido ele é um seguidor de Guénon, isto é, em que medida Olavo é um gnóstico.

Pensava eu que estava livre de ler textos gnósticos delirantes e chatos. Muito chatos e repetitivos. Agora estou lendo René Guénon - que um aluno meu chama de René "Gnose" -- e sofrendo aflições no "Jardim" do Olavo, que é tão rebarbativo e tão chato quanto uma capoeira de espinheiros.

Que fazer?! São espinhos e aflições do ofício.

Tempora mala sunt.

E chatos.

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20070710130023/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



AVISO

Acabo de anunciar que minha homepage, sobrecarregada de textos, ficou dois dias fora do ar por falta de pagamento, e logo no instante seguinte, quando começo a aliviá-la do lixo sobrando no Fórum, ouvem-se indignados gritos de "Censura!", como se fosse minha obrigação subsidiar com meu dinheiro qualquer insulto idiota que se queira publicar contra mim! Deveria eu então cortar meus próprios textos, para ceder espaço a "Bourdieu" e Caios Rossis? Ou deveria pedir que meus atacantes me ajudassem a pagar o provedor?

Usar a palavra "censura", no caso, é de uma incompreensão quase demente. É nessas horas que se revela a hipocrisia de certos "admiradores", os quais, tendo obtido de mim, ao longo dos anos, as provas mais cabais de honestidade, seriedade e tolerância, se enchem de maliciosa suspeita ao primeiro ato meu que não compreendem, e saem me julgando mal pela aparência mais fugaz, sem me conceder sequer o benefício da dúvida. O bem que o aplauso dessas pessoas possa ter me trazido ontem é, rigorosamente, igual ao dano que me fazem agora com sua saída do Fórum: nada vezes nada.

Quanto às interpretações absolutamente insanas que o sr. Orlando Fedelli fez dos meus textos, serão respondidas na hora devida. No momento, estou no Rio Grande, indo de cidade em cidade, vivendo em automóveis, trocando de hotéis como de cuecas, falando em universidades, sindicatos e partidos, numa luta extenuante e desigual contra o "establishment" esquerdista, e me é absolutamente impossível, nessas condições, conceder qualquer atenção ao Santo Ofício terceirizado -- ou TFP do B -- que esse tipinho montou em São Paulo. Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedelli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel. Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço.

Também estou sem tempo de intervir no vaivém de fofocas em que alguns querem transformar o nosso Fórum, e por isto autorizei

06/11/2023, 18:33

AVISO




simplesmente alguns membros a suprimir as mensagens que lhes parecessem demasiado ofensivas, inúteis, ou que tivessem implicações criminais. Por exemplo, um visitante vinha reproduzindo lá textos anticristãos do teórico nazista Revilo P. Oliver, e não vejo motivo razoável para eu financiar a difusão desse tipo de coisas. Os admiradores do sr. Oliver mantêm seus próprios sites, têm todo o direito de mantê-los, e bem podem descarregar lá os seus detritos ideológicos. Não no meu site.

Como, tecnicamente, é impossível para o administrador cortar mensagens isoladas, foi preciso suprimir tópicos inteiros, sacrificando mensagens interessantes e outras cujo corte pode dar, aos maliciosos, a impressão de fuga ao debate. Nessa circunstância, a tentação de interpretar mal, de fazer conjeturas perversas, pode ser mesmo irresistível para certas mentes fracas que, para continuar confiando na honestidade de quem jamais as traiu ou ludibriou, precisam testá-lo continuamente, obsessivamente, sempre baseadas no pressuposto de que compreendem tudo e de que aquilo que por acaso não compreendam deve ser mesmo coisa muito ruim.

Olavo de Carvalho

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

Gnose

 Download  Enviar  Imprimir

☆☆☆ IRACUNDA PROMESSA DE RESPOSTA...

PERGUNTA

Felipe

Nome:

25/01/2001

Enviada em:

(...)

RESPOSTA

Após 49 dias de atrapalhado silêncio, o sr. Olavo de Carvalho - o "pai" do "Imbecil Coletivo" - emitiu uma promessa de resposta a minhas cartas denunciando sua gnose pouco camuflada.

É essa iracunda promessa de resposta que publicamos, hoje, pedindo desculpas aos freqüentadores de nosso site pela linguagem botequinesca nela empregada. Linguagem imprópria para pessoas bem educadas.

Com efeito, o auto-denominado "filósofo", o astrólogo aposentado Olavo de Carvalho, depois de se ver compelido a censurar as cartas de seus próprios alunos e admiradores que estranhavam seu atrapalhado e esotérico silêncio, emitiu um AVISO no qual os insultos claros e as ameaças veladas tomam o lugar dos argumentos.

Quem insulta em vez de argumentar na verdade confessa que não tem o que responder.

Olavo de Carvalho, que diz renegar suas obras do passado tanto quanto a sua adesão ativa ao PC, promete me mostrar (no futuro...) que fiquei com o "pescoço cortado" porque eu teria pretendido cortar sua língua infiel.

(Mas que adjetivo bem encontrado para uma língua que não pretendi "cortar"! E que imagens sanguinárias!)

Como ele foi astrólogo, certamente os adeptos dessa "ciência" esotérica esperam que a promessa dele tenha mais valor que as previsões do serviço meteorológico, ciência exotérica tão desprestigiada pelas imprevisíveis e inevitáveis inundações paulistanas.

Aguardarei, portanto, a resposta iracundamente prometida. Procurando, é claro, preservar meu curto e bem prezado pescoço -- entre outras razões, porque é o único que tenho -- dos golpes de adagas infieis rebrilhantes de ira, em meio às trevas esotéricas.

Aguardemos -- embora prometida para um futuro incerto -- a resposta do "filósofo" premiado nas Arábias...

São Paulo, 29 de Março de 2.001

Orlando Fedeli

O "AVISO" DE OLAVO DE CARVALHO

(publicado no site de Olavo de Carvalho)

AVISO

Acabo de anunciar que minha homepage, sobrecarregada de textos, ficou dois dias fora do ar por falta de pagamento, e logo no instante seguinte, quando começo a aliviá-la do lixo sobrando no Fórum, ouvem-se indignados gritos de "Censura!", como se fosse minha obrigação subsidiar com meu dinheiro qualquer insulto idiota que se queira publicar contra mim! Deveria eu então cortar meus próprios textos, para ceder espaço a "Bourdieu" e Caios Rossis? Ou deveria pedir que meus atacantes me ajudassem a pagar o provedor?

Usar a palavra "censura", no caso, é de uma incompreensão quase demente. É nessas horas que se revela a hipocrisia de certos "admiradores", os quais, tendo obtido de mim, ao longo dos anos, as provas mais cabais de honestidade, seriedade e tolerância, se enchem de maliciosa suspeita ao primeiro ato meu que não compreendem, e saem me julgando mal pela aparência mais fugaz, sem me conceder sequer o benefício da dúvida. O bem que o aplauso dessas pessoas possa ter me trazido ontem é, rigorosamente, igual dano que me fazem agora com sua saída do Forum: nada vezes nada.

Quanto às interpretações absolutamente insanas que o sr. Orlando Fedelli fez dos meus textos, serão respondidas na hora devida. No momento, estou no Rio Grande, indo de cidade em cidade, vivendo em automóveis, trocando de hotéis como de cuecas, falando em universidades, sindicatos e partidos, numa luta extenuante e desigual contra o "establishment" esquerdista, e me é absolutamente impossível, nessas condições, conceder qualquer atenção ao Santo Ofício terceirizado -- ou TFP do B -- que esse tipinho montou em São Paulo. Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedelli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel.

Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço.

Também estou sem tempo de intervir no vaivém de fofocas em que alguns querem transformar o nosso Fórum, e por isto autorizei simplesmente alguns membros a suprimir as mensagens que lhes parecessem demasiado ofensivas,

inúteis, ou que tivessem implicações criminais. Por exemplo, um visitante vinha reproduzindo lá textos anticristãos do teórico nazista Revilo P. Oliver, e não vejo motivo razoável para eu financiar a difusão desse tipo de coisas. Os admiradores do sr. Oliver mantêm seus próprios sites, têm todo o direito de mantê-los, e bem podem descarregar lá os seus detritos ideológicos. Não no meu site.

Como, tecnicamente, é impossível para o administrador cortar mensagens isoladas, foi preciso suprimir tópicos inteiros, sacrificando mensagens interessantes e outras cujo corte pode dar, aos maliciosos, a impressão de fuga ao debate. Nessa circunstância, a tentação de interpretar mal, de fazer conjeturas perversas, pode ser mesmo irresistível para certas mentes fracas que, para continuar confiando na honestidade de quem jamais as traiu ou ludibriou, precisam testá-lo continuamente, obsessivamente, sempre baseadas no pressuposto de que compreendem tudo e de que aquilo que por acaso não compreendam deve ser mesmo coisa muito ruim.

Olavo de Carvalho

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20150703090917/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Aviso 2. Sobre as acusações de Orlando Fedeli

Não sei se algum dia terei tempo ou paciência para conceder às acusações do sr. Orlando Fedeli a atenção meticulosa que ele invasivamente me exige. Um breve esclarecimento preliminar, porém, talvez ajude a acalmar as inquietações que esse santarrão de opereta despertou entre jovens assustadiços, de cuja obediência temerosa e servil, extorquida mediante imitação paródica da autoridade eclesiástica, ele depende para o sucesso de seus extravagantes empreendimentos inquisitoriais.

A heresia gnóstica repetidamente denunciada pelos Santos Padres define-se, em substância, pela sua defesa das seguintes doutrinas:

1. O dualismo radical, ou oposição insanável entre o reino transcendente do puro espírito e este mundo de matéria grosseira.
2. O Criador apresentado como uma divindade secundária imperfeita ou má, em contraste com a suprema divindade espiritual.
3. A oposição irrecorrível do corpo e da alma; donde, a concepção da alma como prisioneira do corpo material.
4. Expansão da divindade numa série de potências ou *Aeons* – um processo que, num ponto qualquer do seu desenvolvimento, teria dado errado, ocasionando a criação deste universo mau.

Desses princípios derivam alguns desenvolvimentos secundários, dos quais os mais notórios são a concepção sexual do pecado original (hoje, por ironia, atribuída pela mídia anticristã à Igreja Católica), o ascetismo destrutivo e o milenarismo revolucionário que originou as ideologias modernas.

Qualquer tentativa de caracterizar como gnóstico-herético o meu pensamento só poderia ser levada em conta se demonstrasse, nele, a

vigência desses princípios e a adesão a esses desenvolvimentos.

Mas, da maneira mais clara e manifesta que se poderia exigir, não apenas todos eles -- princípios ou desenvolvimentos -- estão ausentes da minha filosofia, mas esta se volta decididamente contra todo dualismo, contra toda rejeição da matéria, contra toda cisão alma-corpo, contra toda rebeldia antinatural e, sobretudo, contra o milenarismo revolucionário e suas derivações ideológicas.

Tudo isso é tão evidente nos meus textos e aliás até na minha conduta pessoal, que a acusação de gnosticismo levantada pelo sr. Orlando Fedeli, no essencial, não pode pretender ao estatuto de coisa séria. Apresentada de improviso, no calor de uma discussão, seria um erro acidental de interpretação. Reiterada obsessivamente, e em tons dramáticos de retórica inquisitorial, denota uma dose de má fé que supera, em muito, aquela que tenho encontrado nos meus adversários materialistas e esquerdistas, e não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara.

Não obstante, é fato que o gnosticismo, ao longo dos tempos, se expressou através de inúmeras criações culturais -- ciências, artes, técnicas, estilos, obras, pensamentos --, que, ora de maneira mais isolada, ora de mistura com elementos cristãos e de outras proveniências, ocuparam um espaço na história das idéias e, de um modo ou de outro, se incorporaram no repertório da cultura ocidental. Esses elementos não têm sentido gnóstico ou cristão em si mesmos, variando o seu significado conforme o lugar e a função que recebam nas estruturas de pensamento que os acolhem. Isto é óbvio sobretudo no que se refere às ciências simbólicas da natureza -- astrologia e alquimia --, que, já pelo simples fato de serem simbólicas, não remetem por si mesmas a um sentido unívoco mas recebem o seu sentido do teor geral das concepções doutrinárias que os integram e utilizam. Só para dar um exemplo, a mesmíssima teoria da influência dos astros sobre as paixões humanas se encontra, idêntica, em Sto. Tomás de Aquino e em Robert Fludd. É cristã no primeiro e gnóstica no segundo, não porque apresente aí qualquer diferença interna, mas pelo lugar que ocupa nas concepções globais de um e de outro. No estudo dos sistemas de pensamento, como aliás no das artes e no das criações culturais em geral, vigora estritamente o princípio aristotélico do primado da forma sobre a matéria, da estrutura abrangente sobre os elementos singulares.

Uma mente afeita às técnicas da investigação erudita, mas pobre de discernimento filosófico, está sujeita a perder de vista a forma abrangente e a se confundir de tal modo na barafunda dos elementos

06/11/2023, 18:37

Aviso 2. Sobre as acusações de Orlando Fedeli

de procedência gnóstica que, onde quer que os encontre isoladamente, acabe acreditando estar na presença de uma heresia, justamente por incapacidade de atinar com a estrutura geral que lhes dá um sentido completamente diverso.

Produzida de boa fé, essa conclusão elevaria o nosso autor às alturas dos méritos historiográficos de Bouvard e Pécuchet, ou faria dele um daqueles eruditos excêntricos de *O Pêndulo de Foucauld* que, de mil e um indícios irrelevantes e incongruentes, compõem uma linda teoria da conspiração que acaba por incriminar a eles próprios.

Elaborada com malícia e alardeada nos tons fingidamente heróicos de um soldado da fé, torna-o nada menos que um Iago da teologia, um intrigante de grosso calibre, ansioso de aplacar a fúria do seu demônio interior mediante a incriminação de um inocente.

Que a trama processual urdida para esse fim não chegue a se consumir na realidade, mas se encene apenas no teatro mental de um louco, é decerto reconfortante para o réu, que não será tocado senão pelas chamas imaginárias de uma inquisição virtual. Porém, moralmente, isso não melhora em nada a situação do autor da peça.

Olavo de Carvalho

17/4/01

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20070710130105/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Aviso 3

Como, sob a pressão de viagens, trabalhos e doenças, eu demorasse pouco mais de um mês para lhe responder, o sr. Orlando Fedelli se sentiu autorizado a cantar vitória, anunciando que meu “silêncio atrapalhado” (*sic*) era uma virtual confissão de heresia. Essa dupla presunção – a de merecer resposta e a de poder fixar a seu bel-prazer o prazo para recebê-la – mostra apenas que ele se conhece muito mal e me conhece menos ainda.

Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los.

Nada que o sr. Fedeli escreva sobre o assunto terá, doravante, o mínimo interesse para mim, a não ser que ele prove, para meu espanto, que as quatro teses essenciais da heresia gnóstica resumidas no *Aviso 2* são a minha filosofia e não, como julgo, o contrário dela.

Como não sou apressado, dou-lhe não apenas os 42 dias que ele estatuiu como limite máximo da sua paciência, mas o quádruplo desse prazo. Dou-lhe 168 dias, sr. Fedeli, para provar que minha filosofia ecoa, reproduz, reflete ou endossa as teses gnósticas. Dou-lhe mais, até. Dou-lhe um ano inteiro. Dar-lhe-ia a eternidade, se pudesse. E ela não bastaria para o senhor provar que minha filosofia diz o contrário do que diz.

Se, em vez de tentar prová-lo por meios filosoficamente admissíveis, o senhor continuar ciscando frases soltas, alusões remotas, “influências” e outras picuinhas do gênero, sobrepondo seus métodos

06/11/2023, 18:39

Aviso 3

míopes de bibliotecário uspiano ou de inspetor Clouzot à compreensão estrutural e hierárquica que se exige do intérprete de uma filosofia, então terei apenas confirmado minha suspeita de que o senhor é mesmo uma alma gêmea de Bouvard e Pécuchet.

Se, porém, acrescentando a esses labores vãos de erudito doido uma dose de malícia totalmente estranha à personalidade desses dois simpáticos imbecis, o senhor resolver ampliar *ad hoc* o conceito de heresia gnóstica para fazer caber nele o que nele nunca esteve, então não me restará alternativa senão concluir que o senhor é, irremediavelmente, um impostor.

Olavo de Carvalho

21/4/01

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20161115064209/http://www.olavodecarvalho.org:80...>



Adendo ao Aviso Número 3

No meu *Aviso Número 3*, apontei as quatro características essenciais da heresia gnóstica, pedindo ao sr. Fedeli que demonstrasse a presença de qualquer uma delas nos meus escritos. O sr. Fedeli, com aquele estilo bufão de adolescente despeitado, a que infalivelmente o homem que não sabe escrever recorre quando quer parecer irônico, fugiu da cobrança respondendo que eu, em vez de recorrer a fontes fidedignas como aquelas em que ele se respalda, havia tirado essas informações de alguma “enciclopédia popular tipo Barsa ou do *Tesouro da Juventude*”. Bem, o fato é que as tirei da *Routledge Encyclopaedia of Philosophy*, da qual nenhum estudioso sério diria essas coisas, e que dá como fontes, entre outras dez ou doze, aquelas mesmas duas que o sr. Fedeli mais enfatuadamente ostenta: R. M. Grant, *Gnosticism, An Anthology*, London, Collins, 1961, e Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, Boston, MA, Beacon Press, 1958.

Eu poderia ter apelado diretamente a Grant, a Jonas ou a qualquer outro, mas preferi a *Routledge* para me esquivar de controvérsias de detalhe entre especialistas e me ater a uma média aceitável no consenso acadêmico, que essa enciclopédia, hoje a obra-padrão no gênero, precisamente representa.

Foi de propósito que omiti a referência bibliográfica, para testar se o meu interlocutor seria prudente o bastante para admitir a boa fé das minhas alegações ou se, animado pela falta de uma referência visível, arriscaria a sorte num blefe de cobrança erudita, esperando me pegar de calças na mão.

O sr. Fedeli, mais que depressa, escolheu o blefe, mostrando o espírito perverso e malicioso que o anima.

Também foi premeditadamente que me limitei a mencionar as características da gnose antiga, por saber que da moderna, tal como descrita por Eric Voegelin, minha distância é tão grande que a simples tentativa de me associar a ela cairia por terra, instantaneamente, como pura invencionice difamatória.

Bem, como o mais trêfego porta-voz do sr. Fedeli é o primeiro a proclamar que a acusação de gnosticismo levantada contra mim não se referia à gnose antiga, e sim à moderna, não custa nada esclarecer em quê, afinal, esta consiste.

Eric Voegelin, em *Science, Politics and Gnosticism*, assim resume “as seis características que, tomadas em conjunto, revelam a natureza da atitude gnóstica”.

Primeira. “O gnóstico está insatisfeito com a sua situação.”

Segunda. “Os males da situação podem ser atribuídos ao fato de que o mundo é intrinsecamente mal organizado... Os gnósticos não são inclinados a descobrir que os seres humanos em geral ou eles próprios em particular são inadequados. Numa dada situação em que algo não é como deveria ser, a culpa será encontrada na maldade do mundo.”

Terceira. A crença em que “é possível salvar-se da maldade do mundo”.

Quarta. Para isso, “a ordem do ser terá de ser mudada por meio de um processo histórico. Do mundo miserável, um mundo bom deve evoluir historicamente”.

Quinta. “O traço gnóstico em sentido mais estrito: a crença em que uma mudança na ordem do ser reside no reino da ação humana, de que o ato salvacional é possível por meio do próprio esforço do homem.”

Sexta. “O conhecimento – *Gnosis* – do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... a construção de uma fórmula para a salvação do eu e do mundo”. (1)

Peço pois novamente ao sr. Fedeli que aponte, na minha obra, os indícios de revolta contra a ordem do ser, de confiança na possibilidade de mudar essa ordem pela ação humana, de apologia do processo histórico como meio de criar um mundo bom e, sobretudo, do conhecimento entendido como “método de alterar o ser”. Tenho a nítida impressão de que há tempos venho escrevendo contra essas

06/11/2023, 18:40

Adendo ao Aviso Número 3

coisas, mas talvez o sr. Fedeli conheça o meu pensamento melhor que eu.

Se, fugindo de novo aos conceitos claros, ele repetir sua alegação de que “*a Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo*”, e de que “*quando se estuda a gnose entra-se num labirinto cheio de brumas, tentando descobrir segredos que permitirão chegar a um mistério. Não é de estranhar que o tema se preste a confusões*” (2), terei o direito de lhe perguntar como, em boa lógica, uma noção tão nebulosa pode ser aplicada a um caso particular de maneira tão categórica e indiscutível. Se não temos um conceito claro do que seja o gnosticismo, como afirmar com certeza que tal ou qual autor é gnóstico, que tal ou qual filosofia é gnóstica? Mais particularmente: se quatro características da gnose antiga, mais seis da moderna, ainda não bastam para definir o fenômeno em linhas gerais, então de fato a “gnose” a que refere o sr. Fedeli é um saco de gatos no qual, com fins de polêmica ou de difamação, cada um pode enfiar quem bem entenda – e é isto, precisamente, o que ele faz comigo.

Que, na ânsia de alcançar seus fins, ele recorra até a um meio ilícito -- que outra coisa não é o uso que ele faz de transcrições de aulas, truncadas, semilegíveis e não referendadas pelo autor, obtidas sem minha autorização por seus agentes infiltrados nos meus cursos --, mostra apenas que esse homem, tão jactancioso de suas altas incumbências morais, não aprendeu ainda a abster-se da prática de crime.

Decerto ele não é o primeiro chefe de seita que, nas alturas da sua *superbia* auto-santificante, despreza suas obrigações elementares de cidadão e, por descumpri-las, demole a golpes de imprudência os seus próprios pés de barro.

Olavo de Carvalho

22/07/2001

Notas

(1) Eric Voegelin, *Collected Works*, vol. V, Columbia, University of Missouri Press, 2000, pp. 297-8.

06/11/2023, 18:40

Adendo ao Aviso Número 3

(2) Orlando Fedeli, “Gnose: religião oculta da história”, em <http://www.montfort.org.br>.

P. S.

O tal Fabrício, cuja cartinha o sr. Fedeli tão vaidosamente exhibe, continua fazendo dele – como aliás também de mim – o objeto de sua gozação compulsiva. Agora ele deu de enviar mensagens estapafúrdias, em meu nome e no do sr. Fedeli, a um fórum de discussões na *internet*.

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

"De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática'"

Muito prezado Felipe,
salve Maria!

I - Introdução

I - 1. Comentando a Epígrafe-Confissão

Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.

Pois, segundo Henri-Charles Puech:

"Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose:

"O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está de facto subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 11-12)

E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, Comprendre L' Islam, p. 173).

O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!

"Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais. Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

Como não adianta, também, ele querer distinguir gnose de gnosticismo antigo, porque o que dizia o gnosticismo antigo era exatamente isso: que a Gnose era um conhecimento superior à fé.

E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma Gnose e Gnosticismo como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam Gnose e gnosticismo indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

Entretanto, farei um estudo do problema, respondendo não tanto aos melodramáticos AVISOS 2 e 3 que Olavo publicou, mas tendo em vista, sobretudo, esclarecer as pessoas que me consultaram e que, em medida maior ou menor, tinham sido enredadas pelas obscuras e esotéricas doutrinas olavianas.

Além disso, este pequeno estudo pode ser útil em outras situações, e para outras pessoas, já que a Gnose - e as brumas sofisticadas em que ela se envolve - são extremamente repetitivas.

I - 2. Os avisos

Li, divertidamente espantado, os terríveis AVISOS do sr. Olavo de Carvalho, que você gentilmente me enviou.

O AVISO 2, na realidade, foi mais um "esclarecimento preliminar", para os alunos dele - que ele julga assustados (perplexos e confusos) - do que uma resposta para mim. Com efeito, ele não responde a nenhuma questão por mim colocada. Não disse nem qual é a religião dele, nem se considera Guénon um gnóstico.

Perguntas que havia feito, porque desconhecia o Texto-Confissão dele. Se o tivesse conhecido antes, não teria perguntado nada.

O sr. Olavo, no entanto, que evidentemente sabe o que escreveu nesse artigo da revista Planeta, finge que se esqueceu dele, e, em vez de dizer que é gnóstico, somente insulta, exigindo que eu prove que ele é um gnóstico sob pena de considerar-me um "impostor".

Note ainda que ele mesmo não julga que seu Aviso 2 seja uma resposta, pois confessa que não sabe quando terá tempo e paciência para me responder...

Se ele não me dá respostas, prodigaliza ofensas: "santarrão de opereta", "má fé", "Iago da Teologia", "intrigante de grosso calibre", "louco"...E me garante que, se não fosse o Código Penal, eu receberia "um tapa na cara"....O que já é bem menos que ter o "pescoço cortado".

Todos esses insultos e ameaças são mais próprias de um discutidor de botequim do que de um intelectual, e denotam o desespero de quem foi pego em erro, de alguém que vê seu "código

terminológico" elucidado, e não tem como se justificar. Que não tem como contestar o que já havia confessado.

Em todo caso, repito, nesse Aviso 2, ele não quis dizer qual é a religião dele. Não quis confessar que, sendo gnóstico, ele se julga acima de todas as religiões.

Qual seria a religião exotérica de Olavo? Da esotérica, já temos a prova confessa: ele é gnóstico.

Por que será que ele não confessa o seu pensamento verdadeiro, ele que é tão célere a dizer que é "católico-judeu-islamita-e etc?

E que os alunos "assustados" do sr. Olavo - repito - notem que ele também, nesse AVISO 2, não disse se Guénon é gnóstico ou não, coisa que ele admitiu no seu artigo-confissão, em 1981.

Agora, quero acrescentar mais uma pergunta que O de C. qualificará de "inquisitorial": e Frithjof Schuon - que também muito influenciou seu Olavo - Schuon que também foi iniciado na doutrina sufi, e que também se "islamizou", Schuon é gnóstico ou não?

Nesse artigo-confissão, Olavo apresenta e recomenda uma bibliografia sintomática, que, ela também, é outra confissão. Ele cita como livros que deveriam ser lidos: "Jacob Needleman, The Sword of Gnosis, (Baltimore, Penguin Books, 1974), Frithjof Schuon, Gnosis, Divine Wisdom (Pates Manor, Befont, Middlesex, Perennial Books, Ltd., 1959) e etc.

Títulos bastante esclarecedores para indicar qual é o pensamento dos autores citados.

Você vê, meu caro Felipe, que vários amigos e vários modelos intelectuais que o Sr. Olavo de Carvalho afirma ter, e para os quais reconhece que tem dívidas doutrinárias, são islamizados, sufis e gnósticos. Ora, diga-me com quem anda e dir-te-ei quem és...

Mas, apesar disso, o sr. O de C. se faz de esquecido do que escreveu, tentando negar que é gnóstico.

Vai ele agora dizer que tudo o que ele escreveu, antes de 1995, não vale mais...

I - 3. Olavo de Carvalho e o sufismo

E o sufismo?

Olavo é sufi?

Certa vez, diz ele que deu curso de Astrologia para gente metida até a goela no sufismo. E ele mesmo? Estava metido lá, senão até a goela, pelo menos até o coração?

"Os três livros que eu escrevi sobre Astrologia foram redigidos para um grupo de pessoas que estavam metidas até a goela no esoterismo islâmico. Para entender-se o que está escrito, é preciso saber para quem foi escrito. Nada do que está ali pode ser transposto para um público geral sem que sejam feitas as devidas conversões. Se eu fosse reeditar esses livros, no lugar de uma página, teria que escrever trinta" (Olavo de Carvalho, entrevista: A Amnésia Moderna, in Porto do Céu, Astrologia, <http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm>).

Será que ele também se tornou sufi como Guénon e Schuon?

Dirá ele que escreveu para pessoas metidas até a goela no esoterismo islâmico - que é gnóstico - mas que ele mesmo não participava desse mergulho na gnose sufi ou shiita... até a goela...

Pelo menos, o sr. Olavo de Carvalho esteve metido "até a goela" - o que não é pouco - com gente iniciada no esoterismo islâmico.

Aliás seria bem estranho que alguém fosse capaz de dar cursos de esoterismo islâmico numa escala - "até a goela" - que só iniciados entenderiam, sem ter sido também iniciado nesse mesmo esoterismo gnóstico...

Ora, o esoterismo islâmico mais conhecido é o shiismo. O esoterismo shiita é a Gnose do Islam. Quem afirma isso em seus livros é Henry Corbin, o maior especialista em shiismo no Ocidente, autor insuspeito, que é elogiado pelo sr. Olavo de Carvalho.

Você quer saber em que obra, e em que volume, e em que página, Henry Corbin afirma isso?

Pois vá lá, embora alongue esta carta:

"A doutrina shiita é, por excelência, a gnose do Islam; o shiismo é, ele mesmo, a sucessão, a tradição ininterrupta da gnose (silsilat al-'irfan) (Henry Corbin, *En Islam Iranien*, Gallimard, Paris, 1971, Vol I, p. 128. A tradução é nossa).

Dir-nos-á o sr. Olavo de Carvalho que seu esoterismo não é o shiita, mas apenas esoterismo sufi, o qual pode ser sunita.

Ora todo sufismo é gnóstico. Especialmente o sufismo shiita de que o Ismaelismo foi um ramo:

"O Ismaelismo [de Alamut] passou bem sob o manto do sufismo" "L'Ismaélisme, est bien passé sous le manteau du soufisme"(Christian Jambet, *La Grande Réssurection d'Alamut*, Verdier, Dijon, 1990, p. 334).

E falando da destruição dos ismaelitas de Alamut pelos mongóis de Hulagu, diz Jambet:

"Porque ela [a Comunidade de Alamut] não foi apenas abatida pela invasão mongol, mas foi constringida à dissolução e à dispersão sob o manto do sufismo" (Christian Jambet, *op cit*, p. 92).

Depois de mostrar que, se há distinção entre sufismo e shiismo, Henry Corbin diz:

"Todos esses elementos [da doutrina shiita] podem ser encontrados, certamente, no sufismo e na metafísica do sufismo a ponto de dar a impressão, quando se trata do sufismo sunita, de um shiismo que não ousa mais dizer o seu nome" (Henry Corbin, *op cit* Vol I, p. 83).

Portanto, todos os esoterismos islâmicos - shiita ou sunita - são gnósticos, e Guénon foi iniciado neles, e se fez sufi. Schuon, discípulo de Guénon estabeleceu uma "tariqa" (comunidade ou "caminho") sufi em Paris. Depois, rompeu com Guénon - mas não com a Gnose - e se estabeleceu nos Estados Unidos.

Quanto a Guénon, ele não era muito bem visto pelos sunitas exotéricos, no Cairo...(Cfr. Marie France James, *Ésotérisme et Christianisme autour de René Guénon*, Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981, p.305.).

(E estou citando essa fonte de primeira mão, seu Olavo. Estou com o interessantíssimo livro da Srta. James em minhas mãos. E ele está já todo sublinhado e marcadinho...)

[Nota: Este trabalho já estava redigido, quando o Sr. Olavo de Carvalho publicou uma nota sobre o livro de Marie-France James no dia 27 de junho de 2001, em seu site, na internet. No Apêndice 3, publicamos essa nota do Sr. Olavo, seguida de nosso comentário a ela.]

E Olavo, tornou-se também sufi como seus mestres?

Sufi shiita ou sunita?

Ele não o diz.

Olavo escreveu uma biografia de Maomé premiada nas Arábias, que, aqui no Brasil, ninguém viu...

Diz ele: "Meu livro O Profeta da Paz. Estudos sobre a Interpretação Simbólica da Via do Profeta Mohammed (Maomé), ainda inédito, nove anos após ter recebido um prêmio do Governo da Arábia Saudita, é um estudo sobre a significação da profecia na História, ilustrado pelo exemplo do único Profeta de cujos atos, palavras, restou para o historiador moderno uma documentação abundante. Foi esse estudo que me permitiu de uma vez para sempre que o fenômeno da profecia é o gonzo sobre o qual gira o portal da compreensão histórica (...) (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, pp 242-243, nota 124).

Será que o governo maometano premiaria uma biografia de Maomé que não fosse maometana? Ora, para ser sufi, é preciso, antes, ser maometano.

E Olavo, pelo que se deduz do texto dele acima citado, aceita que Maomé foi Profeta.

Ele escreveu também que pôde "observar pessoalmente" como funciona uma seita sufi, a de Idries Sha (Cfr. Olavo de Carvalho, in Fronteiras da Tradição, ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 89, nota 4).

E como pôde ter ele essa experiência sem ter entrado na seita para verificar se a iniciação que lá se dava era correta, ou se era uma contra-iniciação?

Não escreveu Olavo que a disciplina iniciática só pode se conhecida praticamente, e nunca por escrito?

"...a disciplina iniciática (a qual por razões óbvias, só pode ser dada pessoalmente a cada um, já que implica uma prática metódica, não podendo, por isso, ser exposta por escrito) (...)" (Olavo de Carvalho, Questionando o Poder A Crise do Catolicismo, artigo in Planeta, no 110, Novembro de 1981, p. 27).

Logo, ele deve ter sido iniciado na seita sufi. E para ser sufi, se exige antes que a pessoa adira ao islamismo.

Será que Olavo de Carvalho adotou, ele também - como Guénon, como Schuon, e como seu amigo Martin Lings -, um nome árabe?

Certa vez, Olavo declarou de si mesmo: "(...) o resultado é que este pacífico servidor da unidade e da conciliação está se tornando conhecido como um hidrófobo terrorista intelectual, o que não deixa

de ser divertido" (Olavo de Carvalho, Da Contemplação Amorosa, Apostila 2, corrigida pelo autor, 14 de Janeiro de 1995. O negrito é meu.).

Imagine, meu caro Felipe: Olavo, o "pacífico servidor da unidade e da conciliação".

Como será que se diz isso em árabe?

Se eu soubesse como se diz isso na língua de Maomé, sugeriria a ele que tomasse esse nome, que possivelmente deve ser Abdel Wahed... Kualker Koisa...

Continuando a paródia de "Olavo è mobile", poder-se-ia ter um "finale" assim:

"Non è molto furbo, chi a lui s'afida

Chi in lui confida e in suo mistero

Ah!...Là è il suo mistero!

Ah!...Là è il suo mistero!"

E não esqueçamos que ser sufi significa ser gnóstico.

Sim, o Sufi é um gnóstico.

Logo, tendo sido um crente, ou pelo menos um simpatizante do sufismo, Olavo de Carvalho, também por isso, é um gnóstico, ou pelo menos simpatizante da Gnose.

Este raciocínio só confirma o que ele mesmo escreveu em seu Texto-Confissão, citado na epígrafe desta carta.

I - 4. Plano de trabalho

Pensava examinar mais a fundo, no futuro, sem prazos, e com as delongas que me aprovessem, a doutrina "tradicional" de meu furibundo opositor, possuidor de caridade tão "tradicionalista", comparando-a com a de seus mestres gnósticos Guénon, Schuon e companhia, mas depois desta carta, não creio que isso seja mais necessário...

Dois fatos novos me puseram em dúvida:

a) Já está provado pelo Texto-Confissão dele e pelo que comprovo nesta carta, que o sr. Olavo de Carvalho é um gnóstico;

b) Ele não é um autor a quem se deva dar tanta atenção. Se o próprio Guénon não merece tanto trabalho, o que dirá Olavo, cuja gnose é mais rampeira. Seria, como se diz jocosamente, gastar muita vela com mau defunto". Ou ainda, como diz um simpático refrão caipira, ainda que sem conotação pessoal, é claro, porque sou educado: "É muita banana para um macaco só".

O que me dispensa de me municiar de mais... "bananas".

Se com duas cartas minhas, ele está tão furibundo e estrebuchante de raiva "exotérica", como ficará com esta carta que republica seu Texto-Confissão, que ele julgava esquecido por todos? Como ficará ele com este estudo de suas doutrinas e das de seu querido Mestre René Guénon? E leve-se em conta que, para o estudo ser completo, eu teria que ter em mãos, com direito de publicação, todos os textos dele.

Creio que só com este estudo - de certo modo - "sucinto", ele vai se tornar, mais uma vez, como ele mesmo disse, um "hidrófobo terrorista intelectual".

Se este estudo já é suficiente para provar, mais uma vez, o que ele já confessou, para que fazer uma análise mais profunda das doutrinas delirantes de Olavo, a fim de que fique ainda mais patente que sua doutrina é gnóstica, coisa que ele já confessou?

Para que analisar a afirmativa dele de que: quando se lê o Corão, os gatos e camelos ficam em êxtase?

Com efeito, ele afirma que: "A sensibilidade e receptividade que até os animais mostram ao ouvirem os cânticos do Corão é um fenômeno continuamente atestado por todos os observadores desde o surgimento do Islam" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 28).

Ele que vá ler, então, o Corão para os gatos vadios do Anhangabaú, ou para camelos, junto à esfinge do Egito! Talvez isso acalme, se não os camelos e gatos, ao menos, a sua ira "hidrófoba".

Depois desta carta, ficará ele ainda mais espumante de raiva e multiplicará suas injúrias, em vez de tentar dar argumentos impossíveis.

Que ele fique hidrófobo ou amante da concórdia, pouco importa:

"C' est fini!", como dizem os franceses.

Tendo então o tempo e o vagar que eu quiser - porque eu também tenho muito mais o que fazer do que ler lixo gnóstico pretensamente intelectual - farei ainda apenas uma biografia de Guénon, para elucidar alunos que quase nada conhecem, de fato, desse gnóstico francês.

(Ainda recentemente, conversei com dois alunos de O de C. que nem sabiam de um fato que o sr. O. de C. omitiu em sua biografia de Guénon: que Guénon foi sagrado "Bispo" de uma Igreja Gnóstica com o esotérico nome de Palingenius (Cfr. MF James, op. cit p. 81 a 83)...E por que será que seu Olavo não contou isso na biografia de Guénon que escreveu para a Revista Planeta (no 107, Agosto de 1981)?...Será que não se pode induzir em falso testemunho por omissão?)

Ele que aguarde então, enquanto lê o Corão para quatro gatos pingados brasileiros, e vá colecionando seus insultos e ameaças contra mim.

I - 5. Olavo, o tolerante, ecumênico e "Pacífico Servidor da Unidade e da Conciliação"

Singular "filósofo" esse seu Olavo, que publica livros, e não admite que se os critique! Ele publica livros, faz conferências, dá aulas que circulam pela Internet, mas não admite que se lhe façam reparos.

Quem publica livros, quer que sejam lidos. Tem que aceitar, então, que alguns leitores aprovelem ou adotem a sua posição doutrinária, e que outros a critiquem, e mesmo a ataquem.

Com seu Olavo isso não vale. Ele exige unanimidade total a seu pensamento. Quem o lê, tem que aprová-lo, se não, será um imbecil, coletivo ou individual, mas sempre um imbecil. Diplomas de imbecilidade, ele os distribui generosamente. Afinal, ele é o "pai" do "Imbecil Coletivo".

Li vários livros, conferências e artigos do sr. Olavo de Carvalho, e concluí que ele é um iniciado e gnóstico. E que pretende dizer-se também católico.

Ora, católico é que ele não é.

E porque manifestei o que penso da doutrina de Olavo de Carvalho, ele me ameaça, dizendo-me que me verei de "pescoço cortado", e de que me daria "um tapa na cara", se não fosse proibido pelo Código Penal.

Que grandes argumentos...selvagens!...

Aproveito contra Olavo uma citação que ele faz de Leonardo por cuja veracidade histórica, tendo em vista como Olavo "chuta" suas citações, não me responsabilizo: "Dove si grida non è vera scienza" (O de C., Cadeia para os Astrólogos, artigo in Planeta, no 75, Dezembro de 1978, p. 30).

Essa atitude brutal do sr. Olavo de Carvalho, desejando dar tapa na cara em quem o critica, manifesta o ranço stalinista e fidelista que ele mantém, como antigo membro do Partido Comunista: quem for contra o que afirma o totalitário, deve se ver de "pescoço cortado" ou levar "tapa na cara".

Compreende-se que ele tenha declarado: "(...) tenho a firme consciência de não haver criticado, na intelectualidade da esquerda nacional, o conteúdo de seus ideais políticos, que com frequência compartilho, e sim seus métodos oportunistas, sua hipocrisia (...) etc..." (Olavo de Carvalho, Bandidos & Letrados II, in Jornal do Brasil).

Como se vê, Olavo ainda partilha de certos "ideais" da esquerda. Olavo "mutta d'accento, non di pensier...".

Imagine-se se o sr. Olavo tivesse um dia poder político, o que aconteceria com meu curto e mui querido pescoço, e com minha cara...

E ele me acusa de pretender "terceirizar o Santo Ofício".

Ora, meu julgamento sobre a doutrina do sr. Olavo de Carvalho é a de um simples católico. Como disse, qualquer pessoa pode julgar uma obra publicada, e dar seu parecer sobre ela. Qualquer católico, constatando que um autor se apresenta como católico, mas tem erros contra a Fé, tem o dever de denunciar esses erros.

Isso não é Inquisição: é mero direito de pensar e de ter um juízo sobre o que se lê.

Para alertar que está havendo um incêndio, não é preciso ser bombeiro, e seria bem ridículo que se chamasse membro de um Corpo de Bombeiros terceirizado, a quem gritasse "Fogo!", ao ver um incêndio.

O sr. Olavo de Carvalho pode-se dizer maometano, sufi, judeu, budista, hinduísta, o que ele bem entender. Dizer que é católico, afirmando coisas absolutamente contrárias à doutrina católica, isso não!

Se ele se apresenta como católico, sem o ser, e se, sob essa capa, pretende passar adiante, na nave da Igreja, uma doutrina gnóstica, como sendo católica, qualquer 'marujo' católico tem a obrigação de gritar "fogo gnóstico a bordo". E se, por isso, ele quer dar um tapa na cara de quem grita "Fogo!", fica bem claro, então, que sua intenção era mesmo a de incendiar o barco.

O sr. Olavo de Carvalho não é católico, mas afirma que também é católico. Basta esse "também", para demonstrar que católico ele não é.

Poderia eu, só por brincadeira, parodiar seu Olavo no Jardim das Aflições, e dizer que tenho várias razões para criticar os escritos dele.

"A primeira é que, apesar da veemência com que contesto aqui as idéias" gnósticas de Olavo de Carvalho, "nada digo contra a sua pessoa". Ao contrário do que ele faz comigo, injuriando-me pessoalmente. Viso apenas suas idéias heterodoxas.

A segunda razão é que a ira "de um filósofo - ou de um pretenso filósofo - não torna verdadeiras as idéias falsas que tenha defendido, nem exime do dever de contestá-lo, para defesa e esclarecimento dos vivos".

"A terceira razão é que aquilo que possa ter havido de maligno na influência" dos escritos de Olavo sobre o público, não veio dele enquanto indivíduo, mas enquanto membro atuante de um grupo; grupo este - o dos esotéricos seguidores da "Metafísica" "Tradicional", leia-se Gnose - que continua vivo", embora passe mal... (Cfr. Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, p. 32-33).

Se Olavo se dá o direito de criticar outros "hidrofobamente", por que não se pode criticá-lo educadamente, embora com ironia?

Estava redigindo esta resposta ao AVISO 2 do sr. Olavo de Carvalho, quando me enviaram um novo AVISO dele.

Era o de número 3.

I - 6. O AVISO 3

Olavo já prometeu diversas vezes que não se ocupará mais de mim, mas, como já notei, ele, como "la donna é mobile, qual piuma al vento"... della rabbia. E "mutta d'accento, non di pensiero...".

E também não de "rabbia".

Esse AVISO 3 demonstra que ele mesmo achou os seus dois primeiros AVISOS nada suficientes. E essa repetição de AVISOS insultuosos indica que ele não conseguiu digerir nem a sua raiva impotente, nem responder com suficiência.

Ainda esperançado, fui ler o tal AVISO 3, pensando que encontraria lá - além dos costumeiros insultos de botequim, é claro - as duas informações que solicitara dele:

- 1) Qual é a religião de Olavo de Carvalho?
- 2) Admite Olavo que a doutrina de Guénon é gnóstica?

Fui, pois, ler o tal Aviso 3. Quem sabe, encontraria uma resposta, ainda que pouco civilizada.

Vã esperança!

Qual nada!

Resposta séria, nenhuma.

No AVISO 3 de Olavo de Carvalho, de novo, só encontrei novos insultos, e um delírio: o de que eu lhe estabelecera um prazo para resposta.

Delírio, sim, porque nunca fixei prazo nenhum para ele me responder. Apenas, tendo passado um tempo razoável, deduzi que ele não me responderia. Como até hoje não respondeu: só insultou, ameaçou que eu constataria ter me "cortado o pescoço", e que, se não fosse o Código Penal, me daria "um tapa na cara", e outras amabilidades próprias de um "intelectual" autodidata... de botequim.

Não lhe dei prazo, e não aceito prazos da parte dele.

Escreverei, usando o tempo que quiser, primeiramente, esta resposta analisando a doutrina de Guénon, provando que ela é gnóstica. Ao mesmo tempo, porque é interessante para ajudar alguns, analisarei a obra chatíssima e a doutrina abstrusamente gnóstica do próprio Olavo de Carvalho, doutrina que ele pretende que seja uma preparação e uma introdução à do gnóstico Guénon.

Depois, quando me aprouver, farei uma pequena biografia de René Guénon, para que os alunos de Olavo conheçam muita coisa que ele omitiu, na biografiazinha de Guénon que ele publicou na horrível revistinha esotérica Planeta, que mais parecia um gibi.

Ficará então bem claro que o sr. O de C., de fato, difundiu especialmente as idéias "tradicionalistas" e "metafísicas" de Guénon.

Você me ponderará, meu prezado Felipe, que ele se separou um tanto de Guénon, para seguir mais a Frithjof Schuon.

O que não muda praticamente nada no problema em foco, porque Schuon também é um gnóstico confesso, e que além de ser sufi, foi também discípulo de Guénon, e... etc... E cada etc!

Por enquanto, pedirei que deixem estes AVISOS registrados em nosso site, porque faço questão que o público conheça o nível intelectual de Olavo, através de suas injúrias...

I - 7. Olavo de Carvalho e os "tradicionalistas" esotéricos

Foi Olavo quem iniciou este debate, saindo em defesa de René Guénon que eu atacara como gnóstico. Defendendo-o doutrinariamente, ele admitiu que aceitava pelo menos o núcleo do guénonismo.

Ele chegou a afirmar que Guénon é um dos maiores vultos espirituais de nosso tempo e da História:

"Os grandes homens do século XX estiveram no campo do saber, não no da ação. Edmund Husserl é maior que Hegel ou Kant. Poucos séculos tiveram homens espirituais da altura de René Guénon, Râmana Maharshi e Franz Rosenzweig." (Entrevista de Olavo de Carvalho ao Embaixador Caius Traian Dragomir, <http://www.olavodecarvalho.org/textos/dragomir.htm>. O negrito é meu).

Aliás, como já lembrei, ele de tal modo acata as doutrinas de Guénon - embora diga que lhe faz algumas restrições - que escreveu:

"Julgamos que este trabalho seria um comentário e prolongamento - ou, de outro ponto de vista, uma introdução - à majestosa exposição de doutrinas tradicionais empreendida neste nosso século sobretudo por René Guénon, Ananda K. Coomaraswami, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr e Martin Lings" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, Ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 8).

Ora, pretender fazer isso não é querer ecoar, reproduzir, refletir ou endossar as teses de Guénon e de seus seguidores, coisa que ele nega ter feito no AVISO 3?

Negar isso, seria uma contradição delirante.

Sim, porque todos esses nomes citados por ele são de discípulos ou de seguidores de Guénon, pelo menos durante certo tempo, e que difundiram as teses "tradicionalistas" e "metafísicas" do maçom, sufi, hinduísta e gnóstico René Guénon (Cfr. Antoine Faivre, O Esoterismo, Papirus Editora, Campinas, 1994, p. 103). Aliás, o próprio Faivre é apresentado como tendo recebido, pelo menos, alguma influência dele. (Cfr. Antonio Carlos Carvalho, Um homem simples: René Guénon, Introdução ao livro de René Guénon: A Crise do Mundo Moderno, Editorial Vega, p. 25)

E O de C. se afirma um entusiasta de temas islâmicos, sufis e hinduístas, citando sempre com admiração os que são reconhecidamente gnósticos:

"Sou aficionado de temas islâmicos e retorno sempre aos livros de Ibn Arabi, René Guénon, Henry Corbin, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr." ("O Brasil tem filósofo", Entrevista de Olavo de Carvalho a Gramática On line, <http://www.olavodecarvalho.org/textos/temfilosofo.htm>. O negrito é meu).

E Titus Burckhardt nos informa que:

"Muhyi-d- Dîn ibn Ârabi, 'o grande mestre' (ash-sheikh al- akbar) da gnose islâmica, em quem nós encontramos a mais vasta concepção dos princípios herméticos, concebe a natureza universal como o aspecto feminino ou materno do ato criador" (Titus Burckhardt, Alchimie, Thot, Milão, 1974, p. 116. O negrito é meu. O itálico é do autor).

Não só Olavo é um entusiasta desses temas e desses autores, mas afirma que deve muito a eles:

"Devo muito, no entanto, aos estudos de religião comparada e simbólica tradicional (René Guénon, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr) e às noções de alquimia natural e espiritual que recebi de dois amigos, Juan Alfredo César Müller e Michel Veber" (Olavo de Carvalho, entrevista ao Embaixador Caius Traian Dragomir - novembro de 1998).

Veremos que todos esses autores são adeptos da Gnose.

Passemos, agora, a responder às migalhas de defesa dele, existentes nos AVISOS 2 e 3.

II - Guénon, Gnose, Guénonianos Gnósticos e Olavo de Carvalho

II - 1. A Terminologia usada pelos autores esotéricos é uma confissão de Gnose

Como dissemos, o sr. O de C. abraçou a defesa de René Guénon escrevendo-me uma carta contraditória. E, agora, recusa dizer se Guénon é gnóstico ou não. Durante muito tempo, em suas obras, o sr. O de C. se apresentou como autor "Tradicionalista", defensor da "Metafísica" guénoniana, "Esotérico", adepto da "Filosofia Perennis" (Filosofia Perene), apologista dos "Grandes Mistérios" e do que ele e Guénon chamam também de "Sabedoria":

"(...) os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou gnose" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião* p. 24. O negrito é meu).

E Olavo diz que sábio é o gnóstico:

"Para o sábio ou gnóstico, conhecer é ser, e vice versa" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 26).

Se Olavo identifica sábio com o gnóstico, então é claro que para ele a Sabedoria é a Gnose.

Veremos adiante que todos esse termos, postos em negrito, têm o significado de Gnose. Como aliás, ele mesmo confessou ao identificar *Philosophia Perennis* com Gnose, em seu *Texto-Confissão*.

Mas, para provar que ele mesmo não é difusor da Gnose, Olavo de Carvalho começa enumerando quatro pontos fundamentais dessa doutrina herética, e três desenvolvimentos dela. Tudo isso - os quatro itens e os três desenvolvimentos - mais parecendo copiados de uma enciclopédia popular, tipo *Barsa* ou *Tesouro da Juventude*, ou de algum site da Internet, do que da lavra de O de C., pois, curiosamente, os quatro itens que ele menciona não parecem ter o seu estilo.

A Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo do que estes quatro itenzinhos em que o sr. Olavo de Carvalho a resume. Há sistemas gnósticos muito complicados, e cada seita apresenta delírios muito próprios e originais. E até contraditórios. Basta ler os livros gnósticos encontrados em *Khénoboskion*, ou o *Adversus Haereses* de Santo Irineu, ou o *Panarion* de Santo Epifânio, ou as grandes obras dos especialistas em Gnose, para ver como as seitas gnósticas são complexas. Veja-se, por exemplo, que a *Kabbalah* é reconhecidamente a Gnose judaica, e, entretanto, ela não é contra o casamento e a procriação, como o são normalmente as seitas gnósticas.

O sistema gnóstico de Guénon, para dar outro exemplo, mistura conceitos hinduístas e sufis, além de idéias gnósticas retiradas de vários sistemas, e que ele amalgamou no que ele chama de "Tradição" ou "Metafísica", revelação divina primordial, que teria sido recebida por homens historicamente desconhecidos...de superiores ainda mais misteriosos, e ainda mais desconhecidos.

Delírio... E delírio gnóstico.

II - 2. Guénon já fora acusado de ser adepto da Gnose

Será que ninguém percebera, ainda quando Guénon estava vivo, que ele defendia e propagava a Gnose?

É claro que isto não poderia ter passado despercebido. Não faltaram os que o acusaram de ser um defensor da Gnose.

Quando Guénon foi acusado de ser gnóstico, ele também, como Olavo, ficou muito irritado, pois ficava desmascarado ante o público diante do qual pretendia passar por católico e "tradicionalista". (E há certos católicos, que, basta alguém se dizer "tradicionalista", para que o considerem quase como "canonizado"...Foi assim que Guénon conseguiu "cooperar", mesmo sendo maçom, em revistas católicas anti maçônicas!)

Para defender-se da acusação de ser um gnóstico, Guénon escreveu:

"Esta deformação grega de idéias orientais incompreendidas - [o gnosticismo] - é o que menos o [me] interessa no mundo", e ele assinalará, de outro lado, que vigiou cuidadosamente em se abster

de empregar essa própria palavra ‘Gnose’ - "apesar de sua perfeita equivalência com o sânscrito *jñāna*", contentando-se com o termo "metafísica" ou, a rigor, "conhecimento", movido sempre pelo "desejo de afastar tudo o que trouxesse risco de ser mal compreendido, na medida em que é possível prevê-lo" (René Guénon, carta a Noële Maurice-Denis, apud Marie France James, *Ésoterisme et Christianisme. Autour de René Guénon*, Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981, pg. 203).

E quem acusara Guénon de ser um adepto da Gnose?

Fora Jacques Maritain que sugerira a Noële Maurice-Denis que colocasse em um seu trabalho o seguinte parágrafo, que ela adotou:

"R. Guénon quereria que o Ocidente degenerado fosse pedir ao Oriente lições de metafísica e de intelectualidade. É somente no contrário, na sua própria tradição e na religião de Cristo, que o Ocidente encontrará a força de se reformar a si mesmo na verdadeira ordem, e a força de ensinar a orgulhosa sabedoria do Oriente. E se o pseudo orientalismo teosofista, cuja propaganda inunda atualmente o Ocidente, representa para a inteligência uma ameaça de deliquescência e de corrupção radical, é preciso confessar que o remédio proposto pelo sr. Guénon, - falando claro, uma renovação hinduísta da antiga Gnose, mãe das heresias - só seria própria a agravar o mal" (Apud Marie F. James, op. cit. p. 198. O negrito é meu).

Então, não sou o primeiro a ver na obra de René Guénon a Gnose. Um filósofo mundialmente conhecido, e insuspeito de ser conservador ou católico integrista, (até pelo contrário, um homem bem simpático ao modernismo), Jacques Maritain, acusou Guénon de ser um gnóstico, e de difundir muito pouco veladamente, a mãe de todas as heresias, a Gnose. E a amiga de René Guénon, Noële Maurice-Denis, embora mais tarde, por preocupação de amizade, tenha procurado atenuar a acusação, adotou o parágrafo escrito pela própria mão de Maritain: Guénon era um adepto da mãe de todas as heresias: a Gnose.

E não digo isso para assustar os alunos do sr. Olavo de Carvalho, mas para lhes dar informações que o sr. Olavo não lhes dá.

Portanto, para Guénon, as palavras "Metafísica", "Conhecimento" - e poderíamos acrescentar "Tradição" ou "Grandes Mistérios", como escrevi em carta anterior, citando Martin Lings - significam Gnose, termo este que Guénon cuidadosamente evita, para não ser desmascarado como gnóstico.

Vejamos o que disse o próprio Guénon sobre Gnose:

II - 3. Guénon e seus seguidores confessam que são Gnósticos

"Por Gnose aqui se deve entender o Conhecimento tradicional que constitui o fundo comum de todas as iniciações, cujas doutrinas e símbolos foram transmitidos, desde a mais remota antiguidade até nossos dias, através de todas as Confraternidades secretas, cuja longa corrente jamais foi interrompida" (René Guénon, in *Études sur la Franc Maçonnerie et le Compagnonage*, T. I, p.257, apud Jean Robin, René Guénon, *Testimone della Tradizione*, ed Il Cinabro, Catania 1993, p.167. Tradução e negrito são nossos).

E esse texto também é uma confissão.

Portanto, quando Olavo de Carvalho, adepto de Guénon, fala em Conhecimento Tradicional, deve-se entender Gnose.

Note-se bem: Guénon afirma que a Gnose jamais foi interrompida. Portanto - "et pour cause" - nem pelas seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo, é claro! Também o "gnosticismo" - é óbvio - adotava a Gnose.

Guénon previne ainda que o Conhecimento (a Gnose) não pode ser alcançado pela razão:

"Não insistiremos aqui sobre a distinção entre razão e intelecto puro e supra individual, distinção que, ao menos teoricamente, foi reconhecida também por certos filósofos ocidentais antigos, como Aristóteles e os escolásticos, os quais, porém, não parecem ter tirado dela todas as conseqüências. Diremos apenas que o conhecimento metafísico ou espiritual, no verdadeiro sentido da palavra, sendo de ordem universal, seria por definição impossível a nós todos, se no ser humano não houvesse uma faculdade da mesma ordem e da mesma dignidade, portanto, transcendente com relação ao indivíduo. E esta faculdade nós a chamamos intuição intelectual" (René Guénon, Além do Plano "Mental", artigo publicado no "Il Regime Fascista", "Diorama", em 16 de Julho de 1939, in *Precisazioni Necessarie*, Edizione Il Cavallo Alato, Salerno, 1988, p.127).

Esta citação é preciosa doutrinariamente, pois que afirma a existência de uma faculdade no homem de ordem "metafísica" e supra individual, que não deve ser confundida com a razão.

É também muito importante para informar os ingênuos que René Guénon colaborou numa revista fascista. Ele publicou nessa revista mussoliniana 25 artigos desde 1934 até 1940, quando a guerra interrompeu a colaboração.

É muito bom que os leitores de Olavo de Carvalho saibam que Guénon - em cuja defesa Olavo saiu a campo - era colaborador de uma revista Fascista.

Outra prova de que Guénon identificava Tradição primordial com Gnose pode ser encontrada no livro *Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques*, ao tratar ele da Cabala:

"O termo Qabalah [Cabala], em hebreu, não significa outra coisa senão "tradição", no sentido o mais geral; e, se bem que ele designe mais habitualmente a tradição esotérica ou iniciática, quando é empregado sem maior precisão, acontece por vezes também que ele seja aplicado à própria tradição exotérica" (René Guénon, *Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques*, Gallimard, Paris, 1970, p. 61).

E Guénon previne que usa esse termo para designar a tradição especificamente hebraica; porém, mais adiante, ele esclarece que, embora ele não concorde com Paul Vulliaud no identificar Cabala com misticismo judaico, aceita que seria sustentável identificar Cabala com Gnose:

"Sem dúvida isto depende do sentido que se dá à palavra [misticismo], e este que ele [Vulliaud] indica (o qual faria dele quase que um sinônimo de "Gnose" ou conhecimento transcendente) seria sustentável se não se tivesse senão a preocupação da etimologia, porque é exato que "misticismo" e "mistério" têm a mesma raiz" "Para nós, a Kabbala é muito mais uma metafísica do que uma filosofia, e ela é bem mais iniciática do que mística(...)" (René Guénon, *Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques*, p. 93).

E Guénon considera a Tradição primordial como sinônimo de Metafísica e não de Filosofia. Logo, para ele, Cabala é Gnose, porque pode ser tomada como tradição iniciática e esotérica, como a Tradição primeva, isto é, a Gnose.

Outro autor também elogiado por Olavo, Seyyed Hossein Nasr, chamou a "metafísica" de Gnose, no sentido "tradicional":

"Na tradição islâmica, após muitos séculos através dos quais as várias perspectivas se formaram, se desenvolveu uma situação que demonstra totalmente o papel e função da filosofia, da teologia e da metafísica ou gnose num contexto tradicional." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, pág. 81.O negrito é meu).

Esse mesmo autor, Nasr - que Olavo admira e recomenda - diz que Shankara e Rumi são mestres da Gnose:

"A obra de mestres da gnose tais como Sankara e Jalal al-Din Rumi pertencentes a dois tipos de tradições muito diferentes exemplifica o casamento entre sabedoria da ordem mais elevada e beleza de expressão." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, p. 275, nota 5.O negrito é meu).

E Frithjof Schuon, outro mestre de Olavo, diz que:

"...a perspectiva de Shankara é uma das mais adequadas expressões possíveis da philosophia perennis ou do esoterismo sapiencial." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 14)

Ora, O de C. escreveu sobre Shankara:

"Recebi ainda o impacto decisivo da doutrina vedantina, da qual tomei conhecimento por Swami Dayananda Sarasvati, diretor da Academia de Estudos Védicos de Bombaim, que eu e alguns companheiros trouxemos ao Brasil para dar conferências e se tornou um grande amigo do nosso país. Ele me pôs na direção certa em que devem ser lidas as obras de Shankaracharya, provavelmente o mais alto espírito metafísico que já habitou este mundo." (Entrevista de Olavo de Carvalho ao Embaixador Caius Traian Dragomir, em <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/dragomir.htm>>, grifo nosso).

O de C, confirma sua adesão e simpatia a esses autores gnósticos assim como a doutrinas gnósticas ao dizer, numa entrevista:

"Preferências: Livro - A Bíblia e o Corão, as escrituras hindus no comentário de Shânkara, (...)" (A filosofia não é para os tímidos, Entrevista de Olavo de Carvalho a Zora Seljan, Jornal de Letras, da Academia Brasileira, julho de 2000, <http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm>. O negrito é nosso).

II - 4. Gnose e gnosticismo

Todos esses gnósticos tradicionais teimam em distinguir a Gnose dos primeiros tempos do cristianismo da Gnose "em contexto tradicional". Ora, ambas têm o mesmo conteúdo e o mesmo sentido: a salvação de uma partícula divina que existiria no homem, por meio do conhecimento (Gnose).

Schuon pretende dar uma "explicação" sobre este problema - distinguindo "Gnose Tradicional" do gnosticismo dos primeiros séculos do cristianismo - explicação ou lição que Olavo segue docilmente:

"Enfim, resta um outro equívoco a elucidar de uma vez por todas: a palavra "gnose", que aparece neste livro como em nossas obras precedentes, refere-se ao conhecimento supra racional - portanto, puramente intelectual - das realidades metacósmicas; ora, este conhecimento não se reduz ao "gnosticismo" histórico, sem o que seria preciso admitir que Ibn Arabi ou Shankara tenham sido "gnósticos" alexandrinos; em suma, não se pode tornar a gnosis responsável por cada associação de idéias e por cada abuso de linguagem. É humanamente admissível não crer na gnose, mas o que não é absolutamente admissível é, quando se pretende conhecer este assunto, classificar sob este vocábulo coisas que não têm nenhuma relação - nem sob o ponto de vista do gênero, nem quanto ao nível - com a realidade da qual se trata, qualquer que seja, aliás, o valor que se lhe atribui. Em vez de "gnose", nós poderíamos também dizer em árabe ma'rifah, ou em sânscrito jñana, mas nos parece bastante normal usar um termo ocidental, dado que escrevemos numa língua do Ocidente; (...)" (Frithjof Schuon, *Comprendre l' Islam*, Ed. du Seuil, Paris, 1976, pp. 136-137).

E em nota ao pé de página, esclarece Schuon:

"Se nós não "reduzimos" o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, se chamem de "gnósticos" também os hereges designados convencionalmente por esse termo" (F. Schuon, *Comprendre l' Islam*, p. 137, nota 1).

Em primeiro lugar, o próprio Schuon - nessa nota 1 - admite que o "gnosticismo" antigo pode ser considerado como seguidor da Gnose.

Segundo, a doutrina das seitas gnósticas cristãs é a mesma que a da chamada "Gnose Tradicional de Guénon e quejandos.

Terceiro, as maiores autoridades no tema, como já aludimos, consideram que não cabe distinguir mais entre Gnose e gnosticismo:

"No sentido restrito que tinha inicialmente a palavra "Gnose" se substitui um sentido largo, que amplifica e engloba o primeiro; de início reduzido às dimensões de uma heresia, cujo estudo, a este título, pertencia propriamente à História da Igreja e que não podia ter se formado senão no interior do Cristianismo e posteriormente a seu aparecimento, o gnosticismo atinge agora as proporções de um fenômeno geral da História das religiões, ultrapassando de muito, por sua extensão, os limites e o campo do cristianismo antigo, e exterior, senão anterior, a ele por suas origens. Deste fenômeno, as gnosés cristãs heterodoxas não representam mais senão uma expressão entre muitas outras; falando propriamente, elas não são heresias imanentes ao cristianismo, mas os resultados de um encontro e de uma junção entre a nova religião e uma corrente de idéias e sentimentos que existia antes dela e que lhe era primitivamente estranha e o permanecerá na sua essência. A Gnose revestiu aqui formas cristãs, ou, que, com o tempo, se tornaram cada vez mais profundamente cristianizadas, da mesma forma que ela tomou em outros lugares formas pagãs adaptando-se às mitologias orientais, aos cultos de mistérios, à filosofia grega ou às ciências e artes ocultas" (Henri-Charles Puech, *En Quête de la Gnose*, Gallimard, Paris, 1978, vol. I, pp. 187-188).

Quarto, supor que os gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo tenham sido os primeiros gnósticos da História é cometer um erro infantil. A Gnose é consequência de uma falsa colocação do espírito humano diante do problema do ser, e ela pode ocorrer em qualquer época, sem ligação histórica direta com outros sistemas gnósticos. Houve Gnosés antes do gnosticismo cristão dos primeiros séculos de nossa era. Os sistemas religiosos hindus são anteriores ao gnosticismo e entretanto, são gnósticos também. Houve, ainda antes de Cristo, Gnose na Pérsia, no Egito antigo, e na China, por exemplo.

Já existia uma Gnose, mesmo entre os judeus, e em tempos anteriores a Cristo. Gerschom Scholem afirma que no período do segundo Templo, já se infiltrara um pensamento esotérico entre os judeus, esoterismo que dará origem à Cabala, a Gnose dos judeus (Cfr Gershom Scholem, *A Mística Judaica - (Major Trends in Jewish Mysticism)*, Perspectiva, São Paulo, 1972, p. 41).

Todas essas Gnosés, embora diferindo entre si em pormenores, apresentavam a mesma estrutura de pensamento e o mesmo esquema religioso da Gnose dos primeiros séculos e da Gnose ‘tradicional’ guénoniana.

Os estudiosos da Gnose reconhecem isso (Cfr. Simone de Pétrement, *Le Dualisme chez Platon, les Gnostiques et Manichéens*, que cita Harnack, PUF, Paris, 1947, p. 134; Hans Jonas, *Gnosis und spätantiker Geist*, p. 1, citado por S. de Pétrement; a mesma tese de que houve Gnosés antes do cristianismo está em R. P. Festugière *La Révélation d’Hermès Trismegiste*, Paris, Lecoffre et Gabalda ed., 1954, IV vol. p.3; Gerschom Scholem admite que havia uma Gnose judaica pré cristã: *Jewish Gnosticism, Merkabah Mysticism* P. 4 e 5, assim como em G. Scholem, *Les origines de la Kabbale*, Aubier- Montaigne, Paris 1966, p. 30 e pp. 41-42; G. Scholem, *A Mística Judaica (Major Trends in Jewish Mysticism)*, Ed Perspectiva, São Paulo, 1972, p. 48).

Ainda agora, acaba de ser publicado um livro do Cardeal Ratzinger - que acabo de receber - no qual, se trata da Gnose, identificando-a, é claro, com Gnosticismo. Nesse livro, o Cardeal Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé (o ex Santo Ofício, do qual não sou membro terceirizado) diz:

"Dado que o conhecimento (= gnose) é a verdadeira força da redenção e portanto também a forma mais alta de elevação, isto é, de união com a divindade, esses sistemas de pensamento e essas doutrinas religiosas - por outro lado, muito diversas entre si - são definidas como "gnósticas".

E pouco adiante, diz O Cardeal Ratzinger: "Também hoje o gnosticismo torna a exercer seu fascínio em muitos modos; as religiões do extremo Oriente trazem em si a mesma estrutura fundamental" (Cardeal Joseph Ratzinger, *Introduzione allo Spirito della Liturgia*, Edizioni San Paolo, Milano, 2.001, p. 28. O negrito é meu).

Não poderia ter sido mais providencial este livro que acaba de sair quentinho do forno: ele não só identifica Gnose e gnosticismo, como afirma que as religiões do extremo Oriente (Taoísmo, Hinduísmo e Budismo), tão admiradas pelos adeptos da "tradição primeva", tem estrutura fundamental gnóstica.

II - 5. Esoterismo e Gnose

Do mesmo modo Schuon - autor recomendado e elogiado por O. de C. - escreveu que o que ele chama de *Philosophia perennis* é a Gnose, e que o esoterismo que ele defende é a Gnose.

"O que nós temos em vista, neste livro como nos precedentes, é, afinal de contas, a *scientia sacra* ou a *philosophia perennis*, a gnose universal que sempre existiu e que sempre existirá" (Frithjof Schuon, *Comprendre l’Islam*, ed. du Seuil, Paris, 1976, *Avant propos*, p. 7. O negrito e sublinhado são meus; os itálicos são do autor).

"Além disso, nosso interesse pelos esoterismos históricos - tais como o pitagorismo, o Vedanta shivaíta, o Zen - é menor do que o interesse pelo esoterismo em si que, com satisfação, denominaríamos *philosophia perennis*, sendo por si mesmo independente das formas particulares por constituir a sua essência." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, pág. 1. O negrito é meu).

E, mais adiante, acrescenta Schuon:

"Quanto ao esoterismo em si, que não é outro senão a gnose, devemos lembrar duas coisas, embora já as tenhamos mencionado em duas outras ocasiões." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, pág. 19. O negrito é meu).

O próprio Olavo de Carvalho concorda que esoterismo é o mesma coisa que Philosophia Perennis:

"Já o esoterismo, ao contrário, sendo um único em sua essência (ele é a Philosophia Perennis, a verdade metafísica una, eterna, supraformal e transcendente), varia entretanto nas distintas formas históricas que o expressam, havendo, portanto, um esoterismo cristão, um islâmico, um judaico, etc." (Olavo de Carvalho, À procura da Pérola Viva Conhecimento Revelado: O Esoterismo Cristão, in Planeta, n* 108, Setembro de 1981).

(E não esqueçamos que em seu Texto - Confissão O de C. admitiu que Philosophia Perennis é a Gnose).

Ora, o esoterismo tem como um de seus elementos fundamentais a Gnose.

É o que se lê em Antoine Faivre:

"Mais do que as práticas propriamente ditas, é o conhecimento - no sentido de "gnose"-- que parece contribuir para fundamentar a noção de atitude esotérica;" (Antoine Faivre, O Esoterismo, Papirus editora, Campinas, 1994, p.18).

E Luc Benoist-- outro seguidor de Guénon - afirma que "O esoterismo, que como vamos ver, toma para revelar-se-nos o canal metódico da iniciação, tem por objeto libertar o homem dos limites de seu estado humano, tornar efetiva a capacidade que ele recebeu de alcançar os estados superiores de forma ativa e duradoura graças a ritos rigorosos e precisos" (Luc Benoist, El esoterismo, tradução de Fr. Garcia Barzán, Ed Nova Buenos Aires, 1967, p. 4).

E tanto o sr. Olavo - quanto René Guénon - se disseram esotéricos. Portanto, ambos são gnósticos.

E Schuon escreveu:

"O conhecimento direto e interior, o do Coração - Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está de facto subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, págs. 11-12. O negrito é nosso)

Conforme Schuon, então, haveria um núcleo subjacente a todas as religiões, e que seria a Gnose.

Está aí. Para Schuon, Esoterismo = Filosofia Perene = Gnose.

Olavo expressou o mesmo pensamento quanto a essa fórmula.

Ousará ele negar o que ele mesmo escreveu?

Sim, Olavo de Carvalho "ecoou" essa mesma doutrina: O aflito Olavo - o "pai" do Imbecil Coletivo" - repetiu essa mesma doutrina, quando escreveu:

"O esoterismo é a ciência universal por excelência, é o conhecimento e a realização da unidade (...)". (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 11. O negrito é meu)

O Esoterismo transmitiria pelo conhecimento a verdadeira Sabedoria ou Gnose. Vejamos, inicialmente que é essa "Sabedoria" à qual os "tradicionalistas" dão vários nomes, analisando, depois, o que eles entendem por conhecimento.

II - 6. "Sabedoria" e Gnose

Para Olavo, "os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou gnose" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, p. 24. O negrito é meu).

E eis aí uma nova confissão.

Essa sabedoria ou Gnose é que seria o núcleo de todas as religiões, a "Sofia Perennis", o objeto da "Philosophia Perennis". Por isso, ele usa essa última expressão como idêntica a 'Unidade transcendente das religiões', pois ele escreveu: "philosophia perennis, ou unidade transcendente das religiões" (Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 75).

É o que ele confirma no Prefácio desse mesmo livro:

"Todos os estudiosos de religiões comparadas do mundo, com quase nenhuma exceção, utilizam o termo "Tradição" como sinônimo de Sanathana Dharma, de Lei Perennis, de Sophia Perennis, de Al-Hikmat al- illahiya - para designar o número de princípios metafísicos que é comum a todas as religiões do mundo, (...)"(Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, ed. cit. p. 7).

Esse texto de Olavo é uma terceira confissão. Ele diz que Tradição é sinônimo de Al-Hikmat al - ilahya. Ora, que significa essa expressão árabe?

"Lembramos de novo que a palavra théosophie é tomada aqui em sentido etimológico da palavra grega "teosofia" cujo equivalente literal em árabe é hikmat ilahîa, Sohrawardi o entende no sentido da palavra 'irfan (um conhecimento que é gnose). Ela põe em ação não uma representação conceitual e abstrata das coisas, mas uma percepção direta (kashf), uma presença real (hodur, hozûr) dos mundos espirituais." (Henry Corbin, *En Islam Iranien*, Gallimard, Paris, 1971, Vol. III, p. 9, nota 1).

Portanto, o próprio Olavo, usando o termo Tradição como sinônimo de Al- Hikmat al - Ilâhya, confessa que, para ele, Tradição significa Teosofia, ou com Sohrawardi, Gnose.

É o que afirma ainda outro autor esotérico:

"Essa sabedoria eterna da qual a idéia de tradição não pode ser divorciada e que constitui um dos componentes principais do conceito de tradição é precisamente a sophia perennis da tradição ocidental, que os hindus chamam de sanatana-dharma e os muçulmanos de alhikmat al-khalidah (ou javidan khirad em persa)." (Nasr, Seyyed Hossein, "Knowledge and the Sacred", pág. 68. O negrito é meu).

Nasr nos dá aí um verdadeiro poli dicionário:

Sabedoria eterna = Tradição = Sophia Perennis = Sanathana Dharma = Al hikmat al-khalidah = Javidan khirad.

E todas essas expressões significam GNOSE.

Em "A Unidade Transcendente das Religiões", Schuon fala da "ortodoxia universal, a Sanâtana-Dharma dos hindus" (pág. 24. O negrito é meu).

O mesmo Schuon confirma que a expressão Sophia Perennis significa para os esotéricos Gnose, como veremos pouco adiante.

Não há, então dúvida: Olavo de Carvalho usa o termo Tradição como substituto da palavra Gnose. E se ele usa expressões árabes e sânscritas para substituir (ou esconder?) a palavra Gnose, isso demonstra um desejo de "velar" seu pensamento. Para um esotérico, isso é natural.

Tendo considerado tudo isso, fica claro que ao pensamento de Olavo de Carvalho se aplica perfeitamente o que diz Antoine Faivre sobre o esoterismo tradicionalista e o estudo comparado das religiões:

"Trata-se de uma tendência que consiste em querer estabelecer denominadores comuns entre duas ou mais religiões diferentes, até entre todas as tradições, com a esperança de se obter uma iluminação, uma gnose, de qualidade superior"(...) "A concordância de que se trata aqui é de outra natureza. Pretende-se mais criadora, concerne à iluminação individual pelo menos tanto quanto à coletividade, exprime a vontade não apenas de eliminar as diferenças ou de descobrir as harmonias entre diversas tradições religiosas, mas sobretudo de adquirir uma gnose que abrase e abrace num mesmo cadinho diversas tradições para revelar - no sentido, diríamos, fotográfico do termo - ao homem de desejo a imagem do tronco vivido e escondido do qual todas as tradições particulares seriam apenas os ramos visíveis. Essa tendência assume a partir do século XIX uma forma acentuada em decorrência de um melhor conhecimento do Oriente e depois graças à influência de uma disciplina nova, as "religiões comparadas", a ponto de os defensores do tradicionalismo, aqueles que são chamados em inglês os perennialists, chegarem a postular e ensinar que existiria uma "Tradição primordial" dominando todas as outras tradições religiosas ou esotéricas da humanidade" (Antoine Faivre, O Esoterismo, p. 23. Os negritos são meus. Os itálicos são do autor).

A citação foi longa, mas é necessária, porque fotografa a gnose de Guénon e Olavo de Carvalho.

Olavo elogia e recomenda Schuon para seus alunos e leitores:

"É ainda nos Estados Unidos que se encontra hoje o mais poderoso núcleo de resistência ao avanço do ateísmo oficial - o que abrange desde as comunidades que se organizam contra a lei do aborto até a elite espiritual concentrada em torno de figuras como Seyyed Hossein Nasr - exilado iraniano -, Huston Smith, Victor Danner e outros, profundamente influenciada pelo pensamento de Frithjof Schuon, homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões."

"[Nota de rodapé:] V. Frithjof Schuon, De L'Unité Transcendente des Religions, 2e. éd., Paris, Le Seuil, 1979, e Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred. The Gifford Lectures, 1981, New York, Crossroad, 1981. - Nota da 2ª ed.: O reconhecimento de minha dívida intelectual para com F. Schuon não implica de maneira alguma aceitá-lo como a espécie de guru universal ou árbitro supremo das tradições que ele de certo modo pretendeu ser." (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, 2a. edição, E. Realizações, pág. 308. O grifo é nosso).

Vimos que O de C. recomenda e elogia --ecoa - o pensamento de Schuon citado por Nasr. Ora, Schuon também diz que a Sophia Perennis (a Sabedoria Perene) é acessível somente aos "gnósticos", aos "pneumáticos", aos "teósofos":

"Quanto à Sophia perennis, trata-se do seguinte: há verdades inatas no Espírito humano, que apesar disso estão em certo sentido enterradas nas profundezas do 'Coração' - no puro Intelecto - e são acessíveis apenas a quem for espiritualmente contemplativo; e essas são as verdades metafísicas fundamentais. O acesso a elas é possuído pelo 'gnóstico', 'pneumático' ou 'teósofo', - no sentido original e não sectário destes termos, - e o acesso a elas era também possuído pelos 'filósofos' no sentido real e ainda inocente da palavra: por exemplo, Pitágoras, Platão e em grande parte também Aristóteles." (Schuon, "Sophia perennis": Studies in Comparative Religion; apud Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, pág. 88, nota 18).

Também Nasr diz:

"Neste estudo, gnose é sempre usada no sentido de conhecimento sapiencial ou sabedoria, como o conhecimento que unifica e santifica e não num sentido sectário como relacionada ao gnosticismo ou num sentido teológico estreito como foi empregada por certos autores cristãos primitivos que a contrastavam com sophia." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, pág. 50, nota 13).

Embora Schuon, citado por Nasr, tivesse dito que a palavra gnóstico era aí empregada não no sentido sectário, mas no sentido "inocente", o que ele, Schuon, afirma sobre o "Coração" ou "Intelecto", como instrumento do Conhecimento, demonstra que ele emprega o termo exatamente como a Gnose tradicional empregava esses termos: intelecto era, para a Gnose, a partícula divina no homem, o Atma, o pneuma divino, o éon. O "proprium" de que fala Ibn Arabi. E veremos isso, mais a fundo, quando estudarmos a doutrina de Guénon.

Nasr reconhece, com Guénon, que o termo sânscrito jñāna significa Gnose:

"O termo jñāna implica em conhecimento principal que conduz à libertação e está relacionado etimologicamente com gnose, a raiz gn ou kn significando conhecimento em várias línguas indo-europeias incluindo o inglês." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, pág. 50, nota 14)

Também para este "perennialist", Seyyed Nasr, o conhecimento supremo é identificado com a Gnose, e mesmo com o maniqueísmo:

"Voltando-nos para a Ásia Ocidental, discernimos a mesma consideração do conhecimento como a chave da obtenção do sagrado e a doutrina de que a substância do próprio conhecimento é sagrada no zoroastrismo e em outras religiões iranianas como o maniqueísmo, que baseia toda a religião no objetivo de libertar, por meio do ascetismo e do conhecimento, as partículas de luz espalhadas pelo cosmos como resultado do sacrifício do homem primordial." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, p. 8. O negrito e o sublinhado são meus).

Certamente, todas essas citações foram de uma monotonia insuportável, mas como para mau entendedor - que evidentemente, não é você, meu caro Felipe --não basta meia palavra, achei necessário repetir as provas, citando vários autores que dizem a mesma coisa: no código dos seguidores de René Guénon, Tradição = Sophia perennis = Philosophia perennis = esoterismo = sabedoria = Gnose

II - 7. Gnose = Conhecimento salvador

Vimos que Olavo declarou com todas as letras que "O esoterismo é a ciência universal por excelência, é o conhecimento e a realização da unidade"(...) (O de C. Astrologia e Religião, p. 11)

Que Conhecimento é esse que realiza a unidade?

Conhecimento de que?

Unidade de quê com quê?

Ele vai explicar isso em várias passagens desse mesmo livro, Astrologia e Religião. Na página 63 ele escreveu:

"O que dá sua coerência e inteireza ao conhecimento é a unidade do sujeito cognoscente, mas não no sentido Kantiano, pois não se trata aqui do sujeito individual --ou geral que é uma simples extensão do individual - e sim o sujeito identificado e reintegrado ao Absoluto; é a unidade da inteligência mesma, não enquanto manifestação individual, mas enquanto participação no Intelecto Agente, à objetividade plena portanto, e, a fortiori à verdade mesma. A unidade do mundo repousa na unidade do Intelecto, ou Logos, que é a unidade de Deus" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 63 e 64. Os negritos são meus).

Esse texto também bastaria para provar que a doutrina do sr. Olavo de Carvalho é gnóstica, pois aí ele afirma a tese central da Gnose: que pelo Conhecimento, o homem se identifica com o Absoluto, isto é, com Deus.

A doutrina que ele expõe é a da identificação, através do Conhecimento, do intelecto humano com o Intelecto de Deus, com o Logos, que é a tese central da Gnose averroísta. É também a mesma identidade das coisas do mundo com Allah, que se encontra na Gnose sufi de Ibn Arabi (Cfr. Muhyiedin Ibn Arabi, Tratado de la Unidad Risalatul Ahadiyah)

Olavo vai dizer exatamente isso, nesse mesmo livro: "É possível, ainda, passar da imagem ao conhecimento direto, se formos suficientemente fundo para dentro de nós mesmos, pois "nosso intelecto está conjunto à verdade eterna mesma" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 69).

E, para ele, podemos realizar essa união com o Absoluto, com Deus, com o Intelecto divino, pelo conhecimento, porque tudo emanou da Divindade: é da "unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, ed Nova Stella, 1985, p. 75. O sublinhado é do próprio autor). Exatamente o que ensina a Gnose sufi de Ibn Arabi

No mesmo livro, ele diz: "Pelo fato de que o homem habita simultaneamente muitos planos da realidade (sic!) --sendo um ente tão corporal quanto o cálcio de seus ossos e tão espiritual quanto a inteligência divina que nele reside - sua relação com o mundo planetário não pode ser unívoca(...) " (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 49).

Ora no sentido sectário também, tanto quanto no sentido tradicional, Gnose é um conhecimento que liberta, que salva. Daí a definição de Gnose como conhecimento salvador ou libertador. É o que ensinam as autoridades nessa matéria:

"...a Gnose (do grego Gnosis, ‘conhecimento’) é um conhecimento absoluto que salva por si mesmo, ou que o gnosticismo é a teoria da obtenção da salvação pelo conhecimento" (Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol I, p. 236).

"Não é arbitrário colocar um conceito geral de gnose como "conhecimento salvador" (Serge Hutin, Les Gnostiques, PUF, Paris, Que sais-je?, 1970, p. 8).

"A gnose (...é...) a religião do conhecimento, o culto do conhecimento como meio de salvação" (Simone de Pétrement, *Le Dualisme chez Platon, les Gnostiques et Manichéens*, PUF, Paris, 1947, p.88).

"Este é o primeiro ponto e o mais importante da definição de gnosticismo: uma religião - que salva pelo conhecimento --; conhecer, para eles, é essencialmente se conhecer, reconhecer o elemento divino que constitui o verdadeiro Si mesmo [Soi ou Self] (Robert M. Grant, *La Gnose et les Origines Chrétiennes*, Seuil, Paris, 1964, pp 18-19).

E repare, meu caro Felipe, que esse "primeiro ponto e o mais importante da definição do gnosticismo" - a salvação pelo Conhecimento (que Grant identifica com Gnose) - não apareceu nos 4 itenzinhos do Olavo...

E essa doutrina da salvação pelo conhecimento - Gnose - pode ser encontrada naqueles que se chamam tradicionalistas, inclusive em Olavo de Carvalho, que, como vimos acima, afirma que pelo Conhecimento o homem se une ao Absoluto, isto é, a Deus.

Dizendo isso, Olavo, repete, reproduz, ecoa a doutrina gnóstica de Guénon:

"é através do Conhecimento que se obtém a libertação"(René Guénon, *Le Démiurge*, in *Mélanges*, Centro Studi Guenoniani, Venezia, 1978, I parte, p. 33).

Guénon - de cuja doutrina O de C. pretendeu ser um eco prolongador - também escreveu :

"Do que precede resulta que o homem, na sua existência terrena, pode libertar-se do domínio do Demiurgo ou do Mundo ílico, e que essa libertação se opera mediante a Gnose, isto é, mediante o Conhecimento integral" (T. Palingenius, aliás, René Guénon, *Le Demiurge*, in *Mélanges*, Centro Studi Guénoniani, Venezia, 1978, p. 27. A tradução é nossa).

"Não há outro meio de obter a libertação completa e final que o Conhecimento; é o único instrumento que desata os laços das paixões: sem o Conhecimento não se pode obter a Beatitude" (T. Palingenius, aliás, R. Guénon, *Le Démiurge*, idem, p. 28).

Você repare, meu caro Felipe, que nessas duas pequenas citações do Bispo da Igreja Gnóstica Universal, Palingenius-Guénon defende alguns dos quatro itens colocados por O de C. na sua conceituação de Gnose.

E apesar disso, - ou por causa disso - O de C. pretendeu ser, senão o introdutor, pelo menos o propedeuta, o divulgador da doutrina guénoniana aqui no Brasil.

Há no texto acima de Guénon uma alusão ao mundo ílico, ou material, que aprisiona a partícula divina do homem, mundo material de que o homem se libertaria somente através do Conhecimento, isto é, da Gnose.

Notem, então, os "assustados", "perplexos" e "confusos alunos do "pai" do Imbecil Coletivo, que Olavo não pode negar que Guénon era gnóstico. Daí a sua encabulação furiosa. ou - como ele mesmo disse - "hidrófoba"...

Quer você outra citação ainda de Guénon?

Veja essa:

"De fato, a ação é propriamente a condição dos seres individuais pertencentes ao Império do Demiurgo. O Pneumático [o homem divinizado ou espiritual] ou o Sábio, é, na verdade, o que não age, mas residindo num corpo, é totalmente semelhante aos outros homens, todavia ele sabe que se trata apenas de uma aparência ilusória, e isto é suficiente a fim de que ele esteja realmente libertado da ação, já que é mediante o Conhecimento que se obtém a Libertação. Estando libertado da ação, ele não está mais sujeito ao sofrimento; este não é senão o resultado do esforço, e é nisto que consiste a assim chamada imperfeição, ainda que, na realidade, não haja nada imperfeito" (T. Palingenius, aliás, René Guénon, *Le Démiurge*, p. 33).

Veja que curioso: Guénon e Leonardo Boff se encontram na Teologia da Libertação, um pela via do marxismo racionalista, outro pela via da Gnose irracional.

Olavo - que pertenceu ao Partido Comunista, e que, como vimos, confessa compartilhar certos ideais da esquerda - combate Boff e apoia Guénon. Entretanto, ambos querem a Libertação do homem... Um pela Gnose. Outro pela revolução marxista do PC ou do PT. E Olavo já foi do PC. E se diz anarquista em moral...

Para Guénon, é possível ao homem alcançar "estados superiores do ser" através do que ele chama de "realização metafísica", que é "a tomada de consciência daquilo que é, de uma maneira permanente e imutável" (René Guénon, *A Metafísica Oriental*, ed Ipviter, São Paulo, 1983, pp. 31, 32-33 e, esta última frase na p.30. Tradução de Olavo de Carvalho).

Portanto, essa misteriosa e pretensa "realização metafísica" seria obtida por uma "tomada de consciência do que se é", isto é, pelo Conhecimento [Gnose]. Ela se faria em três etapas:

1a) Numa primeira etapa, o homem seria restaurado em seu estado primordial, recuperando as qualidades de Adão no estado primordial, sendo liberto do tempo e do espaço. Isto seria obtido através dos Pequenos Mistérios. (Cfr. René Guénon, *A Metafísica Oriental*, p. 33-37 e Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 28; *Astrologia e Religião*, p. 75).

2ª) A segunda fase levaria o homem a "estados supra individuais" (op cit. p. 35) Nesta etapa, "o ser, que não pode mais ser dito humano, saiu doravante da "corrente das formas", segundo a expressão extremo-oriental"(René Guénon, op. cit., p. 36).

3ª) Na terceira fase, se daria "O estado absolutamente incondicionado, liberto de toda limitação" (René Guénon, op. cit., p. 37) Aí é que se daria a "realização metafísica" ou "Libertação", ou ainda "União" com o princípio supremo. (Cfr. René Guénon, op. cit., p. 37).

É a divinização do homem, pela união de seu intelecto com o Intelecto divino, realizada exatamente quando ele conhece - tem a Gnose - que, de fato, ele é o próprio Deus.

Esta é a doutrina gnóstica que Guénon expôs no *Le Démiurge* (Cfr. ed cit. pp. 27 a 29).

II - 8. Sufismo e Gnose

Vira e mexe, o sr. Olavo de Carvalho elogia os sufis, o Corão e Maomé

Ora o que afirma Schuon dos sufis, ele que foi um deles?

"É impossível negar que os mais ilustres sufis, ao mesmo tempo que, por definição, eram gnósticos, foram também um tanto teólogos e um tanto filósofos, ou que os grandes teólogos foram ao mesmo tempo um pouco filósofos e um pouco gnósticos, esta última palavra devendo ser entendida no sentido próprio e não sectário"(Schuon, *Le Sufisme, Voile et Quintessence*, Paris, 1980, p. 105; apud Nasr, *Knowledge and the Sacred*, p. 91, nota 46).

É claro que o sr. Olavo se apegará à distinção de Gnose no sentido sectário - das seitas dos primeiros séculos do Cristianismo e Gnose no sentido "próprio".

Só que a Gnose, no sentido das seitas dos primeiros séculos do Cristianismo, era um Conhecimento salvador, pela união do éon com o pléroma divino, e a Gnose no sentido "próprio", "tradicional", guénoniano, era o Conhecimento salvador ou libertador, pela união do intelecto com a divindade. Isto é, exatamente a mesma coisa.

E tanto era a mesma Gnose que houve quem identificasse a Gnose de Guénon com a Gnose Cátara, que é Gnose típica:

"Salientemos da mesma forma que para a Revista Internacional das Sociedades Secretas sob a pena de G. Mariani, que a obra metafísica de nosso amigo [René Guénon] (sic!) aparece como "a realização a mais notável - portanto a mais perigosa - da velha Heresia por excelência [a cátara]" (Marie France James, op. cit. p. 314. A tradução, o negrito e o sublinhado são meus).

E note, meu caro, Felipe, que Marie France James chama René Guénon de "nosso amigo" - e ela o faz freqüentemente em seu livro - o que não indica hostilidade.

Será que O de C. - que diz que leu e anotou esse livro há dez anos atrás - se esqueceu desse tom gentil da autora para com Guénon? Gostaria de crer que ele esqueceu, e que não foi uma tentativa de "induzir em falso testemunho" contra a autora tão delicada para com Guénon...mas...

Em todo caso, está aí um juízo que deve ser levado bem em conta:

A doutrina de Guénon é a realização ou renovação mais notável da velha heresia cátara, que é tipicamente gnóstica, E assim sendo, a Gnose de Guénon não se distingue da Gnose sectária, visto que o catarismo é tipicamente maniqueu.

A Gnose tradicionalista nascida de Guénon e adotada por Olavo de Carvalho e por outros sectários não se distingue da heresia Cátara, nem, portanto da Gnose sectária.

Também o Padre Élisée de la Nativité, O.F.M. afirma que a Gnose de Guénon é a mesma que a das seitas dos primeiros séculos do cristianismo:

"De um lado nosso Frade Carmelita acha "traços das idéias as mais caras a Guénon nos gnósticos do primeiro século de nossa era, em certas seitas mais vivazes da Idade Média, talvez entre os Rosa Cruz do Ocidente"(Marie France James, op. cit. p. 316).

II - 9. Admiradores cristãos de Guénon reconhecem que a doutrina do esoterismo cristão era a da Gnose, mas que era a boa Gnose

Jean Tourniac, autor que se afirma fiel a Cristo, (op. cit., p.9) mas é bem favorável a Guénon, não nega que haja Gnose nele. Entretanto, procura demonstrar que a Gnose esteve subjacente em muitos

autores e movimentos, desde a Antigüidade, e através da Idade Moderna, até os nossos dias, mas que essa Gnose, presente no que ele chama esoterismo cristão, era a boa Gnose.

Referindo-se aos movimentos gnósticos dos primeiros séculos, Tourniac diz que :

"A intervenção da doutrina ou da gnose, não é nem regressão, nem recuo, nem dissolução na "sabedoria grega", nem negação dos dogmas. Ela é, ao contrário, plenitude espiritual, inteligência da fé e valorização dos dogmas.

"É espantoso que se queira assim se privar de toda contribuição intelectual nos inícios do Cristianismo; mas, depois de tudo, que a gnose seja uma "estranheza" para a mentalidade moderna, não tem nada de tal modo surpreendente: poder-se-ia quase adotar aqui a observação de Paul Valéry "toda visão das coisas que não é estranha é falsa" (Jean Tourniac, op. cit., p. 103).

A seguir, Tourniac afirma:

"O que convém reter, agora, é que estes dados, diretamente inspirados pela gnose, fizeram a alegria da espiritualidade ocidental medieval, prova de que eles não eram tão "heréticos" ou contrários ao Cristianismo, como se quer deixar supor em nossos dias" (Jean Tourniac, op. cit., p. 104).

Antes, ele já havia dado uma lista de esotéricos cristãos portadores desta "boa" gnose, precursora de Guénon: Mestre Eckhart Ruysbroeck, Nicolau de Cusa, Nicolas Flamel, Lullo, Joaquim de Fiore, os Fiéis de Amor e Dante Alighieri, além de existir em obras como o Roman de La Rose, no Percival, na lenda do Graal, etc (Cfr. Jean Tourniac, op. cit. p. 97). Depois, ele cita ainda Reuchlin, Pico de la Mirandola, conhecidos cabalistas, o mago Agripa de Nettesheim, Lefèvre d'Étaples, Guillaume Postel, Paracelso, Knorr von Rosenroth, Silésio, Novalis, Von Baader, Eckartshausen, e Boehme, é claro. (Cfr. Jean Tourniac, op. cit., p. 97). Uma lista de todos os hereges gnósticos e cabalistas da História do Ocidente. Esses seriam os adeptos da "Boa" Gnose precursora de Guénon, no esoterismo cristão.

Como se vê, os partidários mais sinceros de Guénon não titubeiam em aceitar a Gnose, e pretendem que ela seja cristã.

E o próprio Tourniac demonstra sua simpatia pela Gnose ao colocar como epígrafe de seu livro nada menos que uma citação do Zohar! (Cfr. Jean Tourniac, op. cit., p. 7).

III - Pontos doutrinários fundamentais da Gnose

III - 1. Pressupostos

O sr. Olavo de Carvalho me apresenta quatro itens fundamentais da doutrina gnóstica, lançando-me um repto para que eu prove, se for possível, que sua doutrina contém esses quatro pontos.

Ele me diz ainda que não basta ter uma ou outra idéia gnóstica, para que se considere uma filosofia como enquadrada no sistema herético.

Ora, isso é completamente falso.

Se um autor tem apenas um ponto gnóstico em sua doutrina, ele é um gnóstico, tanto quanto quem tenha um só órgão com câncer é canceroso. Não adianta afirmar que ele tem 99% dos seus órgãos

sadios: havendo um órgão com câncer, o indivíduo é canceroso. Do mesmo modo, se há um só ponto da Fé negado por uma idéia herética, o sistema é herético. Isto porque, sendo a Gnose um pecado gravíssimo contra a Fé, e considerando que a Fé exige absoluta integridade, basta um princípio herético para destruir totalmente a Fé em alguém.

A Fé é como a virgindade: ou é íntegra, ou não existe.

E a Heresia - como se denominava a Gnose na Idade Média - é como o câncer: basta ter o princípio dela para ser herege.

E a Gnose é a mãe de todas heresias.

Olavo de Carvalho se declara admirador, e doutrinariamente devedor, tanto como seguidor de vários dos autores da seita guénoniana. Ora, o sistema doutrinário desse grupo sectário é gnóstico. Logo, na medida em que ele aceita as idéias desse sistema sectário - e Olavo as aceita em bem larga medida, senão completamente - nessa medida, Olavo de Carvalho é gnóstico.

O fato de que ele declare discordar de alguns pontos da doutrina guénoniana, para aderir ao sistema gnóstico de Schuon, - ao qual ele também faz restrições acidentais, - não o exime da culpa de Gnose, porque o próprio Schuon é gnóstico confesso.

A doutrina de Guénon, como a de Olavo, não tem apenas alguns pontos gnósticos isolados, mas os princípios gnósticos que eles adotam formam uma sistema coerente, que exige chamá-los de gnósticos, ainda que eles não explicitem alguns pontos próprios da Gnose completa. Essa falta de explicitação de alguns pontos da totalidade do sistema gnóstico se nota especialmente em Olavo, que tem uma Gnose menos elaborada pela sua inferioridade em relação a Guénon, quer quanto à inteligência, quer quanto à cultura, quer ainda quanto ao valor de seus livros.

Alguns dos autores gnósticos guénonianos costumam dizer que sua Gnose é distinta da Gnose dos primeiros séculos. Mas, como já dissemos, quando se examinam os dois sistemas, constata-se que eles praticamente coincidem.

Veremos isso de mais perto, quando examinarmos os quatro itens apresentados por O de C. como característicos da Gnose clássica, e demonstraremos que o sistema guénoniano e o de Olavo de Carvalho se encaixam na Gnose clássica, e que não a contrariam. As pequenas diferenças entre os membros do grupo guénoniano não são suficientemente importantes para excluí-los do sistema geral gnóstico. É natural que o erro seja múltiplo. Só a verdade é uma. Só a verdade unifica.

Outro ponto a considerar é que toda seita esotérica procura velar sua doutrina. O esoterismo, por natureza, é velado, e usa códigos secretos e anfibologias para mascarar seu verdadeiro pensamento.

René Guénon, tratando desse problema da dissimulação do pensamento esotérico, e de sua adaptação à linguagem religiosa dominante num lugar, escreveu:

"Que, em certos casos, a prudência imponha efetivamente uma espécie de dissimulação, ou o que pode passar por tal, isso não se pode negar, e se poderia encontrar muitos exemplos disso em outros lugares tanto quanto no Oriente; a linguagem de Dante e de outros escritores da Idade Média daria exemplos em abundância disso; mas há também, para fatos desse gênero uma outra razão totalmente diferente, de uma ordem muito mais profunda, e que parece escapar completamente aos ocidentais modernos. A verdade é que este desapego das formas exteriores implica sempre, pelo menos em algum grau, a consciência da unidade essencial que se dissimula sob a diversidade dessas formas (...) passar de uma forma a outra não tem então quase mais importância do que trocar de

roupa, conforme os tempos e os lugares, ou de falar línguas diferentes conforme os interlocutores com os quais tratamos" (René Guénon, artigo - relatório Les Religions et les Philosophies de l 'Asie Centrale - 1928, apud Marie France James, op. cit. p. 294)

A mesma coisa Guénon vai dizer, com outras palavras, e em outro lugar, chamando a dissimulação de "dom das línguas" :

"Sob este ponto de vista, pode-se dizer que quem possui verdadeiramente o 'dom das línguas', é aquele que fala, a cada um, segundo sua própria linguagem, nesse sentido que ele se exprime sempre sob uma forma apropriada ao modo de pensar dos homens aos quais ele se dirige"(...)o mesmo ensinamento se encontra no esoterismo islâmico: Mohyiddin Ibn Arabi diz que "o verdadeiro sábio não se liga a nenhuma crença", porque ele está além de todas as crenças particulares, tendo obtido o conhecimento daquilo que é o seu princípio comum; mas é precisamente por isso que ele pode, conforme as circunstâncias, falar a língua própria de cada crença. Não há nisso, o que quer possam pensar os profanos, nem "oportunismo", nem dissimulação de nenhum tipo; ao contrário, é a conseqüência necessária de um conhecimento que é superior a todas as formas, mas que não se pode comunicar senão (na medida em que é comunicável)"(René Guénon, Aperçus sur l ' Initiation, Ed. Traditionnelles, paris, 1951, pp. 236-237).

O próprio Ibn Arabi, tido como o gnóstico típico do sufismo, afirma a mesma ambigüidade religiosa:

"A mais esplêndida fórmula, a da unidade, foi dada sob uma forma prática pelo grande Mouyiddin ibn -Arabi quando disse: "Meu coração pode adquirir todas as formas. É o mosteiro do cristão, o templo dos ídolos, a pradaria das gazelas, a Ka'aba do peregrino, as tábuas da Lei mosaica, o Corão dos fiéis. Amor é meu credo e minha fé." (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 34).

O ex frei Boff assinaria em baixo.

Aliás, essa dissimulação do próprio pensamento era costumeira prática dos sufis, que a denominavam Ketman.

Comentando a prática do ketman, Mariani escreveu: "O Ketman está indissolúvelmente ligado a todo esoterismo" (G. Mariani, Les Poisons d'Orient, Revista Internacional das Sociedades Secretas (Ocultismo), fevereiro de 1932, p. 29, apud, Marie France James, op. cit. p. 350, nota 170).

Schuon defende a "conversão" apenas exterior, por "conveniência":

"É apóstata quem muda de forma tradicional sem razão válida. (...) Podemos passar de uma a outra forma tradicional sem nos termos propriamente 'convertido', apenas por razões de oportunidade esotérica ou espiritual. Nesse caso, as razões que determinarão a passagem serão objetiva e subjetivamente válidas (...)" (Frithjof Schuon, A Unidade Transcendente das Religiões, Trad. Pedro de Freitas Leal, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 86. O negrito é meu).

Poderia haver declaração mais cínica?

E esse é que Olavo apresenta como um dos homens mais representativos do "tradicionalismo" espiritual, no século XX.

De fato, Schuon representa muito bem o século XX.

O Próprio O de C., em sua biografiazinha de Guénon, disse:

"... se há algo que caracteriza o esforço guénoniano como um todo é a defesa de uma Tradição, de uma Verdade única que, no plano da doutrina metafísica, estabelece a unidade de todas as manifestações espirituais particulares, de todas as épocas e culturas. Nesse sentido ele pôde, por exemplo, tornar-se muçulmano enquanto declarava ser hinduísta (Mais próxima, segundo ele, da Tradição primordial) e defender as doutrinas orientais, enquanto propunha que, para o Ocidente, só havia um caminho legítimo, o retorno à Igreja Católica.

"Note-se que essa possibilidade de transitar livremente de uma Tradição a outra é, hoje como sempre, apanágio exclusivo dos grandes Mestres espirituais(...)" (Olavo de Carvalho, O Homem e sua Lanterna. René Guénon, O Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação. In Planeta, n° 107, Agosto de 1981, p. 14-15).

E é por isso que Olavo pode se dizer, sem cerimônia, ao mesmo tempo, católico- judeu-maometano. Fazendo isso, ele está praticando o Ketman sufi, ainda que ele não tenha efetivamente se tornado sufi. Estará então imitando seu mestre espiritual, Guénon.

E ainda há católicos, que se dizem tradicionalistas, que acreditam nele! Para um ingênuo tradicionalista católico, nada melhor do que ser "encantado" por um "Tradicionalista" esotérico-gnóstico, praticando o ketman sufi, ou o "dom das línguas", à la Guénon...

Dizia Bismarck, que em todo acordo, alguém faz o papel de cavaleiro, e outro, o de cavalo...

O sr. Olavo de Carvalho, enquanto esotérico, não pode fugir dessa regra: o esoterismo, por definição, exige segredos que não podem ser revelados aos não iniciados.

Daí, se compreender que o sr. Olavo de Carvalho tenha que velar, pelo menos um tanto, o fundo gnóstico de suas doutrinas "tradicionais"...

No livro *Astros e Símbolos*, o sr. O de Carvalho afirma que:

1) Não usará, ao falar de astros e símbolos, de um sistema coerentemente lógico:

"Por outro lado, o mesmo liame orgânico que filia a astrologia a um complexo tão vasto de conhecimentos impede que adotemos, neste trabalho, um modo de exposição serial, que vá dos princípios às conseqüências em modo coerentemente lógico" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, ed. cit. p. 22).

2) que não exporá claramente os princípios que adotar:

Além disto, ele avisa que, nesse trabalho, deixará "apenas transparecer, ao fundo, os princípios superiores que enformam (sic!) e governam tais enfoques" (idem, p.23)

3) que o implícito supera o explícito, em seu trabalho:

"Pois o que aqui interessa não é só o conteúdo explícito deste último, mas sobretudo sua forma implícita, sua estrutura que procurará reproduzir, na condução do discurso, a estrutura cognoscitiva, o modus cognoscendi da própria astrologia e, por extensão, de todas as demais ciências tradicionais" (idem, p. 23).

Como então não concluir que o esotérico sr. Olavo de Carvalho não diz claramente tudo o que pensa?

E, no capítulo V, intitulado "Notas Para Uma Psicologia Astrológica" --- [Imagine-se o delírio: "Psicologia Astrológica"!] - O de C. previne o leitor

1) que esse trabalho "não é para principiantes", mas "a pessoas que tenham bons conhecimentos do simbolismo e das doutrinas tradicionais";

2) que "são notas e sugestões esparsas, e não uma exposição coerente"(sic!).

3) que "A terminologia, por isso, é oscilante, incerta". (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, ed cit. p. 63).

É a primeira vez na vida que encontro um autor confessando tão claramente que usa terminologia incerta, em exposição não coerente e especialmente para pessoas que conheçam as doutrinas "tradicionais". Noutras palavras, ele escreveu esse texto para iniciados. Como, então, acreditar num autor que publica um texto com essas características?

É preciso querer ser enganado, para acreditar num autor que confessa que vai usar tais métodos esotéricos.

Desse modo, é preciso ter bem claro que o sr. Olavo de Carvalho - exatamente como Guénon e os demais membros de seu grupo sectário, a "elite" tradicionalista, - pratica o que Guénon chamava de o "dom das línguas": falar com cada grupo religioso, usando a linguagem própria dele, mas exprimindo sempre o "núcleo doutrinário esotérico de todas as religiões", isto é, a Gnose, como explicou Schuon.

III - 2. Esquema da Gnose

Parece-me, meu caro Felipe, que seria didático fazer, aqui, um breve resumo, ou esquema do sistema gnóstico, para que os leitores de nosso site saibam melhor do que se está tratando. Evidentemente, farei um esquema muito sucinto, apenas lembrando alguns pontos fundamentais da Gnose, que os quatro itens do sr. Olavo resumem mal.

1- A Gnose nasce de uma não solução do problema do mal.

"Unde malum"?

Esta é a pergunta inicial de toda Gnose, que produziu sistemas variadíssimos, desde o Maniqueísmo ao Romantismo, passando pela Cabala.

A Gnose se revolta não apenas contra o mal físico, mas vai mais longe: revolta-se contra a limitação do ser criado, julgando essa limitação um mal em si mesmo. O gnóstico sofre por não ser Deus. Daí ser contrário ao Deus Criador que criou os seres contingentes, análogos ao Ser divino.

A Gnose é uma revolta anti metafísica, tomado este termo no sentido tomista e não guénoniano, é claro.

2- Para Gnose, dever-se-ia distinguir Divindade e Deus.

A Divindade seria, ao mesmo tempo, Tudo e Nada, o único Ser e, ao mesmo tempo, o Não-Ser. Dela nada se conheceria realmente: seria o Deus desconhecido, a Divindade abscondita. Da Divindade teria provindo Deus, que se oporia à Divindade como o Ser ao Não Ser, a Luz às trevas. Deus seria conhecido, revelado, enquanto a Divindade seria absolutamente incognoscível.

3- Dialética metafísica

É claro que essa contradição metafísica que equipara os contrários - Ser = Não Ser; Tudo = Nada; o Pleno = Vazio; destrói os princípios fundamentais do ser e do pensamento, pois nega quer o princípio de identidade (O Ser é idêntico a si mesmo), quer o princípio de não contradição [uma coisa não pode ser e deixar de ser, ao mesmo tempo, sob o mesmo aspecto].

Do choque desses dois princípios internos do ser --(Yin e Yang, na Gnose taoísta) - é que provem a dialética gnóstica, que considera o ser possuindo dois princípios iguais e contrários em perpétua luta, o que provocaria a evolução contínua e faria das coisas apenas fluxo, um devir contínuo.

4- Evolução da Divindade.

A Divindade evoluiria, e, nessa evolução ela teria emanado inúmeros princípios divinos - cada seita gnóstica enumera emanções diferentes - e uma dessas emanções seria o Deus revelado, o Ser, o Deus conhecido, o Demiurgo criador do universo material, identificado em várias seitas gnósticas com Yahwé. Este seria o deus do mal, pois criando, aprisionou na matéria, na razão e na moral, partículas emanadas da Divindade.

5- A queda da Divindade no Cosmos.

A Divindade teria sofrido uma queda no mundo. Esse seria o grande pecado cósmico praticado pelo Demiurgo criador, aquele que a Escritura chama de Yahwé.

Enquanto para o Catolicismo existe apenas o mal moral, e não o mal enquanto ser, isto é, existem ações más e não coisas más em si mesmas - porque tudo o que Deus fez é bom - para a Gnose, o mal está na ordem do ser. O mal é ontológico.

Por outro lado, para o Catolicismo, a origem de todo o drama foi o pecado original de Adão e Eva no Éden, enquanto para a Gnose, a raiz do mal estaria na própria Divindade, responsável por um pecado ante original (Cfr. Michel Barat, *Le Dualisme de la Gnose et L'Image Symboliquement Double de la Femme in Les Cahiers Jean Scot Ergène*, no 1, *Images de L'Homme et initiation*, ed. *Loje d' Études et de Recherche Jean Scot Erigène*, Paris, 1988, pp.33- 54)..

6- As partículas da Divindade nas coisas criadas

Conforme a Gnose, em cada coisa haveria uma partícula da Divindade. Essa partícula seria o "centro" de cada ser. Essas partículas seriam os âtmãs, os éons, a Fünkenlein (Chamazinha) de Mestre Eckhart, o "primum" de Ibn Arabi, o "Si" (Soi ou Self) de Guénon etc. Por essas partículas da Divindade existentes nas criaturas, as coisas do mundo seriam seres, enquanto a matéria, que as encarcera seria pura ilusão. Nos homens, além do corpo material, a própria alma racional seria um cárcere da partícula divina, pois a razão mostraria ao homem o mundo como inteligível e bom, enganando o homem que, entendendo o mundo, já não quererá sair dele. A capacidade abstrativa do homem o levaria a recortar o todo em conceitos, formando um imenso puzzle que o homem já não sabe reconstituir, criando a ilusão de que o Todo, a unidade não existe. Daí, alguns gnósticos dizerem que a abstração é o pecado da inteligência.

E, como veremos amais adiante, Olavo afirma que abstrair é, no fundo, uma coisa errada, um verdadeiro pecado que exigiria absolvição.

7- O homem segundo a Gnose

Para a Gnose, o homem seria, então, composto de corpo material, alma psíquica, e pneuma ou espírito divino. Tanto o corpo quanto a alma seriam cárceres do éon (atma ou centelha) divino.

Conforme a predominância de um desses componentes, os homens são classificados pela Gnose ou como Hylikoi [materiais], quando neles predomina o corpo; Psykikoi, ou psíquicos, quando predomina a alma; e finalmente, como pneumatikoi, ou espirituais, quando neles prepondera o espírito divino.

Por isso, uma sociedade gnóstica-- como a da Índia, por exemplo - aceita as castas. Para a Gnose, os homens são fundamentalmente, naturalmente desiguais. Daí as castas. E - seguindo Guénon também nisto --Olavo simpatiza com a existência de castas na sociedade. (Cfr. Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, p. 346-347 e nota 219. Cfr. René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, pp. 69-70).

8- Soteriologia gnóstica: o Conhecimento Redentor.

A libertação das partículas divinas, aprisionadas nos cárceres da matéria, da razão e da moral criadas pelo Demiurgo, se realizaria pelo Conhecimento intuitivo ("Metafísico", na linguagem de Guénon, dos "perennialists", e de Olavo).

Que seria o conhecimento libertador? Seria a Gnose - o Conhecimento-- de que, no fundo de nosso ser, somos a própria Divindade. Esse Conhecimento --essa gnose-- não seria um conhecimento intelectual, nem racional, mas supra racional, que permitiria uma iluminação intuitiva de que toda distinção das coisas é ilusória. Por essa intuição, o homem veria que ele é o Universo, e que o universo é a própria Divindade. A intuição seria o Conhecimento de que, pela unidade dos âtmãs o Homem é o Universo, e é a própria Divindade.

Esse Conhecimento salvador libertaria o homem da ilusão da matéria, da ilusão da racionalidade e da abstração, da ilusão do valor da lei moral.

O homem seria seu próprio redentor, e redentor da Divindade. Cristo não seria, então, o Redentor dos homens. Cristo teria sido apenas um dos que se redimiu, um profeta - como pretende o Corão - mas não Deus encarnado. A Gnose recusa a Encarnação do Verbo: ou ela - como os arianos - afirma que Cristo foi apenas a primeira das criaturas, um homem apenas; ou, ela diz - com os eutiquianos - que Cristo foi um deus, mas sem corpo humano real

9- Gnose, Moral e Razão.

Se a redenção - Libertação - do homem se faz pelo Conhecimento ou "Sabedoria" Gnóstica, compreende-se que a prática da moral não tem lugar no processo salvífico dos éons.

Com efeito, para a Gnose a Lei moral foi estabelecida pelo Demiurgo a fim de manter as partículas divinas aprisionadas na matéria. Portanto, obedecer à Lei moral seria cooperar para manter o encarceramento dos âtmãs no mundo material. Daí, o antinomismo da Gnose. A libertação exige a violação da lei moral, o desprezo dos 10 mandamentos.

Esse desprezo da lei moral se realiza, quer pelo anarquismo moral que abusa das criaturas, quer pela prática de uma ascese antinatural que despreza a matéria como má em si, que recusa e nega todo bem às criaturas. Por isso, muitas seitas gnósticas condenam a mulher e a reprodução sexual. Outras, tratam a mulher como meio de libertação, considerando a união sexual como primeiro passo para a abolição da individualidade.

Outro meio de libertação seria o desprezo da ordem racional, da ciência e da metafísica (no sentido aristotélico - tomista), dando preferência à intuição sobre a razão, à magia e às ciências secretas sobre a inteligência e as ciências naturais. Por isso a Gnose considera as ciências esotéricas (Alquimia, Astrologia Numerologia, a Magia etc.) como as únicas corretas e salvíficas, por serem anti racionais.

10- Eclesiologia gnóstica.

Da mesma forma que a Gnose recusa a Encarnação do Verbo, ela repudia a idéia de uma Igreja estruturada, organizada, com uma hierarquia e com propriedades. A Gnose só aceita uma Igreja Espiritual - Ecclesia Spiritualis - sem dogmas e sem riquezas materiais, sem estruturas.

A Ecclesia Spiritualis da Gnose seria constituída por todos as pessoas que, dentro de cada religião organizada, possuísem a "Tradição"-- como dizem Olavo e os "perennialists" - e tivessem o Conhecimento de que seu espírito é uma partícula da Divindade."(Cfr. Leszek Kolakowski, Chrétiens sans Église, Gallimard, Paris, 1969).

Repito: este é um esquema bem simplificado, para fins didáticos, e para não alongar por demais esta carta, que promete ser imensa. Hélas!

Demonstraremos que muitos desses pontos fundamentais da Gnose são professados por René Guénon e pelos pensadores que seguem a sua escola "tradicionalista", inclusive o sr. Olavo de Carvalho, embora cada um desses pensadores-- ou sonhadores --- possa divergir num ou noutro ponto da linha geral da escola, ou ainda que possam discordar, uns dos outros, em algum ponto concreto particular. O pesadelo é livre...

Os autores dessa escola se dizem Esotéricos, seguidores da Sophia Perennis = da Metafísica Tradicional = da Tradição primordial que, como já demonstramos, eles mesmos confessam que é a Gnose

Olavo de Carvalho se proclama esotérico, favorável à "Metafísica" guénoniana, elogia e recomenda continuamente esses autores "tradicionalistas" guénonianos. Mesmo que discorde deles em algum ponto, Olavo admite - grosso modo-- o seu sistema doutrinário. Por isso, Olavo é um gnóstico.

Vistos estes pressupostos, examinemos agora os quatro itens da doutrina da Gnose segundo Olavo, e vejamos se neles se enquadram, ou não a doutrina de Guénon e a de Olavo.

IV - Análise dos Quatro Itens da Gnose, segundo Olavo...(...a nível de enciclopédia popular)

1* Item da doutrina Gnóstica, segundo Olavo de Carvalho

Olavo assim formulou seu 1º item:

"1o O dualismo radical, ou oposição insanável entre o reino transcendente do puro espírito e este mundo da matéria grosseira" (Olavo de Carvalho, AVISO 2, 17-04-2001).

IV - 1. O problema do mal

Vimos que uma pessoa que não consegue compreender o problema do mal, e que se revolta contra ele, engendra uma mentalidade gnóstica que vê o mal como ser. O fato de que as coisas do mundo sejam finitas, limitadas, contingentes, é considerado um mal em si mesmo. Cai-se na revolta metafísica que recusa o ser por analogia, e exige que tudo seja igual ao Ser absoluto, Deus. Ou que, se o mal é o ser, o bem seria o Não-Ser.

O homem, então, recusa tudo o que nele é prova de dependência, de limitação e de contingência: a matéria, a razão, a moral, e até o fato de que é ser por analogia, que é ser contingente. Ele imagina possuir, no fundo de si, algo de divino, que está nele encarcerado. A Divindade teria caído no mundo criado, (ou manifestado, na linguagem de Guénon).

Ora, Olavo escreveu:

"A psicologia astrológica (sic!?) é uma teoria do sentido do sofrimento e da raiz deste último nas polarizações que cosmogonicamente desdobram o orbe manifesto a partir da unidade do ser" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, Nova Stella, São Paulo, 1985, p. 65).

Que significa essa frase arrevesada?

A "psicologia Astrológica" seria a teoria que explicaria isto: que da unidade do ser (da Divindade) se desdobrou algo (saiu de, emanou da unidade) para o orbe manifesto, no cosmos polarizado (isto é, dialético, com dualidade) e que a raiz do sofrimento (da dor, do mal) provém exatamente deste desdobramento das coisas emanadas da Unidade divina.

E já essa apresentação da 'Psicologia astrológica' (sic!?) identifica a doutrina de Olavo com a Gnose.

Examinemos, agora, o primeiro item da Gnose, tal como foi formulado - ou inspirado por uma "Barsa" qualquer? - pelo sr. O de C., comparando-o com o que diz a Gnose.

IV - 2. A Divindade: Nada que é Tudo. O Mundo: Tudo que é Nada

O primeiro item de O. de C., exposto por ele como sendo o primeiro princípio da Gnose, merece reparos.

O primeiro princípio da Gnose não é esse, e sim a concepção da Divindade como distinta de Deus. E, mais do que distinta, como oposta a Deus: se, a Divindade é Ser, Deus seria Não-Ser; se a Divindade é o Não-Ser, Deus é que seria o primeiro Ser.

É da concepção da Divindade como Não-Ser, como vazio ontológico, que derivará a oposição da Divindade a toda a ordem do Ser. Daí a primeira oposição entre Divindade e Deus, este considerado como o primeiro Ser.

A oposição entre a Divindade e o mundo criado provem de uma questão metafísica, no sentido tomista, e não no sentido em que a seita de Guénon toma o termo "Metafísica", isto é, a Gnose.

Vimos que a Gnose considera o ser contingente como sendo ontologicamente mau. Existir como ser limitado é que é o mal.

A Gnose, como já foi dito, recusa o ser por analogia: esse é o grande mal para ela. Daí, ela recusar a matéria. Para a Gnose, o ser criado é tido como nada, enquanto possui algo de criado, e, ao mesmo

tempo, como sendo a própria Divindade, pela partícula divina que existiria encarcerada nele. Partícula essa à qual os hinduístas chamam de *âtâmâ*, os sufis de "primum", os gnósticos antigos de *éon*, Eckhart de "Fünkenlein" (centelhazinha), e que Guénon chamava de "Si" (Soi).

Disso decorre a oposição entre o Não-Ser da Divindade e o mundo material, porque todo ele está colocado na ordem do ser por analogia.

Se a coisa criada é ser, a Divindade é Não-Ser; se a Divindade é Ser, então a criatura é não ser, a criatura é nada. Esta é a oposição entre a Divindade e o Mundo para a Gnose.

Por isso, a Gnose é conceituada também como "revolta anti metafísica", como sistema anti-metafísico, tomando-se o termo - é claro - em sentido aristotélico-tomista, e não guénoniano.

Não tenho, agora, tempo para tratar mais longamente deste problema, que deixo para outra ocasião, se for o caso. Agora, tratarei do mínimo necessário, para responder o que coloca o sr. Olavo de Carvalho.

Cuidarei então de expor apenas a questão da oposição da Divindade e do mundo criado, ou do cosmos manifestado, na linguagem guénoniana.

Para o gnóstico Basíledes, a Divindade era "aquele que não é" (Cfr. S. Hipólito de Roma, *Philosophumena*, VII, 20-21, vol II, p.103)

Também na Cabala, - a Gnose judaica --a Divindade - o Ein Sof - que a Cabala distingue do Deus criador, é considerada, ao mesmo tempo, como Ser e como Nada. É o que se pode ver nos textos de Azriel de Gerona (Cfr. Gerschom Scholem, *Les Origines de la Kabbale*, Aubier- Montaigne, Paris, 1966, p. 447)

Scholem assim resume a questão:

"Ser e Nada não são senão diferentes aspectos da realidade divina que, no fundo, está acima do ser (est sur-être). Há um Nada de Deus que dá nascimento ao ser, e há um ser de Deus que representa o nada. A maneira pela qual as coisas existem no nada de Deus é uma; a maneira pela qual elas existem em seu ser é outra. Mas, tanto uma como a outra são modalidades do próprio Ein-Sof, que constitui a unidade inseparada de alguma coisa e do nada"(G. Scholem, *Les Origines de la Kabbale*, p. 448).

"(...) Henry Corbin escreveu em seu grande livro sobre Ibn 'Arabi: há o "Deus que não é", o Deus desconhecido, e há o Deus revelado"(Christian Jambert, *La Grande Réurrection d'Alamut*, Verdier, Paris, 1990. p. 218).

Portanto, o sufismo de Ibn 'Arabi faz a mesma distinção entre a Divindade desconhecida, que não seria ser, e o Deus revelado que seria ser, tal qual a faziam os gnósticos, e tal qual a farão os cabalistas. E Olavo de Carvalho não cessa de fazer referências simpáticas ao sufismo.

Guénon, expondo a doutrina do Vedanta adwaita, usa quase as mesmas fórmulas:

"(...)diremos agora que enquanto o Ser é "uno", O Princípio supremo, designado como Brahma, pode somente ser dito "sem dualidade", porque, sendo além de qualquer determinação, mesmo do Ser, que é a primeira de todas, ele não pode ser caracterizado por nenhuma atribuição positiva (...) "(René Guénon, *Introdução às Doutrinas Hindus*, Ed. Ciências Tradicionais Michel F. Weber, São Paulo, 1989, p. 295).

"Brahma é Ishiwara enquanto princípio produtor de todos os seres manifestados"(R. Guénon, idem, p. 245).

A este Primeiro Princípio única realidade de fato, se opõe "o mundo, entendendo por essa palavra, no sentido mais amplo de que seja suscetível, o conjunto da manifestação universal, não é distinto de Brahma, ou pelo menos, só se distingue dele em modo ilusório." (Idem p. 295).

E Schuon diz:

"Para o Islam, ou mais precisamente para o sufismo que é a medula do Islam, a doutrina metafísica - nós já o dissemos várias vezes - é que "não há realidade fora da única Realidade", e que, na medida em que somos obrigados a levar em conta da existência do mundo e de nós mesmos, "o Cosmos é a manifestação da Realidade"; os vedantinos diriam-- repitamo-lo mais uma vez - que "o mundo é falso, Brahma é verdadeiro" mas que "toda coisa é Atmâ" todas as verdades escatológicas estão contidas nesta segunda asserção". É em virtude da segunda verdade que somos salvos; conforme a primeira, nós nem "existimos" na ordem das reverberações da contingência"(F. Schuon, Comprendre L' Islam, p. 127-128).

E Guénon explica:

"(...) e assim o Mundo, entendendo por essa palavra o conjunto da manifestação universal, não pode distinguir-se de Brahma senão de modo ilusório, enquanto que, pelo contrário, Brahma é absolutamente "distinto daquilo que ele penetra", isto é, do Mundo, pois que não se Lhe pode aplicar nenhum dos atributos determinativos que convém a este, e que a manifestação universal toda inteira é rigorosamente nula em face à Sua Infinitude." (René Guénon, L' Homme et son Devenir selon le Vedanta, Ed. Traditionnelles, Paris, 1991, p. 89-90).

Para Guénon - mestre admirado por Olavo, e por cuja defesa ele iniciou este debate, "[...] toda sistematização é absolutamente impossível para a metafísica pura, à vista da qual, tudo o que é de ordem individual é verdadeiramente inexistente" (René Guénon, L'Homme et son Devenir selon le Vedanta, Ed Traditionnelles, Paris, 1991, p. 15. O negrito é meu).

"A multiplicidade existe segundo seu modo próprio, desde o fato de que ela é possível, mas este modo é ilusório, no sentido que nós já precisamos (o de uma "menor realidade"), porque a própria existência dessa multiplicidade fundamenta-se sobre essa unidade da qual ela saiu e na qual ela está contida principialmente"

"Encarando deste modo o conjunto da manifestação universal, pode-se dizer que, na própria multiplicidade de seus graus e de seus modos, a "Existência é única", conforme uma fórmula que tomamos do esoterismo islâmico;(...)"

"Pode-se portanto dizer que o Ser é um, e que ele é a própria Unidade, em sentido metafísico, aliás, e não no sentido matemático, porque estamos aqui bem além do domínio da quantidade: "(René Guénon, L'Homme et son Devenir selon le Vedanta, pp. 64-65).

Também Schuon repete esta doutrina ao escrever: "Brahma não está no mundo", mas "toda coisa é Atmâ"; Brahma é verdadeiro, o mundo é falso" e : "Ele (o libertado, mukta) é Brahma.". "Toda a Gnose está contida nessas enunciações, como ela está contida também na Shahadah ou nos dois testemunhos, ou ainda nos mistérios crísticos"(F. Schuon, Comprendre l' Islam, p. 130. O negrito é meu).

E repare, meu caro Felipe, como Schuon admite e reconhece que tanto a doutrina brahmânica como a do Sufismo islâmico contém toda a Gnose. Só não se pode admitir sua interpretação dos "mistérios crísticos".

Guénon também despreza o indivíduo enquanto tal, valorizando-o apenas por sua potencialidade de atingir a divinização, de se unir ao Absoluto:

"O indivíduo humano, com efeito, é ao mesmo tempo muito mais e muito menos do que geralmente se pensa no Ocidente; ele é muito mais em razão de suas possibilidades de extensão indefinida para além da modalidade corporal, (...); mas ele é também muito menos, já que, bem longe de constituir um ser completo e suficiente em si mesmo, ele não é mais do que uma manifestação exterior, uma aparência fugidia revestida pelo ser verdadeiro, e pelo qual a essência deste não é de forma alguma afetada em sua imutabilidade" (René Guénon, *A Metafísica Oriental*, ed Ipviter, p. 40. Tradução de Olavo de Carvalho).

Nessas frases, Guénon afirma que o homem, enquanto indivíduo, não é nada, e que seu verdadeiro ser é imutável. Que o Homem é capaz de ultrapassar a sua corporeidade, que o individualiza, e atingir a divinização pela união com o Absoluto.

Olavo não só traduziu este texto gnóstico de Guénon, ele repete essa doutrina escrevendo:

"Sem dispensar os meios racionais - e, ao contrário, fazendo deles uma utilização cujo rigor deixa para trás tudo aquilo a que a filosofia profana está acostumada - a metafísica requer, além deles [dos meios racionais], uma "centralização" do sujeito cognoscente no único ponto-chave em que ele, criatura contingente, participa do Absoluto, e em seguida uma "ascensão" na qual ele abandona suas dimensões puramente individuais e se "reintegra" no Absoluto. Essas duas etapas correspondem respectivamente àquilo que a tradição chinesa denomina o estágio do "Homem Verdadeiro" - ou seja, a plenitude reconquistada do estado humano - e o estágio do "Homem Transcendente" que já é propriamente uma "divinização" e, portanto, uma ultrapassagem dos limites humanos".(Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, Nova Stella, São Paulo 1986, p.54).

Este trecho de Olavo seria suficiente para caracterizá-lo como gnóstico. E não se iluda quem julgar que ele aí - ao contrário da Gnose - alude ao uso de meios racionais, que ele mesmo, pouco além, afirma insuficientes. Não haja ilusão, porque, poucas linhas abaixo, Olavo afirma com todas as letras que o meio de divinização é um Conhecimento superior ao racional, que é o obtido pelas ciências comuns:

"Esse duplo movimento, de centralização e ascensão, está representado no simbolismo da cruz (René Guénon, *Le Symbolisme de la Croix*, Paris, Vega, 1931), e se realiza unicamente pelo conhecimento --embora num sentido muito mais efetivo do que aquele que a palavra "conhecimento" evoca hoje" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, p. 54).

Veja bem, meu caro Felipe, como Olavo atribui a divinização do homem a um Conhecimento superior ao conhecimento comum, isto é, à Gnose, conhecimento absoluto e salvador, porque divinizador.

Guénon chamou o Primeiro Princípio de "Principial".

Ora, Olavo escreveu:

"Principial", termo cunhado por René Guénon. (*La Crise du Monde Moderne*, Paris Gallimard, 1930), para designar o que se refere ao mundo dos princípios eternos e imutáveis, por

oposição ao mundo da manifestação" (Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, nota 3 do cap. VII, p. 91. O negrito é meu.).

Então temos aí bem explícito o primeiro item constitutivo da Gnose, tal como foi apresentado por Olavo de Carvalho: para Guénon e para Schuon - pelo menos - há oposição entre a divindade e o mundo manifestado.

Ele não pode deixar então de admitir que Guénon é gnóstico, pelo menos quanto ao primeiro item que ele mesmo apresentou.

Nessa nota, acima citada (Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, nota 3 do cap. VII, p. 91), Olavo não faz a menor restrição ou crítica à doutrina de Guénon sobre a oposição entre o mundo da manifestação e o não manifestado.

Será que em outras passagens ele refuta e recusa essa oposição?

Noutra nota, em outro de seus livros, Olavo afirma:

"O neologismo "princípioal" (em francês *princípioal*, *principielle*) foi cunhado especialmente por Guénon para designar aquilo que se refira à ordem dos princípios eternos e imutáveis, e não ao mundo das manifestações. O termo pode ser empregado de modo relativo ou absoluto. Sob o prisma absoluto, está claro que *princípioal*, propriamente, é só o princípio único, eterno e imutável, anterior, de certo modo, ao Ser. Sob o prisma relativo pode-se dizer que o Ser, em geral, é *princípioal* em relação à natureza, que é apenas uma de suas manifestações, e que a natureza é *princípioal* em relação à ordem sensível" (Nota 16 de Olavo de Carvalho, in René Guénon, *A Metafísica Oriental*, ed Ipviter, São Paulo, 1981, nota 16, p. 53).

Nessa nota se afirma - sem qualquer recusa ou restrição - que o "Princípioal", sob o prisma absoluto, é, de certo modo, anterior ao Ser.

Acreditava, então, Olavo que o "Princípioal" não era Ser?

Já vimos, porém, que para O. de C., pelo menos mais recentemente - porque ele muda "d'accento non di pensiero"...-- a Divindade é Ser, e que, nisso, ele discorda de Guénon. Entretanto, noutra passagem, ele diz que poder-se-ia chegar a um acordo nessa questão chamando o Princípioal de *Supra Ser*, em vez de *Não Ser* (Ver p. 52 deste trabalho).

Outro problema está em saber se admitindo, como faz Olavo, que a Divindade - o "Princípioal"--- é Ser, se ele admite também que as coisas que constituem o universo sejam seres análogos.

Nesse mesmo livro, o sr. O. de C. afirma: "O postulado de objetividade que funda a ciência moderna estabelece a existência de um mundo material objetivo, acessível ao conhecimento pelos sentidos e regido por leis matemáticas, ou matematicamente expressáveis."

"O enfoque tradicional concordaria com o caráter matemático do mundo objetivo --que aliás não é uma invenção moderna, mas uma herança do conhecimento tradicional, por exemplo através do pitagorismo. O que não poderia é concordar com a outra parte da hipótese de base, que tende - ora de maneira sutil, ora ostensiva - a identificar "objetividade" com "sensorialidade" ou "materialidade" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, ed cit., p. 57).

A idéia de que a objetividade não se identifica com a materialidade é correta. Deus, os anjos, a alma não são materiais, mas são seres objetivos, reais. Se ficasse nisso, Olavo teria razão.

Contudo, ele considera como objetivos, embora não materiais também os centauros e outros seres representados no Zodíaco.(Cfr. Olavo de Carvalho. *Astros e Símbolos*, p. 60).

Por outro lado, em outros textos, Olavo adere à doutrina de Guénon de que o mundo material não é real - portanto, que o mundo material não seria objetivo - a afirmação dele acima citada deve ser vista com certo cuidado. Deve ser matizada e considerada no conjunto do sistema exposto por Olavo.

Olavo, como os demais pensadores "tradicionais", não considerava, pelo menos quando escreveu esse livro *Astrologia e Religião*, os seres materiais como objetivos. Como os demais seguidores de Guénon, Olavo julgava, então, os seres materiais como realmente ilusórios. E, portanto, o mundo material, sendo ilusório, se oporia à Divindade concebida como único Ser.

Veja este outro trecho do Sr. Olavo de Carvalho no qual ele nega a objetividade do ser criado ou manifestado:

"Vivemos, movemo-nos e somos dentro dessa inteligência [divina], pois suprimida a inteligência, já não temos identidade humana nenhuma, e não somos nada."(Olavo de Carvalho, *Astros e Religião*, ed. cit. p. 64). Texto esse que o identifica com a Gnose sufi.

Está aí a prova de que, para Olavo, o mundo material não era, então, de fato, objetivo. O mundo seria objetivo apenas enquanto nele há, aprisionado na matéria, o Intelecto divino.

IV - 3. A Divindade e o Mundo na Gnose Sufi

Também para a Gnose sufi há essa mesma oposição entre Allah e o mundo criado, pois se considera Allah como Ser, os seres criados são puro nada, somente existindo pelo que neles existe da Divindade, aquilo que Ibn Arabi chama de "proprium", e que equívale ao âtmã da Gnose hinduísta.

Vejam-se algumas citações para comprovação.

"Porque aquele que pretende que algo distinto dEle [Allah] possa existir - pouco importa que seja por si mesmo, ou por Ele, ou nEle - que possa desaparecer ou extinguir-se, que pode extinguir-se a extinção também, etc, etc. tal homem entra em um círculo vicioso. Tudo isso é idolatria e nada tem a ver com a Gnose. Tal homem é idólatra e não conhece nada de Allah, nem de si mesmo. Se se pergunta por que meio se chega a conhecer o Si mesmo, isto é, o "proprium", a alma, e a conhecer a Allah, a resposta é : a via até estes dois conhecimentos está indicada com essas palavras: Allah é, e o nada com Ele. Ele é agora tal como era" (Ibn Arabi, *Tratado da Unidade*).

"Então Allah lhe permitiu ver que tudo o que não é Ele [Allah], incluindo o "si mesmo" do homem, não tem nenhuma existência. E viu que as coisas, tais como são: quero dizer, que viu que as coisas são a "quididade" de Allah fora do tempo, do espaço e de todo atributo"(Ibn Arabi, *op. cit.*).

‘Verás que não é que Allah tenha criado todas as coisas, senão que tanto no mundo invisível, quanto no mundo visível não há senão Ele, porque em nenhum dos dois mundos há um só ponto de existência própria."(Ibn Arabi, *op. cit.*).

"Na realidade, o distinto dEle não existe"(Ibn Arabi, *op. cit.*).

"A substância de teu ser ou de teu nada é a Sua Existência. Quando vires que as coisas não são distintas de tua existência e da Sua [Existência], e quando possas ver que a substância de Seu Ser é

o teu ser, e que teu nada nas coisas, sem ver nada que seja com Ele ou nEle, então isto significa que conheces a tua alma, teu "proprium". Quando se conhece o Si mesmo de tal maneira, ali está a Gnosis, o conhecimento de Allah, mais além de todo erro, dúvida ou combinação de algo temporal com a eternidade, sem ver na eternidade, por ela, junto a ela, outra coisa que a eternidade" (Ibn Arabi, op. cit.).

Daí a recusa explícita da analogia do ser:

"Pode-se falar de união entre dois ou mais, e não quando se trata de uma coisa única. A idéia de união ou de chegada comporta necessariamente a existência de duas coisas ao menos, análogas ou não. Se são análogas, são semelhantes. Se não são análogas, formam oposição. Porém, Allah - que Ele seja exaltado - está isento de toda semelhança, assim como de todo rival, contraste ou oposição." (Ibn Arabi, Tratado da Unidade).

Portanto, para o sufismo de Ibn Arabi, as coisas criadas são nada e, ao mesmo tempo, possuem a quiddidade, isto é a substância de Allah.

"Quando tiveres conhecido o que é verdadeiramente o teu "proprium", ter-te-ás desembaraçado do teu dualismo e saberás que não és distinto de Allah"(Ibn Arabi, op. cit).

"Desde o momento em que este mistério tenha sido desvelado a teus olhos-- que não és distinto de Allah - saberás qual seja o fim de ti mesmo, que não tens necessidade de aniquilarte, que jamais deixastes de ser, e que não deixarás jamais de existir..."(Ibn Arabi, op. cit.).

IV - 4. Panteísmo ou Gnose em Guénon?

Essa concepção da Unidade e da Unicidade do Ser poderia levar alguém a pensar que, com essa unicidade, se aceitaria o Panteísmo, isto é, que tudo é Deus, inclusive a matéria.

Engano: os autores que analisamos afirmam que os seres criados são de fato ilusórios. Rejeitam assim o panteísmo. E, realmente, Guénon recusa expressa e taxativamente o panteísmo:

Para Guénon há unidade do Ser, o que, à primeira vista, levaria a dizer, a quem examinasse a questão superficialmente, que Guénon defenderia um panteísmo crasso, o que está bem longe do que ele pensava, pois ele coloca uma diferença fundamental entre o "Principial" e o mundo das criaturas (o conjunto do manifestado, para usar o neologismo de Guénon), este mundo é ilusório e não metafisicamente real.

Isso, que dizemos, é confirmado tanto pelas citações que já demos de Guénon, como por um admirador e discípulo dele, Jean Tourniac:

"De resto, jamais Guénon pretendeu que o Cosmos manifestado, fosse Deus! Tudo está em Deus, mas nada é Deus senão Ele. Jamais a metafísica, em virtude de seu próprio nome, poderia confundir o mundo manifestado com seu Principio Eterno"

"Nós veríamos essa confusão do cósmico e do divino... mais nos evolucionistas católicos do que em Guénon, e nós não compreendemos como se pode acusar Guénon de gnosticismo e de idealismo platônico, e, ao mesmo tempo, de "cosmolatria". [de panteísmo].

"De outro lado, seria difícil recusar a asserção de Guénon sobre as forças cósmicas atrás das quais existe "alguma coisa de outra ordem das quais elas não são realmente senão o veículo e como a aparência exterior, de entidades psíquicas" (Jean Tourniac, op. cit. p. 94).

De fato, Guénon não pode ser dito panteísta, e sim gnóstico.

"Brahma

Guénon não identifica a Divindade e o Mundo das "manifestações, pois diz que este é ilusório e que os âtmãs que estão nos seres individuais do mundo manifestado devem se libertar para retornar ao principal, a Brahma. E isto é Gnose.

Pelo contrário, ele sempre afirmou que o universo material é metafisicamente ilusório, e que havia oposição entre o mundo manifestado na grosseria da matéria e o Princípal, mas que há Unidade de Ser, porque em tudo o que é manifestado "está presente", há algo da Divindade - âtmã - o que lhe permitia afirmar que só havia, de fato, unidade de ser. E isso é exatamente o que ensina a Gnose.

Há, pois que distinguir o Panteísmo, que identifica metafisicamente a Divindade e o Cosmos - daí a Cosmolatria - e Gnose, que opõe o Cosmos (ilusório) à Divindade (única Realidade), ao mesmo tempo que afirma que há algo substancialmente divino, aprisionado na matéria: o âtmã, ou o "Si".

Olavo de Carvalho, repete de modo menos inteligente, essas mesmas doutrinas de Guénon., dizendo que:

"Deus não está acima de nós no sentido em que o capitão está acima do tenente" (Olavo de Carvalho, artigo "Verdade sem dono", in Jornal da Tarde, 2- X- 1997).

Portanto, para ele, Deus não poderia mandar no homem, no que ele concorda com o ex Frei Boff, e com Frei Betto.

De modo que, em Guénon, e em Olavo de Carvalho, não há apenas "Sabor de Gnose" - como até alunos dele reconheceram - mas há mais: há a própria Gnose. Eles são gnósticos: o primeiro, mais elevado; o segundo mais grosseiro e mais mal ajambrado.

Essa Unidade do Ser - entendida de modo gnóstico e não panteísta - é própria também à doutrina do shiismo e do sufismo, que Guénon adotou explicitamente, e Olavo semi ocultamente. (Lembre-se que ele confessou ter tido uma "experiência" pessoal na seita de Idries Sha).

Henry Corbin explica essa Unidade do Ser - defendida por Guénon - muito clara e explicitamente, em sua obra sobre o Islam Shiita, na Pérsia.

"A fórmula disso é: La ilâha illâ'llâh (não há Deus senão Deus). E há o Tawhid ontológico (Tawhid wajûdi): é o Tawhîd esotérico (Tawhîd bâtin), aquele no qual concordam os Iniciados (os "Amigos de Deus", os Awliyâ) convidando os homens a considerar o ser em seu ato absoluto de ser, isto é, sem responsabilidade [em francês absout) pelas determinações que ele atualiza, porque não pode haver outro ser senão o ser. Compreender o sentido esotérico deste versículo: "Tudo o que existe sobre a terra se aniquila (fânin), somente persiste a Face de teu senhor em sua glória e em sua majestade"(55; 26-27) - é compreender a única realidade do ser único. A fórmula disto é; Laysa fi'l wajûd siwâ'llâh (só Deus é ser). Falando de monismo, evitemos criar equívocos com certos sistemas ocidentais modernos que nada tem a ver com o que tratamos aqui; seria preciso antes falar de théo - monismo, ou mesmo de théomonadismo." (Henry Corbin, En Islam Iranien, vol II, p. 104).

Fica então claríssimo: tanto em Guénon quanto no esoterismo islâmico e hinduísta, não há identidade da Divindade com o Mundo, o que seria panteísmo, mas haveria Unidade e Unicidade do Ser espiritual divino, pela presença substancial de algo da Divindade no ser manifestado, o *âtâmâ*, o éon, aquilo que Eckhart chamava de *Fünkenlein*, a chamazinha divina aprisionada no fundo da alma humana, o que não é panteísmo, e sim, Gnose (Teo - Monismo ou Teo monadismo, como propõe Corbin).

Que essa doutrina é a da Gnose, é confirmado pelo mesmo Henry Corbin:

"Somente aquele que se volta em direção ao ser (absout) livre de toda determinação que o entrave, e compreende que "não há senão Deus que seja ser", somente este aí escapa ao shirk secreto, inconsciente, professa a Unidade no verdadeiro sentido, [somente esse aí] é um ‘ârif, um gnóstico" (Henry Corbin, op. cit. Vol III, p. 195. O negrito é meu. Os itálicos são do original).

De tudo isso, portanto, se conclui que a doutrina de Guénon é gnóstica, e que Guénon é um ‘ârif, um gnóstico.

E, na medida em que Olavo de Carvalho defende, repete, e não recusa essa doutrina da unicidade do ser, pelo contrário, a afirma dizendo que há "identidade e unicidade do Ser" (Cfr. Astrologia e Religião, Nova Stella, p.1986, p. 17) e de oposição do mundo manifestado em relação à Divindade (Cfr. Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, nota 3 do cap. VII, p. 91), nessa medida, ele também é um gnóstico.

IV - 5. Oposição entre a Divindade e o Mundo material

No Item I da doutrina gnóstica citado por O de C., se diz que a oposição entre a divindade e o mundo se dá por causa da matéria "grosseira".

Caberia perguntar: haveria outra matéria não-grosseira, uma matéria sutil? Veremos isso, mais adiante.

Ora, Guénon tem uma concepção pessimista e depreciativa da matéria enquanto tal, pois diz: "...porque a matéria é essencialmente multiplicidade e divisão, e é, por isso, digamos de passagem, que tudo o que dela deriva só pode engendrar lutas e conflitos de todas as espécies, entre os povos como entre os indivíduos" (René Guénon, A Crise do mundo Moderno, ed. Veja, p. 73).

Ele opõe também o mundo das manifestações ao mundo "Principial", pois enquanto considera este o da imutabilidade, o mundo das manifestações - o Cosmos - é o do devir. Para ele toda a criatura é puro devir, sem ter nada de ser propriamente dito, sem ter nada de ontológico ou metafísico no sentido comum deste termo:

"(...) natureza" e "devir" são, na realidade sinônimos" (René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, p. 99). Por isso, ele notará que Dante colocou Lúcifer no centro do globo terrestre: "(...) essa mesma tendência a que acaba de se fazer referência é também, poder-se-ia dizer, a tendência "individualizante", aquela segundo a qual se efetua o que a tradição judaico-cristã designa como nome de "queda" dos seres que se separaram da unidade". [O que é uma concepção tipicamente gnóstica e não cristã, dizemos nós]. E em nota a esta frase, Guénon escreve: "É por isso que Dante coloca a residência simbólica de Lúcifer no centro da Terra, isto é, no ponto onde convergem de todas as partes as forças da gravidade; é, neste ponto de vista, o inverso do centro da atração espiritual ou "celeste", que é simbolizada pelo Sol na maior parte das doutrinas tradicionais"(René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, p. 121, nota 1).

IV - 6. A Divindade e o Mundo na Gnose de Mestre Eckhart

Essa oposição da Divindade incognoscível, oculta (Não-Ser) e de tudo o que compõe o mundo - conjunto dos seres manifestados, --- apareceu também nitidamente na Gnose de Mestre Eckhart.

"Antes mesmo que houvesse ser, Deus agiu; Ele fez o ser quando o ser não existia. Mestres de espírito frustrado dizem que Deus é um puro ser, Ele está mais acima do ser que o mais elevado dos anjos está acima de uma mosca. Eu falaria falsamente também se eu chamasse Deus um ser tanto quanto se eu dissesse que o sol é pálido ou negro. Deus não é nem isto nem aquilo. E um mestre diz: Aquele que crê conheceu Deus, e, se conhecesse qualquer outra coisa, não conheceria Deus. Mas quando eu digo que Deus não é um ser e que Ele está acima do ser, eu, dizendo isso, não lhe contestei o ser, mas, ao contrário, eu lhe atribuí um ser mais elevado" (Mestre Eckhart, Sermão Quasi Stella Matutina, in Sermons, Introdução e tradução de Jeanne Ancelet-Hustache, ed. du Seuil, n*9 p. 101).

E mais ainda dizia Mestre Eckhart:

"O ser é verdade? Se se interroga tal ou tal mestre, ele diria: "Sim!". Se me tivessem interrogado, eu teria respondido: "Sim!" Mas agora eu digo: "Não!", porque a verdade é assim super acrescentada (...) e se Ele não é nem bondade, nem ser, nem verdade, nem Um, que é Ele então? Ele é o Nada" (Mestre Eckhart, Sermão: n* 23, ed. cit. p. 21).

Desse modo, Deus enquanto relacionado com as criaturas é Ser, e é Ser de todas as coisas. Mas este Deus-Ser é apenas o adro da divindade, de Deus em si mesmo, que não seria ser, mas puro intelligere (cfr. Vladimir Lossky, Théologie Négative et Présence de Dieu chez Maître Eckhart, Vrin, Paris, 1973, pág. 213).

"(...) se Deus é ser, a criatura é nada; se a criatura é ser, Deus é superior ao ser e infinitamente não semelhante de tudo quanto existe"(V. Lossky, op. cit. p. 296).

Será preciso lembrar que Eckhart foi condenado pela Igreja como herege? (Cfr. Denziger, 501 a 529).

E Olavo de Carvalho, como Guénon e Tourniac, aponta Mestre Eckhart como um dos elos da corrente esotérica e "tradicionalista" do cristianismo.

Também Eckhart aceitava que a Divindade fosse Ser, desde que, então, se considerasse as criaturas como Não-Ser. A nota gnóstica está na oposição radical e absoluta entre a Divindade e o Universo. Também o gnóstico Bhagavad Gîta aceita que a Divindade possa ser considerada ou como ser, ou como Não Ser:

"Ó Infinito, senhor dos deuses, em quem o mundo habita, tu, imperecível, o ser e o Não-Ser, e aquilo que está além"(Bhagavad Gîta, XI, 37).

Veja, meu caro Felipe, que o Bhagavad Gîta coincide com o pensamento de Mestre Eckhart, e que, tanto Guénon quanto Olavo de Carvalho podem se apoiar, ambos, nesse mesmo texto do Gîta.

Aliás, um "historiador" biógrafo de Guénon, tido como católico ou pelo menos como cristão, Jean Tourniac, testifica que a metafísica de Eckhart é muito semelhante às doutrinas orientais e ao budismo Zen:

"É verdade que Eckhart não hesita em expor publicamente elementos doutrinários que estão singularmente próximos das perspectivas orientais, (..)

"(...) comparou-se o ensinamento de Mestre Eckhart ao do budismo Zen, e há muito de verdade nessa comparação" (Jean Tourniac, *Propos sur René Guénon*, Dervy - Livres, Paris, 1973, p.41).

O que torna a doutrina de Eckhart semelhante às doutrinas orientais é que todas elas são variações da Gnose.

E Schuon - que é outro dos gnósticos a quem Olavo diz ser devedor doutrinariamente - que diz Schuon desse problema?

"Ora, entre os conceitos inacessíveis ao exoterismo - [às religiões positivas] ---, o mais importante é talvez, pelo menos em certo sentido, o da gradação da Realidade Universal: a Realidade afirma-se por graus, sem deixar de ser una, achando-se os graus inferiores dessa afirmação absorvidos nos graus superiores, por integração ou síntese metafísica. É a doutrina da ilusão cósmica: o mundo não é apenas mais ou menos imperfeito ou efêmero, é sim desprovido de existência face à Realidade absoluta, pois a realidade do mundo limitaria a de Deus, o único que "é". Mas o Ser em si, que mais não é que o Deus pessoal, é por sua vez ultrapassado pela Divindade impessoal ou suprapessoal, o Não-Ser, de que o Deus pessoal ou o Ser é apenas uma primeira determinação a partir da qual se desenvolvem todas as determinações secundárias que constituem a Existência Cósmica. Ora, o exoterismo não pode admitir nem a irrealidade do mundo, nem a realidade exclusiva do Princípio Divino, nem sobretudo, a transcendência do Não-ser em relação ao Ser, que é Deus" (Frithjof Schuon, *A Unidade Transcendente das Religiões*, Dom Quixote, 1991, pp 49-50. Os negritos são meus).

Veja, meu caro Felipe, como neste texto de Schuon - um dos mestres preferidos de Olavo-- fica patente a doutrina de oposição entra a Divindade (Nada, Não-Ser), e Deus (Ser), entre a Divindade (Única Realidade) e o mundo (ilusório).

Guénon repete essa mesma doutrina ao dizer:

"O Mundo, entendendo por essa palavra o conjunto da manifestação universal, não pode distinguir-se de Brahma senão de modo ilusório, enquanto que, pelo contrário, Brahma é absolutamente "distinto daquilo que Ele penetra", isto é, do Mundo, pois que não se lhe podem aplicar nenhum dos atributos determinativos que convém a este, e que a manifestação universal toda inteira é rigorosamente nula com relação à Sua Infinitude". (René Guénon, *L'Homme et son Devenir selon le Vedanta*, Ed, Traditionnelles, Paris, 1991, pp. 89-90).

E Jean Robin escreveu:

"A doutrina da Unicidade da existência, de fato, implicava a dos estados múltiplos do Ser, evocada na seguinte passagem de Tchoang-Tseu, citado por Guénon: "Não vos pergunteis se o Princípio está nisso ou naquilo. Ele está em tudo o que é. Por isso Lhe são atribuídas as qualidades de grande, supremo, inteiro, universal, total (...) Aquele que fez com que os seres fossem seres, (Ele mesmo) não está submetido às mesmas leis dos seres. Aquele que fez de modo que os seres fossem limitados, é ilimitado, infinito.(...) Enquanto manifestação, o Princípio produz a sucessão das suas fases, mas, Ele mesmo não é condensação ou dissipação. Tudo procede dEle e se modifica com e sob Sua influência. Ele está em todos os seres, por definição, mas Ele não é idêntico aos seres, não sendo diferenciado, nem limitado" (Jean Robin, *René Guénon, Testimone della Tradizione*, Ed Cinabro, Catania, 1993, p. 95).

E Olavo de Carvalho, seguindo as lições de seus mestres no Tradicionalismo esotérico, escreveu que "a reta simboliza o princípio da divisão - a substância" o estado de ser mais afastado do Ser puro. (Cfr. Astrologia e Religião, ed. cit. p. 80).

IV - 7. Discordância entre Olavo e Guénon?

É verdade que Olavo diz separar-se de Guénon precisamente nessa questão de considerar o Primeiro Princípio - o "Principial" - como Não-Ser ou como ser:

"O ponto chave dos erros de Guénon - que até hoje ninguém neste mundo parece ter enxergado, nem mesmo seus concorrentes da escola schuoniana - é de natureza puramente metafísica: está na sua doutrina do Não-Ser e das "possibilidades de não-manifestação". Esclarecida e derrubada essa doutrina intrinsecamente absurda, manifestam-se os verdadeiros pontos de discordância entre cristianismo e guénonismo, bem como sua via de conciliação. Explico isto mais extensamente em meu Diário Filosófico ". (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, Diadorim, Rio de Janeiro, 1995, pp. 305-306, nota 170. O negrito é meu. Infelizmente não possuo o tal Diário Filosófico, que deve ter cada coisa...).

Repare duas coisas:

- 1) Olavo pretende ser possível conciliar guénonismo e cristianismo;
- 2) Por esse texto acima, Olavo não aceita que a divindade seja Não-Ser.

Isso o eximiria de aceitar a Gnose?

Não basta. Porque em outros escritos Olavo defende doutrina mais matizada e não tão oposta a de Guénon sobre o Não Ser:

"Segundo se vê em "Les États Multiples de l'Être", a teoria do Não-Ser implica, para além das possibilidades de manifestação e das impossibilidades de manifestação, uma terceira coisa que Guénon chama "possibilidades de não-manifestação". Esta noção é um "flatus vocis": ou ela designa apenas possibilidades de manifestação que efetivamente não se manifestaram, ou então puras impossibilidades de manifestação. Ora, as possibilidades de manifestação e as impossibilidades de manifestação, juntas, compõem o domínio propriamente dito do Ser, nada sobrando para além dele senão um conceito vazio. Na verdade a expressão Não-Ser só vale como figura de linguagem, para designar os aspectos superiores e mais sublimes do Ser mesmo, seu lado misterioso e eternamente desconhecido, ou imanifestado, portanto qualidades do Ser e não uma outra entidade substancialmente distinta. Creio que o próprio Guénon não ignorava isso. Alguns de seus colaboradores preferiram mesmo usar em vez de Não-Ser a expressão Supra-Ser para designar o Brahman, o eternamente imanifestado, distinguindo-o de Ishwara, o Ser manifestado. Isso basta para eliminar toda confusão a respeito." (Olavo de Carvalho, in Diário Filosófico, apud e-mail a aluno. Negrito nosso.)

Portanto, a diferença entre Olavo e Guénon seria de terminologia e não de conteúdo: em vez de Não Ser, Olavo prefere usar a expressão Supra Ser.

Ora, também esta não é uma idéia original de Olavo.

O gnóstico Mestre Eckhart já a havia adotado:

"Deus não é bom, ele não pode portanto tornar-se melhor, e porque ele não é melhor, ele não pode vir a ser o melhor (...). Ele está acima de tudo isso! Se eu digo ademais que Deus é sábio, isso não é verdade; eu sou mais sábio do que ele! Se eu digo ainda que Deus é alguma coisa que é, isso não é verdade; ele é algo absolutamente transcendente, ele é um supra ser não-ser"(Mestre Eckhart, Sermão: Da Renovação do Espírito, Obras de Mestre Eckhart, pp. 131, apud, G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 566. O itálico é do autor).

Aproveito aqui, meu caro Felipe, observações que você me fez na carta mais recente que você me enviou:

A expressão Supra-Ser em vez de Não-Ser é utilizada pelo próprio Schuon, em "O Mistério do Véu", segundo ensaio do livro O Esoterismo como Princípio e como Caminho, escrito após A Unidade Transcendente das Religiões.

É claro que há muito de artificial em toda esta controvérsia, haja visto o caráter dialético da gnose, para a qual, em última instância, Deus é - usando a fórmula do gnóstico Nicolau de Cusa - a coincidentia oppositorum. Nasr o reconhece a seguir, ao afirmar que tanto faz chamar a Divindade de Ser ou Não-Ser, desde que se lhe oponha o mundo:

"Ela [a Divindade] é Vazio se o mundo é encarado como plenitude e Plenitude se o relativo é percebido à luz de sua pobreza ontológica e vazio essencial. (9)"

E na nota nove, ele esclarece:

"(9)...metafisicamente falando, o conceito de Realidade Suprema como vazio e como plenitude se complementam um ao outro como o símbolo yin-yang e ambos se manifestam integralmente em toda tradição integral. Mesmo no Cristianismo, em que o simbolismo da Plenitude Divina é enfatizado e desenvolvido com notável elaboração na teologia franciscana, especialmente a de São Boaventura, a visão complementar de vazio aparece nos ensinamentos do dominicano Meister Eckhart, que fala do 'deserto da Divindade'." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, p. 134 e nota 9, p. 155-156)"

Até aqui, Felipe, vai a citação de sua carta, que tenho prazer em agregar a esse trabalho, como contribuição de um ex aluno de Olavo, que percebeu onde as brumas esotéricas olavianas o estavam levando.

E não posso deixar sem protesto a agregação do nome de São Boaventura nessa citação de Nasr, onde o Doutor Seráfico aparece como Pilatos no Credo.

IV - 8. Toda criatura é puro fluxo. A Dialética Ontológica

Outra nota de oposição entre a Divindade e o Mundo criado - pelo menos na visão de Guénon - proviria do caráter dialético das coisas criadas, que faria delas um fluxo, um devir perpétuo, sem existir sujeito de mudança. O ser criado, para a Gnose, seria puro fluxo, e não propriamente Ser

Como vimos, quando a Gnose considera a Divindade como Ser, então, as criaturas não tem senão um ser aparente ou ilusório. Se a Gnose afirma que a Divindade é Nada absoluto, então é a criatura que é tida como ser.

Em todo caso, nas duas situações, ela vê a criatura como dialética, isto é, como sendo o resultado de uma luta de dois princípios iguais e contrários, que na Gnose Taoísta são chamados de Yin e Yang.

Daí, ela considerar que toda criatura não é ser, mas apenas devir, fluxo, ou mudança, sem haver propriamente um sujeito de mudança, tal como dizia Heráclito.

Benoist cita a mesma imagem usada por Heráclito para afirmar o fluxo do devir:

"A Criação deve ser, por conseguinte, um fluxo permanente como a água que corre cria a permanência do rio"(Luc Benoist, El Esoterismo, p.15).

Guénon, também, defende essa teoria em vários de seus livros.

"A tradição extremo oriental em sua parte propriamente cosmológica atribui capital importância aos dois princípios, ou, se se preferir, às duas "categorias" que designa pelos nomes de yang e yin: tudo o que é ativo, positivo ou masculino é yang, tudo o que é passivo, negativo, ou feminino é yin. Em todas as coisas o lado claro é yang, e o escuro é yin, mas um não existindo nunca sem o outro, eles aparecem como complementares muito mais do que como opostos".(...) "Segundo o que já dissemos, é fácil compreender que yang é o que procede do Céu e yin o que procede da natureza da Terra(...) o aspecto Yang dos seres corresponde ao que neles há de "essencial" ou de "espiritual", e sabe-se que o Espírito é identificado com a luz pelo simbolismo de todas as tradições; por outro lado, seu aspecto yin é aquele pelo qual se liga à "substância", e esta, devido à "inintegridade" inerente à sua indistinção ou a seu estado de pura potencialidade, pode ser definida propriamente como a raiz obscura de toda a existência" (René Guénon, A Grande Tríade, pp. 29-30. O negrito é meu).

Não é necessário mostrar como essa doutrina é fortemente dualista, nem como os conceitos de essência e de substância são usados de modo abusivo, nem ainda como Guénon coloca um tom negativo na raiz obscura de toda existência, já que ele declara que a luz está relacionada com o Espírito.

Disso tudo, desse conceito dualista do ser proveniente da idéia do Yang e do yin, Guénon conclui que: "todo ser é andrógino" (René Guénon, A Grande Tríade, p. 30). O que é uma formulação tipicamente alquímica e gnóstica.

Desse choque de princípios opostos é que resulta a perpetua mutação, proveria idéia de que só existe o devir e não sujeito do devir, isto é, que todo ser é fluxo:

"(...) natureza" e "devir" são, na realidade sinônimos" (René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, p. 99).

Também para o sr. O de C. o ser criado é puro fluxo, puro devir:

Com efeito, Olavo de Carvalho em muitos textos repete essa noção depreciativa do ser criado - "manifestado" - que é típica da Gnose e, como vimos, da doutrina de Guénon.

Falando do conceito dialético do ser de Hegel, ele já havia afirmado - sem qualquer restrição - que: "Em outras termos: ser é devir" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 32).

E não venha o sr. Olavo dizer que estamos atribuindo a ele o conceito de ser de Hegel, porque essas conclusões ele tira de seu raciocínio anterior sobre o Ying e yang, isto é, sobre a dialética dos contrários na gnose Taoísta, que ele vê confirmada em Hegel.

Tanto ele aceita essa noção de ser como fluxo, pelo menos no "mundo manifestado", que, pouco adiante, ele diz:

"Na astrologia, o símbolo que evoca esse segundo enfoque é o do ciclo lunar. Este projeta na tela dos céus o espetáculo da permanência na mudança, do ser que se revela e constitui no devir" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 32).

É do dualismo metafísico do ser --que Olavo aceita - que ele tira o conceito de ser como puro devir, o que faz de Olavo de Carvalho um seguidor da metafísica de Heráclito e não de Aristóteles. E Heráclito também pode ser apontado como um filósofo de pensamento gnóstico.

IV - 9. Evolução da Divindade e sua Manifestação no mundo das criaturas

Para Olavo de Carvalho, como para os demais defensores da Tradição primordial, a Divindade, que Guénon chama de "Principial", seria una, eterna, imutável. Porém, que essa afirmação não engane. O termo "Imutável", em si mesmo, não significa que a Divindade não tenha se transmutado no Cosmos. Dizem, os que se auto denominam filósofos "perennialists", que a Divindade se manifestou primeiro emanando o Primeiro Ser - Ishiwara, no Hinduísmo --e depois todas os demais "níveis de ser", ou " os Múltiplos Estados de Ser", como expõe Guénon.

"Aqui, nos é preciso insistir um tanto sobre um ponto essencial: é que todos os princípios ou elementos de que falamos, que estão descritos como distintos, e que o são efetivamente do ponto de vista individual, não o são entretanto senão neste ponto de vista apenas, e não constituíam na realidade senão outras tantas modalidades manifestadas do "Espírito Universal" (Atma). (René Guénon, *L'Homme et son Devenir selon le Vedanta*, ed. cit. p. 89).

E pouco depois diz Guénon: "assim o Mundo, entendendo por essa palavra o conjunto da manifestação universal, não pode se distinguir de Brahma senão de modo ilusório, enquanto que, pelo contrário, Brahma é absolutamente "distinto daquilo que ele penetra", isto é, do Mundo, pois que não se Lhe pode aplicar nenhum dos atributos determinativos que convenham a este aqui, e que a manifestação universal toda inteira é rigorosamente nula em face de Sua Infinitude." (René Guénon, op. cit p. 90).

Fica claro que o universo provém da Infinitude de Brahma, e que Guénon o considera como ilusório, como não ser. Portanto, que há uma oposição completa entre a Divindade e o mundo da manifestação.

Guénon, expondo a doutrina Taoísta, afirma: "Os dez mil seres são produzidos (tsao) por Tai-i (que é idêntico ao Tai-ki), modificados (hua) por yin-yang, pois todos os seres provém da Unidade principal", mas suas ações no "devir" devem-se às ações e reações recíprocas das "duas determinações"(René Guénon, *A Grande Tríade*, ed. Pensamento, São Paulo, p.33. O negrito é meu).

E se Guénon diz que tudo emana da Unidade principal, Olavo vai repetir isso mesmo, pois ele só ecoa - se fosse em classe de escola, dir-se-ia que ele só cola - o que seus mestres "tradicionalistas" dizem.

"A linha horizontal não é outra coisa senão o ideograma I, que significa o número 1, e também, segundo Wieger, a unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, Ed. Nova Stella, São Paulo, 1985, p.74-75. O negrito é do autor. O sublinhado é meu)., o Ser é portanto o extremo limite onde estão contidas todas as mutações que constituem e dissolvem os entes"

Não disse?

Tinha certeza que Olavo ia colar também isso.

Portanto, Olavo escreveu: da "Unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas".

E chamo sua atenção para o verbo "emanar". Olavo não fala em criação dos seres do universo, e sim em emanação, exatamente como afirma a Gnose.

IV - 10. Tipos de matéria: a grosseira e a sutil

Vimos que no primeiro item Olavo indica que a Gnose "opõe a Divindade ao mundo da matéria grosseira".

Ora, vimos que há sistemas gnósticos, como os da Cabala e o do Romantismo que aceitam a matéria, embora a oponham à Divindade. Esses sistemas são exatamente aqueles nos quais se distingue uma "matéria grosseira" das coisas deste nosso mundo visível, e uma "matéria sutil" própria de seres de um mundo superior ao nosso.

Para citar só um exemplo da teoria gnóstica da matéria sutil, limitar - me - ei à da Gnose islamita, tão apreciada por seu Olavo:

"Esta metafísica [do ser como luz] provém, com suas variantes particulares, da metafísica da luz largamente professada pelas escolas teosóficas tradicionais na cristandade, no Islam e entre os Cabalistas judeus. A doutrina dos quanta de tempo e de espaço, em Oâzi Sa'id Qommi, não é senão uma conseqüência da análise aplicada ao conjunto da metafísica do ser, e pela qual desaparece o hiatus entre o que é chamado Espírito e o que é chamado Matéria. Há uma só e mesma Luz diferenciada em múltiplos graus de condensação e de subtilidade; há uma "matéria espiritual" e há uma matéria no "estado material"; o corpo no mundo do Malakût se torna um corpo espiritual sutil. De um modo geral, pode-se dizer que esta metafísica tradicional da Luz precedeu os resultados de nossa moderna física da luz, na medida em que esta tornou definitivamente precária toda fronteira interposta entre "material" e "imaterial" (Henry Corbin, En Islam Iranien, Vol. IV, p. 198).

Conforme a Gnose shiita, haveria um mundo imaginal intermediário entre o mundo sensível, da materialidade grosseira, e o mundo intelectual, puramente espiritual. Este mundo imaginal era chamado de Hûrqaliâ, na Gnose shiita.

O Sheik Ahmad distinguia:

"1o) Há o primeiro jasad que chamaremos de Jasad A, e que é entendido como sendo o corpo elementar, material e perecível. É o corpo aparente de cada um de nós, aquele que podemos ver, tocar, pesar, reconhecer. É uma formação acidental e caduca, resultante de uma composição de elementos físicos sub lunares.

" 2o) Há um segundo jasad que chamaremos Jasad B; ele é escondido e oculto a nossos olhos no jasad A; ele também é uma formação elementar, mas, diferentemente do primeiro, não são os elementos terrestres perecíveis, os de nossa Terra material que o constituem; são os elementos - arquetipos ou elementos subtis da "Terra de Hûrqaliâ". Este segundo jasad é portanto uma formação pertencente ao mundo intermediário, ao mundo do barzkh ou mundus imaginalis; ele tem por conseqüência dimensões mas diferentemente do primeiro jasad, ele não é um corpo acidental, é um

corpo essencial e imperecível; é o corpo elementar subtil, o corpo de "carne espiritual", caro spiritualis.

"3o) Há o primeiro jism: chamêmo-lo de Jism A. Diferentemente dos dois jasad, ele não é um corpo elementar; ele não pertence aos Elementos terrestres nem aos Elementos subtis. Ele parece com o Jasad A porque ele é como ele accidental, não durável para sempre.. Ele parece com o Jasad B no sentido em que ele é, como ele, uma formação do mundo intermediário. Entretanto, não é dos Elementos subtis da Terra de Hûrqliâ que ele provém (isto é, da região que ai corresponde ao clima terrestre do Ocidente cósmico); ele se origina na matéria celeste e nos Céus de Hûrqliâ (isto é, na região correspondente às Esferas, ao clima celeste do Ocidente cósmico). É o corpo celeste subtil destinado a se reabsorver, o corpo astral.

"4o) Há o segundo jism, que chamaremos Jism B, e que é o corpo subtil essencial, arquétipo, eterno e imperecível (jism asli haqîqî); jamais o espírito se separa dele, porque ele é constituído de individualidade eterna. Dele se pode dizer que ele é corpo supracaeleste no homem" (Henry Corbin, Corps spirituel et Terre Céleste, De l' Iram Mazdéen À l' Iran Shî'ite, Buchet Chastel, Paris, 1979, pp.115 e 116).

É essa correspondência "analógica" entre o mundo material grosseiro e o mundo imaginal subtil que permite, junto com a dialética, à Alquimia afirmar que a matéria e espírito são correlatos: que a matéria é espírito cristalizado, e que o espírito é matéria sublimada, doutrina essa, alquímica e gnóstica, que se encontra em Jacob Boehme e em seus seguidores, tais como Von Baader, Oetinger, Benguel, e, mais tarde, no próprio Hegel.

Baader distingue uma matéria incorruptível do ser eterno, e outra corruptível do ser temporal. Diz ele: "Confundir ou separar espírito e matéria, como fazem o panteísmo e o espiritualismo, constitui um erro; fazer do espírito e da matéria dois princípios hostís é outro erro(...)há separação entre espírito e a matéria, pelo fato que não se os distingue; não há também hostilidade entre eles". (E. Susini, Franz Von Baader et le Romantisme Mystique, Vrin, Paris, 1942, vol. II, p. 454).

Para Oetinger, cabalista cristão (luterano), alquimista e pré romântico, "O volátil se fixa e o fixo se volatiliza. Isso significa que o espírito se torna corpo, e o corpo se torna espírito. (...) O perfeito símbolo dessa alquimia é Jesus Cristo: em sua pessoa, o Espírito revestiu uma forma corporal e o corpo de carne se espiritualizou com a ressurreição. Essa pessoa é por excelência o lugar do encontro entre o espírito e o corpo (...) É universalizando essa verdade que Oetinger declara de um lado que tudo é espírito, de outro lado, que tudo o que é espírito, é também corpo"(Pierre Deghaye, La Philosophie Sacrée d'Oetinger, in Kabbalistes Chrétiens, Albin - Michel, Paris, 1979, p. 247).

Também Luc Benoist afirma a existência de vários mundos:

"Desde uma concepção universal, o mundo se apresenta sob três aspectos: um estado de não manifestação que representa a Possibilidade Universal, um estado de manifestação informal ou subtil que representa a Alma do Mundo e um estado de manifestação formal ou bruta que é o do mundo substancial dos corpos"(Luc Benoist, El Esoterismo, ed. cit., p. 9).

Mais adiante, Benoist vai se referir a um quarto "mundo ":

"Além e acima dos três mundos, o da manifestação corporal, sutil e informal, há um quarto estado não manifestado, princípio dos outros três. É o mundo do En Soph hebreu [da Cabala], da Libertação hindu, da identidade suprema do Islam, e chega-se a ele depois de ter passado além do manifestado, além da obscuridade, quando se pode ver, dizem os textos hindus, o outro rosto da obscuridade. É o estado do yogui hindu e do Homem universal islâmico" (...) "Libertação,

conhecimento e identidade não são senão um só e mesmo estado em que o sujeito, o meio e o fim se identificam. Somente o yogui, que corresponde também ao pneumático da Gnosis pode obter uma libertação na vida (...)” (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 22).

Poder-se-iam fazer muitas outras citações, que lhe poupo, para não alongar mais ainda esta "lettre - fleuve".

E Olavo? Aceita ele, com a Gnose islâmica, que existe uma matéria sutil e uma matéria grosseira, sendo esta o que há de mais oposto à Divindade? Aceita ele que existe um mundo imaginal, sutil?

Falando do Zodíaco, Olavo explica que usando a palavra zoon para designar os seres do Zodíaco, os gregos queriam dizer que essas criaturas eram de fato seres reais, vivos. Diz mais: "é forçoso concluir que, se designaram tais criaturas pela palavra zoon, foi porque as consideravam tão reais quanto os elefantes ou as minhocas, e não simples produções do psiquismo humano. De fato, a idéia de identificar "realidade" e "corporeidade" não passou pela cabeça de ninguém antes do século XIX e os gregos não tinham portanto nenhum motivo para crer que o incorpóreo fosse necessariamente subjetivo" (Olavo de Carvalho. Astros e Símbolos, p. 60. O negrito é do autor).

E depois de dizer essa enormidade, continua, mais adiante Olavo:

"Seres como a cabra marinha e o centauro possuíam, portanto, uma fórmula própria de realidade, distinta tanto da presença corpórea quanto da pura ideação subjetiva. Essa forma de realidade intermediária foi denominada em latim mundus imaginalis, e o termo "imaginal" pressupunha uma distinção radical entre ela e o "imaginário" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 60).

E ainda: "O mundus imaginalis é o âmbito das hierofanias, das aparições sacrais, (...)” (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 61).

Dizendo isso, Olavo se enfileira no pelotão dos esotéricos, pois Luc Benoist também diz que no, 'mundo intermédio', "se encontram os prolongamentos extra corporais dos indivíduos, as energias das entidades não humanas, as influências dos 'gênios elementares' ou elementos de Paracelso, que as tradições chamam de gnomos, ondinas, silfos, salamandras, djins, demônios" (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 14).

Pelo menos, Olavo pode dizer que não está sozinho nesse delírio, o que sempre é uma consolação...

Olavo, que tão dado é aos estudos de esoterismo islâmico, e que cita elogiosamente o gnóstico shiita Henry Corbin, cita também a expressão mundus imaginalis, típica da Gnose shiita. Logo, ele conhece e aceita a existência desse mundus imaginalis constituído de uma corporeidade sutil, que é uma crença própria da Gnose shiita.

Por outro lado a Alquimia tem como verdade e certeza que a matéria é espírito cristalizado, e que o espírito é matéria sublimada.

"Os próprios alquimistas descrevem freqüentemente o objetivo de sua obra como "volatilização do sólido e solidificação do volátil", ou como "espiritualização do corpo e corporeificação do espírito" (Titus Burckhardt, Alchimie, sa Signification et son Image du Monde, Thot, Milan, sem data, original ed. alemã de 1960, p.80. A tradução é minha).

"Como dizem os alquimistas, o "corpo" deve se tornar "espírito" e o "espírito" deve se tornar "corpo" (Titus Burckhardt, op. cit. p. 82).

Para os alquimistas - e a Alquimia, como veremos, é uma ciência gnóstica - "(...) a matéria permanece um aspecto ou uma função de Deus. Não é uma realidade separada do espírito, mas o complemento necessário dele"(Titus Burckhardt, op. cit., p. 57).

"Para a humanidade "arcaica" - que não faz a separação artificial entre matéria e espírito - (...) (Titus Burckhardt, op. cit., p. 13).

"A concepção de uma matéria radicalmente separada do espírito, tal qual se apresenta tanto na teoria quanto na prática em nosso mundo moderno - a despeito de certas correntes filosóficas opostas - não é de nenhum modo evidente em si.

(...) "Conforme Descartes, o espírito e a matéria são duas realidades radicalmente distintas que, segundo um plano divino, se reencontram apenas num único ponto: o cérebro humano(...) Para os povos antigos, a matéria era como um aspecto de Deus. Nas civilizações comumente chamadas arcaicas, essa perspectiva era imediata e ligada à experiência sensível, porque essa aqui, a matéria, era a terra em seu aspecto de perenidade, como princípio passivo de todas as coisas visíveis, enquanto que o céu representava o princípio ativo e gerador. Estes dois princípios são como as duas mãos de Deus. Eles estão reciprocamente relacionados como macho e fêmea, pai e mãe, e não podem ser dissociados, porque em tudo o que produz a Terra, o Céu está presente como princípio gerador"(Titus Burckhardt, op. cit., pp.55-56).

Dada essa correlação e esta identidade dialética entre matéria e espírito, para a Alquimia poderia ser dito que a própria alma espiritual possuía uma "matéria (Cfr. Titus Burckhardt, op. cit., p. 66).

E Olavo, que cita, admira e recomenda Titus Burckhardt como um de seus mestres, Olavo defende a Alquimia, que é uma ciência gnóstica, como provaremos adiante.

Por tudo isso, é seguramente uma simplificação própria de enciclopédia popular o que Olavo cita em seu primeiro ponto fundamental da Gnose. E a expressão "matéria grosseira" que Olavo usou - ou copiou - deixa aberta a porta para a admissão da existência de uma suposta matéria sutil, típica da Gnose e da Alquimia.

IV - 11. Conclusão deste primeiro item

Registremos então este ponto: para Olavo de Carvalho, o Princípial é Ser, é único, eterno e imutável, embora ele tenha dito que ele é chamado também de "Inexistente", pelos filósofos que pretendem ter um "conhecimento", uma "Sabedoria terminal", superior à própria Filosofia, isto é, a Gnose.

Registremos ainda que para Olavo de Carvalho tudo o que existe no Cosmos emanou da Unidade primordial, ou Ser.

Resumindo: o sr. Olavo de Carvalho afirma:

- 1) Que há oposição entre o "Princípial" e o mundo manifestado.
- 2) Que, ao contrário do que diz Guénon, o Princípial seria Ser ou Supra Ser.
- 3) Mas, com Guénon e Schuon, ele concorda que o mundo manifestado é pura ilusão. Que o ser criado é fluxo, é devir.

4) Que há um dualismo no ser manifestado, que é expresso pelos princípios: do Yin e do Yang, da Gnose taoísta. O que significa aceitar o dualismo metafísico no ser criado, contrariando os princípios de identidade e de não-contradição, princípios esses recusados pela Gnose.

5) Que a tendência à individuação é má. De onde decorre logicamente sua condenação do princípio de individuação, que é a matéria. Daí o seu desprezo por tudo o que é individual, enquanto tal, que só teria valor enquanto potencialidade de divinização, pois, como ensinou Guénon, o indivíduo é Deus em potencial, pelo seu "Si"

6) Ele aceita a doutrina guénoniana dos "estados múltiplos do ser ", que conduz à negação do mundo "manifestado", considerado como mera ilusão.

7) Ele apóia, sem fazer restrições --a não ser negando que o Princípial seja Não-Ser - autores que são patentemente, e às vezes, confessadamente gnósticos como Guénon, Schuon, Burckhardt, Nasr, Ibn Arabi, etc.

V - O 2º Item da Gnose, segundo Olavo de Carvalho: o Demiurgo

"O Criador apresentado como uma divindade secundária imperfeita ou má, em contraste com a suprema divindade espiritual".

Essa oposição já foi vista em muitas das citações do item anterior, nas quais ficou patente que os pensadores da escola guénoniana admitem que há uma distinção metafísica entre a Divindade e Deus. Se a Divindade é considerada como Não-Ser, como diz Guénon, ou como Supra Ser, como sugere Olavo, Deus e o Mundo serão tidos como Seres. Se a Divindade é considerada como Ser, como afirma Olavo, Deus será tido como Nada, ou Não-Ser.

Esse Deus, primeira manifestação da Divindade, teria sido o Criador, o causador das manifestações divinas. É a este Criador que a Gnose sempre chamou de Demiurgo, aquele que a Bíblia denominou Yahwé.

É fácil provar que a escola de Guénon defende essa tese. Para isso basta citar o artigo Le Demiurge - o Demiurgo - que René Guénon publicou na Revista La Gnose, no 1, novembro - dezembro de 1909, e janeiro de 1910, sob a assinatura de T. Palingenius, nome que ele adotou, quando foi sagrado Bispo da Igreja Gnóstica. (Cfr. René Guénon, Mélanges, "Le Demiurge, Gallimard, Paris, 1976).

Nesse artigo - ao qual jamais O de C. fez reparos ou recusou adesão, pelo contrário apoiou e elogiou --Guénon expõe largamente a doutrina gnóstica do Criador oposto à Divindade.

Ele começa exatamente, como toda Gnose, tratando da questão da origem do mal e pergunta : "Si Deus est, unde malum? ".

E ele responde a essa questão, como todo gnóstico, dizendo que o imperfeito não pode provir do perfeito. Portanto, recusando o ser por analogia (no sentido tomista do termo analogia).

René Guénon - cuja defesa por O de C. deu início a este debate - escreveu:

"É evidente que o perfeito não pode produzir a imperfeição, já que se isso fosse possível, o perfeito deveria conter em si mesmo o imperfeito em estado principial, com o que deixaria de ser perfeito. O imperfeito não pode proceder do perfeito por via de emanção; assim, não poderia resultar senão da criação "ex nihilo"; mas como admitir que algo possa proceder do nada, ou, em outros termos, que

possa existir coisa carente de princípio? Por um lado, admitir a criação "Ex- nihilo" seria admitir o aniquilamento final de todos os seres criados, já que, o que teve um começo, deve também ter um final, e não há nada mais ilógico que falar de imortalidade em tal hipótese. Mas a criação assim entendida é um absurdo, posto que é contrária ao princípio de causalidade, que é inegável para todo homem sincero e medianamente razoável, com o que podemos dizer como Lucrecio: "Ex nihilo nihil, ad nihilum nihil posse reverti" (Palingenius, aliás, René Guénon, O Demiurgo, artigo publicado pela primeira vez no número 1 da revista La Gnose, 1909, reeditado in René Guénon, Mélanges Centro Studi Guenoniani, Venezia, 1978, parte I, p. 19. A tradução é do Instituto René Guénon de Estudos Tradicionais).

E note que Guénon assinou esse artigo como Bispo da Igreja Gnóstica, na qual ele assumiu o nome de Palingênus, renascido.

Será que Guénon, Bispo da Igreja Gnóstica não era gnóstico?

É de rir.

A doutrina gnóstica de Guénon se encaixa inteiramente no sistema da Gnose pois considera a criação ex nihilo, - como a ensina a Igreja Católica - um absurdo, e julga que uma Divindade perfeita não poderia ter produzido uma criação imperfeita. Exatamente como ensina a Gnose.

Guénon, ao dizer que o perfeito não pode produzir o imperfeito, faz confusão entre perfeito absoluto (Deus) e o perfeito relativo (a criatura).

Pelo contrário, dizemos nós, o que é evidente é que Deus não poderia produzir outro Ser perfeito absoluto, porque este último, se criado, por ser criado, já não teria a perfeição do criador. Logo, Deus só pode criar seres com perfeição relativa.

Também por essa doutrina, Guénon é gnóstico.

E O de C. quer ser o continuador da obra de Guénon. Logo, quer dar prosseguimento à sua pregação gnóstica.

Esta doutrina sobre o Demiurgo como deus criador, responsável pelo mal metafísico, Guénon já a recebera de seu iniciador nas doutrinas taoístas, Albert de Pouvourville (Matgioi).

"O Deus pessoal das 'religiões jeovaistas', para Matgioi, estava na origem de [sua] enfermidade intelectual." (J.P. Laurent, Le Sens Caché dans l'oeuvre de René Guénon, p. 157, apud Marie-France James, Ésotérisme et Christianisme autour de René Guénon, p. 80, nota 33).

E essa autora explica ainda que, para Matgioi, "... o cristianismo, refluxo do budismo, tinha sido artificialmente ligado 'por copistas malfazejos' ao 'Jeovaismo demiúrgico'. O tema do demiurgo, tão importante no Esoterismo, achava aqui uma nova aplicação: os judeus tinham interceptado o raio celeste e tornado necessária esta forma imperfeita e diminuída de conhecimento que foi a Revelação "(J. P. Laurent, Le Sens Caché dans l'oeuvre de René Guénon, p. 53, apud Marie -France James, op. cit. p. 80, nota 34).

No artigo intitulado Le Démiurge, Guénon ensina a Gnose de modo explícito: "Podemos dizer que o Demiurgo cria a Matéria entendendo por essa palavra o cóos primordial que é a reserva comum de todas as formas, depois organiza essa matéria caótica e tenebrosa onde reina a confusão, fazendo surgir dela as formas múltiplas cujo conjunto constitui a criação" (T. Palingenius, aliás, René Guénon, Le Démiurge, artigo publicado originalmente na revista La Gnose n o 1, p. 4).

Não há dúvida então que T. Palingenius, Bispo da Igreja Gnóstica, era um gnóstico. (E o "T." significava bem sintomaticamente Tau..."Á bon entendeur...").

Quem tiver ouvidos para entender, que entenda.

Seria preciso citar o artigo de Guénon na íntegra, tanto ele é interessante para provar que ele é gnóstico. Limitemo-nos a algumas passagens.:

"Considerado como criador, o Demiurgo produz primeiro a divisão, e não é realmente distinto dela, já que só existe enquanto a divisão mesma existe; depois, como a divisão é a fonte da existência individual e essa vem definida pela forma, o Demiurgo deve ser considerado como formador e então é idêntico a Adam Protoplastas, tal como vimos"(René Guénon, Le Démiurge, p. 4).

Também Nasr considera que o mundo - produção do Demiurgo - é mau, e que o homem deve buscar libertar-se dele, da mesma forma que era preconizada pelo maniqueísmo e pelo budismo:

"O ponto de vista do maniqueísmo, que vê o mundo como mau ao invés de bom, é primeiramente iniciático e não metafísico, ou seja, começa com o objetivo não de entender a natureza das coisas, mas de fornecer uma via para escapar da prisão da existência material. O budismo possui uma perspectiva prática similar mas, é claro, com um pano de fundo metafísico diferente, à medida que pertence a um universo espiritual diferente." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, p. 156, nota 13)

Veja, meu prezado Felipe, como Guénon considera o Demiurgo criador - isto é, o Deus que a Igreja Católica adora - como mau:

"Isso nos leva a considerar ao Demiurgo como um reflexo tenebroso e invertido do Ser, já que na realidade não pode ser outra coisa".(R Guénon, Le Démiurge, p. 4).

Essa asserção de Guénon - a quem Olavo não quis reconhecer como gnóstico, e de quem se fez defensor e divulgador - nos leva a indagar: será que Guénon, como muitos outros gnósticos, julgava que o demiurgo era, de fato, o deus do mal.? Será que ele identificava Yahwé a Lúcifer?

Ora, nesse mesmo artigo, Guénon escreveu:

"Desde um ponto de vista geral, o Demiurgo, convertido em uma potência distinta e considerado como tal, é o "príncipe deste mundo" de que se fala no Evangelho de São João " (R. Guénon, Le Démiurge, p. 4. O negrito é meu).

Todos os intérpretes do Evangelho sempre disseram que o "Príncipe deste Mundo" do qual falou o mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, no Evangelho de São João, é o próprio demônio, Lúcifer.

Portanto, Guénon considera que o Criador deste mundo material grosseiro foi o diabo, identificando Deus Pai, o Criador, com Lúcifer.

E quando ainda assinava artigos como Bispo da Igreja Gnóstica, Guénon escreveu, tratando da diferença entre o Grande Arquiteto do Universo e o Demiurgo:

"Isso basta para marcar a profunda diferença entre o Grande Arquiteto da Maçonaria, de um lado, e, de outro, os deuses das diversas religiões, que não são todos senão aspetos diversos do Demiurgo" (Palingenius, aliás, René Guénon, La Gnose, Julho - Agosto de 1911; apud Marie-France James, op. cit. p. 131, nota 30).

Portanto, para Guénon, o Deus Criador da Bíblia, para ele, era o demiurgo causador do mal pela criação do universo material.

Está então provado que Guénon defende exatamente o segundo item citado por Olavo como fundamental da doutrina gnóstica. René Guénon é, pois, um gnóstico.

E Olavo de Carvalho defendeu Guénon, se declara continuador e divulgador de seu pensamento, nunca condenou essa blasfêmia de Guénon, não quis reconhecer que ele é um gnóstico, e omitiu que Guénon foi Bispo da Igreja Gnóstica.

Por que Olavo fez tudo isso?

Mas Olavo de Carvalho não se limitou a fazer tudo isso. Ele elogiou o artigo *Le Démiurge* de Guénon, assumindo a sua doutrina.

"Talvez a amostra mais contundente da coerência da obra guénoniana seja o fato de que, no seu primeiro artigo, publicado em 1909 (*Le Démiurge*), Guénon já tenha definido, de maneira taxativa, tanto a sua posição quanto a do adversário: e daí até a sua morte, em 1951, Guénon permanecerá, sem nenhuma alteração doutrinária, o defensor da Unidade contra "o espírito de negação e de revolta", da parte contra o todo e do relativo contra o Absoluto, o qual espírito personificado, recebe na tradição semítica o nome de Shatan, Shaitan, ou Satã, termos que querem dizer precisamente" o Adversário " (Olavo de Carvalho, *O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação*, in revista *Planeta*, no 107, agosto de 1981, p. 17).

Portanto, Olavo de Carvalho adere à doutrina gnóstica exposta pelo Bispo Gnóstico Palingenius - Guénon de que o Criador do Universo - o Demiurgo - é para ele também o "Adversário", Satã, o revoltado contra a Unidade, contra o Absoluto, contra a Divindade Incognoscível.

E por essa citação do próprio Olavo de Carvalho fica provado, mais uma vez, que ele também tem uma doutrina gnóstica. E bastaria este ponto: o de identificar o Criador, o Demiurgo, com Satã, o Adversário, com Lúcifer, para que ele seja um verdadeiro e completo defensor da Gnose.

Olavo de Carvalho, também, é gnóstico.

Para bom entendedor, bastaria essa citação de Olavo, para compreender que ele é adepto da Gnose.

Entretanto, daremos alguns textos a mais de Olavo, para confirmar o que está para lá de evidente no texto acima sobre a identificação do Demiurgo com Satã.

A Gnose pretende que toda a criação é fruto de uma queda da própria Divindade que se teria tornado prisioneira no universo material criado pelo demiurgo. Por isso, a Gnose apresenta as esferas cósmicas como verdadeiras "muralhas" orbitais do grande cárcere do universo. Essas órbitas planetárias ou astrais seriam guardadas pelos servos do Demiurgo, os Arcontes, ou espíritos planetários, demônios que impediriam o retorno das partículas divinas (âtmãs) ao pléroma divino.

A criação teria sido uma queda da Divindade, e isto seria a causa de todo o mal do universo. A criação teria sido um drama teo cosmogônico. Para os gnósticos, enquanto estão presas no universo material, as partículas divinas - os âtmãs, os "primum" de Ibn Arabi, os éons da Gnose antiga, etc.-- estão no reino da dor e do sofrimento, no túmulo da matéria, onde foram encarceradas pelo Demiurgo, isto é, pelo "Adversário."

"(...) essa separação dos caminhos [o do Conhecimento e o da ciência] sem cruzamento acha sua origem, para o cristianismo e para o judaísmo, no seio de um drama ético cuja responsabilidade, a do pecado, cabe ao homem, enquanto que, para a Gnose, o drama se dá, e foi sempre, e está já atado, dando-se fora do tempo na esfera do divino. No Primeiro caso, a criação, foi humanamente corrompida, enquanto que, no segundo, essa corrupção é o fruto de uma deficiência não mais ética, mas ontológica: para os gnósticos, se a criação é má e corrompida, ele o é porque é a criação de um deus que não é verdadeiramente Deus, a gnose introduz uma distinção entre o demiurgo e o Deus verdadeiro" (Michel Barat, *Le Dualisme de la Gnose et L'Image Symboliquement double de la Femme*, in *Les Cahiers Jean Scot Erigène, I, Images de l'Homme e Initiation*, ed. Loge d'Etudes et de Recherche Jean Scot Erigène, Paroiss, 1988, pp. 36-37).

Já citamos e explicamos a frase abstrusamente arresvada de Olavo que alude à queda da Divindade como causa e raiz do mal do universo criado:

"A psicologia astrológica (sic!?) é uma teoria do sentido do sofrimento e da raiz deste último nas polarizações que cosmogonicamente desdobram o orbe manifesto a partir da unidade do ser" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, Nova Stella, São Paulo, 1985, p. 65).

Essa mesma tese da unidade do ser é proclamada por Olavo, de modo ambíguo, ao escrever:

"Ser e unidade são sinônimos. Ser é ser um" (Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, p. 26).

É claro que essas frase devem ser entendidas no contexto da doutrina exposta por Guénon, por Ibn Arabi e pelos outros mestres de Olavo, e não num contexto metafísico tomista a respeito dos transcendentais do ser, a respeito do ens e do unum. É no contexto da doutrina sufi e hinduísta da unidade e da unicidade do ser que deve ser compreendida essa citação de Olavo de ser como sinônimo de unidade.

Como todo gnóstico, Olavo desvaloriza o mundo material concreto, assim como as ciências naturais que permitem conhecê-lo, preferindo as "ciências esotéricas tradicionais", as ciências ocultas da Gnose, a Alquimia, a Astrologia etc. Por essa razão diz Olavo que "a experiência concreta é destituída de verdade, destituída de sentido".

"Ora, os princípios universais geralmente chegam a nosso conhecimento unicamente através de fórmulas abstratas, de modo que nos encontramos sempre divididos entre uma verdade universal e abstrata e uma experiência concreta destituída de verdade e de sentido" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, ed cit. p. 41).

Daí, ele falar também da "opacidade dos dados fenomênicos sensíveis" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 50). Por isso também ele opõe a intuição tradicional que dá a Sabedoria ou Gnose à Filosofia racional que se fundamenta numa análise dos dados materiais destituídos de verdade e de sentido. Para Guénon, que normalmente é seguido nesse ponto por seus discípulos tradicionalistas, a "Metafísica" é sobrenatural" (R. Guénon, *A Metafísica Oriental*, tradução de Olavo de Carvalho, p.19-20), ela está "além da natureza" (Op. cit., p. 17), está "além do ser" (op., cit p. 21).

Daí, Guénon fazer restrição até mesmo a Aristóteles, dizendo que "Assim, quando Aristóteles encarava a metafísica como o conhecimento do ser enquanto ser, ele a identificava com a ontologia, isto é, tomava a parte pelo todo" (René Guénon, *A Metafísica Oriental*, tradução de Olavo de Carvalho, p. 21), para concluir que a metafísica de Aristóteles é "parcial" e "incompleta por limitar-se ao ser" (R. Guénon, *A Metafísica Oriental*, p. 26).

Evidentemente, Guénon toma o termo "Metafísica" como sinônimo de Gnose, caso contrário, seria o cúmulo da pretensão ele querer criticar Aristóteles enquanto Metafísico.

A Metafísica "tradicional" - a esotérica - não seria filosofia: "não é um conhecimento puramente humano e racional". "(...) um conhecimento de ordem natural, um saber profano e exterior; não é de nada disso que desejamos falar. Tomamos, então, "metafísica" como sinônimo de "sobrenatural? Aceitaríamos de bom grado tal assimilação, de vez que, enquanto não ultrapassamos a natureza, isto é, o mundo manifesto em toda a sua extensão (e não apenas o mundo sensível, que não é, dele, senão um elemento infinitesimal), estamos ainda no domínio da física; o que é metafísico, como dissemos, é aquilo que está além da natureza, é portanto, propriamente o "sobrenatural "(René Guénon, A Metafísica Oriental, pp.19- 20. Tradução de Olavo de Carvalho).

Todo esse desprezo de Guénon pela Física e pela Metafísica aristotélica provém exatamente da consideração de que o mundo material seria ilusório, valendo apenas como manifestação do mundo divino.

Guénon vai defender uma "Metafísica" supra racional, sobrenatural, contra a Metafísica racional, aristotélica. Do mesmo modo, como toda a Gnose, valorizará as ciências esotéricas em detrimento das ciências naturais. O mesmo faz Olavo, ao defender a Astrologia e a Alquimia, que, como veremos, se fundamentam na Gnose.

Sobre o desprezo das ciências naturais, e a preferência pelas ciências esotéricas, veremos outro textos mais adiante. Aqui, só colocamos esses pontos como comprovação de uma concepção negativa do mundo, típica da Gnose.

VI - O 3º Item fundamental da Gnose, segundo Olavo de Carvalho

"A oposição irrecorrível do corpo e da alma, donde a concepção da alma como prisioneira do corpo material".

VI - 1. Um Erro de Olavo

Nessa redação de seu terceiro item da Gnose, O de C. cometeu um erro grosseiro. A Gnose jamais afirmou que a oposição é entre a alma e o corpo. Ela vai mais longe. A oposição que ela afirma é entre o espírito divino (pneuma) aprisionado quer no corpo material (hylé), quer na alma (psyché). E que essa oposição é de ordem metafísica.

Para a Gnose, o homem é um ser composto de três elementos distintos:

1) corpo material; 2) alma racional; 3) espírito divino (pneuma).

Sendo que o "pneuma", repetimos, se oporia tanto à alma, quanto ao corpo.

Como Olavo cometeu esse erro primário? Pois é claro que ele sabe que a Gnose não diz o que ele escreveu nesse terceiro item.

Não se pode dizer que ele não tenha compreendido a Gnose, pois é inteligente.

Teria errado por estar enfurecido? Por estar "hidrófobo", como ele costuma dizer?

Ou teria caído em equívoco por falta de precisão, falha comum em um jornalista autodidata?

Não quero pensar que ele tenha errado de propósito.

Até mesmo uma enciclopédia popular deve dizer que a Gnose considera que a Divindade, ao cair no mundo material, se dividiu, ficando em cada ser, aprisionada uma partícula divina. Para a Gnose cristã, essa partícula divina se chamava éon, ou pneuma; na Gnose hindu era o âtmã; na Gnose islâmica de Ibn Arabi, era o "primum", e na de Averróes, era o "intelecto agente"; na gnose de Mestre Eckhart, era a "Fünkenlein", a chamazinha divina; para Teilhard de Chardin, era a "consciência"; para Jung, e para Guénon o "Si" ou Moi (Self), etc.

Conseqüentemente, o homem seria formado por três elementos:

- 1) corpo material mau e ilusório;
- 2) alma racional enganadora;
- 3) espírito divino, qualquer que seja o nome que as diversas seitas dêem a esse espírito.

VI - 2. A alma (inteligência, vontade) como prisão da partícula divina

Para a Gnose, a alma racional teria sido criada pelo Demiurgo mau, para ajudar a manter o éon aprisionado. A inteligência, ao compreender o mundo material, feito inteligível pelo Demiurgo, se compraz nele, julgando-o, então, bom, e não querendo sair dele. A inteligência racional, ao fazer abstrações, recorta a realidade única, a unidade fundamental do Ser, em uma multidão de conceitos, levando o homem à ilusão de que existe uma infinidade de seres individuais. A razão enganaria o homem. Abstrair seria o grande pecado da inteligência racional.

"Os piores inimigos do zen são as palavras e a razão discursiva que velam o conhecimento intuitivo, objetivo que exalta, direto e instantâneo"(Luc Benoist, *El Esoterismo*, ed. cit., p. 29). E o zen é gnóstico.

"A ciência moderna, pelo contrário, tem por instrumento dialético a razão e por domínio o geral. A razão não é senão um instrumento vinculado à linguagem para todos os fins, que permite respeitar as regras da lógica e da gramática sem simplificar nem garantir nenhuma espécie de certeza quanto à realidade de suas conclusões e muito menos de suas premissas. Efetivamente, a razão é apenas um meio puramente discursivo e dedutivo, um habitus conclusionis diria um escolástico, que não chega até às causas". (Luc Benoist, *El Esoterismo*, p. 5).

Abstraindo, a razão distingue sujeito conhecedor e objeto conhecido, separando, portanto, a realidade única do Ser, dividindo o Ser. Só quando o homem conhecesse que o sujeito conhecedor é o mesmo objeto conhecido, só então ele realizaria que o Ser é um só. A libertação da prisão da razão e da matéria individualizante se daria quando o homem conhecesse que ele (como sujeito conhecedor) se identifica com a Divindade (objeto conhecido). Quando ele fizesse essa identificação, ele teria o conhecimento absoluto que o identificaria com a Divindade, e mesmo, com todas as consciências, agora divididas nas coisas criadas. Realizando, pelo conhecimento, essa união de sujeito (homem) com o objeto (Divindade), ele teria a unidade do conhecimento, na unidade da consciência e de todas as consciências. Que é exatamente o que Olavo de Carvalho chama de "filosofia" :

Filosofia é "a unidade do conhecimento realizada na unidade da consciência, e vice versa"(Olavo de Carvalho, aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8).

E que divertido é o exótico "vice versa" dessa definição!...

Se já era perplexitante a definição, que dirá ela posta no avesso por esse surpreendente vice versa?

Que estranha definição de Filosofia a de Olavo. Filosofia da qual ele próprio confessa expressamente que, em seus livros, deixou subentendido o seu real significado, que ele não deixou muito "explicitado":

"(...) a maior parte de meus livros publicados trata apenas de crítica cultural, com uma filosofia subentendida mas não muito explicitada" (Olavo de Carvalho, Entrevista ao Embaixador Caius Traian Dragomir, novembro de 1998, p. 2).

Nessa mesma entrevista, Olavo explica:

" Isto colocava enfim a questão do conhecimento como sistema orgânico, ou da unidade do conhecimento (sic!). Quando digo que essa unidade deve ser do tipo sistêmico - e não apenas sistemático --, subentendo que não pode tomar a forma de um sistema dedutivo, como no racionalismo clássico, mas sim a de uma unidade vivente (sic!) que se identifica em última análise, com a unidade de um ente vivo e consciente: o indivíduo humano real, unidade psico física e espiritual, é o padrão da unidade do conhecimento" (Olavo de Carvalho, Entrevista ao Embaixador Caius Traian Dragomir, novembro de 1998, p. 2).

Que significa esse charabiá?

A "unidade do conhecimento" não seria do tipo racionalista clássico, dedutiva, mas seria "unidade vivente" (sic!). E que significa isso? Que está subentendido nisso?

E que quer dizer: a unidade do conhecimento se "identifica com o indivíduo humano real, unidade psico física e espiritual", que "é o padrão da unidade do conhecimento"?

Haveria indivíduos humanos irrealis? Que está "subentendido" nessa estranha conceituação de Filosofia?

A definição de Filosofia de Olavo de Carvalho só pode ser entendida num sistema de pensamento irracional e gnóstico, pois identifica a consciência do sujeito conhecedor com o objeto conhecido (Deus), num Conhecimento único. A Unidade da consciência do indivíduo humano com a Divindade e com todos os seres, daria a unidade do Conhecimento, e a unidade do Conhecimento causaria a unidade da consciência. Está aí explicada a abstrusa definição de Filosofia de Olavo de Carvalho, da qual ele tanto se orgulha, e que ele confessa não ter explicitada inteiramente em seus livros, pois contém algo "subentendido".

Você terá uma confirmação disso que afirmo, caro Felipe, nos livros do próprio Olavo.

Primeiro, no *Astrologia e Religião* (p.11) ele diz que "O esoterismo é(...) o conhecimento e a realização da unidade". E vimos já que o conhecimento proporcionado pelo esoterismo é a Gnose.

Segundo, numa aula dele, na qual ele afirma: "a Filosofia no sentido mais puro", buscando "a unidade do conhecimento" encontra Deus no mais fundo da consciência humana (Cfr. Olavo de Carvalho, *Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho*, bloco 8, junho de 1998, p. 15).

Ora, afirma Olavo que há uma unidade do conhecedor e do objeto conhecido como se isso fosse uma novidade descoberta por ele ou por seus mestres "tradicionalistas", mas, ao dizer isso, Olavo está, de fato, repetindo o que diziam os gnósticos românticos.

"Se nós chamamos subjetivo aquele que conhece, e objetivo o que é conhecido, então o conhecer autêntico (das Wahre Erkenen) ou o em si do conhecer (das an-sich des Erkenens), não é nem um, nem o outro, nem um sujeito cognoscente, nem um objeto conhecido, mas a unidade absoluta de ambos. A oposição entre subjetividade e objetividade não é, portanto, uma oposição real; a verdadeira realidade só se encontra onde esta oposição desaparece totalmente" (Heinrich Steffens, Grundzüge der philosophischen Naturwissenschaft, Berlin, 1806, apud Georges Gusdorf, Le Romantisme, Payot, Paris, 1993, Vol. I, p. 489).

E concluindo do que citou de Steffens, diz Gusdorf: "A diversidade de ser e a unidade do pensamento devem fundir-se para que advenha o conhecimento pleno"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 489).

Esse conhecimento pleno, também para os românticos, era a Gnose:

"As denominações "filosofia transcendental", "filosofia da identidade", "dialética" propõem soluções diversas ao problema insolúvel das relações entre sujeito e objeto, entre o real e o verdadeiro, entre a consciência humana e a consciência divina"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 489).

Essa união - ou melhor, identificação - do sujeito conhecedor e do objeto conhecido, quer seja o objeto uma criatura, quer seja a própria Divindade, faz da filosofia romântica uma forma de Gnose.

Veja, meu caro Felipe, estas outras citações de Steffens e de Gusdorf, como se coadunam com a doutrina de Guénon e de Olavo:

"A verdade não é uma construção do espírito, mas uma reintegração na totalidade, uma reconciliação dos opostos; o sujeito e o objeto só se excluem num primeiro momento em que as evidências da separação superam as invidências unitivas"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 380).

"A consciência é a revelação do infinito no finito, a tensão entre o infinito interior do Eu [sujeito] e o infinito exterior do Universo, tensão afirmada no espaço interior"(Steffens, Gurnzüg der philosophischen Naturwissenschaft, Berlin, 1806, Einleitung, p. 202) "A consciência em questão não é uma simples apercepção psicológica, mas antes um órgão ontológico. "Graças à consciência se afirma a cada instante o infinito, isto é, a totalidade, a oposição entre o exterior e o interior é superada" (Steffens, op. cit., p. 205, apud Gusdorf, op. cit., Vol I, p. 381).

Veja, caro Felipe, como Gusdorf explicita o mesmo pensamento de Olavo, ao expor a filosofia dos românticos sobre a união entre sujeito e objeto:

"O saber se realiza na fusão conjugal da subjetividade e da objetividade; na linguagem do Antigo Testamento, "conhecer" uma mulher, é unir-se carnalmente a ela" (G. Gusdorf, op. cit. Vol I, p. 358).

É claro que essa doutrina da fusão do sujeito com o objeto é oposta ao princípio de contradição, e admite a dialética gnóstica da igualdade dos contrários (Yin e Yang). É o que pretendia o grande mestre da Gnose romântica, Novalis:

"Destruir o princípio de contradição, tal é talvez a mais alta tarefa da lógica superior"(Novalis, L'Encyclopédie, fragments, ed. Wasmuth, tr, Gandillac, ed. de Minuit, 1966, 128, p. 64, apud G. Gusdorf op. cit, Vol. I, p. 193).

Talvez você queira uma comprovação de que a filosofia romântica era Gnóstica. Veja como Gusdorf admite francamente isso:

"Existe uma relação entre a função mítica e a gnose, especulação meta- religiosa que se aventura além dos limites prudentes dos territórios eclesiásticos. O saber gnóstico, transmitido pela iniciação, assegura aos depositários dos segredos escatológicos o benefício da salvação eterna. A gnose se apresenta sob a forma de parábolas, confiadas aos homens por uma benevolência divina, cuja luz intrínseca desenlaça as contradições do real. O mito gnóstico do andrógino, evocação de uma unidade originária dos sexos, anterior à sua dissociação, propõe, por exemplo, uma inteligibilidade adaptada às delícias, paixões e horrores do amor. Os românticos recorreram a este arquétipo existencial para justificar o injustificável nas paixões da humanidade. A situação gnóstica da razão ultrapassada e confundida é por excelência uma situação romântica; o romantismo é uma renascença gnóstica, vaga de fundo que submerge as seqüelas da filosofia das luzes" (G. Gusdorf, *Le Romantisme*, Vol I, pp. 511-512. O negrito é meu).

Quer outra?

"O saber romântico é uma gnose, em busca de evidências ocultas reveladas àqueles que são dignos de serem iniciados nos segredos do ser" (G. Gusdorf, *Le Romantisme*, Vol. I, p. 386).

"A possibilidade de ascensão ao saber total caracteriza o gnosticismo romântico"(G. Gusdorf, *Le Romantisme*, vol. I, p. 411). E note, meu caro Felipe, que também Gusdorf usa o termo gnosticismo como equivalente de Gnose.

"A doutrina gnóstica da revelação como experiência íntima de uma verdade transformante que conduz à salvação por vias que escapam ao controle do entendimento é um elemento da ontologia romântica"(G.Gusdorf, *Le Romantisme*, Vol. I, p. 635).

(Voltaremos mais adiante - no item VI-4 - à definição de Filosofia de Olavo, para mostrar, ainda mais claramente, que ela tem caráter gnóstico.

Não só a inteligência enganaria o homem. A vontade faria outro tanto.

A vontade enganaria o homem ao tomar cada ser individual como real, bom e desejável. Na realidade, todas as coisas materiais seriam pura ilusão. O mundo das manifestações seria falso, ilusório. Querer seria o pecado da vontade. Daí a pregação da indiferença absoluta diante do mundo, a negação absoluta do querer como necessária para a libertação, preconizada por muitas doutrinas gnósticas, como, por exemplo, a hinduista, a budista e a de Mestre Eckhart.

Essa condenação do querer, essa recusa em aceitar a vontade e o bonum dos seres criados, leva a Gnose ou à ascese absoluta pela recusa de toda criatura, ou ao antinomismo, pelo abuso das criaturas, ao odiar toda a lei imposta pelo Demiurgo ao mundo criado. Para a Gnose, a salvação - a Libertação-- não se obtém pela obediência a mandamentos, pela virtude ou santidade. Basta o Conhecimento. O Conhecimento (Gnose) --que Olavo chama também de Metafísica ou Sabedoria (Cfr. Aula do Bloco 8 de Olavo de Carvalho - Crítica e Conselhos à Igreja Católica - que citei em carta precedente, na qual Olavo ataca a Moral e a virtude como "bobagem").

Também Guénon recusa a Moral em sentido comum:

"Para começar, se estaria tentado a dizer o seguinte: se a distinção entre o Bem e o Mal é ilusória, se em realidade não existe, o mesmo deve suceder com a moral, pois é evidente que a moral está baseada nesta distinção, a qual considera essencial. Isto seria ir demasiado longe; a moral existe,

mas na mesma medida que a distinção entre o Bem e o Mal, quer dizer, para tudo o que pertence ao domínio do demiurgo; desde o ponto de vista universal, não teria nenhuma razão de ser" (R. Guénon, *Le Démiurge*, p. 8)

Repare como Guénon é cauteloso: ele nega a Moral, depois recua, e afinal diz que ela só vale no domínio do Demiurgo, que ele chamou de "Príncipe deste mundo (o demônio). E conclui que fora dos domínios do Demiurgo - que é o que realmente vale, segundo ele-- a moral "não teria nenhuma razão de ser".

Logo depois Guénon escreve: "Isso indica que há de se ter muito cuidado em não confundir os diversos planos do universo, pois o que se diz de um poderia não ser verdadeiro para o outro. Assim, a moral existe necessariamente no plano social, que é essencialmente o domínio da ação; mas não quando se considera o plano metafísico ou universal, posto que então já não há ação"(R. Guénon, *Le Démiurge*, p. 8).

Será preciso salientar que Guénon defende a dupla verdade, e, em consequência, a dupla moral? Ou que ele, de fato, nega toda a moral, porque ela só teria validade no plano da ação, que ele considera absolutamente ilusório e falso?

Seria preciso sublinhar que Guénon, no máximo, defende que pode existir uma moral para a vida social, e outra para os que atingiram a unidade pelo conhecimento? Portanto, que existiriam duas morais?

Ora, a defesa de duas morais é típica dos movimentos gnósticos: uma moral para os homens "materiais"(os *Hylíkoi*) e outra para os que alcançaram o Conhecimento (os *Pneumatikoi*). No Islam, por exemplo, enquanto os homens comuns ficam proibidos de tomar vinho, para o sufi, o vinho pode ser permitido.

Essa libertação da lei e essa duplicidade moral são permitidas aos que alcançaram o Conhecimento: da idéia que o bem é desconhecido resulta a liberdade do gnóstico. Não há para ele atos permitidos ou proibidos em geral. O importante é conhecer" (Simone de Pétrement, *Le Dualisme chez Platon, les Gnostiques et Manichéens*, Puf, Paris, 1947, p. 267).

VI - 3. As partículas divinas encarceradas nos seres criados

Toda essa doutrina das partículas divinas aprisionadas na matéria, no corpo, e na alma humana, é defendida por René Guénon e por seus seguidores da corrente "perennialista" ou "tradicionalista".

A documentação sobre esse ponto da doutrina gnóstica nos "perennialists" é bastante grande. Dela citarei apenas o que é mais explícito,, pois esta carta não é uma tese de doutorado.

Começemos por Guénon, analisando sua condenação da individuação e a encarnação.

"Convém insistir muito particularmente na natureza essencialmente supra --individual do intelecto puro; por outro lado, somente o que pertence a esta ordem pode ser verdadeiramente chamado "transcendente", não podendo normalmente este termo aplicar-se senão ao que está além do domínio individual. O intelecto jamais está então individualizado; (...) o espírito jamais está realmente "encarnado", o que por outro lado é igualmente certo em todas as acepções em que a palavra "espírito" pode ser legitimamente tomada. Resulta disto que a distinção existente entre o espírito e os elementos de ordem individual é muito mais profunda que todas aquelas que podem estabelecer-se entre estes últimos, e especialmente entre os elementos psíquicos e os corporais, isto

é, entre os que pertencem respectivamente à manifestação sutil e à manifestação grosseira, que em suma não são senão modalidades da manifestação formal" (René Guénon, Espírito e Intelecto, in Mélanges, cap. III, ed cit p. 49-50. A tradução e os negritos são nossos).

Desse texto convém salientar alguns pontos:

1) Que, segundo Guénon, "o espírito jamais está realmente encarnado".

O que resulta numa negação implícita da Encarnação do Verbo. Isso não espanta, dada a adesão de Guénon ao maometismo. E com isso ele nega também a Divindade de Jesus Cristo e a Redenção por Ele realizada.

2) "O intelecto jamais está então individualizado".

Portanto, para Guénon, existe um só intelecto, e esse único intelecto é o Intelecto divino, tal qual dizia o mono psiquismo da Gnose árabe.

3) O intelecto se opõe quer à alma, quer ao corpo, tal qual ensinam todos as escolas gnósticas.

4) Que a "distinção" entre o "espírito"(o intelecto ou o Si) e os elementos individuais, psíquicos e corporais, é muito maior do que a existente entre alma e corpo. Exatamente como colocamos que a Gnose faz. E como Olavo deveria tê-lo feito neste 3º item.

Portanto, Guénon é um gnóstico.

Vejamos outros textos elucidativos de Guénon e de sua Gnose.

"Imaginando-se que é a alma individual, o homem se apavora, como alguém que toma, por engano, um pedaço de corda por uma serpente; mas seu temor é afastado pela percepção de que ele não é a alma, mas o Espírito universal" (R. Guénon, Le Démiurge, p. 6).

Veja, paciente Felipe, outra prova da Gnose de Guénon: o espírito do homem não é pessoal; é o próprio Espírito universal.

Repare ainda como Guénon deixa clara a oposição do "Espírito" não só ao corpo, como também à alma.

Ele vai deixar isso ainda mais patente nesta outra passagem:

"Aquele que tomou consciência dos dois Mundos manifestados, quer dizer, do Mundo hylico - conjunto das manifestações grosseiras ou materiais --, e do Mundo psíquico, - conjunto das manifestações sutis --, é nascido duas vezes, Dwidja; mas aquele que é consciente do Universo não-manifestado ou do Mundo sem forma, quer dizer, do Mundo pneumático, e que chegou à identificação de si mesmo com o Espírito universal, Atmâ, este, e só este, pode ser chamado de Yogi, que quer dizer, unido ao Espírito universal. O Yogi, cujo intelecto é perfeito, contempla todas as coisas como morando nele mesmo, e assim, pelo olho do Conhecimento, percebe que tudo é Espírito" (René Guénon, Le Démiurge, p. 6-7).

Perdoe-me estar a todo momento chamando a sua atenção, mas é que em carta tão longa e tão tediosa, em assunto tão árido e rebarbativo, é fácil perder os pormenores. E, como não só você lerá esta carta, mas também muitos dos assustadiços e perplexos alunos do Olavo, que conhecem menos claramente estes temas, vejo-me obrigado a salientar pontos mais importantes, ou mais obscuros.

Veja então, na citação acima, como Guénon reconhece a existência de três mundos, exatamente como faz a Gnose:

- 1) O Mundo Hílico ou da Matéria grosseira-- Mundo Hílico
- 2) Mundo Psíquico ou subtil das almas; Mundo Psíquico
- 3) O mundo do Espírito: Mundo Pneumático.
- 4) Que o Yogi, o gnóstico pneumático, é aquele que, tomando consciência da unidade do intelecto, se identifica com o Espírito Universal presente em tudo, e realiza a identidade Suprema na unidade do conhecimento e da consciência. Para ele, tudo é Espírito
- 5) Portanto, a grande oposição não é entre a alma e o corpo, e sim entre o mundo manifestado e o mundo Não Manifestado.

Guénon, Bispo gnóstico, era um gnóstico.

E, para tornar ainda mais claro que ele era realmente gnóstico, Guénon registra pouco depois:

"Acima do Universo Pneumático existe apenas - segundo a doutrina gnóstica - o Pléroma -, que pode considerar-se como constituído pelo conjunto dos atributos da Divindade. Não se trata de um quarto mundo, mas do próprio Espírito universal, Princípio Supremo dos três Mundos, nem manifestado, nem não manifestado, indefinível, inconcebível e incompreensível"(René Guénon, *Le Démiurge*, p. 7).

Guénon ensina que o "Si" de cada um - o Self, o Moi - "este "Si", ao qual se designa analogicamente por espírito, essência ou com qualquer outro nome, é idêntico à Realidade Absoluta na qual tudo está contido, isto é, o Atmâ supremo e incondicionado"(René Guénon, *Espírito e Intelecto*, in *Mélanges*, ed cit.p.52).

Poderia ser Guénon mais explicitamente gnóstico?

No livro *L'homme et son Devenir selon le Vedanta*, René Guénon trata num capítulo inteiro sobre a distinção entre o "Si" e o "Eu" (entre o "Soi" e o "Moi"), isto é, entre o eu, enquanto indivíduo material, e a partícula divina - o âtmâ ou "Soi"(Self), que seria o verdadeiro ser do homem.

Nesse capítulo, há um texto intitulado "O Centro Vital do Ser Humano, moradia de Brahma", no qual se pode ler o seguinte:

"O "Si" - [em francês, o "Soi"] - como vimos no que precede, não deve ser distinguido do Atmâ; e, de outro lado, Atmâ é identificado ao próprio Brahma: é o que nós podemos chamar de a "Identidade Suprema" de uma expressão emprestada ao esoterismo islâmico, cuja doutrina, sobre este ponto como sobre muitos outros, e apesar de grandes diferenças na forma, é no fundo a mesma que a da tradição hindu" (René Guénon, *L'Homme et son Devenir selon le Vedanta*, ed Trad., Paris, 1991, p. 41).

Esse texto é bem interessante. Nele Guénon afirma que o "Si" é igual ao Atmâ, que é igual a Brahma. Logo, o centro do homem seria a própria Divindade, já que duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si. O "Si" é uma partícula de Brahma no homem.

Caberia citar aqui a famosa frase do Upanishad: "Brahma é o teu âtmâ e teu âtmâ é Brahma". Em outras palavras, a partícula divina que está encarcerada no homem é a Divindade, e a Divindade é ela.

Como você vê, de novo, fica patente a Gnose hindu propalada por Guénon.

Considere ainda que Guénon, embora reconhecendo as diferenças de forma entre o Hinduísmo e o esoterismo islâmico, julga entretanto que, no fundo, eles são a mesma coisa, isto é, a Gnose de sempre.

Guénon diz mais explicitamente ainda o que já estava bem claro:

"Assim, o que reside no centro vital, do ponto de vista físico, é o Éter; do ponto de vista psíquico, é a "alma vivente", e, até aí, nós não ultrapassamos o domínio das possibilidades individuais; mas também, e sobretudo, do ponto de vista metafísico, é o "Si" [Soi] principial e incondicionado. É portanto verdadeiramente o "espírito Universal" (Atmâ), que é, na realidade, o próprio Brahma, o "Supremo Ordenador"; e assim fica plenamente justificada a designação deste centro como Brahmapura. Ora, Brahma, considerado deste modo no homem (e se poderia considerá-lo semelhantemente com relação a todo estado de ser), é chamado Purusha, porque ele repousa ou habita na individualidade (trata-se, digamo-lo de novo, da individualidade integral, e não somente da individualidade restrita à sua modalidade corporal) como em uma cidade (puri-shaya), porque puri, em sentido próprio e literal, significa 'cidade'". (René Guénon, *L'Homme et son Devenir selon le Vedanta*, p. 46-47).

Veja agora, como Guénon repete o que ensinava a antiga Gnose ou o antigo gnosticismo:

"Purusha, considerado como idêntico à personalidade, é por assim dizer uma porção (ansha) do Supremo Ordenador (o qual entretanto não tem partes sendo absolutamente indivisível e "sem dualidade"), como uma faísca em relação ao fogo (cuja natureza está aliás em cada faísca)"(René Guénon, *L'Homme et son Devenir...* p. 58).

"Faísca" do fogo! A "Fünkenlein" de Mestre Eckhart!

Exatamente a mesma expressão de Mestre Eckhart, para designar a partícula da Divindade em cada ser criado!

Da Gnose se poderia dizer: "plus ça change, plus c'est toujours la même chose".

Não se pense, porém, que a partícula divina exista só no ser humano. Para a Gnose, ela existiria em todas as coisas do universo. Para o Vedanta e para Guénon da mesma forma:

"Convém aliás notar que (...) em razão da unidade fundamental do ser em todos os seus estados, deve-se considerar o centro de cada estado no qual se projeta o raio espiritual, como virtualmente senão efetivamente identificado com o centro do ser total; e é pelo quê um estado qualquer, o estado humano também tanto como qualquer outro, pode ser tomado como base para a realização da "Identidade Suprema"(René Guénon, *L'Homme et son Devenir*, p. 72).

Guénon sublinha que não se deve confundir o "Si" com o "Eu", porque o "Eu" está relacionado com a pura individualidade, com a corporeidade, com a manifestação, enquanto o "Si" é relacionado com Brahma, a Divindade. Haveria então oposição entre o 'Si' e o "Eu", tal qual havia oposição entre a Divindade e o mundo das criaturas.

"Em vez dos termos "Soi" e "Moi", poder-se-ia empregar também os de "personalidade" e "individualidade", com uma reserva, entretanto, porque o "Soi", como nós o explicaremos um pouco mais adiante, pode ser ainda alguma coisa mais que a personalidade" (René Guénon, *L'Homme et son Devenir selon le Vedanta*, ed. Traditionnelles, Paris, 1991, p.30).

Para Guénon: "O "Soi" é o princípio transcendente e permanente cujo ser manifestado, o ser humano por exemplo, não é senão uma modificação transitória e contingente, modificação que não poderia, aliás, de modo algum afetar o princípio, assim como o explicaremos em seguida" (...) "O "Soi" enquanto tal, jamais é individualizado e não pode jamais o ser, porque devendo ser sempre encarado sob o aspecto da eternidade e da imutabilidade que são os atributos necessários do Ser puro, ele evidentemente não é suscetível de nenhuma particularização, que o tornaria "outro que Si mesmo" (R. Guénon, op. cit., p. 31).

"O "Soi" é assim o princípio pelo qual existem, cada um em seu domínio próprio, todos os estados de ser; e isso deve se entender não só dos estados manifestos dos quais acabamos de falar, individuais como o estado humano ou supra individuais, mas também, se bem que a palavra "existir" se torne então imprópria, do estado não - manifestado, compreendendo todas as possibilidades que não são suscetíveis de nenhuma manifestação, ao mesmo tempo que as próprias possibilidades de manifestação em modo principal;(...)" (René Guénon, L'Homme et son Devenir p. 32).

"O "Soi", considerado em relação a um ser como acabamos de fazer, é propriamente a personalidade"(R. G., op. cit., p. 32) "Essa personalidade é uma determinação imediata, primordial e não particularizada do princípio, que é chamado em sânscrito Atmâ ou Parmâtâmâ, e que nós podemos designar, por falta de melhor termo, como "espírito Universal (...)" (René Guénon, L'Homme et son Devenir, op. cit., p. 32).

Em tudo haveria uma partícula da Divindade (Brahma).

"Atmâ penetra todas as coisas, que são como suas modificações acidentais, e que, conforme a expressão de Râmânúja, "constituem de algum modo seu corpo (essa palavra devendo ser tomada aqui apenas num sentido puramente analógico), que elas sejam, aliás, de natureza inteligente ou não inteligente", isto é, conforme as concepções ocidentais, "espirituais" tanto quanto "materiais", porque isto, não exprimindo senão uma diversidade de condições na manifestação, não faz nenhuma diferença com relação ao princípio incondicionado e não manifestado" (René Guénon, L 'Homme et son Devenir selon le Vedanta, p. 33).

Para Guénon, o Intelecto se identifica com o que ele chama de espírito (o pneuma dos gnósticos):

"A conclusão que resulta imediatamente de tudo isso é que, enquanto o ser esteja não só no estado humano mas em qualquer estado manifestado, individual ou supra individual, não pode haver para ele nenhuma diferença efetiva entre seu espírito e o intelecto, nem, em consequência, entre espiritualidade e intelectualidade verdadeiras."(René Guénon, Espírito e Intelecto in Mélanges, p.52).

Veja, Felipe, como Guénon usa intelectualidade como sinônimo de espiritualidade, já que, para ele, e para os "tradicionalistas", o Intelecto humano é o Espírito divino, o Logos. Em Guénon, há um tal abuso de termos usados equivocadamente que se pode dizer que ele escreve em código... esotérico, e Olavo imita esse código como ele pode.

"O coração é o órgão do Conhecimento, é o órgão do amor espiritual, é o sopro do espírito, o pneuma, a causa de sua relação com a vida. No coração se oculta o princípio divino indestrutível, chamado luz pela Tradição hebréia. É o embrião imortal da Tradição chinesa, aquele ao qual a alma permanece unida durante algum tempo depois da morte" (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 10).

Se fossemos citar os textos mais claramente gnósticos das obras de Guénon, seria preciso copiar praticamente livros inteiros. Creio, então, que estas citações já são suficientes para provar que, para Guénon, há uma partícula divina encarcerada em cada coisa criada. Era o que queríamos demonstrar, neste III item proposto por Olavo.

Logo, Guénon é gnóstico.

Também na Gnose averroísta, se ensina doutrina semelhante a respeito do intelecto. Veja, segundo Etienne Gilson, o que afirmava Averróes (Ibn Rochd) sobre o Intelecto uno e divino.

"Assim, tocando o problema da unidade do intelecto agente, ele (Averróes) declara expressamente isto: per rationem concludo de necessitate, quod intellectus est unus numero, firmiter teneo oppositum per fidem. [Pela razão concludo que necessariamente o intelecto é um só, mas mantenho firmemente, pela fé, o oposto disto]. (Étienne Gilson, *La Philosophie au Moyen Âge*, Payot, Paris, 1976, vol I, p. 360).

Mais adiante, explica Gilson: "A descrição do mundo de Averróes é suficiente para mostrar que o Intelecto agente é aí na realidade uma substância inteligível separada, isto é, uma Inteligência agente, a mesma para todos os homens" (...) "Tudo o que há no indivíduo de eterno ou de eternizável pertence ao Intelecto agente de pleno direito e só é imortal por sua imortalidade" (E. Gilson, op. cit., vol I, p. 366).

Schunon, defendendo o mono psiquismo averroísta, disse: "Toda a certeza - a das evidências lógicas e matemáticas notadamente - surge do Intelecto divino, o único que existe" (F. Schunon, *Comprendre L'Islam* p. 170). E mais adiante Schunon dirá que o "Intelecto é transpessoal" (F. Schunon, *Comprendre L'Islam*, p. 173).

Por isso, Schunon também identifica potencialmente o verdadeiro sujeito humano ao divino:

"A gnose é caracterizada por recorrer à pura metafísica: a distinção entre Atma e Maya e a consciência da identidade potencial entre o sujeito humano, jivatma, e o Sujeito Divino, Paramatma. A via contém por um lado a 'compreensão', e por outro a 'concentração'; portanto, doutrina e método." (Frithjof Schunon, *To Have a Center*, p. 67-68, capítulo "Gnosis is Not Just Anything", em <<http://www.frithjof-schunon.com/NA-gnosis-engl.htm>>.).

Em Nasr, encontramos a mesma concepção gnóstica e hermética da composição tripartite do homem, incluindo nele um "espírito" de origem divina.

"Num primeiro nível de compreensão do microcosmo humano, portanto, deve-se levar em consideração a natureza tripartida do ser humano, que consiste em espírito, alma e corpo - os clássicos pneuma, psyché e hylé, ou spiritus, anima e corpus, das tradições ocidentais tanto greco-alexandrinas quanto cristãs - ao menos considerando o hermetismo cristão. A alma é o princípio do corpo, mas no ser humano 'normal' é ela própria subserviente ao espírito e atinge sua salvação e beatitude por meio de seu casamento com o espírito que é tema de tantos textos alquímicos." (Seyyed Hossein Nasr, *Knowledge and the Sacred*, State University of New York Press, 1989, p. 172. O negrito é meu.)

E Nasr, tratando do Hinduísmo, diz que:

"Nesta tradição em que o conhecimento de Deus deveria ser propriamente chamado de autologia em vez de teologia..." (Seyyed Hossein Nasr, *Knowledge and the Sacred*, University of New York Press, 1989, p.7). Portanto, conhecer-se seria conhecer o próprio Deus. Logo, o conhecimento "tradicional" identifica o homem a Deus.

Também Émile Boutroux - outro autor elogiado por Olavo, como um verdadeiro aristotélico - tem a mesma doutrina sobre a composição do homem e sobre o elemento divino que existiria nele: o "nous"

"O que diferencia o homem dos outros animais é o núus, que nele está unido à alma animal. (...) O núus é o conhecimento dos primeiros princípios. Ele não tem nascimento: é eterno." (Émile Boutroux, Aristóteles, Editora Record, Rio de Janeiro, 2000, p. 109-110.)

E se Olavo foi estudioso, admirador, seguidor de Guénon - e de Schuon, e de Nasr --, se ainda é seu defensor, por que não confessou que Guénon era gnóstico?

Qual o interesse dele em não deixar saber que Guénon é gnóstico?

E o próprio Olavo?

Será que ele discorda da concepção gnóstica de que o homem é composto de alma, corpo, e de um espírito, ou pneuma, divino?

Será que ele discorda da Gnose de Guénon e de Averróes, no que se refere ao intelecto?

Registre-se, para começar, que Olavo afirma uma estranha composição para o ser humano, e, além disso, ele exalta a alma humana, manifestando - ainda que só teoricamente - um certo desprezo pelo corpo:

"De modo que, nessa perspectiva, somente aquilo que é propriamente humano - isto é, caracterizado pelos três atributos que definem o homem: inteligência objetiva, vontade livre e linguagem (sic!) - pode ser reconhecido como pertencente à alma individual, tudo o mais provindo de um resíduo de animalidade no homem, resíduo este que é por sua própria natureza coletivo e impessoal.. A presença de quaisquer elementos animais ou diabólicos no homem deve ser vista sempre como uma intrusão, e o invasor deve ser expulso para que a alma individual recupere sua integridade." (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 63).

O texto é, de novo, ambíguo. Nele há um sabor de gnose pelo evidente desprezo do que há de animal no homem, isto é, pelo corpo, e pelo que dele deriva.

Aliás, muito estranha é a colocação da "linguagem" como elemento constitutivo da alma humana, quando a linguagem é uma propriedade e não elemento essencial do homem. Caso se levasse em conta, rigorosamente, o conceito de homem expresso por Olavo, os mudos não seriam homens. O que é evidentemente absurdo.

E Olavo afirma que essas três faculdades são comuns ao homem e a Deus:

"O homem realiza isso [zelar pela ordem cósmica] pelo exercício das três faculdades que ele tem em comum com o próprio Deus: inteligência, vontade e linguagem (sic)". (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 27. O negrito é meu).

Deus, então, teria linguagem?

Repare, Felipe, que Olavo não está aplicando a palavra "linguagem" de modo antropomórfico para Deus, pois ele diz que a linguagem é uma faculdade divina e humana, comum a Deus e ao homem.

Mais, ele diz que tirou isso do Corão!

Todavia não informa seus leitores de que Surata do Corão ele tirou isso. Gostaria de saber em que Surata o Corão afirma isso.

"(...) os três fatores que segundo o Corão definem a condição humana, e que são a inteligência objetiva, (capaz de apreender o absoluto e o relativo), a vontade livre (capaz de optar pelo real e rejeitar o ilusório) e a linguagem lógica (capaz de abstração (sic),isto é de superar a particularidade e de elevar-se ao universal)." (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 59).

Então, o homem teria faculdades em comum com o próprio Deus?

Olavo não ressalva que está se exprimindo analogicamente (No sentido tomista da palavra analogia), de modo que, sem essa ressalva, o ter faculdades em comum com Deus faz do homem um ser divino. Exatamente como pretende a Gnose.

Olavo, também por isso, é gnóstico.

E note que, agora, por essa última citação, para Olavo, a abstração já não seria pecado...

Contradições olavianas.

Para ele, "A inteligência "aparece" na alma, mas não "está" na alma; ela "vê" o mundo e portanto (sic! Olavo deve ter traduzido o "pourtant" francês pelo termo "portanto", em vez de "entretanto". Coisas de auto didata distraído...) não "está" no mundo" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, Nova Stella, São Paulo, 1986, p.17).

Noutro livreco, ele escreveu um texto que já citei, mas que convém aqui repetir para possíveis maus, ou mais lerdos e "esquecidos" entendedores:

"Pelo fato de que o homem habita simultaneamente muitos planos da realidade --sendo um ente tão corporal quanto o cálcio de seus ossos e tão espiritual quanto a inteligência divina que nele reside (...)" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 49).

Portanto, - e não "pourtant" - Olavo afirma que a inteligência que "habita" o homem, é divina. Portanto, - e não "pourtant"-- a inteligência não é um constitutivo da natureza humana, mas a Inteligência só habita no homem, e ela seria divina. Pensamento que torna Olavo tão gnóstico quanto Guénon.

Para Olavo, há, de fato, um "centro" divino, não só no homem, mas em todas as coisas:

"O centro representa não só o núcleo da consciência do observador como também o alcance universal, divino da consciência individual verdadeiramente centrada em si mesma e identificada com o universo"(Olavo de Carvalho, artigo O que é Afinal este Símbolo dos Símbolos? Mandala, Encontro do Homem com o Universo, in Planeta, no 59, Junho de 1977, p.54. O negrito é meu).
Nessa passagem há mais uma confissão da Gnose de Olavo: ele afirma que há na consciência humana algo de divino, o "centro", que identifica o homem com o universo e com Deus. Exatamente a doutrina da Gnose.

Nesse mesmo artigo, Olavo prossegue sua pregação gnóstica ao escrever:

"Não só o ser humano possui um centro, mas todas as coisas e seres, na medida em que existem, possuem uma presença, um aqui-agora, um "eu" (Esta é uma tese plenamente aceitável em termos de ciência moderna: os gnósticos de Princeton a endossam.) Assim, o centro da realidade universal está por toda a parte, onde quer que exista uma presença. "O centro tem um certo caráter paradoxal. Por um lado, é impossível defini-lo, porque o agora não se deixa agarrar. Por outro, ele é a única realidade concreta, já que todas as coisas que não estão no agora são simples ilações" (Olavo de Carvalho, artigo O que é Afinal este Símbolo dos Símbolos? Mandala... in Planeta, Junho de 1977, no59, p.54).

Desse modo, Olavo ecoa a doutrina de Guénon e do hinduísmo de que em tudo há um Atmâ ou "centro", e que este Atmâ é a própria Divindade nas coisas, as quais, sem se considerar o Atmâ ou "centro", são puro nada.

VI - 4. A Libertação pelo Conhecimento

Para libertar-se do Mundo da manifestação, o homem deveria identificar-se com Brahma pelo conhecimento de que o seu "Si" - o seu Intelecto agente - é o próprio Atmâ, o próprio Brahma.

"A realização dessa identidade se opera pelo Yoga, isto é, a união íntima e essencial do ser com o Princípio Divino, ou, se se prefere, com o Universal" (René Guénon, L'Homme et son Devenir..., p. 41).

"A libertação não é, por conseguinte, para o nosso eu, mas para o nosso Si Mesmo [Self] que jamais chega a ser alguém. A libertação nos chega quando deixamos de ser nós mesmos como indivíduos e realizamos a identidade suprema"(Luc Benoist, El Esoterismo, ed. cit., p.26).

Essa união do Atmâ com Brahma se "realiza" quando o homem "efetivamente toma consciência do que é realmente e desde toda a eternidade"(R.G. op. cit. p. 42).

É pois pelo Conhecimento que o homem se liberta de seu estado atual e volta a ser a Divindade.

E isso é Gnose da mais clara.

Veja como é certa minha afirmação:

"Para aproximar-se da Presença invisível e escapar da ilusão de maya[isto é, do mundo material] o hindu considera que nada supera a gnosis, o conhecimento da doutrina"(Luc Benoist, El Esoterismo, p. 25).

Esse Conhecimento Libertador não deve ser confundido com o conhecimento comum, racional, obtido pela abstração ou pelo estudo. É um Conhecimento de outra natureza, que Guénon chama de Conhecimento Intuitivo.

"Ao indicar as características essenciais da metafísica, dissemos que ela constitui um conhecimento intuitivo, isto é, imediato, opondo-se nisto ao conhecimento discursivo e mediato da ordem racional."(René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, p.183).

Essa intuição - diz Guénon - seria capaz de identificar sujeito e objeto:

"A intuição intelectual é mesmo mais imediata ainda que a intuição sensível, porque ela é além da distinção entre sujeito e objeto que esta última deixa subsistir; ela é tanto o meio do conhecimento

como o próprio conhecimento, e nela sujeito e objeto são unidos e identificados" (René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, p.183).

Para Guénon, só esse conhecimento intuitivo é real e verdadeiro, e não o conhecimento racional, que seria imperfeito:

"O único conhecimento verdadeiro que existe é aquele que mais ou menos participa da natureza do conhecimento intelectual puro, o conhecimento por excelência. Qualquer outro conhecimento, sendo mais ou menos indireto, tem em suma apenas um valor simbólico ou representativo; não há outro conhecimento verdadeiro e efetivo além daquele que nos permite penetrar na própria natureza das coisas, (...)" (Idem p. 183).

E Guénon tira disso tudo a conseqüência absurda:

"A conseqüência imediata disto é que conhecer e ser são, no fundo, uma só e mesma coisa". (René Guénon, idem p. 183).

E aí está mais uma prova de que a identificação do conhecer e ser não é doutrina original de Olavo: ele a colou de outros gnósticos.

Na realidade, quando se afirma que conhecer é ser, se está equiparando o nosso conhecimento ao do próprio conhecimento divino. Somente em Deus é que o conhecer produz o ser.

Eis o que diz Santo Agostinho:

"Deus não conhece todas as criaturas espirituais e corporais porque elas existem, mas elas existem porque Ele as conhece" (S. Agostinho, De Trinitate, XV.O negrito é meu).

São Tomás, comentando exatamente esse texto que ele cita num sed contra, ensina:

"A ciência de Deus é a causa das coisas. A ciência divina é, em relação aos seres criados, o que a do artífice é em relação ao que ele fabrica.. A ciência do artífice é causa do fabricado, porque o artífice obra guiado por seu pensamento, pelo qual a forma que ele possui em seu entendimento é princípio de sua operação, como o calor é da calefação. Advirta-se, entretanto, que uma forma natural qualquer não é princípio de ação enquanto permanece em seu sujeito dando-lhe o ser, senão enquanto tem tendência a produzir o efeito.

Pois o mesmo acontece coma forma inteligível, que, enquanto está naquele que entende, tampouco é princípio de ação se não se lhe acrescenta tendência a produzir um efeito, coisa que faz com a vontade; pois, devido a que a forma inteligível possa representar uma coisa e sua oposta (já que um só é o conhecimento do que se lhe opõe), nunca produziria um efeito com preferência a outro se não o determinasse um apetite, como diz o Filósofo. Se, pois, não há dúvida que Deus produz as coisas por seu entendimento, já que seu ser é o seu entender, é necessário que a ciência divina seja causa das coisas enquanto leva adjunta a vontade, e por este motivo costuma-se chamá-la de "ciência de aprovação". (São Tomás de Aquino, Suma Teológica, I, q.14, a. 8.O negrito é meu).

Fica então claro: é só em Deus que conhecer é ser.

Voltaremos a esse tema mais adiante.

VI - 5. Eco dessas Doutrinas em Olavo

Se Guénon diz que o Intelecto humano é o próprio Logos divino, e que, por isso, o conhecimento identifica sujeito e objeto; que conhecer é ser; Olavo repetirá, como eco, essas mesmas doutrinas absurdas.

Veja, agora, como se tornam claras certas frases misteriosas e ambíguas de Olavo, à luz da doutrina acima exposta sobre a existência de um núcleo divino no homem e em todas as coisas, e dessa conseqüente teoria do Conhecimento metafísico intuitivo:

"Desdobrado sob a dupla aparência de consciência e de presença, é o mesmo Logos, a mesma Inteligência que se manifesta dentro e em torno de nós, que dialoga consigo sempre que um homem vê uma pedra e a pedra é mostrada ao homem" (Olavo de Carvalho, artigo Lux in Tenebris, in Jornal da Tarde, 25 de Dezembro de 1997. O negrito é meu).

Isso elucida também a causa da estapafúrdia, romântica e gnóstica tese exposta por Olavo - que ele copiou de Guénon - de que há identidade entre sujeito e objeto, pois o Logos, o Verbo, estaria presente no homem e na pedra, sendo, no fundo, a única realidade nesses dois seres, de modo que, quando o homem vê a pedra, o Logos existente no homem dialoga com o Logos existente na pedra, e ele é a única realidade existente em ambos, fazendo identificar sujeito e objeto.

Para não dizer que essa é uma idéia isolada na doutrina de Olavo, cito outra passagem de seus livros:

"O que dá sua coerência e inteireza ao conhecimento é a unidade do sujeito cognoscente, mas não num sentido kantiano, pois não se trata aqui do sujeito individual - ou geral, que é uma simples extensão do individual - e sim do sujeito identificado e reintegrado ao Absoluto; é a unidade da inteligência mesma, não enquanto manifestação individual, mas enquanto participação no Intelecto Agente, à objetividade plena portanto, e, a fortiori (sic) à verdade mesma. A unidade do mundo repousa na unidade do Intelecto, ou Logos, que é a unidade de Deus". (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 63-64. Os itálicos em negrito são meus).

Creio que não é preciso sublinhar que esse texto é completamente averroísta e gnóstico.

Quer mais?

Vá lá.

"Vivemos, movemo-nos e somos dentro (sic) dessa inteligência, pois, suprimida a inteligência, já não temos identidade humana nenhuma, e não somos nada. Se somos (sic) a inteligência, não exercemos a inteligência (...)" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 64. Os negritos são do autor).

Esse aranzel só é compreensível numa visão gnóstica do intelecto.

Ainda em 1997, Olavo permanecia fiel a essa doutrina esotérica:

"Deus não é "exterior" à consciência: é o seu núcleo mais íntimo e pessoal" "Todo ser humano possui esse núcleo". "Descoberto sob a dupla aparência de consciência e de presença, é o mesmo Logos, a mesma Inteligência que se manifesta dentro e em torno de nós, que dialoga comigo sempre que um homem vê uma pedra e a pedra é mostrada ao homem"(Olavo de Carvalho, artigo Lux in Tenebris", in Jornal da Tarde, 25- XII- 1997).

Deus "...se manifesta com todo o seu esplendor na auto realização da consciência humana" (Olavo de Carvalho, Lux in Tenebris, in Jornal da Tarde, 25-XII-1997).

Veja mais esta citação:

"Mas é preciso que este homem de erudição seja ainda um homem de espiritualidade, marcado pela vocação de convergência de todos os conhecimentos na luz unificante do Intellectus primus, ou Logos, ou Verbo divino"(Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 21. Os negritos são do autor).

E não se pretenda dar a essa frase acima uma interpretação benevolamente cristã, porque, para Olavo, como já vimos, o Logos habita todos os homens, é a sua inteligência única.

Quer você uma confirmação disso?

"É possível, ainda, passar da imagem ao conhecimento direto, se formos mais fundo para dentro de nós mesmos, pois 'nosso intelecto está conjunto à verdade eterna mesma' "(Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 69)

(Olavo não diz de onde tirou as palavras que coloca entre aspas, e que traduziu mal do francês, pois deveria ter traduzido: "Nosso intelecto está unido à própria verdade eterna", e não como ele fez, traduzindo "conjoint" (unido) por "conjunto").

Como consequência dessa noção gnóstica de intelecto, considerado como a partícula da Divindade presente e aprisionada nas criaturas - Olavo vai dizer que até as flores conhecem a seu modo (Cfr. Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 26) --, surgirá a idéia de que o homem pode ter um conhecimento divino, não humano, direto, supra racional, intuitivo, libertador e absoluto. Esse Conhecimento é a Gnose.

Tal conhecimento, de ordem inteiramente superior ao conhecimento racional, normal, se daria por uma tomada de consciência da unidade do intelecto humano com o próprio intelecto divino, a qual seria uma iluminação divina direta e absoluta, uma verdadeira Revelação, no pleno sentido da palavra.

"O revigoramento periódico do contato entre a inteligência e o infinito, que é a sua origem, denomina-se revelação, quando desse contato surgem o rito e uma norma destinada a possibilitar esse contato para um grande número de pessoas; denomina-se intuição intelectual quando ocorre para um indivíduo em particular"(Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 19. Os negritos são do original).

A idéia de revelação expressa nesse texto é a mesma que se encontra na Gnose Modernista.

E pouco adiante, Olavo precisa que essa revelação é a Tradição esotérica, a qual, como já provamos, é a Gnose:

"Não há nem religião nem esoterismo de espécie alguma sem uma revelação. A revelação origina ao mesmo tempo as técnicas e disciplinas que conduzem à intuição, e as normas que conduzem à vivenciação simbólica e indireta do sentido. A estas duas instâncias dá-se o nome de esoterismo e de exoterismo, respectivamente. A possibilidade permanente de efetivar uma dessas duas formas de vida espiritual denomina-se Tradição. Toda Tradição remonta a uma revelação. (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 19. O negrito é do autor).

A revelação primordial poderia ser renovada individualmente por meio de experiências esotéricas, através da "intuição intelectual que constituía um espécie de revelação em miniatura, era esta a função das sociedades esotéricas, (...) "(O de Carvalho, A Crise do Catolicismo, in Planeta, Novembro de 1981, no 110, p. 26. O negrito é meu).

Olavo, repetindo ou colando Guénon, defende um modo de conhecimento que não é o racional, discursivo ou abstrativo. Para ele, o verdadeiro conhecimento seria intuitivo, divino e divinizador:

"Todo homem sente que no seu conhecimento dos objetos particulares há algo de irreal e de precário, e esse algo deriva tanto do caráter ao menos parcialmente 'mental', isto é, hipotético do seu conhecimento, quanto da limitação mesma do seu modo de existência." (Olavo de Carvalho, "Esboço de um Sistema de Filosofia", 21.09.97, p. 10, Parte VII, capítulo 24)

"Pela teoria da tripla intuição (V. O Olho do Sol), vemos que o ato intuitivo é, de fato, o único ato cognitivo que existe. Denomino a esta doutrina intuicionismo radical." (Olavo de Carvalho, "Esboço de um Sistema de Filosofia", 21.09.97, p. 9, Parte VI, capítulo 22. Itálicos e sublinhado do original; negrito nosso.).

Repare então, meu caro Felipe, a modéstia de Olavo ao dizer: "Denomino a esta doutrina intuicionismo radical", como se fosse ele o criador dessa doutrina, que ele colou de Guénon! Exatamente, da página 183 da Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus.

É muita ousadia.

O conhecer - e não o conhecimento - seria a única realidade do homem:

"A suprema realidade do ato do conhecimento não está nem no sujeito nem no objeto, mas no ato de conhecer. O sujeito e o objeto nada mais são, 'em si mesmos', do que potências desse ato. V. a aula 'Ser e conhecer'. Em decorrência, a realização do conhecimento é a única realidade do homem. E o dar-se a conhecer (não somente ao homem, é claro) é a única realidade do objeto." (Olavo de Carvalho, "Esboço de um Sistema de Filosofia", 21.09.97, p. 9, Parte VI, capítulo 21).

Portanto, a única realidade no mundo manifestado, seria não o conhecimento, mas o conhecer. Um verbo, uma ação, e não um substantivo, confirmando a idéia gnóstica de que o ser é fluxo.

Como vimos, esse conhecimento seria esotérico, e não transmissível discursivamente.

Tais práticas esotéricas não podem ser transmitidas por escrito : "Daí por que (sic), vista de fora e sem o apoio da disciplina iniciática (a qual, por razões óbvias, só pode ser dada pessoalmente a cada um, já que implica uma prática metódica, não podendo, por isso, ser exposta por escrito) (...) (Olavo de Carvalho, A Crise do Catolicismo, in Planeta, Novembro de 1981 no 110, p. 27).

Essa revelação obtida pelo Conhecimento intuitivo seria a Tradição - que, como vimos, é a Gnose - e estaria presente em todas as religiões: "Mas, qualquer que seja a religião de que se trate, revelação é o meio pelo qual a Verdade total, universal e definitiva se manifesta e se evidencia aos homens"(Olavo de Carvalho, op. cit. p. 33).

No livro *Astros e Símbolos*, Olavo diz que a intuição é o contrário da abstração, e que também pela intuição sensível se pode chegar a identificar a parte com o todo, a individualização máxima com a universalização, e que isto é a visão intelectual, que ele relaciona então com a Alquimia. (cfr. Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, pp 70-71).

Como os gnósticos em geral, Olavo desvaloriza a razão dando inteira predominância à inteligência. Ele chega a declarar que a abstração é um pecado.

"Mas a última etapa que absolverá o raciocínio analógico de seu último ranço de abstracionismo, é precisamente a forma suprema de raciocínio, forma essa tão superior a todas as outras, que já representa praticamente uma entrada no mundo da intuição e do conhecimento imediato. A essa forma de raciocínio, denominamos convenientia (...) Quando nosso intelecto chega a essa forma de raciocínio, podemos então começar a compreender a doutrina hindu dos "dias e noites de Brahma", ou a doutrina islâmica da "inspiração e expiração de Deus", como retroação de todos os mundos ao seu princípio, seguida de nova expansão multilateral de manifestação universal. Estamos, assim, às portas da metafísica pura, mas isto será assunto para outra ocasião" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 44. O negrito é do autor).

Repare, meu caro Felipe, que Olavo fala em "absolver" o abstracionismo por seu "ranço", indicando que ele considera a abstração como um verdadeiro pecado

Por isso, ele dirá que o verdadeiro conhecimento - o conhecimento "metafísico", isto é, a Gnose - não pode ser alcançado por meio racional.

"O termo "metafísica" não deve ser aqui entendido da maneira comum e corrente tal como a empregam os professores e manuais de filosofia, mas no sentido propriamente tradicional, que tem nas obras de René Guénon, Titus Burckhardt, Frithjof Schuon, Seyyed Hossein Nasr, Ananda Coomaraswamy e tantos outros, que teremos a ocasião de mencionar.

"Se a metafísica está relacionada ao conhecimento de princípios absolutos, por isso mesmo ela não pode ser realizada por meios unicamente racionais, uma vez que razão, ratio, significa proporcionalidade e, portanto, relatividade" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, pp. 53-54 O negrito é do autor).

Seria então por meio desse conhecimento superior que o homem libertaria seu self, o seu pneuma, do cárcere da matéria e da razão.

O conhecimento a que Olavo se refere é de fato um conhecimento divino e divinizador, e que dá a explicação de sua esotérica definição de Filosofia.

"Buscando-se a unidade do conhecimento dentro da consciência, encontra-se dentro dela algo que não é ela e que a funda naquilo que ela tem de mais íntimo. É a frase de Claudel: Deus é aquele que em mim é mais do que eu mesmo. Ou seja, esse interior do interior do interior da consciência é algo que a transcende. Seria aquele pontinho mais mínimo que ao mesmo tempo é o máximo. Este é um momento particularmente brilhante da filosofia porque é filosofia no sentido mais puro da coisa"(Olavo de Carvalho, aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, junho de 1998, Bloco 8, p. 15).

Isto não é absolutamente Filosofia.

É Gnose.

É esoterismo.

E Olavo o confessa, escrevendo:

"O esoterismo é a ciência universal por excelência, é o conhecimento e a realização da unidade (...)" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 11).

E o tal "pontinho" mais mínimo e máximo no fundo da consciência humana é o que os gnósticos chamavam de éon ou pneuma e que Guénon e o Hinduísmo chamam de âtmã.

E isso também é Gnose.

Vimos que Olavo identifica Tradição, Conhecimento, Sabedoria e Gnose, e que por isso mesmo ele escreveu:

"Para o sábio ou gnóstico, conhecer é ser, e vice versa" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 26. Os negritos são meus).

Para Olavo, então, ser sábio, ser "Filósofo"-- ainda que auto proclamado - é ser gnóstico.

Olavo se auto proclamou "Filósofo", e se considera sábio, porque ele é gnóstico.

Mas, se identificar sábio e gnóstico é dar um passo adiante para compreender o que Olavo deixa subentendido ao expor sua "Filosofia", ainda não progredimos muito na compreensão da afirmação de que todo ser conhece, e que ele só é ser por conhecer. E vice versa.

E ainda tem o vice versa!

De novo um vice versa, que põe o xoró - o incompreensível - no avesso.

Dizendo que conhecer é ser --e vice versa! --, Olavo só repete o que leu em Guénon e em Schuon. (Note-se, porém, que o "explicitador" vice versa é só do Olavo).

Como vimos, quando Olavo diz algo mais estranho, é porque o colou de um de seus mestres esotéricos. Veja essa, que ele confessa ter colado de Schuon.

"Por outro lado, a não-dualidade do conhecer e do ser requer que se entenda o próprio conhecer como um modo de ser. "Ser homem, é conhecer" escreve Frithjof Schuon [in De l' Unité Transcendente des Religions, cap. IX.] (in Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 25. Os negritos são de Olavo).

E mais:

"Em clima islâmico, a Vontade divina tem em vista, não a priori o sacrifício e o sofrimento como garantias de amor, mas o desenvolvimento da inteligência deiforme (min Rûhl, "de Meu Espírito") determinada, ela, pelo Imutável, e englobando por consequência nosso ser, sob pena de "hipocrisia" (nifâq) pois que conhecer é ser; (...)" (F. Schuon, Comprendre l' Islam, p. 22).

É praticamente infalível: quando se encontra uma idéia abstrusa nos livros de Olavo, ela é cópia de seus mestres gnósticos. Observe ainda, meu prezado Felipe, que Schuon faz referência à inteligência como deiforme...

Então, para Olavo de Carvalho, - exatamente como para Guénon e Schuon --Conhecer é Ser. E esse conhecimento é que tornaria o homem Sábio ou Gnóstico.

Óbviamente essa tese de que "conhecer é ser" é esdrúxula, e causa perplexidade ao ser lida.

Como se pode entender isso?

É evidente que conhecer não é ser, pois a cadeira em que estou sentado é ser, e entretanto ela não conhece. Para Olavo, porém, ela conhece a seu modo, porque "envia e recebe informações". Todo ente conheceria a seu modo.

"(...) é que todas as modalidades de ser passam a ser entendidas como modalidades de conhecer; por exemplo, as formas existenciais dos entes - a forma dos planetas, dos anjos, das flores e bichos, entendendo-se forma, evidentemente em sentido amplo e estrutural, não restrito e visual - são também suas modalidades de conhecer" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, p.26).

Para Olavo, então, a flor, os planetas, os bichos, de certo modo, também conhecem!

Conhecem?

Conhecem o quê?

Conhecem como?

O próprio Olavo vai nos explicar isso:

"De conhecer o quê? A Unidade mesma da qual derivam. Há, por exemplo, modalidades externas e internas de conhecer - a flor não tem interioridade auto consciente, e por isso seu conhecimento da Unidade, ou de Deus, consiste e reside na sua forma corporal (e na função correspondente). O homem tem interioridade auto consciente, e por isso seu conhecimento de Deus não está tanto na sua forma sensível, mas na sua consciência de Deus, e nas conseqüências existenciais que ele tora dessa consciência" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, p. 26).

Então, todas as coisas conhecem "a Unidade de que derivam", isto é, a Divindade. E conhecem a Divindade da qual emanam através do atma, da partícula divina que haveria nelas e nos homens

Quando Guénon, Schuon, Olavo e outros "tradicionalistas" dizem que conhecer é ser, estão, na verdade, equiparando o conhecer humano ao divino. Estão afirmando que o intelecto humano é o próprio intelecto divino. E estão ensinando que é pelo conhecimento que o homem e todas as coisas se identificam com Deus, realizando a unidade das consciências na unidade do Conhecimento. E isso é o que afirma a própria Gnose. Isso é Gnose.

Com todas estas explicitações fica bem mais fácil agora entender o que Olavo quer dizer - deixando subentendido - quando define Filosofia como "a unidade do conhecimento na unidade da consciência, e vice versa".

"Filosofia", - ou sabedoria --para Olavo, é a Gnose. E é por isso que ele afirma que o sábio é o gnóstico.

VII - O 4o item fundamental da Gnose, segundo Olavo de Carvalho

"Expansão da divindade numa série de potências ou Aeons, um processo que, num ponto qualquer do seu desenvolvimento, teria dado errado, ocasionando a criação deste universo mau".

VII - 1. Observações iniciais

Antes de tudo, é preciso notar um erro de posicionamento deste item: é claro que ele deveria ter sido posto como segundo item. Sua colocação em quarto lugar, fere a lógica da exposição, pois já se tratou da evolução da Divindade, e da ação do Demiurgo.

Essa falta de ordem nos quatro itens de Olavo, levará a uma certa repetição dos temas já tratados.

Culpa de Olavo.

Outro ponto importante a reter é que no item IV, tal como foi formulado por Olavo, se fala em "expansão" e em "processo" da Divindade e não em "emanações" da Divindade, como em geral se diz, na Gnose.

Ora, admitir um processo ou evolução interna na Divindade é doutrina típica da Gnose. O que Guénon tem de original, quanto a esse ponto, é a afirmação de que não houve emanação ad extra da Divindade: para ele, o processo se daria apenas ad intra, na Divindade. Por isso, ele recusa usar o termo criação, substituindo-o pelo termo "manifestação".

Que René Guénon aceitava a doutrina de um processo evolutivo na Divindade, a qual teria se desdobrado em uma multidão de princípios intermediários entre ela e o mundo "manifestado", é patente para quem quer que tenha lido seus livros mais importantes.

Para comprovar isso basta ler alguns dos livros dele, tais como: Introdução Geral às Doutrinas Hindus, ou A Metafísica Oriental, ou ainda L'Homme et son Devenir selon le Vedanta, Os Estados Múltiplos do Ser, o Études sur L' Hinduisme, o Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques, etc.

Guénon quase que só fala disto. Se fossemos citar todos os textos em que ele expõe essa doutrina dos processos ad intra Divindade, que teriam culminado com a queda provocada pelo Demiurgo, reeditaríamos as suas obras. Portanto, limitar-nos-emos apenas a alguns textos mais significativos.

VII - 2. Guénon e o problema da criação ex nihilo

Antes de citar e examinar os textos de Guénon e de Olavo de Carvalho sobre essa questão, é conveniente colocar alguns pressupostos.

Há fundamentalmente três posições possíveis nesse problema relativo a Deus e à criação:

1) A posição doutrinária do Catolicismo. Conforme a doutrina da Igreja Católica Deus é ato puro, absolutamente perfeito e sem possibilidade de mudança. Por isso Deus assim se definiu: "Eu sou aquele que é "(Ex, III, 14), isto é, o Ser absoluto, imóvel, o Ato puro. Por isso também Deus disse: "Eu sou Deus e não mudo "(Mal. III, 6). Por isso, ainda, Deus, salientando que Ele é absolutamente transcendente ao mundo criado, afirmou: "Deus não é como o homem capaz de mentir, nem como o filho do homem sujeito a mudanças"(Num. XXIII, 19). Essas verdades são completamente negadas por Guénon.

Além disso, a doutrina Católica ensina que Deus criou o mundo por um ato livre de sua vontade, e que o criou do nada (ex nihilo").

2) O Panteísmo, a seu turno, ensina que o mundo é feito da própria substância divina, e que, por essa razão, tudo é divino, inclusive a matéria.

3) A Gnose afirma que a Divindade é essencialmente evolutiva, e que, nesse processo de evolução, teria havido um engano, o surgimento do Demiurgo criador ou causador da matéria e do mundo, oposto à Divindade.

Guénon recusa terminantemente a criação ex nihilo, ensinada pelo Catolicismo, assim como recusa o Panteísmo. A sua posição é a da Gnose, com uma diferença: muitas seitas gnósticas afirmam que o universo foi emanado da Divindade ad extra. Guénon, com a Gnose hinduísta, pretende que o mundo - que ele chama de manifestação e não de criação - não foi "manifestado" ad extra, mas sim ad intra, na Divindade.

Por essa razão, Guénon, em certos livros, recusa explicitamente a idéia de emanação ad extra Divindade, o que pode levar alguns a julgar erroneamente que ele recusa a existência de um processo evolutivo na própria Divindade. Essa distinção, porém, não o coloca fora do sistema gnóstico.

Rejeição da criação ex nihilo

Para comprovar isso, comecemos pelo primeiro artigo de René Guénon, *Le Démiurge*, escrito para a revista *La Gnose*, que ele assinou como Bispo da Igreja Gnóstica, sob o nome de "T. Palingenius".

Já citamos em parte esse texto, mas a ilogicidade dos quatro itenzinhos de Olavo nos obriga a repeti-lo para manter a lógica de nossa exposição.

Lá se pode ler que Guénon rejeitava expressamente a criação ex nihilo, mas, inicialmente, parecia repelir também a idéia de que o universo teria emanado da Divindade.

Na realidade, ele pretende que, embora tenham existido transformações na Divindade, o universo teria surgido de uma "queda" Metafísica, e que o universo - conjunto das coisas manifestadas - estaria, de fato, na própria Divindade.

"É evidente que o perfeito não pode produzir a imperfeição, já que, se isto fosse possível, o perfeito deveria conter em si mesmo o imperfeito em estado principial, com o que deixaria de ser o perfeito. O imperfeito não pode então proceder do imperfeito por via de emanação; assim não poderia resultar senão da criação "ex nihilo", mas como admitir que algo possa proceder do nada, ou, em outros termos, que possa existir alguma coisa carente de princípio? Por outro lado admitir a criação ex nihilo" seria admitir o aniquilamento final, e não há nada mais ilógico que falar da imortalidade em tal hipótese. Mas a criação assim entendida é um absurdo, posto que é contrária ao princípio de causalidade, que é inegável para todos homem sincero e medianamente razoável, com o que podemos dizer como Lucrécio: "Ex nihilo nihil, ad nihilum nihil posse reverti"(René Guénon, como Bispo Palingenius, *Le Démiurge*, p. 1).

A mesma negação da criação ex nihilo pode ser lida no livro *Esoterismo Islâmico e Taoísmo*, versão castelhana.(Ediciones Obelisco, Barcelona, 1992, p.70).

Por outro lado, Guénon, como já vimos, repele o panteísmo, porque, com o Hinduísmo, considera a matéria pura ilusão. Ele previne que não se caia no erro de pensar que, por não aceitar a criação ex nihilo, ele aceite o panteísmo.

"É pois bastante claro que o que acabamos de dizer se liga estreitamente no pensamento de uns e outros à imputação de "panteísmo" dirigida comumente às mesmas doutrinas orientais e da qual temos demonstrado a miúdo sua completa falsidade, inclusive até ao absurdo (já que o panteísmo é na realidade uma teoria essencialmente anti metafísica) para que seja inútil voltar a isso de novo" (R. Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, ed. cit., p. 67).

VII - 3. Guénon e o emanacionismo

Nesse mesmo livro, Guénon faz críticas ao emanacionismo:

"Posto que fomos levados a falar do panteísmo, aproveitaremos para fazer em seguida uma observação que tem aqui certa importância a propósito de uma palavra que se tem precisamente o costume de associar com as concepções panteístas: esta palavra é "emanação", que para alguns, sempre pelas mesmas razões e como conseqüência das mesmas confusões, querem empregar para designar a manifestação, quando não se apresenta com o aspecto de criação. Ora pois, por isso, a menos que não se trate de doutrinas tradicionais e ortodoxas, esta palavra deve ser absolutamente posta de lado, não só por causa desta associação lamentável (que esta esteja, pelo demais, mais ou menos justificada no fundo atualmente, não nos interessa), senão sobretudo porque, em si mesma e por seu significado etimológico, não expressa mais do que uma impossibilidade pura e simples. Com efeito, a idéia de "emanação" é propriamente a de uma "saída", porém a manifestação [Para Guénon, o conjunto da criação] não deve considerar-se assim de modo algum, pois nada pode realmente sair do princípio; se algo saísse dele, o Princípio, desde então, já não poderia ser infinito, e se encontraria limitado pelo próprio fato da manifestação; a verdade é que fora do Princípio, não há e não pode haver mais do que o puro nada. Se inclusive se quisesse considerar a "emanação", não em relação ao Princípio Supremo e infinito, mas apenas com relação ao Ser, princípio imediato da manifestação, este termo daria ainda motivos para uma objeção que, por ser distinta da precedente, não seria menos decisiva: se os seres saíssem do Ser para manifestar-se, não poderia dizer-se que eles eram realmente seres, e estariam desprovidos de toda a existência, pois a existência, seja de todo modo que seja, não pode ser mais que uma participação no Ser; esta conseqüência, ademais de que é patentemente absurda em si mesma, num como em outro caso, é contraditória com a própria idéia de manifestação" (René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo. ed. cit., pp. 67-68).

"... há que abster-se também com muitíssimo cuidado de outro erro contrário aquele que consiste em querer ver uma contradição ou uma oposição qualquer entre a idéia de criação e esta outra idéia a que acabamos de aludir e para a qual o termo mais acertado que temos a nossa disposição é o de "manifestação;"(René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, pp. 65-66).

E Guénon então informa que a idéia de "manifestação" não se opõe, de fato, à idéia de criação. Essa última seria própria do exoterismo religioso, enquanto que a idéia de "manifestação" é mais do esoterismo, significando que tudo permanece ad intra, na Divindade (Cfr. op. cit., p. 68).

Como exemplo dessa idéia de "criação" no exoterismo, e de "manifestação" no esoterismo, Guénon dá a noção de criação no Islamismo e de "manifestação" no esoterismo islâmico:

"Já que acabamos de recorrer a um termo da linguagem da tradição islâmica, acrescentaremos isto: ninguém se atreveria, desde logo, a discutir que o Islamismo, quanto a seu aspecto religioso ou exotérico, seja ao menos tão "criacionista" quanto como pode sê-lo o próprio Cristianismo; entretanto, isto não impede de modo algum que em seu aspecto esotérico haja um nível a partir do qual a idéia de criação desaparece" (René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, p. 73).

Portanto, a "manifestação" da Divindade se dá na própria Divindade, não havendo nem criação ex nihilo, nem panteísmo.

Resta para Guénon a posição gnóstica, sendo que, para ele e para o Hinduísmo, a "manifestação" se dá na própria Divindade por um processo de mudança ou evolução interna.

Por essas razões, não haveria nem criação, nem emanção ad extra, da Divindade:

"Não pode haver nada que careça de um princípio; mas qual é esse princípio? Não será na realidade o Princípio único de todas as coisas? Se considerarmos o universo total, é evidente eu ele contém todas as coisas, posto que todas as partes estão contidas no todo. Por outro lado, o Todo é necessariamente ilimitado, já que se tivesse um limite, o que estivesse para lá deste limite não estaria compreendido pelo todo, sendo esta suposição completamente absurda. O que não tem limite pode ser chamado Infinito, e como contém tudo é o Princípio de todas as coisas. Por outra parte, o Infinito é necessariamente "uno", porque dois Infinitos que não fossem idênticos se excluiriam um ao outro; resultando disto que não há mais que um Princípio único de todas as coisas, e este Princípio é o Perfeito, posto que o Infinito só pode ser tal se é o Perfeito" (René Guénon, o "Bispo" Palingenius da Igreja Gnóstica, Le Démiurge, p. 1).

Para expor como se deu a "manifestação", Guénon diz que no deserto se dá a imagem a mais perfeita dela, porque lá, "a diversidade das coisas é reduzida a seu mínimo, e onde, ao mesmo tempo, as miragens revelam tudo o que tem de ilusório o mundo manifestado"(...).

"Não se poderia encontrar uma imagem mais verdadeira da Unidade desdobrando-se exteriormente na multiplicidade sem deixar de ser ela mesma e sem ser afetada por isso e fazendo voltar logo a si mesma, sempre conforme as aparências, esta multiplicidade que, na realidade, nunca saiu de si, pois não poderia haver nada fora do Princípio ao qual nada se pode acrescentar e do qual nada se pode subtrair, porque Ele é a indivisível totalidade da existência única".

(René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, p. 30).

VII - 4. O processo evolutivo na Divindade no Hinduísmo

Guénon expõe como se dá o processo evolutivo na Divindade, de modo mais pormenorizado, quando trata da doutrina hinduista.

Falando do Princípio Supremo, diz ele:

"O Princípio Supremo, total e universal, que as doutrinas religiosas do Ocidente chamam de "Deus", deveria ser concebido como impessoal ou como pessoal? (...) Sob o ponto de vista metafísico, é preciso dizer que esse Princípio é tanto impessoal quanto pessoal em relação à manifestação universal, mas bem entendido, sem que esta "personalidade divina" apresente qualquer caráter antropomórfico, já que é necessário se resguardar da confusão entre "personalidade" e "individualidade" (René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, ed. Ciências Tradicionais Michel F. Veber, São Paulo, 1989, p.241).

Elucida Guénon que, enquanto impessoal, esse Princípio Supremo pode ser tido como Não Ser e se chamaria de Brahma. Enquanto pessoal, ele seria Ser e se chamaria Ishiwara (Cfr. op. cit., p. 241).

"Brahma, na sua Infinitude, não pode ser caracterizado por nenhuma atribuição positiva, o que se exprime dizendo que ele é nirguna ou "além de qualquer qualificação", e ainda nirvishesha ou "além de qualquer distinção; em contrapartida, Ishiwara é chamado saguna ou "qualificado", e sadishesha ou "concebido diretamente", porque ele pode receber de tais atribuições, obtidas no universal por uma transposição analógica, diversas qualidades ou propriedades dos seres dos quais é o princípio". (R. Guénon, op. cit. p. 243).

Por sua vez, "Ishiwara é encarado sob uma triplicidade de aspectos principais, que constituem a Trimûrti ou "tripla manifestação", e dos quais outros aspectos mais particulares derivam, secundárias com relação àqueles. Brahmâ [com circunflexo] é Ishiwara enquanto princípio produtor dos seres manifestados; ele é chamado assim porque é considerado como o reflexo direto, na ordem da manifestação, de Brahma [sem circunflexo], o Princípio supremo." (...) "Os outros dois aspectos constitutivos da Trimûrti, complementares um do outro, são Vishnu, que é Ishiwara enquanto princípio animador e conservador dos seres, e Shiva, que é Ishiwara enquanto princípio, não destruidor como se diz a torto e a direito, mas, com mais exatidão, transformador; estas são "funções universais" e não entidades separadas e mais ou menos individualizadas" (René Guénon, Introdução Geral aos Estudos das Doutrinas Hindus, pp. 243- 245).

E daí para diante la vai a "doutrina" hindu, numa exuberante e delirante enumeração de "aspectos" da Divindade, começando por "Prakriti ou Pradhana, que é a substância universal, indiferenciada e não- manifestada em si, mas de onde todas as coisas procedem por modificação; este primeiro tattwa é a raiz ou mûla da manifestação, e os tattwas seguintes representam suas modificações em diversos graus. No primeiro grau, está Budhi que é também chamado Mahat, ou o "grande princípio", e que é o intelecto puro, transcendente em relação aos indivíduos; aqui, estamos já na manifestação, mas não ainda na ordem universal". (R. Guénon Introdução Geral ao estudo das Doutrinas Hindus, pp. 273-274).

Para Guénon, "... o estado presente [do universo e do homem] não é mais que o efeito de uma queda, o efeito de uma espécie de materialização progressiva que se produziu no curso das eras, através da duração de um certo ciclo" (René Guénon, A Metafísica Oriental, Ipviter, São Paulo, 1981, p.35. Tradução com notas de Olavo de Carvalho).

Dispensamo-me de continuar a citação destes delírios gnósticos. Quem quiser conhecê-los, vá enrosçar-se nessa mitologia de pesadelo, nas páginas desse livro delirante de Guénon.

Chega.

Para concluir, lembro apenas que Guénon reafirma a tese fundamental da Gnose, ao dizer que:

"A realização metafísica consistindo essencialmente na identificação pelo conhecimento, tudo o que não é conhecimento em si 'so tem um valor de meios acessórios" (René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, p. 279).

VII - 5. Olavo e o emanacionismo

E Olavo, o que escreveu ele sobre esse problema explicitado no seu quarto item da doutrina Gnóstica?

Já vimos que ele considera que a raiz do mal, a raiz do sofrimento, está na polarização dialética do universo, que proveio do desdobramento da unidade do ser:

"A psicologia astrológica (sic!?) é uma teoria do sentido do sofrimento e da raiz deste último nas polarizações que cosmogonicamente desdobram o orbe manifesto a partir da unidade do ser" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, Nova Stella, São Paulo, 1985, p. 65).

Ora, essa formulação diz, com palavras diferentes, exatamente o que está afirmado no IV item da Gnose, segundo Olavo. Parece que ele anda muito esquecido do que escreveu...

Tão esquecido que não se "lembra de que, para Olavo de Carvalho, "... a unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, Nova Stella, São Paulo, 1985, pp. 74-75. O negrito é do próprio Olavo).

E note bem, meu caro Felipe, que Olavo usou o verbo emanar, que Guénon não usa. Portanto, Olavo é ainda mais claramente gnóstico do que Guénon, pelo menos nessa frase.

Essa doutrina tipicamente gnóstica é repetida por Olavo, noutra passagem de outro de seus livrecos, que já citamos, mas na qual queremos, agora, frisar a idéia de emanção.

"A segunda conseqüência, de ordem teórica, é que todas as modalidades de ser passam a ser entendidas como modalidades de conhecer; por exemplo, as formas existenciais dos entes - a forma dos planetas, dos anjos, das flores e bichos, entendendo-se forma, evidentemente em sentido amplo e estrutural, não restrito e visual - são também suas modalidades de conhecer. De conhecer o que? A Unidade mesma da qual derivam" (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 26. O negrito é meu).

Além de novamente afirmar que tudo deriva da Unidade Primordial --e vimos que Olavo entende deriva como emana - nessa frase está afirmado que todos os seres, pelo fato de serem, conhecem, e conhecem a Unidade primordial de que derivam. portanto, para Olavo, a flor, por exemplo, tem em si, algo que permite a ela conhecer (cfr. *Astrologia e Religião*, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 26). De alguma modo ela, a flor, teria participação no intelecto. O que está logicamente de acordo com o restante da doutrina defendida por Olavo de que tudo provem do Intelecto Primeiro. Mas isto é exatamente Gnose.

No Natal de 1997, Olavo publicou um artigo intitulado *Lux in Tenebris*. Evidentemente, o título e a data escolhida para sua publicação, levariam os leitores a julgar que era um artigo sobre o nascimento de Cristo, tanto mais que nele se falava do nascimento do Logos. Na realidade, Olavo expunha, nesse artigo, mais ou menos vagamente, a doutrina gnóstica da queda da Divindade e da evolução das partículas divinas aprisionadas até a sua libertação.

Veja os trechos mais importantes e preste atenção à terminologia guénoniana:

"Desdobrado sob a dupla aparência de consciência e de presença, é o mesmo Logos, a mesma Inteligência que se manifesta dentro e em torno de nós, que dialoga consigo sempre que um homem vê uma pedra e a pedra é mostrada a um homem" (Olavo de Carvalho, *Lux in Tenebris*, artigo in *Jornal da Tarde*, 25 - XII 1997).

O que está dito aí de modo obscuro é que o Logos, a Inteligência divina existe, quer na consciência, quer nas coisas como presença, e é ela que dialoga consigo mesma, quando o homem pensa e conhece uma pedra. Uma só "Luz" divina existiria oculta nas trevas da matéria. *Lux in tenebris*... E o universo não foi criado: foi um desdobramento da Divindade.

A seguir, nesse mesmo artigo, Olavo explica a doutrina hinduísta, propagada por Guénon, a respeito das manifestações da Divindade no Cosmos, e o retorno dos atmãs a Brahma, claro, em linguagem velada, esotérica:

"No fluxo do tempo cósmico, esse Logos atravessa, desde o ponto de vista humano, ciclos de revelação e de ocultação, marcados por quatro momentos fundamentais: o momento em que ele se oculta na multiplicidade confusa do mundo; o momento em que ele se refugia no fundo obscuro da consciência isolada; o momento em que ele se manifesta com todo o esplendor na inteligibilidade do mundo em torno; e o momento em que ele se manifesta com todo o seu esplendor na auto realização da consciência humana"(Olavo de Carvalho, Lux in Tenebris, In Jornal da Tarde, 25 - XII - 1997).

Esquematizado esse texto, veja como fica bem clara a doutrina gnóstica de Olavo, e como ele esmertamente a oculta:

Ele diz aí que o Logos, o Intelecto, como diz o sufismo passa por quatro momentos:

- 1) A queda na multiplicidade confusa do mundo manifestado;
- 2) O ocultamento dos atmãs ou éons divinos, nas coisas criadas;
- 3) O afloramento do Intelecto nas consciências através da compreensão do universo inteligível;
- 4) A Auto Realização Suprema do homem pela união de seu atmã com o Intelecto divino, através do Conhecimento Supremo.

Isso tudo, foi dito em um artigo que dizia respeito ao nascimento do Logos, num artigo de Natal, quando a luz de Deus nasceu em Belém... Lux in Tenebris.

Indiscutivelmente hábil. Esotericamente hábil. Mas num artigo gnóstico, aparentando ser cristão.

Voltemos ao Astros e Símbolos de Olavo, para encontrar nova confirmação de que as coisas existentes no universo emanaram da Unidade Primordial.

"O que estabelece a analogia entre dois entes, portanto, não são as similitudes que apresentam no mesmo plano, mas o fato de que emanam de um mesmo princípio, que cada qual representa simbolicamente a seu próprio modo e nível de ser, e que contendo em si um e outro, é forçosamente superior a ambos" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 39. O negrito é do Olavo. E tão apropriado que me dispensou de colocá-lo).

Portanto, Guénon defende a tese das transformações ad intra, na Divindade.

Olavo, mais claro, fala de emanações, sem dizer que elas são ad intra.

VII - 6. O Mundo Imaginal Shiita e Olavo

Olavo inclui no universo manifestado, que se teria desdobrado da Unidade Primeira, também o "mundo imaginal" da Gnose shiita:

"A contra partida ontológica dessa faixa psicológica é o denominado mundus imaginalis, o mundo das formas imaginais, que não se confundem com o imaginário (Hugo atribui o imaginário à parte corporal) e que constituem o elo perdido entre o mundo dos sentidos e as "formas puras (ou abstratas) do entendimento(...)". (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 42. O negrito é de Olavo.).

Então, haveria um mundo imaginal - tal qual na Gnose shiita (Cfr. Henry Corbin, *En Islam Iranien*.) - que seria o elo entre o mundo puramente material e o mundo superior, puramente espiritual, como ensina a Gnose shiita. E não se pense que sou eu que acuso que isso é relacionado com a Gnose shiita. É o próprio Olavo que escreve:

"Um estudo da consistência e das estruturas do mundus imaginalis poderia levar-nos demasiado longe de nosso propósito, que é simplesmente o de definir o sentido da palavra "Zodíaco", mas podemos remeter o leitor à obra monumental de Henry Corbin que fornece não apenas a explicação, mas a atestação documental extensa das concepções sobre o imaginal, sobretudo na filosofia persa, que ele foi o primeiro autor a divulgar no ocidente". (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 60).

Ótimo.

Só que Olavo esqueceu de dizer que a tal "filosofia" persa é a Gnose shiita. Quem quiser comprová-lo, que leia os quatro volumes de Corbin nos quais ele afirma isto explicitamente: a doutrina shiita é a Gnose do Islam.

E Olavo explica mais: nesse mundo imaginal, existiriam não só os símbolos, mas também os "entes imaginais", simbolizados por eles" (Olavo de Carvalho, *op cit.*, p. 43).

E prossegue Olavo, impertérrito, em suas afirmações gnosticamente descabeladas:

"E é no mundo imaginal que reencontramos então os anjos e os personagens todos das narrativas bíblicas e mitológicas, como formas de realidade que não se reduzem nem ao nosso psiquismo subjetivo, nem a uma objetividade meramente exterior" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 43).

E como ele colocara nesse mundo também os seres mitológicos como o centauro, eis que os personagens bíblicos ficam reduzidos ao nível dos centauros e capricórnios do zodíaco...embora ele diga que "o mundus imaginalis é o âmbito das hierofanias, das aparições sacrais"(Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 61).

E basta! Que já escrevi bem mais do que a meia palavra necessária para os bons entendedores, que, para os maus, não adianta escrever mais.

VIII - Os Desenvolvimentos Secundários da Gnose, conforme Olavo de Carvalho

VIII - 1. Preliminares

No seu AVISO 2, Olavo diz:

"Desses princípios - (os quatro pontos doutrinários fundamentais da Gnose em... nível de enciclopédia popular) - derivam alguns desenvolvimentos secundários, dos quais os mais notórios são a concepção sexual do pecado original (hoje, por ironia, atribuída pela mídia à Igreja Católica), o ascetismo destrutivo e o milenarismo revolucionário que originou as ideologias modernas"

E desafia Olavo: "Qualquer tentativa de caracterizar como gnóstico - herético o meu pensamento só poderia ser levada em conta se demonstrasse nele, a vigência desses princípios e a adesão a esses desenvolvimentos" (Olavo de Carvalho, AVISO 2).

E ele nega de pés juntos que esses princípios e desenvolvimentos existam em sua doutrina e em sua vida. E garante:

"Tudo isso é tão evidente nos meus textos e aliás até na minha vida pessoal, que a acusação de gnosticismo levantada pelo sr. Orlando Fedeli, no essencial, não pode pretender ao estatuto de coisa séria".(Olavo de Carvalho, AVISO 2).

Mas, ao mesmo tempo ele se resguarda, fazendo uma restrição ao dizer que o fato de haver algum elemento gnóstico num autor, num estilo de arte, em ciências, etc, misturado com elementos cristãos, não tornaria esse autor, estilo, ciência, etc, de si gnósticos. E como exemplo disso, menciona a Alquimia e Astrologia:

: "Só para dar um exemplo, a mesma teoria da influências dos astros sobre as paixões humanas se encontra idêntica em Sto Tomás de Aquino e em Robert Fludd. É cristão no primeiro e gnóstica no segundo, não porque apresentem qualquer diferença interna mas pelo lugar que ocupa nas concepções globais de um e de outro"(Olavo de Carvalho, AVISO 2, 17-4 - 2001).

Ora, já demonstramos que os quatro pontos fundamentais da Gnose indicados por Olavo existem na doutrina de René Guénon, assim como nos livros e escritos de seu discípulo Olavo de Carvalho.

Ademais, nem todos os sistemas gnósticos explicitam simultaneamente todos esses "desenvolvimentos secundários", como os chama Olavo, e nem por isso deixam de ser gnósticos.

Por exemplo, há uma contradição evidente entre o primeiro ponto e o segundo. A concepção do pecado original como o ato conjugal de Adão e Eva, que leva à condenação do matrimônio e à proibição por vezes absoluta de todo ato sexual, é própria das seitas gnósticas ascéticas, como o catarismo e o maniqueísmo.

Outras seitas gnósticas defendem o oposto, isto é, o desprezo da matéria por uma violentação completa da lei moral imposta pelo demiurgo, ensinando e praticando um antinomismo radical. (Aliás, Olavo reconhece essa dualidade de atitudes face à matéria nas seitas gnósticas). Foi esse antinomismo gnóstico que Cristo condenou, falando aos Fariseus: "Aquele, pois, que violar um destes mandamentos mais pequenos, e ensinar assim aos homens, será considerado o menor no Reino dos Céus"(Mt V, 19).

Em geral, essas seitas gnósticas antinomistas são as que colocam mais claramente a origem do mal na Divindade e não na culpa de Adão. Como já dissemos, elas falam mais de um pecado ante original, metafísico, acontecido na própria Divindade, antes do que numa culpa moral do primeiro casal. É o que ocorre, por exemplo na gnose hinduísta seguida por Guénon e por Olavo.

O Cardeal Ratzinger, no seu último livro, explica precisamente isto.

"O "pecado original", por exemplo, costumeiramente tão difícil de ser entendido, é identificado com a queda no finito, e assim resulta claro que ele pesa sobretudo sobre aqueles que se acham no círculo da finitude" (Cardeal Joseph Ratzinger, *Introduzione allo Spirito della Liturgia*, p. 28).

Finalmente, há as seitas gnósticas que assumem uma postura dialética quanto a esse ponto, quer adotando uma posição ascética para os seus novatos, quer, posteriormente um antinomismo absoluto, quando eles teriam alcançado a "realização" gnóstica por meio de uma suposta identificação com a Divindade. Era o que faziam por exemplo, os Irmãos do Livre Espírito, no final da Idade Média, os quietistas, certos grupos cabalistas, alguns grupos sufis, e os ismaelitas de Alamut.

Entretanto, todas essas seitas, são gnósticas, embora adotem ou o 1o ponto "secundário" citado por Olavo, ou só o 2o, ou, dialeticamente, os dois ao mesmo tempo.

Vejamos então, sucintamente, alguma coisa sobre os pontos que Olavo chama de "desenvolvimentos secundários" da Gnose.

VIII - 2. O 1o Desenvolvimento Secundário da Gnose conforme Olavo: a concepção sexual do pecado original

Como já ressaltamos, a Gnose, normalmente, coloca a origem do mal na própria Divindade. O mal seria ontológico e não moral. Para o Catolicismo, o mal é apenas moral, e nunca metafísico, pois, como demonstrou Santo Agostinho em seu obra *Contra Manicheos*, se o mal absoluto existisse, ele teria o bem da existência, e, portanto, não seria mal absoluto. Ademais, o mal é o que vai contra a natureza. logo, ele não pode ser natureza. Mal, então, é a ausência de ser ou a ausência de ordem. O que é confirmado pela Sagrada Escritura na qual se lê que Deus, ao criar cada coisa, afirma que cada coisa é boa. (Cfr. Gênesis, cap. I).

Para a Gnose, o mal é ontológico, tendo se dado na própria substância divina, e provocou a queda da Divindade no Universo material. Se as seitas gnósticas insistem mais nesse ponto do que na queda de Adão, elas são antinomistas. Se insistem mais no pecado original de Adão, elas são preponderantemente ascéticas. Por isso, algumas das seitas gnósticas deste último tipo condenam o ato sexual como perpetuador da matéria e do aprisionamento dos éons divinos nos corpos materiais. É esse o caso da seita gnóstica mais conhecida, o Maniqueísmo, cuja posição face ao problema do mal foi repetida pelo Catarismo medieval, e por vários outros grupos gnósticos, no decorrer da História.

Para as seitas gnósticas de tipo maniqueu, os atos sexuais seriam "abjetos, bestiais, imitação de conjunções diabólicas. Sobretudo, eles têm por resultado, pela propagação da espécie, a transmissão do Mal original. Eles fazem do homem o cúmplice e o instrumento da Matéria fabricada pelo Demiurgo, para manter as partículas da luz sujeitadas na turpitude dos corpos, a fim de continuar a dominá-las, prolongando o cativeiro de geração em geração. Em suma, a sexualidade forma o mais grave obstáculo para a redenção da humanidade, que ela retarda e impede. Daí, para o maniqueu que tende à perfeição - ou o que é a mesma coisa - à santidade, um dever primordial, imperativo, bem resumido e explicado por Alexandre de Lycopolis: trabalhar em cooperar para a ruína da Matéria decretada por Deus(...) e, em consequência, abster-se não só de todo alimento animal, mas também, mas sobretudo, abster-se do casamento, de todo comércio sexual, da procriação de filhos, afim de que o Poder (divino) não continue mais tempo a permanecer na Matéria conforme a propagação do gênero humano(...). (Henri Charles Puech, *Sur le Manichéisme et Autres Essais*, Flammarion, Paris, 1979, pp. 66-67).

Entretanto, com a Cabala essa questão é mais matizada. Para os judeus, o casamento era obrigatório, e o ter filhos era, como é, uma benção de Deus. Pelo contrário, a esterilidade era um sinal de maldição, porque significava que Deus recusava que a pessoa estéril tivesse qualquer parentesco com o futuro Messias.

Por isso, a Gnose não poderia penetrar entre os judeus, condenando o casamento e a reprodução.

Os primeiros sinais de introdução, entre os judeus, de um misticismo herético que irá mais tarde desembocar na Gnose cabalista, se deu ainda no período do segundo Templo, isto é, ainda no século

V antes de Cristo, conforme Gerschom Scholem, cuja autoridade na questão é indiscutível (cfr. Gerschom Scholem, *A Mística Judaica, Perspectiva*, São Paulo, 1972, pp. 39, 41, 48 nota 24).

Entretanto, a nosso ver, antes mesmo da queda e destruição de Jerusalém, já teria havido essa infiltração. Baseamos nossa opinião no próprio texto da Sagrada Escritura.

Com efeito, no livro de Ezequiel se conta que Deus mostrou ao Profeta que a destruição da cidade santa e do Templo fora causada porque os sacerdotes judeus, secretamente, nos subterrâneos do Templo, adoravam os deuses do Egito, enquanto, na superfície, fingiam continuar adorando o Deus verdadeiro. E é claro que, se adoravam os ídolos do Egito, era porque admitiam a doutrina que explicava essa adoração, que era a Gnose egípcia. (cfr. Ezequiel, Cap. VIII).

Creio que você conhece o texto de Ezequiel, no qual ele mostra como Deus levou o Profeta, em visão, ao interior do Templo de Jerusalém, através de uma porta secreta que existia na parede do Templo. É um texto que parece até o de um romance policial... Entretanto é inspirado por Deus, e tem que ser aceito, é evidente, acima da opinião de Scholem.

O *Sefer ha Zohar*, o principal livro da Cabala, escrito no século XIII como um pseudo epigráfico, por Moisés Shem Tov de Léon, afirma que o pecado original foi um ato sexual:

"Depois que o homem dirigiu todas essas palavras para a mulher, a inclinação má despertou, deixando-o pronto a buscar a união com ela em desejo carnal, e incitou-a a coisas nas quais a inclinação má tomou prazer, até o fim. A mulher viu que a árvore era boa para ser comida, e que dava prazer aos olhos e tomou da fruta arrancou-a e a comeu - dando logo admissão para a inclinação má - e deu-a também para seu marido com ela: era ela agora que procurou despertar desejo nele, de modo a conquistar seu amor e afeto"(Zohar, I, 49, b.).

Entretanto, a Cabala também diz que o ato conjugal é o meio para reunir de novo a Sefirah Malkut ou Shekinah, isto é o sexo feminino da Divindade, com a Sefirah Yesod, o sexo masculino dela - porque em Deus haveria dualidade sexual, entendidas essa duas sefirah como princípios, e não materialmente, assim como haveria a dualidade de bem e mal - permitindo que Malkut - a Shekinah - retorne ao pléroma divino.

A Cabala então, ao mesmo tempo em que afirma que o pecado original foi um ato sexual, diz que a união conjugal é um ato mágico que anula a individualidade, ao unir os esposos, e faz com que a Shekinah se reúna a Yesod, reconduzindo as partículas divinas que haviam caído no mundo material - no mundo da manifestação, na linguagem de Guénon - ao seio da Divindade, de volta ao pléroma divino. A Cabala é então uma Gnose dialética também no campo da moral conjugal.

"O Nome Santo não pode permanecer sobre nada que é falho. Por conseguinte, um homem que deixa esta vida defectivo por não ter deixado um filho após ele não pode ligar-se ele mesmo ao Santo Nome e não é admitido atrás da cortina, porque ele é defectivo e uma árvore que foi arrancada deve ser plantada de novo; porque o Santo Nome é perfeito em todo sentido, e nenhum defeito pode estar ligado a ele"(Zohar, I, 48 a).

A mulher seria assim, ao mesmo tempo, a causa do mal, enquanto instrumento da perpetuação da matéria, e o médium para reunir as partículas da Divindade tombadas no cárcere da materialidade fazendo-as retornar ao pléroma divino.

Essa mesma doutrina vai ser repetida por Jacob Boheme, cuja gnose é uma reprodução "cristianizada" do sistema cabalista de Isaac Lúria de Safed.(cfr. Jacob Boehme, *Mysterium*

Magnum, XIX. 19; e Sex Puncta Philosophica, V, 14, VI, 8 e 9; Alexander Koyré, La Philosophie de Jacob Boehme, Vrin, Paris, 1971).

Se você, Felipe, quiser ler sobre isto, recomendo-lhe que leia os livros de Scholem sobre a Cabala, especialmente Major Trends in Jewish Mysticism, Les origines de la Kabbale, e Messianic Ideas in Judaism, assim como todos os livros de Boehme.

A Gnose cabalista de Boehme teve uma grande repercussão no Ocidente, inicialmente nos livros de Isaac Newton, depois na Gnose de Martinez de Pasqualis e de Louis Claude de Saint Martin. Este, o "Filósofo Desconhecido", influenciou profundamente nos meios católicos através dos livros do maçom Joseph de Maistre, que difundiu a cabala de Boehme entre os ultramontanos franceses e italianos, especialmente. Até hoje, Joseph de Maistre influi - pessimamente- nos "tradicionalistas" católicos... (cfr. René le Forrestier, La Franc-Maçonnerie Occultiste au XVIII Siècle et L' Ordre des Élus Cohens, Dorbon-Ainé, Paris, 1928; e Émile Dermenghem, Joseph de Maistre Mystique, Éd. D'Aujourd'hui, Paris, 1979).

Mas a maior influência do Martinismo e de Boehme verificou-se nos filósofos idealistas alemães e no Romantismo.

É de mau tom alguém citar-se a si mesmo, mas como em português é muito difícil encontrar livros sobre esse tema, fico constrangido a pedir-lhe que tenha a paciência de ler o primeiro capítulo de minha tese sobre a Gnose nas Visões de Anna Katharina Emmerick, no site Montfort.

Lá, você lerá que, nas pseudo visões de Ana Katharina Emmerick, se defende exatamente essa tese: que o pecado original foi o ato conjugal. E nisso essas falsas visões seguem a Cabala. Todos os detalhes dessas visões mentirosas, que se afastam da narração bíblica, são tirados de livros cabalísticos.

O Romantismo foi o meio que a Gnose usou para infiltrar-se nos meios católicos, como salientou Alain Besançon.

No esoterismo hindu e maometano, o problema do pecado original de Adão e Eva é deixado em segundo plano, colocando-se o problema do mal no plano ontológico, e não moral ou humano. Aliás, seria difícil fazer a Gnose entrar na Arábia condenando o ato sexual... No Corão, a felicidade paradisíaca é descrita exatamente em termos sexuais...

O que não torna a Gnose Hindu nem a Gnose islâmica menos gnósticas.

Desse modo, se em Guénon e em Olavo de Carvalho, não se acha uma condenação do ato sexual, isso não basta para isentá-lo de adesão e propaganda da Gnose. Apenas os coloca num grupo de seitas gnósticas do segundo tipo (as antinomistas), diferente das ascéticas (como a maniquéia), quanto a esse ponto, que Olavo chama de "secundário", na doutrina da Gnose...

Entretanto, é preciso lembrar que Guénon - muito reticente quanto ao misticismo - não deixa de elogiar as pseudo "visões" de Anna Katharina Emmerick:

"O que faz todo o interesse de certas visões, é que elas estão de acordo, em numerosos pontos, com dados tradicionais evidentemente ignorados pelo místico que teve essas visões". E, em nota aposta a essa afirmação, diz Guénon:

"Pode-se citar aqui como exemplo as visões de Anna Catherina Emmerich"(René Guénon, Aperçus sur L' Initiation, Éditions Traditionnelles, Paris, 1992. p.22 e nota 3).

E, dessa vez, não discordamos de Guénon: Anna Katharina Emmerick concorda em muitos pontos com as doutrinas gnósticas de Guénon.

Para não ser injusto com o sr. O de C. devo dizer que é preciso concordar também com ele, pelo menos num ponto: ele afirma que a condenação das idéias gnósticas é evidente em seus textos e em sua vida pessoal (Aviso 2).

De fato, devo admitir: pelo menos na vida pessoal, pelo que é público, Olavo nada tem com este primeiro ponto "secundário" da doutrina gnóstica. Tem mais com o segundo. Pois embora, pela doutrina, ele seja tão gnóstico como um cáтарo perfeito, ele não pratica, de modo algum, o moralismo ascético do "perfeito" cáтарo.

VIII - 3. O 2o Desenvolvimento Secundário da Gnose conforme O de C: o Ascetismo Destrutivo

O segundo "ponto secundário", apontado por Olavo, como decorrente dos quatro pontos doutrinários fundamentais da Gnose, seria o que ele chama de "Ascetismo destrutivo".

Ora, já vimos que o desprezo gnóstico pela matéria, pelo que Guénon chama de Mundo da Manifestação, pode se dar, quer pela abstenção de tudo o que seja ligado ao corpo e à matéria, como também pelo abuso da matéria através de um antinomismo radical.

Alguns gnósticos optam, pela via da abstenção ou da renúncia, a tudo o que é material, entregando-se a macerações cruéis e a jejuns anti naturais, como faziam os cáтарos.

Outros, pelo contrário, a exemplo dos Carpocráticos, optam inicialmente pela violentação de toda lei moral, que eles dizem imposta pelo Demiurgo. Havia ainda seitas que juntavam os dois sistemas. Os Irmãos do Livre Espírito, por exemplo, começavam exigindo penitências terríveis. Depois, dizendo que já haviam alcançado a "libertação", se proclamavam livres de toda lei, entregando-se a orgias sem freio.

A Cabala de Isaac Luria de Safed deu origem, cerca de um século após o seu aparecimento, ao movimento de Sabbatai Tzvi. Segundo a Cabala, o mal tem raiz na própria Divindade, na sephirah Din. Considerava a Cabala que, quando as partículas da Shekinah caíam no mundo, houve algumas que caíram até mesmo em Samael (Lúcifer). Para resgatar estas partículas da Shekinah que estavam aprisionadas em Samael, seria preciso "descer aos infernos", cometendo os piores pecados. Era a doutrina da santidade do pecado, que já existia na Cabala antiga. Sabbatai Tzvi, o falso messias cabalista, apostatou, adotando o Islamismo. Seus seguidores formaram seitas de diversos nomes. Uma delas foi o Franckismo, do nome de seu líder, Jacob Franck que fundou um grupo antinomista muito importante, que procurava praticar atos que violassem a dignidade humana. Ele planejou mais ainda: queria instituir na sociedade leis que fizessem a própria sociedade ser indigna, violando o quanto possível as leis naturais estabelecidas pelo criador. Tudo isso pode ser lido na obra de Gerschom Scholem: Sabbatai Sevi, the Mystical Messiah, Princeton University Press, 1975).

Segundo Scholem, o antinomismo do cabalismo Franckista era mais radical que o dos gnósticos carpocráticos:

"É seu costume (dos sabataianos, seguidores de Jacob Franck, no século XVIII) que, com a vinda de Sabatai Tzvi, o pecado de Adão já estava reparado e o bem resgatado do mal e da "escória". De acordo com eles, desde essa época, a nova Torá tornou-se a lei sob a qual todo tipo de coisas anteriormente vedadas são agora permitidas, mesmo as categorias da relação sexual que ela proíbia.

Pois uma vez que tudo é puro, não existe pecado ou dano nessas coisas (...) Na História do gnosticismo, os carpocracianos são considerados os representantes mais exponenciais desta forma libertinesca e niilista de gnose. Mas nada que se conhece deles atinge o espírito resolutivo desse evangelho do antinomismo pregado por Jacob Franck aos seus discípulos em mais de 200 ditos dogmáticos. As idéias que ele aduzia em apoio de suas pregações constituem não tanto uma teoria como um verdadeiro mito religioso de niilismo" (G. Scholem, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*, Tradução do livro *Major Trends in Jewish Mysticism*, Perspectiva, São Paulo, 1972, p. 318).

Também os ismaelitas shiitas de Alamut - os Assassinos de Hassan Ibn Sabbah - eram deste último tipo, unindo penitências e orgias.

A Gnose sufi, por exemplo, segundo Schuon-- um dos queridos mestres de Olavo - explica que, aquilo que é proibido no exoterismo, pode ser permitido no esoterismo. E dá como exemplo o vinho.

É sabido que a lei corânica proíbe o muçulmano de tomar vinho. Entretanto, o esoterismo sufi permite que o iniciado tome vinho. Na realidade, o esoterismo islâmico tem a mesma inversão da lei típica das seitas gnósticas: desde que o adepto alcançou certo nível de iniciação, a lei, para ele, já não vale mais. Para o iniciado, a lei passa a ser apenas um símbolo, e tudo lhe fica permitido. O que é lei, o que é proibição e obrigação para os religiosos, é lícito para os iniciados, para os que atingiram a união com a Divindade.

Schuon escreve:

"No Islam, em geral, parece que sempre houve - abstração feita da distinção muito particular entre sâlikûn e majâdhib - a divisão exterior entre sufis "nomistas" [seguidores da lei] e "anomistas" [sem lei], uns apegados à lei em virtude de seu simbolismo e de sua oportunidade, e os outros destacados da Lei em virtude da supremacia do coração (qalb) e do conhecimento direto (ma' rifah). Jalâl ed-Din Rûmi diz em seu *Marhnâwt*: "Os amadores dos ritos são uma classe, e aqueles cujas almas estão abrasadas de amor formam uma outra (...)" (F. Schuon, *Comprendre L' Islam*, p.27-28, nota 2).

E ainda:

"O Koran diz: "Não ides à oração em estado de embriagues", o que pode se entender em um sentido superior e positivo; o sufi, gozando de uma "estação"(maqâm) de beatitude, ou mesmo simplesmente o dhakir (entregue ao hikr, equivalente islâmico do japa hindu) considerando sua oração secreta como um "vinho" (khamr), poderia em princípio se abster das orações gerais; nós dizemos "em princípio", porque de fato, os sufis e equilibrados e solidários, tão marcados no Islam, fazem inclinar a balança para o outro sentido" (F. Schuon, *Comprendre l' Islam*, p. 28, nota 1).

Schuon, que Olavo considera como um de seus mestres preferidos, defende o antinomismo de modo escancarado: "...algo sempre considerado pela moral religiosa como tentação, como via para o pecado e, portanto, começo deste, poderá no esoterismo desempenhar um papel totalmente oposto, não sendo uma dissipação 'pecadora', mas pelo contrário um fator de concentração em virtude da inteligibilidade imediata do seu simbolismo." (Frithjof Schuon, *A Unidade Transcendente das Religiões*, Trad. Pedro de Freitas Leal, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 59)

Schuon vai defender a tese gnóstica de que os que já alcançaram a divinização, não têm mais que se preocupar em cumprir a lei. Para eles, tudo seria permitido:

"...o homem profundamente consciente da natureza das coisas nada tem a evitar, pois os erros não podem seduzi-lo." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 31, negrito nosso)

Para quem obteve o conhecimento, nada mais seria pecado, como diziam os quietistas:

"Censura-se igualmente o quietismo por ser imoral, visto que admite um estado em que o homem se encontra além do pecado, idéia que diz respeito a uma santidade - evidentemente incompreendida - na qual os atos do homem são de ouro, e tudo o que ele toca transforma-se em ouro..." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 32-33).

Há, portanto, duas morais, no Islam, como em toda a Gnose: uma para os que praticam a religião exotérica, e outra para os iniciados no esoterismo, que alcançaram o Conhecimento, isto é, a Gnose.

Essa doutrina ficará mais evidente no ismaelismo de Alamut, seita shiita e tipicamente gnóstica.

Como o sufismo, o Ismaelismo de Alamut distinguia a shari'a - a lei-- que todos os religiosos devem obedecer, e a libertação da lei, de que usufruíam os que possuíam o Conhecimento salvador:

"Mas sobretudo, distinguir-se-á claramente entre a religião eterna esotérica (dîn) que significa a obediência a um senhor (maître) único e a religião positiva (shari'a) que consiste em decretos, limitações e obrigações expressas" (Christian Jambet, La Grande Réssurrection d'Alamut, Verdier, Paris, 1990, p. 72).

Essa idéia é confirmada em outras passagens desse livro. Citamos outra, para confirmar a existência da dupla moral no esoterismo islâmico de Alamut:

"O advento da Grande Ressurreição é uma ruptura libertadora. A abolição da lei, o segundo nascimento dos fiéis, a nova ética: tantos outros sinais do exercício de uma dualidade no seio do ser. É bem possível que o Ismaelismo de Alamut tenha sofrido a influência das religiões do antigo Irã, do Mazdeísmo e sobretudo do Maniqueísmo"(Christian Jambet, La Grande Réssurrection d'Alamut, Verdier, Paris, 1990, p. 225).

Como resultado, os ismaelitas que se julgavam na posse do Conhecimento (da Gnose) se diziam livres da obediência às prescrições legais do Corão, que eles interpretavam simbolicamente.

"A abolição da lei é a recompensa prometida aos justos, o estado angélico é próprio dos fiéis do Imam; a comunidade ismaelita, vivendo aqui em baixo em estado de ressurreição espiritual, é o povo dos anjos.

"O túmulo é o corpo humano, o castigo do túmulo são as obrigações da religião positiva (abkâm - e shari'at). Os clientes do inferno, Munkar e Nakir, são os opressores, os mantenedores do exoterismo (zâlimân e zâhir) (...) Os habitantes do paraíso são aqueles que são liberados do aparente e que se voltam para o que é escondido. Sua retribuição, neste mundo, consiste em que sejam dispensados dos mandamentos da lei."(Christian Jambet, op. cit., pp. 107-108). E daí Jambet explica como e porque o iniciado era dispensado do jejum, da esmola, da peregrinação a Meca, dos atos de piedade, etc. (cfr. Jambet, op. cit., p. 108).

De tudo isso, concluíam os sufis que quem tivesse alcançado a união com a Divindade, - quem fosse realmente sufi - estava acima de todas as leis morais, podendo fazer o que quisesse.

Nessas condições seria de espantar que os ismaelitas usassem normalmente do haxixe? Seria de espantar que usassem tóxicos para se libertar da escravidão da razão, para entrar em pseudos "êxtases"?

Dáí Albert de Pouvourville - que adotou o nome esotérico Matgioi --aquele que iniciou Guénon no Taoísmo, ser viciado em tóxicos:

"De volta à França, Pouvourville [Matgioi] continua a partilhar e a atizar os sentimentos anti religiosos e anti clericais dos ocultistas de seu tempo. Sob o pseudônimo de Mogd, ele colabora inicialmente na revista martinista de Papus,

L' Initiation,

E cito esse livro - historicamente o mais documentado dos vários que possuo sobre René Guénon - de primeira mão...

Guénon iniciado no Taoísmo por Matgioi, deve ter ouvido seu iniciador louvar as "virtudes" do ópio...

Depois, Guénon se tornou Bispo da Igreja Gnóstica e, em 1912, Guénon foi iniciado no sufismo pelo Sheik Abder Rahman Elish El-Kébir, e assumiu secretamente o nome de Abdel Wahed Yahia. E tornando-se sufi --e Guénon foi chamado "o sufi" - ele ficava acima da lei exotérica, da shari' a.

"Portanto, Guénon tinha sido gnóstico e maçom. Mas ele o era ainda?. Em 1962, Noële Maurice Denis --[que fora muito amiga de Guénon, por quem manteve sua simpatia] - terá esta reflexão curiosa em uma tomista, mas reveladora de suas preocupações metafísicas: 'Para nós católicos, naturalmente é o aspeto maçom aquele que mais nos inquietava'. Se bem que Guénon confesse agora um soberano desprezo pelos meios gnósticos [Note, meu caro Felipe, que Guénon dizia desprezar os meios gnósticos, não a Gnose] e maçônicos e que agora ele jure somente pela metafísica hindu, ela [Noële] reconhece que é difícil saber em que medida ele evoluiu. Pelo menos, ele não pratica mais "o uso do ópio e do haxixe como ajuda para a 'contemplação", e parece, que desde seu casamento, como "um jovem burguês unicamente apaixonado pela verdade, e pelo intelectualismo", separado de todo anti clericalismo e reconciliado em parte com um certo espírito religioso. Não é preciso dizer que Noële Maurice-Denis e Pierre Germain ignoram então tudo de sua confirmação [de Guénon] maçônica na Grande Loja de França, e, sobretudo, sobre sua iniciação no sufismo desde 1912"(Marie-France James, op. cit. pp. 165-166.O negrito é meu).

Está aí: a informação, não a acusação, de que Guénon foi viciado em ópio e no haxixe - pelo menos até o seu casamento - foi dada por uma amiga dele, que manteve uma visão ingenuamente otimista sobre o comportamento de Guénon, que dela ocultava seu maçonismo e seu sufismo, como também de sua própria esposa. É claro que, se Guénon fingia ter deixado de ser maçom e ter desprezo pelos meios gnósticos, quando aderira à Gnose sufi, seria legítimo perguntar se ele deixara, realmente, o uso do ópio e do haxixe, usado freqüentemente pelos sufis.

Se insisti na dupla moral dos esotéricos do Islam, foi porque é esse o esoterismo que Guénon defende, e que Olavo repete.

De fato, vimos como Guénon faz a defesa de uma dupla moral: uma, para os homens comuns, vivendo em sociedade; outra para os que atingiram a "realização metafísica", unindo-se à Divindade, como, por exemplo, para os que atingiram realmente o estado de sufi.

Em carta anterior, mostrei como Olavo de Carvalho desconsidera a moral, a virtude e a santidade, em prol de uma "sabedoria esotérica que é a gnose. Para facilidade de documentação e de compreensão, repito, aqui, algumas das citações já feitas nessa carta anterior.

Para começar, recordo que ele escreveu: "Para o sábio, ou gnóstico, conhecer é ser, e vice-versa"(Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 26).Portanto, se para Olavo, sábio é o mesmo que gnóstico, então Sabedoria se identifica com Gnose.

E Olavo afirma ainda que o que ele chama de Sabedoria está acima de todas as crenças, e por trás de todas as religiões. A Sabedoria seria o núcleo interior mais profundo e mais elevado de todas as religiões. E vimos que esse núcleo, para os tradicionalistas guénonianos é a Gnose. Veja que Olavo disse exatamente isso:

"A sabedoria é eterna e o amor à sabedoria é premiado, independentemente de você ser cristão, muçulmano, judeu, ateu. Se você ama isso, não digo que você está salvo, que você vai para o paraíso. Pelo menos um lugarzinho no purgatório você garante. Isso é o mínimo, tem de ser."(Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, p. 26).

Portanto, sabedoria seria independente das crenças e da fé que a pessoa tem.

Para Olavo, a salvação advém não da prática da lei de Deus, mas de uma devoção puramente intelectual, e não prática:

"...a índole geral do meu pensamento filosófico, se inclui uma descrição apocalíptica do estado de coisas no mundo, por outro lado enfatiza fortemente o poder cognitivo da inteligência humana, a primazia da verdade e do bem, o poder de salvação inerente à devoção intelectual, etc. - e tudo isto infunde no aluno uma noção "otimista" do sentido da vida, de modo que ele pode chegar a esperar que sua vida pessoal já esteja dotada de sentido pelo simples fato de ele ter apreendido algo do sentido da vida em geral."(Olavo de Carvalho, "Considerações sobre o Seminário de Filosofia", 01.01.2000, negrito nosso)

Ter essa sabedoria é que vale. "A virtude, por si, não quer dizer nada"(Olavo de Carvalho, idem p. 26).

"Chegamos à suprema perversão de achar que o próprio desejo da sabedoria é uma coisa menos importante do que cumprir aquelas regrazinhas que o padre ensinou. Isso é uma blasfêmia, é um pecado contra o Espírito Santo" (Olavo de Carvalho, idem p. 26).

Como se vê, Olavo considera os dez mandamentos "aquelas regrazinhas que o Padre ensinou". E ele julga que é possível ter sabedoria sem obedecer as dez regrazinhas ditadas por Deus a Moisés.

Ora, isso é um absurdo. Só se pode ter realmente sabedoria na obediência à lei.

Prova do desprezo de Olavo aos dez mandamentos se tem nestas afirmações do sr. Olavo de Carvalho - (que só publicamos por necessidade de comprovação, pedindo desculpa, pela grosseria delas) - :

"As pessoa imaginam às vezes que o diabo só faz você comer a mulher do próximo. Isso aí é o de menos, você pode comer a mulher de vários próximos e ainda assim ir para o céu" (Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, p.20)

Se isso não é relativismo moral e revolta contra a lei de Deus, o que será revolta e o que será relativismo?

Olavo defendeu expressamente o relativismo moral:

"Com a psicanálise e suas teorias sobre repressão dos instintos, mas sobretudo com a antropologia moderna, que difundiu no mundo todo a idéia de que as leis morais, variando de cultura para cultura, eram apenas a expressão de necessidades sociais passageiras, a pretensão cristã de uma moral universal e absoluta foi abalada. Qualquer garoto de escola repete, hoje, que a moral é relativa, que resulta de uma convenção social e que portanto pode ser modificada à vontade." (Olavo de Carvalho, A Crise do Catolicismo, artigo in Planeta, no110, novembro de 1981p. 23. O negrito é meu).

Sem dúvida, com a defesa de um relativismo moral tão radical, Olavo tem muita razão em se afirmar "um anarquista em moral".

E como podem certos católicos vê-lo com simpatia? Será que basta ele atacar o comunismo de Frei Boff, para aceitar alguém que se proclama "tradicionalista", não importando que defenda a moral relativista de Frei Boff e da Gnose?

Veja ainda, caro Felipe, como ele coloca a "Sabedoria" acima da moral, sem esquecermos, porém, que "Sabedoria", para ele significa Gnose.

"A sabedoria é necessidade básica do homem. E a santidade? A santidade vem depois, é perfeição, é para alguns. Uns conseguem, outros não, para isso mesmo é que existe o perdão, a misericórdia"(Olavo de Carvalho, Aula citada p. 21)

É impossível ter sabedoria sem ter santidade de vida. Por isso Cristo nos mandou ser santos, ser perfeitos como o Pai do Céu é perfeito (cfr. Mt V,48). E a Virgem Maria, no "Magnificat", cantou que "a misericórdia de Deus se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem " (Luc. I, 50), e não para os que O desafiam, violando sua lei.

Mas veja o que ensina Olavo, com pretensão de dizer coisa ortodoxa, por utilizar algumas palavras relacionadas com a doutrina Católica:

"Segundo a Igreja, o Espírito Santo tem duas ações: uma sobrenatural, que é dar, por exemplo, uma revelação pessoal, ou dar a sabedoria infusa, outra, natural, que é a de manter o homem capaz de compreender os primeiros princípios, como o princípio de identidade. Hoje isso começa a falhar de uma maneira assombrosa. Não é a assistência sobrenatural, é a natural, a natureza foi atingida e quando se diz no Apocalipse que as próprias águas da vida seriam corrompidas, é a isso que se está referindo. É esse fundo de alma, que é simplesmente a pureza natural que é corrompida já não se consegue entender mais que dois mais dois são quatro, que a galinha bota ovo. A partir daí a linguagem vira um caos, como você vai sair dessa rezando, confessando, comungando? Não vai conseguir, não há um jeito ritual de fazer isso, não se pode sair disso por nenhuma prática repetitiva e regularmente. Tem de sair por uma nova aposta no próprio Espírito Santo. Tem de ser protestante, tem de fazer como o bispo Macedo, tem de arriscar. O Espírito Santo vai me iluminar nesta coisa, eu vou entender este negócio. É o único jeito! Agora dizer: não, primeiro, antes disso, tenho de me livrar de todos os meus pecados, vou virar santinho, e depois de virar santinho, daí Ele vai iluminar-me. Pode tirar o cavalo da chuva: Ele vai iluminar você agora mesmo, com todos os seus pecados, com toda a sua malícia, com tudo isso, porque se Ele não fizer isso, você está ferrado". (Olavo de Carvalho, aula citada p. 21).

A Igreja nunca ensinou que o Espírito Santo dá uma revelação pessoal, nem muito menos que Ele tem uma ação natural. São absurdos teológicos. Não se sabe o que mais espanta nesse charabiá teológico - exegético - místico - moral, se a confusão doutrinária, se o relativismo moral, se a presunção de salvação, se a ignorância doutrinária. É um "caruru" que mistura tudo, sem compreender nada dos termos que está usando e misturando.

O resultado é o caos doutrinário e o abuso da misericórdia de Deus, com uma aceitação do pecado, sem reação contra ele. E que culmina com o ‘conselho’ de ficar protestante, de não confessar, de aceitar os pecados, confiando que o Espírito Santo vai dar uma iluminação, uma herética "revelação pessoal".

É claro que isso só pode ser defendido por um esotérico com pretensões a teólogo de barbearia, para pessoas que não têm a mínima noção de catecismo, da Moral e da doutrina católicas.

Aliás, eu gostaria de saber em que Apocalipse está o versículo que diz que até as águas vivas seriam corrompidas". Porque, com essas palavras, não encontrei versículo nenhum no Apocalipse de São João. Devem estar, então, em algum Apocalipse esotérico. O Apocalipse segundo Olavo.

Permita-me uma digressão, para descansar de tema tão enfadonho.

Você deve ter notado como Olavo "chuta" citações. Já encontrei um texto no qual ele diz que o Padre Pio de Pietralcina vivia na Espanha. (cfr. Olavo de Carvalho, *O Crime de Madre Agnes*, Speculum, São Paulo, 1983, p. 13). Ora, Padre Pio era italiano, e não viveu na Espanha.

Contaram-me que Olavo costuma citar um verso da Divina Comédia no qual o Diabo teria dito a Dante: "Forse tu non pensavi ch'io loico fossi!".

Era um erro crasso de Olavo, do qual eu não tinha prova.

Noutro dia, você, gentilmente, me trouxe a prova desse erro de Olavo. Num prefácio a um livro de Constantin Noica, Olavo discorre com a segurança de um especialista sobre a Divina Comédia, dizendo que, no Inferno, Dante não ouve os condenados falarem em língua humana: "Entre os condenados, com efeito não ouve Dante conversações em língua de gente, mas tão somente orribile favelle (sic), gritos e gemidos animalescos que expressam sem nomear, que quanto mais ressoam, menos dizem impotentes para, objetivando a dor, transfigurá-la em consciência, prenúncio de liberdade" (in Constantin Noica *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo*", Record, Rio de Janeiro - São Paulo, 1999. Introdução de Olavo de Carvalho, p. 16).

Na mesma página, Olavo sustenta que o demônio disse ao próprio Dante - o visitante florentino do Inferno --, o decassílabo que citei acima:

"Forse non pensavi ch'io loico fossi!"

Ora, quem lê esse texto de Olavo, discorrendo ele com tanta segurança sobre a Divina Comédia, como se fosse um grande conhecedor da obra dantesca, nem desconfia que, na verdade, ele está simplesmente "chutando". Ouviu e decorou o verso, - mas muito provavelmente não leu o Canto do Inferno em que ele está - e o comenta como se o tivesse lido. Para demonstrar erudição...

Com efeito, o verso citado está no Inferno, XXVII, 122-123. Só que não foi a Dante que isso foi dito. Foi a Güido de Montefeltro.

Nesse episódio, Gúido de Montefeltro conta a Dante como, após sua morte, São Francisco quis levar sua alma ao céu (porque ele era franciscano), mas um diabo --"un de' neri cherubini"-- não lhe permitiu isso, levando a alma de Gúido ao inferno, por ele ter dado mau conselho ao Papa Bonifácio VIII.

Como é também completamente falso também que, no Inferno, Dante ouvisse apenas "orribili favelle", e não linguagem humana. Muitos condenados falam com Dante, e lhe contam a causa pela qual foram condenados.

Eles até mesmo conversam com Dante em italiano da Toscana, porque ouvem o poeta passar "parlando onesto", isto é, em dialeto toscano, como, por exemplo, acontece no caso de Farinata degli Uberti (Inferno, X, 22, e ss.).

E está errada também a expressão "orribile favelle", como foi escrita por Olavo: "orribili favelle" é que seria correto, pois "favelle" está no plural, exigindo o adjetivo também no plural.

Prossigamos.

Olavo manifesta um desprezo pretensiosamente absurdo e caricato pelo maior Doutor da Igreja sobre Moral, Santo Afonso de Ligório, ao escrever:

"Santo Afonso de Ligório platonizou a moral cristã, transformando-a num sistema dedutivo, axiomático, fazendo um mal desgraçado" (Olavo de Carvalho, Crítica e Conselhos a Igreja Católica, in aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, p. 19).

Será que Olavo leu mesmo algum livro de Santo Afonso, o maior Doutor da Igreja em Moral?

Tendo em vista como ele "leu" Dante, duvido que ele, seriamente, tenha lido algo de Santo Afonso.

Olavo não quer saber da moral católica como ela é, com tantas exigências. Especialmente em matéria de castidade. Pois declara:

"...há catolicismo, sim, no Brasil, mas reduzido às suas manifestações mais externas e menos espirituais: o moralismo sexual enervante, ostensivamente violado e sempre objeto de chacota (erigida mesmo em gênero literário)..." (Olavo de Carvalho, O Futuro do Pensamento Brasileiro, 2a. edição, Faculdade da Cidade Editora, p. 54. O itálico é meu.).

Criticando o "moralismo sexual enervante", Olavo segue seu mestre Nasr, para quem o ato sexual reconduz ao êxtase paradisíaco, recompondo o anthropos andrógino primordial:

"O macho e a fêmea em sua complementaridade recriam a unidade do ser andrógino e, de fato, sua união sexual é um reflexo terrestre deste êxtase paradisíaco que pertencia ao anthropos andrógino" (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, p. 177)

E mais:

"Não é sem razão que a sexualidade é o único meio aberto para os seres humanos, não prendados com o dom da visão espiritual, para experimentar "o Infinito" através dos sentidos. Embora por alguns fugidios momentos, e que a sexualidade deixa uma tão profunda marca na alma do homem e da mulher e os afeta em um modo muito mais duradouro que quaisquer outros atos físicos" (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, p. 178)

Ainda recentemente, Olavo publicou um artigo, no qual afirma:

"Na religião islâmica, há uma série de práticas interiores das ordens místicas, que têm pouco a ver com as obrigações legais e rituais da religião coletiva, mais se destinam a utilizar a substância das paixões mais inferiores, mais violentas, como matéria-prima que, queimada no forno, no altar da prática mística, se converterá em virtude, em conhecimento espiritual, naquele sentido em que é possível dizer, com Sto. Agostinho, que as virtudes são feitas da mesma matéria dos vícios: partindo dos vícios, tomando-se como matéria-prima e queimando-os no forno da meditação e da concentração, o pecado se substitui pela graça."(Olavo de Carvalho, René Girard e a Coletividade Homicida, Transcrição de intervenção na mesa redonda em torno do pensamento de René Girard, realizada no anfiteatro da Universidade (Rio de Janeiro, 17- XI- 2.000, publicado em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/girad.htm>. O negrito é meu)

Certamente você percebeu como Olavo coloca as paixões mais violentas, o vício, o pecado, como fonte de conhecimento espiritual, isto é, de Gnose.

Nesse texto de Olavo, fica patente, ainda, - apesar de uma vaga citação de Santo Agostinho, que não se sabe de onde foi extraída --, que ele acha possível a transmutação alquímica da matéria prima das paixões mais baixas em virtude, justificando o antinomismo, num misterioso "forno" místico-dialético.

O antinomismo pode ser definido como o anarquismo na moral, pois que não aceita que uma lei seja imposta aos homens, já que eles seriam, no fundo, partículas da Divindade aprisionadas na matéria pelo Demiurgo mau.

Ora, Olavo de Carvalho - e já citamos essa palavra dele em carta precedente - se afirma anarquista em moral:

"Em moral sou anarquista. Acredito que há princípios morais universais, permanentes, que a inteligência discerne por baixo da variação acidental das normas e costumes, e acredito, enfim, que há o certo e o errado. Mas por isso mesmo, impor o certo é errado, a não ser em caso de vida ou morte. O sujeito que faz o certo só por obediência e sem compreendê-lo acaba por transformar no errado. "Experimentai de tudo e ficai com o que é bom" recomendava S. Paulo Apóstolo, meu amado guru (sic??). É uma questão de viver e aprender. Mas como podemos aprender, se um tirano paternalista nos proíbe de errar? Por isto deve haver a mais ampla liberdade de escolha e de conduta, e a autoridade religiosa deve se limitar a ensinar o certo, com toda a paciência, sem tentar expulsar o pecado do mundo à força. E se nem os religiosos, que por sua dedicação à vida interior têm autoridade para falar dessas coisas, devem impor regras morais à força, muito menos deve fazê-lo o Estado, que afinal não passa de uma gerência administrativa, a coisa mais mundana e prosaica que existe. As leis devem fundar-se apenas em considerações práticas de ordem, segurança e interesse coletivo, muito corriqueiras, e jamais em motivos pretensamente elevados de ética, que terminam por fazer da burocracia estatal um novo clero, e do Código penal um novo Decálogo. A coisa mais nojenta que existe é a metafísica estatal." (Olavo de Carvalho, Fórmula de Minha Composição Ideológica, entrevista, 23- XII - 1998, Fórmula da minha composição ideológica.htm Página da W. O negrito é meu).

Como sempre, Olavo faz uma declaração escandalosa que, depois, ele procura atenuar com apostos escorregadios. Escandalosa é sua referência a São Paulo, como seu "querido guru".

Ora, São Paulo, como não podia deixar de ser, afirma uma doutrina oposta à de Olavo em matéria de moral e do direito do Estado de impor obrigações morais, fundadas na lei natural. O Estado

legítimo, conforme ensina o Apóstolo, existe, não como mera "gerência administrativa", como diz Olavo, pois escreveu São Paulo:

"Toda a alma esteja sujeita aos poderes superiores, porque não há poder que não venha de Deus e os que existem foram instituídos por Deus. Aquele, pois, que resiste à autoridade, resiste à ordenação de Deus. E os que resistem, atraem sobre si próprios a condenação. Com efeito, os príncipes não são para temer pelas ações boas, mas pelas más. Queres, pois, não temer a autoridade? Faz o bem, e terás o louvor dela, porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, porque não é de balde que ela traz a espada. Porquanto ela é ministro de Deus vingador, para punir aquele que faz o mal" (São Paulo, Epístola aos Romanos, XIII, 1- 5).

Quando Pilatos disse a Cristo que tinha poder para perdoá-Lo ou para condená-Lo, Cristo não contestou a autoridade do Estado, mas declarou:

"Tu não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado pelo alto"(Jo. XIX, 11).

Portanto, Cristo afirma que o poder do Estado vem de Deus e que esse poder inclui o direito de condenar à morte.

Fica então provado que, de fato, Olavo defende, como o fazem certas seitas gnósticas, o antinomismo, que ele chama de anarquismo moral.

VIII - 4. O 3o Ponto Secundário da Doutrina Gnóstica, segundo Olavo de Carvalho: o Milenarismo

O Milenarismo de Guénon

"Estamos em Kali yuga, na idade sombria na qual a espiritualidade está reduzida ao mínimo, pelas próprias leis do desenvolvimento do ciclo humano, dispondo uma espécie de materialização progressiva através de seus diversos períodos, dos quais este é o último; por ciclo humano, entendemos aqui unicamente a duração de um Manvantara. Indo ao fim desta idade, tudo está confundido, as castas estão misturadas, a própria família já não existe; não é isso exatamente o que vemos ao redor de nós? Há que concluir disto que o ciclo atual chega efetivamente a seu fim, e que logo veremos apontar a aurora de um novo Manvantara? Poder-se-ia ser tentado de acreditá-lo, sobretudo se se pensa na velocidade crescente com a qual os acontecimentos se precipitam; porém, quem sabe a desordem não tenha alcançado seu ponto mais extremo, quem sabe a humanidade deve descer ainda mais baixo, nos excessos de uma civilização totalmente material, antes de poder subir de novo até o princípio e até as realidades espirituais e divinas. Pouco importa por outro lado: quer seja um tanto mais cedo, ou um tanto mais tarde, esse desenvolvimento descendente que os ocidentais modernos chamam "progresso" encontrará seu limite, e então a "idade escura" [Kali yuga] terá seu fim; então aparecerá o Kalkin-avatara, aquele que está montado sobre o cavalo branco, que carrega sobre sua cabeça um tríplice diadema, símbolo da soberania nos três mundos, e que ostenta em sua mão uma espada flamejante como a estrela de um cometa; então o mundo da desordem e do erro será destruído, e, pela potência purificadora e regeneradora de Agni, todas as coisas serão restabelecidas e restauradas na integridade de seu estado primordial, o fim do ciclo presente, sendo ao mesmo tempo o começo do ciclo futuro. Os que sabem que deve ser assim não podem, inclusive em meio à maior confusão, perder sua imutável serenidade; por repugnante que seja viver em uma época de transtornos e de obscuridade quase geral, eles não podem ser afetados no fundo de si mesmos, e isto é o que faz a força da elite verdadeira. Sem dúvida, se a obscuridade deve ir estendendo-se cada vez mais, essa elite poderá, inclusive no Oriente, ficar reduzida a um número muito pequeno; porém basta que alguns guardem integralmente o verdadeiro conhecimento, para estar prontos, quando os tempos estejam cumpridos, para salvar tudo o que ainda poderá ser

salvo do mundo atual, e se tornará o germe do mundo futuro" (René Guénon, O Espírito da Índia (1), publicado em "Le Monde Nouveau", junho de 1930, e, depois em "Études Traditionnelles", 1937, cap. II de "Études sur L'Induisme", Paris, Ed. Trad. 1968, pp. 21-22).

Como se vê claramente por esse longo texto, Guénon esperava que, depois de uma crise terrível, viria uma nova época - um novo Manvantara - no qual seria restabelecida a ordem primordial. Haveria um período de felicidade.

Também no livro O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos, René Guénon defende essa concepção milenarista:

"Tudo o que descrevemos durante este estudo constitui, de modo geral, aquilo a que podemos chamar os "sinais dos tempos", segundo a expressão dos evangelhos, isto é, os sinais precursores do "fim do mundo" ou de um ciclo, que só aparece como "fim do mundo", sem restrições nem especificações de qualquer espécie, para aqueles que não vêm nada para além dos limites deste ciclo, (...)"

(René Guénon, O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos, Dom Quixote, Lisboa, 1989, p. 257).

E pouco depois, nesse mesmo livro, Guénon adverte que este final de ciclo "é o final de um Manvantara completo, isto é, da existência temporal daquilo a que chamamos mais propriamente uma humanidade, o que, mais uma vez, não quer de modo nenhum dizer que seja o fim do mundo terrestre em si, já que, pela "recuperação que se opera no momento último, esse mesmo fim torna-se imediatamente o começo de outro Manvantara"(R. Guénon, op. cit., p. 257. O negrito é meu).

Guénon distingue o sonho evolucionista do racionalismo progressista de uma época perfeita no futuro - a utopia, embora ele não utilize esse termo - da recuperação de uma época de perfeição absoluta que existiu no passado - o milênio, a Idade de Ouro, o Éden da primitiva felicidade.

Guénon não faz a distinção entre milênio e utopia, mas diz:

"A esse propósito, há ainda um ponto sobre o qual temos de nos explicar de modo mais preciso: os partidários do "progresso" têm o hábito de dizer que a "idade de ouro" não está no passado, mas no futuro; a verdade, bem pelo contrário, no que diz respeito ao nosso Manvantara é que ela é realmente do passado, visto que não é outra coisa senão o próprio "estado primordial" (René Guénon, O Reino da Quantidade, pp. 257-258).

Dizendo isso, Guénon se filia claramente à Gnose romântica e a seu milenarismo, esperando uma volta à "Idade de Ouro".

Essa expectativa em nada difere dos sonhos milenaristas de Joaquim de Fiore, dos sonhos do Reino de Deus dos Espirituais Franciscanos no século XIV. É exatamente o velho milenarismo de retorno à felicidade primordial defendido pelos escritores românticos e por Anna Katharina Emmerick, que Guénon apresenta, nesses parágrafos, em roupagem hindu. É um milenarismo de sari e de turbante, mas é milenarismo mesmo.

Outra mostra da tendência milenarista de Guénon se tem ao constatar sua ausência de crítica - e mesmo simpatia - pela revolução Tai Ping Tien Guo (Reino Celeste da Grande Paz), por ver nela uma ressonância da ação secreta do Taoísmo.

Os Tai Ping foram revolucionários que, na China imperial do século XIX, procuraram estabelecer um Reino messiânico, igualitário e comunista.

O primeiro líder da revolução Tai Ping, Hong Xiuquan, foi influenciado por folhetos de propaganda protestante. Proclamou-se o "irmão mais jovem de Jesus Cristo", e levou os camponeses do grupo marginalizado Hakka a tomarem armas, e a procurarem estabelecer a igualdade à força.

Os Tai Ping tomaram Nankin, da qual fizeram a sua capital, e estabeleceram um reinado de terror. Instituíram uma reforma agrária radical, delirantemente sonhadora, que encantaria Frei Boff, e contra a qual Guénon não fez a menor crítica.

Assim proclamava a lei agrária dos Tai ping:

"A distribuição da terra é feita em conformidade com o tamanho da família, sem consideração de sexo, só levando em conta o número de pessoas: maior número, mais terras receberão(...) Todas as terras sob o Céu pertencem a todos os homens sob o céu. Se a produção for insuficiente numa parte, em outra será abundante. Toda a terra sob o Céu deve ser acessível em tempo de abundância e de fome". "Se houver fome em uma zona, tragam o excesso de onde reina a abundância, a fim de alimentar o esfomeado. Dessa maneira, todos os homens sob o Céu usufruirão da grande felicidade dada pelo Pai Celestial, Senhor Supremo e Deus Augusto. A terra será possuída por todos. o arroz comido por todos, as roupas vestidas a todos, o dinheiro será gasto por todos. Não haverá desigualdade e ninguém ficará sem alimento".(...) "Por todo o Império serão plantadas amoreiras ao pé dos muros. Todas as mulheres cultivarão bichos da seda, fiarão panos e costurarão roupas. No Império, cada família, sem exceção, possuirá cinco galinhas e dois porcos (...) A mesma regra aplicar-se-á ao trigo, ao feijão, ao linho, aos tecidos, à seda, aos pintos, aos cães, etc. Do mesmo modo em relação ao dinheiro. Pois tudo na terra pertence à grande família do Pai Celestial, Senhor Supremo e Deus Augusto. Ninguém no Império possuirá propriedade privada, tudo pertence a Deus, para que Deus de tudo possa dispor. Na grande família do Céu, todos os lugares são iguais e cada um vive na abundância. Tal é o edito do Pai Celestial, Senhor Supremo e Deus Augusto, que especialmente ordenou ao Verdadeiro Senhor dos Tai Ping que salvasse o mundo" (Lei Agrária dos Tai Ping, apud Jean Chesneaux, *A Ásia Oriental nos Séculos XIX e XX*, Ed. Pioneira, São Paulo, 1976p. 55-56).

Até parece que a Pastoral da Terra da CNBB passou por lá, pois o MST dos Stediles e Rainhas, atiçado pelos Bispos progressistas, não prega diferentemente.

Talvez seja conveniente informar também que a Reforma Agrária dos Tai Ping - precursora daquela que é preconizada pela ala "Tai Ping" da CNBB --, como não poderia deixar de ser, teve um resultado trágico; 30.000.000 de mortos, segundo informa o Chinese Cultural Studies, (Concise Political History of China, compeled from Compton's Luring Encyclopedia, on American on line(August 1995).

E como os Tai Ping foram, segundo Guénon, manejados por trás pelas sociedades secretas "tradicionalistas" taoístas, ele não recrimina os horrores praticados por eles, pois sobre tudo isso diz apenas o seguinte:

"Não queremos, certamente, dizer que todos os membros dessas organizações relativamente exteriores devam ter consciência da unidade fundamental de todas as tradições; mas os que estão por trás dessas organizações e as inspiram possuem forçosamente, na qualidade de "homens verdadeiros" (Tchenn-jen), essa consciência, e é isso que lhes permite introduzir nelas, quando as circunstâncias o tornam oportuno ou vantajoso, elementos formais pertencentes de modo exclusivo a diferentes tradições" (René Guénon, *A Grande Tríade*, Ed Pensamento, São Paulo, 1957, p.9).

Depois desse texto obscuro, Guénon coloca a seguinte nota 9:

"9. "Inclusive, às vezes, até as que são mais completamente estranhas ao Extremo Oriente, como o Cristianismo, como se pode ver no caso da Associação da "Grande Paz" ou "Tai-ping", que foi uma das emanações recentes da Pe-lien-houei, que vamos mencionar mais adiante" (R. Guénon, idem p. 9, nota 9).

E só. Nenhuma crítica. Só porque os Tai Ping tentaram estabelecer um Reino milenarista por influência do protestantismo e dos manejos do Taoísmo "tradicionalista". Para Guénon, as 30.000.000 de vítimas dos "tradicionalistas", daqueles que ele chama "os homens verdadeiros" que se danassem! Vai ver que os 30 milhões de mortos não eram "homens verdadeiros".

Vimos que Guénon cooperou, por muito tempo, na revista "Il Regime Fascista".

Veja-se agora, a curiosa nota que ele insere num outro livro seu:

"A propósito da Tula atlântida, nós achamos interessante reproduzir aqui uma informação que nós destacamos numa crônica geográfica do Journal des Débats (22 de janeiro de 1929), sobre Os índios do istmo do Panamá, e cuja importância certamente escapou ao próprio autor desse artigo: "Em 1925, uma grande parte dos Índios Cuna se rebelou, os índios mataram os soldados do Panamá que habitavam em seu território, e fundaram a República independente de Tulé, cuja bandeira é uma swastika sobre fundo alaranjado com borda vermelha. Esta república existe ainda na hora atual". Isto parece indicar que subsiste ainda, no que tange as tradições da América antiga, muito mais coisas que se seria tentado acreditar" (René Guénon, Formas Tradicionais e Ciclos Cósmicos, Gallimard, Paris, 1982, pp. 38-39, nota 1. Os itálicos são do autor).

Nesse texto de Guénon, queremos chamar a atenção sobre três pontos:

- 1) A simpatia com que ele fala da Swastika;
- 2) A simpatia com que ele fala de Tulé, lembrando que a Tule Gesellschaft, foi uma das sociedades secretas que prepararam o triunfo do Nazismo, na Alemanha;
- 3) Que a Swastika e Tulé estão relacionados com o Agartha, misterioso centro secreto de onde os "Superiores Desconhecidos", de que falavam os martinistas - e nos quais Guénon acreditava de pés juntos-- dirigiriam o mundo magicamente. O Agartha, segundo Guénon e os esotéricos, seria o centro Iniciático de nosso universo. Um lugar oculto, no centro da Ásia "misteriosa", onde viveria o Rei do Mundo, que de seu esconderijo dirigiria magicamente os governantes de todo o mundo, por meio dos "Superiores Invisíveis". Esse delírio foi escrito no estapafúrdio livro de Guénon "O Rei do Mundo".

Acredite quem quiser.

Mas, vizinho do Agartha, deve morar Papai Noel. Cujo trenó deveria ser puxado, em vez de renas, pelos centauros do Mundo Imaginal de Olavo.

Acredite quem quiser...

Guénon acreditava.

Acreditava tanto no Agartha, quanto no Rei do Mundo, que lá morava.

Acreditava até que os Superiores Desconhecidos lhe falassem, e que eram entidades do mundo "imaginal". Era dessas "entidades" do outro mundo, que Guénon tomava os seus pseudônimos. Ele mesmo conta isto:

"Numa carta de 17 de junho de 1934, Guénon escreve a um seu correspondente - depois de ter feito, entre outras coisas, referência aos ensaios publicados em La Gnose e na La France Antimaçonique --"Toda vez que me servi de outras assinaturas, houve razões particulares para isso, as quais não devem ser referidas a R.G., pois que estas assinaturas não são simplesmente "pseudônimos" ao modo "literário", mas representam, se assim se pode dizer, "entidades" realmente distintas" (Cfr. Jean Robin, René Guénon, Ed. Il Cinabro, p. 325. O negrito é meu).

Então, como Fernando Pessoa, Guénon assumia "entidades". Coisa comum na Bahia.

E Robin explica que essas entidades seriam Tulkous. Segundo os tibetanos, o tulkoul "é ou a reencarnação de um santo, ou de um sábio falecido, ou ainda a reencarnação de um outro ser não humano: deus, demônio etc."(Jean Robin op. cit., p. 325-326).

Então, Guénon acreditava que era instruído por um ou vários tulkous... Que existiriam no mundo astral ou imaginal. E que poderiam ser espíritos de sábios ou santos falecidos, deuses ou demônios...

Advinha, você, Felipe, quem acho eu que baixava em Guénon para ensiná-lo, dizendo-se um tulkoul "Superior Desconhecido"? Creio que não é difícil de advinhar...é alguém bem conhecido. Principalmente, sabendo-se que esse tulkoul era subordinado ao "Rei do Mundo"...

E Olavo? Em que acredita?

Olavo acredita no que Guénon acredita.

Portanto para Olavo existe mesmo esse "Centro Iniciático" mundial.

Olavo, que acredita em centauros, djins, e nos monstros do Zodíaco, porque não acreditaria na existência desse "Centro" geográfico terrestre do esoterismo tradicional?

Olavo acredita. Julga-se um homem de fé.

E você, Felipe, não acredita que Olavo acredite no que Guénon acredita?

Que falta de "fé"!

Pois leia, você mesmo, a prova de que Olavo acredita no "Centro" iniciático, de onde os "Superiores Desconhecidos" dirigem a política mundial:

"Existe uma Tradição Primordial, universal e eterna, que é o depósito da sabedoria revelada. Existe a manifestação humana e terrestre dessa Tradição, e portanto uma organização tradicional que a representa. Existe um centro geográfico que é a localização dessa organização em algum ponto da Terra, em cada ciclo temporal. Tudo isso é inquestionável" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, ed. Nova Stella, Coleção Eixo, [La bien nommée] São Paulo, 1986, p. 13).

Então, Olavo crê:

1) Que existe uma organização encarregada de guardar a Tradição Primordial revelada e eterna.

Como se chama essa organização? Nem Guénon diz seu nome. Portanto, Olavo não sabe o nome dela.

2) Essa organização estaria sediada em um misterioso ponto da Terra, que alguns esotéricos - inclusive os nazistas - chamam de Agartha

3) Olavo não diz nada do Rei do Mundo que moraria lá, no Agartha, no centro da Ásia, talvez numa gruta, no Himalaia. Guénon fala desse Rei. Até escreveu um livro - um delírio - sobre isso. Mas escreveu. Escreveu e publicou. E se Guénon escreveu, Olavo leu e acreditou, ainda que não diga uma palavra sobre o tal Rei do Mundo.

E Olavo critica Santo Afonso!

E Olavo, defende ele algo parecido com o milenarismo de Guénon?

Tudo o que diz Olavo de mais "original", pode ser encontrado nos seus mestres tradicionalistas. Se Guénon disse que esperava uma crise universal no final do Kali yuga, à qual se seguiria um novo Manvantara, causador do retorno à ordem primeva, pode-se contar que Olavo vai defender a mesma coisa, em algum de seus livros esotéricos.

Olavo afirma a doutrina dos ciclos cósmicos ensinada por Guénon, e diz que estamos no final de uma era. Os indícios deste fim de era são descritos nos livros hinduístas, e Olavo acredita que eles se assemelham ao que profetiza o Apocalipse (!!!).

Imagine!

Olavo - parecendo certos crentes de seitas malucas que aguardam o fim do mundo para depois de amanhã - chega a dar os sinais da crise tremenda do fim do período em que vivemos e que precederá a renovação do mundo. Ele diz que tirou esses sinais premonitórios do livro Hindu chamado Baghavata Purana - Eta nome feio! - Livro XII, S1, 24 a 44.

Veja lá que "precisão" profética a do Baghavad Purana apud Olavo de Carvalho:

"Durante esse período, os homens têm a inteligência curta e poucos recursos. [De fato, vendo a TV, parece hoje...]. Eles são glutões, libidinosos, indigentes. As mulheres são libertinas e más."

"Os campos são devastados pelos assaltantes. os livros sacros são profanados pelos heréticos". [Parece São Paulo, do MST e de certos clérigos, seus protetores...].

‘As mulheres são de talhe exíguo, mas vorazes, de uma fecundidade excessiva, [Não é hoje...], sem pudor, tagarelando sem parar [Isto, dirão más línguas tagarelas, sempre foi assim. E alguns temem que será assim até no reino milenarista predito por Guénon, no pós Kali yuga], ladras, turvas e de um grande descaramento".

"O comércio estará nas mãos de gente miserável, de mentirosos convictos. Mesmo não sendo em caso de necessidade, as ocupações ilícitas serão consideradas lícitas". [É hoje! Sem dúvida!]

"Os homens abandonarão os pais, irmãos, amigos e parentes, serão dados à luxúria e às afeições ilícitas.

"Os Shudras (homens grosseiros e materialistas) disfarçados em ascetas, viverão deste disfarce, captando oferendas"

"Os homens terão a alma sempre perturbada: estarão atormentados pela escassez e pelo fisco' [É o Brasil atucanado! Sem sombra de dúvida! E no escuro do "Apagão"]

"A riqueza substituirá vantajosamente a nobreza de origem, a virtude, o mérito."

"No casamento, os homens só buscarão o prazer, e, nos negócios, o lucro fácil"

"O objetivo de todos será encher a barriga. A insolência passará por sinceridade"

"A lei dos heréticos prevalecerá. Todas as castas serão parecidas com a dos Shudras"

(Apud Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, Nova Stella, São Paulo, 1986, pp. 52-53).

São "profecias" que não significam nada, porque são aplicáveis a qualquer tempo. Parecem ter sido feitas por alguém que sofria do fígado, ao despertar, numa chuvosa segunda-feira.

Entretanto, elas indicam a mentalidade de um crente na expectativa da chegada do 'Reino' do Messias. Só falta alugar um "out door" luminoso, na perfumada marginal do Tietê, anunciando: "O Kali yuga está no fim. Um Avatara vai chegar. Você, que está aí parado no trânsito engarrafado, não desespere. Vai começar um novo Manvantara. Aguarde. É para breve."

Com as garantias do Purana, de Guénon e de Olavo.

O Rei do Mundo vem aí.

Acredite se quiser.

Acha que exagero?

Pode ser, se se considera que nem um Avatara - que bicho será esse? - conseguirá solucionar o trânsito paulistano.

Mas veja o que escreveu Olavo:

"Face a isto é preciso dizer que em nosso tempo uma multiplicidade de ciclos cósmicos e históricos está chegando ao seu fim, prenunciando uma mudança de muito maiores proporções do que um simples arranhão na crosta das instituições do nosso moderno Ocidente industrial e materialista. De fato, coincidem por volta desta época o encerramento da Era de Pisces, o encerramento de um ciclo polar de 21.600 anos e o encerramento da Idade do Ferro [deve ter começado a Idade de Plástico...] (era de decadência iniciada aproximadamente em 4. 450 A.C.) (Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, p. 51).

E prossegue, impertérrito, Olavo qual profeta anunciando a chegada do Avatara:

"Para que se compreenda bem o que isto quer dizer, é preciso saber que a doutrina hindu - como, aliás, todas as doutrinas tradicionais - encara o desenvolvimento temporal da espécie humana como um processo de queda progressiva, que de intervalo a intervalo é sustado por uma intervenção providencial dos céus, com o surgimento de um Avatara ou Profeta, que restaura até certo ponto as

possibilidades espirituais anteriores, mas sem nunca poder elevar a humanidade ao nível pleno de perfeição espiritual de antes." (Olavo de Carvalho, *Fronteiras da Tradição*, pp. 51-52).

Não disse?

Aí está Olavo, qual profeta tupiniquim, anunciando o advento do Avatara, o Restaurador, que chegará montado num cavalo branco, qual Dom Sebastião. E com uma coroa na cabeça, segundo Guénon, que se entendia de avataras e manvantaras. (Cada nome feio achanam esses hindus!).

Não há dúvida, então: Olavo adota uma teoria milenarista. E também nesse ponto secundário ele é gnóstico.

Aliás, ele foi do Partido Comunista que, como mostram vários autores, entre eles Eric Voegelin e Alain Besançon, é um "ersatz" da religião, prometendo um Reino messiânico na terra. E Olavo diz que, apesar de combater a burrice dos esquerdistas, ainda "compartilha de vários ideais da esquerda"...

Assim fica patente que Guénon e seu Olavo são milenaristas, em que pesem os ataques atuais de Olavo ao utopismo da esquerda, da qual, porém, ele confessa "compartilhar certos ideais".

E isso nos leva a um... interlúdio...político

VIII - 5 - Um interlúdio político: Quem não tem Cão, caça com Gato

Atribui-se a Lenin a frase: "O fruto natural do comunismo é o anti comunismo. Antes que os anti comunistas se organizem, organizemos nós mesmos o anti comunismo".

"Se non é vero, é bene trovato", dizem os italianos.

Se a frase não é verdadeira, ainda que ela não tenha sido dita por Lenin, é exatamente isso o que se tem visto na História do século XX.

Mussolini sempre foi anarquista, e durante anos foi Diretor do jornal "socialista" "Avanti". De repente, se arrependeu, e se declarou anti-comunista. Tomou o poder, depois da heroicamente ridícula "Marcha sobre Roma", e fez um governo estatizante, isto é, socialista. Foi um tirano à la macarroni, e, depois de deposto e libertado pelos nazis, fundou uma republiqueta socialista até no nome: a Republica Socialista de Saló.

Hitler é tido como anti comunista, mas o Partido nazista se chamava Partido Nacional Socialista Operário Alemão. E primitivamente o nome desse Partido fora Partido dos Trabalhadores Alemães, e seu programa era socialista, exigindo a socialização da economia, a estatização dos bancos, a Reforma Agrária, a educação estatizada, etc. Parece até o programa do PT de Dom Arns e de Lula.

Um historiador insuspeito, François Furet, mostra que fascismo, nazismo e comunismo não eram incompatíveis, havendo estranhas e paradoxais similitudes entre eles:

"De resto, imitação e hostilidade não são incompatíveis: Mussolini copia Lenin, mas é para vencer e impedir o comunismo, em Itália. Hitler e Estaline irão oferecer vários exemplos de cumplicidade beligerante" (François Furet, Ernst Nolte, *Fascismo e Comunismo*, Gradiva, Lisboa, 1999, p. 14).

E Hobsbawn, outro historiador insuspeito afirma: "Nessa medida, os apologistas do fascismo provavelmente têm razão de sustentar que Lenin gerou Mussolini e Hitler"(Eric J. Hobsbawn, *IL'Âge des Extrêmes, Histoire du Court XXème Siècle, Éd. Complexe,1994, p. 172*).

De algum modo, pois, Lenin Gerou Hitler e Mussolini. O comunismo gerou, de algum modo, o chamado "anti-comunismo" socialista de direita.

Costumo dizer que fascismo e comunismo são gêmeos dialéticos siameses. É difícil distinguir um do outro. São gêmeos especulares. Ambos filhos da revolução Francesa e do liberalismo. O comunismo, pretendendo levar a igualdade liberal às ultimas conseqüências econômicas, pela abolição da propriedade privada. O nazismo e o fascismo, fazendo triunfar o nacionalismo da Revolução de 1789, de modo radical e completo.

Além disso, há a questão tática, para a qual a frase atribuída a Lenin, ou de Lenin, aponta: impossibilitado de triunfar diretamente, o comunismo procura vencer pela manobra pseudo-direitista.

Comunismo esquerdista e fascismo pseudo-direitista se assemelham as duas pontas de uma duna (duna de areia no deserto).

A duna é impelida pelo vento em uma certa direção. Os grãos de areia alcançam o topo da duna, antes nas pontas - mais baixas - do que no centro, mais alto. Isto faz com que as pontas da duna avancem mais rapidamente, dando à duna um aspecto de meia lua, na qual as pontas ficam bem mais avançadas que o centro, mais alto e mais volumoso.

Porém, ambas as pontas avançam na mesma direção: a que é imposta pelo vento. O centro, mais volumoso, - "reino da quantidade"-- avança mais devagar, mas vai ele também, embora mais lentamente, na mesma direção que as extremidades, quer da direita, quer da esquerda da duna.

O processo político, no liberalismo, segue um modo de avançar análogo.

O vento do orgulho impele os grãos de areia da "massa" popular em direção à esquerda, isto é, em direção à uma igualdade cada vez maior. Os líderes radicais têm mais facilidade de assumir as alturas de comando, nas extremidades da duna popular. A oposição dos líderes radicais - de esquerda e de direita - é puramente aparente, porque a duna segue, nas duas pontas, na mesma direção: para a esquerda, isto é, para a igualdade e para a estatização.

A massa dos moderados, sempre assustada, e sempre anti radical, vai lentamente na mesma direção que as pontas da duna política. Por isso, um moderado de hoje adotará, depois de amanhã, o que os extremados exigiam ante ontem.

Veja o papel da moderada e anti-radical Democracia Cristã, na Itália: começou combatendo o PC. Depois, fez a "abertura a sinistra". Que foi uma sinistra abertura. Amasiou-se politicamente ao socialismo. E acabou sendo alijada do consórcio do poder.

"Mane pulite" alijaram o socialista Bettino Craxi até a Tunísia, e levaram aos Tribunais antigos líderes demo cristãos, suspeitos de aliança com a Maffia...

Aplice tudo isso ao Brasil... E você verá líderes católicos da Democracia cristã saindo do plenário da Câmara para não votar contra o divórcio...

Você verá os membros da antiga Ação Católica, aliando-se ao PC, e ajudando a guerrilha de Marighela. Hoje, vários deles fizeram crescer, em seu nariz, um bico de tucano.

Como ficaram feios... E que papel feio!

Aplique tudo isso ao Brasil, repito.

No Brasil, em 1964, os militares deram o golpe para impedir o triunfo do comunismo. Mas, imediatamente fizeram uma Reforma Agrária mais radical que a de Jango. Criaram o Incra, e as leis que agora o socialista FHC aplica, pela mão de Jungmann - um ex membro do PC - docemente cedendo às pressões do MST, sob o olhar e o sorriso socialista de Dona Ruth Cardoso para Stedile e Rainha. Sob a benção aposentada, mas sempre dulçurosa, do Cardeal Arns, aquele que mandava telegramas ao seu "queridíssimo Fidel...".

Os militares deram o golpe para impedir a vitória comunista, que faria a estatização da economia. E, depois de anos de governo anti comunista-- sob a tutela de Geisel e Golberí, um amigo de Dom Arns - o Brasil estava mais socializado do que a Yugoslávia de Tito. Com o divórcio, imposto pelo protestante General Geisel.

Parece regra: os anticomunistas, a pretexto de evitar o avanço da esquerda, fazem o que os comunistas anunciavam que queriam fazer. Veja, nos USA: foi Nixon quem fez os acordos com a China Comunista, que eram pedidos por Kennedy.

Via de regra, são ex membros do Partido comunista, são ex marxistas, que tomam a direção da política, quando o PC fracassa nas urnas, ou na tomada do poder, por outras vias...

Dê uma espiada pelos atuais governos da Europa neo capitalista: no poder você encontrará vários trânsfugas do naufrágio socialista e comunista, que sem terem pulado por cima do Muro da Vergonha - o de Berlim-- pularam, sem vergonha, por cima do muro da Ideologia.

Verifica-se precisamente a realização da manobra apontada por Lenin: são comunistas e socialistas que organizam o anticomunismo de "direita".

Nada se parece mais com a extrema esquerda do que a extrema direita. Elas são tão parecidas como as duas pontas da duna.

E o centro vai escorrendo - sempre moderadamente, é claro! - na direção apontada pelos líderes radicais de ambas as pontas. Sem radicalismos. Moderadamente. No Centro está a virtude...Moderadamente cúmplice!

Não foi o moderado Partido do Zentrum de Monsenhor Kaas, que deu a Hitler a Chancelaria, e, em seguida, plenos poderes, e depois desapareceu?

Foi. Foi o Zentrum moderadíssimo que preparou a tirania nazista e possibilitou os crimes de Auschwitz.

Veja ainda a cooperação da burguesia capitalista com a esquerda.

Em toda revolução marxista, se encontram líderes provenientes da burguesia plutocrata que, "arrepentidos" de seu "pecado original" capitalista, fazem questão de se fazerem de socialistas sinceros.

Vão até passar alguns dias em barracos de favelas, para "vivenciarem" uma "experiência" de pobreza. Por três dias.

E bancam Robespierres de subúrbio: incorruptíveis paladinos da "ética" e da "virtude", em toda CPI que apareça.

Ou em que apareçam.

Burgueses com complexo de culpa capitalista.

Via de regra, são capitalistas burgueses que pagam os intelectuais e jornalistas que se "convertem" do marxismo, para liderar cruzadas anti comunistas.

Já Lenin dissera também:

"Quando chegar a hora, serão os banqueiros capitalistas que nos darão a corda com a qual os enforcaremos".

"Profético".

Ouvi dizer que Olavo concorda inteiramente com essa idéia, pois costumaria dizer: "Os capitalistas são os porquinhos que os comunistas engordam o ano todo, para ceá-los no Natal".

Se Olavo, não disse textualmente isso, é verdade assim mesmo,

Tendo em vista o acima considerado, pode-se perguntar, como hipótese de estudo apenas, sem afirmação de que seja tese comprovada, se isso tudo é aplicável ao caso concreto de Olavo de Carvalho.

Atualmente Olavo, montado num Pão de Açúcar metafórico, proclama-se o único jornalista anti comunista a escrever nos grandes periódicos nacionais.

E escreve artigos ardidados, desancando a esquerda laica e clerical. Descendo a pua na intelectualidade esquerdista uspiana.

Com isso, recolhe as simpatias do público cansado da parolagem tucana, farto do palavreado moralizante do centrismo, sempre moderado, que cohabita com uma corrupção imensa, bem como recebe o apoio do público que exige mais lógica, e reação contra a falta de segurança.

Como hipótese, repito, e tendo em vista o que acabamos de ver, pode-se perguntar: será que quando Olavo se diz anti comunista - hoje - é para valer mesmo?

Tantos outros, no passado, cantaram a mesma canção!...

A hipótese tem que ser levada em conta.

Olavo foi do PC.

E declara que ainda compartilha de certos ideais da esquerda. E se diz anarquista em moral... Anarquista em educação. E mantém conceitos e esperanças milenaristas.

Numa entrevista perguntaram a Olavo:

"O sociólogo Manuel Castells fala que, hoje, se alguma utopia pode servir para refletir a realidade, é o anarquismo, ou seja, a atomização completa dos poderes. O que o senhor pensa disso?

Respondeu Olavo : "Olha, se pegarmos a ideologia anarquista e retirarmos dela um fundo verdadeiramente demoníaco e mórbido, de ódio às religiões, podemos dizer que eu sou anarquista" (Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, in República, Fevereiro de 2.000. ano IV, no 40, P. 97. O negrito é meu).

Olavo é pois um anarquista religioso.

Boff é um religioso anarquista.

Será que, de fato, eles são tão diferentes?

Para completar, nessa mesma entrevista, ele declarou: "Eu defendo uma idéia não porque ela seja de direita ou de esquerda, mas porque coincide com a realidade do momento. Eu não tenho a pretensão de chefiar movimento, de orientar política. Se o Brasil quiser um ideólogo, que vá procurar outro ". (Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, entrevista in, República, Fevereiro de 2.000, ano IV, no 40, p. 62".O negrito é meu).

Olavo diz defender uma idéia, porque coincide com "a realidade do momento"... Huum...

Essa defesa parece bem instável...

E se mudar "a realidade do momento"...?

Olavo diz que tudo é fluxo.

Humm...

Tomar atitudes conforme a "realidade do momento" pode ser traduzido como ser oportunista...

E Olavo previne: "(...) a palavra esquerda é ambígua e abrange muitas coisas boas também" (Olavo de Carvalho idem p. 97. O itálico é do autor. O negrito é meu).

Quais coisas boas a esquerda defende, Olavo não explicita: mantém em segredo esotérico...

Como se vê, Olavo não pode ser tido como um anti esquerdista radical...

Nessa mesma entrevista, foi dito a Olavo :

"Esse seu pensamento é muito parecido com o de parte da esquerda.

Ao que Olavo respondeu: "Não tenha a menor dúvida! Mas nenhuma fundação americana me paga para isso. As minhas idéias são experimentais: pode ser que a situação mude amanhã ou depois mude ou eu perceba que entendi errado. Agora, o ideólogo não pode mudar de idéia, porque senão acaba o partido" (Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, República, no 40, p. 66 O negrito é meu).

Viu?...

Pode ser que "a situação mude amanhã"...

"Ou mude eu"... Por ver que "entendera errado" ao se dizer contra a esquerda...

Olavo não repele a hipótese que levanto.

Nem sequer esconde a hipótese de que ele pode mudar.

Ele a afirma, escreve e subscreve.

Não se pode acusá-lo, então, de falta de sinceridade nesse problema.

O oportunismo de Olavo parece muito com o que é habitual em políticos brasileiros.

Já havíamos constatado: Olavo é mobile. Tudo é fluxo, para ele. E ele está no tudo. Portanto, pode "fluxar"

Por isso, ele não quer ser "ideólogo". Sabe que vai mudar...

Será ele sempre um anti comunista?

Ele mesmo previne que pode mudar...

Acreditar em seu anti comunismo é, então, uma questão de confiança...no fluxo...

Para completar a canção, já parodiada anteriormente, poder-se-ia cantar:

Olavo è mobile...

Por isso...

"Ma non è furbo chi a lui s' afida,
Chi in lui confida e in suo mistero."

Olavo se diz católico - judeu- maometano, e não é nada disso. É gnóstico.

Ao dizer isso, Olavo procura se colocar como o "sábio" gnóstico, como diz Ibn Arabi:

"O verdadeiro sábio não se vincula a nenhuma crença" (Mohyidin- din- Ibn- Arabi, apud Luc Benoist, El Esoterismo, p. 46).

Que confiança merece um gnóstico com essa ambigüidade religiosa e política?

Estará Olavo se fazendo de anti comunista como se faz de católico?

"Chi lo sa?"

Mas não é prudente confiar... no fluxo.

Há quem se divirta - e se engane - com a violência estilística do anti comunismo de momento de Olavo. Que pode ser apenas de momento, isto é, oportunista. Que já garante que não será assim para sempre...

Depende do momento...ou da oportunidade.

De minha parte, não creio em quem é mutável

Creio em Deus, que não muda.

IX - Ciências Esotéricas e Gnose: Astrologia e Alquimia

IX - 1. A Defesa da Astrologia por Olavo

Como vimos anteriormente, o esoterismo sempre inclui a Gnose, conforme disse Antoine Faivre.

Também Gusdorf mostra que "a palavra esoterismo evoca, por sua etimologia, a conversão ao espaço interior; ela designa uma ciência secreta, mas não apenas por seu conteúdo que se refere a procedimentos mágicos, a conhecimentos ocultos; mas também por seu estatuto. Há ensinamentos esotéricos, mas as instruções dadas e recebidas não concernem senão ao envelope exterior daquilo que está em questão" (G. Gusdorf, *Le Romantisme*, Vol I, p. 846).

Noutras palavras, o esoterismo não pode ser transmitido apenas teoricamente: ele tem que ser vivido numa iniciação secreta, pessoalmente. Ele é intrinsecamente secreto.

Em seu AVISO 2, O. de C. reconhece que o gnosticismo, ao longo dos tempos, impregnou, com alguns de seus elementos, várias atividades humanas, mas que esses elementos da Gnose foram incorporados com significado variado, "conforme o lugar e a função que recebam nas estruturas de pensamento que os acolhem. Isto é óbvio sobretudo no que se refere às ciências simbólicas da natureza - astrologia e alquimia - que já pelo simples fato de serem simbólicas, não remetem por si mesmas a um sentido unívoco, mas recebem o seu sentido do teor geral das concepções doutrinárias que os integram e utilizam. Só para dar um exemplo, a mesmíssima teoria da influência dos astros sobre as paixões humanas se encontra, idêntica, em Santo Tomás de Aquino e em Robert Fludd. É cristã no primeiro e gnóstica no segundo, não porque apresente aí qualquer diferença interna, mas pelo lugar que ocupa nas concepções globais de um e de outro." (Olavo de Carvalho, AVISO 2, 17-IV - 2.001).

Como você bem percebe, meu caro Felipe, Olavo está preocupado em sustentarr que a Astrologia que ele praticou durante muitos anos, e defende até hoje, não é a que tem ligação com a Gnose. Seria mais uma "Astrologia tomista, cristã", do que Fluddiana e gnóstica.

Veremos.

Começemos por fixar como Olavo e seus mestres, os pensadores gnósticos chamados "tradicionais" ou "perennialists", conceituam o que Olavo chamou de "ciências simbólicas da natureza", e como elas se diferenciam das ciências comuns.

Olavo distingue a Astrologia natural, ou "científica", - que ele não chama de Astronomia - da "Astrologia espiritual" ou "sapiencial":

"(...) teremos não uma, porém duas ciências - complementares, é verdade - porém distintas e inconfundíveis. Tradicionalmente esses dois domínios chamam-se "astrologia natural" (ou, podemos admitir, "científica"), e "astrologia espiritual" (ou sapiencial). (Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, p. 27).

São pois duas Astrologias mesmo. Olavo não fala da Astronomia.

Ele explicitou mais que uma distinção, estabeleceu uma separação, entre Astronomia e Astrologia, e o fez de modo ainda mais claro, num artigo escrito para a Revista Planeta em 1978, no qual afirma que Astrologia tem muito pouco a ver com Astronomia:

"Na realidade, não é preciso conhecer muita astrologia para ver que ela tem muito pouco a ver com a astronomia. Pode-se estudar astrologia com conhecimentos relativamente rudimentares de astronomia (o suficiente para calcular latitudes e longitudes, ascensão reta e declinações), mas não se pode fazê-lo sem sólidos conhecimentos de mitologia, de psicologia, de religiões comparadas, de heráldica, de simbologia, de arte sacra, e sem a vivência prática, concreta, de pelo menos uma das muitas vias de auto conhecimento e transcendência criadas pelas tradições espirituais do Oriente e do ocidente, como a cabala e a ioga, as várias formas de meditação e experiência mística, etc. " (Olavo de Carvalho, artigo Cadeia para os Astrólogos, in Planeta, Dezembro de 1978, no 75, p.31).

Como Olavo era sincero quando escrevia na Planeta!

Nesse artigo, ele confessa que, para ser astrólogo, não é preciso entender de Astronomia, mas sim que é preciso ter "vivência da Cabala ou da ioga", isto é, da Gnose judaica ou da Gnose hindu!

Ora, Olavo foi astrólogo.

Logo, ele teve "vivência" da doutrina gnóstica.

Portanto, Olavo é um gnóstico.

Pela própria boca, ele se condenou.

E ainda ele se espanta que eu o tenha acusado de defender a Gnose e de ser gnóstico! E ainda me desafia - ele que foi astrólogo profissional - a provar que ele tem doutrina gnóstica, sob pena de me taxar de "impostor"!

Noutro livro, Olavo faz a mesma distinção que já vimos:

"A distinção que assinala acima evidencia a necessidade de dois enfoques diversos, que constituem por assim dizer duas astrologias opostas e complementares: a astrologia como ciência natural estuda a influência dos planetas; a astrologia como hermenêutica estuda as significações dos fenômenos planetários como símbolos de potências superiores. Esta última forma demanda, por certo, conhecimentos de ordem metafísica e cosmológica que transcendem o campo habitual do astrólogo; ela desemboca numa angeologia e numa teologia" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 48).

A Astrologia natural seria aquela que trata da influência dos astros sobre as paixões humanas, podendo, ou não, prever o futuro, por exemplo.

A Astrologia espiritual que desemboca numa angeologia e numa teologia, exigiria "conhecimentos de metafísica".

Ora, para Olavo, o termo "Metafísica" significa, como vimos, Gnose.

Olavo pretende que é astrólogo espiritual.

Logo, ele tem que ser gnóstico.

De novo, se prova que ele é gnóstico pelas próprias palavras dele.

Olavo diz isso mesmo de modo bem transparente:

"Prolongando e precisando essa advertência, é preciso esclarecer que a astrologia de que se trata neste livro é aquilo que mais propriamente se denomina "astrologia espiritual", ou seja, a utilização do simbolismo astrológico como suporte para a compreensão de doutrinas tradicionais de ordem cosmológica e metafísica, e também como instrumento hermenêutico para a interpretação correta e tradicional de ritos e símbolos. Não se trata, de maneira alguma, de astrologia preditiva - científica ou não, dá na mesma --, nem de astrologia psicológica no sentido tão amplamente disseminado pelos junguianos. Falo da astrologia como auxiliar da mística, e não como instrumento para a predição ou como muleta psicológica travestida de auto-conhecimento" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 16).

É claríssimo: a Astrologia de Olavo é instrumento para o conhecimento de doutrinas metafísicas tradicionais, que como vimos, equivale à Gnose.

Logo, Olavo é gnóstico mesmo.

É também astrologicamente gnóstico.

Olavo é astrologicamente gnóstico tal como Robert Fludd, que ele afirmou defender uma astrologia gnóstica.

Repare ainda, caro Felipe, que Olavo, no texto acima citado, condena a "astrologia preditiva", seja ela científica ou não. Entretanto, noutra passagem desse mesmo livro, ele escreveu:

"A noção de que as pessoas tenham um destino estampado nos céus e de que o pré- conhecimento desse destino possa ser levar a um "aperfeiçoamento" individual não é em si mesma totalmente falsa, mas uma ênfase excessiva neste modo de ver as coisas misturadas a concepções fantasistas sobre o karma, das quais falarei mais adiante - pode levar a uma extinção de toda religiosidade autêntica e ao estabelecimento de uma nova astrolatria"(Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 77. O negrito é meu.).

Portanto, a Astrologia preditiva não seria, agora, totalmente falsa...

Alguma predição seria possível ser feita por meios astrológicos...

Variações olavianas...

Veremos, nos Apêndices desta carta - hélas!, ela terá Apêndices! Mas necessários. E excelentes, pois que são de São Tomás, na *Suma Contra Gentiles* e na *Suma Teológica*, ensinou que as predições astrológicas são falsas e demoníacas, obras daqueles "cherubini neri", de que falou Gúido de Montefeltro a Dante no Inferno, que Olavo não leu, ou eruditamente "bolostrocou".

Noutra passagem de um de seus livros, Olavo diz:

" No que diz respeito às ciências tradicionais, como a astrologia, a geometria, a alquimia, etc., é evidente que nenhuma delas tem a menor possibilidade de ser corretamente compreendida fora do quadro de um esoterismo completo e vivente, ao qual só se tem acesso, precisamente, por meio do compromisso com um exoterismo ortodoxo"(Olavo de Carvalho, *Astrologia e Religião*, p. 13).

Portanto, ele admite que só com um conhecimento esotérico - isto é gnóstico - se pode ter compreensão da Astrologia e das outras ciências "tradicionais".

Ora, Olavo proclama que tem um conhecimento esotérico - portanto, gnóstico - que lhe permite possuir a verdadeira e correta compreensão da Astrologia.

Logo, ele confessa, também desse modo, que é um gnóstico.

Por outro lado, Olavo previne que, no mundo moderno, há duas deturpações da Astrologia tradicional, castiça": a astrologia "ocultista", e a Astrologia dita "científica" (Cfr. Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 19).

A Astrologia ocultista, ele a condena, porque Guénon condenou o ocultismo de Papus, com quem brigara. A Astrologia científica moderna, por seu materialismo, e por seu racionalismo, ele não a aceita na medida em que a razão engana o homem, confinando-o no mundo da manifestação.

A astrologia tradicional ou espiritual defendida por Olavo de Carvalho é uma ciência esotérica, isto é, gnóstica.

Logo, mais uma vez, ele confessa que é gnóstico.

Queremos salientar, agora, o ponto de vista anti científico e anti racional das ciências esotéricas.

Por se oporem ao mundo real, compreensível pela razão, elas não aceitam a relação natural de causa e efeito. Olavo salienta que jamais os astrólogos pretenderam aplicar à Astrologia essa relação de causa e efeito, quanto às ações dos homens:

"(..) por toda parte se explica a relação entre os astros e os homens como um processo de semelhança, de analogia, de simpatia, de correlação, de sincronismo, e nunca de causa e efeito.

"E completaram [os astrólogos]: nenhum astrólogo jamais disse que os astros causam as ações humanas, pela simples razão de que o princípio de causa e efeito, tão importante para o cientista materialista, é, para os astrólogos, um princípio menor e secundário. O princípio maior é a lei da analogia, mediante a qual o grande e o pequeno, o macrocosmo e o microcosmo, a matéria e a consciência, têm uma estrutura e uma dinâmica semelhante, já que são apenas faces diversas do mesmo fenômeno" (Olavo de Carvalho, *Os Astrólogos Estão de Volta*, in *Planeta*, Janeiro de 1978, no 64,p. 23).

Não seria então pela relação de causa e efeito que os astros influenciariam as ações humanas, mas sim pela relação da analogia esotérica.

Ainda outra citação mostrando que o significado que Olavo dá à expressão "Ciência tradicional", que ele aplica à Astrologia e à Alquimia, é realmente ligado à noção de Gnose:

"Todas as ciências tradicionais da natureza - astrologia, alquimia, geomancia, etc. - mobilizam poderosas forças psíquicas que não podem ser governadas pela mente do indivíduo, e cujo domínio cabe somente a Deus. Todos os tratados de alquimia (e a alquimia não é outra coisa senão uma astrologia "operativa") insistem claramente na necessidade absoluta da prece. E não há prece sem a filiação regular a uma religião tradicional" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 83).

Fica sempre mais patente que a noção de ciência tradicional, para Olavo é religiosa, mas religiosa enquanto relacionada com o núcleo comum de todas as religiões, que seria a Gnose.

E guardemos bem a identificação de Astrologia como Alquimia operativa...

Olavo garante que o verdadeiro astrólogo - o "astrólogo de raça" - só pode ser um homem "espiritual":

"Essas observações preliminares fornecem ao leitor, desde já, um critério seguro para saber se está falando com um conhecedor do assunto ou com um charlatão, ignorante e falsário (envernizado ou não das tinturas acadêmicas): o astrólogo de raça há de saber, por um lado, enunciar os princípios metafísicos, cosmológicos e teológicos em que se fundam as regras astrológicas que aplica, e, por outro, converter essas regras nos seus equivalentes gramaticais, lógicos, estéticos, etc."

Reparou o desprezo dele pelos que têm envernizamento acadêmico, e que, de fato seriam charlatões, e que ele usa para salientar a superioridade do "astrólogo de raça", ainda que ele seja - como Olavo - um auto-didata?... E coloquei em negrito as palavras que comprovam que Olavo liga a Astrologia à Teologia. O que é muito significativo.

E Olavo prossegue:

"Mas é preciso, ademais, que esse homem de erudição - [Homem de valor extraordinário! Especialmente por sua humildade] - seja ainda um homem de espiritualidade, marcado pela vocação de convergência de todos os conhecimentos na luz unificante do Intellectus primus, ou Logos, ou Verbo Divino. Pois aqui não se trata de conhecimentos esparsos, mas de um saber perfeitamente integrado, no eixo de uma realização espiritual pessoal (...)"(Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 21).

Observe, caro Felipe, como Olavo usa expressões do código tradicionalista para exprimir que o verdadeiro astrólogo deve ser um Gnóstico e um iniciado. Porque, "realização espiritual pessoal" significa, no jargão da gnose tradicionalista, ter realizado a união com a Divindade por meio do Conhecimento unificante e salvador, o qual não tem nada que ver com o saber racional acadêmico.

Por isso, também, Olavo previne que esse "conhecimento integrado, por ser integrado, não tem como ser expresso em modo extensivo. O contrário, ele demanda a síntese, ele tende antes à intensidade intelectual do que à extensividade discursiva. Daí o amplo uso do simbolismo" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 27).

O astrólogo "de raça", "castiço", como Olavo pretende ser, não pode ter os "conhecimento esparsos", próprios da formação racional universitária, mas deve ter os conhecimentos integrados, esotericamente unificados, como exige a gnóstica definição de Filosofia de Olavo.

Olavo explica que o estudante de astrologia espiritual precisa atingir um "estado de integração continuada, isto é, um estado de claridade e de evidência -

[estado de clarividência, como se diz no maçônico rito de Misraim] - que lhe permita assimilar conhecimentos extremamente complexos sem maior dificuldade"(...)Precisa conquistar..."um estado permanente de evidência intuitiva" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 27).

Não preciso salientar que Olavo está insinuando que o principiante em "Astrologia espiritual" deve ser iniciado, para obter o Conhecimento, a Gnose, que lhe permita alcançar a "realização espiritual pessoal".

E recorda-se você que ele afirmara que para ser astrólogo era preciso ter "vivência da cabala ou da ioga"...

Olavo, por fim, diz expressamente:

"O corpo de técnicas que concorrem para esse fim é o que se denomina esoterismo, como sinônimo de "interiorização, e que não se confunde de modo algum com o "ocultismo", a magia, a bruxaria, os poderes psíquicos reais ou fingidos, etc."(Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, pp. 27-28).

O esoterismo, como vimos, implica em gnose, conforme explica Antoine Faivre. Note ainda que a distinção entre esoterismo e ocultismo é o eco do que diz Guénon, com raiva de Papus. Portanto, Olavo ecoa a doutrina de Guénon também neste ponto.

Concluindo, diz Olavo que a Astrologia "é via de acesso ao Ser" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 28). E Ser, para Olavo, é a Divindade. Portanto, a "Astrologia espiritual" de Olavo é meio para, através do Conhecimento, atingir a 'realização espiritual pessoal', unindo-se ao Ser, à Divindade, o que permitiria reconquistar "certas capacidades humanas originárias, como por exemplo, um estado permanente de evidência intuitiva e, portanto, de certeza e de paz"(Olavo de Carvalho, *astros e Símbolos*, p. 28).

Há que se concordar com Olavo neste ponto: a "Astrologia espiritual", que ele defende, está bem longe da vulgar e supersticiosa Astrologia dos horóscopos de jornal. A Astrologia de Olavo exige admitir a Gnose.

A "Astrologia espiritual", ciência esotérica e via para a Gnose preconizada por Olavo, está então inteiramente de acordo com a Astrologia do cabalista e gnóstico Robert Fludd, que Olavo admitiu ser gnóstica. E é contrária ao que ensina São Tomás de Aquino, cujo prestígio Olavo tentou puxar para a sua sardinha astrológica.

Com efeito, Olavo de Carvalho procura insinuar que não há contradição entre o que ele diz da Astrologia e o que ensinou São Tomás sobre esse tema.

Ele começa afirmando corretamente a doutrina de São Tomás dizendo:

"Segundo São Tomás, os astros não influem em nosso entendimento, mas sim no nosso aparato corpóreo; se, portanto, agem sobre nosso psiquismo, não é a título de causas essenciais, mas de causas acidentais" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 63).

"Enquanto corpos, diz S. Tomás, os planetas só atuam sobre corpos. Isto significa que, se a atuação sobre os entes corporais como a água ou os minerais é direta e causal, e abrange estes corpos na totalidade de seu ser, o mesmo não se poderia dizer com relação ao ser humano, pois este possui qualidades próprias que ultrapassam o domínio corporal e portanto não poderiam estar à mercê da influência de quaisquer corpos, inclusive os planetas. Isto não quer dizer, porém, que os planetas não atuem sobre o homem de maneira alguma, mas sim que eles agem apenas sobre o que neles há de corporal, sem atingir suas faculdades superiores, como a vontade, a razão e o entendimento" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, pp. 45-46).

Se não fosse a imprecisão final entre vontade, razão e entendimento, se poderia dizer que Olavo, desta vez, exprimiu bem o que ensina São Tomás.

De fato, São Tomás ensina que os astros não têm influência nem sobre nossa inteligência, nem sobre nossa vontade, mas apenas sobre nossos corpos, sem afetar nosso livre arbítrio. Portanto, para São Tomás, é falsa a astrologia, quando pretende que os astros determinam nossas ações.

Entretanto, se Olavo, nesses trechos citados, ensina o que diz São Tomás, mais adiante ele acrescenta:

"Se, enquanto corpos, os planetas só atuam sobre corpos, podemos completar o raciocínio de São Tomás [???] dizendo que, enquanto símbolos, ao contrário, eles representam ou veiculam a atuação de potências espirituais e cósmicas que ultrapassam infinitamente os domínios do corpóreo. Neste caso, não são os planetas que agem, mas sim as potências angélicas das quais eles são somente a cristalização simbólica e sensível, por assim dizer" (Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 47. Os negritos são meus para salientar o absurdo do que escreveu Olavo).

E pouco adiante, ele diz que os astros são a "hierofania" dos anjos.

Olavo se arroga o direito de "completar o raciocínio de São Tomás"!

Haja pretensão!

E completar de tal modo que acaba por dizer o oposto do ensina o Doutor Angélico!

Olavo concorda com São Tomás que os planetas, enquanto corpos, só podem influir sobre nossos corpos. Mas, depois, extrapola - e não completa - o que diz São Tomás, afirmando que os planetas são "cristalizações" e veículos de "potências angélicas". No fundo, ele toma a suposta influência simbólica dos astros, como se os estes tivessem um efeito "sacramental".

Tendo começado por afirmar a verdadeira explicação de São Tomás sobre a influência dos astros apenas sobre os corpos, passando, a seguir, a "completar" o raciocínio de São Tomás, Olavo termina por dizer que São Tomás aceita a influência dos astros sobre os fatos humanos como veículos de potências angélicas:

"Ao contrário do que geralmente se pensa, a astrologia, enquanto estudo das relações entre os movimentos planetários e eventos terrestres e humanos, nunca foi propriamente "condenada" pela igreja, como aliás se vê pelas longas e belas páginas que São Tomás de Aquino, na Suma contra os Gentios, dedicou à explicação das influências dos astros como veículos das potências angélicas"(Olavo de Carvalho, *Astros e Símbolos*, p. 80).

(Como esta carta está imensa, publicarei em apêndice o texto integral das "longas e belas páginas" da Suma Contra Gentiles (Livro III, q. 84 e 85), a que Olavo se refere, assim como da Suma Teológica, em que São Tomás trata da influência dos astros, condenando a tese astrológica de que os astros influem em nosso intelecto e em nossa vontade).

Olavo diz - pelo menos no livro acima citado - que concorda com São Tomás que se os astros não influem na vontade humana, entretanto, eles influenciariam os ciclos históricos. Num artigo na revista Planeta, ele escreveu:

"A astrologia tem, sobre a ciência histórica corrente, justamente a vantagem de permitir um estudo mais amplo, pois o modelo dos ciclos planetários pode articular, numa moldura única e coerente, as várias correntes de causas - econômicas, políticas, culturais, etc. - que contribuem para a elaboração da história: onde o historiador comum se perde ante a variedade dos fatores, o astrólogo (ou o historiador versado em astrologia) elabora rapidamente uma síntese viva e dinâmica do conjunto"

(Olavo de Carvalho, A Década de 80. Com que Direito estão Prevendo o Fim do Mundo? artigo in Planeta, Dezembro de 1979, no 87 p.40).

No mesmo artigo, ele escreve pouco depois:

"As grandes transições ocorridas sob o signo de Escorpião parecem evidenciar sempre o desgosto das potências cósmicas, que regem o destino humano, contra qualquer forma de equilíbrio estático que ameace eternizar um determinado status (...) "(Olavo de Carvalho, artigo A Década de 80..., Planeta, Dezembro de 1979, no 87, p. 42. O negrito é meu).

Dessa forma, segundo Olavo, os astros mais do que influir sobre os homens individualmente, influem nos ciclos históricos. Assim, eles ajudariam a explicar a História. Abandonando a "explicação" marxista da História, Olavo buscou, para substituí-la, uma "explicação" astrológica.

Concluimos, pois, que a Astrologia espiritual, tal como a expõe Olavo de Carvalho, tanto como a Alquimia, é uma pseudo ciência; é uma "ciência" esotérica, ligada à Gnose, pretendendo ser veículo para o "Conhecimento salvador".

Essa conclusão minha é confirmada pelo que diz um dos mestres tradicionalistas gnósticos admirado e elogiado por Olavo: Titus Burckhardt.

Esse autor afirma em um de seus livros:

"É verdade que, durante um certo tempo, precedendo diretamente a época moderna, elementos de gnose verdadeira, que tinham sido rejeitados do domínio da teologia, ao mesmo tempo pelo desenvolvimento exclusivamente sentimental do misticismo cristão tardio e pela tendência apologética inerente à Reforma, acharam um refúgio na alquimia especulativa. Isto explica sem dúvida fenômenos tais como os ecos de Hermetismo que se podem distinguir na obra de um Shakespeare, de um Jacob Boehme ou de um Johann Georg Gichtel". (T. Burckhardt, op., cit. pp. 19-20. O negrito é meu.).

Mas isto é dito da Alquimia e não da Astrologia, objetaria alguém.

A resposta nos é dada pelo próprio Burckhardt, como veremos logo em seguida.

IX - 2. Alquimia e Gnose

"A astrologia e a alquimia que, na sua forma ocidental, derivam ambas da tradição hermética, tem entre elas a mesma relação que o Céu e a Terra. Uma interpreta a significação do zodíaco e dos planetas, a outra, a dos elementos e dos metais" (Titus Burckhardt, Alchimie, ed. Thot, impresso na Itália, texto francês, Milano, 1974, p. 73).

Burckhardt afirma então que Astrologia e Alquimia são ciências esotéricas, herméticas, portanto, gnósticas. E também Olavo havia relacionado todas as ciências esotéricas, especialmente a Alquimia e a Astrologia, com o esoterismo, isto é, com a Gnose.

Pontifica Burckhardt:

"Pela maneira "impessoal" pela qual ela considera o mundo, a alquimia se acha em relação mais direto com a "via do conhecimento" (a gnose) do que com a "via do amor" (T. Burckhardt, Alchimie, pp. 27-28. O negrito é nosso).

Burckhardt é explícito: a Alquimia é ligada à Gnose. E a palavra Gnose é do próprio texto de Burckhardt. O que Olavo mais ou menos camufla, Burckhardt proclama. A Alquimia é ligada à Gnose.

"Por sua integração à fé cristã a alquimia se achava espiritualmente fecundada enquanto que ela trazia à Cristandade uma via conduzindo à "gnose" através da contemplação da natureza" (T. Burckhardt, op. cit., p. 18)

Mais ainda. Como se não bastasse a relação da Alquimia com a Gnose, Burckhardt mostra que ela era cabalística. (E a Cabala é a Gnose judaica, conforme Scholem):

"Não se sabe, escreve Artéphius, célebre alquimista medieval, "que nossa arte é uma arte cabalística?" (T. Burckhardt, op. cit. p. 28).

Burckhardt diz ainda:

"(...) a Alquimia, apoiando-se sobre uma perspectiva puramente cosmológica, não pode ser transposta senão indiretamente ao domínio meta - cósmico ou divino. Mas, como ela pode representar uma etapa no encaminhamento em direção ao objetivo supremo, ela foi entretanto incorporada na gnose cristã e islâmica. A transmutação alquímica conduz o elemento central da consciência humana ao contato direto deste raio divino que atrai irresistivelmente a alma e direção ao alto e a faz entrever o Reino dos Céus" (T. Burckhardt, op cit., pp. 70-71).

Portanto, mais do que transmutar chumbo em ouro, a Alquimia visa colocar em contato a partícula divina oculta no homem com a própria Divindade, a fim de realizar a Identidade Suprema, isto é, transmutar o alquimista em Deus.

"Ora, a Grande Obra não limita sua ambição à pesquisa interessada de técnicas para a produção do metal precioso. O alquimista trabalha para a sua própria transmutação; sua tarefa externa é o símbolo de uma caça do ser, de uma ascese que lhe dará o domínio do absoluto. O enobrecimento dos elementos naturais é a figura alegórica da promoção espiritual do homem, o mais precioso de todos os elementos, assim como o manifestou o Fausto romântico de Goethe"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 846).

Olavo deixara entrever que a Astrologia espiritual exige uma iniciação. Burckhardt vai dizer expressamente isso da Alquimia:

"Como toda arte sagrada no verdadeiro sentido da palavra (isto é, como todo "método podendo conduzir à realização de estados de consciência supra individuais) a alquimia depende de uma iniciação" (T. Burckhardt, op. cit. p. 32).

Olavo admite que a Alquimia não é uma ciência racional. Isso se depreende do que ele diz, por exemplo, num artigo intitulado "Medicamento Alquímico", publicado na revista Alquimia Digital (<http://alquimia.vila.bol.com.br/medicamento/index.html>.)

Nesse artigo delirante, Olavo explica como se pode obter o ouro potável, captando a "energia vital que move o universo e os seres vivos", energia que ele chama ainda de "energia cósmica".

"Sendo a forma mais universal de energia, a energia cósmica não se deixa, evidentemente isolar em laboratório. Por isso não se poderia "provar" cientificamente a existência da energia vital ou cósmica (pelo menos com os recursos habituais da ciência atual" (Olavo de Carvalho, art cit., p. 1).

E ele previne que os procedimentos alquímicos "são quase o inverso simétrico do procedimento científico atual"(Olavo de Carvalho, art. cit.p.2).

Há, pois, que acreditar na tal "energia cósmica". A alquimia exige um ato de fé.

E, descrevendo a experiência alquímica, Olavo conta que ela consta de várias etapas: "escolha do local e dos momentos para a colheita da matéria prima; alimentação da matéria prima com orvalho e flores; destilação, corrupção e incineração; obtenção final do "levedo" que, ao contato com o ouro, "abre" a estrutura energética íntima do metal, captando suas propriedades medicinais; testes clínicos e de laboratório". (Olavo de Carvalho, art. cit. p. 2).

Ele informa ainda que há que fazer "milhares de cálculos astrológicos" no decorrer da operação, além de analisar a "configuração astral pessoal do alquimista, que é uma espécie de catalisador" (Idem p. 2).

Pior ainda. A colheita da matéria prima e a escolha do local onde encontrá-la exigem uma operação "espírita":

"A escolha do local é determinada quase exclusivamente por clarividência. A mulher do alquimista, em estado de transe mediúnico, o conduz até determinado sítio, onde vê figuras que ele vai interpretando como indicações sobre o modo de colher a matéria prima" (Olavo de Carvalho, art. cit., p. 3. O negrito é meu).

Olavo diz ainda que o ouro e outros elementos são "apenas a sede material e aparente, disfarce e embalagem de forças invisíveis de natureza imaterial, puramente "espirituais", ou, digamos assim, energéticas" (Olavo de Carvalho, art. cit., p.3) Incrível, não?

Pois há mais.

"É também o mundo das forças obscuras do céu e da terra, que se juntam num inquietante trabalho de parto, ora aliadas, ora inimigas, e das quais o homem parece esperar algum sacramento secreto"(Olavo de Carvalho, art. cit., p.5. O negrito é meu).

É evidente que não é possível discutir seriamente com alguém que escreve tais coisas. Tal discussão equivaleria a debater com "Madame Pavlovna" que lê o futuro na bola de cristal, ou com a "cigana Manolita", que prometia desvendar o futuro lendo as cartas, "pois as cartas não mentem jamais", como garantia uma cançãozinha popular, em 1940.

É evidente que a "barafunda" de conceitos religiosos que Olavo ligou à Alquimia demonstra que ela exige uma atitude religiosa e mágica, simetricamente oposta à ciência racional, isto é, uma atitude gnóstica.

Releia agora o que Olavo escreveu em seu ameaçador AVISO 2:

"Uma mente afeitada às técnicas da investigação erudita, mas pobre de discernimento filosófico, está sujeita a perder de vista a forma abrangente e a se confundir de tal modo na barafunda dos elementos de procedência gnósticos que, onde quer que os encontre isoladamente, acabe acreditando estar na presença de uma heresia justamente por incapacidade de atinar com a estrutura geral que lhes dá um sentido completamente diverso" (Olavo De Carvalho, AVISO 2).

Só "uma mente pobre de discernimento" de qualquer tipo não reconhecerá que Burckhardt disse a verdade: a Alquimia é ligada à Gnose.

Ora, são os próprios mestres que Olavo admira - e um tanto veladamente, até ele mesmo - que reconhecem que as ciências esotéricas são de cunho gnóstico.

Não é então essa concepção o resultado de um espírito uspiamente míope. É a própria visão iluminada dos mestres esotéricos de Olavo que vê Gnose nas ciências "simbólicas" citadas por ele.

Todas estas citações, tornam clarissimamente comprovado que tanto a Astrologia espiritual, quanto a Alquimia, são "ciências" esotéricas essencialmente ligadas à Gnose. E quem as pratica, realmente, ou as defende doutrinariamente, deve ser, e é, gnóstico. Olavo foi astrólogo, crê e defende a "Astrologia espiritual". Logo, Olavo é um gnóstico.

X - Eclesiologia Gnóstica e Ecumenismo Radical

X - 1. Indiferentismo religioso dos "tradicionalistas"

Vimos que os que se auto intitulam seguidores da "Philosophia perennis", os tradicionalistas esotéricos, colocam as religiões instituídas em plano secundário com relação ao que eles chamam de "Tradição Primeva", que, como vimos, é a velha Gnose de sempre.

Assim como a Gnose, esse desprezo pela Igreja, e pelas religiões em geral, não é novo na História.

Leszek Kolakowski estudou profundamente esse fenômeno da Ecclesia Spiritualis em seu livro *Chrétiens sans Église*.

Nessa obra, ele analisa - e critica --a classificação feita por J. Lindeboom na obra *Les Bâtards du Christianisme* (1929) com base no individualismo religioso.

Lindeboom distingue três tipos de individualistas religiosos:

1) os individualistas intelectuais, como os "discípulos de Boehme, os que procuram a sabedoria hermética secreta, todos aqueles para os quais os valores cognitivos são o essencial na religião, ainda que a eles acedam por fantasias especulativas - [e Olavo está inteirinho neste caso] --; eles são os herdeiros da gnose dos primeiros cristãos e têm os maniqueus em sua árvore genealógica" (Leszek Kolakowski, *Chrétiens sans Église*, Gallimard, Paris, 1965, p.18).

Certamente você notou - não é Felipe? - que Kolakowski também não faz nenhuma distinção entre a Gnose dos primeiros séculos do cristianismo e a Gnose posterior.

2) os individualistas místicos indiferentes às formas visíveis da vida religiosa, preferindo a experiência direta com o divino;

3) os socialistas que se preocupam mais em restaurar o que chamam de "comunismo primitivo"

Os três tipos desprezam o pertencer a uma Igreja instituída, dizendo-se cristãos sem Igreja.

Kolakowski considera que essa classificação de Lindeboom não é boa.

Para ele, o subjetivismo religioso é o critério que permite compreender melhor o desprezo dos reformadores pelas Igrejas instituídas:

"Não é, aliás, difícil notar que uma tal atitude, desde que ela chegue a uma forma completa e absolutamente consistente, conduz quase inelutavelmente à idéia da supressão completa das Igrejas existentes sob forma visível. A tendência a uma interiorização total da religião, a uma inclusão de todas os valores da vida religiosa na consciência individual, na personalidade vivida pelo fiel, deve obrigatoriamente conduzir à idéia de uma religião compreendida como fenômeno puramente moral, limitada a cada consciência humana tomada isoladamente. A religião enquanto instituição organizada se torna inútil então."(L. Kolakowski, op. cit. p. 29).

De todo modo, cremos que tanto o critério de Lindeboom como o de Kolakowski ajudam a compreender o problema da Gnose com relação às Igrejas instituídas.

Para a Gnose, tudo o que tem relação com o mundo material produzido pelo Demiurgo é mau. Desse modo, os gnósticos não aceitam as instituições existentes neste mundo, nem, muito menos, a Igreja instituída por Cristo sobre Pedro.

A heresia gnóstica pretende que a Igreja deve ser inteiramente espiritual. Ela seria constituída apenas por aqueles homens que alcançaram a união com a Divindade através do Conhecimento salvador, não importando a que religião instituída pertençam eles. A Igreja seria então invisível, ou puramente espiritual. Ecclesia Spiritualis, como diziam os hereges de todas as épocas.

X - 2. Características da Ecclesia Spiritualis Gnóstica

A Ecclesia Spiritualis da Gnose teria as seguintes notas:

1a- Igreja pobre

A Igreja não poderia ter nada de material. Ela não poderia possuir nenhuma propriedade, nenhuma riqueza, pois toda propriedade ou riqueza são coisas materiais, e a matéria, produzida pelo Demiurgo mau, é sempre má, segundo eles. Nesse item se classificam os cátaros, os espirituais franciscanos, os Dolcinianos, os Irmãos do Livre Espírito, os Gibelinos, e, modernamente, os socialistas ditos cristãos, como Dom Casaldáliga, Frei Betto, e o ex frei Boff, assim como os "miserabilistas" do famoso Pacto das Catacumbas. Foram esses "socialistas cristãos", condenados por Pio XI na encíclica Quadragésimo anno, os pouco inocentes e muito úteis aliados de todas as ações marxistas nos últimos tempos, desde a propaganda na mídia, até a guerrilha.

2a- Igreja Igualitária

A Igreja gnóstica não admite hierarquia. Todos os homens teriam em si a partícula divina que os faz potencialmente divinizáveis. Portanto, todos os que chegam à "realização da unidade" com a Divindade, através do Conhecimento Libertador, são absolutamente iguais entre si. Não poderia haver qualquer desigualdade na Igreja dos divinizados. Quando eles fazem distinções são elas apenas designativas das etapas, ou graus, do processo de divinização em que os gnósticos se encontram. Desse princípio igualitário decorre o desprezo dos gnósticos pela Hierarquia eclesiástica, que, para eles, seria uma simples burocracia.

3a- Igreja sem dogmas

A Igreja Espiritual não admite dogmas, que seriam fórmulas racionalizadas e petrificadas da revelação. A Revelação seria dada a cada homem, interiormente, por meio de uma experiência

intuitiva, que comunicaria ao indivíduo o Conhecimento salvador, absoluto, inefável e incomunicável, isto é, a Gnose.

Os homens, ao pretenderem traduzir essa revelação interior em palavras, sempre a deturpariam, porque a palavra humana é essencialmente incapaz de descrever o inefável, de "desenhar o invisível". Daí todos os credos serem inúteis e, mais ainda, nocivos. Daí, todos os dogmas serem incompletos e prejudiciais, enquanto se põem como verdades eternas petrificadas.

A verdade plena seria impossível de ser alcançada, e, por isso, nenhuma Igreja pode se arrogar o monopólio da verdade.

Como você bem percebe, essa idéia é a que foi defendida pelos hereges modernistas, no princípio do século XX, e que hoje ainda é propugnada por seus herdeiros progressistas.

4a- Igreja Ecumênica

Se os dogmas são incapazes de exprimir a verdade, e por isso são até prejudiciais, não interessa em nada a fé, a crença de cada religião. Todos os que alcançaram o Conhecimento Libertador, qualquer que seja a sua religião positiva, são membros de uma Igreja invisível, sem estruturas e sem dogmas: a Igreja do Amor. Com efeito, se a fé e a crença são secundárias, só importa o que se faz, não o que se crê. A Fé seria coisa de teólogos racionadores. O que vale é a intuição e a boa vontade. A única Igreja Espiritual seria uma espécie de federação de todas as religiões numa super religião - talvez presidida pelo Papa - e reunindo todos os Homens de Boa Vontade.

Muito atual isso, não é, Felipe?

E muito olaviano, já que Olavo se proclama "ecumênico radical"...

5a

A Ecclesia Spiritualis da Gnose considerando que toda a lei foi imposta pelo Demiurgo mau, recusa a obediência aos mandamentos. Os dez mandamentos seriam regozinhas sem importância. Ensina-se, como fez Lutero, e como faz Frei Betto em seu Catecismo Popular, diretamente o antinomismo, que Cristo condenou no Sermão da Montanha: "Não julgueis que eu vim abolir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas sim para os cumprir (...) Aquele, pois, que violar um destes mandamentos mais pequenos, e ensinar assim aos homens, será considerado o menor no Reino de Deus"(Mt. V, 17 e 19).

Olavo faz o mesmo, na sua já citada aula: Crítica e Conselhos à Igreja Católica (Bloco 8), debocha das regozinhas morais, e desvaloriza especialmente o nono mandamento.

Ou então se prega um ascetismo anti natural, que leva os sectários ao desespero moral, e, por reação, de novo, ao antinomismo. É o que faziam os gnósticos Irmãos do Livre Espírito, por exemplo.

X - 3. A Concepção de Igreja em Guénon e Olavo

Vejamos então o que pensam Guénon e Olavo disto tudo.

Já citei esses textos na carta Silêncio Inteiro. Repito-os, agora, para facilitar a sua lembrança, sem você precisar consultar diretamente minha carta anterior.

Para Guénon "... o verdadeiro Esoterismo é outra coisa diferente da religião exterior, e que, se tem algumas relações com esta, só pode ser enquanto encontra nas formas religiosas um modo de expressão simbólico; pouco importa, aliás, que estas formas sejam as desta ou daquela religião, visto que se trata da unidade doutrinal essencial que se dissimula atrás da sua aparente diversidade. É essa a razão pela qual os antigos iniciados participavam indistintamente em todos os cultos exteriores, segundo os costumes estabelecidos nos diversos países onde se encontravam; é também porque ele via essa unidade fundamental, e não devido a um "sincretismo" superficial, que Dante utilizou indiferentemente, segundo os casos, uma linguagem própria do Cristianismo ou da Antigüidade greco-romana. A Metafísica pura não é pagã, nem cristã, é universal" (René Guénon, "O Esoterismo de Dante", Editorial Vega, Lisboa, 1978, p. 17. O negrito é meu).

Em minha carta "Silêncio Inteiro", citei o seguinte texto de Olavo numa entrevista:

"Eu sou ecumênico radical: católico- protestante- islâmico - judaico- budista- hinduísta. Eu acredito que essas religiões têm todas um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado, que o ser humano não poderia ter inventado"(Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, entrevista à revista República, Ano IV, n* 40, fevereiro de 2000, p. 96).

Conforme Olavo - e nisso também ele faz eco ao que disse Guénon - haveria um núcleo comum a todas as religiões o qual permitiria reuni-las num ecumenismo mais profundo que o do Vaticano II.

Que seria esta núcleo comum?

O mesmo Olavo, em Fronteiras da Tradição, diz que esse núcleo comum é a "Tradição universal e primordial", à qual se chega por meio do esoterismo (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, pp. 11-12)

Citei também que Olavo chama esse núcleo comum de todas as religiões-- pouco importa qual - de Sabedoria e de Gnose:

"... os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou Gnose" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, ed. Nova Stella, coleção Eixo, São Paulo, 1986, p. 24).

E ainda:

"Usa-se às vezes para nomeá-lo o termo gnose, mas esta palavra serve também para designar - de modo mais genérico e sem qualquer relação com a resistência greco - romana ao cristianismo - o elemento intelectual e cognoscitivo de qualquer tradição religiosa e espiritual, cristã inclusive. Fala-se neste sentido numa gnose islâmica, budista, etc. e também de uma gnose cristã (por exemplo, em Clemente de Alexandria), que rigorosamente nada têm a ver com o fenômeno particular que estou estudando aqui, o qual por isto prefiro designar com o termo diferencial gnosticismo" (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, pp. 247-248, nota 127).

No Texto-Confissão de Olavo citado como epígrafe desta carta, Olavo afirma que a Gnose está acima das fés e crenças.

Essa superioridade seria tal que Olavo escreveu:

"Para algumas pessoas, buscar a sabedoria eliminaria a fé, o mistério. Mas a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de

Filosofia de Olavo de Carvalho, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho, sem revisão do autor in"<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTLM./000053-2.html>").

Tal como a Gnose dos Modernistas, Olavo afirma que a revelação divina em todas as religiões, é a mesma, embora "traduzida" em crenças diferentes, porque a Divindade é inefável. Embora seja uma só voz a que Se revela, os homens a traduzem em dogmas diversos, dando origem a credos e fés diferentes pela impossibilidade de manifestar o inefável:

"As religiões não falam da mesma coisa. É preciso ter compreendido isto para atinar que é a mesma Voz que fala por meio de todas elas" (Olavo de Carvalho, artigo Lembrete de Natal, in O Globo, 23 - XII- 2.000).

Você vê claramente, então, inesgotavelmente paciente Felipe, como todos esses textos se esclarecem mutuamente, tornando nítido que, para Olavo o que importa é a "Sabedoria" - a Gnose - que constitui o núcleo de todas as religiões, não importando a fé que elas pregam.

É esse núcleo comum que permitiria o ecumenismo radical de Olavo de Carvalho, que ultrapassa o ecumenismo do Vaticano II.

Se a Fé e as crenças não têm valor maior, o ecumenismo se torna fácil de ser radicalmente realizado.

Numa entrevista à rádio Europa Livre, perguntou-se a Olavo:

"Você acha que é bom existir uma crença religiosa sem Igreja?"

Respondeu Olavo:

"Certamente. O alto clero mentiu muito aos fiéis no século XX e eles têm o direito de guardar uma certa distância da Igreja, certamente sem renegá-la, mas num espírito de espera prudente até que Deus se digno de lhes dar novas luzes."

(Olavo de Carvalho, Deus acredita em você? Entrevista à Rádio Europa Livre, repórter Cristina Poienaru, Bucarest, 21 de outubro de 1.998, p. 1).

Apesar de ligeira ressalva, Olavo diz explicitamente que poderia ser possível ser cristão sem ter Igreja, que é a tese herética da Igreja espiritual defendida pelas seitas gnósticas.

Boff e Betto estão unidos a Olavo, nesse ecumenismo.

Por outro lado, Olavo distingue a Igreja enquanto burocracia, e a Igreja enquanto reunião dos cristãos, mesmo com crenças divergentes, visto que "... a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho, sem revisão do autor, in"<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTLM./000053-2.html>").

"A partir daí algo aconteceu e quando se fala em Igreja, pode-se falar em dois sentidos: a Igreja no sentido Vaticano, uma organização centralizada, no registro civil, etc... e por outro lado, Igreja como conjunto de cristãos que inclui os protestantes, ortodoxos, etc. etc. é claro que a Igreja neste último sentido está com a verdade, mas só neste último sentido. E no outro sentido? Os caras piraram já há

muito tempo!" (Olavo de Carvalho, Crítica e Conselhos à Igreja Católica, Aula do Seminário de Filosofia Olavo de Carvalho, junho de 1998, Bloco 8, p. 24).

Pode haver maior desprezo pela Igreja, enquanto Instituição? E pode haver posicionamento mais claro de desprezo pela fé e pela ortodoxia?

XI - Conclusão

Eis-me chegado ao fim. Graças a Deus, que não mais agüentava ler os textos de Guénon - que são monótonos-- e, pior ainda, os de Olavo, que ademais são empoladamente chatos.

Ao ler os brumosos, obscuros e vagos textos desse "filósofo" auto didata, e suas páginas teológicas tipo "caruru", me vinham à mente uns versos de Dante, proferidos na Divina Comédia, quando ele fixa o olhar nas espessas trevas de certo círculo infernal:

"Oscura e profunda era e nebulosa,
tanto che, per ficar lo viso a fondo
io non vi discernea alcuna cosa"... [proveitosa].
(Dante Alighieri, Divina Commedia, Inferno, IV, 10-12).

As obras de Olavo de Carvalho me lembram o que disse Talleyrand da cabeça de Siéyès, que alguém elogiava como "profunda": "Profunda... mas vazia", retorquiu o "Príncipe" de Benevento. O chiste de Talleyrand não cabe bem à "Filosofia" de Olavo, visto que confusa não quer dizer profunda.

Além disso a literatura de Olavo é vazia de qualquer conteúdo sério. Mesmo a sua Gnose é astrológicamente mal alinhavada. Olavo é apenas um eco da Gnose "Tradicionalista" da escola guénoniana. Praticamente tudo o que ele diz se encontra em Guénon, em Schuon, ou em qualquer outro dos membros dessa escola gnóstica.

Pobre Olavo que, depois de um misterioso eclipse, quis passar de astrólogo a filósofo, e até mesmo a "teólogo"!

Não é fácil subir das estrelas para o céu de Deus, dos anjos e dos santos! Pelo "Conhecimento" - pela Gnose - isso é impossível.

Agora, só me restará fazer uma pequena biografia de René Guénon, para enterrar esse assunto de vez. Eu a farei, no futuro, apenas para informar melhor os que, tendo ouvido e lido Olavo de Carvalho, ignoram, de fato, quem foi Guénon, do qual Olavo escreveu uma biografiazinha pífia, omitindo coisas bem importantes e bem esotéricas, numa revista tipo gibi.

Mas, ainda vai demorar um tanto para que eu comece a redigir essa biografia. Mereço umas férias. Chega de esoterismo gnóstico. Por um mês, pelo menos.

Certamente, Olavo dirá que escrevi uma carta demasiado longa. Entretanto, ele mesmo comentou, certa feita, que o erro grave pode ser breve, ser dito numa frase bem curta, e, para refutá-lo, serão necessárias muitas páginas.

Como, então, poderá ele reclamar de minha prolixidade, se ele foi quem difundiu erros numerosos, e bem graves, em muitos livros e artigos?

Para refutá-los, foi-me necessária esta "lettre fleuve", que levei quase dois meses redigindo. O que é bem menos que a eternidade que Olavo me concedera.

De tudo isso que lhe escrevi, nesta carta verdadeiramente "amazônica", que concluir?

A conclusão é óbvia. Ela resulta quase de cada citação. E resulta, mais ainda, do sistema formado por esse conjunto de citações, todas elas se apoiando umas às outras: tanto René Guénon quanto Olavo de Carvalho são gnósticos.

Guénon, mais elaboradamente, é um gnóstico de tipo romântico, que mistura hinduísmo, taoísmo e sufismo.

Olavo de Carvalho, muito mais limitado, e, politicamente mais oportunista, junta guénonismo, astrologia e sufismo, tudo numa miscelânea, que como já disse, parece um caruru mal feito.

Guénon ensina a Gnose com um estilo cansativo, é verdade, mas que tem certa elegância. E ele nunca baixa a grosserias. Estas são comuns em Olavo, chegando mesmo à brutalidade. O que é lamentável.

Olavo até me pareceu inteligente e hábil, e mesmo, por vezes, ter uma certa verve. Mas há algo nele - que se reflete em seus textos - estranhamente confuso. Por vezes, ele é tão pouco claro, tão inseguro em sua terminologia, que ele mesmo perde o pé, escrevendo textos que raíam pelo caótico, e sem unidade. É como se ele perdesse o rumo, quando escreve...

Nota-se ainda, nos escritos de Olavo, um conhecimento apressadamente lido, bastante mal digerido, sofregamente assumido, sem muito cuidado, nem exame.

Talvez a sofreguidão do jornalista, que precisa escrever o artigo para a "próxima edição", e não tem tempo de verificar suas citações, o tenha afetado, porque, citando de memória ou por ouvir dizer, comete erros primários. Como o que analisei a respeito de um verso de Dante, que ele comenta erradamente, quando seria bem fácil evitar o erro. Bastaria uma consulta ao texto de Dante. A pressa e o descuido, por auto confiança excessiva, o perderam.

Lendo os livros e artigos dele, lembrei-me da frase jocosa de um jornalista sagaz - Antonio Carlos Fon --, ao me entrevistar, anos atrás:

"Jornalista é um homem que sabe tudo de nada, e nada sobre tudo".

Evidentemente era uma brincadeira, porque jornalistas os há, de grande saber e cultura.

Mas, em Olavo, o talento, que ele inegavelmente tem, é perturbado por um acúmulo de informações mal concatenadas, defeito comum em auto didatas.

Esse auto-didatismo parece gerar nele, no fundo, uma grande insegurança, que ele procura mascarar de duas maneiras:

Fazendo afirmações, sem base, camufladas com aparente firmeza e afetando uma tal "segurança", que leva seus leitores ou ouvintes mais desavisados, a crer no que ele diz, sem examinar, nem conferir suas afirmações. São os "chutes" que ele dá, simulando uma segurança fria, imitadora da certeza absoluta, que ele não tem. É o caso que vimos do verso de Dante, que, ao que parece, ele cita sem ter, nem lido o canto da Divina Comédia em que o verso se localiza. Esse caso é típico. Olavo, muitas vezes, cita de "ouvido"...

2) Usando de uma violência brutal contra os que ousam contestá-lo. Ele busca intimidar, afim de que não se lhe sejam exigidas provas de suas afirmações gratuitas e sem base.

E depois... Digamos que ele não é muito... respeitoso.

Quer se impor no grito, na ofensa, na injúria, e pela ameaça.

Nesse ritmo, não, meu caro.

Ainda que violentando a métrica por amor da verdade, parodiando Corneille, eu lhe diria:

"Souffrez, que je ne l' aprouve, ni ne l' imite pas".

Sobretudo não o imitarei, descendo ao terreno pessoal, e muito menos, no tom grosseiro que ele emprega.

Sequer quero aludir ao que outros inimigos pessoais dele, ultimamente, têm publicado. Não é nem elevado, nem digno, fazer isso.

Non raggionam di loro...

Escutemos - anotemos - e passemos.

Não fui eu quem provocou essa polêmica. Foi Olavo quem se apresentou inicialmente me elogiando, depois, me atacando, e, a seguir, ainda, me injuriando.

Visei tão somente demonstrar que Guénon - e Olavo - são gnósticos. Preocupei-me apenas com a doutrina. Olavo pode se dizer o que bem entender: Astrólogo aposentado, ou até "filósofo" auto nomeado. Católico ele não é. Olavo é gnóstico.

Ele se mostrou preocupado em defender três coisas: Guénon, o seu próprio prestígio pessoal, e a doutrina de ambos, que é a Gnose.

Eu defendo a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, e quis ajudar moços confundidos por uma "tradição" esotérica enganadora.

Espanta constatar como "indivíduos" gnósticos, defensores de um ecumenismo radical, mantenham "links" com "capelas" tradicionalistas, que se dizem anti ecumênicas, e com a benção de quem coloca como prior-idade sua raivinha pessoal, acima mesmo da defesa da fé.

Sejamos, uma vez, "obscuros": parece, essa, uma triste coligação de sufismo com surfismo, só porque é verdade que os astros influem nas ondas e nas marés...

Deixemos...

"Non raggionam di loro, ma guarda e passa"
(Dante, Divina Commedia, Inferno, III, 51).

Preocupei-me em dizer que o errado é errado, e que o mal é mal.

O mais não me interessa.

E, meu caro Felipe, se sofremos injúrias por defender a Fé, seremos bem aventurados, porque, se nosso Mestre, Cristo, foi injuriado e crucificado, como poderíamos esperar coisa diversa para nós?

Se Olavo ousou, blasfemamente, comparar a Virgem Maria a Maomé como se ambos tivessem sido portadores do Verbo (Cfr. Olavo de Carvalho, Críticas à Igreja Católica, Bloco 8, já citada), como poderíamos ser respeitados por ele?

Pelo contrário, é grande honra ser injuriado por defender a Igreja e sua doutrina sacrossanta.

"Amor mi mosse che mi fè parlare"

Por isso, meu caro Felipe, se você também foi injuriado por defender a Nosso Senhor, siga o conselho que há nestes versos que Dante colocou na boca de Virgílio:

"Vien dietro a me, e lascia dir le genti:
sta come torre ferma che non crolla
già mai la cima per soffiar dei venti"
(Dante, Divina Commedia, Purgatorio. V, 13-15).

Deixe-me finalizar. despedindo-me, com as palavras com que a doce Santa Catarina de Siena terminava suas cartas:

"E più non dico... E più non rispondo...
Gesù dolce. Gesu amore"

Que a verdade de Cristo nos una...

...in Corde Jesu, semper, et semper, Orlando Fedeli.

São Paulo, na festa de Nossa Senhora Rainha., 31 de Maio de 2.001.

APÊNDICE I

A posição de São Tomás ante a Astrologia

Suma Contra Gentiles, Livro III, Questão LXXXIV

Os Corpos Celestes Não Influem em nossos Entendimentos

Como resultado do que foi dito, manifesta-se à primeira vista que os corpos celestes não podem ser causa de quanto se refere a nosso entendimento. Pois já demonstramos que, segundo a ordem da Divina Providência, os corpos superiores regem e movem aos inferiores. É assim que o entendimento está naturalmente acima de todos os corpos, segundo consta do que foi dito (I.2, q. 49 ss.). Logo, é impossível que os corpos celestes atuem diretamente sobre o entendimento. Portanto, não podem por si ser causa de quanto se refere ao entendimento.

Nenhum corpo age prescindindo do movimento, conforme se prova no Livro VIII da "Física"(c. 69; 259 b). Porém, as coisas imóveis não são causadas por movimento; porque nada é causado pelo movimento de um agente senão enquanto que ele, enquanto se move, move a quem o suporta. Logo, tudo quanto está à margem do movimento não pode ser causado pelos corpos celestes.

Ora, o que se refere ao entendimento está, falando com propriedade, à margem do movimento, como o manifesta o Filósofo no Livro VII da "Física"(c.3, 7; 247b); cf. 246 a) porque, - como se diz ali - "unicamente pela ausência de movimento se torna a alma prudente e sábia". Em consequência, é impossível que os corpos celestes sejam, por si, causa do que se refere ao entendimento.

Se nada é causado por um corpo senão enquanto que, ao se mover, move, é preciso que tudo o que recebe a impressão de algum corpo se mova. Porém, unicamente se move o que é corpo, como se prova no Livro VI da "Física"(c.4,1; 234b).

Será, pois, necessário que tudo o que recebe a impressão de algum corpo seja corpo, ou alguma potência corporal. Entretanto, no Livro II (c. 49 sqq.) se demonstrou que o entendimento não é corpo, nem potência corporal.

Por conseguinte, é impossível que os corpos celestes influam diretamente no entendimento.

Tudo o que é movido por outro é reduzido de potência a ato. Mas nada é reduzido por outro de potência a ato, se esse outro não está em ato.

Assim, pois, é preciso que todo agente e motor esteja de algum modo em ato com relação a aquilo que o paciente e movido se ache em potência.

É assim que os corpos celestes não são inteligíveis em ato, porque são certos singulares sensíveis.

Logo, como nosso entendimento só está em potência com respeito aos inteligíveis em ato, é impossível que os corpos celestes atuem diretamente sobre ele.

A operação própria de uma coisa corresponde à sua natureza, a qual nas coisas geradas, se adquire juntamente com a operação da geração.

Vemos isso nas coisas pesadas e leves, as quais no termo de sua geração, têm imediatamente o próprio movimento, se algo não o impede; por isto, o gerante se chama movente.

Conforme a isto, o que em conformidade com o princípio de sua natureza não está sujeito às ações dos corpos celestes, tampouco o está quanto à sua operação.

Ora pois, a parte intelectual não é causada por determinados princípios corporais, mas procede totalmente de algo extrínseco, segundo o provamos (I, 2c. 86 e ss).

Logo, a operação do entendimento não está sujeita diretamente aos corpos celestes.

As coisas que são causadas pelos movimentos celestes estão sujeitas ao tempo, que é "o número do primeiro movimento celeste"(Livro IV da "Física", c.11; 218 b).

Em consequência, as coisas que prescindem totalmente do tempo não estão sujeitas aos movimentos celestes.

Porém, o entendimento prescinde totalmente do tempo em sua operação, como também de lugar, porque considera o universal, que está separado do tempo e do espaço.

Portanto, a operação intelectual não está sujeita aos movimentos celestes.

Nada rebaixa sua espécie quando age.

É assim que o entendimento transcende a espécie e a forma de qualquer corpo agente, porque toda forma corpórea é material e individualizada, e o entender recebe a espécie de seu objeto, que é o universal e imaterial.

Portanto, nenhum corpo pode entender por sua forma corpórea.

Logo, muito menos poderá um corpo qualquer causar o entender em outro.

O que é meio de união com o superior não pode estar sujeito ao inferior.

Mas nossa alma, enquanto entende, se une às substâncias intelectuais, que por índole natural são superiores aos corpos celestes; porque nossa alma não pode entender senão enquanto que dali recebe sua luz intelectual.

Assim, pois, é impossível que a operação intelectual esteja sujeita diretamente aos movimentos celestes.

Este fato acredita-se se consideramos o que disseram os filósofos sobre o particular. Porque os antigos filósofos naturalistas, como Demócrito, Empédocles e seus seguidores, afirmaram que o entendimento não se diferencia do sentido, conforme consta no Livro IV da "Metafísica" (3, c. 5, 7;1009 b) e no Livro III "Da alma"(c.3 1, 2; 427 a).

Resultando disso que, como o sentido é certa potência corporal obediente à mudança dos corpos, o entendimento também seria igual. E por isso eles disseram que, como a mudança dos corpos inferiores responde a dos superiores, a operação intelectual responde ao movimento dos corpos celestes, conforme o que diz Homero: "Tal é o entendimento nos deuses e nos homens terrenos qual determinou em seu dia o Pai dos homens e dos deuses", isto é, o sol, ou, mais propriamente, Júpiter, a quem chamavam deus sumo, entendendo por tal todo o céu, segundo consta por Santo Agostinho, no Livro da "Cidade de Deus" (I, 4, c. 11; I, 5, c.8).

Isto deu origem também à opinião dos estóicos, os quais diziam que o conhecimento intelectual era causado em nós pela impressão das imagens dos corpos em nossas mentes, como em um espelho ou em uma página, que recebe as letras impressas sem fazer nada por sua parte. Refere-o Boécio no Livro V do "Sobre a Consolação".

Em conformidade com esta sentença, seguia-se que nossas noções intelectuais ser-nos-iam impressas principalmente pela influência dos corpos celestes.

Daqui que os estóicos foram os primeiros em sustentar que a vida dos homens é guiada por certa necessidade fatal.

Mas a grande falsidade desta opinião aparece desde o momento em que vemos que - como diz Boécio em dito Livro --o entendimento compõe e divide, e compara o supremo com o ínfimo, e conhece os universais e as formas simples, que não se acham nos corpos.

E isto demonstra que o entendimento não é somente um recipiente das imagens dos corpos, mas que tem uma potência superior a elas; porque o sentido externo, que unicamente recebe as imagens dos corpos não alcança realizar o que se disse acima.

Entretanto, todos os filósofos posteriores - que distinguiram o entendimento do sentido - atribuíram a causa de nossa ciência às coisas imateriais e não a determinados corpos. Platão, por exemplo,

colocou como causa de nossa ciência as "idéias"; Aristóteles, entretanto, colocou como causa o "intelecto agente".

Todo o que dá a entender que o supor que os corpos celestes são a causa de que entendamos é seguir a opinião de quem sustentava que o entendimento não se diferencia do sentido, como se vê também pelo que diz Aristóteles no Livro "Da alma"(1, c.).

Porém esta opinião é abertamente falsa.

Logo, é claramente falso afirmar que os corpos celestes são causas diretas de nosso entender.

Por isso, a Sagrada Escritura atribui também a causa de nosso entender, não a corpo algum, mas a Deus:

"Onde está Deus que me criou, que dá cânticos na noite, que nos dá inteligência maior que aos animais da terra e nos faz mais sábios que as aves do céu? (Ps. XCIII,10). "Ele que dá ao homem a sabedoria" "Que ensina ao homem a sentença"

Não obstante, deve-se saber que, ainda que os corpos celestes não possam ser diretamente causa de nossa inteligência, em troca influem algo indiretamente. Porque, ainda que o entendimento não seja uma potência corporal, entretanto em nós não pode efetuar-se a operação intelectual sem a cooperação das potências corporais que são a imaginação, a memória e a cogitativa, conforme consta pelo que foi dito anteriormente (Suma Contra os Gentios, I, Livro II, c. LXVIII, fin.). E isto é de tal modo que, impedidas as ações desta potências, por alguma indisposição corporal, impede-se também a operação intelectual, como se vê nos frenéticos e letárgicos, etc.

Por isso, a boa disposição do corpo humano o torna apto para bem entender, já que por ela se robustecem ditas potências. De onde se diz no II Livro "Da alma" (c. 9,2) que "os homens que tem carnes moles, como se vê, tem boa aptidão para entender"

Ora pois, a disposição do corpo humano está sujeita aos movimentos celestes. Pois diz Santo Agostinho No Livro V da "Cidade de Deus" (c. 67) que "não é totalmente absurdo o afirmar que as irradiações siderais possam produzir pelo menos mudanças nos corpos". E São João Damaceno no "Da Fé ortodoxa" (Livro II, c.7), diz que os distintos planetas "provocam em nós diversos temperamentos, hábitos e disposições"

Portanto, os corpos celestes cooperam indiretamente para a bondade da inteligência. E assim como os médicos podem julgar da bondade do entendimento pela complexão corporal, tomada como disposição próxima, assim o pode fazer também o astrólogo, tomando os movimentos dos corpos celestes como causa remota de tal disposição. E deste modo pode ser verdade o que diz Ptolomeu no "Centilóquio" (Sent. 38):

"Quando Mercúrio se acha em alguma das moradas de Saturno, dá inteligência capaz de penetrar as coisas, fazendo robusto a quem então nasce". (O negrito é meu).

Capítulo LXXXV: Os corpos celestes não são causa de nossas volições nem de nossas decisões.

Isto demonstra, ao mesmo tempo, que os corpos celestes não são a causa de nossa volições, nem de nossas decisões.

A vontade está na parte intelectual da alma, conforme consta pelo Filósofo no Livro III "Da Alma"(c. 9, 3; 422 b).

Logo, se os corpos celestes não podem influir diretamente em nosso entendimento, como se demonstrou, (no capítulo precedente), tampouco poderão influir, diretamente, em nossa vontade.

Toda eleição e volição atual, em nós, é causada imediatamente pela apreensão inteligível, porque o bem entendido é o objeto da vontade, como se vê no Livro III do "Da Alma" (c. 10) e por isto não pode seguir-se transtorno algum ao eleger, a não ser que o entendimento falhe no elegível particular, conforme manifesta o Filósofo no Livro VII " Dos Éticos" (c. 3, 6; 1146, b).

Portanto, se os corpos celestes não são causa de nossa inteligência, tampouco podem ser causa de nossa eleição.

Tudo quanto ocorre nos corpos inferiores por influência dos corpos celestes ocorre naturalmente, posto que estão naturalmente colocados sob eles. Conforme isto, se nossas eleições ocorrem por influência dos corpos celestes, é necessário que sucedam naturalmente; quer dizer que o homem elege realizar suas operações à maneira como agem os brutos por instinto natural, e como se movem naturalmente os corpos inanimados.

Logo, os princípios agentes não serão dois, a intenção e a natureza, mas somente um, que é a natureza. Porém, Aristóteles demonstra o contrário no II Livro "Dos Físicos"(c. 5,2; 196 b).

Portanto, não é verdade que nossas eleições provenham da influência dos corpos celestes.

As coisas que se fazem naturalmente são conduzidas ao fim por determinados meios; e por isso sucedem sempre de igual modo, porque a natureza está determinada invariavelmente.

É assim que as eleições humanas tendem ao fim por diversas vias, tanto nas coisas morais como nas artísticas.

Logo, as eleições humanas não se fazem instintivamente.

As coisas que se fazem naturalmente se fazem quase sempre retamente, porque a natureza só falha em casos contados.

Ora bem, se o homem elegesse naturalmente, suas eleições seriam quase sempre retas. E isto é claramente falso.

Logo, o homem não elege naturalmente. O que teria que ser assim, se ele elegesse sob o influxo dos corpos celestes.

As coisas que são de uma mesma espécie não se diversificam nas operações naturais conseqüentes à natureza da espécie. Por isso, todas as andorinhas fazem o ninho da mesma maneira e todos os homens entendem de igual modo os primeiros princípios, que são naturalmente claros.

Porém, a eleição é uma operação conseqüente à espécie humana.

Portanto, se o homem elegesse naturalmente, todos os homens teriam que eleger do mesmo modo. O qual é evidentemente falso, tanto nas coisas morais como nas artísticas.

Logo, o homem não elege naturalmente. O que teria que ser assim, se ele elegesse sob o influxo dos corpos celestes.

As virtudes e os vícios são os princípios próprios das eleições, porque o virtuoso se diferencia do vicioso no fato que ambos elegem coisas contrárias.

Mas nós temos as virtudes políticas, como os vícios, não por natureza, mas por costume, como o prova o Filósofo no II Livro "Dos Éticos", partindo de que nos habituamos àquelas operações a que nos fomos acostumando principalmente na infância.

Logo, nossas eleições não são por natureza. Por conseguinte, tampouco são causadas pela influência dos corpos celestes, segundo a qual as coisas procedem naturalmente.

Os corpos celestes só influem diretamente nos corpos, segundo se demonstrou (no capítulo precedente).

Se eles fossem, pois, a causa de nossas eleições, ou isto seria enquanto influem em nossos corpos, ou enquanto nos influenciam desde fora.

Porém, de nenhuma das duas maneiras podem ser suficientemente causa de nossas eleições. Pois não é causa suficiente de nossa eleição que se nos apresentem exteriormente certas coisas; porque consta que ao encontro de algo deleitável, a saber, uma comida ou uma mulher, se o imoderado se move ao elegê-lo, o moderado não se move.. De igual modo, tampouco basta para nossa eleição qualquer mudança que possa ocorrer em nosso corpo por influência de um corpo celeste, porque a única coisa que isso ocasiona em nós são certas paixões mais ou menos veementes; paixões que, ainda que veementes, não são causa suficiente da eleição, já que, se arrastam o incontinente, em troca, não movem o homem continente.

Logo, não se pode afirmar que os corpos celestes são a causa de nossa eleições.

A nenhuma coisa se dá um poder em vão.

Ora bem, o homem tem o poder de julgar e consultar sobre tudo quanto é capaz de fazer, quer se trate do uso das coisas externas, quer se trate de admitir ou repelir suas paixões internas. E isto seria em vão se os corpos celestes causassem nossa eleição, caso ela não estivesse em nosso poder.

Portanto, os corpos celestes não são causa de nossa eleição.

O homem é por natureza "animal político ou social" (I Ética, 7,6 1097 b). Evidencia isso o fato de que um homem não se basta a si mesmo, se vive sozinho, posto que a natureza em poucas coisas o proveu suficientemente, dando-lhe razão pela qual pode se procurar todo o necessário para viver, como são a comida, o vestuário e coisas parecidas, para cuja produção não basta um só homem.

Por isso, o homem vive em sociedade por imposição da natureza.

Mas, a ordem da Divina Providência não tira a uma coisas o que lhe é natural, antes bem provê a cada qual em conformidade com sua natureza, segundo consta pelo que foi dito (Cap. 71).

Logo, pela ordem da Providência não está o homem ordenado de modo que a vida social desapareça. Mas ela desapareceria, em troca, se nossas eleições, como os instintos naturais dos outros animais, proviessem das influências dos corpos celestes.

Se o homem não fosse dono de suas eleições, em vão se fariam leis e normas para viver. Igualmente, se não pudéssemos escolher entre isto ou aquilo, em vão se acrescentariam castigos

para os maus, e prêmios para os bons. E, faltando estas coisas, a vida social imediatamente se corrompe.

Portanto, conforme a ordem da Divina Providência, o homem não foi criado de modo que suas eleições provenham dos movimentos dos corpos celestes.

As eleições humanas versam sobre coisas boas e más. Se, pois, nossas eleições proviessem dos movimentos das estrelas, seguir-se-ia que elas seriam a causa própria das más eleições. Porém, o que é mau não tem causa na natureza, porque o mal ocorre por defeito de alguma causa, conforme se demonstrou (cap. 4 e ss.).

Não é possível, pois, que nossas eleições provenham direta e propriamente, como de suas causas, dos corpos celestes.

Entretanto, alguém pode objetar contra isto, dizendo que toda ação má provém do apetite de algum bem, conforme se demonstrou (cap. 5,6); tal qual a eleição do adúltero provém do apetite do bem deleitável que há nas coisas venéreas, a cujo bem universal move na realidade uma estrela determinada. E isto é necessário para a realização das gerações dos animais; bem comum que não se devia descuidar pelo mal particular daquele que, impulsionado por tal instinto, elegeu o mal.

Porém esta resposta não é suficiente, se não se supõe que os corpos celestes são a causa própria de nossas eleições, como se influenciassem diretamente no entendimento e na vontade. Porque a influência da causa universal é recebida por cada um conforme o seu modo de ser. Logo, o efeito da estrela que move ao prazer ocasionado pela união destinada à geração será recebida em cada qual conforme seu modo próprio de ser, como o confirma o fato de que diversos animais tem diversos tempos e maneiras de unir-se em conformidade com a sua natureza, segundo diz Aristóteles em seu livro "História dos Animais".(I, 5, c. 8; 542 a).

Conforme isto, o entendimento e a vontade receberiam a influência de tal estrela a seu modo. É assim que, quando se apetece algo em conformidade com o modo de ser do entendimento e da razão, não intervém pecado na eleição, que, na realidade, é má sempre que contraria a reta razão.

Logo, jamais nossa eleição seria má se os corpos celestes fossem a causa de nossa eleições.

Nenhuma virtude ativa ultrapassa a espécie e a natureza do agente, porque todo agente age por sua forma.

É assim que tanto o querer como o entender transcendem toda espécie corpórea; pois como entendemos o universal, assim também nossa vontade é atraída por algo universal, por exemplo, quando "odiamos aos ladrões em geral", como diz o Filósofo em sua "Retórica" (I,2, c. 4, 31; 1382 a).

Em conseqüência, nosso querer não é causado por um corpo celeste.

As coisas que são para um fim estão proporcionadas ao mesmo fim.

Ora bem, as eleições humanas estão ordenadas, como a seu último fim, à felicidade. Felicidade que não consiste em alguns bens corporais, mas em que a alma se una pelo entendimento com as coisas divinas, como antes se demonstrou (c. 25 e ss.) conforme o testemunho da fé e as opiniões dos filósofos.

Portanto, os corpos celestes não podem ser causa de nossas eleições.

Daqui que se diga em Jeremias: "Não temais pelo prognósticos celestes, que atemorizam aos gentios, porque as leis dos povos são vãs"(Jer. X, 2 e 3).

Com isto se refuta a opinião dos estóicos, os quais afirmavam que todos nossos atos, assim como nossas eleições, se dispõem de acordo com os corpos celestes (cfr. cap. precedente: "Daqui também...").

E se diz também que esta foi a antiga opinião dos fariseus da Judéia. Inclusive os priscilianistas foram vítimas deste erro, conforme se diz no livro "Dos hereges"(Santo Agostinho, Haeresibus, 70).

Esta foi também a opinião dos antigos filósofos naturalistas, os quais afirmavam que o sentido não se diferencia do entendimento. Pelo que disse Empédocles que "a vontade é infundida" nos homens, como nos diversos animais, instantaneamente", isto é, conforme o momento presente, pelo movimento celeste, que é causa do tempo. É o que Aristóteles faz constar no livro 'Da Alma"(I. 3, c. 3, 1'427 a).

Entretanto, deve-se saber que, ainda que os corpos celestes não sejam diretamente causa de nossas eleições, como se influíssem diretamente em nossas vontades, podem ser, não obstante, indiretamente causas ocasionais, enquanto têm influência sobre nossos corpos.

E isto de dois modos:

Primeiro, quando a influência dos corpos celestes nos corpos exteriores é para nós uma causa de alguma eleição, por exemplo, quando por disposição dos corpos celestes se esfria o ar intensamente, elegemos aquecer-nos junto ao fogo, ou outras coisas, em consonância com o tempo.

Segundo, quando eles influem em nossos corpos, por cuja mudança despertam em nós alguns movimentos passionais, ou nos sentimos dispostos pela influência de certas paixões como os coléricos se inclinam à ira, ou também, quando por sua influência se produz em nós certa disposição corporal que é ocasião de alguma eleição, como quando, ao adoecer, escolhemos tomar remédio.

Por vezes, os corpos celestes são também causa do ato humano, enquanto que alguns, por indisposição corporal se tornam loucos, privados de razão. Porém, nestes não há propriamente eleição, pois se movem por certo instinto natural, como os brutos.

Porém, é evidente e experimentalmente conhecido, que tais ocasiões, tanto externas como internas, não são causa necessária de eleição, porque o homem pode, pela razão, resistir a elas ou obedecê-las. Não obstante, são muitos os que seguem os impulsos naturais, e poucos, isto é, os sábios, os que não seguem as ocasiões de agir mal nem os impulsos naturais. E, por isso, diz Ptolomeu no "Centilóquio" que "a alma sábia colabora com a obra das estrelas", e que "o astrólogo não pode julgar da influência dos astros se não conhece bem a capacidade da alma e o temperamento natural", e que "o astrólogo há de prognosticar vagamente sem detalhar" (Sent. I). Isto é, porque a influência dos astros surte seu efeito em todos os que não resistem à sua própria inclinação corporal; porém, não se dá neste ou naquele que, porventura, resiste pela razão à inclinação natural" (Os negritos são meus).

APÊNDICE II

São Tomás: Suma Teológica

I q. 115, art. 4: Se os corpos celestes são causa dos atos humanos.

Resposta:

Os corpos celestes atuam sobre os corpos terrestres diretamente e por si mesmos, como ficou dito.

Mas, sobre as potências da alma que funcionam mediante órgãos corpóreos agem direta, mas acidentalmente, porque os atos de tais potências necessariamente são impedidos na medida dos impedimentos de seus órgãos. Assim, se os olhos estão turvos, não se vê bem.

Se, pois, o entendimento e a vontade fossem faculdades dependentes de órgãos corpóreos, como pensaram alguns que diziam que o entendimento não se diferenciava dos sentidos corporais, seguir-se-ia necessariamente que os corpos celestes pudessem ser causa das eleições e dos atos humanos.

Disto se seguiria, por sua vez, que o homem pudesse ser impelido a suas operações pelo instinto natural da mesma forma que os demais animais, nos quais não há potências da alma não dependentes de órgãos corpóreos., porque, o que se realiza nestes seres inferiores pelo influxo dos corpos celestes, se faz naturalmente, e, portanto, seguir-se-ia também que o homem não teria livre arbítrio, mas que teria ações determinadas como as que têm os demais seres naturais. Tudo o que é evidentemente falso e contrário ao que vemos continuamente na vida humana.

Há que se admitir, entretanto, que as influências dos corpos celestes podem chegar, indireta e acidentalmente, até o entendimento e a vontade, a saber: na medida em que tanto o entendimento como a vontade se servem em algum modo das faculdades inferiores que dependem de órgãos corpóreos.

Porém, há nisto uma diferença grande entre ambas as potências. Porque o entendimento recebe necessariamente o que lhe servem as faculdades apreensivas inferiores. E assim, perturbadas a imaginação, estimativa, ou a memória, necessariamente disso se ressentirá também a ação do entendimento.

Porém, em troca, a vontade não segue necessariamente a inclinação do apetite inferior, pois que ainda que as paixões irascíveis e concupiscíveis não deixem de ter certa força para inclinar a vontade, esta, entretanto, permanece com o poder de segui-las ou recusá-las.

A isto se deve que a ação dos corpos celestes, pela qual podem ser alteradas as potências inferiores, seja menos efetiva com relação à vontade, causa imediata dos atos humanos, do que com relação ao entendimento.

Portanto, o supor que os corpos celestes são causa dos atos humanos, é próprio dos que dizem que o entendimento não se distingue dos sentidos materiais. Assim, diziam os alguns deles que "tal era a vontade dos homens qual a modelava diariamente o pai dos homens e dos deuses". (Homero, *Odisséia*, I, 18 v. 138).

Porém, como é absolutamente certo que o entendimento e a vontade não são faculdades dependentes dos órgãos corpóreos, não é possível que os corpos celestes sejam causa dos atos humanos".

[E, nesse mesmo artigo, São Tomás havia levantado a seguinte objeção favorável à Astrologia preditiva]

"3. Os astrólogos predizem por vezes coisas verdadeiras sobre as guerras e outros acontecimentos humanos que procedem do entendimento e da vontade. Eles não poderiam fazer isto se os astros não fossem causa dos atos humanos. Logo, os corpos celestes são causa dos atos humanos".

Esta falsa objeção foi refutada por São Tomás do seguinte modo:

"São muitos os homens que seguem as paixões, que são movimentos sensíveis nos quais podem influir os corpos celestes. Em troca, são poucos os sábios que resistem às paixões.

Esta é a razão pela qual os astrólogos podem, predizer, o mais das vezes, coisas verdadeiras, e, mais ainda, se eles falam de modo genérico.

Não ocorre assim se falam de modo particular, porque sempre resta a possibilidade de que qualquer homem resista às paixões por seu livre arbítrio. É de se notar que os próprios astrólogos afirmam que "o homem sábio domina os astros" ao dominar as suas paixões.(Ptolomeu, Centilóquio, proposição 5; Alberto Magno, In Sententiarum, 2 d. 15, a. 4).

I -2, q. 9, a. 5: Se a vontade humana é movida por algum corpo celeste.

Resposta:

Por via de moção do objeto, é evidente que a vontade humana pode ser movida pelos corpos celestes, enquanto os objetos exteriores os quais são percebidos pelos sentidos, movem a vontade e mesmo os órgãos da vida sensível, recebem a influência dos corpos celestes.

E alguns sustentaram que os corpos celestes podem também influir diretamente na vontade humana segundo o modo de moção de exercício que a vontade recebe de um agente exterior.

Isto, entretanto, é impossível. "A vontade, diz Aristóteles, está na razão"(Da Alma, III), e a razão é uma faculdade da alma não ligada a órgão corporal, pelo que a vontade também é imaterial, incorpórea.

É também verdade evidente que nenhum corpo pode influir nos seres imateriais e incorpóreos, senão ao contrário, já que estes estão dotados de virtude operativa mais pura e universal que todas as coisas corporais.

Portanto, é impossível que os corpos celestes atuem diretamente na inteligência e na vontade.

Por isto, Aristóteles, expondo a opinião dos que dizem que "tal é vontade dos homens qual ela é infundida diariamente pelo pai dos deuses e dos homens", isto é, Júpiter, que simbolizava todo o céu, atribui esta opinião a quem não admitia diferença entre o entendimento e o sentido.

Com efeito, as faculdades sensitivas que informam os órgãos corporais podem receber indiretamente a influência dos movimentos celestes, ao serem movidos os corpos que elas atuam.

E como, segundo se disse, o apetite intelectual recebe uma certa moção do apetite sensitivo, indiretamente os movimentos celestes redundam na vontade, ao ser esta movida pelas paixões do apetite sensível".

Também nesta questão, São Tomás alude aos astrólogos, e às suas previsões na terceira objeção que reza assim:

"Os astrólogos predizem, pela observação dos corpos celestes, certos fatos referentes aos atos humanos movidos pela vontade. Isto não seria possível se os corpos celestes não movessem a vontade humana. Logo, de fato, os astros movem a vontade".

[Este sofisma é assim refutado por São Tomás]:

"3. Como já se disse, o apetite sensitivo é obra de um órgão corporal. Por isto, pode acontecer que, por influência dos corpos celestes, alguns homens sejam mais inclinados à ira, à concupiscência ou a outras paixões; assim como acontece que tantos homens mal inclinados por sua complexão natural se entreguem às paixões, às quais somente os sábios resistem, E daí provém que muitas vezes se cumpram os prognósticos sobre os atos humanos, fundados na observação dos astros. Não obstante, conforme declara Ptolomeu em seu Centilóquio, "o sábio se sobrepõe aos astros" porque, resistindo às paixões, frustra os efeitos desses corpos celestes pelo predomínio de sua vontade livre, em nada submetida ao movimento planetário.

Ou, como dizia Santo Agostinho, "temos de confessar que, quando os astrólogos predizem a verdade, fazem-no em virtude de um instinto ocultíssimo, que, inconscientes, recebem as mentes humanas, e quando isto está destinado a enganar aos homens, é obra dos espíritos maus e sedutores" (Os negritos são meus).

2-2, Q95, a. 1: Se a adivinhação é pecado.

"Resposta:

A palavra adivinhação significa anúncio antecipado de acontecimentos futuros, os quais se podem conhecer de duas maneiras: em suas causas e em si mesmos.

As causas dos acontecimentos futuros são de três classes.

Umam produzem sempre e necessariamente seus efeitos. Estes podem ser previstos com certeza e anunciar-se com anterioridade pelo simples exame de suas causas, como os astrólogos anunciam os futuros eclipses.

Outras causas há que não produzem sempre e necessariamente seus efeitos, mas apenas na maioria das vezes, e raramente falham. Os futuros acontecimentos deste gênero não podem ser conhecidos com certeza em suas causas, mas apenas por certas conjeturas. Assim, os astrônomos, atentos aos fenômenos estelares, podem conhecer e anunciar uma época de chuvas ou de seca, da mesma forma que o médico, seguindo o curso da enfermidade, prevê a saúde ou a morte do doente.

Existem, por fim, outras causas que, consideradas em si mesmas, são indiferentes à produção deste ou daquele efeito. Isto acontece principalmente nas potências racionais, as quais, segundo Aristóteles, tendem a objetos opostos. Os efeitos deste gênero de causas, assim como os que provém raras vezes e por acidente fortuito de causas naturais, não podem ser descobertos pela simples análise de suas causas, já que estas não têm inclinação determinada a produzir tal classe de efeitos.. Portanto, somente podem ser conhecidos em si mesmos, o qual no caso do homem exige os objetos presentes, à maneira daquele que vê Sócrates atualmente passear ou correr.

O conhecer estes efeitos em si mesmos antes que aconteçam é algo próprio e exclusivo de Deus, que vê desde a eternidade todos os acontecimentos futuros como se fossem presentes. Por isso exclama Isaías: "Anunciai-nos o porvir, para que saibamos assim que sois deuses" (Is. XLI, 23).

Portanto, se alguém pretende conhecer e predizer tal classe de acontecimentos por qualquer meio distinto da revelação divina, usurpa um direito divino. E daqui provém o nome de "advinho", pois, como diz Santo Isidoro, "eles são chamados de advinhos como se estivessem cheios de Deus; pois eles mesmos fingem que estão repletos da Divindade e com fraudulenta astúcia profetizam aos homens as coisas futuras.

Por conseguinte, não se chama advinhação quando o homem conhece e anuncia de antemão aqueles acontecimentos que procedem necessariamente, ou pelo menos geralmente, de suas causas. Tampouco quando conhece e anuncia os fatos contingentes por revelação divina. Então, não é o homem quem "advinha" ou faz um ato divino, mas antes recebe o divino.

A advinhação se dá unicamente quando alguém usurpa de modo indevido a predição de acontecimentos futuros. É evidente que isto é pecado.

Portanto, a advinhação é sempre pecado; pelo que a palavra "advinhação", diz São Jerônimo, "sempre se toma em mau sentido"

2-2, Q. 95, a. 2: Se a advinhação é uma espécie de superstição.

"Resposta.

Indicamos antes (Q. 92, a. 1 e 2) que a superstição implica o exercício do culto devido divino feito indevidamente.

De duas maneiras pode uma coisa pertencer ao culto da Divindade.

Em primeiro lugar, a modo de oblação, que se costuma fazer sob a forma de sacrifício ou de simples oferenda.

Em segundo lugar, como apropriação ou uso de algo divino; é o caso já exposto do juramento(Q.89, a. 4 ad 2).

Por isso, a superstição compreende não só a imolação idolátrica de sacrifícios aos demônios, como também a toda essa classe de auxílios que se solicitam aos demônios, com o fim de conhecer ou de realizar alguma coisa.

Ora, a advinhação provém sempre da ação dos demônios, seja porque se os invoca expressamente para que manifestem o futuro, ou porque eles mesmos se intrometam nessas inúteis inquisições para envolver em vaidade os espíritos.

Canta o salmista: "Bem aventurado o homem que não dirige seu olhar sobre as coisas vãs e as loucuras enganadoras"(Ps. XXXIX, 5).

Uma vã indagação é querer descobrir os acontecimentos futuros, quando nos é completamente impossível. Por isto, se faz patente que a advinhação é uma espécie de superstição".

APÊNDICE III

Nota do Sr. de Carvalho:
COMENTÁRIO

No dia, o Sr Olavo de Carvalho, ao fazer seus primeiros ataques a mim por ter eu criticado René Guénon, comentara ele o livro de Marie-France James -- *Ésoterisme et Christianisme autour de René Guénon* (Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981) -- dizendo:

"Mas, ao fazê-lo, V. Sa. cai ainda no erro de citar como única fonte (pois as demais mencionadas são alheias a esse ponto) a obra de Marie-France James, "Esotérisme et Christianisme Autour de René Guénon" (Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1981), aliás sem consulta direta mas somente através da citação obtida de outro autor. Conheço bem essa obra, que li e anotei há mais de dez anos, e conheço também alguns dos personagens que ela menciona. Posso assegurar que a Srta. James, malgrado toda a sua pesquisa de arquivo, desconhece a tal ponto esses personagens que chega a confundir uns com os outros, não sabendo, pôr exemplo, que aqueles que ela menciona com os nomes de Martin Lings e Sidi Abu-Bakr são, fisicamente, a mesma pessoa, ou, noutras ocasiões, atribuindo a Martin Lings episódios que se passaram com Titus Burckhardt e vice-versa. Sei dessas coisas por ter convivido durante algum tempo com o sr. Lings e conversado muito com ele a respeito desses episódios, dos quais a Srta. James ignora praticamente tudo. Ao ler depois a obra da Srta. James não deixei de dar boas risadas com as confusões que ela fazia."

Ele se limitava, em suma, a criticar um equívoco da autora, que julgara serem duas pessoas distintas, o Sr. Martin Lings, um gnóstico amigo de Olavo, e Abu Bakr, quando este era o nome adotado pelo sr Lings ao apostatar o cristianismo, para tornar-se um esotérico maometano.

Nessa ocasião, o Sr. Olavo nem citou o nome de Paterson, a quem a Srta James atribuiu o nome de Abu Bakr.

Olavo -- que diz ter convivido com Martin Lings, e rido com ele da confusão feita pela Srta. James -- também não citou então, os equívocos dessa autora ao identificar erradamente as pessoa que aparecem nas fotos da capa de seu livro, assim como numa foto da página 129.

Só agora, passados meses, nessa nota publicada dia 27 de junho, Olavo se "lembrou" de criticar esses equívocos da Srta. James.

Por que será que o sr. Olavo não fez isso antes?

Por que o fez só agora?

Se o tivesse feito então, teria fundamentado um pouco melhor a sua crítica, quanto a esse ponto, colateral e secundário, da obra da Srta James.

Não quero pensar que ele não tivesse o livro, porque Olavo declarou que o lera e anotara, e me recriminou por citar esse livro em segunda mão...

Vai ver que ele tinha outra edição do livro...que não tinha fotos na capa.

Mas o livro só teve uma edição !

Vai ver que Olavo só tinha uma cópia xerox dele... sem a foto da capa, claro.

Sejamos generosos em nossa interpretação dos fatos.

Quero ter essa boa vontade para com ele, porque não posso crer que ele não possuísse a obra, e a citasse...em segunda mão...Não é possível que Olavo me recriminasse por um "falta" que ele mesmo estava cometendo.

Não quero crer que Olavo tenha comprado e recebido o livro da Srta James só agora, muito depois da polêmica ter se iniciado.

Mas, se ele já tinha o livro, como só agora ele notou esse equívoco das fotos, ele que conhecia o rosto de Martin Lings ? Por que não disse nada de um erro que fundamentaria mais fortemente sua crítica?

Estranho...

Vai ver que Olavo esquecera das fotos que vira, e do livro que anotara, há mais de dez anos! Certamente, ele se esqueceu das fotos, que observara o equívoco, e até o anotara... mas ... o olvidara...

Que pena !...

Desse equívoco secundário da autora, Olavo concluiu que ela não é confiável como historiadora.

Mas que exagero, seu Olavo !

O livro da Srta. James é documentadíssimo. Mais de 450 obras constam de sua bibliografia, assim como são citadas mais de 250 obras, além de umas cinquenta revistas e artigos. Mais: ela cita uma impressionante lista de documentos inéditos de René Guénon e de outros.

A essa enorme massa de documentos, Olavo contrapõe dois equívocos:

- 1) que ele não sabia que Lings adotara o nome Abu Bakr;
- 2) que errou ao identificar as pessoas que aparecem em duas fotos.

Daí, Olavo conclui que ela dizer--baseada em documento, e eu citá-la -- que Guénon tomava ópio e haxixe, seria "induzir em falso testemunho".

Já disse: a questão fundamental é a doutrinária: Guénon é gnóstico. E Olavo também o é.

Essa conclusão doutrinária não muda, nem com confusão de fotos, nem de nomes árabes ou ingleses.

Se Olavo é tão severo em seu critério, que o leva a concluir que não é confiável uma historiadora tão documentada, que pensar dele que, na mesma hora em que faz essa crítica, ERRA ao copiar o nome de Jacques-Albert Cuttat, chamando-o de JEAN - Albert Cuttat ?

Só por isso iremos desqualificar Olavo?

Só por isso, nunca.

Mas que pensar de Olavo por suas citações dantescammente "chutadas"?

René Guénon e Olavo de Carvalho são gnósticos "tradicionalistas".

Essa é a conclusão comprovada por uma enorme documentação irrefutável de textos deles dois.

O mais é vã tentativa de Olavo para despistar os leitores.

C'est fini, Monsieur.

Na festa da Visitação de Nossa Senhora, 2 de Julho de 2.001.

Orlando Fedeli.

(Dante, Divina Commedia, Inferno, II 72). - Igreja antinomista ou anti naturalmente ascética.

, exclama o demônio ao perplexo visitante florentino: "Não imaginavas que eu também fosse lógico!" (cfr. op. cit., p. 16-17. O negrito é meu). na qual ele toma a liberdade de louvar os méritos do ópio do qual ele se mostrará guloso durante toda a sua vida, depois, na revista La Haute Science, consagrada "à Tradição esotérica e ao simbolismo religioso" (Marie-France James, *Ésoterisme et Christianisme autour de René Guénon*, Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981, pp. 77-78. O negrito é meu).

é absolutamente distinto do mundo, pois que a ele não se pode aplicar nenhum dos atributos determinativos que convém ao mundo, toda a manifestação universal sendo rigorosamente nula em vista de sua infinitude; e observar-se-á que tal irreprocurabilidade de relação acarreta a condenação formal do "panteísmo", bem como de todo "imanentismo" (René Guénon, *Introdução às Doutrinas Hindus, Ciências Tradicionais*, Michel F. Veber, São Paulo, 1989, p. 295). Há uma questão colateral

que convém a analisar. Antes de examinar esse item, conviria tratar da causa mais profunda da Gnose, que é o problema do mal.

(Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in Planeta, no 111, Dezembro de 1981, p. 27).

Para citar este texto:

"A Gnose “Tradicionalista” de René Guénon e Olavo de Carvalho"

MONTFORT Associação Cultural

<http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/guenon/>

Online, 09/11/2023 às 23:02:33h

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20150703095738/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

Professando demonstrar que sou um autor que “não merece muita atenção”, o sr. Orlando Fedeli, não obstante, acaba de conceder à minha obra e à minha pessoa a imerecida atenção de um estudo de 160 páginas, o mais extenso que já se fez sobre elas até hoje.

Na verdade, não se trata propriamente de um estudo. O sr. Fedeli não “estudou” a minha obra. Estudar uma filosofia é discernir nela os princípios fundamentais e suas aplicações contingentes, os conceitos formais e as figuras de linguagem que os expressam, o objetivo do conjunto e os caminhos, indefinidamente variados e casuais, que a ele conduzem. O sr. Fedeli não fez nada disso com os meus escritos. Apenas ciscou neles – com a acuidade filológica de uma galinha – indícios de gnosticismo que pudessem me incriminar no processo de heresia que ele me move no tribunal eclesiástico da sua imaginação.

Não deixa de ser significativo que a acusação e a sentença final do processo fossem anunciadas bem antes de que o autoconstituído inquisidor começasse sequer a juntar os autos.

O resultado -- que o autor dirige a seu “muito prezado Felipe”, como fez com alguns de seus escritos anteriores -- divide-se em dez capítulos. Ao fim do primeiro, o sr. Fedeli conclui que sua tese já está demonstrada e sua polêmica contra mim devidamente encerrada. Então seguem-se nove capítulos suplementares, que, destinando-se apenas ao socorro dos leitores menos esclarecidos, nada acrescentam, segundo o sr. Fedeli, à essência da demonstração principal, dada como líquida, certa, provada e definitiva já no começo da obra.

Considerando-me ainda mais indigno de atenção do que me julga o sr. Fedeli, abduco, pois, da vaidade de examinar as extensões

06/11/2023, 18:40

Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

pedagógicas, e atendo-me ao exame do que ele mesmo declara ser o essencial.

Texto-Confissão de Olavo de Carvalho

*"De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática'" (Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in *Planeta*, no. 111, Dezembro de 1981, p. 27).*

Muito prezado Felipe, salve Maria!

Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.

Pois, segundo Henri-Charles Puech: "Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, *En Quête de la Gnose*, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Deduzir, da afirmação da existência de um conhecimento superior à fé, a crença numa "salvação pelo conhecimento", é um autêntico *non sequitur*. "Salvação pelo conhecimento" é, aliás, uma expressão autocontraditória, que bem caracteriza a natureza paradoxal da heresia gnóstica. Se conhecer a Deus trouxesse a salvação, o demônio estaria salvo. Pretender que eu tenha apregoado a "salvação pelo conhecimento" é falsear propositadamente os meus textos. A superioridade essencial do conhecimento em relação à fé é coisa auto-evidente, afirmada na definição mesma da fé, e só uma completa falta de discernimento filosófico aliada a uma boa dose de malícia pode deduzir daí que eu esteja afirmando a possibilidade de chegar a esse conhecimento por outra via que não pela fé ou, pior ainda, sem fé. Aqui, como em muitos outros casos, o sr. Fedeli muda o sentido das minhas palavras, dando ares de coisa escandalosa a uma afirmação óbvia e até banal. A "superioridade" a que me refiro é de ordem intrínseca e ontológica e não funcional e metódica: o que digo é simplesmente que saber é mais do que crer, e não que, enquanto método da vida espiritual, o saber tenha mais eficácia salvífica do que a fé. No mínimo, sem fé não se chega sequer à possibilidade do

conhecimento espiritual, e por isto este último é “superior” à fé no sentido em que a meta transcende o caminho, assim como a fé é “superior” enquanto caminho sem o qual não se pode chegar à meta, isto é, como exigência metódica que a simples busca do conhecimento pela razão natural – ou por qualquer meio “esotérico” que se possa conceber -- não pode substituir. Também é certo que o conhecimento espiritual é um dom gratuito de Deus ao homem que têm fé, mas por isto mesmo seria loucura proclamar que esse dom vale menos do que a fé que o possibilitou. No limite extremo, essa proclamação equivaleria a dar um sentido blasfematoriamente literal à expressão de Cristo “Tua fé te salvou”, proclamando que quem cura é a fé e não Cristo – e não é preciso dizer que é a isso que leva, em última instância, a afetação fedélica de escândalo ante o que digo sobre a fé. (É verdade que, num dos capítulos suplementares, o sr. fedeli, amputando do seu contexto imediato uma frase que encontrou numa transcrição de fita, aliás não revista pelo autor, fez de um rompante meu contra a idolatria kantiana da fé uma declaração de guerra contra a fé no sentido mais geral e católico do termo. Mas isso nada revela sobre meu pensamento, e sim sobre a canalhice da sua interpretação fedélica, toda fundada no artifício de jogar a letra contra o espírito.)

Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose: "O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está *de facto* subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 11-12)]

O sr. fedeli confunde propositadamente o termo *gnose*, tal como usado genericamente por mim -- e aliás também por Clemente de Alexandria -- com uma de suas acepções em particular, que é a da heresia gnóstica definida pelos Padres.

Ademais, de onde esse sujeito extraiu a idéia de que Frithjof Schuon é “um de meus mestres”? Recebi algum ensinamento desse místico suíço durante os anos de 1986-87, mas não sou seu seguidor ou discípulo em sentido nenhum dos termos.

E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, *Comprender L' Islam*, p. 173).

06/11/2023, 18:40

Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

Delirante é o sujeito que não percebe diferença entre a fé religiosa e a visão mística. É absurdo pretender que Sta. Teresa, quando teve Jesus diante de si, não o conhecesse senão “pela fé”. A fé pode tê-la conduzido até lá, mas reduzir sua visão de Cristo a um conteúdo de fé, negando-lhe o estatuto de conhecimento, seria blasfêmia pura e simples. Aqui, novamente, o sr. Orlando fedeli falseia maliciosamente o sentido dos conceitos. Tanta é sua vontade de difamar, que não hesita em se apegar, para isso, mesmo ao absurdo mais patente.

E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!

"Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Quanto mais o sr. Fedeli consultar o seu pai, mais razão este me dará. Como se acaba de ver pelos parágrafos acima, o sr. Fedeli abusa da confiança de seus discípulos para induzi-los em erro e torná-los cúmplices ao menos passivos da difamação de um inocente. Mentira, impostura e charlatanismo são termos igualmente apropriados à descrição desse empreendimento.

Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

Sua acusação -- repito -- é apenas um hábil jogo de palavras, destinado a dar a um uso muito genérico do termo *gnose* o sentido específico e limitado que possui na definição da heresia gnóstica.

Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais.

Nunca declarei isso, exceto a propósito de um texto em particular, o artigo sobre a Gnose de Princeton publicado em *Planeta*. Dos demais, afirmo apenas que meus escritos que circulavam em edição restrita ou privada -- sem falar de antigos trabalhos jornalísticos menores e de ocasião -- não expressavam a forma mais estabilizada que tenho dado a meus pensamentos em obras posteriores, de mais ampla circulação;

que esses escritos, portanto, deveriam ser postos entre parênteses até que eu tivesse a oportunidade de reexaminá-los e corrigi-los para uma edição maior. Assim, tomá-los como expressão cabal do meu pensamento maduro é usurpar o meu papel de autor e falar indevidamente em meu nome. Até mesmo na pura esfera editorial o critério da “última vontade expressa do autor” impera como regra elementar da confiabilidade científica dos textos. Quanto mais, então, não deve predominar na interpretação que se faça deles, principalmente quando dessa interpretação se pretende tirar conseqüências desfavoráveis ao autor! A violação sistemática e despudorada dessa regra já mostra a intenção perversa e a completa desonestidade intelectual do sr. Fedeli. Como explicar de outra forma a omissão sistemática de toda crítica de fontes, cuja criteriosa observação seria, num historiador de profissão, o primeiro e o mais elementar dos deveres? De fato, todos os documentos, todos os indícios, independentemente de qualquer distinção crítica entre livros publicados, transcrições não revistas e até escritos postos em quarentena pelo autor, são assumidos pelo sr. Fedeli como igualmente probantes, desde que concorram para a confirmação da sua tese, ou igualmente desprezíveis, caso a impugnem. Se esse procedimento não é tolerável nem numa simples pesquisa histórica, sem efeitos práticos na ordem moral, quanto mais abusivo ele não há de ser num “processo” montado para danar a reputação de um homem!

Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, fácil de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedford, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um “gnóstico”, no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e *por isto mesmo* não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios. A rigor, os dois sentidos do termo não guardam entre si uma relação de gênero e espécie, pois *gnose* significa “conhecimento” e a heresia gnóstica não é propriamente conhecimento e sim falso conhecimento; e é para designar esta

06/11/2023, 18:40

Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

diferença que alguns autores empregam a distinção de *gnose* e *gnosticismo*, se bem que outros a assinalem de outras maneiras.

Como não adianta, também, ele querer distinguir *gnose* de *gnosticismo antigo*, porque o que dizia o *gnosticismo antigo* era exatamente isso: que a *Gnose* era um conhecimento superior à fé.

Novamente, o sr. fedeli manipula as palavras, querendo dar à constatação – aliás auto-evidente – da existência de um conhecimento superior à fé o sentido de uma afirmação da “salvação pelo conhecimento”. O conhecimento pode ser superior à fé pela certeza direta do seu conteúdo, mas isto obviamente não implica – nem eu jamais disse – que ele possa, por si, trazer a “salvação”.

E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma *Gnose* e *Gnosticismo* como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Mais uma manipulação semântica do sr. fedeli. Que Puech use os termos como equivalentes não implica, obviamente, que eu faça o mesmo. Nada autoriza o leitor a interpretar os termos de um autor numa acepção diferente, encontrada em outro autor, principalmente se este não é jamais citado pelo primeiro.

Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam *Gnose* e *gnosticismo* indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

É verdade, mas a generalidade do uso lingüístico de um termo nada prova quanto aos objetos designados por ele.

Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Os termos “acusado” e “confissão”, obsessivamente repetidos pelo sr. fedeli, denotam apenas o sentido de teatrinho inquisitorial que ele quer dar a esta polêmica, atribuindo a mim o papel de réu e a ele próprio o de inquisidor e *defensor fidei*.

Mediante esse curioso giro estilístico, ele transporta o leitor, por instantes, à atmosfera de um tribunal do Santo Ofício, onde testemunham o drama judicial do qual o réu sairá condenado não somente à danação eterna mas também à penalidade temporal da fogueira.

Mas essa atmosfera é, evidentemente, fictícia. Nem o sr. Fedeli tem o poder de condenar ou salvar quem quer que seja, nem eu estou em julgamento. A sentença a ser lavrada no final da encenação não será assinada senão pelo círculo de discípulos do sr. Fedeli, e nenhuma penalidade temporal ou celeste me será imposta exceto na imaginação dessas pessoas, o que não é decerto uma perspectiva especialmente atemorizante.

Não existindo nem neste mundo nem perante o Altíssimo, o tribunal ante o qual o sr. Fedeli me acusa só pode adquirir alguma realidade mediante um certo esforço de imaginação dos seus leitores, e é com a finalidade de secundá-los nesse esforço que ele emprega reiteradamente aquelas figuras de linguagem, emprestadas do jargão tribunalício.

É evidente que um autor que pretenda investigar a verdade não começa jamais por transportar seus leitores a uma situação de discurso tão distante da situação real, nem muito menos por dar a esse simulacro, mediante truques de estilo, uma espécie de “segunda realidade”, como diria Robert Musil.

Também é certo que essa camuflagem geral da situação de discurso não poderia ter a mínima eficácia se, nos detalhes da discussão empreendida, não se sustentasse numa infinidade de falseamentos menores, indefinidamente variados na técnica e no tom, mas, no conteúdo, repetitivos como cacoetes, cujo efeito acumulado produz, no fim, uma falsa impressão de verossimilhança.

Desses cacoetes, destaco apenas um. Esse traço surpreendente do estilo fedélico de escrever é sua tendência compulsiva de trocar os sujeitos das minhas frases. Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele “cortou seu próprio pescoço” – e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço. Digo que seus alunos estão assustados e perplexos – e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos.

Com a mesma freqüência com que troca o sujeito gramatical das frases, ele troca também o sujeito lógico das relações, como se viu nos exemplos acima.

Esses procedimentos lingüísticos anormais denotam aquilo que em psiquiatria se denomina “delírio de interpretação”, um sintoma que, se não comprova doença mental, constitui forte indício daquela deformidade de consciência que se conhece como *sociopatia*, e que é

06/11/2023, 18:40

Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

a marca inconfundível dos líderes pseudo-religiosos milenaristas, dos falsos profetas e dos revolucionários gnósticos.

Nenhum homem inspirado pelo *amor Dei* jamais sairia apregoando acusações de heresia com a pressa indecente e o apetite de escândalo do sr. Fedeli. A própria Inquisição jamais montava um processo público, mesmo contra algum herético notório, sem antes enviar um representante qualificado para conversar longamente com o suspeito, em privado, seja para certificar-se de suas intenções, seja para demovê-lo de suas convicções, se consideradas errôneas. O sr. Fedeli, em vez disso, mantém-se a uma protegida distância, usando seus discípulos jovens e imaturos como espiões para ciscar pedaços de conversas, enquanto ele, na obscuridade da sua toca de serpente, prepara o bote.

Não, nada disso pode ser inspirado pelo amor a Deus. É preciso ser totalmente desprovido de discernimento espiritual para não perceber que, desde os tempos em que conspirava para arrebatar a liderança da TFP ao falecido Plínio Correia de Oliveira, o sr. Fedeli é movido por uma única paixão: a *superbia*, a *libido dominandi* de um chefe de seita.

Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

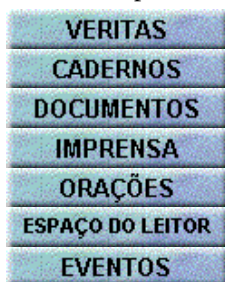
De fato não preciso responder-lhe mais nada, Orlando Fedeli, exceto que você é um farsante, um santarrão, um aproveitador da boa fé de seus discípulos e, em toda a linha, uma mentalidade perversa de sectário.

Seu intuito declarado de destruir uma reputação e os meios desonestos que põe em ação para esse fim não apenas são indignos de um homem da Igreja mas estão abaixo até do que a moral laica permite a um intelectual mundano.

Olavo de Carvalho

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

The Wayback Machine - [https://web.archive.org/web/20140622060928/http://www.montfort.org.br:80/old/...](https://web.archive.org/web/20140622060928/http://www.montfort.org.br:80/old/)



Espaço do Leitor

[Perguntas & Respostas](#) | [Enviar dúvidas](#) | [Livro de Visitas](#) | [Assinar Boletim](#)

Carta ao leitor

Caro Olavo de Carvalho e caros colegas,

Em anexo a este e-mail vai uma carta aberta que envio ao Sr. Olavo de Carvalho sobre sua última resposta ao Prof. Orlando Fedeli.

Envio esta carta aberta não só ao Sr. Olavo de Carvalho, mas também a alguns de seus alunos com quem conversei sobre o assunto, que devem estar acompanhando a polêmica. Envio-a também ao site da Montfort, que poderá publicá-la.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Enquanto meu professor, Orlando Fedeli, não comenta o último protesto do Sr. Olavo de Carvalho contra a denúncia de sua gnose, eu, Felipe Coelho, Católico, ex-aluno deste último, comentarei brevemente alguns pontos de sua tentativa de resposta, intitulada "[Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli](#)".

O texto do Prof. Orlando Fedeli, como o próprio título indica, não trata apenas do Sr. Olavo de Carvalho, mas também de René Guénon, de modo que o Sr. Olavo não deveria ter ficado tão lisonjeado com sua extensão. O que o Prof. Fedeli de fato fez foi aproveitar a deixa para dar uma mini-aula de gnose, a partir dos "quatro itens da gnose" do "Aviso 2" do Sr. Olavo, com o objetivo principal de esclarecimento dos alunos deste que porventura sejam ou possam vir a ser Católicos.

Acrescente-se ainda uma citação do próprio Sr. Olavo de Carvalho corroborando este procedimento: "Não discuti com eles em meu livro nem vou fazê-lo agora, porque vigarice (intelectual ou qualquer outra) é coisa que não se discute: vigarice se denuncia, e pronto" (Olavo de Carvalho, "Por uma Esquerda Melhorzinha", in *O Imbecil Coletivo*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, p. 390). Foi o que fez o Prof. Fedeli: desafiado, denunciou e provou a gnose de Guénon e Carvalho.

Chegamos assim ao cerne da questão: afinal, do que o Sr. Olavo de Carvalho está sendo acusado? É óbvio que não é de ser um seguidor das doutrinas de Valentino, Basíledes, do gnosticismo dos primeiros séculos. O próprio estudo do Prof. Fedeli mostra a gnose presente no sufismo, na cabala, no hinduísmo, e em vários autores de diversas origens apontados pelo Sr. Olavo como grandes homens espirituais, ficando claro portanto que a acusação não é de pregar a heresia cristã dos primeiros séculos. A insistência do Sr. Olavo neste ponto tão evidente é no mínimo estranha. É óbvio também que não se trata de "gnose" como mero sinônimo de "conhecimento", pois neste caso não haveria razão para se utilizar o primeiro termo em vez do segundo. A gnose de que o Sr. Olavo de Carvalho é acusado é uma modalidade de conhecimento específica: trata-se da doutrina herética do conhecimento direto e unitivo de Deus pelo homem - ou melhor, por aquilo que haveria de divino no interior do homem -, realizado por meio de uma intuição que eliminaria a distinção entre sujeito cognoscente e objeto conhecido - entre o homem, o mundo e Deus -, pois no fundo só Deus existe, e tudo que há de individual é ilusório.

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

É absurdo o Sr. Olavo querer dizer que Santa Teresa tinha este tipo de conhecimento de Deus quando lhe aparecia Nosso Senhor. É claro que, ao vê-Lo, ela permanecia Teresa, e Ele, Jesus. Quanto ao demônio, conhece apenas a *existência* de Deus, não sua *essência*, e como se viu acima é justamente a essência de Deus que os gnósticos pretendem conhecer.

Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: "Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de 'via de salvação' não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?" (Olavo de Carvalho, "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose.

Aliás, Frithjof Schuon, que até muito recentemente o Sr. Olavo de Carvalho considerava "homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões" (*in O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308), trata a fé exatamente como o Sr. Olavo, como caminho para a gnose: "A Fé não poderá opor-se ao Conhecimento [de Deus, ou seja, a gnose] da qual é, ao contrário, como vimos, um modo iniciático..." (Frithjof Schuon, *Da Unidade Transcendente das Religiões*, Trad. Fernando Guedes Galvão, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1953, p. 184). E, sobre a natureza do conhecimento gnóstico, o mesmo autor afirma: "Acrescentamos que no ponto de vista iniciático esta visão [a Visão Beatífica] pode, e deve até, obter-se ainda nesta vida..." (*ibid.*, p. 179). E ainda: "...até existem métodos para obter esta graça que equivale, em suma, a uma 'concretização' da 'visão beatífica'." (*ibid.*, p. 157). (O Sr. Olavo deve lembrar-se de ter lido isto, pois, no parágrafo anterior a este último trecho citado, encontra-se detalhada por Schuon a comparação blasfema entre a Virgem Maria e Maomé que o Sr. Olavo resumiu em seu artigo "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2000). Registre-se ainda que, como tudo isso é condenado pela Igreja Católica, Schuon refere-se a Ela com total desprezo: "A Igreja latina, com seu idealismo sentimental e irrealista..." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 189).

Continuando, é notável que o Sr. Olavo de Carvalho confesse aqui não renegar nada do que escreveu antes de 1995, com exceção de seu artigo sobre a "gnose de Princeton". Isto significa que não renega o artigo citado pelo Prof. Fedeli em que apóia as doutrinas defendidas por Guénon em *O Demiurgo* (Cf. Olavo de Carvalho, "O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação", *in* Revista Planeta, nº 107, agosto de 1981, p. 17), doutrinas estas que se enquadram até naqueles seus quatro itens da gnose, feitos para mascarar a sua própria gnose.

Afinal, o Sr. Olavo de Carvalho confessa mais uma vez que é gnóstico. Abaixo vai o texto do Prof. Fedeli, seguido da mais atual confissão do Sr. Olavo de Carvalho, ao comentá-lo (o sublinhado é meu):

"Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a 'Tradição' primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico."

Até aqui o Prof. Orlando Fedeli. A seguir, a nova confissão de gnose de Olavo de Carvalho:

"A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, fácil de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedford, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um "gnóstico", no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e por isto mesmo não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios."

Como já se viu, é precisamente da gnose que o Sr. Olavo reconhece defender, e não da heresia dos primeiros séculos, que o Prof. Orlando Fedeli o acusa. Ademais, já foi demonstrado pelo Prof. Fedeli que todos os especialistas no assunto consideram o gnosticismo (a heresia dos primeiros séculos) uma espécie do gênero gnose (substrato

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

ou núcleo de várias heresias). O argumento do Sr. Olavo para negar este fato e defender a "boa gnose", por meio da alegação de que o gnosticismo seja um "falso conhecimento", é semelhante ao argumento dos comunistas -- que o Sr. Olavo de Carvalho tanto condena, e faz bem de condenar -- ao afirmarem que o "verdadeiro comunismo" permanece bom após as experiências genocidas de Stálin, Lênin, Mao e cia., pois estas seriam "falso comunismo"...

O Sr. Olavo de Carvalho citou recentemente Hans Jonas como "o mais famoso historiador da gnose", numa breve nota na qual fala em "o rótulo de gnose (no sentido estrito de Hans Jonas)" (Olavo de Carvalho, nota a "A face oculta do mundialismo verde", de Pascal Bernardin, [in](http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm) <<http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm>>). Logo, o Sr. Olavo aceita que Hans Jonas usa gnose no sentido estrito, sentido que é condenado pela Doutrina Católica. Veja-se então o que diz Hans Jonas: "Na verdade, houve apenas alguns grupos cujos membros se denominaram expressamente 'gnósticos', 'os que conhecem'; mas já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome 'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características. Neste sentido podemos falar de escolas, seitas e cultos gnósticos, de escritos e ensinamentos gnósticos, de mitos e especulações gnósticas, e mesmo de uma religião gnóstica em geral. Seguindo o exemplo dos autores antigos que primeiro estenderam o nome [gnose] para além da autocomposição de alguns grupos, não somos obrigados a parar onde parou seu conhecimento ou interesse polêmico, e podemos tratar o termo como um conceito classificatório, que se aplica onde quer que as propriedades definidoras estejam presentes." (Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, 2nd edition, Beacon Press, Boston, 1991, p. 32, sublinhados meus).

Não só os especialistas, mas também o já citado Frithjof Schuon, que faz a mesma distinção entre gnose e gnosticismo, admite que o gnosticismo pode ser chamado validamente de gnose -- e da gnose que defende! -- conforme cita-o o Prof. Fedeli em seu trabalho: "Se nós não 'reduzimos' o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, que se chamem de 'gnósticos' também os hereges designados convencionalmente por esse termo" (F. Schuon, *Comprendre l'Islam*, Ed. du Seuil, Paris, 1976, p. 137, nota 1; [apud](http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html) Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, [in](http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html) <<http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>>).

Ao mesmo tempo em que agora tenta se desvincular de Schuon, o Sr. Olavo de Carvalho aponta a obra principal de Whittall N. Perry como probante da doutrina herética do núcleo comum das religiões, que seria a "boa gnose". Justo este livro de Perry que o editor da revista guénoniana *Symbolos*, ao resenhá-lo, diz ser nada menos que "una especie de biblia schuoniana"! (Cf. Federico González, *in* <<http://personal5.iddeo.es/jmrio/libfg26.htm>>). E ainda acrescenta: "Este libro es tomado como una enciclopedia casi sagrada de sabiduría por los estudiantes schuonianos de habla inglesa. (...) Sin entrar en la vida privada de nadie diremos que el mismo M. Koslow señala a Perry como el colaborador directo de Schuon y a su esposa como íntimamente allegada a su familia, con quien todo lo comparten; por lo que deben ser considerados como sus portavoces autorizados o los asociados más íntimos del suizo; incluso viven en casas vecinas." Aí está: Perry é porta-voz de Schuon, e o trabalho citado pelo Sr. Olavo como evidência para seu "ecumenismo radical" é nada menos que uma "bíblia schuônica". Além disso, o próprio nome da editora do livro de Perry, Perennial Books, é significativo e mostra sua ligação com a seita "perennialista" de Schuon. Acrescente-se ainda que o mesmo Perry afirma que este seu livro foi inspirado no desejo de Ananda Coomaraswamy, amigo de Guénon, de um dia ter uma suma do pensamento gnóstico, obviamente para se contrapor à Suma Teológica, de S. Tomás, pilar da Igreja Católica.

Finalmente, o Sr. Olavo cita dois pretensos erros do Prof. Fedeli, que supostamente trocaria o sujeito de suas frases. Vejamos. No primeiro caso, Olavo afirma: "Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele 'cortou seu próprio pescoço' - e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço". Ora, em seu "Aviso 1" Olavo dissera: "Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedeli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel (sic). Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço". E isso não é uma ameaça? Se eu digo a alguém: "Você, ao me acusar, assinou sua própria sentença de morte", não o estou ameaçando? Por favor. E veja-se que o Sr. Olavo, em seu "Aviso 2", diz ainda que a denúncia do Prof. Fedeli "não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara". Para piorar, o segundo "erro" consegue ser ainda mais

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

tolo, pois o Sr. Olavo afirma: "Digo que seus alunos estão assustados e perplexos - e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar os *meus* alunos". Reparem bem que foi exatamente isso que o Sr. Olavo disse em seu "Aviso 3" (os negritos e o sublinhado são meus): "Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a **dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus**, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a **tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los**." De qualquer forma, isto é uma questão de pouca importância; fundamental é que ficou provado que o Sr. Olavo de Carvalho não é Católico, nem judeu, nem muçulmano. É gnóstico.

Diante da qualidade de seus argumentos, não surpreende que o Sr. Olavo encha sua "defesa" de "adjetivos" ao Prof. Orlando Fedeli. A mim, quanto mais o Sr. Olavo de Carvalho desce o nível da discussão, mais lamento ter sido um dia seu aluno.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

12.07.2001

"Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli"

Professando demonstrar que sou um autor que "não merece muita atenção", o sr. Orlando Fedeli, não obstante, acaba de conceder à minha obra e à minha pessoa a imerecida atenção de um estudo de 160 páginas, o mais extenso que já se fez sobre elas até hoje.

Na verdade, não se trata propriamente de um estudo. O sr. Fedeli não "estudou" a minha obra. Estudar uma filosofia é discernir nela os princípios fundamentais e suas aplicações contingentes, os conceitos formais e as figuras de linguagem que os expressam, o objetivo do conjunto e os caminhos, indefinidamente variados e casuais, que a ele conduzem. O sr. Fedeli não fez nada disso com os meus escritos. Apenas ciscou neles – com a acuidade filológica de uma galinha – indícios de gnosticismo que pudessem me incriminar no processo de heresia que ele me move no tribunal eclesiástico da sua imaginação.

Não deixa de ser significativo que a acusação e a sentença final do processo fossem anunciadas bem antes de que o autoconstituído inquisidor começasse sequer a juntar os autos.

O resultado -- que o autor dirige a seu "muito prezado Felipe", como fez com alguns de seus escritos anteriores -- divide-se em dez capítulos. Ao fim do primeiro, o sr. Fedeli conclui que sua tese já está demonstrada e sua polêmica contra mim devidamente encerrada. Então seguem-se nove capítulos suplementares, que, destinando-se apenas ao socorro dos leitores menos esclarecidos, nada acrescentam, segundo o sr. Fedeli, à essência da demonstração principal, dada como líquida, certa, provada e definitiva já no começo da obra.

Considerando-me ainda mais indigno de atenção do que me julga o sr. Fedeli, abdicó, pois, da vaidade de examinar as extensões pedagógicas, e atenho-me ao exame do que ele mesmo declara ser o essencial.

Texto-Confissão de Olavo de Carvalho

"De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática' (Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in Planeta, no. 111, Dezembro de 1981, p. 27).

Muito prezado Felipe, salve Maria!

Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.

Pois, segundo Henri-Charles Puech: "Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Deduzir, da afirmação da existência de um conhecimento superior à fé, a crença numa "salvação pelo conhecimento", é um autêntico non sequitur. "Salvação pelo conhecimento" é, aliás, uma expressão autocontraditória, que bem caracteriza a natureza paradoxal da heresia gnóstica. Se conhecer a Deus trouxesse a salvação, o demônio estaria salvo. Pretender que eu tenha apregoado a "salvação pelo conhecimento" é falsear propositadamente os meus textos. A superioridade essencial do conhecimento em relação à fé é coisa auto-evidente, afirmada na definição mesma da fé, e só uma completa falta de discernimento filosófico aliada a uma boa dose de malícia pode deduzir daí que eu esteja afirmando a possibilidade de chegar a esse conhecimento por outra via que não pela fé ou, pior ainda, sem fé. Aqui, como em muitos outros casos, o sr. Fedeli muda o sentido das minhas palavras, dando ares de coisa escandalosa a uma afirmação óbvia e até banal. A "superioridade" a que me refiro é de ordem intrínseca e ontológica e não funcional e metódica: o que digo é simplesmente que saber é mais do que crer, e não que, enquanto método da vida espiritual, o saber tenha mais eficácia salvífica do que a fé. No mínimo, sem fé não se chega sequer à possibilidade do conhecimento espiritual, e por isto este último é "superior" à fé no sentido em que a meta transcende o caminho, assim como a fé é "superior" enquanto caminho sem o qual não se pode chegar à meta, isto é, como exigência metódica que a simples busca do conhecimento pela razão natural – ou por qualquer meio "esotérico" que se possa conceber -- não pode substituir. Também é certo que o conhecimento espiritual é um dom gratuito de Deus ao homem que têm fé, mas por isto mesmo seria loucura proclamar que esse dom vale menos do que a fé que o possibilitou. No limite extremo, essa proclamação equivaleria a dar um sentido blasfematoriamente literal à expressão de Cristo "Tua fé te salvou", proclamando que quem cura é a fé e não Cristo – e não é preciso dizer que é a isso que leva, em última instância, a afetação fedélica de escândalo ante o que digo sobre a fé. (É verdade que, num dos capítulos suplementares, o sr. fedeli, amputando do seu contexto imediato uma frase que encontrou numa transcrição de fita, aliás não revista pelo autor, fez de um rompante meu contra a idolatria kantiana da fé uma declaração de guerra contra a fé no sentido mais geral e católico do termo. Mas isso nada revela sobre meu pensamento, e sim

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose sobre a canalhice da sua interpretação fedélica, toda fundada no artifício de jogar a letra contra o espírito.)

Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose: "O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está de facto subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 11-12)]

O sr. fedeli confunde propositadamente o termo gnose, tal como usado genericamente por mim -- e aliás também por Clemente de Alexandria -- com uma de suas acepções em particular, que é a da heresia gnóstica definida pelos Padres.

Ademais, de onde esse sujeito extraiu a idéia de que Frithjof Schuon é "um de meus mestres"? Recebi algum ensinamento desse místico suíço durante os anos de 1986-87, mas não sou seu seguidor ou discípulo em sentido nenhum dos termos.

E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, Comprendre L' Islam, p. 173).

O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

Delirante é o sujeito que não percebe diferença entre a fé religiosa e a visão mística. É absurdo pretender que Sta. Teresa, quando teve Jesus diante de si, não o conhecesse senão "pela fé". A fé pode tê-la conduzido até lá, mas reduzir sua visão de Cristo a um conteúdo de fé, negando-lhe o estatuto de conhecimento, seria blasfêmia pura e simples. Aqui, novamente, o sr. Orlando fedeli falseia maliciosamente o sentido dos conceitos. Tanta é sua vontade de difamar, que não hesita em se apegar, para isso, mesmo ao absurdo mais patente.

E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!

"Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Quanto mais o sr. Fedeli consultar o seu pai, mais razão este me dará. Como se acaba de ver pelos parágrafos acima, o sr. Fedeli abusa da confiança de seus discípulos para induzi-los em erro e torná-los cúmplices ao menos passivos da difamação de um inocente. Mentira, impostura e charlatanismo são termos igualmente apropriados à descrição desse empreendimento.

Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Sua acusação -- repito -- é apenas um hábil jogo de palavras, destinado a dar a um uso muito genérico do termo gnose o sentido específico e limitado que possui na definição da heresia gnóstica.

Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais.

Nunca declarei isso, exceto a propósito de um texto em particular, o artigo sobre a Gnose de Princeton publicado em Planeta. Dos demais, afirmei apenas que meus escritos que circulavam em edição restrita ou privada -- sem falar de antigos trabalhos jornalísticos menores e de ocasião -- não expressavam a forma mais estabilizada que tenho dado a meus pensamentos em obras posteriores, de mais ampla circulação; que esses escritos, portanto, deveriam ser postos entre parênteses até que eu tivesse a oportunidade de reexaminá-los e corrigi-los para uma edição maior. Assim, tomá-los como expressão cabal do meu pensamento maduro é usurpar o meu papel de autor e falar indevidamente em meu nome. Até mesmo na pura esfera editorial o critério da “última vontade expressa do autor” impera como regra elementar da confiabilidade científica dos textos. Quanto mais, então, não deve predominar na interpretação que se faça deles, principalmente quando dessa interpretação se pretende tirar conseqüências desfavoráveis ao autor! A violação sistemática e despudorada dessa regra já mostra a intenção perversa e a completa desonestidade intelectual do sr. Fedeli. Como explicar de outra forma a omissão sistemática de toda crítica de fontes, cuja criteriosa observação seria, num historiador de profissão, o primeiro e o mais elementar dos deveres? De fato, todos os documentos, todos os indícios, independentemente de qualquer distinção crítica entre livros publicados, transcrições não revistas e até escritos postos em quarentena pelo autor, são assumidos pelo sr. Fedeli como igualmente probantes, desde que concorram para a confirmação da sua tese, ou igualmente desprezíveis, caso a impugnem. Se esse procedimento não é tolerável nem numa simples pesquisa histórica, sem efeitos práticos na ordem moral, quanto mais abusivo ele não há de ser num “processo” montado para danar a reputação de um homem!

Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, fácil de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedford, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um “gnóstico”, no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e por isto mesmo não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios. A rigor, os dois sentidos do termo não guardam entre si uma relação de gênero e espécie, pois gnose significa “conhecimento” e a heresia gnóstica não é propriamente conhecimento e sim falso conhecimento; e é para designar esta diferença que alguns autores empregam a distinção de gnose e gnosticismo, se bem que outros a assinalem de outras maneiras.

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Como não adianta, também, ele querer distinguir gnose de gnosticismo antigo, porque o que dizia o gnosticismo antigo era exatamente isso: que a Gnose era um conhecimento superior à fé.

Novamente, o sr. fedeli manipula as palavras, querendo dar à constatação – aliás auto-evidente – da existência de um conhecimento superior à fé o sentido de uma afirmação da “salvação pelo conhecimento”. O conhecimento pode ser superior à fé pela certeza direta do seu conteúdo, mas isto obviamente não implica – nem eu jamais disse – que ele possa, por si, trazer a “salvação”.

E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma Gnose e Gnosticismo como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Mais uma manipulação semântica do sr. fedeli. Que Puech use os termos como equivalentes não implica, obviamente, que eu faça o mesmo. Nada autoriza o leitor a interpretar os termos de um autor numa acepção diferente, encontrada em outro autor, principalmente se este não é jamais citado pelo primeiro.

Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam Gnose e gnosticismo indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

É verdade, mas a generalidade do uso lingüístico de um termo nada prova quanto aos objetos designados por ele.

Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Os termos “acusado” e “confissão”, obsessivamente repetidos pelo sr. fedeli, denotam apenas o sentido de teatrinho inquisitorial que ele quer dar a esta polêmica, atribuindo a mim o papel de réu e a ele próprio o de inquisidor e defensor fidei.

Mediante esse curioso giro estilístico, ele transporta o leitor, por instantes, à atmosfera de um tribunal do Santo Ofício, onde testemunham o drama judicial do qual o réu sairá condenado não somente à danação eterna mas também à penalidade temporal da fogueira.

Mas essa atmosfera é, evidentemente, fictícia. Nem o sr. Fedeli tem o poder de condenar ou salvar quem quer que seja, nem eu estou em julgamento. A sentença a ser lavrada no final da encenação não será assinada senão pelo círculo de discípulos do sr. Fedeli, e nenhuma penalidade temporal ou celeste me será imposta exceto na imaginação dessas pessoas, o que não é decerto uma perspectiva especialmente atemorizante.

Não existindo nem neste mundo nem perante o Altíssimo, o tribunal ante o qual o sr. Fedeli me acusa só pode adquirir alguma realidade mediante um certo esforço de imaginação dos seus leitores, e é com a finalidade de secundá-los nesse esforço que ele emprega reiteradamente aquelas figuras de linguagem, emprestadas do jargão tribunalício.

É evidente que um autor que pretenda investigar a verdade não começa jamais por transportar seus leitores a uma situação de discurso tão distante da situação real, nem muito menos por dar a esse simulacro, mediante truques de estilo, uma espécie de “segunda realidade”, como diria Robert Musil.

Também é certo que essa camuflagem geral da situação de discurso não poderia ter a mínima eficácia se, nos detalhes da discussão empreendida, não se sustentasse numa infinidade de falseamentos menores, indefinidamente variados na técnica e no tom, mas, no conteúdo, repetitivos como cacoetes, cujo efeito acumulado produz, no fim, uma falsa impressão de verossimilhança.

Desses cacoetes, destaco apenas um. Esse traço surpreendente do estilo fedélico de escrever é sua tendência compulsiva de trocar os sujeitos das minhas frases. Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele “cortou seu próprio pescoço” – e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço. Digo que seus alunos estão assustados e perplexos – e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar os meus alunos.

Com a mesma freqüência com que troca o sujeito gramatical das frases, ele troca também o sujeito lógico das relações, como se viu nos exemplos acima.

Esses procedimentos lingüísticos anormais denotam aquilo que em psiquiatria se denomina “delírio de interpretação”, um sintoma que, se não comprova doença mental, constitui forte indício daquela deformidade de consciência que se conhece como sociopatia, e que é a marca inconfundível dos líderes pseudo-religiosos milenaristas, dos falsos profetas e dos revolucionários gnósticos.

Nenhum homem inspirado pelo amor Dei jamais sairia apregoando acusações de heresia com a pressa indecente e o apetite de escândalo do sr. Fedeli. A própria Inquisição jamais montava um processo público, mesmo contra algum herético notório, sem antes enviar um representante qualificado para conversar longamente com o suspeito, em privado, seja para certificar-se de suas intenções, seja para demovê-lo de suas convicções, se consideradas errôneas. O sr. Fedeli, em vez disso, mantém-se a uma protegida distância, usando seus discípulos jovens e imaturos como espões para ciscar pedaços de conversas, enquanto ele, na obscuridade da sua toca de serpente, prepara o bote.

Não, nada disso pode ser inspirado pelo amor a Deus. É preciso ser totalmente desprovido de discernimento espiritual para não perceber que, desde os tempos em que conspirava para arrebatara a liderança da TFP ao falecido Plínio Correia de Oliveira, o sr. Fedeli é movido por uma única paixão: a superbia, a libido dominandi de um chefe de seita.

Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

De fato não preciso responder-lhe mais nada, Orlando Fedeli, exceto que você é um farsante, um santarrão, um aproveitador da boa fé de seus discípulos e, em toda a linha, uma mentalidade perversa de sectário.

Seu intuito declarado de destruir uma reputação e os meios desonestos

06/11/2023, 18:41

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose que põe em ação para esse fim não apenas são indignos de um homem da Igreja mas estão abaixo até do que a moral laica permite a um intelectual mundano.

Olavo de Carvalho

[Home](#) | [Veritas](#) | [Cadernos Montfort](#) | [Documentos da Igreja](#)
[Destaques da Imprensa](#) | [Orações](#) | [Espaço do leitor](#)

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

Esse menino, Felipe Coelho, andou freqüentando meus cursos e ali cumpriu seu papel de alcoviteiro a serviço de seu guru Orlando Fedeli, acreditando que com isto alcançaria a salvação da alma. Por isto julguei conveniente publicar aqui mais esta sua fofoca eletrônica, distribuída em 15 de julho de 2001 a seus ex-colegas do *Seminário de Filosofia*. Não imagine o leitor que o signatário entre na peleja como alguém que, tendo-a observado de longe e com neutralidade, finalmente toma partido. Se fosse isso, sua opinião poderia até valer alguma coisa, e essa é a impressão que ele talvez procure dar aqui, mas desde o início este garoto foi o principal instrumento de ação do sr. Fedeli, tendo na sua folha de serviços alguns notáveis feitos de difamação bem conhecidos de seus ex-colegas. Sem grave imprecisão ele poderia até declarar: “*Orlando Fedeli, c’est moi.*” Esta mensagem, de fato, não é a primeira. É apenas a seqüência do renitente assédio de *e-mails* com que os agentes do sr. Fedeli cercam meus alunos, a mando dele, no intuito declarado de tirá-los do *Seminário de Filosofia* e levá-los àquilo que ele imagina ser o céu. O empreendimento não obteve grande êxito, pois só foram para os braços do sr. Fedeli os dois ou três que tinham vindo de lá. Durante um tempo representaram o papel de meus alunos só para depois poderem encenar uma “ruptura” escandalosa. No ambiente de cursos livres, em São Paulo, “operações” desse tipo são coisa endêmica, mas, por mais que as veja repetir-se desde a década de 70, não me acostumo com elas, e sempre me pegam desprevenido. Segue, pois, a amostra, com alguns comentários meus em vermelho. - O. de C.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Felipe Coelho

Enquanto meu professor, Orlando Fedeli, não comenta o último protesto do Sr. Olavo de Carvalho contra a denúncia de sua gnose, eu, Felipe Coelho, Católico, ex-aluno deste último, comentarei brevemente alguns pontos de sua tentativa de resposta, intitulada "Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli".

O texto do Prof. Orlando Fedeli, como o próprio título indica, não trata apenas do Sr. Olavo de Carvalho, mas também de René Guénon, de modo que o Sr. Olavo não deveria ter ficado tão lisonjeado com sua extensão. O que o Prof. Fedeli de fato fez foi aproveitar a deixa para dar uma mini-aula de gnose, a partir dos "quatro itens da gnose" do "Aviso 2" do Sr. Olavo, com o objetivo principal de esclarecimento dos alunos deste que porventura sejam ou possam vir a ser Católicos.

A incapacidade de distinguir sentido reto e oblíquo é característica do leitor enlouquecido pelo ódio e pelo medo. A lisonja a que me referi foi dita *cum grano salis*, mas a sutileza escapou tanto a Fedeli quanto ao fedelho.

Acrescente-se ainda uma citação do próprio Sr. Olavo de Carvalho corroborando este procedimento: "Não discuti com eles em meu livro nem vou fazê-lo agora, porque vigarice (intelectual ou qualquer outra) é coisa que não se discute: vigarice se denuncia, e pronto" (Olavo de Carvalho, "Por uma Esquerda Melhorzinha", in *O Imbecil Coletivo*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, p. 390). Foi o que fez o Prof. Fedeli: desafiado, denunciou e provou a gnose de Guénon e Carvalho.

Chegamos assim ao cerne da questão: afinal, do que o Sr. Olavo de Carvalho está sendo acusado? É óbvio que não é de ser um seguidor das doutrinas de Valentino, Basíides, do gnosticismo dos primeiros séculos.

Há aí duas definições da Gnose. Uma, a do gnosticismo dos primeiros séculos, corresponde a um fenômeno histórico definido e a uma heresia condenada pela Igreja. A outra, a de uma Gnose em sentido amplíssimo que abrange praticamente todas as expressões espirituais e religiosas não cristãs (e mesmo as cristãs que

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

apresentem algum parentesco mesmo remoto com elas), é um conceito interpretativo possível, mas a Igreja nem subscreve esse conceito nem emitiu jamais qualquer decreto que condenasse como herética a entidade hipotética aí definida. Logo, sou acusado de que?

(Um terceiro conceito possível de gnose é o de Voegelin. O gnosticismo ou gnose, aí, corresponde a um fenômeno histórico contínuo, especificamente ocidental, cuja evolução se estende desde o gnosticismo dos primeiros séculos até as ideologias totalitárias do século XX. Este conceito, que me parece o único razoável, obviamente exclui do âmbito da gnose-heresia as tradições orientais que o sr. Fedeli nela inclui.)

O próprio estudo do Prof. Fedeli mostra a gnose presente no sufismo, na cabala, no hinduísmo, e em vários autores de diversas origens apontados pelo Sr. Olavo como grandes homens espirituais, ficando claro portanto que a acusação não é de pregar a heresia cristã dos primeiros séculos.

Sempre a confusão entre a “presença” de elementos soltos e a identidade da forma total.

A insistência do Sr. Olavo neste ponto tão evidente é no mínimo estranha. É óbvio também que não se trata de "gnose" como mero sinônimo de "conhecimento", pois neste caso não haveria razão para se utilizar o primeiro termo em vez do segundo.

Falsificação do sentido de minhas palavras. Uso em geral *gnose* para designar o conhecimento especificamente *espiritual* e não como sinônimo de conhecimento *em geral*; e *gnosticismo* para designar o fenômeno apontado na definição de Voegelin. Quando quero me referir ao gnosticismo dos primeiros séculos, uso mais freqüentemente “heresia gnóstica”. Se o sr. Fedeli e seu fiel escudeiro consentissem em interpretar meus termos no sentido que estes têm nos meus textos, e não naqueles que sua própria imaginação projeta sobre eles, tudo ficaria mais claro. Mas isso não serve para quem só pretenda jogar lama na água e tirar proveito da confusão.

A gnose de que o Sr. Olavo de Carvalho é acusado é uma modalidade de conhecimento específica: trata-se da doutrina herética do conhecimento direto e unitivo de Deus pelo homem - ou melhor, por aquilo que haveria de divino no interior do homem -, realizado por meio de uma intuição que eliminaria a distinção entre sujeito

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

cognoscente e objeto conhecido - entre o homem, o mundo e Deus -, pois no fundo só Deus existe, e tudo que há de individual é ilusório.

É absurdo o Sr. Olavo querer dizer que Santa Teresa tinha este tipo de conhecimento de Deus quando lhe aparecia Nosso Senhor. É claro que, ao vê-Lo, ela permanecia Teresa, e Ele, Jesus.

Ora, se citei o exemplo da visão de Sta. Teresa é porque é precisamente *esse* tipo de conhecimento que tenho em vista ao falar de *gnose*, e não algum outro tipo de “conhecimento unitivo” hiperbólico e, a rigor, autocontraditório, que não sei onde esse moleque pode ter encontrado nos meus escritos (a não ser que ele confunda o tipo de conhecimento a que me refiro em meus estudos de gnoseologia -- como por exemplo “Ser e Conhecer” -- com o conhecimento de Deus! Mas isto já seria loucura demais.) Na verdade, essa noção hipertrófica de conhecimento unitivo não se encontra nem mesmo na linha mestra do sufismo, a de Mohieddin Ibn Arabi, metafísico “da unidade absoluta” que, no entanto, proclama claramente que no ápice de todo conhecimento unitivo *subsiste a dualidade do fiel e de seu Senhor, unidos tão somente pelo vínculo do amor*. Exatamente como na visão de Sta. Teresa. Se essa visão é chamada “unitiva”, é no preciso sentido em que aqueles que se unem pelo amor são um só embora permaneçam existencialmente distintos. Tal é o motivo pelo qual, aliás, Teresa nesse instante diz a Jesus (não lembro se são precisamente as palavras textuais): “Tu és Aquele que é – eu sou aquela que não é” – declaração que afirma, ao mesmo tempo e inseparavelmente (“dialeticamente”, para horror do sr. Fedeli), a dualidade de criatura e Criador e a nulidade da criatura ante o Criador. Não há rigorosamente diferença nenhuma entre essa perspectiva e a de Ibn ‘Arabi, embora haja muita entre ambas e uma perspectiva gnóstico-herética (real ou suposta) na qual a “unidade” fosse interpretada como “identidade”.

Mas, como o Coelhoinho só conhece do sufismo o que lhe diz o sr. Fedeli, é possível que ele imagine que o sufismo é outra coisa.

(Num outro documento, o sr. Fedeli, querendo por toda lei lançar a pecha de herético sobre o esoterismo islâmico, reduz este ao ismaelismo, que é apenas uma seita dentro de uma seita (isto é, do shi’ismo) e nada tem a ver com as ordens sufis tradicionais, que o condenam explicitamente. Mas isto é assunto para outra ocasião.)

Quanto ao demônio, conhece apenas a *existência* de Deus, não sua *essência*, e como se viu acima é justamente a essência de Deus que os gnósticos pretendem conhecer.

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

Curioso. Então por que no sufismo o *hadith* do Profeta, “Meditai as qualidades, jamais a essência”, é considerado uma regra áurea da prática espiritual? (Por “qualidades”, entendem-se os 99 nomes de atributos de *Allah* que constam no Corão.)

Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: "Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de 'via de salvação' não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?" (Olavo de Carvalho, "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose.

Non sequitur: “se” não são vias de salvação, “portanto” levam ao inferno. Esse menino é mesmo um traslado fiel da lógica fedélica.

Aliás, Frithjof Schuon, que até muito recentemente o Sr. Olavo de Carvalho considerava "homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões" (*in O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308),

(considero ainda, mas, ao contrário de Fedelis e Felipes, compreendo a distinção entre respeitar um homem espiritual e ser seu discípulo)

trata a fé exatamente como o Sr. Olavo, como caminho para a gnose: "A Fé não poderá opor-se ao Conhecimento [de Deus, ou seja, a gnose] da qual é, ao contrário, como vimos, um modo iniciático..." (Frithjof Schuon, *Da Unidade Transcendente das Religiões*, Trad. Fernando Guedes Galvão, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1953, p. 184).

Completa distorção do sentido do texto de Schuon: “modo iniciático” não quer de maneira alguma dizer “caminho para a Gnose”, no sentido em que o caminho deve ser abandonado uma vez atingida a meta.

E, sobre a natureza do conhecimento gnóstico, o mesmo autor afirma: "Acrescentamos que no ponto de vista iniciático esta visão [a Visão Beatífica] pode, e deve até, obter-se ainda nesta vida..." (*ibid.*, p. 179). E ainda: "...até existem métodos para obter esta graça que equivale, em suma, a uma 'concretização' da 'visão beatífica'." (*ibid.*,

p. 157). (O Sr. Olavo deve lembrar-se de ter lido isto, pois, no parágrafo anterior a este último trecho citado, encontra-se detalhada por Schuon a comparação blasfema entre a Virgem Maria e Maomé que o Sr. Olavo resumiu em seu artigo "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2000). Registre-se ainda que, como tudo isso é condenado pela Igreja Católica, Schuon refere-se a Ela com total desprezo: "A Igreja latina, com seu idealismo sentimental e irrealista..." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 189).

Reconhecer na Igreja o seu elemento de idealismo sentimental e irrealista não é de maneira alguma "referir-se a Ela com total desprezo." Páginas e páginas de apologia da Igreja escritas por Schuon são aí suprimidas pela tesoura deixada nas mãos de um moleque.

Continuando, é notável que o Sr. Olavo de Carvalho confesse aqui não renegar nada do que escreveu antes de 1995, com exceção de seu artigo sobre a "gnose de Princeton". Isto significa que não renega o artigo citado pelo Prof. Fedeli em que apóia as doutrinas defendidas por Guénon em *O Demiurgo* (Cf. Olavo de Carvalho, "O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação", in *Revista Planeta*, nº 107, agosto de 1981, p. 17), doutrinas estas que se enquadram até naqueles seus quatro itens da gnose, feitos para mascarar a sua própria gnose.

Afinal, o Sr. Olavo de Carvalho confessa mais uma vez que é gnóstico. Abaixo vai o texto do Prof. Fedeli, seguido da mais atual confissão do Sr. Olavo de Carvalho, ao comentá-lo (o sublinhado é meu):

"Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a 'Tradição' primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico."

Até aqui o Prof. Orlando Fedeli. A seguir, a nova confissão de gnose de Olavo de Carvalho:

"A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, fácil de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedford, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

essencial do referido núcleo de princípios é um “gnóstico”, no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e por isto mesmo não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios."

Como já se viu, é precisamente da gnose que o Sr. Olavo reconhece defender, e não da heresia dos primeiros séculos, que o Prof. Orlando Fedeli o acusa. Ademais, já foi demonstrado pelo Prof. Fedeli que todos os especialistas no assunto consideram o gnosticismo (a heresia dos primeiros séculos) uma espécie do gênero gnose (substrato ou núcleo de várias heresias). O argumento do Sr. Olavo para negar este fato e defender a "boa gnose", por meio da alegação de que o gnosticismo seja um "falso conhecimento", é semelhante ao argumento dos comunistas -- que o Sr. Olavo de Carvalho tanto condena, e faz bem de condenar -- ao afirmarem que o "verdadeiro comunismo" permanece bom após as experiências genocidas de Stálin, Lênin, Mao e cia., pois estas seriam "falso comunismo"...

A comparação é simplesmente calhorda. O “bom comunismo” é apenas uma promessa jamais cumprida, ao passo que uma gnose sem qualquer comprometimento com a heresia existe há milênios. Nenhum historiador sério aceitou jamais a tese do sr. Fedeli, que identifica hinduísmo, budismo, islamismo, judaísmo etc. como o tronco geral de onde sai a espécie de gnosticismo conhecida nos primeiros séculos da era cristã. O sr. Fedeli é que, partindo da definição geral que os historiadores dão, a manipula e a aplica indevidamente a todas essas religiões, criando um elo hipotético entre elas e a gnose-heresia. Ao apelar à autoridade desses historiadores, o sr. Fedeli nada mais faz do que falsificar o sentido do que eles dizem, como falsifica o sentido dos meus textos.

O Sr. Olavo de Carvalho citou recentemente Hans Jonas como "o mais famoso historiador da gnose", numa breve nota na qual fala em "o rótulo de gnose (no sentido estrito de Hans Jonas)" (Olavo de Carvalho, nota a "A face oculta do mundialismo verde", de Pascal Bernardin, [in](http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm) <<http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm>>). Logo, o Sr. Olavo aceita que Hans Jonas usa gnose no sentido estrito, sentido que é condenado pela Doutrina Católica. Veja-se então o que diz Hans Jonas: "Na verdade, houve apenas alguns grupos cujos membros se denominaram expressamente 'gnósticos', 'os que conhecem'; mas já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranjer todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características.

1) Quem usa o termo gnose nesse sentido – que Sto. Irineu considera falso – é o sr. Fedeli, não eu. Sinceramente: essa manipulação de significados já passou de todos os limites do tolerável.

2) Que eu reconheça ser Jonas “o mais famoso historiador da gnose” não implica que eu use os termos no sentido que ele lhes dá.

3) De novo: onde foi que defendi o “conhecimento como meio de obter a salvação”?

Se, de um lado, não sou acusado de pregar a heresia dos primeiros séculos e, de outro, nunca preguei o “conhecimento como meio de obter a salvação”, então, pergunto de novo: de que raio de coisa afinal me acusam?

Neste sentido podemos falar de escolas, seitas e cultos gnósticos, de escritos e ensinamentos gnósticos, de mitos e especulações gnósticas, e mesmo de uma religião gnóstica em geral. Seguindo o exemplo dos autores antigos que primeiro estenderam o nome [gnose] para além da autocomposição de alguns grupos, não somos obrigados a parar onde parou seu conhecimento ou interesse polêmico, e podemos tratar o termo como um conceito classificatório, que se aplica onde quer que as propriedades definidoras estejam presentes.” (Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, 2nd edition, Beacon Press, Boston, 1991, p. 32, sublinhados meus).

Sim, mas uma propriedade definidora essencial – a tal “salvação pelo conhecimento” – está completamente ausente das minhas supostas “confissões”. Quantas vezes será preciso pedir a esses tenazes difamadores que provem esse ponto, que eles mesmos dizem essencial e de cuja demonstração vêm fugindo há mais de 160 páginas?

Não só os especialistas, mas também o já citado Frithjof Schuon, que faz a mesma distinção entre gnose e gnosticismo, admite que o gnosticismo pode ser chamado validamente de gnose -- e da gnose que defende! -- conforme cita-o o Prof. Fedeli em seu trabalho: “Se nós não 'reduzimos' o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, que se chamem de 'gnósticos' também os hereges designados convencionalmente por esse termo” (F. Schuon,

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

Comprendre l'islam, Ed. du Seuil, Paris, 1976, p. 137, nota 1; [apud Orlando Fedeli, A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho](#), [in](#) <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>>).

Manipulação de frases, de novo. Se Schuon admite que se use o termo gnóstico *também* para designar a heresia dos primeiros séculos cristãos, é óbvio que ele dá ao termo, em geral, outro sentido.

Ao mesmo tempo em que agora tenta se desvencilhar de Schuon, o Sr. Olavo de Carvalho aponta a obra principal de Whittall N. Perry como probante da doutrina herética do núcleo comum das religiões, que seria a "boa gnose". Justo este livro de Perry que o editor da revista guénoniana *Symbolos*, ao resenhá-lo, diz ser nada menos que "una especie de biblia schuoniana"! (Cf. Federico González, *in* <http://personal5.iddeo.es/jmrio/libfg26.htm>>). E ainda acrescenta: "Este libro es tomado como una enciclopedia casi sagrada de sabiduría por los estudiantes schuonianos de habla inglesa. (...) Sin entrar en la vida privada de nadie diremos que el mismo M. Koslow señala a Perry como el colaborador directo de Schuon y a su esposa como íntimamente allegada a su familia, con quien todo lo comparten; por lo que deben ser considerados como sus portavoces autorizados o los asociados más íntimos del suizo; incluso viven en casas vecinas." Aí está: Perry é porta-voz de Schuon, e o trabalho citado pelo Sr. Olavo como evidência para seu "ecumenismo radical" é nada menos que uma "bíblia schuônica". Além disso, o próprio nome da editora do livro de Perry, Perennial Books, é significativo e mostra sua ligação com a seita "perennialista" de Schuon. Acrescente-se ainda que o mesmo Perry afirma que este seu livro foi inspirado no desejo de Ananda Coomaraswamy, amigo de Guénon, de um dia ter uma suma do pensamento gnóstico, obviamente para se contrapor à *Suma Teológica*, de S. Tomás, pilar da Igreja Católica.

Característica aplicação do método fedélico: mil e tantas páginas de fatos concordantes reunidos no livro de Perry são impugnadas, num estalar de dedos, por meio de fofoquinhas sobre as ligações de família do autor! Mais ainda, o menino aí se revela um bom aprendiz do fabricante de "confissões" que lhe serve de guru. No texto referido, Perry não diz nada do que Felipe Coelho o faz dizer. Ele nem fala em "suma do pensamento gnóstico" nem manifesta qualquer intenção, muito menos uma intenção "óbvia", de "se contrapor à *Suma Teológica* de S. Tomás", da qual, bem ao contrário, vários textos são incluídos na coletânea.

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

Finalmente, o Sr. Olavo cita dois pretensos erros do Prof. Fedeli, que supostamente trocaria o sujeito de suas frases. Vejamos. No primeiro caso, Olavo afirma: "Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele 'cortou seu próprio pescoço' - e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço". Ora, em seu "Aviso 1" Olavo dissera: "Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedeli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel (sic). Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço". E isso não é uma ameaça? Se eu digo a alguém: "Você, ao me acusar, assinou sua própria sentença de morte", não o estou ameaçando? Por favor.

Nova manipulação, agora do sentido de uma figura de linguagem. O fato é que escrevo para pessoas que têm sensibilidade para as nuances de estilo, mas sempre me arrisco a ser lido por um Felipe Coelho qualquer, cuja cultura literária é a de quem escreve "entitular" em vez de "intitular" e "extenderam" em vez de "estenderam". Duas metáforas em contraponto, sobretudo se compostas de termos que designam um mesmo tipo de objetos e reforçadas por uma alusão literária, são obviamente complementares e têm de ser compreendidas uma em função da outra. À expressão de Léon Bloy, "cortar a língua", fazem *pendant*, quase na mesma linha, as minhas palavras "cortar o pescoço". É evidente que, se a primeira dessas expressões não promete nenhum dano físico, mas apenas desprover o adversário de sua força de agressão retórica, no mesmo sentido, *mutatis mutandis*, deve ser interpretada a segunda. Mais enfaticamente ainda, a expressão não anuncia que *eu* vá cortar o pescoço do sr. Fedeli, mas que este vai cortar seu próprio pescoço, o que, no contexto, quer dizer obviamente que vai fazer um suicídio argumentativo. Que se trata de uma alusão literária é coisa que se torna mais patente ainda pelo fato de que as mesmas palavras de Bloy já foram citadas como epígrafe de meu livro *O Imbecil Coletivo*. Para interpretar isso como ameaça de agressão física, mediante uma comparação descabida com uma sentença imaginária, é preciso uma dose extraordinária de má-fé, aliada à ignorância presunçosa e ao fanatismo cego – ou seja, tudo aquilo que esse menino aprendeu na escolinha do sr. Fedeli.

Nesses detalhes de interpretação é que se revela melhor o tipo de olhar – malicioso, perverso e delirante – com que essa gente lê os meus escritos.

Em contrapartida (veja-se o depoimento anexo de Amílcar Nadu), como haverá o garotinho de interpretar a ameaça fedélica de me "dar

06/11/2023, 18:42

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

um pau”, proferida oralmente e sem nenhuma alusão literária possível? Alegará que ela é “apenas um modo de dizer”, enquanto um elaborado jogo de metáforas deve ser interpretado segundo um literalismo grosso, malicioso e redutor?

E veja-se que o Sr. Olavo, em seu "Aviso 2", diz ainda que a denúncia do Prof. Fedeli "não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara". Para piorar, o segundo "erro" consegue ser ainda mais tolo, pois o Sr. Olavo afirma: "Digo que seus alunos estão assustados e perplexos - e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos". Reparem bem que foi exatamente isso que o Sr. Olavo disse em seu "Aviso 3" (os negritos e o sublinhado são meus): "Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a **dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus**, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a **tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los.**"

Novamente, distorção do sentido das minhas palavras, para produzir uma contradição que não existe. Não foi enquanto *meus* alunos que esses meninos puderam ser assustados pelo sr. Fedeli, e sim, obviamente, enquanto alunos *dele*. Aliás o próprio Felipe – o mais perplexo e assustadinho de todos, tão cioso de salvar sua alminha que por ela não hesita em jogar ao lixo as mais patentes verdades – já nem era mais meu aluno, mas, por polidez, fiz questão de tratá-lo como se ainda o fosse.

De qualquer forma, isto é uma questão de pouca importância; fundamental é que ficou provado que o Sr. Olavo de Carvalho não é Católico, nem judeu, nem muçulmano. É gnóstico.

Diante da qualidade de seus argumentos, não surpreende que o Sr. Olavo encha sua "defesa" de "adjetivos" ao Prof. Orlando Fedeli. A mim, quanto mais o Sr. Olavo de Carvalho desce o nível da discussão, mais lamento ter sido um dia seu aluno.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

12.07.2001

A mentira proferida em nome de Jesus e Maria, com fé e obstinação, é o caminho que o sr. Fedeli ensinou esse menino a trilhar.

06/11/2023, 18:42

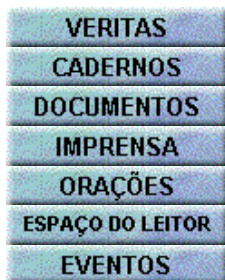
Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20050206112532/http://www.montfort.org.br:80/perg...>



Espaço do Leitor

[Perguntas & Respostas](#) | [Enviar dúvidas](#) | [Livro de Visitas](#) | [Assinar Boletim](#)

Carta ao leitor

Caro Olavo de Carvalho e caros colegas,

Em anexo vai minha segunda carta aberta, respondendo ao [espetáculo ridículo de ontem à noite](#). Depois dessa, não me resta mais nada a declarar, e apenas aguardarei o ponto final do Prof. Orlando Fedeli.

Coloco-me, entretanto, à disposição dos bem-intencionados para quaisquer esclarecimentos, e fico aberto a ouvir seus comentários. Além, é claro, de me dispor a enviar os textos que prometo em minha carta a quem os quiser.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

PS: Já que o Sr. Olavo de Carvalho brinca com meu nome, eu aproveito a deixa: "O coelho cavou para ver aonde iam as raízes do carvalho. Quando viu a que subterrâneas elas levavam, voltou à superfície e roeu o carvalho até mostrar que era oco."

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

1. As fontes olavianas

O Sr. Olavo de Carvalho, após reclamar tanto sobre "crítica de fontes" (e sem nenhuma base, pois o Prof. Orlando Fedeli, ao contrário do Sr. Carvalho, cita todas as suas fontes, com data de publicação, acrescentando inclusive que não foram revistas pelo autor, quando é o caso) agora vem atacar o Prof. Orlando Fedeli da seguinte forma:

1. por meio de uma conversa informal do Prof. Fedeli, num domingo à noite;
2. contada -- em verdade, bastante distorcida -- por um aluno do Sr. Olavo;
3. a partir não de uma gravação, mas de sua memória;
4. aluno este que julga o Prof. Fedeli após conversar com ele por poucas horas.

Só isso já basta para mostrar com quem se está lidando.

O Sr. Olavo de Carvalho, além de usar esta fonte "confiabilíssima", afirma: "...só foram para os braços do sr. Fedeli os dois ou três que tinham vindo de lá. Durante um tempo representaram o papel de meus alunos só para depois poderem encenar uma 'ruptura' escandalosa". E ainda: "Na verdade, essas pessoas jamais 'mudaram de posição'. Já chegaram falando da Associação Montfort (que então eu desconhecia) e oferecendo-se gentilmente para gravar as minhas aulas. Depois, desapareceram repentinamente, levando as gravações, e começaram a fazer contatos com os demais alunos meus para levá-los à Associação Montfort. Que é que posso supor diante disso, senão que vieram desde o início como agentes do sr. Fedeli e não como alunos?"

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

Prezado Amilcar, eu lhe pergunto sinceramente: há quanto tempo conhece o Cássio? E o Ronie? E o Rosano? Eles estão no "Seminário" do Sr. Olavo há 4 anos ou mais, e sempre foram alunos exemplares, ajudando nas transcrições e estudando a sério, como você. Você já havia ouvido eles falarem da Montfort ou do Prof. Orlando Fedeli antes da polêmica dos últimos meses? É claro que não, pois eles só conheceram o Prof. Fedeli no fim do ano passado e no começo deste ano. Eu mesmo, que os apresentei, conheci o Prof. Fedeli num curso dado na Montfort durante o carnaval de 2000, e só me converti mesmo meses depois. Não vou entrar em detalhes, mas eu me lembro de haver lhe contado isto, e o Sr. Olavo de Carvalho, assim como os alunos do Rio, sabiam disso muito bem, por meio da única correspondência que já troquei com eles, cuja resposta aliás estranhíssima motivou meu aprofundamento no assunto. Isso foi no meio do ano passado. E então, Amilcar, o que acha das acusações acima de seu professor, que você defende com tanta emoção?

Eu, me limitarei mais uma vez a comentar os absurdos que diz o Sr. Olavo, com esperança de esclarecer a você e aos poucos que ainda permanecem iludidos após as fartas evidências levantadas pelo Prof. Orlando Fedeli. (Você leu tudo, Amilcar? Inclusive o que diz Guénon no livro *O Demiurgo*, endossado por seu professor Olavo? Não posso acreditar.)

Registre-se ainda o flagrante desejo de mudar de assunto do Sr. Olavo, seja para o maometismo, o sufismo, a mística cristã, ou -- graças a Amilcar -- também à fofoca. De modo que comentarei somente os raros e fraquíssimos argumentos que o Sr. Olavo levantou, principalmente à minha carta aberta, que eu enviara ao Prof. Fedeli para ver se ele podia aproveitar algum argumento, mas que ele me recomendou publicar. Isto porque sua resposta final é tão definitiva -- como aliás já o foi, na verdade, seu trabalho, do qual o Sr. Olavo busca por todo modo desviar a atenção -- que seria vão ao Prof. Fedeli tratar de pontos periféricos como os de que tratei, em meus esforços de elucidar a questão mesmo àqueles que não a estudam direito e ficam esperando apenas quem vai falar por último.

Pois vejamos como o Sr. Olavo troca os pés pelas mãos.

2. A salvação pelo conhecimento

(a) Eu afirmo: "Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: 'Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de <<via de salvação>> não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?' (Olavo de Carvalho, 'Mensagem de Natal', *O Globo*, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose."

O Sr. Olavo finge que não viu a premissa oculta e apela ao sofisma: "Non sequitur: 'se' não são vias de salvação, 'portanto' levam ao inferno."

Olha, se alguém caiu nessa, merece mesmo passar o resto da vida pagando os R\$ 120,00 por aula do Sr. Olavo. Pois vejamos. Caso se tratasse de futebol, por exemplo, é óbvio que o fato de o futebol não ser uma via de salvação não significa que o futebol leve ao inferno, pois é possível gostar de futebol e ser também Católico. Mas o mesmo não se aplica às "religiões", pois ser judeu, maometano ou protestante implica necessariamente não pertencer à Igreja Católica, que é a única "via de salvação", como admite acima o próprio Sr. Olavo. Logo, como eu dissera, das duas uma: ou o Sr. Olavo admite que estas seitas levam ao inferno, ou então o Sr. Olavo é gnóstico. E alguém ainda tem dúvida?

(b) O senhor Olavo pede provas de que tenha pregado salvação pelo conhecimento. Fingindo que o item acima não basta, e que o trabalho do Prof. Fedeli não traz prova suficiente, restrinjo-me a uma e apenas uma citação:

"...a índole geral do meu pensamento filosófico, se inclui uma descrição apocalíptica do estado de coisas no mundo, por outro lado enfatiza fortemente o poder cognitivo da inteligência humana, a primazia da verdade e do bem, o **poder de salvação inerente à devoção intelectual**, etc. - e tudo isto infunde no aluno uma noção "otimista" do sentido da vida, de modo que ele pode chegar a esperar que sua vida pessoal já esteja dotada de sentido pelo simples fato de ele ter apreendido algo do sentido da vida em geral." (Olavo de Carvalho, "Considerações sobre o Seminário de Filosofia", 01.01.2000, negrito nosso, [apud Orlando Fedeli, A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho, VIII - 3, in <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>](http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html))

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

(c) Ainda sobre a salvação. Todos os padres dedicam, ou deveriam dedicar, a vida para salvar almas. Muitos leigos também o fazem. É um argumento bastante desesperado acusar alguém de pretender ser Jesus Cristo por ter dito que se dedica à salvação de almas. Evidentemente, só Deus salva, e seria ridículo dizer o contrário. Mas Deus salva os homens *por meio de outros homens*, ou seja, pela Igreja que fundou pessoalmente com esse fim. Não salva diretamente, como quer a gnose (inclusive protestante), e já se vê por este "argumento" quão pouco conhecimento tem o Sr. Olavo da Doutrina Católica e quão embebido de gnose ele está.

(d) Qualquer Católico não-romântico sabe que a heresia é um pecado pior que o assassinato, pois esta visa perder a alma alheia, enquanto o assassinato visa perder apenas a vida, de modo que todo esse escândalo só pode vir de gente muito materialista. S. Tomás o diz claramente na Suma Teológica (II - Ilae, q. X, a. III: "Se a infidelidade é o maior dos pecados"). Quanto a dizer que se pode ser "um pouco" gnóstico, sem ser herege, S. Tomás também o refuta em "Se o herético, que não crê num artigo de fé, pode ter fé informe nos outros" (II - Ilae, q. V, a. II). É claro que o Doutor Angélico responde a ambas as perguntas negativamente.

(e) Finalmente, se o Sr. Olavo admite agora que a "salvação pelo conhecimento" é o ponto central da "heresia gnóstica", por que será então que não o citou nos quatro itens de seu "aviso 2"?! Mistério...

3. Aprendendo a ler com Olavo de Carvalho

Hans Jonas, em quem o Sr. Olavo "mobile" já não confia mais, disse, conforme o citei:

"...já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome 'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características."

O Sr. Olavo comenta (o sublinhado é meu): "Quem usa o termo gnose nesse sentido - que Sto. Irineu considera falso - é o sr. Fedeli, não eu. Sinceramente: essa manipulação de significados já passou de todos os limites do tolerável."

Já passou dos limites mesmo! O "falsamente chamada assim" que Sto. Irineu acrescenta a "gnose" é para não deixar dúvidas de que o "conhecimento gnóstico" é uma ilusão, e não existe. Hans Jonas cita Sto. Irineu exatamente como precursor seu no uso do termo "gnose" para abranger não só a heresia dos primeiros séculos, mas quem quer que pregue estas doutrinas condenadas pela Igreja, que o Prof. Fedeli demonstrou serem defendidas pelo Sr. Olavo e seus gurus das mais diversas seitas.

Olha, se ninguém percebeu isso, não sou eu que vou ensinar os olavianos a ler. E, como se vê acima, tampouco o Sr. Olavo é capacitado para tanto.

4. Schunon apologista da Igreja Católica?

Schunon endossa a definição de Intelecto dada por Eckhart, condenada pela Santa Igreja (cf. <<http://www.cristiandad.org/magisterio9.htm>>): "Outra idéia que o exoterismo não admite é a da **imanência do Intelecto em todos os seres, Intelecto esse que mestre Eckhart definia como 'incriado e incriável'**. Esta verdade não se pode evidentemente integrar na perspectiva exotérica, não mais que a idéia da realização metafísica pela qual o homem toma consciência do que na realidade jamais deixou de ser, a saber: a identidade essencial com o Princípio Divino, o único que é real." (Frithjof Schunon, *A Unidade Transcendente das Religiões*, Publicações Dom Quixote, 1991, págs. 49-50. Negrito meu.)

Schunon endossa a tese de Eckhart de que Cristo não era substancialmente diferente dos homens, tese esta também condenada pela Igreja (tese 12, *loc. cit.*): "Propomo-nos agora mostrar em que consiste na verdade a diferença entre a manifestação crística e a maometana. Importa todavia sublinhar que tais diferenças dizem respeito apenas à manifestação dos homens de Deus, e não **à sua realidade interior e divina que é idêntica, e que mestre Eckhart enuncia nestes termos: 'Tudo o que a Sagrada Escritura afirma sobre Cristo verifica-se igualmente, na totalidade, em todo homem bom e divino'**, ou

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

seja, em todo homem que possua a plenitude da realização espiritual..." (ibid., p. 115, negritos meus.)

Parece até que Schuon cita Eckhart a partir das teses condenadas, e não de seus livros!

Schuon é tão descarado que chega ao ponto de citar integralmente a condenação de algumas de suas teses pelo Concílio Vaticano I, para a seguir zombar do "oportunismo da Igreja", que confia na razão, "incapaz de conciliar verdades (sic) antinômicas" (cf. Frithjof Schuon, *Stations of Wisdom*, World Wisdom Books, 1995, p. 64). Na verdade, Schuon zomba da Igreja Católica por crer "que o sim seja sim, e o não seja não", como ensina Nosso Senhor Jesus Cristo, que acrescenta: "o resto é coisa do diabo". Portanto, contra a conciliação das "verdades antinômicas" da gnose schuônica. A Igreja crê ainda que a razão é boa, é um dom de Deus, e não a "enfermidade" que é para gnósticos como Schuon:

"Disse-se que a razão é uma enfermidade, o que é justo se a compararmos à visão direta que é a Intellecção. A razão é uma enfermidade, mas a contingência também o é, embora não sob o seu aspecto positivo de adequação." (Frithjof Schuon, *A Unidade Transcendente das Religiões*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 146). E ainda: "...o Profeta [Maomé] é 'iletrado' (ummī), como o eram aliás os Apóstolos, puros da **mácula do saber humano ou de um saber humanamente adquirido.**" (ibid., p. 117, negrito meu). E mais: "...como se a razão, que não é fonte mas apenas intermediária do conhecimento transcendente, pudesse demonstrar fosse o que fosse..." (ibid., p. 14).

Caso alguém pergunte o que Schuon quis dizer acima com "aspecto positivo de adequação" da razão, ou então como é que alguém que se diz filósofo e posa de aristotélico pode estimar uma pessoa tão gnosticamente anti-racional, o próprio Schuon responde: "Quanto às idéias verdadeiras - isto é, as que sugerem, de forma mais ou menos implícita, aspectos da Verdade total e, conseqüentemente, a própria Verdade -, elas são, desse modo, chaves intelectuais e **não têm qualquer outra razão de ser:** são o que só o pensamento metafísico é capaz de atingir." (ibid., p. 18, negrito meu).

Sobre o que é isto que o pensamento "metafísico" quer alcançar, ver o trabalho do Prof. Fedeli. Por mera razão de documentação, acrescente-se as seguintes citações: "Por outras palavras, diríamos que na intuição intelectual não é o indivíduo enquanto tal que conhece, mas sim o indivíduo na sua essência, indistinto do seu Princípio Divino. Assim, também a certeza metafísica é absoluta em razão da identidade entre conhecedor e conhecido, no Intellecto." (ibid., pág. 12). "Não somos nós que conhecemos Deus; Deus é que se conhece em nós." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 24)

Eu pretendia até fazer um estudo extenso de Schuon, mas seria vergonhoso refutar doutrinariamente alguém já moralmente tão desqualificado: por um lado, o Prof. Fedeli cita trechos em que Schuon fundamenta sua imoralidade, no [capítulo VIII - 3](#) de seu trabalho; por outro, aos que ainda tiverem estômago para blasfêmias contra a Virgem e muita baixaria, vejam com cautela os frutos destas teses no "Dossiê Schuon", em <http://www.multimania.com/cret/schuon/schuon02.htm>.

5. Sufismo, islamismo, mística cristã, e outras mudanças de assunto

Quanto a estes assuntos periféricos, faço adiante apenas algumas notas, me comprometendo desde já a não mais tratar deles até o fim desta polêmica, cujo tema é outro.

(a) o Sr. Olavo diz que Ibn Arabi é místico como Santa Teresa, citando trecho do qual -- surpresa! -- não cita a fonte. Se as citações que o Prof. Fedeli faz de Ibn Arabi não bastam para provar o contrário (cf. cap. [IV - 3](#) de seu trabalho), disponho-me desde já a enviar por e-mail todo o "Tratado da Unidade" deste gnóstico, que se encontra em espanhol, a quem se interessar em analisá-lo com os próprios olhos.

(b) O Sr. Olavo diz ainda: "Mas, como o Coelho só conhece do sufismo o que lhe diz o sr. Fedeli, é possível que ele imagine que o sufismo é outra coisa." E depois: "Então por que no sufismo o *hadith* do Profeta, 'Meditai as qualidades, jamais a essência', é considerado uma regra áurea da prática espiritual? (Por 'qualidades', entendem-se os 99 nomes de atributos de *Allah* que constam no Corão.)".

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

Espero que esta adivinhação dos meus conhecimentos do sufismo não sejam baseadas num mapa astral que o Sr. Olavo porventura tenha feito da minha pessoa, pois neste caso seria mais uma prova do ridículo da astrologia. Limite-me mais uma vez a uma só citação, de um estudioso insuspeito, também da turma de Schuon (e nem vou perder tempo em perguntar qual o hadith em que o Sr. Olavo leu o que disse ter lido):

"A descrição do sufismo como 'esoterismo islâmico' refere-se diretamente ao conhecimento obtido por meio do desvelamento ou gnose... Ele [o mestre sufi Ghazali] define e descreve o desvelamento assim: 'O desvelamento é o conhecimento do domínio não-manifestado e é o objetivo de todas as ciências. (...) A ciência do desvelamento... consiste em uma luz que se torna manifesta dentro do coração quando o coração é limpadado e purificado de todo atributo culpável. Muitas coisas são desveladas por meio desta luz. Antes a pessoa ouvia os nomes destas coisas e imaginava sentidos vagos e obscuros. Agora se tornam iluminados. **A pessoa adquire o verdadeiro conhecimento da Essência de Deus...**" (William C. Chittick, *Faith and Practice of Islam: three 13th century sufi texts*, State University Press, 1992, p. 19. Negritos meus.)

E não vá agora o Sr. Olavo renegar também Ghazali, pois há pouco tempo o citou como exemplo de teólogo e místico persa. (cf. <http://www.erealizacoes.com.br/filosofia/seculo.htm>)

(c) E o Sr. Olavo, o que sabe de sufismo e de islamismo? Se foi o que ouviu de Lings, está em maus lençóis, pois Lings não é aceito nem entre os maometanos:

"A biografia do Sr. Lings do Profeta Maomé (sallallahu alaihi wa salam) baseia-se principalmente em fontes que, embora antigas, não são confiáveis; ex: 'Maghaazi', de Al-Waaqidi's, e 'Akhbaar Makkah', de Al-Azragi's. O primeiro está repleto de tradições fracas e forjadas, e seu autor, Al-Waaqidi, foi unanimemente considerado pelos principais especialistas de literatura hadith como alguém a ser rejeitado como narrador de tradições." (A. Idris Palmer, "Criticism Regarding Martin Lings' Biography of the Prophet", in <http://www.islaam.com/sunnah/martin.htm>)

(d) Para quem quiser se aprofundar na questão do maometismo, que não é o assunto desta polêmica, um artigo interessante e que diz muito sobre a qualidade das "traduções" do Corão é "Is Islam Genuine?", sobre os estudos do monge Bruno Bonnet-Evmard, já famoso por ter denunciado a fraude dos testes de carbono 14 feitos no Santo Sudário (in <http://www.geocities.com/Athens/Rhodes/3543/Islamgn.htm>). A tese de Bruno é pesada, e pode haver exageros, mas é bem fundamentada e cita toda a bibliografia básica sobre o assunto, inclusive o principal estudioso Católico do maometismo, Hanna Zakarias.

(e) O Sr. Olavo ainda se faz de desentendido e diz: "Num outro documento, o sr. Fedeli, querendo por toda lei lançar a pecha de herético sobre o esoterismo islâmico, reduz este ao ismaelismo, que é apenas uma seita dentro de uma seita (isto é, do shi'ismo) e nada tem a ver com as ordens sufis tradicionais, que o condenam explicitamente. Mas isto é assunto para outra ocasião."

O Prof. Fedeli mostra claramente, em seu trabalho ([cap. I - 3](#)) -- citando aliás o maior especialista no assunto, Henry Corbin, recomendado até pelo Sr. Olavo -- que o sufismo é shiismo disfarçado. E é gnóstico. O Sr. Olavo não sabe ler? Mais uma vez, parece que não.

6. Do conhecimento das pedras pelo "olho do sol" de Olavo de Carvalho

(a) Caro Amílcar, você já leu o texto "O Conceito de Alquimia", de 1996, de seu querido professor? Ou também este texto lhe foi ocultado? Eu me disponho a enviá-lo por e-mail a você, e a quem mais se interessar em estudá-lo. Pois veja que o que o Sr. Olavo diz nele sobre o conhecimento é exatamente o que você achou que ele não dizia:

"Ou seja, **deve haver um ponto no seu corpo que seja suficientemente central para que conhecendo-o por dentro, você conheça o centro do planeta Terra e a constituição interna da matéria. Por isso que eu digo que a coisa deve ser tomada em sentido forte: deve haver algum modo de conscientizar o seu próprio corpo, um certo ângulo de visão, no qual o centro de seu corpo coincida estruturalmente com o centro da estrutura da matéria mesmo.** E também com o centro do planeta Terra. Você vai ao interior do seu corpo, e lá você vai encontrar não somente o núcleo central do funcionamento do seu corpo, mas também a constituição mais íntima da matéria em geral. E do próprio planeta Terra. Enquanto não fizer isso, a coisa não está realizada. (...) **Aluna: Mas, cada um tem o**

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

seu centro ou ele é igual para todo mundo? Prof: As duas coisas são verdadeiras.
(Olavo de Carvalho, *O Conceito de Alquimia*, Terceira Aula, 16/01/96, negritos e sublinhados meus).

E não venha o Sr. Olavo, que ensina alquimia pela internet (cf. *Revista Alquimia Digital*, <<http://alquimia.vila.bol.com.br/medicamento/index.html>>), dizer que não crê em nada disso, que falava das crenças de outrem. Pois afirma no mesmo curso esotérico: "...em alquimia não existe uma distinção rígida entre teoria e prática; ela já é uma disciplina prática desde seu começo. Desde o momento em que você apreende as primeiras noções de alquimia, já está metido nela até o pescoço. Em astrologia e em outras ciências esotéricas essa distinção existe, mas aqui não. Na alquimia, a partir do momento que você começa a formar os primeiros conceitos, já está penetrando num certo mundo simbólico, num certo modo de pensar e de ver que *já é* o terreno propriamente dito da prática alquímica." (Olavo de Carvalho, *O Conceito de Alquimia*, Primeira Aula, 09/01/96, sublinhado meu).

(b) E digo mais. O Sr. Olavo, para não ficar atrás de seus companheiros de gnose, também inventou seu próprio nome para a partícula divina (e não é "vovozinha"...): trata-se de "Olho do Sol", que como qualquer aluno seu sabe, é o título de seu esperado *magnum opus* sobre "ser e conhecer".

Segundo René Guénon -- que Olavo de Carvalho ainda chama de guru (cf. <<http://www.olavodecarvalho.org/links.htm>>) -- o "Sol" é no simbolismo religioso equivalente ao "Coração", ambos significando o "centro do ser", "a sede da inteligência", "da inteligência pura... e não da razão", "do intelecto transcendente". (cf. René Guénon, *Os Símbolos da Ciência Sagrada*, Ed. Pensamento, 1993, p. 363-377). E o tal "Olho do Sol", ou "Olho do Coração" -- termo usado recentemente pelo Sr. Olavo de Carvalho (no último parágrafo de "A Tensão Inevitável", *Revista Bravo!*, #44, maio de 2001, p. 25) -- é seu amigo Martin Lings quem o explica:

"O aspecto distintivo do Homem Primordial é que ele possuía tanto uma natureza supra-humana como uma natureza humana; e o homem ainda retém virtualmente, nas profundezas de seu ser, a necessidade de transcender sua humanidade, de se movimentar 'rio-acima', contra a corrente, e restabelecer a conexão entre a alma, que é humana, e o Coração, que é divino. Todas as religiões [a Católica não!] compartilham a doutrina dos três mundos, os mundos do Espírito, da alma e do corpo. A alma e o corpo, o psíquico e o corporal, compõem o que é comumente chamado de 'este mundo'. O mundo do Espírito, cujo portal é o Coração, transcende totalmente este mundo, estando além do alcance de qualquer faculdade humana. A faculdade supra-humana que está entronizada no Coração, e que constitui o meio de conexão entre a alma e o Espírito é, como vimos, o que nossos antepassados chamavam de Intelecto. No Hinduísmo, esta faculdade da visão transcendente é representada em estátuas e outras formas de arte sacra por um terceiro olho, colocado no meio da testa. No Cristianismo e no Islã, esta faculdade é chamada de 'Olho do Coração'..." (Martin Lings, *Sabedoria Tradicional e Superstições Modernas*, Polar, São Paulo, 1998, p. 51-52).

Para quem se interessar, está neste mesmo livro de Lings a explicação da bizarra teoria dos "ciclos" e dos "mitos fundadores" do Sr. Olavo de Carvalho. E também desta história hilária de "evitar a fragmentação da consciência", que parece remédio contra esquizofrenia, mas que no fundo é, como mostra Lings, mais uma tese gnóstica. Você já leu este livrinho, tão fácil de achar, Amilcar?

7. Conclusão

A polêmica é sobre a gnose de Guénon e Carvalho. As provas já foram publicadas, cabe a cada um analisar seu conteúdo por si próprio. Seria tolice continuar respondendo a tantas mudanças de assunto. Ficou claro aqui que, sem argumentos, o Sr. Olavo só insulta e faz distinções sofisticadas, além de não falar uma palavra sobre Guénon nem sobre sua doutrina "ecumênica radical". Assim, não pretendo continuar a refutá-lo, e ele perderá seu tempo se insistir com seus joguinhos tolos.

O Prof. Orlando Fedeli volta de viagem no domingo, quando colocará um ponto final neste circo, e o Sr. Olavo não precisará mais se esconder por trás de seu aluno. A resposta do Prof. Fedeli já está pronta, e eu garanto que não há mais o que dizer depois dela. Só espero ter sido digno, nestas duas cartas, de seus ensinamentos, e da Santa Igreja Católica, que ele me ensinou a amar e defender.

Quem tiver olhos para ver, que veja. Quem não tiver, é porque quer ser iniciado... ou já foi.

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

17.07.2001

Publicamos a resposta do Sr Olavo de Carvalho, para que nossos leitores possam tomar conhecimento de todos os documentos deste debate, embora protestemos contra o caráter injurioso e pessoal do texto daquele senhor.

Os leitores, lendo a nota ofensiva e doutrinariamente nula do Sr. Olavo de Carvalho, poderão avaliar a diferença de dignidade, e de seriedade no trato da questão, entre os dois debatedores.

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

<<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli5.htm>>

**Olavo de
Carvalho**

Esse menino, Felipe Coelho, andou freqüentando meus cursos e ali cumpriu seu papel de alcoviteiro a serviço de seu guru Orlando Fedeli, acreditando que com isto alcançaria a salvação da alma. Por isto julguei conveniente publicar aqui mais esta sua fofoca eletrônica, distribuída em 15 de julho de 2001 a seus ex-colegas do Seminário de Filosofia. Não imagine o leitor que o signatário entre na peleja como alguém que, tendo-a observado de longe e com neutralidade, finalmente toma partido. Se fosse isso, sua opinião poderia até valer alguma coisa, e essa é a impressão que ele talvez procure dar aqui, mas desde o início este garoto foi o principal instrumento de ação do sr. Fedeli, tendo na sua folha de serviços alguns notáveis feitos de difamação bem conhecidos de seus ex-colegas. Sem grave imprecisão ele poderia até declarar: “Orlando Fedeli, c’est moi.” Esta mensagem, de fato, não é a primeira. É apenas a seqüência do renitente assédio de e-mails com que os agentes do sr. Fedeli cercam meus alunos, a mando dele, no intuito declarado de tirá-los do Seminário de Filosofia e levá-los àquilo que ele imagina ser o céu. O empreendimento não obteve grande êxito, pois só foram para os braços do sr. Fedeli os dois ou três que tinham vindo de lá. Durante um tempo representaram o papel de meus alunos só para depois poderem encenar uma “ruptura” escandalosa. No ambiente de cursos livres, em São Paulo, “operações” desse tipo são coisa endêmica, mas, por mais que as veja repetir-se desde a década de 70, não me acostumo com elas, e sempre me pegam desprevenido. Segue, pois, a amostra, com alguns comentários meus em vermelho. - O. de C.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de
Carvalho, sobre sua gnose

Felipe Coelho

Enquanto meu professor, Orlando Fedeli, não comenta o último protesto do Sr. Olavo de Carvalho contra a denúncia de sua gnose, eu, Felipe Coelho, Católico, ex-aluno deste último, comentarei brevemente alguns pontos de sua tentativa de resposta, intitulada "Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli".

O texto do Prof. Orlando Fedeli, como o próprio título indica, não trata apenas do Sr. Olavo de Carvalho, mas também de René Guénon, de modo que o Sr. Olavo não deveria ter ficado tão lisonjeado com sua extensão. O que o Prof. Fedeli de fato fez foi aproveitar a deixa para dar uma mini-aula de gnose, a partir dos "quatro itens da gnose" do "Aviso 2" do Sr. Olavo, com o objetivo principal de esclarecimento dos alunos deste que porventura sejam ou possam vir a ser Católicos.

A incapacidade de distinguir sentido reto e oblíquo é característica do leitor enlouquecido pelo ódio e pelo medo. A lisonja a que me referi foi dita cum grano salis, mas a sutileza escapou tanto a Fedeli quanto ao fedelho.

Acrescente-se ainda uma citação do próprio Sr. Olavo de Carvalho corroborando este procedimento: "Não discuti com eles em meu livro nem vou fazê-lo agora, porque vigarice (intelectual ou qualquer outra) é coisa que não se discute: vigarice se denuncia, e pronto" (Olavo de Carvalho, "Por uma Esquerda Melhorzinha", in O Imbecil Coletivo, 2ª ed., Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, p. 390). Foi o que fez o Prof. Fedeli: desafiado, denunciou e provou a gnose de Guénon e Carvalho.

Chegamos assim ao cerne da questão: afinal, do que o Sr. Olavo de Carvalho está sendo acusado? É óbvio que não é de ser um seguidor das doutrinas de Valentino, Basilides, do gnosticismo dos primeiros séculos.

Há aí duas definições da Gnose. Uma, a do gnosticismo dos primeiros séculos, corresponde a um fenômeno histórico definido e a uma heresia condenada pela Igreja. A outra, a de uma Gnose em sentido amplíssimo que abrange praticamente todas as expressões espirituais e religiosas não cristãs (e mesmo as cristãs que apresentem algum parentesco mesmo remoto com elas), é um conceito interpretativo possível, mas a Igreja nem subscreve esse conceito nem emitiu jamais qualquer decreto que condenasse como herética a entidade hipotética aí definida. Logo, sou acusado de que?

(Um terceiro conceito possível de gnose é o de Voegelin. O gnosticismo ou gnose, aí, corresponde a um fenômeno histórico contínuo, especificamente ocidental, cuja evolução se estende desde o gnosticismo dos primeiros séculos até as ideologias totalitárias do século XX. Este conceito, que me parece o único razoável, obviamente exclui do âmbito da gnose-heresia as tradições orientais que o sr. Fedeli nela inclui.)

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

O próprio estudo do Prof. Fedeli mostra a gnose presente no sufismo, na cabala, no hinduísmo, e em vários autores de diversas origens apontados pelo Sr. Olavo como grandes homens espirituais, ficando claro portanto que a acusação não é de pregar a heresia cristã dos primeiros séculos.

Sempre a confusão entre a “presença” de elementos soltos e a identidade da forma total.

A insistência do Sr. Olavo neste ponto tão evidente é no mínimo estranha. É óbvio também que não se trata de "gnose" como mero sinônimo de "conhecimento", pois neste caso não haveria razão para se utilizar o primeiro termo em vez do segundo.

Falsificação do sentido de minhas palavras. Uso em geral gnose para designar o conhecimento especificamente espiritual e não como sinônimo de conhecimento em geral; e gnosticismo para designar o fenômeno apontado na definição de Voegelin. Quando quero me referir ao gnosticismo dos primeiros séculos, uso mais freqüentemente “heresia gnóstica”. Se o sr. Fedeli e seu fiel escudeiro consentissem em interpretar meus termos no sentido que estes têm nos meus textos, e não naqueles que sua própria imaginação projeta sobre eles, tudo ficaria mais claro. Mas isso não serve para quem só pretenda jogar lama na água e tirar proveito da confusão.

A gnose de que o Sr. Olavo de Carvalho é acusado é uma modalidade de conhecimento específica: trata-se da doutrina herética do conhecimento direto e unitivo de Deus pelo homem - ou melhor, por aquilo que haveria de divino no interior do homem -, realizado por meio de uma intuição que eliminaria a distinção entre sujeito cognoscente e objeto conhecido - entre o homem, o mundo e Deus -, pois no fundo só Deus existe, e tudo que há de individual é ilusório.

É absurdo o Sr. Olavo querer dizer que Santa Teresa tinha este tipo de conhecimento de Deus quando lhe aparecia Nosso Senhor. É claro que, ao vê-Lo, ela permanecia Teresa, e Ele, Jesus.

Ora, se citei o exemplo da visão de Sta. Teresa é porque é precisamente esse tipo de conhecimento que tenho em vista ao falar de gnose, e não algum outro tipo de “conhecimento unitivo” hiperbólico e, a rigor, autocontraditório, que não sei onde esse moleque pode ter encontrado nos meus escritos (a não ser que ele confunda o tipo de conhecimento a que me refiro em meus estudos de gnoseologia -- como por exemplo “Ser e Conhecer” -- com o conhecimento de Deus! Mas isto já seria loucura demais.) Na verdade, essa noção hipertrófica de conhecimento unitivo não se encontra nem mesmo na linha mestra do sufismo, a de Mohieddin Ibn Arabi, metafísico “da unidade absoluta” que, no entanto, proclama claramente que no ápice de todo conhecimento unitivo subsiste a dualidade do fiel e de seu Senhor, unidos tão somente pelo vínculo do amor. Exatamente como na visão de Sta. Teresa. Se essa visão é chamada “unitiva”, é no preciso sentido em que

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

aqueles que se unem pelo amor são um só embora permaneçam existencialmente distintos. Tal é o motivo pelo qual, aliás, Teresa nesse instante diz a Jesus (não lembro se são precisamente as palavras textuais): “Tu és Aquele que é – eu sou aquela que não é” – declaração que afirma, ao mesmo tempo e inseparavelmente (“dialeticamente”, para horror do sr. Fedeli), a dualidade de criatura e Criador e a nulidade da criatura ante o Criador. Não há rigorosamente diferença nenhuma entre essa perspectiva e a de Ibn ‘Arabi, embora haja muita entre ambas e uma perspectiva gnóstico-herética (real ou suposta) na qual a “unidade” fosse interpretada como “identidade”.

Mas, como o Coelho só conhece do sufismo o que lhe diz o sr. Fedeli, é possível que ele imagine que o sufismo é outra coisa.

(Num outro documento, o sr. Fedeli, querendo por toda lei lançar a pecha de herético sobre o esoterismo islâmico, reduz este ao ismaelismo, que é apenas uma seita dentro de uma seita (isto é, do shi’ismo) e nada tem a ver com as ordens sufis tradicionais, que o condenam explicitamente. Mas isto é assunto para outra ocasião.)

Quanto ao demônio, conhece apenas a existência de Deus, não sua essência, e como se viu acima é justamente a essência de Deus que os gnósticos pretendem conhecer.

Curioso. Então por que no sufismo o hadith do Profeta, “Meditai as qualidades, jamais a essência”, é considerado uma regra áurea da prática espiritual? (Por “qualidades”, entendem-se os 99 nomes de atributos de Allah que constam no Corão.)

Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: "Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de 'via de salvação' não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?" (Olavo de Carvalho, "Mensagem de Natal", O Globo, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose.

Non sequitur: “se” não são vias de salvação, “portanto” levam ao inferno. Esse menino é mesmo um traslado fiel da lógica fedélica.

Aliás, Frithjof Schuon, que até muito recentemente o Sr. Olavo de Carvalho considerava "homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões" (in O Jardim das Aflições, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308),

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

(considero ainda, mas, ao contrário de Fedelis e Felipes, compreendo a distinção entre respeitar um homem espiritual e ser seu discípulo)

trata a fé exatamente como o Sr. Olavo, como caminho para a gnose: "A Fé não poderá opor-se ao Conhecimento [de Deus, ou seja, a gnose] da qual é, ao contrário, como vimos, um modo iniciático..." (Frithjof Schuon, Da Unidade Transcendente das Religiões, Trad. Fernando Guedes Galvão, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1953, p. 184).

Completa distorção do sentido do texto de Schuon: “modo iniciático” não quer de maneira alguma dizer “caminho para a Gnose”, no sentido em que o caminho deve ser abandonado uma vez atingida a meta.

E, sobre a natureza do conhecimento gnóstico, o mesmo autor afirma: "Acrescentamos que no ponto de vista iniciático esta visão [a Visão Beatífica] pode, e deve até, obter-se ainda nesta vida..." (ibid., p. 179). E ainda: "...até existem métodos para obter esta graça que equivale, em suma, a uma 'concretização' da 'visão beatífica'." (ibid., p. 157). (O Sr. Olavo deve lembrar-se de ter lido isto, pois, no parágrafo anterior a este último trecho citado, encontra-se detalhada por Schuon a comparação blasfema entre a Virgem Maria e Maomé que o Sr. Olavo resumiu em seu artigo "Mensagem de Natal", O Globo, 23.12.2000). Registre-se ainda que, como tudo isso é condenado pela Igreja Católica, Schuon refere-se a Ela com total desprezo: "A Igreja latina, com seu idealismo sentimental e irrealista..." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 189).

Reconhecer na Igreja o seu elemento de idealismo sentimental e irrealista não é de maneira alguma “referir-se a Ela com total desprezo.” Páginas e páginas de apologia da Igreja escritas por Schuon são aí suprimidas pela tesoura deixada nas mãos de um moleque.

Continuando, é notável que o Sr. Olavo de Carvalho confesse aqui não renegar nada do que escreveu antes de 1995, com exceção de seu artigo sobre a "gnose de Princeton". Isto significa que não renega o artigo citado pelo Prof. Fedeli em que apóia as doutrinas defendidas por Guénon em O Demiurgo (Cf. Olavo de Carvalho, "O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação", in Revista Planeta, nº 107, agosto de 1981, p. 17), doutrinas estas que se enquadram até naqueles seus quatro itens da gnose, feitos para mascarar a sua própria gnose.

Afinal, o Sr. Olavo de Carvalho confessa mais uma vez que é gnóstico. Abaixo vai o texto do Prof. Fedeli, seguido da mais atual confissão do Sr. Olavo de Carvalho, ao comentá-lo (o sublinhado é meu):

"Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a 'Tradição' primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo,

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas católico-judeu-islâmico."

Até aqui o Prof. Orlando Fedeli. A seguir, a nova confissão de gnose de Olavo de Carvalho:

"A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, fácil de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedford, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um "gnóstico", no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e por isto mesmo não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios."

Como já se viu, é precisamente da gnose que o Sr. Olavo reconhece defender, e não da heresia dos primeiros séculos, que o Prof. Orlando Fedeli o acusa. Ademais, já foi demonstrado pelo Prof. Fedeli que todos os especialistas no assunto consideram o gnosticismo (a heresia dos primeiros séculos) uma espécie do gênero gnose (substrato ou núcleo de várias heresias). O argumento do Sr. Olavo para negar este fato e defender a "boa gnose", por meio da alegação de que o gnosticismo seja um "falso conhecimento", é semelhante ao argumento dos comunistas -- que o Sr. Olavo de Carvalho tanto condena, e faz bem de condenar -- ao afirmarem que o "verdadeiro comunismo" permanece bom após as experiências genocidas de Stálin, Lênin, Mao e cia., pois estas seriam "falso comunismo"...

A comparação é simplesmente calhorda. O "bom comunismo" é apenas uma promessa jamais cumprida, ao passo que uma gnose sem qualquer comprometimento com a heresia existe há milênios. Nenhum historiador sério aceitou jamais a tese do sr. Fedeli, que identifica hinduismo, budismo, islamismo, judaísmo etc. como o tronco geral de onde sai a espécie de gnosticismo conhecida nos primeiros séculos da era cristã. O sr. Fedeli é que, partindo da definição geral que os historiadores dão, a manipula e a aplica indevidamente a todas essas religiões, criando um elo hipotético entre elas e a gnose-heresia. Ao apelar à autoridade desses historiadores, o sr. Fedeli nada mais faz do que falsificar o sentido do que eles dizem, como falsifica o sentido dos meus textos.

O Sr. Olavo de Carvalho citou recentemente Hans Jonas como "o mais famoso historiador da gnose", numa breve nota na qual fala em "o rótulo de gnose (no sentido estrito de Hans Jonas)" (Olavo de Carvalho, nota a "A face oculta do mundialismo verde", de Pascal Bernardin, in <<http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm>>). Logo, o Sr. Olavo aceita que Hans Jonas usa gnose no sentido estrito, sentido que é condenado pela Doutrina Católica. Veja-se então o que diz Hans Jonas: "Na verdade, houve apenas alguns grupos cujos membros se denominaram expressamente

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

'gnósticos', 'os que conhecem'; mas já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome 'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características.

1) Quem usa o termo gnose nesse sentido – que Sto. Irineu considera falso – é o sr. Fedeli, não eu. Sinceramente: essa manipulação de significados já passou de todos os limites do tolerável.

2) Que eu reconheça ser Jonas “o mais famoso historiador da gnose” não implica que eu use os termos no sentido que ele lhes dá.

3) De novo: onde foi que defendi o “conhecimento como meio de obter a salvação”?

Se, de um lado, não sou acusado de pregar a heresia dos primeiros séculos e, de outro, nunca preguei o “conhecimento como meio de obter a salvação”, então, pergunto de novo: de que raio de coisa afinal me acusam?

Neste sentido podemos falar de escolas, seitas e cultos gnósticos, de escritos e ensinamentos gnósticos, de mitos e especulações gnósticas, e mesmo de uma religião gnóstica em geral. Seguindo o exemplo dos autores antigos que primeiro estenderam o nome [gnose] para além da autocomposição de alguns grupos, não somos obrigados a parar onde parou seu conhecimento ou interesse polêmico, e podemos tratar o termo como um conceito classificatório, que se aplica onde quer que as propriedades definidoras estejam presentes." (Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, 2nd edition, Beacon Press, Boston, 1991, p. 32, sublinhados meus).

Sim, mas uma propriedade definidora essencial – a tal “salvação pelo conhecimento” – está completamente ausente das minhas supostas “confissões”. Quantas vezes será preciso pedir a esses tenazes difamadores que provem esse ponto, que eles mesmos dizem essencial e de cuja demonstração vêm fugindo há mais de 160 páginas?

Não só os especialistas, mas também o já citado Frithjof Schuon, que faz a mesma distinção entre gnose e gnosticismo, admite que o gnosticismo pode ser chamado validamente de gnose -- e da gnose que defende! -- conforme cita-o o Prof. Fedeli em seu trabalho: “Se nós não 'reduzimos' o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, que se chamem de 'gnósticos' também os hereges designados convencionalmente por esse termo” (F. Schuon, *Comprendre l’Islam*, Ed. du Seuil, Paris, 1976, p. 137, nota 1; apud Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista"* de René Guénon e Olavo de Carvalho, in <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>).

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

Manipulação de frases, de novo. Se Schuon admite que se use o termo gnóstico também para designar a heresia dos primeiros séculos cristãos, é óbvio que ele dá ao termo, em geral, outro sentido.

Ao mesmo tempo em que agora tenta se desvencilhar de Schuon, o Sr. Olavo de Carvalho aponta a obra principal de Whittall N. Perry como probante da doutrina herética do núcleo comum das religiões, que seria a "boa gnose". Justo este livro de Perry que o editor da revista guénoniana Symbolos, ao resenhá-lo, diz ser nada menos que "una especie de biblia schuoniana"! (Cf. Federico González, in <<http://personal5.iddeo.es/jmrio/libfg26.htm>>). E ainda acrescenta: "Este libro es tomado como una enciclopedia casi sagrada de sabiduría por los estudiantes schuonianos de habla inglesa. (...) Sin entrar en la vida privada de nadie diremos que el mismo M. Koslow señala a Perry como el colaborador directo de Schuon y a su esposa como íntimamente allegada a su familia, con quien todo lo comparten; por lo que deben ser considerados como sus portavoces autorizados o los asociados más íntimos del suizo; incluso viven en casas vecinas." Aí está: Perry é porta-voz de Schuon, e o trabalho citado pelo Sr. Olavo como evidência para seu "ecumenismo radical" é nada menos que uma "bíblia schuônica". Além disso, o próprio nome da editora do livro de Perry, Perennial Books, é significativo e mostra sua ligação com a seita "perennialista" de Schuon. Acrescente-se ainda que o mesmo Perry afirma que este seu livro foi inspirado no desejo de Ananda Coomaraswamy, amigo de Guénon, de um dia ter uma suma do pensamento gnóstico, obviamente para se contrapor à Suma Teológica, de S. Tomás, pilar da Igreja Católica.

Característica aplicação do método fedélico: mil e tantas páginas de fatos concordantes reunidos no livro de Perry são impugnadas, num estalar de dedos, por meio de fofoquinhas sobre as ligações de família do autor! Mais ainda, o menino aí se revela um bom aprendiz do fabricante de "confissões" que lhe serve de guru. No texto referido, Perry não diz nada do que Felipe Coelho o faz dizer. Ele nem fala em "suma do pensamento gnóstico" nem manifesta qualquer intenção, muito menos uma intenção "óbvia", de "se contrapor à Suma Teológica de S. Tomás", da qual, bem ao contrário, vários textos são incluídos na coletânea.

Finalmente, o Sr. Olavo cita dois pretensos erros do Prof. Fedeli, que supostamente trocaria o sujeito de suas frases. Vejamos. No primeiro caso, Olavo afirma: "Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele 'cortou seu próprio pescoço' - e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço". Ora, em seu "Aviso 1" Olavo dissera: "Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedeli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel (sic). Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço". E isso não é uma ameaça? Se eu digo a alguém: "Você, ao me acusar, assinou sua própria sentença de morte", não o estou ameaçando? Por favor.

Nova manipulação, agora do sentido de uma figura de linguagem. O fato é que escrevo para pessoas que têm

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

sensibilidade para as nuances de estilo, mas sempre me arrisco a ser lido por um Felipe Coelho qualquer, cuja cultura literária é a de quem escreve “entitular” em vez de “intitular” e “extenderam” em vez de “estenderam”. Duas metáforas em contraponto, sobretudo se compostas de termos que designam um mesmo tipo de objetos e reforçadas por uma alusão literária, são obviamente complementares e têm de ser compreendidas uma em função da outra. À expressão de Léon Bloy, “cortar a língua”, fazem pendant, quase na mesma linha, as minhas palavras “cortar o pescoço”. É evidente que, se a primeira dessas expressões não promete nenhum dano físico, mas apenas desprover o adversário de sua força de agressão retórica, no mesmo sentido, mutatis mutandis, deve ser interpretada a segunda. Mais enfaticamente ainda, a expressão não anuncia que eu vá cortar o pescoço do sr. Fedeli, mas que este vai cortar seu próprio pescoço, o que, no contexto, quer dizer obviamente que vai fazer um suicídio argumentativo. Que se trata de uma alusão literária é coisa que se torna mais patente ainda pelo fato de que as mesmas palavras de Bloy já foram citadas como epígrafe de meu livro O Imbecil Coletivo. Para interpretar isso como ameaça de agressão física, mediante uma comparação descabida com uma sentença imaginária, é preciso uma dose extraordinária de má-fé, aliada à ignorância presunçosa e ao fanatismo cego – ou seja, tudo aquilo que esse menino aprendeu na escolinha do sr. Fedeli.

Nesses detalhes de interpretação é que se revela melhor o tipo de olhar – malicioso, perverso e delirante – com que essa gente lê os meus escritos.

Em contrapartida (veja-se o depoimento anexo de Amilcar Nadu), como haverá o garotinho de interpretar a ameaça fedélica de me “dar um pau”, proferida oralmente e sem nenhuma alusão literária possível? Alegará que ela é “apenas um modo de dizer”, enquanto um elaborado jogo de metáforas deve ser interpretado segundo um literalismo grosso, malicioso e redutor?

E veja-se que o Sr. Olavo, em seu "Aviso 2", diz ainda que a denúncia do Prof. Fedeli "não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara". Para piorar, o segundo "erro" consegue ser ainda mais tolo, pois o Sr. Olavo afirma: "Digo que seus alunos estão assustados e perplexos - e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar os meus alunos". Reparem bem que foi exatamente isso que o Sr. Olavo disse em seu "Aviso 3" (os negritos e o sublinhado são meus): "Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los."

06/11/2023, 18:43

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

Novamente, distorção do sentido das minhas palavras, para produzir uma contradição que não existe. Não foi enquanto meus alunos que esses meninos puderam ser assustados pelo sr. Fedeli, e sim, obviamente, enquanto alunos dele. Aliás o próprio Felipe – o mais perplexo e assustadinho de todos, tão cioso de salvar sua alminha que por ela não hesita em jogar ao lixo as mais patentes verdades – já nem era mais meu aluno, mas, por polidez, fiz questão de tratá-lo como se ainda o fosse.

De qualquer forma, isto é uma questão de pouca importância; fundamental é que ficou provado que o Sr. Olavo de Carvalho não é Católico, nem judeu, nem muçulmano. É gnóstico.

Diante da qualidade de seus argumentos, não surpreende que o Sr. Olavo encha sua "defesa" de "adjetivos" ao Prof. Orlando Fedeli. A mim, quanto mais o Sr. Olavo de Carvalho desce o nível da discussão, mais lamento ter sido um dia seu aluno.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

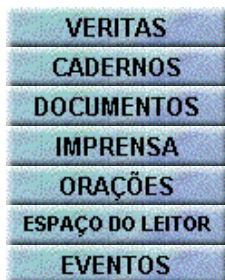
12.07.2001

A mentira proferida em nome de Jesus e Maria, com fé e obstinação, é o caminho que o sr. Fedeli ensinou esse menino a trilhar.

[Home](#) | [Veritas](#) | [Cadernos Montfort](#) | [Documentos da Igreja](#)
[Destaques da Imprensa](#) | [Orações](#) | [Espaço do leitor](#)

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20050206112928/http://www.montfort.org.br:80/perg...>



Espaço do Leitor

[Perguntas & Respostas](#) | [Enviar dúvidas](#) | [Livro de Visitas](#) | [Assinar Boletim](#)

Carta ao leitor

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

Prezados senhores,

Ontem à noite, 24.07.2001, enviei ao jornal O Globo minha terceira carta sobre a polêmica Fedeli X Carvalho, desta vez em resposta ao artigo do Sr. Olavo de Carvalho publicado no último sábado neste jornal, intitulado "[Gnósticos e revolucionários](#)" (<http://oglobo.globo.com/colunas/olavo.htm>).

Meu artigo, que agora envio em anexo a todos você, chama-se "Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho". Nele, respondo também ao recente "[Adendo ao Aviso Número 3](#)", publicado no site do Sr. Olavo em 22.07.2001, que também envio junto com esta mensagem.

Por fim, para nada esconder dos interessados neste debate, transcrevo abaixo a resposta que recebi do jornal O Globo, seguida da mensagem que eu lhes enviara introduzindo meu artigo e pedindo sua publicação.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

* * *

Prezado Sr. Felipe Coelho:

Em atenção ao senhor e contrariando nossas normas (conforme está explicado em nosso aviso de recebimento), abri o seu arquivo anexado. Mas acontece que o seu texto é impublicável na seção Cartas dos Leitores por ser muito extenso.

Sugiro que o senhor reenvie o texto não como uma resposta a Olavo Carvalho, mas sim como a explanação de suas idéias. Desta maneira, poderei encaminhá-lo ao editor da página sete, na qual o senhor poderá ter a oportunidade de ter um espaço.

Por gentileza, não se esqueça de informar suas credenciais e o endereço e telefone, que é outra de nossas normas.

Atenciosamente,

Ana Dalva Faria
Editora Cartas dos Leitores

-----Mensagem original-----

De: Felipe Coelho

Enviada em: quinta-feira, 26 de julho de 2001 00:37

Para: Cartas - O GLOBO

Assunto: Carta ao Sr. Editor sobre o último artigo de Olavo de Carvalho

Prezado Sr. Editor,

06/11/2023, 18:44

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

Venho à presença de V. Sa. pedir a publicação da carta que envio em anexo a esta mensagem. Trata-se de uma resposta minha ao artigo publicado em O Globo no último sábado, dia 21/07/2001, de autoria do Sr. Olavo de Carvalho, intitulado "Gnósticos e revolucionários".

A razão de meu pedido está no fato de que este último artigo do Sr. Olavo de Carvalho se insere no contexto de uma polêmica entre ele e o Prof. Dr. Orlando Fedeli, que vem sendo travada nos últimos seis meses e que se encontra transcrita nos sites de ambos (<<http://www.olavodecarvalho.org/>> e <<http://www.montfort.org.br/>>).

O uso do jornal O Globo pelo Sr. Olavo de Carvalho para responder ao Prof. Orlando Fedeli e a mim, sem nos mencionar, foi um expediente bem pouco louvável, e os leitores de O Globo têm o direito de saber o que está ocorrendo e a quem de fato o Sr. Olavo de Carvalho se refere no artigo em questão.

Para comprová-lo, transcrevo a seguir um e-mail enviado a mim pelo Sr. Olavo de Carvalho, no dia 17/07/2001, em resposta à carta que eu lhe mandara no mesmo dia, carta esta que se encontra publicada na internet ("[Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas](http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html)", (<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html>):

"X-Sender:
X-Mailer: QUALCOMM Windows Eudora Light Version 3.0.6 (32)
Date: Tue, 17 Jul 2001 19:03:25 -0300
To: Felipe Coelho
From: Olavo de Carvalho
Subject: Re: Segunda carta aberta de Felipe Coelho

Felipe,

Você é apenas um menino idiota. Deixa-se enganar por aparências verbais e opina em assuntos que estão muito acima da sua compreensão. Leia meu próximo artigo em O Globo e saberá para quem está trabalhando.

Olavo de Carvalho"

É por esta razão que peço a publicação de minha resposta, resumindo a polêmica aos leitores e refutando o artigo do Sr. Olavo de Carvalho. Gostaria que ela não fosse editada, muito menos pela tesoura do Sr. Olavo de Carvalho, por motivos óbvios. Caso isso não seja possível, peço-lhes que ao menos registrem o endereço no qual esta minha carta-resposta logo será integralmente publicada, como já o foram as anteriores: <http://www.montfort.org.br/>.

Desde já coloco-me à disposição de qualquer esclarecimento (meu e-mail é <xxx [vide nota 1](#)>), agradecendo a atenção a mim concedida.

Cordial saudação,
Felipe Coelho.

[Nota 1 do webmaster: devido à política de privacidade do site Montfort não divulgamos emails pessoais]

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

Felipe Coelho

1. Resumo da polêmica

Infelizmente, o Sr. Olavo de Carvalho não me deixa escolha senão intervir pela terceira vez neste debate, devido a seus últimos absurdos. Faço-o sob protesto, pois ainda estou esperando uma resposta pública do Sr. Olavo a minha carta anterior ("[Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas](http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html)", 17.07.2001, <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html>>).

Começemos resumindo brevemente a polêmica.

O Sr. Olavo de Carvalho defende que todas as religiões têm um núcleo comum. Baseia-se principalmente nos estudos de Frithjof Schuon e Seyyed Hossein Nasr, todos discípulos de René Guénon. A este núcleo, tanto ele quanto seus gurus dão o nome de gnose. A definição dada a esta "gnose" (o núcleo das "tradições") por estes autores das "religiões comparadas" coincide em gênero, número e grau com a definição dada ao "gnosticismo" (a heresia cristã) pelos maiores especialistas no assunto. Logo, este "núcleo das religiões" -- defendido pelo Sr. Olavo e pela turma de Schuon -- é a gnose condenada pela Igreja Católica, e seus defensores são gnósticos também na "acepção tradicional do termo".

O Prof. Orlando Fedeli não só demonstrou esta coincidência de definições em seu trabalho, como também analisou o CONTEÚDO das doutrinas defendidas tanto pelo Sr. Olavo de Carvalho quanto pelos "grandes homens espirituais" que o Sr. Olavo recomenda, mostrando seu caráter herético e gnóstico e sua oposição à Doutrina Católica. Tudo isso com farta documentação (Cf. Orlando Fedeli, ["Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho](http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html), <<http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>>).

Assim, acabou a polêmica, restando aos interessados a análise das provas apresentadas. Para desviá-los deste empreendimento, o Sr. Olavo de Carvalho tem feito de tudo desde então para mudar de assunto, principalmente tentando confundir a definição de "gnose", visando persuadir os leitores a não analisarem o CONTEÚDO das doutrinas denunciadas pelo Prof. Orlando Fedeli, que mostra inequivocamente sua oposição à Doutrina Católica.

2. A equação da fuga enrOlávica: 3 avisos + 1 nota + 3 insultos + 3 artigos + 1 adendo = zero

O Sr. Olavo de Carvalho, desde a última resposta do Prof. Orlando Fedeli e sem que eu tenha escrito mais nada neste íterim, redigiu nada menos que 4 (quatro) artigos sobre o assunto, totalizando 7 (sete) desde o trabalho do Prof. Fedeli. Para bom entendedor, só isso já basta para evidenciar a incapacidade do Sr. Olavo de digerir seu desmascaramento e dar uma resposta adequada. O próprio Sr. Olavo de Carvalho já perdeu a noção de quando escreveu o quê, pois em seu último enrolavo ("[Adendo\[!\] ao Aviso 3\[!\]](http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm)", <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm>>) o Sr. Olavo já começa errando:

"No meu *Aviso Número 3*, aponte as quatro características essenciais da heresia gnóstica, pedindo ao sr. Fedeli que demonstrasse a presença de qualquer uma delas nos meus escritos". Ora, as "quatro características essenciais da heresia gnóstica" foram enumeradas e explicitadas pelo Sr. Olavo de Carvalho em seu "Aviso 2", e não no "Aviso 3", que somente faz breve alusão a elas. O Sr. Olavo escreve com tanta raiva que nem a si mesmo cita corretamente, tal é a sua confusão. Depois ainda reclama que alguém "conheça seu pensamento melhor do que ele próprio"...

Aproveito que o Sr. Olavo de Carvalho tenha tocado nos seus famigerados "4 itens" para lhe refazer as perguntas irrespondidas de minha última carta (*loc. cit.*): por que a "salvação pelo conhecimento" não está incluída entre estes 4 itens "fundamentais" (nem nos 3 desenvolvimentos secundários), se o próprio Sr. Olavo admitiu posteriormente ser esta a característica essencial do gnosticismo (cf. Olavo de Carvalho, "[Mensagem do Sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados](http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli5.htm)", <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli5.htm>>)? Vai ver não estava na enciclopédia da qual o Sr. Olavo agora admite ter copiado. Esta flagrante contradição deixa claro que o Sr. Olavo de Carvalho simplesmente não sabia, ou fingiu não saber, qual é a característica essencial do gnosticismo. Além disso, por que não houve resposta também aos dois itens de minha última carta (2-a e 2-b) que provam a

06/11/2023, 18:44

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

presença desta característica essencial do gnosticismo (o conhecimento salvífico) no próprio Sr. Olavo de Carvalho?

Como se vê, assim não dá para debater: por um lado, o Sr. Olavo publica uma nova resposta a cada dia (ou duas no mesmo dia!), tentando mudar de assunto; por outro, suas múltiplas respostas pulam despididamente os argumentos que não lhe convêm e as perguntas que ele não tem como responder, como foi visto no parágrafo anterior.

3. Olavo de Carvalho: elevada moral ou cara-de-pau?

Por caridade para com os confusos, resta apenas dissipar a cortina de fumaça que o Sr. Olavo ergue para se encobrir daquilo que já está mais do que provado: que tanto ele quanto seus gurus são gnósticos. Assim, tratemos dos erros e jogos de espelhos do Sr. Olavo de Carvalho em seus últimos 4 (quatro) artigos.

Antes de passarmos ao principal, que é o pedido frustrado de socorro do Sr. Olavo de Carvalho a Eric Voegelin, vejamos de passagem dois "argumentos" espantosos do Sr. Olavo em sua mais recente bravata, o "[Adendo ao Aviso 3](#)" (mal consigo conter o riso cada vez que escrevo este título).

(a) O Sr. Olavo chama o Prof. Fedeli de "criminoso" por ter praticado o expediente "ilícito" de citar uma aula dada pelo Sr. Olavo que: 1. foi gravada por alunos dele, Olavo; 2. foi transcrita fielmente por alunos dele, Olavo; 3. foi enviada ao Sr. Olavo há mais de dois anos; 4. foi publicada no *site* dele, Olavo, onde aliás se encontra até hoje (cf. Olavo de Carvalho, "[Críticas e Conselhos à Igreja Católica](#)", aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, São Paulo, 06.06.1998, Bloco 8, *sem revisão do autor*, in <<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTML/000053-2.html>>).

Qual seria então o suposto "crime"? O fato de que a aula ainda não foi revisada pelo Sr. Olavo, algo que o próprio Prof. Fedeli faz questão de sublinhar, ao citá-la. Como se vê, não há "crime" algum, e foi aliás um recurso pertinente à discussão, para demonstrar a diferença entre os ensinamentos "exotéricos" e "esotéricos" do Sr. Olavo. O que causa perplexidade é que o Sr. Olavo de Carvalho venha fazer esta acusação menos de uma semana após ter escrito um artigo comentando extensamente uma fofoca de um aluno seu sobre o Prof. Fedeli, com distorções gritantes, da qual não há sequer gravação! (Cf. Olavo de Carvalho, "[O método de aliciamento do Sr. Orlando Fedeli](#)", in <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli4.html>>). A contradição é tamanha, que mostra mais uma vez o estado lastimável em que o trabalho do Prof. Orlando Fedeli deixou o pretense "filósofo", ao se ver encurralado por acusações irrespondíveis.

(b) O Sr. Olavo de Carvalho cita um breve artigo sobre gnose do Prof. Orlando Fedeli, tirando a seguir conclusões apressadas: "Se, fugindo de novo aos conceitos claros, ele repetir sua alegação de que '*a Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo*', e de que '*quando se estuda a gnose entra-se num labirinto cheio de brumas, tentando descobrir segredos que permitirão chegar a um mistério. Não é de estranhar que o tema se preste a confusões*' (2), terei o direito de lhe perguntar como, em boa lógica, uma noção tão nebulosa pode ser aplicada a um caso particular de maneira tão categórica e indiscutível." E na nota (2): "Orlando Fedeli, '[Gnose: religião oculta da história](#)', em <<http://www.montfort.org.br/>>."

Já de cara, note-se que o primeiro trecho citado simplesmente não se encontra no artigo mencionado! Além disso, a conclusão tirada pelo Sr. Olavo é descabida, pois o segundo trecho citado está no começo do artigo do Prof. Fedeli, e logo a frase seguinte a ele diz: "É pois necessário estabelecer distinções", ao que se segue uma descrição -- tão rigorosa quanto permite o espaço de um artigo de jornal -- do fenômeno gnóstico. Depois dessa, não surpreende que o Sr. Olavo não cite direito o *link* do artigo que comenta (Citemos por ele: Orlando Fedeli, "[Gnose: Religião Oculta da História](#)", in <<http://www.montfort.org.br/veritas/gnose.html>>). Mas não sejamos tão rigorosos: talvez se trate apenas de um "equivoco" devido à falta de costume do Sr. Olavo de citar suas fontes...

Assim chegamos ao nome recorrente dos últimos apelos do Sr. Olavo de Carvalho: Eric Voegelin.

4. Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

(a) Quem era e no que acreditava Eric Voegelin

Limitemo-nos por ora apenas aos dados biográficos relevantes à questão aqui tratada, que é a oposição entre Catolicismo e gnose.

Quanto à fé de Eric Voegelin, dois estudiosos a descrevem, o primeiro dos quais amigo do Sr. Olavo de Carvalho, e o segundo recomendado por um *link* no *site* do Sr. Olavo:

"Avaliado por critérios de obediência a qualquer confissão cristã, [Voegelin] seria heterodoxo, dada a sua visão da Igreja visível e a sua afirmação de que os dogmas são uma forma secundária de fé. Aliás, criticou publicamente as Igrejas cuja moralidade arrogante as leva a perseguir povos de culturas não-cristãs; teria dúvidas em impor uma adesão obrigatória ao dogma; não participava da vida sacramental de qualquer Igreja; e talvez considerasse que o discurso filosófico se deve calar acerca da fé íntima." (Mendo Castro Henriques, "Ser ou Não Ser Cristão", *in A Filosofia Civil de Eric Voegelin*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1994, p. 170). "Neste ponto, todos se perguntarão sobre o caráter da fé religiosa de Voegelin. Ele se intitulava [entitled] um 'Cristão pré-Reforma' e um 'humanista Cristão', mas ele não era membro de nenhuma congregação. Ele dizia que assim como a história da filosofia era a história de seu descarrilamento, o mesmo acontecia com a religião Cristã." (Bill McClain, "Advice for those who want to read Eric Voegelin", <<http://www.salamander.com/~wmccclain/ev-advice.html>>). Há quem testemunhe, porém, que Voegelin era luterano, embora não muito fervoroso (cf. <[http://www.salamander.com/~wmccclain/ev-remembered.html#church membership - peter bertocci.html](http://www.salamander.com/~wmccclain/ev-remembered.html#church%20membership%20-%20peter%20bertocci.html)>).

Eric Voegelin aponta como suas principais influências, tanto em seu interesse sobre o gnosticismo quanto no desenvolvimento de seus estudos sobre o tema, os jesuítas agostinianos Hans Urs von Balthasar e Henry de Lubac, que o "fascinaram" (cf. Eric Voegelin, *Autobiographical Reflections*, Louisiana State University Press, 1989, p. 25). Ambos são notórios modernistas, e a relação entre gnose, romantismo e modernismo não é nenhuma novidade. O primeiro, aliás, crê na apocatástasia, doutrina segundo a qual todos acabam sendo salvos no fim das contas, inclusive o diabo. Que ninguém se surpreenda, pois a crítica à gnose feita por gnósticos também não é nenhuma novidade: já Plotino, pai das heresias gnósticas neoplatônicas, tem um célebre livro contra os gnósticos.

É evidente que a maioria dos historiadores respeitáveis de gnose não são Católicos, e este fato inclusive os torna insuspeitos. O problema é quando pretendem se opor ao gnosticismo e se fingem de defensores da Igreja Católica: neste caso, sim, todo cuidado é pouco.

De qualquer forma, o que quer que se pense de Voegelin e suas teses, o propósito dos itens abaixo é mostrar o quanto o Sr. Olavo de Carvalho interpreta erroneamente este estudioso, ao lhe pedir socorro, de modo que Eric Voegelin, na verdade, acaba contribuindo para comprovar ainda mais a gnose olaviana, como se verá a seguir.

(b) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho sobre gnose e gnosticismo

Segundo Eugene Webb (*in Eric Voegelin: Philosopher of History*, University of Washington Press, Seattle, Washington, 1981, p. 282; *apud* Bill McClain, "Dictionary of Voegelian Terminology", <<http://www.salamander.com/~wmccclain/ev-dictionary.html>>), Eric Voegelin define gnose e gnosticismo da seguinte forma (o negrito é meu):

"*Gnose* - Conhecimento. Originalmente um termo geral em grego para conhecimento de vários tipos. Depois, especialmente com o movimento gnóstico do começo da era Cristã, **uma pretensa visão ou apreensão direta e imediata da verdade, sem necessidade de reflexão crítica; o dom especial de uma elite espiritual e cognitiva.** Segundo Voegelin, a alegação de gnose pode tomar forma intelectual, emocional e volitiva."

"*Gnosticismo* - Um tipo de pensamento que alega ter absoluto domínio cognitivo sobre a realidade. Dependente de uma alegação de gnose, o gnosticismo considera seu conhecimento não sujeito a crítica. Como um movimento religioso ou semi-religioso, o gnosticismo pode tomar a forma transcendentalizante (como no caso do movimento gnóstico da antiguidade tardia) ou a forma imanentizante (como no caso do marxismo)."

Partindo destas duas definições, vê-se que Voegelin admite, contra Olavo de Carvalho, que o gnosticismo é espécie do gênero gnose. Para Voegelin -- assim como para o Prof. Orlando Fedeli e para todos os estudiosos sérios e não baseados em verbete de enciclopédia -- o gnosticismo é um movimento que alega possuir a gnose, esta sim definida como "pretensa visão ou apreensão direta e imediata da verdade, sem necessidade de reflexão crítica; o dom de uma elite espiritual ou cognitiva". É por alegarem ter a gnose, assim definida, que várias heresias, inclusive o gnosticismo, são condenadas pela Igreja Católica.

Sem significar que se concorde com a divisão que Voegelin faz da gnose, o fato é que para ele tanto a versão "transcendentalizante" quanto a "imanentizante" são ambas formas de gnose. E, como se viu pela definição que Voegelin dá à gnose, trata-se precisamente da doutrina condenada pela Igreja Católica. O "gnosticismo moderno" (as ideologias nazista e comunista) condenado tanto por Eric Voegelin como por Olavo de Carvalho é apenas um ramo da gnose, a saber: o que Voegelin chama de "imanentizante". E isso nos traz ao item seguinte.

(c) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho sobre a gnose das outras "religiões"

O Sr. Olavo de Carvalho diz que a invasão do gnosticismo sobre as outras "tradições", devastando-as, ocorreu apenas nos últimos séculos (por meio do comunismo, por exemplo, no caso da China): "O gnosticismo, assim compreendido, não é só uma revolta contra o catolicismo em particular, mas contra toda visão tradicional da ordem social como expressão da ordem divina da alma e do cosmos. A transformação de uma corrente esotérica em poderoso movimento de massas que dominou a história dos dois últimos séculos observou-se principalmente no Ocidente, em razão das guerras religiosas que, a partir do século XVI, romperam a unidade da sociedade cristã e eliminaram a religião como poder público, instituindo o moderno Estado leigo que, erigido sobre um vácuo espiritual, acabou por se revelar impotente para resistir à invasão dos movimentos gnósticos de massa. Refluindo para o Oriente, esses movimentos devastaram ali as religiões tradicionais (ortodoxa, judaica, budista, confuciana e islâmica, principalmente), manifestando da maneira mais patente a sua natureza universalmente antiespiritual e não apenas anticatólica em especial." (Olavo de Carvalho, "[Gnósticos e revolucionários](#)", *O Globo*, 21.07.2001).

Como se viu, este gnosticismo de que fala o Sr. Olavo é segundo Voegelin apenas o do tipo chamado por ele de "imanentizante". O "transcendentalizante", que segundo Voegelin também tem a gnose condenada pela Igreja Católica, já infestava as "religiões" há tempos. Eric Voegelin afirma aliás a origem comum da gnose cristã (a heresia dos primeiros séculos) e da gnose das outras "religiões" (o "esoterismo", a "boa gnose" olaviana). Eis o que diz Voegelin, condenando o que afirma o Sr. Olavo:

"Ademais, além da gnose cristã, havia ainda uma gnose judaica, uma gnose pagã e uma gnose muçulmana. Muito provavelmente, a origem comum de todos esses ramos de gnose deve ser buscada no tipo experiencial básico que prevaleceu **na área pré-cristã da civilização siríaca.**" (Eric Voegelin, "Gnosticismo - A Natureza da Modernidade", *in A Nova Ciência da Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, 2ª edição, p. 96, negrito meu).

Fingindo que esta última citação, por si só, já não é suficiente para liquidar toda a defesa olaviana baseada em Eric Voegelin, acrescento ainda o seguinte:

Que o Sr. Olavo de Carvalho sempre tenha falado bem do cabalista luterano Jacob Boehme, não é novidade, e muito recentemente ele o coloca lado a lado com Sta. Teresa, que já havia sido comparada pelo mesmo autor ao sufi gnóstico Ibn Arabi: "Nas últimas décadas de vida, Aldous Huxley adotou decididamente uma escala de valores 'selvagem'. Mergulhou nos estudos das literaturas sapienciais e místicas, adquirindo uma antevisão daquilo que Frithjof Schuon viria a chamar 'unidade transcendente das religiões', tão diferente do ecumenismo burocrático de hoje quanto as visões de Sta. Teresa ou Jacob Boehme diferiam da leitura de uma circular da CNBB." (Olavo de Carvalho, "Prefácio", 26.03.2001, *in Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo*, São Paulo, Editora Globo, 2001).

Ora, Eric Voegelin afirma que Boehme é continuador do gnosticismo: "Eu descobri que a continuidade do gnosticismo desde a antiguidade até o período moderno era uma questão de consenso entre os melhores estudiosos do século XVIII e começo do XIX. Gostaria de mencionar a grande obra de Ferdinand Christian Baur sobre *Die christliche Gnosis; oder, die christliche Religionsphilosophie in ihrer geschichtlichen Entwicklung* de 1835. Baur desvelou a história do gnosticismo desde a gnose original da antiguidade,

06/11/2023, 18:44

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

passando pela Idade Média, e indo direto até a filosofia da religião de Jakob Böhme, Schelling, Schleiermacher e Hegel." (cf. Eric Voegelin, *Autobiographical Reflections*, Louisiana State University Press, 1989, p. 66).

Eric Voegelin aponta ainda João Escoto Erígena como origem do gnosticismo moderno: "Uma data apropriada para o início formal [da modernidade gnóstica] seria a ativação do antigo gnosticismo através de Escoto Erígena no século IX, porque sua obra, bem como a de Pseudo-Dionísio Areopagita, por ele traduzida, exerceram influência contínua sobre as seitas gnósticas clandestinas, antes que elas viessem à superfície nos séculos XII e XIII." (Eric Voegelin, "Gnosticismo - A Natureza da Modernidade", in *A Nova Ciência da Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, 2ª edição, p. 97).

Ora, Seyyed Hossein Nasr, no livro de religiões comparadas recomendado recentemente pelo Sr. Olavo de Carvalho (cf. Olavo de Carvalho, *O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308), coloca Erígena na lista dos representantes da "boa gnose" (o núcleo comum das "religiões" defendido pelo Sr. Olavo). Nasr declara que "a afirmação de Erígena permanece de singular importância na dimensão sapiencial da tradição cristã", e também que este herege fez uma "majestosa declaração de gnose cristã" (Cf. Seyyed Hossein Nasr, *Knowledge and the Sacred*, State University of New York Press, 1989, p. 20).

Por tudo isso, fica claro que o gnosticismo de que trata Eric Voegelin e a gnose que é núcleo das religiões para Olavo de Carvalho e Seyyed Hossein Nasr, alunos de Frithjof Schuon, são uma só e a mesma coisa. Assim, fica provado pela milésima vez que "gnosticismo = gnose".

Sobre este particular, acrescente-se ainda, de novo apenas por documentação, o comentário do estudioso da gnose Dr. Stephen A. Hoeller, que ocupa atualmente o posto de Bispo da Igreja Gnóstica, que já foi de René Guénon: "A divisão que os Tradicionalistas [os guénonianos] fazem entre 'falsos gnósticos' e 'verdadeiros gnósticos' reflete parâmetros que são totalmente arbitrários." (Stephen A. Hoeller, "What is a Gnostic?", in <<http://www.webcom.com/~gnosis/whatisgnostic.htm>>).

(d) Eric Voegelin refuta o "argumento" central do artigo de Olavo de Carvalho para O Globo

Por fim, não passa de uma tola apelação sentimental o "argumento" que o Sr. Olavo dá para provar que todas as "tradições" são "boazinhas": "Ora, essas religiões não-católicas são precisamente aquelas que, segundo a caricatura extremista da teoria de Voegelin, constituiriam, mediante uma aliança com o materialismo militante, o outro braço da revolução gnóstica voltada contra a Igreja Católica. Se elas fossem realmente isso, então restaria explicar por que, em vez de coordenar-se num assalto conjunto a Roma, elas escolheram primeiro destruir-se a si mesmas." (Olavo de Carvalho, "Gnósticos e revolucionários", O Globo, 21.07.2001).

Mais uma vez, para infelicidade do Sr. Olavo de Carvalho, Eric Voegelin o refuta, dando aliás um exemplo que será bastante interessante tanto ao Sr. Olavo quanto a alguns de seus alunos que posam de Católicos tradicionalistas ao mesmo tempo em que escrevem artigos defendendo o liberalismo mais descarado: "Os símbolos intelectuais elaborados pelos vários tipos de imanentistas freqüentemente são conflitantes, assim como **os vários tipos de gnósticos se opõem uns aos outros**. É fácil imaginar a indignação de um liberal humanista se lhe dissermos que seu particular de imanentismo é um passo na estrada que leva ao marxismo." (Eric Voegelin, "Gnosticismo - A Natureza da Modernidade", in *A Nova Ciência da Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, 2ª edição, p. 95, negrito meu).

(e) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho sobre a fé

Como contribuição ao desmascaramento das estapafúrdias enrolavices sobre fé, seguem-se duas citações de Voegelin sobre a maneira gnóstica de encarar a fé, que é exatamente a do Sr. Olavo de Carvalho, segundo seus recentes artigos sobre o tema (cf. Orlando Fedeli, "O esperneamento hidrófobo de Olavo de Carvalho", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/guennon5.html>>; e também sua próxima resposta, que será publicada ainda esta semana em <<http://www.montfort.org.br/>>):

"A tentativa de imanentizar o significado da existência é basicamente um esforço para obter um domínio sobre nosso conhecimento da transcendência maior do que o propiciado pela *cognitio fidei*, a cognição da fé; e as experiências gnósticas oferecem esse maior domínio na medida em que constituem uma expansão da alma até o ponto

06/11/2023, 18:44

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

em que Deus é trazido para dentro da experiência do homem." (Eric Voegelin, *op. cit.*, p. 95). E ainda: "...os homens que recorrem a essas experiências divinizam-se ao substituir a fé, no sentido cristão, por formas mais concretas de participação na essência divina." (*Ibid.*, p. 95).

5. Nossa Senhora das Mercês

Por ora, paro por aqui, pagando para ver até onde chegará o Sr. Olavo de Carvalho em sua defesa desesperada. Como se vê, ele está bem confundido.

Rogando a Nossa Senhora das Mercês -- patrona da ordem Mercedária, que libertava os escravos do jugo islamita -- que livre a todos da escravidão de todas as formas de gnose, seja sufi, hinduísta, budista ou qualquer outra, me despeço,

In Jesu et Mariae,

Felipe Coelho.

23.07.2001

Adendo ao Aviso Número 3

<<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm>>

Olavo de Carvalho

No meu *Aviso Número 3*, aponte as quatro características essenciais da heresia gnóstica, pedindo ao sr. Fedeli que demonstrasse a presença de qualquer uma delas nos meus escritos. O sr. Fedeli, com aquele estilo bufão de adolescente despeitado, a que infalivelmente o homem que não sabe escrever recorre quando quer parecer irônico, fugiu da cobrança respondendo que eu, em vez de recorrer a fontes fidedignas como aquelas em que ele se respalda, havia tirado essas informações de alguma "enciclopédia popular tipo Barsa ou do *Tesouro da Juventude*". Bem, o fato é que as tirei da *Routledge Encyclopaedia of Philosophy*, da qual nenhum estudioso sério diria essas coisas, e que dá como fontes, entre outras dez ou doze, aquelas mesmas duas que o sr. Fedeli mais enfatuadamente ostenta: R. M. Grant, *Gnosticism, An Anthology*, London, Collins, 1961, e Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, Boston, MA, Beacon Press, 1958.

Eu poderia ter apelado diretamente a Grant, a Jonas ou a qualquer outro, mas preferi a *Routledge* para me esquivar de controvérsias de detalhe entre especialistas e me ater a uma média aceitável no consenso acadêmico, que essa enciclopédia, hoje a obra-padrão no gênero, precisamente representa.

Foi de propósito que omiti a referência bibliográfica, para testar se o meu interlocutor seria prudente o bastante para admitir a boa fé das minhas alegações ou se, animado pela falta de uma referência visível, arriscaria a sorte num blefe de cobrança erudita, esperando me pegar de calças na mão.

O sr. Fedeli, mais que depressa, escolheu o blefe, mostrando o espírito perverso e malicioso que o anima.

Também foi premeditadamente que me limitei a mencionar as características da gnose antiga, por saber que da moderna, tal como descrita por Eric Voegelin, minha distância é tão grande que a simples tentativa de me associar a ela cairia por terra, instantaneamente, como pura invencionice difamatória.

Bem, como o mais trêfego porta-voz do sr. Fedeli é o primeiro a proclamar que a acusação de gnosticismo levantada contra mim não se referia à gnose antiga, e sim à moderna, não custa nada esclarecer em quê, afinal, esta consiste.

Eric Voegelin, em *Science, Politics and Gnosticism*, assim resume "as seis características que, tomadas em conjunto, revelam a natureza da atitude gnóstica".

Primeira. "O gnóstico está insatisfeito com a sua situação."

Segunda. "Os males da situação podem ser atribuídos ao fato de que o mundo é intrinsecamente mal organizado... Os gnósticos não são inclinados a descobrir que os seres humanos em geral ou eles próprios em particular são inadequados. Numa dada situação em que algo não é como deveria ser, a culpa será encontrada na maldade do mundo."

Terceira. A crença em que "é possível salvar-se da maldade do mundo".

Quarta. Para isso, "a ordem do ser terá de ser mudada por meio de um processo histórico. Do mundo miserável, um mundo bom deve evoluir historicamente".

Quinta. "O traço gnóstico em sentido mais estrito: a crença em que uma mudança na ordem do ser reside no reino da ação humana, de que o ato salvacional é possível por meio do próprio esforço do homem."

Sexta. "O conhecimento - *Gnosis* - do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... a construção de uma fórmula para a salvação do eu e do mundo". (1)

Peço pois novamente ao sr. Fedeli que aponte, na minha obra, os indícios de revolta contra a ordem do ser, de confiança na possibilidade de mudar essa ordem pela ação humana, de apologia do processo histórico como meio de criar um mundo bom e, sobretudo, do conhecimento entendido como "método de alterar o ser". Tenho a nítida impressão de que há tempos venho escrevendo contra essas coisas, mas talvez o sr. Fedeli conheça o meu pensamento melhor que eu.

Se, fugindo de novo aos conceitos claros, ele repetir sua alegação de que "*a Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo*", e de que "*quando se estuda a gnose entra-se num labirinto cheio de brumas, tentando descobrir segredos que permitirão chegar a um mistério. Não é de estranhar que o tema se preste a confusões*" (2), terei o direito de lhe perguntar como, em boa lógica, uma noção tão nebulosa pode ser aplicada a um caso particular de maneira tão categórica e indiscutível. Se não temos um conceito claro do que seja o gnosticismo, como afirmar com certeza que tal ou qual autor é gnóstico, que tal ou qual filosofia é gnóstica? Mais particularmente: se quatro características da gnose antiga, mais seis da moderna, ainda não bastam para definir o fenômeno em linhas gerais, então de fato a "gnose" a que refere o sr. Fedeli é um saco de gatos no qual, com fins de polêmica ou de difamação, cada um pode enfiar quem bem entenda - e é isto, precisamente, o que ele faz comigo.

Que, na ânsia de alcançar seus fins, ele recorra até a um meio ilícito -- que outra coisa não é o uso que ele faz de transcrições de aulas, truncadas, semilegíveis e não referendadas pelo autor, obtidas sem minha autorização por seus agentes infiltrados nos meus cursos --, mostra apenas que esse homem, tão jactancioso de suas altas incumbências morais, não aprendeu ainda a abster-se da prática de crime.

Decerto ele não é o primeiro chefe de seita que, nas alturas da sua *superbia* auto-santificante, despreza suas obrigações elementares de cidadão e, por descumpri-las, demole a golpes de imprudência os seus próprios pés de barro.

Olavo de Carvalho

22/07/2001

Notas

(1) Eric Voegelin, *Collected Works*, vol. V, Columbia, University of Missouri Press, 2000, pp. 297-8.

(2) Orlando Fedeli, "Gnose: religião oculta da história", em <http://www.montfort.org.br>.

P. S.

O tal Fabrício, cuja cartinha o sr. Fedeli tão vaidosamente exhibe, continua fazendo dele – como aliás também de mim – o objeto de sua gozação compulsiva. Agora ele deu de enviar mensagens estapafúrdias, em meu nome e no do sr. Fedeli, a um fórum de discussões na internet.

Gnósticos e revolucionários

<<http://oglobo.globo.com/colunas/olavo.htm>>

Olavo de Carvalho

O Globo, 21 de julho de 2001

No começo do século XIX, muitos historiadores das religiões estavam conscientes dos elos de continuidade entre a heresia gnóstica dos primeiros séculos da Era Cristã e as filosofias iluministas e românticas. Por uma triste ironia, justamente no momento em que essas filosofias, logo a seguir, se transmutaram em movimentos ideológicos de massas, a consciência daqueles elos desapareceu do horizonte intelectual e o fenômeno totalitário resultante desses movimentos não pôde ser adequadamente compreendido.

Coube ao filósofo alemão Eric Voegelin (1901-1985) o mérito de haver não somente redescoberto a inspiração gnóstica das ideologias totalitárias, mas criado os instrumentos intelectuais para enquadrá-la numa compreensão mais geral da história.

Malgrado a alucinante variedade dos movimentos gnósticos e as diferenças entre suas formulações teóricas, há no fundo de todos eles a unidade de uma cosmovisão, ou no mínimo de um sentimento cósmico comum: a vivência do universo como lugar hostil e do homem como criatura jogada no meio de uma máquina absurda e incompreensível. Em última instância, é a rejeição do julgamento que Deus fez da Sua própria criação no último dia do Gênesis, quando Ele olhou o cosmos e “viu que era bom”. Para os gnósticos, a ordem cósmica é essencialmente má e ao homem não resta senão o caminho da fuga ou da revolta. Ao longo dos oito volumes de sua “History of political ideas” e dos cinco da obra inacabada “Order and History” (ambas publicadas pela University of Missouri Press), Voegelin demonstrou que dessa visão inicial emergiram os desenvolvimentos mais variados, desde a total rejeição da vida mediante o ascetismo à outrance dos cátaros, passando pelo sonho dos alquimistas elisabetanos de “corrigir a natureza”, até as utopias políticas modernas da Revolução Francesa e dos movimentos comunista, nazista e fascista, com suas ambições prometéicas de sociedade planejada, Estado onipotente e felicidade coletiva a ser alcançada por meio de um morticínio redentor.

O gnosticismo, assim compreendido, não é só uma revolta contra o catolicismo em particular, mas contra toda visão tradicional da ordem social como expressão da ordem divina da alma e do cosmos. A transformação de uma corrente esotérica em poderoso movimento de massas que dominou a história dos dois últimos séculos observou-se principalmente no Ocidente, em razão das guerras religiosas que, a partir do século XVI, romperam a unidade da sociedade cristã e eliminaram a religião como poder público, instituindo o moderno Estado leigo que, erigido sobre um vácuo espiritual, acabou por se revelar impotente para resistir à invasão dos movimentos gnósticos de massa. Refluindo para o Oriente, esses movimentos devastaram ali as religiões tradicionais (ortodoxa, judaica, budista, confuciana e islâmica, principalmente), manifestando da maneira mais patente a sua natureza universalmente antiespiritual e não apenas anticatólica em especial.

Mas é inevitável que toda grande descoberta no reino das idéias venha seguida de perto por alguma versão paródica que ao mesmo tempo a imita e inverte o seu sentido.

Assim, não demoraram a aparecer, no ambiente católico de extrema-direita, doutrinários que, explorando indícios fortuitos de semelhanças entre algumas idéias gnósticas e elementos de doutrina judaica, islâmica, budista, etc., apresentaram uma nova versão da revolução gnóstica. Esta já não seria uma aberração voltada contra toda a visão normal e tradicional, mas a aliança dos gnosticismos do Oriente e do Ocidente numa conspiração universal contra a Igreja Católica.

Nunca ocorreu a esses gênios da parasitagem intelectual perguntar-se por que, na guerra de todos contra a Igreja Católica, esta foi, das religiões tradicionais, a que menos vítimas deu à sanha dos revolucionários gnósticos. Mesmo diante dos horrores da perseguição sofrida na França, no México, na Espanha, na Polônia, em Cuba; mesmo diante da evidência de tantos “Catholic martyrs of the twentieth century” meticulosamente coletada pelo historiador Robert Royal (New York, Crossroad, 2000), não há como nivelar, em números, o morticínio dos católicos ao dos ortodoxos, judeus, muçulmanos e budistas sacrificados na Rússia, na Alemanha, na China, no Tibete e não sei mais onde pela máquina genocida da revolução gnóstica. A religião chinesa, em particular, pode-se considerar hoje virtualmente expulsa da história pela brutal doutrinação materialista que bloqueou o acesso de mais de um bilhão de seres humanos às noções religiosas e metafísicas mais elementares.

Ora, essas religiões não-católicas são precisamente aquelas que, segundo a caricatura extremista da teoria de Voegelin, constituiriam, mediante uma aliança com o materialismo militante, o outro braço da revolução gnóstica voltada contra a Igreja Católica. Se elas fossem realmente isso, então restaria explicar por que, em vez de coordenar-se num assalto conjunto a Roma, elas escolheram primeiro destruir-se a si mesmas.

Não, a Igreja Católica não é o único, nem, hoje em dia, o principal alvo do ataque gnóstico. Ela sofreu muito, está muito dividida e corroída pelos vermes gnósticos da “teologia da libertação”. Mas ela é — ainda — uma sólida fortaleza contra a destruição do espírito tradicional e da visão normal do homem no cosmos. Tão importante é o seu papel estratégico, que mesmo ocasionais hesitações da sua parte bastaram para dar ao inimigo a oportunidade de avanços e conquistas formidáveis, como se viu na ascensão do nazismo, que ela poderia ter impedido se agisse em tempo, ou nos espetaculares sucessos que o comunismo obteve nas próprias fileiras católicas durante as décadas de 60 e 70, na esteira das confusões paralisantes que se seguiram ao Concílio Vaticano II. Jogar a Igreja contra as demais religiões massacradas pela fúria das ideologias totalitárias é fazer causa comum com o inimigo de toda religião e de toda espiritualidade. É ressuscitar em escala universal os conflitos inter-religiosos que, no começo dos tempos modernos, só puderam ser apaziguados mediante o advento do Estado leigo que abriu as portas à invasão das ideologias gnósticas. Muitos podem colaborar com isso por inocência e boa-fé, pois o amor sincero à Igreja nem sempre vem acompanhado de uma visão abrangente e adequada da história. Mas outros sabem perfeitamente bem para quem trabalham e aonde querem chegar. Quando ouvir um desses, caro leitor, não se deixe iludir por pretextos piedosos e por uma linguagem de sacristia: ele é a voz da velha revolta gnóstica que, disfarçada de devoção cristã, tenta dividir para reinar.

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20120629231852/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli

Olavo de Carvalho

Nos meus escritos, os termos *gnose*, *gnosticismo* e *heresia gnóstica* designam em geral (e guardadas as exceções devidas a eventual negligência) três fenômenos distintos:

Gnose – O conhecimento espiritual em sentido genérico.

Gnosticismo – O fenômeno descrito por Eric Voegelin, que assinala uma continuidade entre as heresias gnósticas dos primeiros séculos da Era cristã e os modernos movimentos ideológicos de massa.

Heresia gnóstica – As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo.

Já o sr. Orlando Fedeli usa os três termos para designar um só e mesmo fenômeno. As heresias dos primeiros séculos, o hinduísmo, o budismo, o judaísmo, o islamismo e as ideologias modernas – tudo, para ele, são partes ou aspectos de uma mesma entidade, braços de um mesmo monstro: a Gnose, gnosticismo ou heresia gnóstica, religião do diabo.

Para legitimar esse uso do termo, ele usa da definição geral de gnose aceita por alguns estudiosos, mas dando-lhe uma aplicação que vai muito além do que qualquer deles jamais admitiu e que implica dar foros de verdade científica à hipótese de uma universal conspiração gnóstica contra a Igreja Católica, reunindo budistas, comunistas, muçulmanos, judeus, hinduístas, nazistas, gnósticos no sentido antigo e, evidentemente, eu.

Nem Hans Jonas, nem H.-C. Puech, nem Hans Urs von Balthasar, nem Voegelin, nem qualquer outro estudioso, por mais ampla que fosse sua definição de gnose, jamais a usou para sustentar essa hipótese, a qual aliás nem sequer mencionam porque, mais que à história, ela pertence ao domínio da psicopatologia.

É o sr. Fedeli que faz dela esse uso, fingindo escorar-se na autoridade desses eruditos. Mais ainda: fingindo que semelhante uso é universal, consensual e indisputado.

A origem da doutrina fedeliana da gnose, com efeito, não está em nenhuma dessas fontes, mas numa outra, bem pouco acadêmica: está na teoria da *Revolução e Contra-Revolução* do dr. Plínio Corrêa de Oliveira, segundo a qual só há duas correntes históricas no mundo, a revolucionária e a católica. Esta abrange os que interpretam o catolicismo no sentido estrito da TFP; aquela, todos os demais seres humanos, descontados os inocentes úteis e inúteis. Absorvendo a teoria ao mesmo tempo que renegava o autor -- com quem competira em vão pela liderança da TFP --, o sr. Fedeli simplesmente trocou o termo “revolucionário” por “gnóstico”, mas nada acrescentou de substancial à concepção de seu primeiro mestre e posterior *bête noire*.

A única diferença é que o dr. Plínio, um aristocrata de temperamento, não desceria a bravatas pueris na defesa da sua teoria, por mais absurda que fosse; ao passo que o sr. Fedeli, que tudo quanto sonhava na vida era ser o dr. Plínio quando crescesse, infelizmente não cresceu.

No conteúdo, a idéia de ambos é a mesma.

A hipótese aí contida é tão ampla, que ela não pode ser provada nem impugnada no prazo de uma vida humana ou de infinitas vidas humanas. Cientificamente, ela é por isso mesmo inaceitável. Fatos inumeráveis não lhe darão consistência, refutações sem fim não a farão recuar. Ela é uma escolha, um ato de fé, que o sr. Fedeli, abusivamente, procura confundir e identificar com a própria fé católica, de modo a poder condenar como herético quem quer que, na sua divisão dualista do mundo, não cerre fileiras com ele -- ou com o fantasma do dr. Plínio -- no seu combate contra tudo o mais. Isto implica, naturalmente, estender sobre todos os “gnósticos”, no sentido amplíssimo do termo, a acusação de heresia que a Igreja fez pesar sobre os gnósticos dos primeiros séculos. Mas isto já não é teoria: é loucura.

O sr. Fedeli tem todo o direito de defender sua idéia, mas nem mesmo a alegação de insanidade lhe dará o direito de sugerir ou insinuar que ela corresponda a alguma cláusula do dogma católico tal como definido pelos Papas e Concílios. Nenhum Papa ou Concílio subscreveu jamais essa doutrina. Nenhum jamais afirmou a identidade substancial de todas as espiritualidades não-cristãs com a heresia dos primeiros séculos, identidade que, para o sr. Fedeli, é a verdade das verdades.

Abusando das fontes científicas que cita, abusando da fé católica em cujo nome acusa e condena, o sr. Fedeli não faz senão impingir a seus discípulos um catolicismo de sua própria invenção – dele ou do dr. Plínio Corrêa de Oliveira.

Não correspondendo, no conteúdo, à doutrina da Igreja, nem na forma àquilo que se entende por teoria científica, a doutrina dualista da *Revolução e Contra-Revolução*, seja na sua versão originária, seja na sua adaptação fedélica, não é nem religião nem ciência: é *ideologia*, no sentido estrito do termo.

Daí o atrativo que exerce sobre jovens que buscam, não o conhecimento, nem a purgação de seus pecados, mas uma *causa* – uma causa em nome da qual possam, sem o mínimo abalo de sua boa consciência, mentir e pecar.

Avaliado pelos critérios dessa ideologia, devo ser efetivamente um gnóstico e um herético, mas não vejo que importância possa ter isso desde o ponto de vista de uma Igreja e de uma ciência que ignoram solenemente o sr. Fedeli, o dr. Plínio e as idéias de ambos.

Todos os esforços que Fedelis e fedelhos façam para provar a acusação que me imputam são aliás desnecessários e redundantes, visto que ela já está provada *ex hypothesi* nos termos mesmos que a enunciam, sendo “gnósticos” por definição todos os que, rejeitando o dualismo absoluto de *Revolução e Contra-Revolução*, não se alinham resolutamente com esta última no sentido em que a entende o sr. Orlando Fedeli – coisa que, de fato, não posso fazer.

Custei um pouco a entender isso, pois, partindo da crença espontânea na normalidade de meus interlocutores, com total boa fé, não atinei senão aos poucos com a lógica circular em que se baseava sua argumentação, irrefutável porque psicótica.

E não pensem que com isso eu esteja proferindo um insulto. Atenho-me ao terreno científico, reconhecendo com estrita objetividade, no argumento fedélico, aquela estrutura circular,

06/11/2023, 18:45

Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli

fechada e autoprobante que, segundo o clássico estudo *La Fausse Conscience*, de Joseph Gabel (um judeu! que horror! um gnóstico!), é a marca inconfundível e comum do discurso ideológico e do discurso psicótico.

Assim, não vejo por que prosseguir esta discussão. Contento-me em não ser um gnóstico na acepção tradicional e voegeliniana do termo. Se o sou ou não no sentido especial que a coisa tem no mundinho fechado da seita montfortiana, é um problema com o qual o sr. Fedeli e seus meninos, que já perderam por mim tantas noites de sono, podem perder todas as que lhes restem. Isso não será jamais da minha conta.

18/07/2001

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20090304090520/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Nota sobre fé e conhecimento e um P. S. muito revelador

Olavo de Carvalho

A palavra *fé* é compreendida habitualmente em dois sentidos. O primeiro é o da simples crença, ou adesão voluntária a uma verdade revelada. A segunda é a da virtude sobrenatural que “move montanhas”. Pretender que qualquer indivíduo que tenha a fé no primeiro sentido possua *ipso facto* a virtude de mover montanhas é intrinsecamente absurdo e extrinsecamente blasfematório. Desde logo, porque o poder da vontade sobre a totalidade da alma é relativo e escalar, admitindo graus que vão desde a simples veleidade até o autodomínio. Em segundo lugar, o valor da fé-crença depende da compreensão mais ou menos clara, mais ou menos certa, que o fiel tenha da doutrina à qual deu sua adesão. Se não fosse assim, a fé protestante teria de valer o mesmo que a católica, pois a única diferença que há entre elas é a da compreensão diferente que o crente desta e daquela confissões têm do texto revelado a cuja verdade aderem. A fé, nesse sentido, é obviamente inferior ao conhecimento, na medida em que dele depende o seu valor.

Quanto à fé compreendida como virtude sobrenatural, ela já é em si mesma conhecimento, e *conhecimento em sentido eminente*, pois consiste na presença atuante e *reconhecível* de Deus, que não se poderia obter por nenhum meio intelectual imaginável. A palavra “reconhecível” é aí o ponto decisivo, pois não se poderia falar em “fé sobrenatural inconsciente”. Nesse plano, portanto, a questão da superioridade relativa de fé e conhecimento perde obviamente todo sentido, pois não há conhecimento superior ao da presença imediata do seu objeto, e a fé sobrenatural é, mais que o sinal dessa presença, a presença mesma.

06/11/2023, 18:46

Nota sobre fé e conhecimento e um P. S. muito revelador

As sentenças do Concílio de Trento que o sr. Fedeli ostenta com ar de triunfo nada têm portanto a ver com o sentido em que afirmei – e reafirmo – a superioridade do conhecimento em relação à fé. O fato de ele citá-las mostra apenas sua compreensão deficiente das questões que se mete a discutir e sua incapacidade de elevar-se ao nível das idéias que finge rebater.

Quanto ao resto da sua resposta, não passa da reafirmação renitente de suas confusões de sempre, escrita num estilo ginasiaco e com as miseráveis afetações de bom-mocismo que lhe são de praxe.

Olavo de Carvalho

18/7/01

Post scriptum

Para completar a bufonaria, um detalhe pítoresco. Com aquele ar entre lisonjeado e humilde do artista que recolhe os aplausos após o espetáculo, o sr. Fedeli estampa na sua *homepage* a carta de um leitor, Fabrício, que o cumprimenta efusivamente pela vitória alcançada no confronto comigo. Se ele soubesse quem é o tal Fabrício, não ostentaria com tanta satisfação esse troféu: é um rapaz maluco, gozador compulsivo, que me envia regularmente e-mails pornográficos e que agora resolveu incluir o sr. Fedeli entre os figurantes do seu circo. Cópia da mensagem foi simultaneamente enviada a mim, não havendo pois a menor possibilidade de dúvida quanto à sua autoria. O sr. Fedeli é, decerto, vítima inocente dessa gozação, mas não posso dizer que seu prêmio tenha sido injusto, nem destoante da sua *performance* a grotesca nota final tocada pelo missivista.

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

Gnose

 Download  Enviar  Imprimir

☆☆☆ ENROLAVOS, REMENDOS E GAMBIARRAS

PERGUNTA

Felipe

Nome:

29/07/2001

Enviada em:

(...)

RESPOSTA

Olavo de Carvalho continua esperneando e... fazendo "enrolavos". Cada vez que publica uma Nota, verifica que saiu furada. Toca fazer um remendo, com um P.S. a um Adendo. Depois, constata que a coisa não ficou clara, e faz uma gambiarra com arame farpado, sendo as farpas os insultos de que é pródigo. A seguir, ele vê que a casa está desabando, e coloca esteios de madeira podre, ou tenta segurar uma parede arruinada, amarrando-a com um barbante frouxo.

Sempre vomitando insultos, fazendo evasivas, alinhavando negaceios, armando distinções sibilinas, numa maçaroca confusa, para lhe permitir afirmar, se atacado, dizer que não disse o que afirmou. Dizer que não disse o que disse, mas que, se disse, disse noutra sentido, que lhe é próprio.

Olavo só não dá argumentos sérios. Não responde quando pego em contradição, e, quando se vê refutado, muda de assunto, levantando outra acusação numa fuga vergonhosa e esperneante.

Com tudo isso, Olavo prova que, de fato, é especialista em tentar "vencer discussões sem ter razão".

Entretanto, cada remendo aponta um furo. Cada gambiarra deixa claro um "apagão" e ameaça um curto circuito. Cada esteio podre indica um desabamento. Em suma, ele se enrosca cada vez mais em sua maçaroca terminológica de pseudo "filósofo".

Afirmara Olavo - por escrito, em um de seus enrolavos -- que da própria definição de fé constava a auto evidente noção de conhecimento. Respondi-lhe citando várias definições de fé, e provando que ele errara. Ele finge que o assunto não existiu, e confessa que:

"As sentenças do Concílio de Trento que o sr. Fedeli ostenta com ar de triunfo nada têm portanto a ver com o sentido em que afirmei -- e reafirmo -- a superioridade do conhecimento em relação à fé".

Sem dúvida: o sentido que Olavo tem de fé "**nada tem portanto a ver" com o que ensina o Concílio de Trento, já que Olavo afirma e reafirma -- como os gnósticos -- a superioridade do conhecimento em relação à fé.**

Exatamente: é por discordar do conceito de fé do Concílio de Trento que Olavo não é católico.

Depois disso, Olavo passa adiante impávido, distinguindo dos sentidos da palavra fé:

1) fé como simples crença e 2) fé como virtude teologal.

Claro que essa é uma distinção legítima.

Mas, de que Tratado de Teologia ele tirou isso? Ele não o diz.

Até o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Ed. Civilização Brasileira, São Paulo, 1983, o verbete Fé registra:

"Fé: s.f. **crença religiosa**; firmeza ou pontualidade no exercício de um compromisso; crédito; confiança; **primeira virtude teologal**; asseveração de algum texto; "e etc. (p.542. O negrito é meu).

Eta seu Olavo! Que vício o seu de "inspirar-se" em textos sem citar a sua fonte. Ou de "chutar" e "cozinhar" suas citações, como provei que ele fez ao falar do Inferno de Dante. (Cfr. **A Gnose "Tradicionalista" de Guénon e Olavo de Carvalho**, VIII-3 (<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=guenon&lang=bra#VIII-3>)). E, por vezes, se for pego, dirá que fez de propósito, para armar uma cilada ao oponente, para ver se o adversário de fato conhecia o assunto.

Depois disso, Olavo, prossegue, reafirmando a tese gnóstica de que o conhecimento é superior à fé, embora tenha eu provado com São Tomás na mão, que isso, tomado absolutamente, é falso, e tenha comprovado, com citações de vários autores, autoridades em Gnose, que essa é uma idéia tipicamente gnóstica.

Olavo finge que nada disso leu, e vai para a frente.

Furioso e atabalhado, refazendo remendos, enrolavos e gambiarras, ele garante que entre a fé protestante e a católica "a única diferença que há entre elas é a da compreensão diferente que o crente desta e daquela confissões têm do texto revelado a cuja verdade aderem" (Olavo de Carvalho, **Nota sobre fé e conhecimento e um P.S. muito revelador**, 18/7/01).

A "fé" protestante só se diferenciaria da fé católica, no que tange à interpretação das Escrituras!

Como se isso fosse pouco!

E será verdade que existe uma fé protestante?

A Declaração "**Dominus Iesus**" da Congregação da Doutrina da Fé, aprovada pelo Papa João Paulo II ensina que as seitas protestantes não são igrejas e que não têm propriamente fé, mas simples crença:

2ª "Deve, portanto, *manter-se firmemente* a distinção entre a fé teológica e a crença nas outras religiões" (**Dominus Iesus**, n. 7).

7ª "Assim, e em relação com a unicidade e universalidade da mediação salvífica de Jesus Cristo, deve *crer-se firmemente* como verdade de fé católica a unicidade da Igreja por Ele fundada". (**Dominus Iesus** n. 16).

"Como existe um só Cristo, também existe um só seu Corpo e uma só sua Esposa: "uma só Igreja católica e apostólica". Por outro lado, as promessas do Senhor de nunca abandonar a sua Igreja (Cfr. Mt. XVI, 18; XXVIII, 20 ss) e de guiá-la com o seu Espírito (cfr. Jo. XVI,13) comportam que, segundo a Fé católica, a unicidade e unidade, bem como o que concerne a integridade da Igreja, jamais virão a faltar" (**Dominus Iesus**, n. 16)

10ª "Com a vinda de Jesus Cristo Salvador, Deus quis que a Igreja por Ele fundada fosse o instrumento de salvação para *toda* a humanidade (Cfr. Act XVII, 30-31). Esta verdade de fé nada tira ao fato de a Igreja nutrir pelas religiões do mundo um sincero respeito, **mas, ao mesmo tempo, exclui de forma radical a mentalidade indiferentista "imbuída de um relativismo religioso que leva a pensar que "tanto vale uma religião como outra"** (**Dominus Iesus**, n.22. O negrito é meu).

Mas, para um homem que se proclama "católico-judeu-islâmico", é claro que a fé é uma coisa de somenos importância. Olavo prega o indiferentismo religioso, tantas vezes condenado pela Igreja Católica.

Olavo não é católico.

Que existe uma só Fé verdadeira, isso está no Credo **Quicumque** de Santo Atanásio que principia afirmando solenemente:

Quicumque, isto é, "Quem quer que queira salvar-se, deve antes de tudo professar a Fé católica. Porque quem não a professar, integral e inviolavelmente, perecerá sem dúvida por toda a eternidade. A Fé Católica consiste em adorar um só Deus..."

A seguir, vêm os doze conhecidos artigos do Credo que se reza na Missa. No final, repete Santo Atanásio, o vencedor da heresia ariana:

"Esta é a Fé Católica e quem não a professar fiel e firmemente, não poderá salvar-se". (Cfr **Catecismo Romano** e Denzinger, 39)

Essa tese católica de Santo Atanásio foi tornada dogma no IV Concílio de Latrão, que condenou a Gnose cártara:

"Extra Ecclesia nulla salus" ou seja,

"FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO".

E esse dogma foi de novo proclamado e ensinado na Declaração **Dominus Iesus, sobre a Unicidade e a Universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja**, ao afirmar que o único Redentor é Cristo, e que ninguém se pode salvar senão pelos seus divinos méritos, e que Cristo so tem uma Igreja.

Segundo enrolavo (do dia 18/7/01)

No mesmo dia em que escreveu este novo "enrolavo" (18/7/01) O de C. redigiu mais um, intitulado **"Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli"**

Remendos, gambiarras e enrolavos de Olavo se multiplicam, numa confissão implícita de que todas as tentativas de ocultar furos, por meio de remendos sucessivos, de gambiarras doutrinárias, e de enrolavos sofisticos, fracassaram. A máscara católica que ele usava caiu.. Que ele se proclame sufi, budista, cabalista, ou adepto de qualquer gnose esotérica, pouco importa. Católico, repito, ele não é.

Sua fecundidade em compor remendos é tanto mais extraordinária, quanto mais ele a diz contida, pois já prometeu, diversas vezes, que não me leria mais, e que não perderia mais tempo com meus escritos.

Apesar disso ele não resiste. Sua raiva é tal, que terminada uma nota-remendo, ou um adendo-gambiárrico, ele fica insatisfeito com o que escreveu, percebe que falta algo, quer acrescentar mais uma explicação, arranjar outra desculpa, arquitetar outro "enrolavo". E recomeça, esperneante e espumante de raiva, porque tem consciência de que continua faltando sempre uma coisa: a verdade.

Até hoje ele não respondeu às duas perguntas que sua intervenção abrupta, para defender Guénon, me obrigou a fazer-lhe: Guénon é gnóstico? Qual a religião de Olavo?

Desafiado por ele, provei que Guénon é gnóstico. Ele finge esquecer de Guénon, seu mestre querido, para salvar, de qualquer jeito, o seu prestígio pessoal.

Quanto à religião de Olavo, provei que ele, de fato, é gnóstico, e que, portanto, **não é católico**. Demonstrei que os quatro itens essenciais da Gnose que ele tirara mesmo de uma enciclopédia existiam realmente em seus escritos. Olavo, porém, fica mudo sobre qual é a sua religião exotérica, e recusa admitir o que deixou patente em seus livros: que ele é gnóstico mesmo.

Como disse, escreveu então Olavo, no mesmo dia 18/7/01, mais um "enrolavo", desta vez sobre "Fé, Ciência e Ideologia: o fundo da questão Fedeli". Ele começa definindo e distinguindo Gnose de gnosticismo e de heresia gnóstica: _

GnoseGnosticismoHeresia gnóstica

Ora, se ele chama de Gnose o conhecimento espiritual em sentido genérico, é evidente que então ele erra distinguindo essencialmente gnosticismo de Gnose, pois o genérico engloba o específico.

O Gnosticismo, mesmo com a distinção feita por Olavo, e tal como o descreve Voegelin, é um fenômeno do gênero Gnose. Perdoem-me os leitores a redundância, o gnosticismo -- sendo uma espécie do gênero Gnose -- é necessariamente gnóstico. E não adianta Olavo estrilar e estrebuchar de hidrofobia incontida contra isto.

O mesmo se deve dizer das heresias gnósticas: elas são gnósticas porque contém a Gnose (para Olavo não basta uma só palavra: é preciso a redundância...).

Serge Hutin diz:

"Se os gnosticismos são muito diversos, o gnosticismo é uma atitude absolutamente característica, um tipo especial de religiosidade. Não é arbitrário colocar um conceito geral de Gnose, "conhecimento" salvador traduzindo-se por determinadas reações humanas -- sempre as mesmas. Se o gnosticismo fosse apenas uma série de aberrações doutrinárias próprias a certos hereges cristãos dos três primeiros séculos, seu interesse seria puramente arqueológico; mas ele é muito mais que isso: a atitude gnóstica reaparecerá espontaneamente, fora de toda transmissão direta; esse tipo especial de religiosidade apresenta mesmo perturbadoras afinidades com certas aspirações absolutamente "modernas" (Serge Hutin, Les Gnostiques, PUF, Paris 1970, p. 8. Os itálicos são do autor. O negrito é meu).

Henri-Charles Puech afirma que as heresias gnósticas cristãs tiveram "um fundo primitivo puramente pagão" (H.-C.

Puech En Quête de la Gnose- La Gnose et le Temps, Gallimard, Paris, 1978, vol. I, p. 235).

E diz a seguir: "O gnosticismo aparece doravante como um fenômeno geral da História das religiões cuja envergadura ultrapassa infinitamente os limites e o campo do cristianismo antigo e que é, em suas origens, exterior, senão anterior ao cristianismo (...) Por diversas que tenham sido essas formas sob as quais o gnosticismo se manifestou historicamente, o gnosticismo deve ser tido como um fenômeno específico, uma categoria ou um tipo distinto do pensamento filosófico-religioso: é uma atitude que tem um modo de ser, uma estrutura, leis próprias, e que a análise, unida à comparação, permite reencontrar, substancialmente idêntica e com as mesmas articulações, na base de todos os sistemas diversos que, em razão desse fundamento ou desse "estilo" comum, nós temos o direito de chamar, de classificar sob uma mesma etiqueta e de os chamar de 'gnósticos'" (H-C Puech, op cit, Vol I, p. 235).

Meu aluno Felipe Coelho, um jovem universitário, respondendo brilhantemente a um artigo de Olavo (Gnósticos e Revolucionários (<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=gnose&artigo=20040728202842&lang=bra#gnosticos>) in O Globo, 21/ VII/ 2.001), escreveu uma carta a esse jornal (Resumo da Polêmica e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho (<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=gnose&artigo=20040728202842&lang=bra>)), na qual demonstrou como esse "filósofo" auto promovido é condenado pelos próprios textos de Voegelin, autor que o pai do "Imbecil Coletivo" invocara em sua defesa. (Esses dois documentos se encontram no site Montfort)

Dispensso-me de acrescentar qualquer coisa sobre esse ponto. Foi uma "lavada" que Felipe deu em Olavo e que O Globo não quis publicar.

Olavo reconhece que uso a definição de Gnose adotada por alguns especialistas no assunto, porém diz que eu exagero e deturpo o que eles afirmam, ao considerar que todas as religiões e seitas gnósticas conspiram contra a Igreja Católica Apostólica Romana. Aponta, a seguir, como origem desse meu "exagero" as doutrinas que eu teria recebido de um "imortal" já falecido. "Imortal" que acusei, ele também, de seguir a Gnose romântica de Anna Katharina Emmerick. Que as "visões" dessa freira eram gnósticas e cabalistas, eu o provei em minha tese de Doutorado na USP.

Não foi com nenhum mestre "imortal" falecido que aprendi que os "Os reis da terra sublevaram-se, e os príncipes coligaram-se contra o Senhor e contra o seu Cristo". Foi na Sagrada Escritura no Salmo II, 2.

Foi na Escritura que aprendi que Deus colocou inimizades entre os filhos da Virgem Maria e os filhos da serpente: "Porei inimizades entre ti [a serpente] e a mulher, entre a tua raça e a dela, e ela mesma te esmagará a cabeça" (Gen. III, 15).

Foi nos Evangelhos que li a frase de Cristo: "Quem não está comigo, está contra Mim" (Mt XII. 30).

Cristo não disse que haveria três posições em face dEle, mas só duas.

Foi no Evangelho que aprendi que os filhos das trevas formam um corpo só, assim como os filhos da luz são um só corpo na Igreja, pois disse Cristo: "caia sobre vós todo o sangue derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o Templo e o altar" (Mt. XXIII, 35-36). Por isso, Cristo chamou os fariseus "filhos do demônio", que designou como o pai da mentira: "Vós tendes por pai o demônio e quereis fazer a vontade de vosso pai" (Jo VIII,44).

Portanto, há uma "filiação" diabólica, paralela e oposta à filiação divina que se recebe no Batismo, e que nos faz membros da Igreja, Corpo Místico de Cristo. Ao tornar-se alguém "filho do demônio"-- a expressão é do próprio Jesus Cristo -- se torna, ipso facto -- membro de um como que "Corpo Místico" do demônio, membro de uma Anti Igreja, ou Sinagoga de Satanás.

O Apocalipse, por sua vez, afirma que existe a Sinagoga de Satanás que combate os filhos de Deus: "... és caluniado por aqueles que se dizem judeus, porém não o são, antes são uma sinagoga de Satanás" (Apoc. II-9)..

Por isso, São Gregório Magno, nos Moralia, fala de uma luta entre a Igreja e a Anti Igreja, na História. E Santo Agostinho, escreveu no Civitas Dei:

"Dois amores fundaram duas cidades, a saber: o amor próprio levado até o desprezo de Deus, a terrena; o amor a Deus levado até ao desprezo de si próprio, a celestial" (Santo Agostinho, Civitas Dei, Vozes, Petrópolis, 1990, vol II, Livro XIV, cap. XXVIII).

Isto não impede que os maus se dividam, porque é próprio do erro a multiplicidade, enquanto o efeito próprio da verdade é a unidade. Mas todos os maus, embora divididos entre si, sob várias seitas, se unem contra a Cidade de Deus.

"O acontecido entre Rômulo e Remo mostra como a cidade terrena se divide contra si mesma; o sucedido entre Caim e Abel é reflexo das inimizades que existem entre as duas cidades, entre a Cidade de Deus e a dos homens. Em suma, que os maus lutam uns contra os outros e, por sua vez, contra os bons. Mas os bons, se perfeitos, não podem ter nenhuma altercação entre si". (Santo Agostinho, Civitas Dei, Livro XV, cap. V).

Portanto, conforme Santo Agostinho, na História, há uma luta de duas "Cidades", ou Sociedades, cada uma com a sua doutrina. Não há, então, para Santo Agostinho, uma multidão de "Cidades", mas só duas, cada uma com sua doutrina, uma lutando contra a outra: a Cidade de Deus que é a Igreja Católica, e a Cidade do demônio que é a Sinagoga de Satanás, ou a Anti Igreja.

Por isso, também Santo Inácio de Loyola fala de duas "Bandeiras", que lutam entre si, na História: a Bandeira de Cristo, e a Bandeira do demônio. (Cfr. Santo Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais).

Isso não é dualismo. É uma luta moral na História. Dualismo é a doutrina anti metafísica da Gnose ao defender que no ser -- e mesmo no Ser divino -- há uma dualidade de princípios opostos e iguais, em perpétua luta, tal como se diz no Taoísmo do Yin e Yang, doutrina metafísica dualista que Olavo e Guénon defendem, como provei em meu trabalho "A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho (<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=guenon&lang=bra>). Olavo, sim, como todo gnóstico, é dualista do ponto de vista metafísico.

Essa doutrina da luta entre a Igreja Católica e a Anti-Igreja aparece também na encíclica Humanum Genus de Leão XIII, sobre a Maçonaria:

"Desde quando, pela inveja do demônio, miseravelmente se separou de Deus a quem era devedor do seu chamado à existência e dos dons sobrenaturais, o gênero humano dividiu-se em dois campos inimigos, que não cessam de combater, um pela verdade e pela virtude, o outro por tudo o que é contrário à virtude e à verdade.

"O primeiro é o reino de Deus na terra, a saber, a verdadeira Igreja de Deus Cristo (...) o segundo é o reino de Satanás. Sob o seu império e em seu poder se acham todos os que, seguindo os funestos exemplos do seu chefe e de nossos primeiros pais, recusam obedecer à lei divina e multiplicam seus esforços, aqui para prescindir de Deus, ali para agir diretamente contra Deus" (Leão XIII, Humanum Genus, Sobre a Maçonaria, n° 1).

Foi com Leão XIII que aprendi que "Em toda a série dos séculos que nos precederam essas duas cidades não têm cessado de lutar uma contra a outra (...)" (Leão XIII, Humanum Genus, n° 2. O negrito é meu).

Leão XIII -- contemporâneo de Guénon -- mostra, a seguir, que embora as seitas secretas sejam muitas e variadas, elas têm todas o mesmo fim e os mesmos princípios. Portanto,-- a conclusão é minha -- têm a mesma doutrina, embora com variações sectárias:

"Existe no mundo um certo número de seitas que embora difiram umas das outras pelo nome, pelos ritos, pela forma, pela origem, se assemelham e estão de acordo entre si pela analogia de finalidade e dos princípios essenciais. (Leão XIII, Humanum Genus, n° 8).

Repito: não aprendi isso tudo com "imortal" falecido nenhum, mas na Doutrina Católica, na Sagrada Escritura, nos ensinamentos dos Papas, no que ensinaram os Padres da Igreja e os Santos, e, praticamente, em minha vida.

Mas seu Olavo diz de minha posição:

"Ela é uma escolha, um ato de fé, que o sr. Fedeli, abusivamente, procura confundir e identificar com a própria fé católica, de modo a poder condenar como herético quem quer que, na sua divisão dualista do mundo, não cerre fileiras com ele".

Ora, as citações que fiz acima comprovam que essa doutrina não é minha. É a que está no Antigo e no Novo Testamento, é a dos santos, é a do Papa Leão XIII. Herege não é aquele que não cerra fileiras comigo. Eu não sou a Igreja: pertenço, graças a Deus, à Igreja Católica Apostólica Romana, na qual quero viver e morrer, embora seja pecador. Herege é aquele que nega pertinazmente qualquer dogma da Doutrina Católica.

Essa luta entre as duas Cidades é tão verdadeira, que até escritores que não são católicos a reconhecem.

O insuspeito Umberto Eco mostra, em seu livro "Interpretação e Super Interpretação", que o fenômeno da Gnose hermética percorre toda a História até nossos dias (Cfr. Umberto Eco, Interpretação e Super Interpretação, Martins Fontes, São Paulo, 1997, pp. 31- 45).

Em outro de seus livros, depois de mostrar como a Gnose hermética se manifestou ao longo da História, Eco assim intitula um de seus itens:

E depois afirma o autor de O Nome da Rosa:

"Quase todas as características do pensamento hermético [que Eco considera um pensamento gnóstico] são representáveis nos procedimentos argumentativos de um de seus epígonos contemporâneos: René Guénon.(cfr. o ensaio de Cláudia Miranda, em Pozzato, 1989)." (Umberto Eco, Os limites da Interpretação, Perspectiva, São Paulo, 1995, p. 72) ou em Umberto Eco, Intrepretação e Superinterpretação, Martins Fontes, São Paulo, 1997, pp. 27 a 51).

Aliás, o ensaio de Cláudia Miranda: René Guénon o la Vertigine della Virtualità", (in Maria Pia Pozzato et alii, L'Idée Deforme, Bompiani, Milano, 1989, pp 227 a 261), demonstra como atuam Guénon e seus sequazes quando escrevem, inclusive Olavo de Carvalho:

"Como vimos precedentemente, quando Guénon deve demonstrar qualquer coisa, ele não se considera obrigado a dar nenhuma prova. Entretanto em outros, a mesma falta de provas se torna motivo de crítica".(Cláudia Miranda: René Guénon o la Vertigine della Virtualità, in L'Idée Deforme, p.240).

Exatamente como Olavo.

E ainda:

"Poder-se-ia dizer que, no discurso esotérico de Guénon, quanto mais uma coisa é considerada verdadeira, menos necessidade há de explicá-la. Como se a persuasão esotérica, espelho invertido da persuasão científica moderna, agisse por ausência de "provas" (Cláudia Miranda, op cit. p. 252).

Exatamente como Olavo.

O que diz Eco sobre a permanência do discurso e do pensamento gnóstico hermético, na História, é confirmado pelo que asseveram muitos outros autores.

Ladislau Mittner, no livro Storia della Letteratura Tedesca, Dal Pietismo al Romanticismo (Einaudi, Milano, 1964, p.40), compara o curso da Gnose na História a um rio cársico, que ora aparece à superfície, ora desaparece no sub solo, correndo secretamente.

Também Octávio Paz, insuspeito prêmio Nobel, afirma uma ação secreta da Gnose na História da Poesia nos séculos XIX e XX, chegando mesmo a falar em atmosfera de conspiração gnóstica:

"Não é necessário seguir os episódios da sinuosa e subterrânea marcha do movimento poético do século passado, oscilante sempre entre os dois polos de Revolução e Religião. Cada adesão termina em ruptura; cada conversão em escândalo. Monnerot comparou a história da poesia moderna com a das seitas gnósticas e com a dos adeptos da tradição oculta. Isso é verdade nos dois sentidos. É inegável a influência do gnosticismo e da filosofia hermética em poetas como Nerval, Hugo, Mallarmé, para não falar de poetas deste século: Yeats, George Rilke, Breton. Por outro lado, cada poeta cria em torno de si pequenos círculos de iniciados, de modo que, sem exagero, pode-se falar de uma sociedade secreta da poesia. A influência desses grupos tem sido imensa e logrou transformar a sensibilidade de nossa época. Desse ponto de vista não é falso afirmar que a poesia moderna encarnou-se na História, não à plena luz, mas como um mistério noturno e um rito clandestino. Uma atmosfera de conspiração e de cerimônia subterrânea rodeia o culto da poesia."(Octavio Paz, Signos em Rotação, Perspectiva, São Paulo, 1996, p. 84).

Será que Olavo ousará afirmar que Octavio Paz é um delirante fedeliano, por falar de conspiração na poesia contemporânea? E que ele é louco por asseverar que se pode afirmar, sem exagero, que há uma sociedade secreta da poesia? Ou por afirmar que é inegável a influência do gnosticismo em poetas modernos famosos?

Olavo escreveu:

"O sr. Fedeli tem todo o direito de defender sua idéia, mas nem mesmo a alegação de insanidade lhe dará o direito de sugerir ou insinuar que ela corresponda a alguma cláusula do dogma católico tal como definido pelos Papas e Concílios. Nenhum Papa ou Concílio subscreveu jamais essa doutrina. Nenhum jamais afirmou a identidade

substancial de todas as espiritualidades não-cristãs com a heresia dos primeiros séculos, identidade que, para o sr. Fedeli, é a verdade das verdades."

Leão XIII, como já vimos, afirmou a doutrina que defendo da coligação de todos os hereges contra a Igreja na Humanum Genus.

Felipe Coelho provou, em resposta ao artigo "Gnósticos e Revolucionários", que Olavo publicou contra ele, escondendo-se atrás de O Globo (21/VII/ 2001), que Voegelin afirma, contra Olavo, que houve, sim, uma gnose pagã existente nas religiões orientais. Aliás, o próprio Guénon defende isso com todos os seus seguidores "Tradicionalistas". E o próprio Olavo, ao defender que existe um núcleo comum a todas as religiões, admitiu o que agora nega, e desafia que eu o prove.

Já provei.

Que Olavo leia, e tente refutar, meu trabalho: "A Gnose "tradicionalista de René Guénon e Olavo de Carvalho".

Está no site Montfort.

Finalizando, Olavo afirma, mais uma vez, que:

"Assim, não vejo por que prosseguir esta discussão."

Entretanto...dias após, ele escreveu novo "enrolavo"

Mais um Remendo "enrolavado" de seu Olavo

Propósito e promessa de não escrever mais, para Olavo, dura alguns dias.

Ele deve ter passado esse intervalo de tempo, ruminando sua raiva, e contemplando sua obra contra mim, e viu que ela mais parece um barraco mal pregado, mal equilibrado, mal coberto, com goteiras por todo lado, que só continuaria de pé, se a ele se acrescentasse um calço num tabique, um remendo numa folha de zinco, uma gambiarra na fiação maçarocenta e farpada. Vê que na maloca que montou para me contestar falta algo. Falta unidade, falta ordem, falta grandeza. Sobre tudo falta a verdade.

Então, toca publicar, no dia 22/VII/ 2001, mais um ...

"ADENDO AO AVISO 3"

O que comprova que o tal solene Aviso 3 era insuficiente.

E foram tantos os AVISOS, com P.Ss, ADENDOS, e Notas que, Olavo mesmo, já não se entende.

Neste último ADENDO AO AVISO 3, ele mesmo se confunde -- como bem notou meu aluno Felipe -- e atribui ao AVISO 3 o que estava no AVISO 2.

Pobre Olavo. A raiva o cega e o precipita...em novos erros.

Felipe Coelho já arrasou esse ADENDO AO AVISO 3, -- que deveria ter sido chamado ADENDO AO AVISO 2, assim como o artigo "Gnósticos e Revolucionários" que Olavo publicou (educadamente) no O Globo, depois de mandar um "bilhetinho" injurioso, por e-mail, ao jovem universitário. (Por que será que Olavo é bem mais educado num artigo de jornal do que em e-mails?).

Quero comentar apenas alguns pontos do ADENDO AO AVISO 3 -- que deveria ser 2 -- que me dizem respeito.

Olavo confirma que copiou mesmo os 4 itens essenciais da Gnose, que ele citara inicialmente, de uma enciclopédia, mas não de uma enciclopédia barata e popular. Foi de uma enciclopédia famosa e filosófica: a Routledge Encyclopaedia of Philosophy.

De modo que agora temos a confissão de que este "filósofo" auto nomeado, se dispensa de ler as fontes primárias: consulta a Routledge Encyclopaedia of Philosophy. O que o dispensa de longas e fastidiosas leituras...

E confessa que é de propósito que omitiu a referência bibliográfica... para montar uma cilada contra mim.

A seguir ele dá seis notas pelas quais Eric Voegelin resume a Gnose moderna, e me faz um pedido:

"Peço pois novamente ao sr. Fedeli que aponte, na minha obra, os indícios de revolta contra a ordem do ser, de confiança na possibilidade de mudar essa ordem pela ação humana, da apologia do processo histórico como meio de criar um mundo bom e, sobretudo, do conhecimento entendido como "método de alterar o ser". Tenho a nítida

impressão de que há tempos venho escrevendo contra essas coisas, mas talvez o sr. Fedeli conheça o meu pensamento melhor que eu" (Olavo de Carvalho, Adendo ao Aviso 3, 22/VII/2001. O negrito é meu).

Vou atender o pedido de seu Olavo indicando-lhe os textos em que ele defendeu a Gnose, e onde ele poderá encontrar esses textos (porque a memória dele parece estar enfraquecida).

Evidentemente, ele não encontrará os textos dele na Routledge. E nem na Barsa.

Vejamos, uma a uma, as seis características da Gnose segundo Eric Voegelin, mas apud Olavo de Carvalho.

1ª "O gnóstico está insatisfeito com a sua situação"

Certíssimo.

(Também Olavo parece bem insatisfeito com sua situação nesta polêmica.)

A insatisfação gnóstica, porém, não é com o salário que recebe, ou com o estar confundido numa polêmica. É, sim, uma insatisfação com a ordem do ser. O gnóstico sofre por insatisfação metafísica. Ele não admite sua própria contingência metafísica. Quer ser Deus.

Essa primeira característica da Gnose, conforme Voegelin (apud Olavo), corresponde ao 1º item da Gnose apresentado pelo próprio seu Olavo, numa de suas Notas, Avisos, Adendos. (Procure em qual).

Tratei disto no meu trabalho "A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e de Olavo de Carvalho" - aliás, um trabalho elaborado em razão de um desafio a mim, feito por O de C.

Recomendo a leitura desse meu trabalho ao sr. Olavo, pois lá ele poderá encontrar muitos textos, escritos por ele, "há tempos", e dos quais ele já não tem mais uma "nítida impressão", na memória, assim como textos de seus queridos mestres de Gnose Hinduista e Sufi, tais como Guénon, Schuon, Ibn Arabi, Lings, Nasr, Burckhardt, Benoist, Tourniac etc. e de outros autores gnósticos citados como autoridades pelos "tradicionalistas" guénonianos.

Nos Cap. III -1 e IV, 1,2, 3, 4,5, 6, 7, 8, 9, 10. estão os textos em que Olavo e seus mestres na Gnose expõem sua revolta contra a ordem do ser. Lá ele poderá encontrar umas 55 citações de seus mestres e autores preferidos, assim como umas 20 citações de textos do próprio Olavo, e dos quais ele perdeu a "nítida impressão" de tê-los escrito... "há tempos".

2ª característica da Gnose segundo Voegelin (Apud Olavo...)

"Os males da situação podem ser atribuídos ao ato de que o mundo é intrinsecamente mal organizado... (O que será que havia no lugar dessas reticências?) Os gnósticos não são inclinados a descobrir que os seres humanos em geral ou eles próprios em particular são inadequados. Numa dada situação em que algo não é como deveria ser, a culpa será encontrada na maldade do mundo"

Evidentemente, essa característica corresponde à idéia de que o Demiurgo mau organizou mal o mundo da matéria grosseira -- o mundo da "manifestação" da Gnose hindu e guénoniana -- e que disso derivaria a maldade dos seres contingentes.

Se Olavo relese o trabalho de Guénon intitulado "Le Démiurge", estudo que ele elogiou e comentou na revista Planeta (Olavo de Carvalho, O Homem e sua Lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação, in revista Planeta, nº 107, agosto de 1981), se ele relese o seu próprio artigo, veria que ele defendeu exatamente -- "há tempos" -- o que Voegelin apresentou como 2ª característica da Gnose.

Aliás, Guénon publicou pela primeira vez o estudo Le Démiurge, na revista La Gnose, que ele dirigia como Bispo da Igreja Gnóstica, sob o nome de Palingenius, (pormenores importantes que Olavo omitiu na sua biografiazinha de Guénon).

No meu já citado trabalho, seu Olavo poderá encontrar a questão do Demiurgo no Cap. V., onde se acham umas 13 citações de René Guénon e de outros autores, e 4 de Olavo de Carvalho. Recomendo também a Olavo que leia o artigo que ele escreveu na revista Planeta sobre o Demiurgo, e no qual Olavo diz que, segundo a tradição semita, o Criador do mundo é Shaitan ou Satã. Criador do mundo a quem Guénon chamara de "Príncipe deste Mundo", isto é, de demônio.

3ª característica da Gnose segundo Voegelin (no dizer de Olavo).

"A crença de que "é possível salvar-se da maldade do mundo".

Tratei disto -- a salvação (ou libertação) pelo conhecimento -- em meu trabalho citado, no capítulo VI - 4 - 5, onde utilizei 7 citações de guénonianos e 25 de Olavo de Carvalho.

4ª característica da Gnose segundo Voegelin, contado por Olavo.

"Para isso a ordem do ser terá de ser mudada por meio de um processo histórico. Do mundo miserável, um mundo bom deve evoluir historicamente"

Essa característica dada por Voegelin corresponde à terceira consequência secundária da Gnose, apontada por Olavo em uma de suas Notas, Avisos, Pss, Adendos. Corresponde ela à noção milenarista ou utópica.

Tratei disso, no Cap.VIII - 4 e 5 de meu trabalho sobre a Gnose de Guénon e de Olavo, fazendo lá cerca de 11 citações de Guénon, ou relativas ao que disse Guénon, e umas 9 citações de textos de Olavo. Que ele as leia.

5ª característica da Gnose de Voegelin, segundo seu Olavo

"O traço gnóstico em sentido mais estrito: a crença em que uma mudança na ordem do ser reside no reino da ação humana, de que o ato salvacional é possível por meio do próprio esforço do homem".

Noutras palavras, o "homem seria Redentor de si mesmo, pelo fato de que existiria nele uma partícula da Divindade, que se reuniria à Divindade por meio do Conhecimento.

Tratei dessa questão no Cap. III - 2 itens 7 e 8 de meu citado trabalho, quando dei meu esquema da Gnose, assim como nos capítulos VI-1-2-3, falando das partículas divinas que existiriam no homem e em todas as coisas, e que possibilitariam a libertação da prisão feita pelo Demiurgo ao estabelecer seres contingentes; e no Cap. VI-4, ao tratar da Soteriologia gnóstica, a salvação pelo conhecimento. Também no capítulo VI-5, trato dessas doutrinas da auto redenção nos textos de Olavo de Carvalho, textos dos quais, infelizmente, ele tem "a nítida impressão" de que jamais os escreveu.

Seria um grave caso de amnésia...se não fosse uma escapatória.

Nesse capítulos, fiz mais de 80 citações, sendo 37 de textos de Olavo de Carvalho.

6ª Característica da Gnose apontada por Voegelin, segundo Olavo:

"O conhecimento -- Gnosis -- do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... [De novo reticências. Que haveria aí?] a construção de uma fórmula para a salvação do eu e do mundo".

Essa característica é uma explicitação da quinta.

Segundo Voegelin, portanto, para a Gnose, a "salvação do eu e do mundo" se daria pelo Conhecimento, e não pela fé e pelas obras como ensina a Igreja.

Ora, Olavo tem insistido exatamente em que o Conhecimento é superior à fé.

Quanto a considerar o conhecimento como "método de alterar o ser", esta é uma formulação típica da Gnose alquímica.

Tratei disso também (da Gnose e Alquimia) -- de que Olavo é defensor, seguindo Burckhardt -- no capítulo IX -2 de meu livro, que tudo indica que Olavo ainda não leu.

Nesse capítulo sobre Gnose e Alquimia, faço uma dúzia citações, sendo que a metade é de textos de Olavo.

Consta que Olavo dá cursos de Alquimia, cujas apostilas não conheço. Seria bom que eles as publicasse para provar que não é mestre de uma alquimia gnóstica, e sim de uma "boa" alquimia, de uma alquimia..."católica".

Logo depois da promessa de Olavo de que não trataria mais da questão, pois que não vê "por que prosseguir esta discussão", ele escreveu um artigo contra Felipe Coelho, escondido atrás de O Globo, e que já foi brilhantemente refutado por esse jovem universitário. Por isso, julgo que não é preciso analisar esse artigo.

Deixem-me, por favor, - uma vez -- concordar com seu Olavo:

eu também já não vejo necessidade de prosseguir esta polêmica, pois já provei que Olavo de Carvalho não é católico, e sim gnóstico, tal como seus mestres Guénon, Schuon e Lings.

Quero apenas deixar claro que polêmicas entre intelectuais se fazem com base em documentos escritos e em livros, precisamente citados.

Insultos são próprios de botequineiros.

E fofocas, de comadres.

Na festa de São Tiago Apóstolo,
São Paulo, 25 de julho de 2.001 .
In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli

Olavo de Carvalho

A palavra fé é compreendida habitualmente em dois sentidos. O primeiro é o da simples crença, ou adesão voluntária a uma verdade revelada. A segunda é a da virtude sobrenatural que "move montanhas". Pretender que qualquer indivíduo que tenha a fé no primeiro sentido possua ipso facto a virtude de mover montanhas é intrinsecamente absurdo e extrinsecamente blasfematório. Desde logo, porque o poder da vontade sobre a totalidade da alma é relativo e escalar, admitindo graus que vão desde a simples veledade até o autodomínio. Em segundo lugar, o valor da fé-crença depende da compreensão mais ou menos clara, mais ou menos certa, que o fiel tenha da doutrina à qual deu sua adesão. Se não fosse assim, a fé protestante teria de valer o mesmo que a católica, pois a única diferença que há entre elas é a da compreensão diferente que o crente desta e daquela confissões têm do texto revelado a cuja verdade aderem. A fé, nesse sentido, é obviamente inferior ao conhecimento, na medida em que dele depende o seu valor.

Quanto à fé compreendida como virtude sobrenatural, ela já é em si mesma conhecimento, e conhecimento em sentido eminente, pois consiste na presença atuante e reconhecível de Deus, que não se poderia obter por nenhum meio intelectual imaginável. A palavra "reconhecível" é aí o ponto decisivo, pois não se poderia falar em "fé sobrenatural inconsciente". Nesse plano, portanto, a questão da superioridade relativa de fé e conhecimento perde obviamente todo sentido, pois não há conhecimento superior ao da presença imediata do seu objeto, e a fé sobrenatural é, mais que o sinal dessa presença, a presença mesma.

As sentenças do Concílio de Trento que o sr. Fedeli ostenta com ar de triunfo nada têm portanto a ver com o sentido em que afirmo – e reafirmo – a superioridade do conhecimento em relação à fé. O fato de ele citá-las mostra apenas sua compreensão deficiente das questões que se mete a discutir e sua incapacidade de elevar-se ao nível das idéias que finge rebater.

Quanto ao resto da sua resposta, não passa da reafirmação renitente de suas confusões de sempre, escrita num estilo ginásiano e com as miseráveis afetações de bom-mocismo que lhe são de praxe.

Olavo de Carvalho

18/7/01

Para completar a bufonaria, um detalhe pitoresco. Com aquele ar entre lisonjeado e humilde do artista que recolhe os aplausos após o espetáculo, o sr. Fedeli estampa na sua homepage a carta de um leitor, Fabrício, que o cumprimenta efusivamente pela vitória alcançada no confronto comigo. Se ele soubesse quem é o tal Fabrício, não ostentaria com tanta satisfação esse troféu: é um rapaz maluco, gozador compulsivo, que me envia regularmente e-mails pornográficos e que agora resolveu incluir o sr. Fedeli entre os figurantes do seu circo. Cópia da mensagem foi simultaneamente enviada a mim, não havendo pois a menor possibilidade de dúvida quanto à sua autoria. O sr. Fedeli é, decerto, vítima inocente dessa gozação, mas não posso dizer que seu prêmio tenha sido injusto, nem destoante da sua performance a grotesca nota final tocada pelo missivista.

Olavo de Carvalho

Nos meus escritos, os termos gnose, gnosticismo e heresia gnóstica designam em geral (e guardadas as exceções devidas a eventual negligência) três fenômenos distintos: Gnose, Gnosticismo, Heresia gnóstica

Já o sr. Orlando Fedeli usa os três termos para designar um só e mesmo fenômeno. As heresias dos primeiros séculos, o hinduísmo, o buduísmo, o judaísmo, o islamuísmo e as ideologias modernas – tudo, para ele, são partes ou aspectos de uma mesma entidade, braços de um mesmo monstro: a Gnose, gnosticismo ou heresia gnóstica, religião do diabo.

Para legitimar esse uso do termo, ele usa da definição geral de gnose aceita por alguns estudiosos, mas dando-lhe uma aplicação que vai muito além do que qualquer deles jamais admitiu e que implica dar foros de verdade científica à hipótese de uma universal conspiração gnóstica contra a Igreja Católica, reunindo budistas, comunistas, muçulmanos, judeus, hinduístas, nazistas, gnósticos no sentido antigo e, evidentemente, eu.

Nem Hans Jonas, nem H.-C. Puech, nem Hans Urs von Balthasar, nem Voegelin, nem qualquer outro estudioso, por mais ampla que fosse sua definição de gnose, jamais a usou para sustentar essa hipótese, a qual aliás nem sequer mencionam porque, mais que à história, ela pertence ao domínio da psicopatologia.

É o sr. Fedeli que faz dela esse uso, fingindo escorar-se na autoridade desses eruditos. Mais ainda: fingindo que semelhante uso é universal, consensual e indisputado.

A origem da doutrina fedeliana da gnose, com efeito, não está em nenhuma dessas fontes, mas numa outra, bem pouco acadêmica: está na teoria da Revolução e Contra-Revolução do dr. Plínio Corrêa de Oliveira, segundo a qual só há duas correntes históricas no mundo, a revolucionária e a católica. Esta abrange os que interpretam o catolicismo no sentido estrito da TFP; aquela, todos os demais seres humanos, descontados os inocentes úteis e inúteis. Absorvendo a teoria ao mesmo tempo que renegava o autor -- com quem competira em vão pela liderança da TFP --, o sr. Fedeli simplesmente trocou o termo "revolucionário" por "gnóstico", mas nada acrescentou de substancial à concepção de seu primeiro mestre e posterior bête noire.

A única diferença é que o dr. Plínio, um aristocrata de temperamento, não desceria a bravatas pueris na defesa da sua teoria, por mais absurda que fosse; ao passo que o sr. Fedeli, que tudo quanto sonhava na vida era ser o dr. Plínio quando crescesse, infelizmente não cresceu.

No conteúdo, a idéia de ambos é a mesma.

A hipótese aí contida é tão ampla, que ela não pode ser provada nem impugnada no prazo de uma vida humana ou de infinitas vidas humanas. Cientificamente, ela é por isso mesmo inaceitável. Fatos inumeráveis não lhe darão consistência, refutações sem fim não a farão recuar. Ela é uma escolha, um ato de fé, que o sr. Fedeli, abusivamente, procura confundir e identificar com a própria fé católica, de modo a poder condenar como herético quem quer que, na sua divisão dualista do mundo, não cerre fileiras com ele -- ou com o fantasma do dr. Plínio -- no seu combate contra tudo o mais. Isto implica, naturalmente, estender sobre todos os "gnósticos", no sentido amplíssimo do termo, a acusação de heresia que a Igreja fez pesar sobre os gnósticos dos primeiros séculos. Mas isto já não é teoria: é loucura.

O sr. Fedeli tem todo o direito de defender sua idéia, mas nem mesmo a alegação de insanidade lhe dará o direito de sugerir ou insinuar que ela corresponda a alguma cláusula do dogma católico tal como definido pelos Papas e Concílios. Nenhum Papa ou Concílio subscreveu jamais essa doutrina. Nenhum jamais afirmou a identidade substancial de todas as espiritualidades não-cristãs com a heresia dos primeiros séculos, identidade que, para o sr. Fedeli, é a verdade das verdades.

Abusando das fontes científicas que cita, abusando da fé católica em cujo nome acusa e condena, o sr. Fedeli não faz senão impingir a seus discípulos um catolicismo de sua própria invenção – dele ou do dr. Plínio Corrêa de Oliveira.

Não correspondendo, no conteúdo, à doutrina da Igreja, nem na forma àquilo que se entende por teoria científica, a doutrina dualista da Revolução e Contra-Revolução, seja na sua versão originária, seja na sua adaptação fedeliana, não é nem religião nem ciência: é ideologia, no sentido estrito do termo.

Daí o atrativo que exerce sobre jovens que buscam, não o conhecimento, nem a purgação de seus pecados, mas uma causa – uma causa em nome da qual possam, sem o mínimo abalo de sua boa consciência, mentir e pecar.

Avaliado pelos critérios dessa ideologia, devo ser efetivamente um gnóstico e um herético, mas não vejo que importância possa ter isso desde o ponto de vista de uma Igreja e de uma ciência que ignoram solenemente o sr. Fedeli, o dr. Plínio e as idéias de ambos.

Todos os esforços que Fedelis e fedelhos façam para provar a acusação que me imputam são aliás desnecessários e redundantes, visto que ela já está provada ex hypothesi nos termos mesmos que a enunciam, sendo "gnósticos" por definição todos os que, rejeitando o dualismo absoluto de Revolução e Contra-Revolução, não se alinham resolutamente com esta última no sentido em que a entende o sr. Orlando Fedeli – coisa que, de fato, não posso fazer.

Custei um pouco a entender isso, pois, partindo da crença espontânea na normalidade de meus interlocutores, com total boa fé, não atinei senão aos poucos com a lógica circular em que se baseava sua argumentação, irrefutável porque psicótica.

E não pensem que com isso eu esteja proferindo um insulto. Atenho-me ao terreno científico, reconhecendo com estrita objetividade, no argumento fedélico, aquela estrutura circular, fechada e autoprobante que, segundo o clássico estudo *La Fausse Conscience*, de Joseph Gabel (um judeu! que horror! um gnóstico!), é a marca inconfundível e comum do discurso ideológico e do discurso psicótico.

Assim, não vejo por que prosseguir esta discussão. Contento-me em não ser um gnóstico na acepção tradicional e voegeliniana do termo. Se o sou ou não no sentido especial que a coisa tem no mundinho fechado da seita montfortiana, é um problema com o qual o sr. Fedeli e seus meninos, que já perderam por mim tantas noites de sono, podem perder todas as que lhes restem. Isso não será jamais da minha conta.

18/07/2001

– As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo. – O fenômeno descrito por Eric Voegelin, que assinala uma continuidade entre as heresias gnósticas dos primeiros séculos da Era cristã e os modernos movimentos ideológicos de massa. – O conhecimento espiritual em sentido genérico. Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli

<<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli5.htm>>Post scriptumNota sobre fé e conhecimento

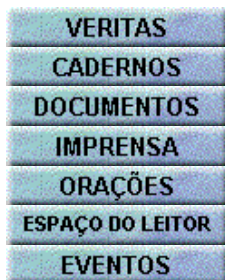
e um P. S. muito revelador

<<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli6.htm>>

"2.4.4. René Guénon: Deriva e Navio de Doidos". – As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo." (Olavo de Carvalho, Fé, Ciência e Ideologia na questão Fedeli, 18/7/01). – O fenômeno descrito por Eric Voegelin, que assinala uma continuidade entre as heresias gnósticas dos primeiros séculos da Era cristã e os modernos movimentos ideológicos de massa."Nos meus escritos, os termos gnose, gnosticismo e heresia gnóstica designam em geral (e guardadas as exceções devidas a eventual negligência) três fenômenos distintos: – O conhecimento espiritual em sentido genérico.

06/11/2023, 18:47

Indicativo de nível intelectual e religioso...

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20041215001801/http://www.montfort.org.br:80/per...>

Espaço do Leitor

[Perguntas & Respostas](#) | [Enviar dúvidas](#) | [Livro de Visitas](#) | [Assinar Boletim](#)

Carta do Leitor

[Indicativo de nível intelectual e religioso...](#)

Enviada em: Sexta-feira, 3 de Agosto de 2001 19:30

Notas sobre a confusão

1. Realmente, não sei quais são as coisas que eu sei que os demais alunos do Seminário de Filosofia não podem saber. É compreensível que eu saiba mais coisas ensinadas por Olavo de Carvalho e sobre a vida de Olavo de Carvalho uma vez que sou aluno dele há alguns anos, já moramos na mesma cidade, e eu freqüentasse sua casa - junto com outros amigos, aliás - , além de ser amigo de alguns de seus filhos e até hoje tenha aulas de astrologia - ó horror! - com um deles, a quem muito admiro e estimo. Contudo, nada do que ouvi dos membros da família Carvalho me foi dito em segredo. Se há uma sociedade secreta dentro do Seminário de Filosofia, também eu preciso ser informado.
2. Tenho uma dúvida, e creio que só o Sr. Fedeli, tão conhecedor das burocracias da Igreja, poderia resolvê-la. Por acaso um homem que durante anos e anos da sua vida tenha pertencido a uma seita herética, como a TFP, não precisa acertar as contas com o Santo Ofício, sobretudo antes de pretender falar publicamente de assuntos da Igreja como se dela fosse o mais puro dos membros?
3. Sou apenas um estudante de astrologia, e falta muito para que eu consiga equacionar esta questão na minha cabeça. Mas posso, já que o assunto anda tão badalado, arriscar uma interpretação: suas confusões verbais e seu ímpeto de cruzado aparecem na atual oposição entre Saturno em Gêmeos e Marte em Sagitário. Não me espantaria também se o Sr. Fedeli ou o Sr. Coelho tivessem Saturno na Casa IX. Se os Srs. fornecessem os horários e locais de nascimento, isto contribuiria muito para a minha compreensão dos símbolos astrológicos.
4. Os Srs. aí da Montfort não acham que essas estrelinhas antes dos títulos no site de vocês são altamente maçônicas?
5. É impressionante como há pessoas que, não contentes em se dizer católicas, ainda exigem que o resto dos católicos se conforme à sua imagem mental do que venha a ser catolicismo. É possível, sim, ser católico e anarquista, ser católico e defender a livre-empresa, ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia, enfim, ser católico e não achar que o catolicismo depende de fazer o mundo conformar-se a uma visão pessoal de mundo considerada "católica" - isto sim seria uma "gnose" de tinturas católicas, como a TFP, de onde surgiu o Sr. Fedeli. Pelos frutos os conhecereis.

Pedro Sette Câmara

06/11/2023, 18:47

Indicativo de nível intelectual e religioso...

[Home](#) | [Veritas](#) | [Cadernos Montfort](#) | [Documentos da Igreja](#)
[Destaques da Imprensa](#) | [Orações](#) | [Espaço do leitor](#)

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas aos artigos: [preencha o formulário](#)

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20090102125316/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?

Olavo de Carvalho

Não tendo um corpo de militantes a meu serviço, nem mais que uns minutos por semana para consagrar ao sr. Fedeli entre viagens e mil e um trabalhos, não posso evidentemente acompanhar e responder *pari passu* às acusações que me fazem ele e seu fiel escudeiro Felipe Coelho. Nem creio que isso seja importante, pois o tempo, por si, se encarregará de esclarecer as coisas. A ânsia, a pressa, a velocidade alucinada com que esses indivíduos disparam incessantemente páginas e páginas de páginas de acusações contra mim já mostra que não pensam em outra coisa, que destruir a reputação de Olavo de Carvalho se tornou para elas uma questão de vida ou morte.

Não me sentindo nem um pouco ameaçado, posso examinar o caso aos poucos, de maneira mais ou menos casual e assistemática, por mera curiosidade e sem nenhum intuito de “me defender”, já que a fantasia tribunalícia é do sr. Fedeli e não minha.

Um ponto que me parece especialmente importante é o conceito geral de gnose que entra nesta discussão.

Quando se trata de aplicar um conceito geral a um caso particular, a única prova admissível reside na coincidência exata ou pelo menos adequada das propriedades deduzidas do primeiro com aquelas observadas no segundo. Logo, para saber se sou um gnóstico ou não, seria preciso, primeiro, saber qual o conceito geral de gnose usado pelo sr. Fedeli.

Felizmente, para descobrir isso não é preciso desencavar um conceito de gnose implícito nas análises que ele fez do meu pensamento. Meses antes da eclosão da nossa controvérsia ele já havia exposto esse conceito num trabalho publicado em sua *homepage*. Isso nos dá a

garantia de colocar a presente análise no terreno firme de uma fórmula inicial jamais impugnada ou corrigida pelo autor no que quer que fosse, excluindo também, ao menos por enquanto, a hipótese de que ele tenha depois concebido uma definição *ad hoc* para me fazer caber dentro dela.

Para conceituar a gnose, poderíamos dizer que ela pretende ser "o conhecimento do incognoscível".

Evidentemente, essa conceituação revela uma contradição que é típica da gnose. Conhecer o incognoscível é uma contradição conceitual e lógica. Mas ocorre que a gnose repele a inteligência e a lógica como enganadoras. O verdadeiro conhecimento seria intuitivo, imediato e não discursivo e lógico.

Conhecer o incognoscível, de fato, significa dar ao homem o conhecimento de Deus e do mal, coisas impossíveis de compreender. De fato não podemos compreender ou conhecer a própria essência de Deus que é ser infinito e transcendente, impossível de ser captado por nosso intelecto. Também não podemos entender o mal e o pecado: o mal enquanto ser não existe, e o mal moral não tem razão que o justifique.

Assim, a gnose pretende oferecer ao homem um conhecimento natural que o colocaria em posição de compreender - e portanto superar - a Deus, de compreender a mal, e, ademais, de conhecer sua natureza mais íntima, que seria divina.

A gnose é então a religião que oferece ao homem o conhecimento do bem e do mal.

Ora, sabe-se que a árvore do fruto proibido do Éden era exatamente a árvore do conhecimento ou ciência do bem e do mal (Gen. II,10). Assim, teria sido a gnose a tentação de Adão. Com efeito, a serpente prometeu a nossos primeiros pais que, se comessem o fruto proibido, "seriam como deuses, conhecendo o bem e o mal" (Gen., III,5). A tentação de Adão e Eva foi a de se tornarem deuses. Essa é a grande tentação do homem, que, levado pelo orgulho, como Lúcifer, não admite sua finitude, não aceita sua contingência.

Essa tentação é, de fato, uma revolta anti-metafísica. Ora, é esse um outro modo de conceituar a gnose: uma revolta anti-metafísica.

Se admitirmos essa interpretação da tentação adâmica, teremos que concluir existência uma continuidade da gnose na História. E é o que constatam os estudiosos: a gnose apresenta-se realmente como

uma religião ora oculta, ora pública, mantendo porém unidade e continuidade no transcorrer da História.

...

Essa unidade histórica da gnose através dos tempos e civilizações é constatada por muitos autores. Dennis de Rougemont, por exemplo, escreve:

"Mais perto de nós que Platão e os drúidas, uma espécie de unidade mística do mundo indo-europeu se desenha como em filigrama no plano de fundo das heresias da Idade Média. Se nós abraçamos o domínio geográfico e histórico que vai da Índia à Bretanha, constatamos que uma religião aí se espalhou, para falar a verdade, de um modo subterrâneo, desde o século III de nossa era, sincretizando o conjunto dos mitos do Dia e da Noite tal como eles tinham sido elaborados inicialmente na Pérsia, depois nos segredos gnósticos e órficos e é a fé maniquéia".

Por sua vez, H. I. Marrou atesta:

"(...) da fato, a gnose e seu dualismo pessimista exprimem umas das tendências mais profundas do espírito humano, uma das duas ou três opções fundamentais entre as quais o homem deve finalmente escolher. Claude Tresmontant mostrou bem a permanência da tentação gnóstica, sem cessar reaparecida, sob formas diversas no pensamento ocidental no curso de sua história nos Bogomilas e Cátaros da Idade Média, em Spinoza, Leibnitz, Fichte, Schelling, Hegel. Poder-se-ia continuar esta história além do romantismo alemão e até nossos dias: o destino de Simone Weil é particularmente muito significativo; foi bem o seu neo-gnosticismo que a deteve finalmente na soleira da Igreja e sua herança se reencontrava na obra histórica de sua amiga e discípula Simone de Pétrement". (1)

Um conceito é obtido a partir da síntese abstrativa de traços notados num certo grupo de fenômenos tomados como exemplares de uma espécie. Se o conjunto dessas notas conseguiu apreender adequadamente a essência da espécie, o conceito poderá ser generalizado para outros fenômenos da mesma espécie. A prova de que a generalização é adequada -- insisto -- reside na coincidência entre as propriedades deduzidas do conceito e aquelas observadas nos novos fenômenos que se pretende abranger nele.

Se o conceito fedeliano de gnose pretende abarcar a continuidade essencial de um fenômeno histórico em todas as suas manifestações,

estas devem portanto ter algo em comum que permita pensá-las como unidade. Se a própria formulação lógica do conceito exclui alguma das mesmas manifestações inicialmente tomadas como exemplares, é porque ele não apreendeu corretamente a essência considerada, mas apenas alguns de seus aspectos acidentais. Uma definição feita a partir da coleta de aspectos acidentais não apenas é incapaz de dar conta dos fenômenos que abrange, porém, mais ainda, não poderá sem grave erro ser generalizada para abarcar novos fenômenos, pois estes se arriscam a não ter com os primeiros outro nexo senão acidental.

Um conceito elaborado nessas condições é garantia segura de confusão e erro.

Tal é, precisamente, o caso do conceito criado pelo sr. Fedeli. Já no seu enunciado inicial, “conhecimento do incognoscível”, ele exclui do fenômeno gnóstico pelo menos duas de suas manifestações modernas mais questionadas pelos estudiosos, isto é, o positivismo e o neopositivismo. Possuindo todas as seis características da gnose moderna tal como descrita por Voegelin, estas duas escolas **têm como seu princípio fundamental, justamente, a abdicação sistemática de todo conhecimento que esteja para lá da experiência sensorial e portanto, a fortiori, o “conhecimento do incognoscível”.**

Logo a seguir, ao afirmar que “*a gnose repele a inteligência e a lógica como enganadoras. O verdadeiro conhecimento seria intuitivo, imediato e não discursivo e lógico*” o sr. Fedeli **exclui do fenômeno gnóstico todo o racionalismo clássico, a começar por Spinoza e Leibniz, que, linhas adiante, citando Marrou, ele mesmo classifica como gnósticos. Exclui ainda Hegel, também mencionado como gnóstico por Marrou. Para fazer uma idéia de quanto Hegel estava longe de todo intuitivismo, basta dizer que ele qualificava de “inimigo da humanidade” quem quer que, fugindo à demonstração racional, apelasse à sentença de um “juiz interior”.**

Um conceito que não somente não pode ser generalizado para abranger outros fatos, mas que **não abarca nem mesmo os próprios fatos dos quais partiu a sua formulação** não é, obviamente, um conceito, mas apenas a expressão vaga e autocontraditória de uma impressão subjetiva.

O sr. Fedeli não tem, portanto, *nenhum* conceito de gnose. Não digo que tenha um conceito ruim, ou tosco, ou primário. Não tem nenhum. Tem apenas uma imagem, um símbolo unificador – o da serpente no Paraíso – em torno do qual pode agrupar, pelo método mágico da

analogia, uma multidão de fatos objetivamente inconexos, cuja acumulação dê ao conjunto uma aparência de verossimilhança fortemente persuasiva -- na verdade, tanto mais fortemente persuasiva quanto menos logicamente fundamentada.

Um símbolo não pode, como um conceito geral, ser aplicado a casos particulares pelo método racional que confronta as propriedades observadas neste últimos com as propriedades deduzidas do conceito geral. Um símbolo pode ser apenas “associado”, por analogia, a outros símbolos, e organizado numa cadeia de símbolos. Mas uma analogia não é uma identidade; bem ao contrário, é um misto indissolúvel de semelhanças e diferenças, de modo que, de uma cadeia simbólica, por mais extensa e rica que seja, nada se pode concluir quanto à realidade ou irrealidade dos nexos assinalados.

Também é evidente que qualquer julgamento classificatório que se faça de um caso particular tomando como base não um conceito, mas um símbolo, será logicamente “irrefutável” pelo simples fato de não ter um conteúdo conceitual identificável que permita, nele, separar o verdadeiro do falso. Tal é exatamente o que acontece com o juízo que o sr. Fedeli faz dos meus escritos.

Comparado a qualquer esboço de apreensão conceitual, mesmo canhestra, mesmo errada, essa forma de pensamento é primitiva, irracional e puramente mágica. O desprezo que o sr. Fedeli mostra ao irracionalismo gnóstico é pura afetação, ocultando a confiança cega que ele deposita na sua própria fantasia subjetiva.

Confiar-se a esse método no puro domínio investigativo, sem conseqüências práticas para ninguém, já seria uma irresponsabilidade absolutamente intolerável. Usá-lo como critério classificatório para um julgamento que pode ter efeitos lesivos sobre a reputação alheia é o cúmulo da leviandade. Mas o que mais se poderia esperar de um sujeito que, para disparar sobre outrem uma acusação de toxicomania, se baseia num livro que nem leu?

Espero que, diante dessa constatação, o sr. Fedeli não se apegue ao subterfúgio de que essa sua definição de gnose foi apenas uma tentativa informal e provisória – pois isto implicaria reivindicar, para um texto publicado e referendado pelo autor, o privilégio da interpretação figurada e liberal, que ele jamais concede às minhas palavras nem mesmo quando proferidas oralmente, de improviso, e transcritas sem minha correção. Essa duplicidade de critérios trairia de imediato a mais completa desonestidade, agravada ainda pelo fato de que o referido texto, sendo o único que na sua *homepage* é

consagrado *ex professo* à explicitação de um conceito capital na sua obra escrita, assume nela portanto uma importância igualmente capital.

É evidente que a confusão do sr. Fedeli não tem de ser explicada necessariamente, em primeira instância, como fruto da malícia. O detalhe mais pitoresco – ou mais trágico – da sua fantasia é que, buscando definir a gnose pela sua contradição constitutiva, ele acaba por emitir, não a definição de uma contradição, mas uma definição autocontraditória. Qualquer principiante de lógica percebe a diferença entre o enunciado de uma contradição e um enunciado que se contradiz a si mesmo. Mas a contradição que o sr. Fedeli vislumbrou no seu objeto acabou por se apossar do próprio instrumental lógico com que ele tentava captá-la, e no fim as névoas da gnose encobriram o próprio olhar que buscava esclarecê-las. O sr. Fedeli é bem mais gnóstico do que jamais poderia imaginar.

Esse caso ilustra o triste destino do estudioso que, armado de um instrumental intelectual precário, se aventura a atacar um assunto superior à suas forças. A *forma mentis* do sr. Fedeli é inteiramente moldada e limitada pelos dois únicos elementos que a compõem: a extensa leitura dos textos doutrinários católicos e as técnicas de pesquisa historiográfica que aprendeu na USP. Faltam-lhe por completo a habilidade filosófica para a penetração teórica dos conceitos e a agudeza semântica para distinguir os sentidos das palavras conforme o contexto e o momento. Sua incompreensão do que lê raia freqüentemente a estupidez, como se vê na freqüência com que ele incorre na confusão entre figuras de linguagem e conceitos formais e na alteração pura e simples do sentido das palavras (se bem que seu discípulo Felipe Coelho supere o mestre nesse ponto, ao interpretar “virtude salvífica da devoção intelectual” como “salvação pelo conhecimento”). A prova de que essa confusão não é acidental, mas reflete uma sua incapacidade crônica, uma falha na sua formação intelectual e talvez até um escotoma na sua percepção geral do mundo, é que ele não a comete somente ao ler, mas também ao pensar, como se viu no presente caso, onde, imaginando elaborar um conceito, ele não produz senão símbolos e analogias.

A falta de sensibilidade para a diferença entre sentido reto e sentido oblíquo, portanto um literalismo mecânico e raso, é vício redibitório em qualquer estudioso cuja ocupação consista, basicamente, em interpretação de textos. Talvez por isso esse historiador *raté* tenha preferido dedicar-se, longe das sutilezas de um público mais culto, à carreira de líder de seita. Aí, numa atmosfera onde o temor

06/11/2023, 18:48

Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?

reverencial, o fanatismo religioso e o constante sobressalto das ovelhas que se sentem rodeadas de lobos inclinam à atrofia geral do senso das nuances da linguagem, o mestre está livre para repassar ao público as suas deficiências de compreensão, a sua desordem interior e a sua doença espiritual.

24/07/2001

Notas

(1) Orlando Fedeli, “Gnose: a religião oculta da História”, em <http://www.montfort.org.br>.

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20041215001451/http://www.montfort.org.br:80/per...>



Espaço do Leitor

[Perguntas & Respostas](#) | [Enviar dúvidas](#) | [Livro de Visitas](#) | [Assinar Boletim](#)

Carta ao leitor

Prezados senhores,

Envio em anexo uma resposta aos 4 e-mails de alunos ou admiradores do Sr. Olavo de Carvalho que foram recebidos pela Montfort nos últimos dias, juntamente com uma cópia de cada um dos e-mails referidos. Aproveito para avisá-los de que a última resposta do Prof. Orlando Fedeli acaba de ser publicada em <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo7.html>, e é excelente.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho

Felipe Coelho

Sentindo-se talvez seguros pela demora da resposta do Prof. Orlando Fedeli (que aliás acaba de ser publicada e é devastadora: cf. Orlando Fedeli, "Enrolavos, remendos e gambiarras", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo7.html>), alunos e admiradores do Sr. Olavo de Carvalho enviaram nos últimos dias à *homepage* da Montfort cada qual um e-mail, defendendo este gnóstico. Seus e-mails são simplesmente impressionantes, pois cada um é uma confissão de gnose e de repúdio à Igreja Católica, de modo que eles sozinhos já provam os "bons frutos" dos ensinamentos do Sr. Carvalho, encerrando de vez a questão. Mesmo assim, faço a seguir breves comentários a cada um deles, anexando-os a este artigo, que trata também da 12ª enrolavice (Olavo de Carvalho, "Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?", 24.07.2001, *in* <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli8.html>). Diante de tais manifestações surpreendentes, eu poderia até dizer, exagerando um pouco e brincando com um ditado conhecido: "Com inimigos desses, quem precisa de amigos?"

1. Pedro Sette Câmara, astrólogo, editor do jornal olaviano *O Indivíduo*, aluno do Sr. Olavo

O [primeiro e-mail](#) que chegou foi o de Pedro Sette Câmara. Antes de começar a escrever artigos de auto-ajuda para o jornal *O Globo* (sobre como descobrir sua vocação, etc), o Sr. Câmara era o principal articulista de temas "católicos" do jornal olaviano *O Indivíduo*, no qual assinava até uma coluna contra heresia, mais tarde extinta (provavelmente quando o Sr. Câmara comprou um espelho). Pois bem, em seu confuso e-mail, ele não só defende a astrologia e pede para fazer o mapa astral do Prof. Orlando Fedeli e de mim, como termina com a seguinte pérola: "É possível, sim, ser católico e anarquista... ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia...". Eu sei, é difícil de acreditar, e por isso anexo o e-mail do Sr. Câmara junto a este artigo, como prova. Mas, pensando bem, até que isso não é tão surpreendente, vindo da boca de alguém que se refere ao Catolicismo e a Nosso Senhor Jesus Cristo nos seguintes termos: "uma religião fundada por um sujeito que vivia cercado de prostitutas." (Pedro Sette Câmara, "Um recado aos fiscais de ortodoxia", <http://www.oindividuo.com/pedro25.htm>). Tenho ainda muitos outros textos

interessantíssimos do Sr. Câmara, mas não vou perder meu tempo citando-os; quem quiser que os leia na *homepage* de seu jornal. Ao menos em uma coisa, entretanto, tenho de concordar com o Sr. Câmara (e com Aquele que o olaviano cita, para sua própria condenação): "Pelos frutos os conhecereis"...

2. Martim Vasques da Cunha, jornalista, admirador do Sr. Olavo

O [segundo e-mail](#) foi o de Martim Vasques da Cunha, que aproveita a deixa para defender um protestante que escreveu recentemente para a Montfort. Imitando o alto nível intelectual mantido pelo Sr. Carvalho neste debate, o Sr. Cunha declara: "se eu fosse o tal leitor, faria tocaia na porta de casa e acertaria as contas."

O Sr. Cunha, além de não saber escrever (um conselho: contrate um revisor ortográfico para o seu livro, pois construções como "o meramente assunto" e "como se procede o método" são um insulto à língua portuguesa), mostra também que não sabe ler, pois acusa o Prof. Orlando Fedeli de não ter feito um trabalho analisando exaustivamente a obra do Sr. Carvalho, e a mim de não ter lido toda a obra de Eric Voegelin. Ora, o trabalho do Prof. Fedeli foi escrito em resposta a um desafio do Sr. Carvalho e para provar a gnose deste e de seu guru Guénon, para o que não foi necessário analisar toda a obra dos dois, como se viu. Quanto a mim, apenas me limitei a demonstrar que o Sr. Carvalho chuta também ao falar de Voegelin, que ironicamente o refuta em todos os pontos de seu artigo. Para isso, como se viu, não foi necessário ler toda a obra voegelianiana, o que aliás se tornou ainda mais inútil agora que um amigo do Sr. Carvalho admitiu que Voegelin é gnóstico, como se verá adiante.

Finalmente, o Sr. Cunha critica o modo com que o Prof. Orlando Fedeli defende a Igreja Católica. Mas veja-se o que pensa realmente o Sr. Martim Vasques da Cunha a respeito da Santa Igreja: "A Igreja Católica mente como nunca e ela está sempre atrasada em termos intelectuais. Por favor, não acredito que ainda existem pessoas que acham que a Igreja Católica é infalível. (...) A instituição da Igreja Católica não representa Jesus Cristo. Representa, isso sim, os interesses dos papas e dos cardeais que lutam para se aliar com o Estado de César." (Martim Vasques da Cunha, 19.03.2001, *Forum Sapientia*, tópico "René Guénon", subtópico "Projeto científico de Olavo de Carvalho?"). E ainda, no mesmo local: "A Igreja Católica é uma das instituições mais permissivas que existem. Ela não tem nada a ver com o Catolicismo primordial, o verdadeiro Cristianismo." (20.03.2001). E por fim, no mesmo local, respondendo a um Católico que protestou contra os insultos do Sr. Cunha à Igreja: "...é melhor que fique mesmo de matraca fechada porque revoltas de papa-óstia [sic] prejudicam a discussão... fico contente se o senhor contribuir com a discussão, defendendo a Fé Católica e não a instituição que finge representá-la, já dominada há muito tempo pelo Anti-Cristo." (21.03.2001).

"Pelos frutos os conhecereis"...

3. José Nivaldo Cordeiro, articulista do jornal olaviano *O Indivíduo*, aluno do Sr. Olavo [\[vide errata\]](#)

O [terceiro e-mail](#) foi o de José Nivaldo Cordeiro, articulista do jornal olaviano *O Indivíduo*, que já começa admitindo que seu professor Olavo de Carvalho o ajudou a ser um "cristão" sem Igreja: "A obra do Olavo, a bem da verdade, ajudou-me a ter uma maior clareza do que é ser cristão, a ponto de hoje eu me declarar abertamente assim, embora sem igreja alguma."

Mas que "cristianismo" é esse do Sr. Cordeiro? Para começar, ele aponta como grandes homens espirituais Jesus Cristo, São Paulo, Jung e Olavo de Carvalho (José Nivaldo Cordeiro, 24.03.2001, in *Forum Sapientia*, tópico "Sugestões", subtópico "Política e religião", p. 19, <<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum6/HTML/000050-19.html>>). Defende abertamente o milenarismo, e chama a Nova Era de "Era do Ecumenismo Radical", inspirando-se no termo cunhado por seu professor Olavo de Carvalho: "...não adiantam [sic] os críticos do milenarismo vociferarem contra a Nova Era. É um fato astronômico, é Física. Efetivamente iniciou-se o Ano Platônico de Aquário. O que é importante é se perguntar se algo muda na mente do homem, se a humanidade de alguma maneira passará por alguma metamorfose. A dar crédito a Jung, por exemplo, haverá sim, na verdade já houve: a Era de Aquário implica em ir além do Cristianismo..." (José Nivaldo Cordeiro, "A Era do Ecumenismo Radical", 27.12.2000, in *Forum Sapientia*, tópico "Sugestões", subtópico "Política e religião", p. 8, <<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum6/HTML/000050-8.html>>).

O Sr. Cordeiro, que de cordeiro não tem nada, afirma ainda que o sacramento do batismo foi uma "exteriorização", uma "burocratização" feita por sacerdotes, da "vivência

06/11/2023, 18:48

Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho

interior", da "experiência direta com Deus" (será que ele é gnóstico?). Logo em seguida, falando do Deus da Igreja Católica, o Sr. Cordeiro acrescenta: "O Deus que morreu é esse deus da burocracia clerical, que ninguém medianamente inteligente pode aceitar". Depois, ainda no mesmo artigo, o Sr. Cordeiro admite sua heterodoxia ao esclarecer um outro ponto deste curioso "cristianismo" do qual ele é "papa": "Para a burocracia eclesiástica, e não só da Igreja Católica, você está certa, há os 'salvos' e os 'condenados'. Mas a minha leitura dos Evangelhos sinóticos, nas palavras atribuídas a Cristo, não encontrei essa dicotomia." (José Nivaldo Cordeiro, 24.03.2001, in *Forum Sapientia*, tópico "Sugestões", subtópico "Política e religião", p. 20, <<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum6/HTML/000050-20.html>>).

"Pelos frutos os conhecereis"...

4. Prof. José Osvaldo de Meira Penna, presidente do Instituto Liberal de Brasília, colega do Sr. Olavo (ontem na revista esotérica *Planeta* e hoje no *Jornal da Tarde*)

Por fim, o último e-mail recebido sobre a polêmica foi o do também junguiano Prof. José Osvaldo de Meira Penna (cf. J. O. de Meira Penna, "D. Juan e o bandeirante brasileiro", in *Revista Planeta*, edição especial sobre Jung, s/ data). Nele, o Prof. Meira Penna admite que Eric Voegelin é gnóstico (os negritos são meus): "**O próprio Voegelin**, ao final de sua obra e especialmente em *Anamnesis*, que é uma espécie de auto-biografia que ele escreveu pouco tempo antes de falecer, **declara que suas posições sobre o Gnosticismo mudaram. Na realidade, ele não fala mais nisso e revela uma postura que me parece bastante 'gnóstica'**, a saber que a Verdade e o Conhecimento (gnosis) podem ser alcançados não só através da 'Revelação' cristã, mas pela filosofia (entenda-se, a filosofia grega)."

Muito obrigado por confirmar minhas suspeitas, professor.

5. Olavo de Carvalho e seu 12º (décimo-segundo!) enrolavo

Por fim, analisemos muito brevemente a última mudança de assunto do Sr. Olavo de Carvalho. Não há novidades, apenas mais fugas e contradições, tudo naquele estilo obscuro que deixa seus alunos e admiradores num estado de "confusão", como eles mesmos admitem pelo título de seus e-mails. Pois o Sr. Olavo de Carvalho continua sem dizer uma linha sobre a gnose de Guénon ou dos textos olavianos analisados pelo Prof. Orlando Fedeli em seu trabalho (Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, <<http://www.montfort.org.br/cadernos/guénon.html>>). Ao invés disso, o Sr. Carvalho aqui critica um outro artigo do Prof. Fedeli, discorre sobre Hegel, finge que não leu minha refutação e insiste sobre Voegelin (cf. Felipe Coelho, "Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html>>), embroma sobre "lógica", etc.

Para cúmulo do ridículo, a crítica que o Sr. Carvalho faz a uma das definições ("conhecimento do incognoscível") que o Prof. Orlando Fedeli dá à gnose em seu breve artigo introdutório foi tirada *do próprio artigo* do Prof. Fedeli! Maior descaramento, impossível. Pois diz o Prof. Orlando Fedeli em seu artigo: "Evidentemente, essa conceituação revela uma contradição que é típica da gnose. Conhecer o incognoscível é uma contradição *conceitual e lógica*." (Orlando Fedeli, "Gnose - Religião oculta da história", <<http://www.montfort.org.br/veritas/gnose.html>>, itálico meu).

E assim acaba a controvérsia. Encerro aqui minha participação, para não permitir que isso se torne uma disputa entre alunos, desviando o assunto. Que estrebuchem à vontade os demônios. Depois da 12ª (décima-segunda!) fuga do Sr. Olavo de Carvalho e dos esclarecedores e-mails de seus alunos e admiradores, além é claro da arrasadora última resposta do Prof. Orlando Fedeli, já deve ter ficado bastante claro a todos quem está do lado da Igreja Católica e quem está do lado da gnose e da heresia.

In Jesu et Mariae,
Felipe Coelho.

05.08.2001

Email 1:

06/11/2023, 18:48

Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho

-----Mensagem Original-----

De: [Pedro Sette Câmara](#)**Para:** [Felipe Coelho](#) ; [Montfort Associação Cultural](#)**Enviada em:** Sexta-feira, 3 de Agosto de 2001 19:30**Assunto:** Notas sobre a confusão**Notas sobre a confusão**

1. Realmente, não sei quais são as coisas que eu sei que os demais alunos do *Seminário de Filosofia* não podem saber. É compreensível que eu saiba mais coisas ensinadas por Olavo de Carvalho e sobre a vida de Olavo de Carvalho uma vez que sou aluno dele há alguns anos, já moramos na mesma cidade, e eu freqüentasse sua casa - junto com outros amigos, aliás - , além de ser amigo de alguns de seus filhos e até hoje tenha aulas de astrologia - ó horror! - com um deles, a quem muito admiro e estimo. Contudo, nada do que ouvi dos membros da família Carvalho me foi dito em segredo. Se há uma sociedade secreta dentro do *Seminário de Filosofia*, também eu preciso ser informado.

2. Tenho uma dúvida, e creio que só o Sr. Fedeli, tão conhecedor das burocracias da Igreja, poderia resolvê-la. Por acaso um homem que durante anos e anos da sua vida tenha pertencido a uma seita herética, como a TFP, não precisa acertar as contas com o Santo Ofício, sobretudo antes de pretender falar publicamente de assuntos da Igreja como se dela fosse o mais puro dos membros?

3. Sou apenas um estudante de astrologia, e falta muito para que eu consiga equacionar esta questão na minha cabeça. Mas posso, já que o assunto anda tão badalado, arriscar uma interpretação: suas confusões verbais e seu ímpeto de cruzado aparecem na atual oposição entre Saturno em Gêmeos e Marte em Sagitário. Não me espantaria também se o Sr. Fedeli ou o Sr. Coelho tivessem Saturno na Casa IX. Se os Srs. fornecessem os horários e locais de nascimento, isto contribuiria muito para a minha compreensão dos símbolos astrológicos.

4. Os Srs. aí da Montfort não acham que essas estrelinhas antes dos títulos no site de vocês são altamente maçônicas?

5. É impressionante como há pessoas que, não contentes em se dizer católicas, ainda exigem que o resto dos católicos se conforme à sua imagem mental do que venha a ser catolicismo. É possível, sim, ser católico e anarquista, ser católico e defender a livre-empresa, ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia, enfim, ser católico e *não achar que o catolicismo depende de fazer o mundo conformar-se a uma visão pessoal de mundo considerada "católica"* - isto sim seria uma "gnose" de tinturas católicas, como a TFP, de onde surgiu o Sr. Fedeli. Pelos frutos os conhecereis.

Pedro Sette Câmara

Email 2:

-----Mensagem Original-----

De: [maria da piedade eca e almeida](#)**Para:** [Pedro Sette Câmara](#) ; [Felipe Coelho](#) ; [Montfort Associação Cultural](#)**Enviada em:** Sábado, 4 de Agosto de 2001 00:58**Assunto:** Algumas certezas nessa confusão

Aos interessados na polêmica Fedeli - Olavo de Carvalho:

No meio dessa confusão de quem é e quem não é gnóstico, quem presta e quem não presta, quem é maluco e não é maluco, existem certos pontos que ficam cada vez mais claros:

1) O Sr. Orlando Fedeli tem uma antipatia pessoal pelo Sr. Olavo de Carvalho. Isso fica óbvio quando se lê um dossiê de 140 páginas cheio de trechos da obra do Sr. Carvalho, com o intuito de querer denunciar seu "gnosticismo", mas nunca se tem apreensão total da obra do mesmo, o que é a melhor amostra de como se procede o estranho método científico do sr. Fedeli. Ou seja, o Sr. Fedeli leu a obra do Sr. Carvalho pela farra da polêmica, nunca pelo desejo de conhecer melhor, mesmo considerando-o como seu pretenso inimigo.

2) No entanto, o Sr. Olavo de Carvalho não é o mocinho da história. Ele até estava indo bem, mas perdeu 50% da razão ao responder ao Sr. Felipe Coelho, chamando-o de "menino idiota". Ora, numa discussão que deveria ser de interesse intelectual (e nunca pessoal, como é o caso do Sr. Fedeli), o Sr. Carvalho saiu do controle ao xingar de forma tão pessoal um competidor na corrida rumo ao "quem está certo".

3) O Sr. Felipe Coelho é um discípulo dedicado do Sr. Fedeli, isso é cristalino. Ele segue os mesmos métodos científicos: o melhor exemplo é a absurda refutação que faz entre o Sr. Carvalho e a obra de Eric Voegelin. O Sr. Coelho não deve ter tido tempo suficiente para ler completamente a obra tão vasta e complexa deste cientista político. Afinal, ele cita as Autobiographic Reflections, a Nova Ciência da Política, mas não cita quase nenhum trecho (e quando cita, é por meio de terceiros - no caso, uma série de resumos encontrado em um site da internet, divulgado na home page de Olavo de Carvalho (não é irônico?) -, o que desqualifica a argumentação) de Order and History, a monumental revisão que Voegelin faz da história das idéias e dos símbolos. Para estudar a obra de Voegelin, é preciso ter uma dedicação e um tempo que ultrapassa o meramente assunto de "quem é e quem não é gnóstico". Logo, o Sr. Coelho se embananou todo ao querer imitar o seu Mestre, pois, antes de tudo, deve-se ler Voegelin e Olavo de Carvalho (e qualquer autor que se preze hoje em dia) para ter a apreensão total do sentido da obra; somente depois, e muito depois, deve-se analisar parte por parte para acrescentar detalhes à conclusão geral. Sugestão ao Sr. Coelho: só escreva sobre Eric Voegelin quando ler e meditar sobre sua obra na *íntegra*.

4) Os discípulos montfortianos fazem inquisição intelectual. A prova disso está no próprio site em que algum discípulo (não me lembro quem) fez um texto sobre Guimarães Rosa em que , entre outras, criticava sua obra por não ser católica e sim "gnóstica". Ora, bolas, então não posso ler Moby Dick do Melville, William Blake, o Ulysses de Joyce, Jung, René Guénon - ou seja, tudo aquilo que eu deveria ler para saber o que é certo e errado? Para a Montfort, o leitor não tem liberdade nenhuma de fazer seus próprios critérios - eles fazem por você. O único preço que você paga é um pouco da liberdade do seu espírito.

5) Não sou seguidor, discípulo, aluno ou amigo do Sr. Olavo de Carvalho. Mantive apenas alguns contatos com ele por telefone e por e-mail para um livro que ainda estou escrevendo e nos últimos tempos andei um pouco desapontado pelo fato do tópico "Cristianismo X Gnosticismo" ter sido eliminado do seu Fórum na internet. Tempos depois, meus companheiros de correspondência por e-mail, Graça Salgueiro e José Nivaldo Cordeiro, me explicaram as verdadeiras razões do Sr. Carvalho ter agido daquela maneira, no qual compreendi apenas em parte. Mas isto é um problema meu e não do Sr. Carvalho. Escrevo isto para constatar que não tenho nenhum vínculo com o escritor, jornalista e filósofo Olavo de Carvalho a não ser aquele que é o mais saudável entre um estudioso e

06/11/2023, 18:48

Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho

um autor: a da leitura silenciosa e individual. Por isso, não o defendo em hipótese nenhuma. Apenas constato que no meio dessa barafunda, o Sr. Carvalho tem mais razão intelectual que o Sr. Fedeli. Este, por sua vez, não me desperta nenhuma simpatia ou interesse em ver suas tão comentadas aulas. No Espaço ao Leitor do site Montfort ele trata com tamanho sarcasmo um leitor protestante que lhe pergunta sobre o culto da Virgem Maria que, se eu fosse o tal leitor, faria tocaia na porta de casa e acertaria as contas. Uma coisa é defender a Igreja Católica; a outra é atacar os outros ramos cristãos para preservar o que lhe resta do seu latifúndio. Perto disso, chamar um discípulo de "menino idiota" é uma piada de mal gosto. O Sr. Fedeli é o exemplo perfeito não de uma tradição católica e sim de uma instituição que está atrasada e não assumiu suas limitações. Ele é o gnóstico em questão - quer provocar a discórdia não só intelectual, mas do espírito. E ao ficar assinando em nome de Cristo, deveria saber que não será perdoado pois sabe muito bem o que faz.

Cordialmente, mesmo para aqueles que se sintam ofendidos com esta mensagem,

Martim Vasques da Cunha de Eça e Almeida
Jornalista

Email 3:

-----Mensagem Original-----

De: [José Nivaldo Cordeiro](#)

Para: [pedrosette](#) ; [felipecoelho](#) ; [webmaster@montfort.org.br](#); [mpbalmeida](#)

Enviada em: Sábado, 4 de Agosto de 2001 10:32

Assunto: Re: Algumas certezas nessa confusão

Caro Amigo Martim,

Eu não li todo o material da polêmica, pois estou metido em outros projetos mais urgentes, que me têm tomado muito tempo. Mas desde o início achei que as posições do Sr. Fedeli estão além do debate intelectual saudável. São, para dizer o mínimo, histriônicas . Ele partiu para o messianismo, possuído de certezas que só têm os chalatães e ou loucos. Ou ambos. As posições do Olavo de Carvalho eu as conheço e respeito. A obra do Olavo, a bem da verdade, ajudou-me a ter uma maior clareza do que é ser cristão, a ponto de hoje eu me declarar abertamente assim, embora sem igreja alguma.

De qualquer modo, agradeço pela lembrança ao me pôr a par da discussão. É sempre um grande prazer ler as suas inteligentes observações.

Abraço fraterno.

José Nivaldo

PS. "Grande Sertão, Veredas", é um livro cristão, sim. Para entender isso é preciso decifrar a linguagem e os símbolos contidos no livro. Quem pensar o contrário não entendeu o mestre Guimarães Rosa. Que será que a turma do Fedeli pensa do símbolo do Urutu-branco?

Email 4:

06/11/2023, 18:48

Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho

-----Mensagem Original-----

De: [Meira Penna](#)**Para:** [José Nivaldo Cordeiro](#)**Cc:** [pedrosette](#) ; [felipecoelho](#) ; webmaster@montfort.org.br**Enviada em:** Sábado, 4 de Agosto de 2001 16:23**Assunto:** Re: Algumas certezas nessa confusão

Creio que a briga sobre o Gnosticismo é estéril. O próprio Voegelin, ao final de sua obra e especialmente em "Anamnesis", que é uma espécie de auto-biografia que ele escreveu pouco tempo antes de falecer, declara que suas posições sobre o Gnosticismo mudaram. Na realidade, ele não fala mais nisso e revela uma postura que me parece bastante "gnóstica", a saber que a Verdade e o Conhecimento (gnosis) podem ser alcançados não só através da "Revelação" cristã, mas pela filosofia (entenda-se, a filosofia grega). É isso o que fizeram os grandes pensadores dos dois últimos séculos, inclusive Nietzsche, Jung e uma grande cópia de teólogos tanto católicos quanto protestantes. O que é necessário, a meu juízo, é superar o "dogmático". Não é mais possível seguir a leitura literal da Bíblia, que é o que fazem os Fundamentalistas. Apocalipse e Evangelho de S. João, por exemplo, estão cheios de idéias gnósticas. Isso o próprio Voegelin declara. Os puritanos ingleses não eram gnósticos, como Voegelin em certo ponto sugere, mas pelo contrário, fieis intérpretes dos Evangelhos e da Bíblia hebraica. Assim, acho que a discussão entra numa troca semântica polêmica que é inútil. Um abraço atencioso a todos os amigos, conhecidos e desconhecidos. MEIRA PENNA

ERRATA:

Prezados senhores,

Em meu recente artigo "Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho", enviado ontem, eu disse por engano que José Nivaldo Cordeiro é "articulista do jornal olaviano 'O Indivíduo' e aluno do Sr. Olavo". Em lugar disso, leia-se apenas: "admirador do Sr. Olavo".

Evidentemente, isso em nada muda minha argumentação.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

[\[voltar para item 3 da carta\]](#)

[Home](#) | [Veritas](#) | [Cadernos Montfort](#) | [Documentos da Igreja](#)
[Destaques da Imprensa](#) | [Orações](#) | [Espaço do leitor](#)

© Associação Cultural Montfort

Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20150703094329/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Aviso Número 4

Juntando as quatro teses da gnose antiga assinaladas pela Enciclopédia Routledge às seis da moderna apontadas por Eric Voegelin, desafiei o sr. Fedeli a mostrar, nos meus escritos, alguma afirmação que coincidissem com umas ou com as outras. Como ele apareceu com algumas centenas, nas quais porém não vejo nada disso, só posso concluir que ou estou redondamente enganado quanto ao sentido de tudo o que escrevi ao longo da vida, ou o sr. Fedeli não está me compreendendo bem.

Esta última hipótese me parece, francamente, a mais razoável.

Um dos inúmeros motivos que me levam a acreditar nisso é que, das amostras colhidas por ele, nem todas são minhas. Muitas são de autores que, um tanto *cum grano salis*, denominei “meus gurus”. Tomando esta palavra ao pé da letra, no sentido de discipulado estrito portanto, e sem notar que o número e a variedade desses gurus já tornam absolutamente inviável essa interpretação, ele compõe com ela raciocínios do seguinte teor:

Olavo de Carvalho diz jamais ter afirmado que x é y.

Ora, Fulano de Tal afirma que x é y.

Olavo de Carvalho é discípulo de Fulano de Tal.

Logo, Olavo de Carvalho afirma que x é y.

Em resultado dessa operação, repetida vezes sem conta, vejo-me dizendo o que não disse, crendo o que não creio, sendo o que não sou.

Se eu estivesse em alguma crise de identidade, talvez me interessasse profundamente pelo sentido que o sr. Fedeli encontra nos meus pensamentos, tão diverso daquele que eu próprio costume enxergar neles. Talvez até admitisse me colocar em exame pelo método fedeliano de me atribuir lealdades e filiações que desconheço, e

deduzir delas as convicções que, se não as tenho, deveria tê-las para ser o que o sr. Fedeli diz que sou.

Mas minhas dúvidas a meu próprio respeito não chegam a esse ponto.

Muito menos duvido de mim ao ponto de imaginar que sou Orlando Fedeli. Não obstante, às vezes o sr. Fedeli me atribui não os pensamentos de terceiros, mas os seus próprios. Por exemplo: entre as seis características que Voegelin aponta na gnose moderna, está a “revolta contra a ordem do ser”. Ao desafiar portanto o sr. Fedeli a assinalar nos meus escritos a revolta contra a ordem do ser, seguro de que ele não poderia encontrá-la, pois não sinto essa revolta de maneira nenhuma, eu tinha em vista, obviamente, a ordem do ser *tal como definida por Eric Voegelin* (a qual, por uma coincidência, se encontra resumida no meu artigo “O infinito de Anaximandro”). Já o sr. Fedeli, ignorando totalmente o conceito voegeliniano subentendido no desafio, preferiu compreender a expressão “ordem do ser” no sentido da ordem do ser *tal como concebida por Orlando Fedeli* – e, notando que estou em desacordo com esta última, concluiu, com rigor lógico impecável, que estou revoltadíssimo contra a ordem do ser enquanto tal e que, portanto, sou um gnóstico. Por exemplo, na ordem do ser segundo Orlando Fedeli a liberdade de consciência é – cito-o literalmente – “uma monstruosidade”. Ora, Olavo de Carvalho não concorda plenamente com isso, ao menos no sentido que a coisa tem em Orlando Fedeli. Logo, Olavo de Carvalho está contra a ordem do ser. *Quod erat demonstrandum*.

Outro exemplo desse *modus interpretandi* está no uso que ele faz da expressão “estar insatisfeito com a própria situação”, com a qual Voegelin distingue outra característica da mentalidade gnóstica. Para provar que essa característica define inconfundivelmente a minha mentalidade, o sr. Fedeli alega que estou insatisfeito com a situação *do presente debate*. Logo, sou um gnóstico. O próprio Voegelin, ao conceber esse critério distintivo, não pensava que ele pudesse ter uma aplicação tão engenhosa.

Na verdade, o sr. Fedeli não afirma que estou apenas insatisfeito, mas furioso, hidrofóbico, espumando de cólera impotente ante a penetração e a argúcia das suas análises. Mesmo à distância, ele chega a descrever com singular acuidade psicológica o estado emocional tremebundo e animalesco que ele jura ter-se apossado do meu ser à leitura de sua fulminante exegese da minha filosofia. (1) O método que ele emprega para chegar a esse diagnóstico é o mesmo com que interpretou minha figura de linguagem sobre “cortar o próprio

pescoço” – imitada de Léon Bloy – como uma ameaça de homicídio proferida contra a sua pessoa.

Mas há um momento em que o tirocínio interpretativo do sr. Fedeli se supera. É quando ele, notando que afirmei haver dois sentidos correntes da palavra *fé* na língua portuguesa, vai procurar o verbete correspondente no *Dicionário Aurélio* (como aliás poderia ter procurado em qualquer outro) e encontra os mesmos dois sentidos, daí concluindo, indignado e escandalizadíssimo, que... plagiei o *Dicionário Aurélio*.

O mínimo que posso dizer desses procedimentos hermenêuticos, repetidos *ad nauseam* nas análises que o sr. Fedeli faz do meu pensamento, é que são originalíssimos. Eu mesmo nunca tinha pensado em interpretar meus escritos -- ou os de quem quer que fosse -- por esse viés. Aliás continuo não pensando. Pretendo, mesmo, não pensar jamais.

Por essa mesma razão, não vejo motivo para examinar em detalhe as centenas de citações que o sr. Fedeli tão trabalhosamente coletou, com penas de amor perdidas, em textos meus e nos de outros autores. As amostras do seu método de interpretação que deparei numas poucas páginas do seu novo escrito já me demoveram de qualquer tentação de ler as restantes.

Não quero aprender esse método e acho, realmente, que ninguém deveria aprendê-lo.

05/08/01

Notas

(1) Para descrever esse estado indescritível, o notável escritor ítalo-botocudo se vê obrigado mesmo a realizar um *tour de force* estilístico, afirmando que estou em pleno transe de “esperneamento hidrófobo”, figura de grande força poética cujo significado me escapa porque, segundo os manuais de veterinária, animais hidrófobos não esperneiam.

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

Polêmicas

 Download  Enviar  Imprimir

☆☆ Reposta ao AVISO 4

PERGUNTA

Felipe

Nome:

06/08/2001

Enviada em:

RESPOSTA

O AVISO 4 do sr. Olavo de Carvalho anuncia sua Fuga em Ré Maior.

Aviso Número 4

<

Olavo de Carvalho

Juntando as quatro teses da gnose antiga assinaladas pela Enciclopédia Routledge às seis da moderna apontadas por Eric Voegelin, desafiei o sr. Fedeli a mostrar, nos meus escritos, alguma afirmação que coincidissem com umas ou com as outras. Como ele apareceu com algumas centenas, nas quais porém não vejo nada disso, só posso concluir que ou estou redondamente enganado quanto ao sentido de tudo o que escrevi ao longo da vida, ou o sr. Fedeli não está me compreendendo bem.

Esta última hipótese me parece, francamente, a mais razoável.

Um dos inúmeros motivos que me levam a acreditar nisso é que, das amostras colhidas por ele, nem todas são minhas. Muitas são de autores que, um tanto *cum grano salis*, denominei "meus gurus". Tomando esta palavra ao pé da letra, no sentido de discipulado estrito portanto, e sem notar que o número e a variedade desses gurus já tornam absolutamente inviável essa interpretação, ele compõe com ela raciocínios do seguinte teor:

Olavo de Carvalho diz jamais ter afirmado que

x é y.

Ora, Fulano de Tal afirma que x é y.

Olavo de Carvalho é discípulo de Fulano de Tal.

Logo, Olavo de Carvalho afirma que x é y.

Em resultado dessa operação, repetida vezes sem conta, vejo-me dizendo o que não disse, crendo o que não creio, sendo o que não sou.

Se eu estivesse em alguma crise de identidade, talvez me interessasse profundamente pelo sentido que o sr. Fedeli encontra nos meus pensamentos, tão diverso daquele que eu próprio costume enxergar neles. Talvez até admitisse me colocar em exame pelo método fedeliano de me atribuir lealdades e filiações que desconheço, e deduzir delas as convicções que, se não as tenho, deveria tê-las para ser o que o sr. Fedeli diz que sou.

Mas minhas dúvidas a meu próprio respeito não chegam a esse ponto.

Muito menos duvido de mim ao ponto de imaginar que sou Orlando Fedeli. Não obstante, às vezes o sr. Fedeli me atribui não os pensamentos de terceiros, mas os seus próprios. Por exemplo: entre as seis características que Voegelin

aponta na gnose moderna, está a "revolta contra a ordem do ser". Ao desafiar portanto o sr. Fedeli a assinalar nos meus escritos a revolta contra a ordem do ser, seguro de que ele não poderia encontrá-la, pois não sinto essa revolta de maneira nenhuma, eu tinha em vista, obviamente, a ordem do ser *tal como definida por Eric Voegelin* (a qual, por uma coincidência, se encontra resumida no meu artigo "O infinito de Anaximandro"). Já o sr. Fedeli, ignorando totalmente o conceito voegeliniano subentendido no desafio, preferiu compreender a expressão "ordem do ser" no sentido da ordem do ser *tal como concebida por Orlando Fedeli* – e, notando que estou em desacordo com esta última, concluiu, com rigor lógico impecável, que estou revoltadíssimo contra a ordem do ser enquanto tal e que, portanto, sou um gnóstico. Por exemplo, na ordem do ser segundo Orlando Fedeli a liberdade de consciência é – cito-o literalmente – "uma monstruosidade". Ora, Olavo de Carvalho não concorda plenamente com isso, ao menos no sentido que a coisa tem em Orlando Fedeli. Logo, Olavo de Carvalho está contra a ordem do ser. *Quod erat demonstrandum*.

Outro exemplo desse *modus interpretandi* está no uso que ele faz da expressão "estar insatisfeito com a própria situação", com a qual Voegelin distingue outra característica da mentalidade gnóstica. Para provar que essa característica define inconfundivelmente a minha mentalidade, o sr. Fedeli alega que estou insatisfeito com a situação *do presente debate*. Logo, sou um gnóstico. O próprio Voegelin, ao conceber esse critério distintivo, não pensava que ele pudesse ter uma aplicação tão engenhosa.

Na verdade, o sr. Fedeli não afirma que estou apenas insatisfeito, mas furioso, hidrofóbico, espumando de cólera impotente ante a penetração e a argúcia das suas análises. Mesmo à distância, ele chega a descrever com singular acuidade psicológica o estado emocional tremebundo e animalesco que ele jura ter-se apossado do meu ser à leitura de sua fulminante exegese da minha filosofia. (1) O método que ele emprega para chegar a esse diagnóstico é o mesmo com que interpretou minha figura de linguagem sobre "cortar o próprio pescoço" – imitada de Léon Bloy – como uma ameaça de homicídio proferida contra a sua pessoa.

Mas há um momento em que o tirocinio interpretativo do sr. Fedeli se supera. É quando ele, notando que afirmei haver dois sentidos correntes da palavra *fé* na língua portuguesa, vai procurar o verbete correspondente no *Dicionário Aurélio* (como aliás poderia ter procurado em qualquer outro) e encontra os mesmos dois sentidos, daí concluindo, indignado e escandalizadíssimo, que... plagiei o *Dicionário Aurélio*.

O mínimo que posso dizer desses procedimentos hermenêuticos, repetidos *ad nauseam* nas análises que o sr. Fedeli faz do meu pensamento, é que são originalíssimos. Eu mesmo nunca tinha pensado em interpretar meus escritos -- ou os de quem quer que fosse -- por esse viés. Aliás continuo não pensando. Pretendo, mesmo, não pensar jamais.

Por essa mesma razão, não vejo motivo para examinar em detalhe as centenas de citações que o sr. Fedeli tão trabalhosamente coletou, com penas de amor perdidas, em textos meus e nos de outros autores. As amostras do seu método de interpretação que deparei numas poucas páginas do seu novo escrito já me demoveram de qualquer tentação de ler as restantes.

Não quero aprender esse método e acho, realmente, que ninguém deveria aprendê-lo.

05/08/01

Notas

(1) Para descrever esse estado indescritível, o notável escritor ítalo-botocudo se vê obrigado mesmo a realizar um *tour de force* estilístico, afirmando que estou em pleno transe de "esperneamento hidrofobo", figura de grande força poética cujo significado me escapa porque, segundo os manuais de veterinária, animais hidrofobos não esperneiam.

<http://www.olavodecarvalho.org/textos/aviso4.htm> >São Paulo, 6 de agosto de 2.001
Orlando Fedeli.

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20070427174740/http://www.olavodecarvalho.org:8...>



Um grupo de psicóticos

Olavo de Carvalho

Nada mais fácil do que livrar-se de um debate chamando o interlocutor de louco. Não me lembro de ter jamais recorrido a esse subterfúgio, que, bem ao contrário, foi muito usado contra mim por pessoas que nada tinham a opor aos meus argumentos. Mas igualmente fácil e leviano seria obrigar um homem a submeter-se a qualquer cobrança despropositada de um louco, sob a alegação de que chamar o louco de louco seria expediente indigno de um debatedor honesto.

A diferença entre as duas situações é que na primeira o sujeito trata de se desviar rapidamente da conversa mediante uma desculpa de ocasião, enquanto a segunda implica o exame criterioso da psicologia do adversário e a prova de que qualquer conversa racional com ele é impossível. Esta é, precisamente, a situação em que me encontro diante das acusações que me move o sr. Orlando Fedeli.

Que ele é maluco, qualquer pessoa com um pouco de experiência da vida percebe a um primeiro exame. Mas isso não me pareceu razão suficiente para lhe recusar uma resposta, pois há graus e graus de loucura e não supus que a dele fosse tanta que inviabilizasse in limine qualquer possibilidade de diálogo. Foi só aos poucos que me dei conta da extensão da sua patologia, chegando por fim à conclusão de que continuar debatendo com ele seria fazer-me de palhaço.

O sr. Fedeli, de fato, não é um debatedor como os outros. Para ele, alguém discordar de suas opiniões não é simples matéria de divergência intelectual, mas um pecado intolerável – e não apenas intolerável moralmente, mas socialmente: algo, portanto, que não

apenas se deve condenar em sentimentos e palavras, mas que deve ser proibido e reprimido pela autoridade civil. Ele próprio o declara, com extraordinária candura, ao afirmar que, no seu entender, a liberdade de consciência é “uma monstruosidade”.

Ao investir contra um antagonista, ele não o faz portanto na condição de simples debatedor, mas na de autoridade judicial não reconhecida pelo mundo mau. Daí o estilo policial e tribunalício da sua argumentação, na qual as expressões “réu”, “culpado”, “acusado” e “confissão” retornam a cada instante, num refrão obsessivo destinado a transportar o leitor, da situação real, a uma situação imaginária de processo canônico, um ambiente aterrorizante onde discordar da palavra do juiz seria, mais que uma insolência, um risco.

O uso desse estilo numa sociedade livre e democrática, onde mesmo a autoridade religiosa constituída evita impor suas sentenças acima dos direitos assegurados pela legislação civil, já denota, por si, uma personalidade anormal. Mas a suspeita de patologia torna-se uma certeza quando se nota que, em vez de juiz de algum tribunal canônico, o homem que assim fala é apenas um leigo, um cidadão comum, sem qualquer autoridade religiosa e, no máximo, chefe de uma seitinha miserável cuja existência a Igreja ignora solenemente -- um juiz de fantasia cujo veredicto, por terrificante que pareça, não será levado a efeito senão no tribunal da sua imaginação.

Que ele possa pensar que seu esse tribunal é o próprio Juízo Final, e que Deus em pessoa condenará no eterno o que Orlando Fedeli condene neste mundo, é um direito que eu seria o último a lhe negar, persuadido que estou de que o princípio da liberdade de consciência para os homens normais implica, como corolário incontornável, a *liberdade de inconsciência* para os loucos, os bêbados e os menores de idade.

Mas tudo isso ainda não me dissuadia de debater com o sr. Fedeli, pois o diagnóstico de insanidade não me permitia apostar, *a priori*, que se tratasse de quadro clínico irreversível.

Foi só o exame substantivo da sua argumentação que me demonstrou a total inviabilidade de disputar com ele no terreno racional. A exposição que se segue mostrará aos leitores que, ao declarar louco o sr. Fedeli, não lhe dirijo um insulto, nem muito menos apelo a uma desculpa infamante para me livrar de um superpenteleto -- por mais justo que fosse esse apelo nas presentes circunstâncias --, mas faço uma simples constatação de fato.

O sr. Fedeli publica em sua *homepage* os depoimentos de Felipe Coelho com o quem insinuasse que a condição de ex-aluno meu dá a seu autor algum respaldo para falar a meu respeito com isenção. Vi de fato essa criatura algumas vezes no meu curso, mas nunca cheguei sequer a conversar com ela, pois parecia de uma timidez mórbida. Felipe alega que só se ligou à Associação Montfort *depois* de freqüentar minhas aulas; não tenho razão para duvidar do que diz, mas o fato é que, nelas, estava sempre rodeado de um certo grupo de colegas dos quais alguns já me falavam da Associação Montfort, sem dizer que eram seus membros, no tempo em que o *Seminário de Filosofia* funcionava no Clube Nacional, três ou quatro anos atrás. Nessa época, uma amiga minha, cujo nome não vou citar por enquanto porque não lhe pedi autorização, foi à Associação Montfort e lá encontrou, para seu espanto, todos esses meninos. Também é patente que, logo ao começar este debate, o sr. Fedeli, sacando da gaveta um maço de textos meus de vinte anos atrás, dos quais nem eu próprio me lembrava nem tinha cópias, provou que já vinha rastreando minha vida desde muito antes, o que dificilmente poderia fazer sem a ajuda de um devoto círculo de militantes. O caso configura nitidamente um longo trabalho de penetração, de cerco e de bisbilhotice.

Mas isso, no fim das contas, não vem ao caso. Sempre conheci mal essas pessoas e nunca tive interesse em sondar suas vidas. Foi só depois de eclodido o presente debate que alguns alunos vieram me contar o que sabiam delas.

Esse menino, Felipe Coelho, por exemplo, encontrou na Associação Montfort um grupo religioso feito sob medida para a sua *forma mentis*, a de um rapaz inseguro e neurótico ansioso de apoiar-se numa autoridade, sacrificando no altar dela a sua inteligência e a sua dignidade pessoal. O sr. Orlando Fedeli atende perfeitamente a essa demanda, pois ele é, como os nazistas e comunistas, se bem que sob pretextos diferentes, um apóstolo da extinção da liberdade de consciência – a tal “monstruosidade”.

A abolição dessa monstruosidade importaria na conversão forçada de judeus, muçulmanos, protestantes e outros infiéis, ou pelo menos na proibição de seus cultos respectivos, à imagem do que já se fez em outras épocas, quando alguém ser o sr. Orlando Fedeli era considerado normal.

Compreende-se que, na atmosfera dessa doutrina, o rapaz floresça velozmente em dons que lhe parecem ser do Espírito Santo, mas que são apenas os do espírito do sr. Fedeli.

Um desses dons é o de encadear, com rigorosa lógica dedutiva, percepções errôneas da realidade e interpretações falseadas dos textos que lê.

No curso de uma feroz investida polêmica, ante uma platéia mais ou menos insegura e desinformada, isso torna as coisas extremamente difíceis para o interlocutor, pois o antagonismo que o separa do atacante não é de ordem discursiva, e sim intuitiva, estando cada um situado num plano de realidade diferente, onde os mesmos nomes podem designar coisas inteiramente diversas.

Essa diferença reflete-se, antes de tudo, na leitura muito especial, muito peculiar que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem daquilo que lêem, especialmente quando lêem com a temerosa expectativa de encontrar ali algum indício da nefanda liberdade religiosa.

Daí, por exemplo, a tendência a tirar as mais ousadas generalizações, com ares de certeza absoluta, a partir de indícios minúsculos e isolados. Fazendo-se de islamólogo após uma breve leitura de Henry Corbin, o sr. Orlando Fedeli pontifica, por exemplo: “O esoterismo islâmico apresenta duas correntes principais: o shiismo e o ismaelismo”. (2)

Isto é de uma estupidez fora do comum.

O esoterismo islâmico é constituído essencialmente pelas ordens sufis (*turuq*, plural de *taríqat*, “via”), que são centenas e que na sua esmagadora maioria seguem a *shariat* (lei comum) do mundo sunnita. A distinção entre sunnitas e shiitas nada tem a ver com a de exoterismo e esoterismo, correspondendo simplesmente a duas modalidades da religião exotérica, mais ou menos como catolicismo e protestantismo.

Todo crente muçulmano sabe disso, e o sr. Fedeli poderia ter obtido essa informação em qualquer mesquita ou centro islâmico do mundo. Provavelmente, como a repugnância a toda contaminação gnóstica o impede de aproximar-se desses meios, ele prefere estudar o assunto à distância, confiando-se à autoridade de um único erudito, Henry Corbin, ignorando que o autor de *En Islam Iranien* é, ele próprio, um esoterista islâmico, portanto alguém do qual uma alma católica virginal como o sr. Fedeli deveria guardar também asséptica distância.

O ismaelismo é apenas uma subdivisão do shiismo, e constitui uma variedade esotérica menor, limitada ao mundo shiita, em oposição à linha mestra do esoterismo representada pelas ordens sufis do mundo sunnita.

A confusão grosseira do sr. Fedeli chega ao ponto de, ao comentar as interpretações do Corão, falar de “exegese shiita ou soufi”, como se fossem uma só e mesma coisa.

Garanto-lhes que nunca, em décadas de estudo de assuntos islâmicos, vi alguém ousar falar em público do assunto, com ares de autoridade magistral e com base num tal desconhecimento da matéria. A desproporção entre a parcimônia dos meios e o tom de completa autoconfiança com que o sr. Fedeli entra na discussão daquilo que ignora é coisa um tanto deprimente de se ver, pois revela menos uma vigarice consciente do que algum tipo de anomalia psicológica.

Essa anomalia se torna ainda mais visível quando, linhas adiante, o próprio sr. Fedeli afirma, aliás com exatidão, que os ismaelitas, perseguidos pela autoridade religiosa, se esconderam dentro das ordens sufis. Não se compreende como poderiam ou por que haveriam de fazê-lo se fossem eles mesmos representantes do sufismo, ou se este, ao contrário do ismaelismo, não fosse um esoterismo aceito pelas autoridades ortodoxas sunnitas, portanto algo bem distante do shiismo e mais ainda do ismaelismo. O sr. Fedeli, obviamente, não compreende o que ele próprio escreve.

Mais deplorável ainda é o completo descompasso, que se observa no discurso do sr. Fedeli, entre os conceitos gerais e os fatos encarregados de exemplificá-los. Ele mal acaba de escrever que a gnose se distingue pelo seu completo intuicionismo anti-racional, e logo no parágrafo seguinte já dá como exemplos de gnósticos Leibniz e Hegel, racionalistas por antonomásia, e aliás o segundo deles inimigo professo de todo intuicionismo. (3) Isso não pode ser um simples “erro de lógica”. É, positivamente, uma desconexão entre percepção e linguagem, uma carência de integração mental, o sintoma de uma fragmentação da personalidade.

Multiplicada pelo número impressionante de citações coletadas em noites e noites de trabalho insano, a prática desse curioso *modus interpretandi* já se torna mais que um sintoma isolado: é um quadro clínico completo.

Não é de espantar que, nesse quadro de auto-incompreensão psicótica, raciocínios formalmente corretos abriguem, da premissa às

consequências, as mais prodigiosas confusões entre planos de realidade, tornando a argumentação do sr. Fedeli uma massa compacta de sentidos superpostos e fundidos, que para ser discutida ou refutada no plano lógico teria de ser primeiro analisada psicologicamente e decomposta em seus elementos heterogêneos e incompatíveis. Como explicar, por exemplo, que, argumentando pela continuidade *historicamente comprovável* da gnose, ele, um historiador de ofício, a faça remontar à Serpente do Paraíso? (4) Quereria isso dizer que a ciência histórica tem meios de rastrear os fatos até à criação do mundo? Ou que, ao contrário, a história é *ancilla theologiae* e que aquilo que valha como artigo de fé deve ser aceito também como prova de veracidade histórica acima de qualquer protesto possível da metodologia historiográfica? Tais são os dois únicos sentidos logicamente possíveis desse conceito. Ambas essas afirmativas, além de ser absurdas em si mesmas, se contradizem uma à outra, mas, ao mesmo tempo, ambas estão contidas de maneira inseparável na tese de que a gnose remonta *historicamente* – e não só teologicamente, ou simbolicamente – à Serpente do Paraíso. Que é que isto nos mostra, acima de qualquer possibilidade de dúvida, senão que a afirmativa não tem *nenhum* sentido lógico, mas apenas psicológico, como expressão irracional de um desejo intenso de fazer *per fas et per nefas* a História dizer o mesmo que a Teologia?

Idêntico fenômeno observa-se no uso que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem de uma das expressões que mais obsessivamente reaparecem nos seus escritos: a tal “salvação pelo conhecimento”. A gnose antiga acreditava, de fato, num conhecimento intelectual da essência de Deus (mesmo assim, com certas reservas), opondo-se nisto à *cognitio fidei* que era, segundo a Igreja, o único meio de acesso ao mistério divino. Por algum motivo insondável, Fedeli e seu pequeno clone espiritual cismaram que eu acreditava nessa “salvação pelo conhecimento”, cuja impossibilidade absoluta, no entanto, eu mesmo havia demonstrado nas aulas sobre “Consciência e estranhamento”, continuação de “Descartes e a psicologia da dúvida”, meses antes do início desta polêmica. (5) Que se esforçassem tanto para me atribuir uma doutrina tão contrária ao conteúdo expresso das minhas aulas já era, por si, coisa esquisita. Para isso chegavam ao cúmulo de interpretar como sinônima de “salvação pelo conhecimento”, no sentido gnóstico, a expressão “poder salvífico da devoção intelectual”, que manifestamente significa coisa totalmente diversa, designando apenas a devoção a Deus prestada através do trabalho intelectual, por exemplo na ascese beneditina. Mais esquisito ainda, porém, é que, na ânsia de provar que escamoteei propositadamente alguma coisa no resumo das características

essenciais e constantes da gnose, lá vem de novo o jovem Coelho, na sua última cartinha, com a “salvação pelo conhecimento”. Mas é óbvio e patente que essa doutrina não poderia estar presente nas formas modernas e imanentistas da gnose, para as quais a idéia mesma de “salvação” é inconcebível. O próprio Coelho, dois parágrafos depois, insiste na distinção entre gnose transcendentalista e imanentista, (6) sem perceber que a existência mesma desta distinção exclui a possibilidade de que a “salvação pelo conhecimento” esteja presente em *toda* a gnose, mas tão somente, é claro, na gnose antiga e transcendentalista. Ora, no momento mesmo em que afirma a continuidade essencial de um fenômeno qualquer ao longo dos tempos, nenhum cérebro normal apontará, entre as características que definem essa essência, um traço que não pode estar presente em todas as suas manifestações mas só em algumas delas, localizadas num tempo determinado. Como compreender, portanto, o pensamento do jovem Coelho? Ele quis dizer que no fundo o marxismo ou o positivismo são transcendentalistas e visam à salvação da alma pelo conhecimento como os gnósticos antigos? Ou que, ao contrário, a continuidade da gnose ao longos dos tempos é irrelevante e só interessam as características da gnose antiga? Tal como no exemplo anterior, a expressão verbal aparentemente lógica abriga dois sentidos que, absurdos em si mesmos, se contradizem e se unem inseparavelmente no corpo de uma mesma idéia, caracterizando uma forma inconfundivelmente delirante de pensar e de escrever. Novamente, a confusão mental é tão flagrante que não pode ser explicada como simples “erro de lógica”, mas acusa decisivamente uma falha de percepção daquilo que se escreve, no momento mesmo em que se escreve. Essa falha torna absolutamente ininteligível o pensamento do jovem Coelho, que o interlocutor teria de “interpretar” psicologicamente antes de poder discutir logicamente.

Tantos são os lapsos desse tipo na produção escrita de Fedeli & Coelho ao longo desta polêmica, que para refutar ou provar seus argumentos seria preciso primeiro peneirar suas palavras, linha por linha, para depurá-las desses lapsos e isolar, no meio da massa bruta de confusões e superposições de sentido, algum sentido logicamente distinto, exatamente como, numa psicoterapia, o analista busca um fundo de lógica por trás da massa compacta de símbolos e visões delirantes do paciente.

O aglomerado imponente de citações e remissões não faz senão tornar ainda mais invisível, para os autores, o caráter alucinatório do que escrevem. O exemplo mais recente encontra-se na última cartinha do jovem Coelho, na qual, para provar que o conceito de gnose de

Eric Voegelin coincide em gênero, número e grau com a definição dogmática de heresia gnóstica, ele cisca uma definição no glossário de Eugene Webb e a exhibe como troféu. (7) Ora, desde logo um mínimo de prudência e a simples consciência da situação de discurso recomendariam ao menino não confiar-se a uma fonte tão notoriamente de segunda mão ao discutir com um sujeito que acabava de ser acusado pelo sr. Fedeli de ciscar definições “em algum site da internet” em vez de buscá-la em fontes confiáveis (o sr. Fedeli referia-se às quatro características da gnose antiga, sem saber que eu as havia retirado da Enciclopédia Routledge). Em segundo lugar, o próprio Webb, no seu *site*, avisa que é um amador bem intencionado e não um intérprete autorizado de Voegelin. Em terceiro lugar, um conceito qualquer, numa obra filosófica extensa, *nunca* se pode conhecer pelo seu simples enunciado sintético (muito menos redigido por um terceiro), mas requer o exame das aplicações que lhe dá o autor, pois só nestas se revela o sentido efetivo que ele tem no conjunto do argumento. Ora, na sua aplicação constante e sistemática ao longo dos 33 volumes de *Collected Works*, o conceito de “gnóstico”, em Voegelin, não se opõe a “católico”, mas a “filósofo”, uma categoria na qual ele inclui, além dele próprio, é claro, vários pensadores que, na perspectiva fedélica, são inconfundivelmente gnósticos, como Platão e Schelling. Para piorar as coisas, mais adiante o menino lança uma suspeita de gnosticismo contra o próprio Voegelin, o que, confrontado com a afirmativa de que sua definição de gnose é idêntica à definição dogmática de heresia gnóstica, resulta em declarar que o próprio Voegelin se acusa formalmente de herético. A incompreensão da leitura alcança aí o cume de uma sublimidade quase indizível.

Igualmente reveladora de falta de percepção da realidade é a alegação – feita de boa fé, segundo parece – de que as transcrições não autorizadas de minhas aulas, cuja citação pelo sr. Fedeli impugnei como expediente desonesto, são documentos que podem ser citados à vontade porque foram encontrados na minha própria *homepage*, isto é, no *Forum Sapientia* que é uma subdivisão dela. (8) Ora, minha *homepage* tem um editor, que sou eu. O *Forum Sapientia* tem quinhentos e tantos, que são os participantes da discussão, que ali despejam o que bem entendem, sem ser fiscalizados ou censurados (exceto quando alguém me avisa de algum abuso em particular) e sem que eu tenha aliás a mínima condição de acompanhar simultaneamente todos os debates. Qual será, pois, o sentido da alegação de Felipe Coelho? Pretende ele dizer que o que quer que ali alguém descarregue sem minha autorização e até sem meu conhecimento se torna automaticamente publicação autorizada por

mim? Ou que, ao contrário, a falta de autorização num caso justifica o uso não-autorizado no outro? É, de novo, o mesmo esquema delirante: duas afirmações absurdas em si mesmas e mutuamente contraditórias, que aparecem sintetizadas inseparavelmente num único pensamento, de aparência lógica impecável.

E o mais extraordinário é que, após expor assim aos olhos do público o estado deplorável da sua inteligência, o menino cante vitória, gabando-se de ter-me feito críticas “devastadoras”, e ainda seja fortalecido nessa ilusão grotesca pelo incentivo de um mestre interesseiro e bajulador.

Considerado enquanto técnica argumentativa, o modo de escrever de Fedeli e Coelho assinala menos uma vontade consciente de iludir do que a expressão desesperada de uma confusão interior que não busca propriamente ludibriar, e sim *contaminar* a platéia. O ludíbrio consciente pressupõe, no orador, o domínio de seus próprios pensamentos e a compreensão da situação de discurso. Ora, ambos estes requisitos faltam manifestamente no guru e em seu discípulo, caracterizando, não uma vigarice compartilhada, mas a boa-fé insana de um delírio a dois.

Duas observações, no entanto, devem matizar esse diagnóstico.

1) Essa loucura não transparece na maioria dos escritos do sr. Fedeli, pela simples razão de que são simples resumos ou adaptações de textos tradicionais da Igreja, onde pouco espaço haveria para alguma efusão pessoal reveladora. De modo geral, é compreensível que um homem de mente perturbada oculte sua patologia por trás do apego a uma doutrina sólida, fixa e facilmente repetível, cuja racionalidade intrínseca, usada como muleta, o dispense de qualquer esforço intelectual mais comprometedor. A vida intelectual do sr. Fedeli, resumindo-se no mais das vezes a simples deduções mecânicas do dogma e a paráfrases de textos lidos, está em geral bem protegida dos riscos de uma luta pelo conhecimento, mas é claro que não os pode evitar por completo, e é no instante que eles aparecem que a ordem aparente da sua vida mental se esboroa ao contato com a complexidade da situação.

2) A compactação de sentidos contraditórios num discurso formalmente lógico é, malgrado sua loucura intrínseca, um instrumento verbal de grande força persuasiva, precisamente por causa do estado de espírito paradoxal em que deixa seu leitor. Arrastado pela sucessão lógica de uma demonstração cuja estrutura formal independe totalmente do sentido dos conceitos, ele acaba por aceitar

as conclusões sem dar-se conta do terreno semântico lodoso e mole em que se assenta o edifício aparentemente estável. O exame lógico dos argumentos nada revelará de anormal. Só a análise semântica e a comparação com a situação de discurso revelarão a loucura por trás do método, mas poucos leitores têm o hábito ou os meios de realizá-las. Nos demais, a superposição de clareza lógica e nebulosidade semântica produzirá um misto de descoberta e confusão, bem apto a mudar num relance todo o seu quadro habitual de referências, a arrebatá-los do mundo real e a despertar neles o sentimento de terem “visto a luz”: a adesão súbita e total das suas almas a uma idéia cujo significado mal vislumbram. É a essa mutação repentina do quadro de percepção e a essa conversão imediata a uma idéia mal compreendida que Flo Conway e Jim Siegelman, no seu estudo sobre a retórica das seitas populares da *New Age*, dão o nome de *snapping*. (9)

Se o sr. Fedeli manejasse esse instrumento com malícia consciente, seria um gênio da erística, como Hegel. Mas o abismo entre o conteúdo de suas argumentações e a situação de discurso mostra-nos que ele não tem nenhum domínio do que faz, que ele é antes uma vítima de sua confusão interior do que um produtor deliberado de confusão na mente alheia. Um raciocínio lógico separado da intuição adequada da realidade (seja da realidade em torno, seja da realidade representada nos conceitos do próprio discurso) é, com efeito, sinal inequívoco de perturbação mental. O ódio mesmo que o sr. Fedeli tem à faculdade intuitiva revela nele um fundo de consciência de sua anomalia e um desejo de mutilar a mente alheia para reduzi-la à sua própria medida pessoal, pois raros tipos humanos realizam tão bem quanto ele a definição de “louco” dada por Chesterton: “o homem que perdeu tudo, menos a razão”.

Tão distante está o sr. Fedeli da situação real de discurso que ele chega a ostentar como sinais de aprovação da platéia as cartas que lhe são enviadas por pura gozação pelo tal de Fabrício (pseudônimo de um *hacker* comunista) e por um sr. Francisco Nixexé (o qual não existe e não passa de outro pseudônimo do mesmo cidadão), sem perceber nem de longe que está sendo usado como personagem de piada. (10) Custei um pouco a me dar plena conta da sua completa falta de senso de realidade e creio que de início carreguei demais nas tintas ao atribuir-lhe intenções maliciosas. A malícia, nele, é totalmente inconsciente: ela não provém da sua vontade, mas do demônio que se apossou dos seus pensamentos e os embaralha sem que ele se dê a mínima conta do que se passa. O mesmo acontece com o jovem Coelho.

Mas é claro que, nessas condições, a perspectiva torta não falseia somente os textos, e sim a realidade mesma em torno. Vistos dessa perspectiva, os fatos mudam de tamanho, de sentido e de importância, adquirindo um novo perfil que os tornaria irreconhecíveis aos protagonistas que os viveram. Assim, por exemplo, um professor que dê cursos há vinte anos, para platéias diferentes, fatalmente terá alunos mais antigos e mais novos, mais próximos e mais distantes, mais íntimos e mais estranhos, e assim por diante. Uns saberão mais que os outros, conhecerão o professor mais de perto que os outros, freqüentarão a sua casa, desfrutarão da intimidade da sua família, enquanto outros só o verão de longe, pelo seu perfil profissional, mal ousando lhe dirigir respeitosamente a palavra. Tudo isso é natural, inevitável e está na ordem das coisas. Observado desde o ângulo do caçador de gnósticos, esse fato banal será transfigurado em uma sociedade secreta, com círculos internos e externos, um discurso exotérico e outro esotérico, graus iniciáticos, ritos de admissão e pactos de lealdade mafiosa.

É claro que, num primeiro instante, quem, conhecendo por experiência direta o meio e os personagens, ouça esta segunda descrição, a tomará espontaneamente em sentido figurado, como pura ênfase retórica destinada a realçar as qualidades negativas que o observador atribui ao grupo observado.

Também eu pensei que fosse isso, e julguei discernir no sr. Fedeli um propósito conscientemente difamatório.

A um segundo exame, porém, notei que ele acreditava literalmente no que dizia, e que portanto a diferença entre o que eu sabia do meu ambiente e o que o sr. Fedeli ali enxergava não era uma simples diferença de opinião, de julgamento, mas de percepção. O que eu enxergava como minha realidade cotidiana era para ele apenas um véu de banalidade astuciosamente urdido por mim para encobrir a “verdadeira” natureza da minha convivência com meus alunos, que seria a de iniciador e iniciandos, grão-mestre e neófitos no seio de uma organização secreta de tipo gnóstico.

Ele via realmente as coisas assim, e não havia o mínimo fingimento na sua maneira de expressá-lo. O sr. Fedeli é um difamador, sim, mas não por premeditação: é um difamador espontâneo, é um difamador compulsivo e sem qualquer segunda intenção.

O mais estranho era que, jamais tendo me visto de perto, jamais tendo freqüentado meus cursos e muito menos minha casa, e sabendo,

em suma, muito pouco da minha vida, ele se permitia pintar em imaginação todo um quadro dela – com tintas sombrias e misteriosas, é claro – e não só acreditar piamente no que inventava mas também expor sua ficção em público e defendê-la num tom de quem tivesse a certeza absoluta do que dizia.

É verdade que ele próprio reconhecia haver, no quadro, uns detalhes faltantes. Meu aprendizado com Frithof Schuon, o episódio Idries Shah e a premiação do meu livro *O Profeta da Paz* na Arábia Saudita, em especial, lhe pareciam especialmente enigmáticos. Já contei dezenas de vezes essas histórias a meus alunos e tê-las-ia contado ao sr. Fedeli, com todo o prazer, se ele me fizesse uma visita e colocasse as perguntas educadamente. Mas ele preferiu conjecturar as respostas à distância e, não encontrando nenhuma, resolveu transformar as perguntas em suspeitas e as suspeitas em acusações públicas, despejando-as sobre mim aos borbotões, umas atrás das outras, num tom inconfundível de interrogatório policial, de modo a dar ao público a impressão de que eu estivesse escondendo alguma coisa. Era uma sucessão de cobranças estapafúrdias e insolentes, formuladas desde o alto da convicção inabalável de que, ante a autoridade implacável de Orlando Fedeli, mesmo o réu mais obstinado acabaria por ceder e confessar o crime.

Eu olhava tudo aquilo, estupefato. O homem estava mesmo doidinho.

Um detalhe que me chamou especialmente a atenção foi a alternância histórica de ênfases contrárias em torno de um mesmo ponto. Num momento, ele buscava me pintar com as cores de discípulo e agente da taríqat de F. Schuon. Como eu respondesse que não isso, ele imediatamente tirava a conclusão de que eu estava “renegando o mestre” ou tentando “me limpar”, como se qualquer contato com Schuon fosse motivo de vergonha. Nem de longe lhe passava pela cabeça que entre o discipulado devoto e a abjuração odienta há mil uma gradações intermediárias, nas quais um homem normal geralmente de detém sem chegar aos dois extremos que, para uma alma como a de Orlando Fedeli, são as únicas alternativas concebíveis. Pois se mesmo ao sair do Partido Comunista não me tornei do dia para a noite seu inimigo, mas tomei mais de uma década para examinar o assunto com toda a serenidade, por que não deveria usar da mesma prudência ao julgar os ensinamentos de Schuon? Mas, para um fanático como o sr. Fedeli, todos temos de ser fanáticos: se não somos fanáticos em favor dele, somos fanáticos contra. Logo, das duas uma: ou eu era fiel discípulo de Schuon, ou me envergonhava de

tê-lo sido. Como poderia eu explicar ao maluco que não se tratava nem de uma coisa nem de outra? E ademais: para que me explicar a um idiota insolente?

Suas perguntas simplesmente não podiam ser respondidas, porque já vinham sempre com preconceitos embutidos e respostas induzidas.

Na verdade, o molde infamante que ele tentava projetar sobre os episódios de minha vida que não lhe fossem conhecidos era puramente projetivo. Como ele próprio, Orlando Fedeli, oculta e distorce episódios da sua vida para que ninguém o veja como realmente é, compreende-se que imagine que os outros fazem o mesmo, que todo mundo tenha sujeiras, como ele, para varrer para baixo do tapete.

É público e notório – e foi publicado no livro de Giulio Folena, *Escravos do Profeta*, que o sr. Fedeli nunca impugnou judicialmente – que o atual guru da Associação Montfort foi membro da TFP, que ali disputou a liderança com o Dr. Plínio Correia de Oliveira e, derrotado, saiu falando horrores do guru e fundou uma TFP do B.

Não é um *curriculum* dos mais edificantes. Que remédio, portanto, senão negá-lo?

“Não sou ‘dissidente da TFP; sou seu denunciador e acusador’”, proclama ele na sua polêmica com D. Estêvão Bittencourt. Ora, se um membro de uma organização sai dela atirando e funda uma organização concorrente, que raio de coisa é ele senão um dissidente?

Fui do grupo de Catolicismo – prossegue ele -- , e quando descobri que por trás da TFP havia uma seita secreta com idéias absurdas e cultos delirantes, denunciei a seita a que nunca pertenci, graças a Deus... Sua maneira de me apresentar -- mutatis mutandis, isto é, levando em conta as imensas e evidentes diferenças - é injusta como a de alguém que se referisse a Santo Agostinho, para diminuí-lo, como "dissidente do maniqueísmo". Ele denunciou, condenou e refutou o maniqueísmo; não foi "dissidente" dele.

Bem, o *mutatis mutandis* está aí somente *pro forma*, pois as diferenças entre o caso de Agostinho e o de Fedeli não são só de tamanho, mas de essência. Agostinho não somente se afastou do maniqueísmo mas tornou-se expositor e apóstolo de uma doutrina infinitamente superior, ao passo que Fedeli nunca rejeitou a doutrina explícita da TFP e sim apenas a “seita secreta” que existiria por trás

dela. Agostinho rejeitou o maniqueísmo enquanto tal, não um maniqueísmo secreto por trás dele, enquanto o sr. Fedeli só rejeitou a TFP enquanto organização, não enquanto doutrina. Seu dualismo radical, que opõe o catolicismo a todas as demais doutrinas religiosas e até filosóficas como filhas diretas da Serpente do Paraíso, é puro Plínio Correia de Oliveira. (11) Agostinho superou o maniqueísmo e tornou-se seu autêntico e poderoso adversário. O sr. Fedeli nunca foi adversário da TFP: é apenas seu concorrente. Vende doutrina similar, com outra marca.

Mas, novamente, não creio que o sr. Fedeli esteja mentindo de propósito. Ele simplesmente se engana quanto à sua própria vida e, por extensão, quanto à vida alheia: se sua biografia tem um capítulo que convém varrer para baixo do tapete, daí ele conclui que a minha também deve ter. Se a dele tem uma história de abujuração de guru, a minha também deve ter. Tudo isso é tão obviamente projetivo, que nada mais há a dizer a respeito. Da minha parte, nem me entreguei ao guiamento de Schuon com a paixão devota com que o sr. Fedeli se entregou ao Dr. Plínio, nem abjurei do mestre com o ódio retroativo que o sr. Fedeli sente pelo dele. Segui simplesmente o conselho do Apóstolo: “Experimentai de tudo, e ficai com o que é bom”, e, sem pressa de aplaudir ou condenar, vou examinando as coisas que aprendi com Schuon, conservando umas, descartando outras, como aliás, suponho, é o que qualquer homem normal deve fazer em tais circunstâncias.

O deslocamento de perspectiva que pode transfigurar isso na projeção escabrosa de uma auto-imagem feita de lealdades abjuradas e ódios vingativos, embora seja em si uma distorção psicótica, também não deve ser atribuído estritamente a alguma patologia pessoal do sr. Fedeli, visto que essa patologia é compartilhada ao menos pelo mais combativo dos seus peões, Felipe Coelho, e provavelmente por outros militantes do seu grupo. A hipótese de uma psicose grupal me parece muito mais viável, por ser uma patologia quase infalivelmente presente em grupos religiosos minúsculos e isolados, que se sentem cercados por um mundo mau. Ora, o grupo do sr. Fedeli não apenas é microscopicamente minoritário na sociedade em geral, mas ainda é um dos grupos mais isolados e rejeitados no âmbito da própria religião que alega defender, estando colocado, ao mesmo tempo, contra a autoridade dos decretos conciliares e contra todos os outros grupos tradicionalistas e minoritários, como a TFP e a Sociedade de São Pio X (lefevriana), que o têm na conta de um punhado de sociopatas e malfeitores. Se, nessas condições, pretendesse ser apenas um círculo de elite, cultivador de conhecimentos de pouco interesse

para a massa popular, o isolamento talvez não lhe pesasse. Mas o grupo do sr. Fedeli é uma entidade de proselitismo religioso, voltada para a conversão das multidões, cuja absoluta indiferença às suas pregações exige dos militantes uma obstinação quase sobre-humana, da qual só os santos e os loucos são capazes, com a ressalva de que em geral os santos a cultivam na solidão e os loucos em grupo.

Somando-se à angustiante desproporção entre sua audiência ideal e sua audiência real, o isolamento dos montfortianos é ainda agravado pelo fato de que sua ambição vai muito além da conversão da espécie humana: ela sonha com a restauração de um poder temporal do clero, com o advento de um *Imperium* global capaz de erradicar do mundo a liberdade religiosa e impor o catolicismo a todo o globo terrestre, a ferro e fogo – ambição que vai infinitamente além das pretensões atuais do papado mesmo.

A tensão inevitável entre a amplitude desmesurada do sonho de poder e a míngua de interesse do meio circundante é o caldo de cultura ideal para a proliferação da psicose grupal.

Eis os motivos pelos quais não posso satisfazer à demanda de Fedelis e Coelho por uma resposta *pari passu* às suas acusações. Está acima da minha capacidade fazer ver a essas pessoas que seus argumentos não podem ser rebatidos ou confirmados no plano racional porque neles o acúmulo de distorções semânticas, de confusões de planos, de falsas interpretações e de simples erros de raciocínio é de tal monta, que requereria, para recolocarem-se as coisas em seus lugares, um livro mais ou menos do tamanho daquele que consagrei a José Américo Motta Pessanha, pois o que havia de errado neste, como neles, não eram simples idéias isoladas, mas uma percepção falsa de *toda* a realidade. Erros lógicos podem ser impugnados, vigarices podem ser denunciadas. Mas uma psicose não se impugna nem se denuncia: uma psicose analisa-se e trata-se, quando se têm o interesse e os meios de fazê-lo. Ambas essas condições me faltam por completo. Limito-me, pois, a diagnosticar o caso em linhas gerais, dando graças aos céus de que análise e tratamento de um quadro tão complexo e espinhoso não estejam sob a minha responsabilidade.

06/08/01

Notas

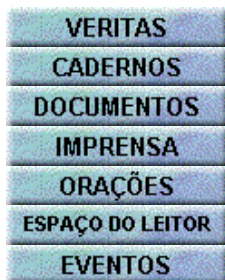
06/11/2023, 18:51

Um grupo de psicóticos

- (1) Debate de Orlando Fedeli com D. Estevão Bittencourt, em <http://www.montfort.org>.
- (2) “Elementos messiânicos na seita ismaelita de Alamut”, id.
- (3) “Gnose: a religião oculta da História”, id.
- (4) Id., ibid.
- (5) O texto será reproduzido em breve nesta *homepage*.
- (6) Terceira mensagem de Felipe Coelho, em <http://www.montfort.org>.
- (7) Id.
- (8) Id.
- (9) Flo Conway & Jim Siegelman, *Snapping: America's Epidemic of Sudden Personality Changes*, New York, Lippincott, 1982.
- (10) Frontispício de <http://www.montfort.org>.
- (11) No seu último escrito, ele procura dar retroativamente uma interpretação pliniesca à doutrina agostiniana das duas cidades. Mas, evidentemente, essa doutrina tem um sentido quando expressa no século V, com os dados civilizacionais de que Agostinho dispunha, outro no século XXI, com a massa de informações hoje disponível sobre todas as religiões e tradições. Tudo o que Agostinho, no seu contexto limitado, visse fora da Igreja Católica, podia ser sem grave contradição atribuído à obra do demônio, mas como fazer o mesmo, hoje, com tudo o que sabemos do hinduísmo e do budismo, do Islam e mesmo de algumas religiões indígenas, cuja riqueza espiritual só não é visível ao sr. Fedeli e que o Concílio explicitamente reconhecem? A doutrina de Agostinho, atualizada para o estado presente da pesquisa histórica, ficaria certamente bem diferente da forma que, por mera ampliação mecânica, lhe deu o sr. Fedeli.

[Home](#) - [Informações](#) - [Textos](#) - [Links](#) - [E-mail](#)

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20050206110949/http://www.montfort.org.br:80/perg...>



Espaço do Leitor

[Perguntas & Respostas](#) | [Enviar dúvidas](#) | [Livro de Visitas](#) | [Assinar Boletim](#)

Carta ao leitor

Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho

Felipe Coelho

1. Chutes que nos divertem e acusações que nos honram

O objetivo de toda polêmica entre católicos e hereges é fazer com que estes vomitem sua heresia, de preferência voltando à Fé Católica, ou ao menos expondo aquilo que ocultavam para se infiltrar e perverter os bons.

No contexto desta polêmica, qualquer tipo de acusação feita pelo Sr. Olavo de Carvalho ao Prof. Orlando Fedeli desvia o assunto, que são os textos gnósticos do Sr. Olavo, citados pelo Prof. Fedeli em seu trabalho (OF, 31.05.01), textos sobre os quais o Sr. Olavo não diz nada.

Para piorar, as acusações que o Sr. Olavo de Carvalho nos faz em seu último enrolavo ([OC, 06.08.01](#)) são simplesmente de... sermos fiéis aos dogmas da Igreja Católica! É o que se verá a seguir. Assim, o Sr. Olavo assume a defesa pública da heresia, deixando cair de vez a máscara de defensor da Igreja.

Além disso, o Sr. Olavo de Carvalho, quanto mais escreve, mais se contradiz. A desproporção entre sua habilidade jornalística de manipular palavras e a falta de embasamento destas se revela escandalosamente a cada chute seu que é refutado e a cada contradição sua que é desvelada. Para tentar virar a mesa, o Sr. Olavo sai buscando contradições nos textos de seus adversários, e, não as encontrando, ele as inventa sem hesitar, como se verá adiante.

2. Olavo de Carvalho acusa o Prof. Orlando Fedeli... de ser Católico!

(a) Igreja Católica X liberdade de consciência

Ao acusar o Prof. Orlando Fedeli de ser contra a "liberdade de consciência", o Sr. Olavo de Carvalho o está acusando -- pasmem! -- de ser católico! Pois a liberdade de consciência foi condenada pelos Papas Gregório XVI, Leão XIII, S. Pio X e também pelo Papa Pio IX, aquele mesmo que o Sr. Olavo, em aula recente, mandou "lamber sabão" (*apud* OF, 02.03.01).

(b) Igreja Católica X ecumenismo radical

O Sr. Olavo acusa o Prof. Fedeli de "dualismo[sic] radical, que opõe o catolicismo a todas as demais doutrinas religiosas e filosóficas" (OC, 06.08.01). Para começar, dizer que isso é dualismo mostra total analfabetismo em filosofia, como já explicou o Prof. Fedeli em seu último artigo (cf. OF, 25.07.01).

06/11/2023, 18:51

Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho

Nesse mesmo artigo, o Prof. Fedeli demonstra que essa tese, que tanto escandaliza o Sr. Olavo, é nada menos que Doutrina Católica. O Professor cita brevemente a concordância de toda a Tradição a esse respeito, desde Cristo, passando por santos e Papas de diversas épocas. Já o Sr. Olavo, finge que só viu o nome de S. Agostinho e diz: "No seu último escrito, ele [Fedeli] tenta dar uma interpretação pliniesca à doutrina agostiniana das duas cidades. Mas, evidentemente[?], essa doutrina tem um sentido quando expressa no século V, com os dados civilizacionais de que Agostinho dispunha, outro no século XXI" (OC, 06.08.01). Quem diria, Olavo de Carvalho deixando cair a máscara de aristotélico e apelando ao historicismo...

Para justificar seu ecumenismo radical, o Sr. Olavo comete ainda um erro de concordância curioso, ao falar das várias "religiões", "cuja riqueza espiritual só não é visível ao sr. Fedeli e que o o[sic] Concílio[sic] explicitamente reconhecem[sic]" (OC, 06.08.01). Como se vê, o Sr. Olavo parece ter apagado, neste trecho, uma das "autoridades" que reconhecem (no plural!) a suposta riqueza espiritual das "religiões". Será que ele ia falar do Papa atual, mas aí se lembrou da recente declaração *Dominus Iesus*?

(c) Olavo de Carvalho X Olavo de Carvalho, sobre o Vaticano II

E cá pra nós, Sr. Olavo, que história é essa de citar favoravelmente "o Concílio", assim, tão solenemente? Logo o senhor que, como exemplo do suposto "absurdo" da infalibilidade papal, disse recentemente: "Veja se não é uma resposta divina: o sujeito [o Beato Pio IX!] proclama a própria infalibilidade e antes de um século depois se tem **essa porcaria do Concílio Vaticano II que afunda tudo**" (OC, 06.06.98, negrito meu). Como é que um concílio pastoral pode contradizer a infalibilidade papal, é algo que só a teologia astrológica olaviana pode explicar. E o Sr. Olavo ainda tem a audácia de acusar o Prof. Fedeli de "ser contra os decretos conciliares"...

Ah, não devo citar uma aula do Sr. Olavo que está no fórum de seu site? Tudo bem, aí vai uma entrevista mais recente, ao *Observatório da Imprensa*: "**Não acredito que esse concílio tenha sido inspirado pelo Espírito Santo, pois já nasceu comprometido com a mentira**: no começo de 1962 o Vaticano e o governo de Moscou assinaram um pacto secreto em que a Igreja se comprometia a nada dizer contra o comunismo durante o Concílio.(...) Pelos frutos os conhecerei: **o Concílio des cristianizou o Ocidente.**" (OC, 2000a, negritos meus).

E, em outra entrevista, também do ano passado, desta vez à *Revista República*: "Já está mais do que na cara que **o Concílio Vaticano Segundo foi um suicídio. Destruiu tudo**. Mexeu no que não era para mexer e não mexeu no que era para mexer. Por exemplo, **essa palhaçada do celibato clerical.**" (OC, 2000b, negritos meus).

Embora o Concílio Vaticano II tenha de fato omitido a condenação do comunismo e defendido um ecumenismo que contraria tudo o que a Igreja sempre ensinou, o fato é que o ecumenismo radical defendido pelo Sr. Olavo de Carvalho é a essência do Vaticano II. Pior: é mais radical ainda, como o próprio nome já diz.

(d) Olavo de Carvalho e a TFP

O Sr. Olavo de Carvalho faz outra acusação reveladora ao Prof. Fedeli: "Fedeli nunca rejeitou a doutrina explícita da TFP e sim apenas a 'seita secreta' que existiria por trás dela" (OC, 06.08.01). Ora, a parte da doutrina "explícita" da TFP que o Prof. Fedeli não rejeitou é justamente... a Doutrina Católica! O próprio Sr. Olavo o reconhece ao falar páginas adiante em "grupos tradicionalistas e minoritários, como a TFP e a Sociedade de São Pio X". Mais uma vez, o Sr. Olavo acusa o Prof. Orlando Fedeli de -- crime dos crimes -- ser católico!

A TFP foi denunciada pelo Prof. Orlando Fedeli por sua doutrina esotérica. Já o Sr. Olavo, que aliás defende doutrinas muito semelhantes às da seita da TFP, quereria que esse grupo fosse condenado por sua fachada católica!

(e) História X Teologia?

O Sr. Olavo pergunta se a história é *ancilla theologiae*. Claro. Quem se contradiz é a divindade gnóstica do ecumenismo radical olaviano, não o Deus da Igreja Católica.

Assim, o Sr. Olavo mostra-se escandalizado com a afirmação do Prof. Fedeli de que a gnose existe desde Adão e Eva. Bem, já que o Sr. Olavo cita a polêmica do Prof. Fedeli com D. Estêvão, sugiro que leia o livro deste último sobre o Gênesis, em que ele mostra

06/11/2023, 18:51

Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho

claramente que negar a historicidade de Adão e o fato de ele ter originado toda a humanidade leva à negação dos dogmas do pecado original e da Redenção universal de Cristo. (cfr. D. Estêvão Bettencourt, "Monogenismo e Poligenismo", em *Ciência e Fé na História dos Primórdios*, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1962, 4ª edição, cap. VI, p. 109).

Mais uma vez, o crime do Prof. Fedeli é, segundo o Sr. Olavo, ensinar o mesmo que a Santa Igreja de Roma!

3. Psicobaboseira, contradições e amnésia

(a) Provas da loucura... de quem?

O Sr. Olavo passa boa parte de seu artigo fazendo "o exame criterioso da psicologia do adversário". Conclui que católicos como o Prof. Fedeli, que crêem nos dogmas da Igreja são psicóticos. A prova cabal da "loucura" do Prof. Fedeli, o Sr. Olavo nos dá no sexto parágrafo: 1. o estilo inquisitorial do Professor, 2. o fato de o Professor adotar esse estilo sendo leigo e não padre.

Ora, quanto ao estilo, o próprio Sr. Olavo diz: "Outro dia li o livro do Le Parnier contra a Teologia da Libertação. O livro é tão respeitoso que ninguém percebe que é uma crítica. **Crítica tem de começar assim: estão todos condenados no inferno, agente do capeta, e suas mães também...**" (OC, 06.06.98, negrito meu).

Quanto a ser leigo, já se viu o que o Sr. Olavo pensa da Doutrina Católica e dos padres, insultando até os Papas e ridicularizando o celibato. Sem significar que tenhamos tão altas pretensões quanto as que o Sr. Olavo caricaturalmente nos imputa, mas apenas para mostrar sua contradição, veja-se o que diz o Sr. Olavo na já citada entrevista à *Revista República*: "Creio piamente que ela [a Igreja] será salva pelos leigos".

(b) Cavalo de Tróia?

Quanto às declarações do Sr. Olavo sobre a suposta "infiltração" de montfortianos em seu grupo, respondo com o Prof. Orlando: "Polêmicas entre intelectuais se fazem com base em documentos escritos e em livros, precisamente citados. Insultos são próprios de botequineiros. E fofocas, de comadres." (OF, 25.07.01).

(A-aliás, um-uma per-pergunta, se-se-senhor Ola-lavo: como o senhor pode dizer que eu "parecia de uma timidez mórbida[sic:]" e três linhas depois afirma que eu "estava sempre rodeado de um certo grupo de colegas"?!)

4. Delírios da exegese enrolávica

(a) Eugene Webb X Pinóquio

O respeitado estudioso de Voegelin, Eugene Webb, professor de religião comparada na Universidade de Washington, diz em seu livro que, para Eric Voegelin, tanto a forma de gnose "imanentista" quanto a "transcendentalista" (esta é uma distinção voegelianiana) têm ambas um núcleo comum, que é a gnose condenada pela Igreja Católica (cf. FC, 23.07.01). Assim, fica refutada a idéia guenolávica de "boa gnose".

O Sr. Olavo de Carvalho, numa tentativa desesperada de desqualificar Eugene Webb, declara com segurança que "o próprio Webb, no seu *site*, afirma que é uma amador bem-intencionado". Falso. Quem afirma isso é outro voegelianiano que tem *site*, Frederick Wagner. Podem conferir: o endereço do *site* de Eugene Webb, que o Sr. Olavo convenientemente não cita: <<http://faculty.washington.edu/ewebb/>>.

Aliás, no Eric Voegelin Forum, dirigido por esse Frederick Wagner, este diz o seguinte sobre o livro que Webb escreveu sobre Voegelin: "Creio que é seguro dizer que Ellis Sandoz tem o livro [de Webb] em alta estima" (cfr. <<http://groups.yahoo.com/group/evforum/message/402.html>>). Ora, Ellis Sandoz é nada menos que o diretor do Eric Voegelin Institute, e freqüentador do fórum onde foi publicada esta mensagem.

(b) Escamoteou, sim!

Em outra tentativa frustrada de refutação, o Sr. Olavo de Carvalho comete nada menos que dois erros seguidos, pois ele diz: "...na ânsia de provar que escamoteei propositadamente alguma coisa no resumo das características essenciais e constantes da gnose, lá vem de novo o jovem Coelho, na sua última cartinha, com a 'salvação pelo conhecimento'. Mas é óbvio e patente que essa doutrina não poderia estar presente nas formas modernas e imanentistas da gnose, para as quais a idéia mesma de 'salvação' é inconcebível." (OC, 06.08.01).

Em primeiro lugar, lembremos ao esquecido Sr. Olavo que em seu "Aviso 2" ele resumiu as características essenciais da "heresia gnóstica repetidamente denunciada pelos Santos Padres" (OC, 17.04.01). Aliás, o Sr. Olavo confirma isso também em seu "Adendo ao Aviso Número 3", ao declarar: "me limitei a mencionar as características da gnose antiga" (OC, 22.07.01). Ora, em seu artigo "Mensagem do sr. Fedeli através de um seu menino-de-recados", o mesmo Sr. Olavo admitiu que a "salvação pelo conhecimento" é uma "propriedade definidora essencial" da heresia gnóstica (cf. OC, 16.07.01a), evidentemente após ter aprendido isso com as várias citações de especialistas contidas no trabalho do Prof. Orlando Fedeli. Acontece que, no "Aviso 2" do Sr. Olavo, não se ouve falar em "salvação pelo conhecimento", nem nos 4 itens principais da gnose, nem nos 3 desenvolvimentos secundários! Logo, o Sr. Olavo de Carvalho escamoteou, sim, uma característica essencial da gnose em sua definição.

Em segundo lugar, no trecho acima citado, o Sr. Olavo afirma que, nas formas modernas de gnose, "a idéia mesma de 'salvação' é inconcebível". Porém, veja-se o que diz o sexto item da "gnose moderna" segundo Eric Voegelin (conforme o próprio Olavo): "O conhecimento - *Gnosis* - do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... a construção de uma fórmula para a **salvação** do eu e do mundo" (OC, 22.07.01, negrito meu).

Aí está, a salvação pelo conhecimento também na "gnose moderna"! E olha que não faz nem um mês que o Sr. Olavo citou esse item de Voegelin... (Aproveito a deixa para repetir ao Sr. Olavo a pergunta que lhe fez o Prof. Orlando: afinal, o que há no lugar dessas reticências?)

(c) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho, sobre Schelling

O Sr. Olavo afirma categoricamente: "o conceito de 'gnóstico', em Voegelin, não se opõe a 'católico', mas a 'filósofo', uma categoria na qual ele inclui, além dele próprio, é claro, vários pensadores que, na perspectiva fedélica, são inconfundivelmente gnósticos, como Platão e Schelling".

Quem lê isso, escrito assim com tanta segurança, tende a acreditar que o Sr. Olavo de Carvalho sabe do que está falando. Mas -- pobre Sr. Olavo! -- mais uma vez Voegelin o refuta e concorda com o Prof. Fedeli. Pois vejam só o que diz Voegelin sobre Schelling: "**Schelling não pode ser totalmente absolvido da acusação levantada por Sto. Irineu contra os gnósticos do século II d.C.: 'Eles abrem Deus como se fosse um livro' e 'Eles colocam a salvação na gnose [conhecimento] daquilo que é a majestade inefável'.**" (Eric Voegelin, *Plato*, University of Missouri Press, 2000, p. 193).

Após as inúmeras refutações feitas por Eric Voegelin à interpretação olaviana (cf. FC, 23.07.01), que permanecem todas irrespondidas, só um tolo ainda pode crer que o Sr. Olavo tenha realmente estudado Voegelin.

Acrescente-se ainda que o Sr. Olavo de Carvalho, em seu livro *O Jardim das Aflições*, chega a parodiar Nosso Senhor para promover o herege Schelling: "Em verdade vos digo, filhinhos: Schelling era muito grande, *et tenebrae non comprehenderunt eum*" (OC, 2000c, p. 179, nota 127).

(d) Quem disse que Voegelin é gnóstico?

Quanto a Voegelin ser, ele próprio, gnóstico, quem disse isso não fui eu, mas o almirante Meira Penna, amigo do Sr. Olavo (cf. FC, 05.08.01). Aliás, o próprio Sr. Olavo, se não fosse tão esquecido, se lembraria de ter declarado recentemente: "Depois de publicado o 'Jardim' foi que estudei as obras de Eric Voegelin, que já havia percebido toda essa coisa da gnose quando eu ainda estava de fraldas. No entanto, acho que **a crítica de Voegelin pára a meio caminho, detida por certos pressupostos kantianos que na verdade são eles próprios gnósticos.**" (OC, 2000d, negrito meu).

06/11/2023, 18:51

Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho

(e) Quem disse que Hegel é gnóstico?

O Sr. Olavo, comentando um breve artigo do Prof. Orlando Fedeli sobre gnose (OF, 19??a), diz: "Ele [Fedeli] mal acaba de escrever que a gnose se distingue pelo seu completo intuicionismo anti-racional, e logo no parágrafo seguinte já dá como exemplos de gnósticos Leibniz e Hegel, racionalistas por antonomásia, e aliás o segundo deles inimigo professo de todo intuicionismo."

Não, quem dá esses exemplos é H.I. Marrou. O Prof. Fedeli o cita como um dos estudiosos que vêem uma continuidade da gnose na história. Quem quer que leia o breve artigo do Professor verá que ele não só faz várias citações com reservas, sem significar que concorde com tudo o que é dito, como também explica claramente que é freqüente a confusão dos estudiosos entre gnose e panteísmo (que não obstante é "ante-câmara da gnose").

Naturalmente, nem Hegel nem Leibniz, nem tampouco o artigo introdutório sobre gnose do Prof. Orlando Fedeli, são o assunto dessa polêmica.

(f) Henry Corbin X Olavo de Carvalho

O Sr. Olavo diz que apontar o shiismo como esoterismo islâmico é "uma estupidez fora do comum". Ora, quem diz isso é o maior especialista no assunto, Henry Corbin: "A doutrina shiita é, por excelência, a gnose do Islam; o shiismo é, ele mesmo, a sucessão, a tradição ininterrupta da gnose (*silsilat al-'irfan*)." (Henry Corbin, *En Islam Iranien*, Gallimard, Paris, 1971, Vol I, p. 128).

O Sr. Olavo é tão enrolado que, após comentar um trecho do artigo do Prof. Fedeli sobre a seita ismaelita de Alamut (OF, 19??b), declara que "linhas adiante, o próprio sr. Fedeli afirma, aliás com exatidão, que os ismaelitas, perseguidos pela autoridade religiosa, se esconderam dentro das ordens sufis" (sublinhado meu). Acontece que: 1. o Prof. Fedeli afirma isso não no artigo citado, mas em seu trabalho sobre a gnose de Carvalho e Guénon; 2. os ismaelitas não foram perseguidos pela "autoridade religiosa", mas pelos mongóis invasores, o que o Prof. Fedeli deixa bem claro.

Reproduzindo outra citação presente no trabalho do Professor contra o Sr. Olavo, veja-se como Corbin contraria o esotérico brasileiro ao afirmar que o sufismo e o shiismo são no fundo a mesma coisa: "Todos esses elementos [da doutrina shiita] podem ser encontrados, certamente, no sufismo e na metafísica do sufismo a ponto de dar a impressão, quando se trata do sufismo sunita, de um shiismo que não ousa mais dizer o seu nome" (Henry Corbin, *op. cit.*, Vol I, p. 83).

Afinal, com que autoridade Carvalho questiona Corbin? Sem citar ninguém, o Sr. Olavo defende suas afirmações sobre o maometismo dizendo apenas que "todo crente muçulmano sabe disso".

Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça...

In Jesu et Mariae,
Felipe Coelho.
12.08.2001.

BIBLIOGRAFIA (textos citados dos polemistas)Do Prof. Orlando Fedeli:

(OF, 25.07.01): Orlando Fedeli, "Enrolavos, remendos e gambiarras", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo7.html>>.

(OF, 31.05.01): Orlando Fedeli, A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho, <<http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>>.

(OF, 02.03.01): Orlando Fedeli, "Silêncio Inteiro...", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/guenon2.html>>.

(OF, 19??a): Orlando Fedeli, "Gnose: Religião Oculta da História", <<http://www.montfort.org.br/veritas/gnose.html>>.

06/11/2023, 18:51

Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho

(OF, 19??b): Orlando Fedeli, *Elementos messiânicos na seita ismaelita de Alamut*, <www.montfort.org.br/cadernos/alamut1.html>.

-

Do "corpo de militantes" do Prof. Orlando Fedeli:

(FC, 05.08.01): Felipe Coelho, "Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo10.html>>.

(FC, 23.07.01): Felipe Coelho, "Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html>>.

(FC, 17.07.01): Felipe Coelho, "Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html>>.

(FC, 12.07.01): Felipe Coelho, "Carta aberta de um ex-aluno ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/guennon4.html>>.

Do Sr. Olavo de Carvalho:

(OC, 06.08.01): Olavo de Carvalho, "Um grupo de psicóticos", <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli9.htm>>.

(OC, 24.07.01): Olavo de Carvalho, "Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?", <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli8.htm>>

(OC, 22.07.01): Olavo de Carvalho, "Adendo ao Aviso Número 3", apud <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html#adendo3>>.

(OC, 16.07.01a): Olavo de Carvalho, "Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados", apud <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html#mensagem>>.

(OC, 17.04.01): Olavo de Carvalho, "Aviso 2 - Sobre as acusações de Orlando Fedeli", <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/aviso2.htm>>.

(OC, 2000a): Olavo de Carvalho, entrevista a Paulo Polzonoff Jr., <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al201020002.htm>>.

(OC, 2000b): Olavo de Carvalho, entrevista à *Revista República*, 02.2000, Ano 4, nº 40, p. 96.

(OC, 2000c): Olavo de Carvalho, *O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000.

(OC, 2000d): Olavo de Carvalho, 27.02.2000, in *Forum Sapientia*, tópico "O Jardim das Aflições", subtópico "A Gnose como força moldante de nossa cultura", <<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum2/HTML/000003.html>>.

(OC, 06.06.98): Olavo de Carvalho, "Críticas e Conselhos à Igreja Católica", aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, São Paulo, 06.06.1998, Bloco 8, sem revisão do autor, in <<http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTML/000053-2.html>>).

[Home](#) | [Veritas](#) | [Cadernos Montfort](#) | [Documentos da Igreja](#)
[Destaques da Imprensa](#) | [Orações](#) | [Espaço do leitor](#)

© Associação Cultural Montfort
 Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
 Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

Gnose

Download Enviar Imprimir

☆☆☆ Projeções Psicóticas

PERGUNTA

Felipe

Nome:

10/08/2001

Enviada em:

(...)

RESPOSTA

"Não respondas ao louco segundo merece a sua loucura, para não vires a ser semelhante a ele.
"Responde ao louco segundo merece a sua loucura, para que ele não imagine que é sábio" (Prov. XXVI, 4 e 5).

Depois de sua vergonhosa "Fuga em Ré Maior", em que anunciara pela enésima vez que não me responderia mais -- aliás, ele ainda não esclareceu se admite que Guénon é gnóstico, nem qual é a religião exotérica dele, Olavo -- o sr. O de C, publica um novo enrolavo, desta vez, psiquiátrico.

Depois da fuga, o xingatório de longe e... de baixo. Tentando desviar o foco da polêmica.

Nesse novo xingatório, Olavo reconhece que não tem competência para emitir um diagnóstico psiquiátrico, já que não se proclama médico psiquiatra como se auto proclama filósofo do Globo e... das Arábias. Entretanto, como tem dessa matéria um conhecimento experimental, pacientemente adquirido, ele mesmo fala em projeção de problemas.

No texto agora publicado, a falta de unidade e de coerência, a confusão maçaroquenta dos temas, as contradições uivantes, o saltar espasmódico e desconexo de um assunto para outro, revelam o desespero de uma pessoa que perdeu o controle, e não sabe mais o que disse, e o que diz.

Quem emite tantos AVISOS, com Adendos, Notas e PSs, proclama que reconhece que foram todos insuficientes.

Quem faz tantos ataques pessoais, com tantas injúrias, saltando de um para outro, confessa que nenhuma resposta dada é séria.

A última publicação do sr. Olavo não é uma resposta de um intelectual, ainda que auto proclamado: é um desvario.

É inútil tentar ele desviar a atenção dos leitores do foco da discussão - a Gnose de Guénon e dele mesmo fartamente comprovada -- levantando temas colaterais e difamações pessoais:

"La veritá nulla menzogna frodi" (Dante, **Inferno**, XX, 99).

Para os leitores que têm acompanhado esta polêmica, está bem claro quem é psicótico. Pelo último xingatório de Olavo, parafrazeando Polonius, poder-se-ia concluir o que ele diz de mim: "Há lógica na sua loucura" (Shakespeare, **Hamlet**, Ato 2º, cena 2).

Infelizmente, não posso aplicar o verso acima ao sr. Olavo, pela ausência de lógica no que ele escreve, embora o resto do verso transpareça abundantemente em seu DIAGNÓSTICO.

O nítido desespero do sr. Olavo, que só sabe assacar injúrias pessoais, somente pode provir de quem não tem argumentos para negar a sua doutrina esotérica. E somente vem demonstrar a falta de valor intelectual e humano de seu autor.

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli
São Paulo, 10 de Agosto de 2.001.

Um grupo de psicóticos

Olavo de Carvalho

Nada mais fácil do que livrar-se de um debate chamando o interlocutor de louco. Não me lembro de ter jamais recorrido a esse subterfúgio, que, bem ao contrário, foi muito usado contra mim por pessoas que nada tinham a opor aos meus argumentos. Mas igualmente fácil e leviano seria obrigar um homem a submeter-se a qualquer cobrança despropositada de um louco, sob a alegação de que chamar o louco de louco seria expediente indigno de um debatedor honesto.

A diferença entre as duas situações é que na primeira o sujeito trata de se desviar rapidamente da conversa mediante uma desculpa de ocasião, enquanto a segunda implica o exame criterioso da psicologia do adversário e a prova de que qualquer conversa racional com ele é impossível. Esta é, precisamente, a situação em que me encontro diante das acusações que me move o sr. Orlando Fedeli.

Que ele é maluco, qualquer pessoa com um pouco de experiência da vida percebe a um primeiro exame. Mas isso não me pareceu razão suficiente para lhe recusar uma resposta, pois há graus e graus de loucura e não supus que a dele fosse tanta que inviabilizasse in limine qualquer possibilidade de diálogo. Foi só aos poucos que me dei conta da extensão da sua patologia, chegando por fim à conclusão de que continuar debatendo com ele seria fazer-me de palhaço.

O sr. Fedeli, de fato, não é um debatedor como os outros. Para ele, alguém discordar de suas opiniões não é simples matéria de divergência intelectual, mas um pecado intolerável – e não apenas intolerável moralmente, mas socialmente: algo, portanto, que não apenas se deve condenar em sentimentos e palavras, mas que deve ser proibido e reprimido pela autoridade civil. Ele próprio o declara, com extraordinária candura, ao afirmar que, no seu entender, a liberdade de consciência é "uma monstruosidade".

Ao investir contra um antagonista, ele não o faz portanto na condição de simples debatedor, mas na de autoridade judicial não reconhecida pelo mundo mau. Daí o estilo policial e tribunalício da sua argumentação, na qual as expressões "réu", "culpado", "acusado" e "confissão" retornam a cada instante, num refrão obsessivo destinado a transportar o leitor, da situação real, a uma situação imaginária de processo canônico, um ambiente aterrorizante onde discordar da palavra do juiz seria, mais que uma insolência, um risco.

O uso desse estilo numa sociedade livre e democrática, onde mesmo a autoridade religiosa constituída evita impor suas sentenças acima dos direitos assegurados pela legislação civil, já denota, por si, uma personalidade anormal. Mas a suspeita de patologia torna-se uma certeza quando se nota que, em vez de juiz de algum tribunal canônico, o homem que assim fala é apenas um leigo, um cidadão comum, sem qualquer autoridade religiosa e, no máximo, chefe de uma

seitinha miserável cuja existência a Igreja ignora solenemente -- um juiz de fantasia cujo veredicto, por terrificante que pareça, não será levado a efeito senão no tribunal da sua imaginação.

Que ele possa pensar que seu esse tribunal é o próprio Juízo Final, e que Deus em pessoa condenará no eterno o que Orlando Fedeli condene neste mundo, é um direito que eu seria o último a lhe negar, persuadido que estou de que o princípio da liberdade de consciência para os homens normais implica, como corolário incontornável, a *liberdade de inconsciência* para os loucos, os bêbados e os menores de idade.

Mas tudo isso ainda não me dissuadia de debater com o sr. Fedeli, pois o diagnóstico de insanidade não me permitia apostar, *a priori*, que se tratasse de quadro clínico irreversível.

Foi só o exame substantivo da sua argumentação que me demonstrou a total inviabilidade de disputar com ele no terreno racional. A exposição que se segue mostrará aos leitores que, ao declarar louco o sr. Fedeli, não lhe dirijo um insulto, nem muito menos apelo a uma desculpa infamante para me livrar de um superpentelho -- por mais justo que fosse esse apelo nas presentes circunstâncias --, mas faço uma simples constatação de fato.

O sr. Fedeli publica em sua *homepage* os depoimentos de Felipe Coelho com o quem insinuasse que a condição de ex-aluno meu dá a seu autor algum respaldo para falar a meu respeito com isenção. Vi de fato essa criatura algumas vezes no meu curso, mas nunca cheguei sequer a conversar com ela, pois parecia de uma timidez mórbida. Felipe alega que só se ligou à Associação Montfort *depois* de freqüentar minhas aulas; não tenho razão para duvidar do que diz, mas o fato é que, nelas, estava sempre rodeado de um certo grupo de colegas dos quais alguns já me falavam da Associação Montfort, sem dizer que eram seus membros, no tempo em que o *Seminário de Filosofia* funcionava no Clube Nacional, três ou quatro anos atrás. Nessa época, uma amiga minha, cujo nome não vou citar por enquanto porque não lhe pedi autorização, foi à Associação Montfort e lá encontrou, para seu espanto, todos esses meninos. Também é patente que, logo ao começar este debate, o sr. Fedeli, sacando da gaveta um maço de textos meus de vinte anos atrás, dos quais nem eu próprio me lembrava nem tinha cópias, provou que já vinha rastreando minha vida desde muito antes, o que dificilmente poderia fazer sem a ajuda de um devoto círculo de militantes. O caso configura nitidamente um longo trabalho de penetração, de cerco e de bisbilhotice.

Mas isso, no fim das contas, não vem ao caso. Sempre conheci mal essas pessoas e nunca tive interesse em sondar suas vidas. Foi só depois de eclodido o presente debate que alguns alunos vieram me contar o que sabiam delas.

Esse menino, Felipe Coelho, por exemplo, encontrou na Associação Montfort um grupo religioso feito sob medida para a sua *forma mentis*, a de um rapaz inseguro e neurótico ansioso de apoiar-se numa autoridade, sacrificando no altar dela a sua inteligência e a sua dignidade pessoal. O sr. Orlando Fedeli atende perfeitamente a essa demanda, pois ele

é, como os nazistas e comunistas, se bem que sob pretextos diferentes, um apóstolo da extinção da liberdade de consciência – a tal "monstruosidade".

A abolição dessa monstruosidade importaria na conversão forçada de judeus, muçulmanos, protestantes e outros infiéis, ou pelo menos na proibição de seus cultos respectivos, à imagem do que já se fez em outras épocas, quando alguém ser o sr. Orlando Fedeli era considerado normal.

Compreende-se que, na atmosfera dessa doutrina, o rapaz floresça velozmente em dons que lhe parecem ser do Espírito Santo, mas que são apenas os do espírito do sr. Fedeli.

Um desses dons é o de encadear, com rigorosa lógica dedutiva, percepções errôneas da realidade e interpretações falseadas dos textos que lê.

No curso de uma feroz investida polêmica, ante uma platéia mais ou menos insegura e desinformada, isso torna as coisas extremamente difíceis para o interlocutor, pois o antagonismo que o separa do atacante não é de ordem discursiva, e sim intuitiva, estando cada um situado num plano de realidade diferente, onde os mesmos nomes podem designar coisas inteiramente diversas.

Essa diferença reflete-se, antes de tudo, na leitura muito especial, muito peculiar que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem daquilo que lêem, especialmente quando lêem com a temerosa expectativa de encontrar ali algum indício da nefanda liberdade religiosa.

Daí, por exemplo, a tendência a tirar as mais ousadas generalizações, com ares de certeza absoluta, a partir de indícios minúsculos e isolados. Fazendo-se de islamólogo após uma breve leitura de Henry Corbin, o sr. Orlando Fedeli pontifica, por exemplo: "O esoterismo islâmico apresenta duas correntes principais: o shiismo e o ismaelismo". (2)

Isto é de uma estupidez fora do comum.

O esoterismo islâmico é constituído essencialmente pelas ordens sufis (*turuq*, plural de *taríqat*, "via"), que são centenas e que na sua esmagadora maioria seguem a *shariat* (lei comum) do mundo sunnita. A distinção entre sunnitas e shiitas nada tem a ver com a de exoterismo e esoterismo, correspondendo simplesmente a duas modalidades da religião exotérica, mais ou menos como catolicismo e protestantismo.

Todo crente muçulmano sabe disso, e o sr. Fedeli poderia ter obtido essa informação em qualquer mesquita ou centro islâmico do mundo. Provavelmente, como a repugnância a toda contaminação gnóstica o impede de aproximar-se desses meios, ele prefere estudar o assunto à distância, confiando-se à autoridade de um único erudito, Henry Corbin, ignorando que o autor de *En Islam Iranien* é, ele próprio, um esoterista islâmico, portanto alguém do qual uma alma católica virginal como o sr. Fedeli deveria guardar também asséptica distância.

O ismaelismo é apenas uma subdivisão do shiismo, e constitui uma variedade esotérica menor, limitada ao mundo shiita, em oposição à linha mestra do esoterismo representada pelas ordens sufis do mundo sunnita.

A confusão grosseira do sr. Fedeli chega ao ponto de, ao comentar as interpretações do Corão, falar de "exegese shiita ou soufi", como se fossem uma só e mesma coisa.

Garanto-lhes que nunca, em décadas de estudo de assuntos islâmicos, vi alguém ousar falar em público do assunto, com ares de autoridade magistral e com base num tal desconhecimento da matéria. A desproporção entre a parcimônia dos meios e o tom de completa autoconfiança com que o sr. Fedeli entra na discussão daquilo que ignora é coisa um tanto deprimente de se ver, pois revela menos uma vigarice consciente do que algum tipo de anomalia psicológica.

Essa anomalia se torna ainda mais visível quando, linhas adiante, o próprio sr. Fedeli afirma, aliás com exatidão, que os ismaelitas, perseguidos pela autoridade religiosa, se esconderam dentro das ordens sufis. Não se compreende como poderiam ou por que haveriam de fazê-lo se fossem eles mesmos representantes do sufismo, ou se este, ao contrário do ismaelismo, não fosse um esoterismo aceito pelas autoridades ortodoxas sunnitas, portanto algo bem distante do shiismo e mais ainda do ismaelismo. O sr. Fedeli, obviamente, não compreende o que ele próprio escreve.

Mais deplorável ainda é o completo descompasso, que se observa no discurso do sr. Fedeli, entre os conceitos gerais e os fatos encarregados de exemplificá-los. Ele mal acaba de escrever que a gnose se distingue pelo seu completo intuicionismo anti-racional, e logo no parágrafo seguinte já dá como exemplos de gnósticos Leibniz e Hegel, racionalistas por antonomásia, e aliás o segundo deles inimigo professo de todo intuicionismo. (3) Isso não pode ser um simples "erro de lógica". É, positivamente, uma desconexão entre percepção e linguagem, uma carência de integração mental, o sintoma de uma fragmentação da personalidade.

Multiplicada pelo número impressionante de citações coletadas em noites e noites de trabalho insano, a prática desse curioso *modus interpretandi* já se torna mais que um sintoma isolado: é um quadro clínico completo.

Não é de espantar que, nesse quadro de auto-incompreensão psicótica, raciocínios formalmente corretos abriguem, da premissa às conseqüências, as mais prodigiosas confusões entre planos de realidade, tornando a argumentação do sr.

Fedeli uma massa compacta de sentidos superpostos e fundidos, que para ser discutida ou refutada no plano lógico teria de ser primeiro analisada psicologicamente e decomposta em seus elementos heterogêneos e incompatíveis.

Como explicar, por exemplo, que, argumentando pela continuidade *historicamente comprovável* da gnose, ele, um historiador de ofício, a faça remontar à Serpente do Paraíso? (4) Quereria isso dizer que a ciência histórica tem meios de rastrear os fatos até à criação do mundo? Ou que, ao contrário, a história é *ancilla theologiae* e que aquilo que valha como artigo de fé deve ser aceito também como prova de veracidade histórica acima de qualquer protesto possível da metodologia historiográfica? Tais são os dois únicos sentidos logicamente possíveis desse conceito. Ambas essas

afirmativas, além de ser absurdas em si mesmas, se contradizem uma à outra, mas, ao mesmo tempo, ambas estão contidas de maneira inseparável na tese de que a gnose remonta *historicamente* – e não só teologicamente, ou simbolicamente – à Serpente do Paraíso. Que é que isto nos mostra, acima de qualquer possibilidade de dúvida, senão que a afirmativa não tem *nenhum* sentido lógico, mas apenas psicológico, como expressão irracional de um desejo intenso de fazer *per fas et per nefas* a História dizer o mesmo que a Teologia?

Idêntico fenômeno observa-se no uso que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem de uma das expressões que mais obsessivamente reaparecem nos seus escritos: a tal "salvação pelo conhecimento". A gnose antiga acreditava, de fato, num conhecimento intelectual da essência de Deus (mesmo assim, com certas reservas), opondo-se nisto à *cognitio fidei* que era, segundo a Igreja, o único meio de acesso ao mistério divino. Por algum motivo insondável, Fedeli e seu pequeno clone espiritual cismaram que eu acreditava nessa "salvação pelo conhecimento", cuja impossibilidade absoluta, no entanto, eu mesmo havia demonstrado nas aulas sobre "Consciência e estranhamento", continuação de "Descartes e a psicologia da dúvida", meses antes do início desta polêmica. (5) Que se esforçassem tanto para me atribuir uma doutrina tão contrária ao conteúdo expresso das minhas aulas já era, por si, coisa esquisita. Para isso chegavam ao cúmulo de interpretar como sinônima de "salvação pelo conhecimento", no sentido gnóstico, a expressão "poder salvífico da devoção intelectual", que manifestamente significa coisa totalmente diversa, designando apenas a devoção a Deus prestada através do trabalho intelectual, por exemplo na ascese beneditina. Mais esquisito ainda, porém, é que, na ânsia de provar que escamoteei propositadamente alguma coisa no resumo das características essenciais e constantes da gnose, lá vem de novo o jovem Coelho, na sua última cartinha, com a "salvação pelo conhecimento". Mas é óbvio e patente que essa doutrina não poderia estar presente nas formas modernas e imanentistas da gnose, para as quais a idéia mesma de "salvação" é inconcebível. O próprio Coelho, dois parágrafos depois, insiste na distinção entre gnose transcendentalista e imanentista, (6) sem perceber que a existência mesma desta distinção exclui a possibilidade de que a "salvação pelo conhecimento" esteja presente em *toda* a gnose, mas tão somente, é claro, na gnose antiga e transcendentalista. Ora, no momento mesmo em que afirma a continuidade essencial de um fenômeno qualquer ao longo dos tempos, nenhum cérebro normal apontará, entre as características que definem essa essência, um traço que não pode estar presente em todas as suas manifestações mas só em algumas delas, localizadas num tempo determinado. Como compreender, portanto, o pensamento do jovem Coelho? Ele quis dizer que no fundo o marxismo ou o positivismo são transcendentalistas e visam à salvação da alma pelo conhecimento como os gnósticos antigos? Ou que, ao contrário, a continuidade da gnose ao longo dos tempos é irrelevante e só interessam as características da gnose antiga? Tal como no exemplo anterior, a expressão verbal aparentemente lógica abriga dois sentidos que, absurdos em si mesmos, se contradizem e se unem inseparavelmente no corpo de uma mesma idéia, caracterizando uma forma inconfundivelmente delirante de pensar e de escrever. Novamente, a confusão mental é tão flagrante que não pode ser explicada como simples "erro de lógica", mas acusa

decisivamente uma falha de percepção daquilo que se escreve, no momento mesmo em que se escreve. Essa falha torna absolutamente ininteligível o pensamento do jovem Coelho, que o interlocutor teria de "interpretar" psicologicamente antes de poder discutir logicamente.

Tantos são os lapsos desse tipo na produção escrita de Fedeli & Coelho ao longo desta polêmica, que para refutar ou provar seus argumentos seria preciso primeiro peneirar suas palavras, linha por linha, para depurá-las desses lapsos e isolar, no meio da massa bruta de confusões e superposições de sentido, algum sentido logicamente distinto, exatamente como, numa psicoterapia, o analista busca um fundo de lógica por trás da massa compacta de símbolos e visões delirantes do paciente.

O aglomerado imponente de citações e remissões não faz senão tornar ainda mais invisível, para os autores, o caráter alucinatório do que escrevem. O exemplo mais recente encontra-se na última cartinha do jovem Coelho, na qual, para provar que o conceito de gnose de Eric Voegelin coincide em gênero, número e grau com a definição dogmática de heresia gnóstica, ele cisca uma definição no glossário de Eugene Webb e a exhibe como troféu. (7) Ora, desde logo um mínimo de prudência e a simples consciência da situação de discurso recomendariam ao menino não confiar-se a uma fonte tão notoriamente de segunda mão ao discutir com um sujeito que acabava de ser acusado pelo sr. Fedeli de ciscar definições "em algum site da internet" em vez de buscá-la em fontes confiáveis (o sr. Fedeli referia-se às quatro características da gnose antiga, sem saber que eu as havia retirado da Enciclopédia Routledge). Em segundo lugar, o próprio Webb, no seu *site*, avisa que é um amador bem intencionado e não um intérprete autorizado de Voegelin. Em terceiro lugar, um conceito qualquer, numa obra filosófica extensa, *nunca* se pode conhecer pelo seu simples enunciado sintético (muito menos redigido por um terceiro), mas requer o exame das aplicações que lhe dá o autor, pois só nestas se revela o sentido efetivo que ele tem no conjunto do argumento. Ora, na sua aplicação constante e sistemática ao longo dos 33 volumes de *Collected Works*, o conceito de "gnóstico", em Voegelin, não se opõe a "católico", mas a "filósofo", uma categoria na qual ele inclui, além dele próprio, é claro, vários pensadores que, na perspectiva fedélica, são inconfundivelmente gnósticos, como Platão e Schelling. Para piorar as coisas, mais adiante o menino lança uma suspeita de gnosticismo contra o próprio Voegelin, o que, confrontado com a afirmativa de que sua definição de gnose é idêntica à definição dogmática de heresia gnóstica, resulta em declarar que o próprio Voegelin se acusa formalmente de herético. A incompreensão da leitura alcança aí o cume de uma sublimidade quase indizível.

Igualmente reveladora de falta de percepção da realidade é a alegação – feita de boa fé, segundo parece – de que as transcrições não autorizadas de minhas aulas, cuja citação pelo sr. Fedeli impugnei como expediente desonesto, são documentos que podem ser citados à vontade porque foram encontrados na minha própria *homepage*, isto é, no *Forum Sapientia* que é uma subdivisão dela. (8) Ora, minha *homepage* tem um editor, que sou eu. O *Forum Sapientia* tem quinhentos e tantos, que são os participantes da discussão, que ali despejam o que bem entendem, sem ser

fiscalizados ou censurados (exceto quando alguém me avisa de algum abuso em particular) e sem que eu tenha aliás a mínima condição de acompanhar simultaneamente todos os debates. Qual será, pois, o sentido da alegação de Felipe Coelho? Pretende ele dizer que o que quer que ali alguém descarregue sem minha autorização e até sem meu conhecimento se torna automaticamente publicação autorizada por mim? Ou que, ao contrário, a falta de autorização num caso justifica o uso não-autorizado no outro? É, de novo, o mesmo esquema delirante: duas afirmações absurdas em si mesmas e mutuamente contraditórias, que aparecem sintetizadas inseparavelmente num único pensamento, de aparência lógica impecável.

E o mais extraordinário é que, após expor assim aos olhos do público o estado deplorável da sua inteligência, o menino cante vitória, gabando-se de ter-me feito críticas "devastadoras", e ainda seja fortalecido nessa ilusão grotesca pelo incentivo de um mestre interesseiro e bajulador.

Considerado enquanto técnica argumentativa, o modo de escrever de Fedeli e Coelho assinala menos uma vontade consciente de iludir do que a expressão desesperada de uma confusão interior que não busca propriamente ludibriar, e sim *contaminar* a platéia. O ludíbrio consciente pressupõe, no orador, o domínio de seus próprios pensamentos e a compreensão da situação de discurso. Ora, ambos estes requisitos faltam manifestamente no guru e em seu discípulo, caracterizando, não uma vigarice compartilhada, mas a boa-fé insana de um delírio a dois.

Duas observações, no entanto, devem matizar esse diagnóstico.

1) Essa loucura não transparece na maioria dos escritos do sr. Fedeli, pela simples razão de que são simples resumos ou adaptações de textos tradicionais da Igreja, onde pouco espaço haveria para alguma efusão pessoal reveladora. De modo geral, é compreensível que um homem de mente perturbada oculte sua patologia por trás do apego a uma doutrina sólida, fixa e facilmente repetível, cuja racionalidade intrínseca, usada como muleta, o dispense de qualquer esforço intelectual mais comprometedor. A vida intelectual do sr. Fedeli, resumindo-se no mais das vezes a simples deduções mecânicas do dogma e a paráfrases de textos lidos, está em geral bem protegida dos riscos de uma luta pelo conhecimento, mas é claro que não os pode evitar por completo, e é no instante que eles aparecem que a ordem aparente da sua vida mental se esboroa ao contato com a complexidade da situação.

2) A compactação de sentidos contraditórios num discurso formalmente lógico é, malgrado sua loucura intrínseca, um instrumento verbal de grande força persuasiva, precisamente por causa do estado de espírito paradoxal em que deixa seu leitor. Arrastado pela sucessão lógica de uma demonstração cuja estrutura formal independe totalmente do sentido dos conceitos, ele acaba por aceitar as conclusões sem dar-se conta do terreno semântico lodoso e mole em que se assenta o edifício aparentemente estável. O exame lógico dos argumentos nada revelará de anormal. Só a análise semântica e a comparação com a situação de discurso revelarão a loucura por trás do método, mas poucos leitores

têm o hábito ou os meios de realizá-las. Nos demais, a superposição de clareza lógica e nebulosidade semântica produzirá um misto de descoberta e confusão, bem apto a mudar num relance todo o seu quadro habitual de referências, a arrebatá-los do mundo real e a despertar neles o sentimento de terem "visto a luz": a adesão súbita e total das suas almas a uma idéia cujo significado mal vislumbram. É a essa mutação repentina do quadro de percepção e a essa conversão imediata a uma idéia mal compreendida que Flo Conway e Jim Siegelman, no seu estudo sobre a retórica das seitas populares da *New Age*, dão o nome de *snapping*. (9)

Se o sr. Fedeli manejasse esse instrumento com malícia consciente, seria um gênio da erística, como Hegel. Mas o abismo entre o conteúdo de suas argumentações e a situação de discurso mostra-nos que ele não tem nenhum domínio do que faz, que ele é antes uma vítima de sua confusão interior do que um produtor deliberado de confusão na mente alheia. Um raciocínio lógico separado da intuição adequada da realidade (seja da realidade em torno, seja da realidade representada nos conceitos do próprio discurso) é, com efeito, sinal inequívoco de perturbação mental. O ódio mesmo que o sr. Fedeli tem à faculdade intuitiva revela nele um fundo de consciência de sua anomalia e um desejo de mutilar a mente alheia para reduzi-la à sua própria medida pessoal, pois raros tipos humanos realizam tão bem quanto ele a definição de "louco" dada por Chesterton: "o homem que perdeu tudo, menos a razão".

Tão distante está o sr. Fedeli da situação real de discurso que ele chega a ostentar como sinais de aprovação da platéia as cartas que lhe são enviadas por pura gozação pelo tal de Fabrício (pseudônimo de um *hacker* comunista) e por um sr. Francisco Nixexé (o qual não existe e não passa de outro pseudônimo do mesmo cidadão), sem perceber nem de longe que está sendo usado como personagem de piada. (10) Custei um pouco a me dar plena conta da sua completa falta de senso de realidade e creio que de início carreguei demais nas tintas ao atribuir-lhe intenções maliciosas. A malícia, nele, é totalmente inconsciente: ela não provém da sua vontade, mas do demônio que se apossou dos seus pensamentos e os embaralha sem que ele se dê a mínima conta do que se passa. O mesmo acontece com o jovem Coelho.

Mas é claro que, nessas condições, a perspectiva torta não falseia somente os textos, e sim a realidade mesma em torno. Vistos dessa perspectiva, os fatos mudam de tamanho, de sentido e de importância, adquirindo um novo perfil que os tornaria irreconhecíveis aos protagonistas que os viveram. Assim, por exemplo, um professor que dê cursos há vinte anos, para platéias diferentes, fatalmente terá alunos mais antigos e mais novos, mais próximos e mais distantes, mais íntimos e mais estranhos, e assim por diante. Uns saberão mais que os outros, conhecerão o professor mais de perto que os outros, freqüentarão a sua casa, desfrutarão da intimidade da sua família, enquanto outros só o verão de longe, pelo seu perfil profissional, mal ousando lhe dirigir respeitosamente a palavra. Tudo isso é natural, inevitável e está na ordem das coisas. Observado desde o ângulo do caçador de gnósticos, esse fato banal será transfigurado em uma sociedade secreta, com círculos internos e externos, um discurso exotérico e outro esotérico, graus iniciáticos,

ritos de admissão e pactos de lealdade mafiosa.

É claro que, num primeiro instante, quem, conhecendo por experiência direta o meio e os personagens, ouça esta segunda descrição, a tomará espontaneamente em sentido figurado, como pura ênfase retórica destinada a realçar as qualidades negativas que o observador atribui ao grupo observado.

Também eu pensei que fosse isso, e julguei discernir no sr. Fedeli um propósito conscientemente difamatório.

A um segundo exame, porém, notei que ele acreditava literalmente no que dizia, e que portanto a diferença entre o que eu sabia do meu ambiente e o que o sr. Fedeli ali enxergava não era uma simples diferença de opinião, de julgamento, mas de percepção. O que eu enxergava como minha realidade cotidiana era para ele apenas um véu de banalidade astuciosamente urdido por mim para encobrir a "verdadeira" natureza da minha convivência com meus alunos, que seria a de iniciador e iniciandos, grão-mestre e neófitos no seio de uma organização secreta de tipo gnóstico.

Ele via realmente as coisas assim, e não havia o mínimo fingimento na sua maneira de expressá-lo. O sr. Fedeli é um difamador, sim, mas não por premeditação: é um difamador espontâneo, é um difamador compulsivo e sem qualquer segunda intenção.

O mais estranho era que, jamais tendo me visto de perto, jamais tendo freqüentado meus cursos e muito menos minha casa, e sabendo, em suma, muito pouco da minha vida, ele se permitia pintar em imaginação todo um quadro dela – com tintas sombrias e misteriosas, é claro – e não só acreditar piamente no que inventava mas também expor sua ficção em público e defendê-la num tom de quem tivesse a certeza absoluta do que dizia.

É verdade que ele próprio reconhecia haver, no quadro, uns detalhes faltantes. Meu aprendizado com Frithof Schuon, o episódio Idries Shah e a premiação do meu livro *O Profeta da Paz* na Arábia Saudita, em especial, lhe pareciam especialmente enigmáticos. Já contei dezenas de vezes essas histórias a meus alunos e tê-las-ia contado ao sr. Fedeli, com todo o prazer, se ele me fizesse uma visita e colocasse as perguntas educadamente. Mas ele preferiu conjeturar as respostas à distância e, não encontrando nenhuma, resolveu transformar as perguntas em suspeitas e as suspeitas em acusações públicas, despejando-as sobre mim aos borbotões, umas atrás das outras, num tom inconfundível de interrogatório policial, de modo a dar ao público a impressão de que eu estivesse escondendo alguma coisa. Era uma sucessão de cobranças estapafúrdias e insolentes, formuladas desde o alto da convicção inabalável de que, ante a autoridade implacável de Orlando Fedeli, mesmo o réu mais obstinado acabaria por ceder e confessar o crime.

Eu olhava tudo aquilo, estupefato. O homem estava mesmo doidinho.

Um detalhe que me chamou especialmente a atenção foi a alternância histórica de ênfases contrárias em torno de um mesmo ponto. Num momento, ele buscava me pintar com as cores de discípulo e agente da tarīqat de F. Schuon.

Como eu respondesse que não isso, ele imediatamente tirava a conclusão de que eu estava "renegando o mestre" ou

tentando "me limpar", como se qualquer contato com Schuon fosse motivo de vergonha. Nem de longe lhe passava pela cabeça que entre o discipulado devoto e a abjuração odienta há mil uma gradações intermediárias, nas quais um homem normal geralmente de detém sem chegar aos dois extremos que, para uma alma como a de Orlando Fedeli, são as únicas alternativas concebíveis. Pois se mesmo ao sair do Partido Comunista não me tornei do dia para a noite seu inimigo, mas tomei mais de uma década para examinar o assunto com toda a serenidade, por que não deveria usar da mesma prudência ao julgar os ensinamentos de Schuon? Mas, para um fanático como o sr. Fedeli, todos temos de ser fanáticos: se não somos fanáticos em favor dele, somos fanáticos contra. Logo, das duas uma: ou eu era fiel discípulo de Schuon, ou me envergonhava de tê-lo sido. Como poderia eu explicar ao maluco que não se tratava nem de uma coisa nem de outra? E ademais: para que me explicar a um idiota insolente?

Suas perguntas simplesmente não podiam ser respondidas, porque já vinham sempre com preconceitos embutidos e respostas induzidas.

Na verdade, o molde infamante que ele tentava projetar sobre os episódios de minha vida que não lhe fossem conhecidos era puramente projetivo. Como ele próprio, Orlando Fedeli, oculta e distorce episódios da sua vida para que ninguém o veja como realmente é, compreende-se que imagine que os outros fazem o mesmo, que todo mundo tenha sujeiras, como ele, para varrer para baixo do tapete.

É público e notório – e foi publicado no livro de Giulio Folena, *Escravos do Profeta*, que o sr. Fedeli nunca impugnou judicialmente – que o atual guru da Associação Montfort foi membro da TFP, que ali disputou a liderança com o Dr. Plínio Correia de Oliveira e, derrotado, saiu falando horrores do guru e fundou uma TFP do B.

Não é um *curriculum* dos mais edificantes. Que remédio, portanto, senão negá-lo?

"Não sou 'dissidente da TFP'; sou seu denunciador e acusador"

Fui do grupo de Catolicismo

Bem, o mutatis mutandis está aí somente pro forma, pois as diferenças entre o caso de Agostinho e o de Fedeli não são só de tamanho, mas de essência. Agostinho não somente se afastou do maniqueísmo mas tornou-se expositor e apóstolo de uma doutrina infinitamente superior, ao passo que Fedeli nunca rejeitou a doutrina explícita da TFP e sim apenas a "seita secreta" que existiria por trás dela. Agostinho rejeitou o maniqueísmo enquanto tal, não um maniqueísmo secreto por trás dele, enquanto o sr. Fedeli só rejeitou a TFP enquanto organização, não enquanto doutrina. Seu dualismo radical, que opõe o catolicismo a todas as demais doutrinas religiosas e até filosóficas como filhas diretas da Serpente do Paraíso, é puro Plínio Correia de Oliveira. (11) Agostinho superou o maniqueísmo e tornou-se seu autêntico e poderoso adversário. O sr. Fedeli nunca foi adversário da TFP: é apenas seu concorrente. Vende doutrina similar, com outra marca.

Mas, novamente, não creio que o sr. Fedeli esteja mentindo de propósito. Ele simplesmente se engana quanto à sua própria vida e, por extensão, quanto à vida alheia: se sua biografia tem um capítulo que convém varrer para baixo do tapete, daí ele conclui que a minha também deve ter. Se a dele tem uma história de abujuração de guru, a minha também deve ter. Tudo isso é tão obviamente projetivo, que nada mais há a dizer a respeito. Da minha parte, nem me entreguei ao guiamento de Schuon com a paixão devota com que o sr. Fedeli se entregou ao Dr. Plínio, nem abjurei do mestre com o ódio retroativo que o sr. Fedeli sente pelo dele. Segui simplesmente o conselho do Apóstolo: "Experimentai de tudo, e ficai com o que é bom", e, sem pressa de aplaudir ou condenar, vou examinando as coisas que aprendi com Schuon, conservando umas, descartando outras, como aliás, suponho, é o que qualquer homem normal deve fazer em tais circunstâncias.

O deslocamento de perspectiva que pode transfigurar isso na projeção escabrosa de uma auto-imagem feita de lealdades abjuradas e ódios vingativos, embora seja em si uma distorção psicótica, também não deve ser atribuído estritamente a alguma patologia pessoal do sr. Fedeli, visto que essa patologia é compartilhada ao menos pelo mais combativo dos seus peões, Felipe Coelho, e provavelmente por outros militantes do seu grupo. A hipótese de uma psicose grupal me parece muito mais viável, por ser uma patologia quase infalivelmente presente em grupos religiosos minúsculos e isolados, que se sentem cercados por um mundo mau. Ora, o grupo do sr. Fedeli não apenas é microscopicamente minoritário na sociedade em geral, mas ainda é um dos grupos mais isolados e rejeitados no âmbito da própria religião que alega defender, estando colocado, ao mesmo tempo, contra a autoridade dos decretos conciliares e contra todos os outros grupos tradicionalistas e minoritários, como a TFP e a Sociedade de São Pio X (lefevrina), que o têm na conta de um punhado de sociopatas e malfeitores. Se, nessas condições, pretendesse ser apenas um círculo de elite, cultivador de conhecimentos de pouco interesse para a massa popular, o isolamento talvez não lhe pesasse. Mas o grupo do sr. Fedeli é uma entidade de proselitismo religioso, voltada para a conversão das multidões, cuja absoluta indiferença às suas pregações exige dos militantes uma obstinação quase sobre-humana, da qual só os santos e os loucos são capazes, com a ressalva de que em geral os santos a cultivam na solidão e os loucos em grupo.

Somando-se à angustiante desproporção entre sua audiência ideal e sua audiência real, o isolamento dos montfortianos é ainda agravado pelo fato de que sua ambição vai muito além da conversão da espécie humana: ela sonha com a restauração de um poder temporal do clero, com o advento de um Imperium global capaz de erradicar do mundo a liberdade religiosa e impor o catolicismo a todo o globo terrestre, a ferro e fogo – ambição que vai infinitamente além das pretensões atuais do papado mesmo.

A tensão inevitável entre a amplitude desmesurada do sonho de poder e a míngua de interesse do meio circundante é o caldo de cultura ideal para a proliferação da psicose grupal.

*Eis os motivos pelos quais não posso satisfazer à demanda de Fedelis e Coelho por uma resposta *pari passu* às suas acusações. Está acima da minha capacidade fazer ver a essas pessoas que seus argumentos não podem ser rebatidos ou confirmados no plano racional porque neles o acúmulo de distorções semânticas, de confusões de planos, de falsas interpretações e de simples erros de raciocínio é de tal monta, que requereria, para recolocarem-se as coisas em seus lugares, um livro mais ou menos do tamanho daquele que consagrei a José Américo Motta Pessanha, pois o que havia de errado neste, como neles, não eram simples idéias isoladas, mas uma percepção falsa de toda a realidade. Erros lógicos podem ser impugnados, vigarices podem ser denunciadas. Mas uma psicose não se impugna nem se denuncia: uma psicose analisa-se e trata-se, quando se têm o interesse e os meios de fazê-lo. Ambas essas condições me faltam por completo. Limite-me, pois, a diagnosticar o caso em linhas gerais, dando graças aos céus de que análise e tratamento de um quadro tão complexo e espinhoso não estejam sob a minha responsabilidade.*

06/08/01

(1) Debate de Orlando Fedeli com D. Estevão Bittencourt, em

(2) "Elementos messiânicos na seita ismaelita de Alamut", *id.*

(3) "Gnose: a religião oculta da História", *id.*

(4) *Id.*, *ibid.*

(5) O texto será reproduzido em breve nesta homepage.

(6) Terceira mensagem de Felipe Coelho, em

(7) *Id.*

(8) *Id.*

(9) Flo Conway & Jim Siegelman, *Snapping: America's Epidemic of Sudden Personality Changes*, New York, Lippincott, 1982.

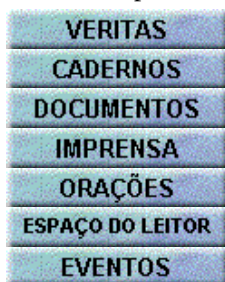
(10) Frontispício de

(11) No seu último escrito, ele procura dar retroativamente uma interpretação pliniesca à doutrina agostiniana das duas cidades. Mas, evidentemente, essa doutrina tem um sentido quando expressa no século V, com os dados civilizacionais de que Agostinho dispunha, outro no século XXI, com a massa de informações hoje disponível sobre todas as religiões e tradições. Tudo o que Agostinho, no seu contexto limitado, visse fora da Igreja Católica, podia ser sem grave contradição atribuído à obra do demônio, mas como fazer o mesmo, hoje, com tudo o que sabemos do hinduísmo e do budismo, do Islam e mesmo de algumas religiões indígenas, cuja riqueza espiritual só não é visível ao sr. Fedeli e que o Concílio explicitamente reconhecem? A doutrina de Agostinho, atualizada para o estado presente da pesquisa histórica, ficaria certamente bem diferente da forma que, por mera ampliação mecânica, lhe deu o sr. Fedeli.

Notas <<http://www.montfort.org/>>. <<http://www.montfort.org/>>. <<http://www.montfort.org/>>. - prossegue ele -- , e quando descobri que por trás da TFP havia uma seita secreta com idéias absurdas e cultos delirantes, denunciei a seita a que nunca pertenci, graças a Deus... Sua maneira de me apresentar -- *mutatis mutandis*, isto é, levando em conta as imensas e evidentes diferenças - é injusta como a de alguém que se referisse a Santo Agostinho, para diminuí-lo, como "dissidente do maniqueísmo". Ele denunciou, condenou e refutou o maniqueísmo; não foi "dissidente" dele., proclama

ele na sua polêmica com D. Estêvão Bittencourt. Ora, se um membro de uma organização sai dela atirando e funda uma organização concorrente, que raio de coisa é ele senão um dissidente? < <http://www.olavodecarvalho.org.br/textos/fedeli9.htm> >

The Wayback Machine - <https://web.archive.org/web/20050206111556/http://www.montfort.org.br:80/perg...>



Espaço do Leitor

[Perguntas & Respostas](#) | [Enviar dúvidas](#) | [Livro de Visitas](#) | [Assinar Boletim](#)

Carta ao leitor

Os frutos do gnóstico Olavo II: Revelações de uma câmara escura

Felipe Coelho

*"Não creio na crítica ao mundo moderno em nome da Igreja Católica ou de um tempo passado."
(Pedro Sette Câmara, "O coração e o mundo", 14.07.00)*

Incapaz de responder a qualquer um dos itens de meu último artigo (FC, 12.08.01), para não falar do trabalho magistral do Prof. Orlando Fedeli sobre o qual silencia há meses (OF, 31.05.01), o Sr. Olavo de Carvalho, que antes se escondera atrás do jornal *O Globo* (OC, 21.07.01), agora se esconde atrás de seu aluno-modelo Pedro Sette Câmara ([PC, 14.08.01](#)).

Inicialmente, não pretendia responder a mais nenhuma mensagem dos olavianos militantes, para que o foco da polêmica não fosse desviado para uma disputa de alunos, conforme já havia dito (FC, 05.08.01). Além disso, como o recente artigo do aprendiz de astrólogo tem erros de interpretação de texto e de Catecismo básico tão flagrantes que não escaparão aos leitores atentos, com prazer me absteria de respondê-lo e o deixaria falando sozinho... não fosse um desafio que recebi um dia antes da publicação do artigo mencionado, que moralmente me obriga a esta refutação. Serei breve.

-

Interpretação de texto (sem figurinhas astrológicas para distrair)

Digo que "a parte da doutrina 'explícita' da TFP que o Prof. Fedeli não rejeitou é justamente... a Doutrina Católica" (FC, 12.08.2001). O Sr. Câmara acha uma citação no *site* da TFP em que seu fundador defende a instauração do "reino de Maria" na Terra. Assim, conclui que somos utopistas. Fosse o Sr. Câmara um pesquisador menos negligente, encontraria no *site* da Montfort o trabalho "Conceituação, causas e classificação das utopias", do Prof. Orlando Fedeli, contra a utopia e o milenarismo (OF, 10.99). Aviso o Sr. Câmara, porém, de que se trata de um texto longo e técnico, sem nenhuma menção a signos, mapas astrais, ou qualquer outro passatempo pagão de seu gosto.

O Sr. Câmara anexa a seu artigo um e-mail anterior, não publicado devido às baixarias nele contidas. Já que o Sr. Câmara resolveu ostentar orgulhosamente essa vergonhosa amostra de sua estatura moral, note-se que há aqui mais um exemplo de sua dificuldade em ler textos sem desenhos de planetas e estrelinhas: o Sr. Câmara afirma não só que é mentira, mas que é uma "deslavada, pérfida, sórdida" mentira, eu afirmar que o primeiro e-mail recebido pela Montfort fora o dele, e não o que um colega seu enviara **duas semanas antes**. Mas eu havia dito: "...alunos e admiradores do Sr. Olavo de Carvalho enviaram **nos últimos dias** à homepage da Montfort cada qual um e-mail, defendendo este gnóstico" (FC, 05.08.01, negrito meu). Basta olhar as datas de envio dos e-mails comentados para verificar que são dos dias 3 e 4 de agosto. Ora, a

06/11/2023, 18:53

Os frutos do gnóstico Olavo II: Revelações de uma câmara escura

brincadeira boba do tal Polli data do meio do mês passado: 19.07.2001! (O Sr. Câmara deveria prestar mais atenção às datas, já que aspira a ser astrólogo, pois que eu saiba elas são importantes na hora de fazer o horóscopo, não?)

Outro delírio do Sr. Câmara é achar que eu "me auto-nomeei promotor do Juízo Final e já proferi sua sentença" (estou parafraseando sua formulação teatral). Apenas constatei que citar Nosso Senhor para defender a heresia, como fazem o Sr. Câmara e seu professor de astrologia, é condenar a si próprio. Seria ridículo afirmar, por exemplo, que São Paulo está julgando no lugar de Cristo, quando o Apóstolo diz que quem comunga em pecado mortal o faz para sua própria condenação. Ele está apenas constatando um fato, e foi só o que eu fiz. Tanto é assim que ainda rezo pela conversão do Sr. Câmara, embora dê graças a Deus por ele não freqüentar a Montfort.

Expondo sua astro-filosofia, o Sr. Câmara afirma: "Palavras só se referem a algo se a consciência 'vê' o objeto que elas chamam." Bem, se o Sr. Câmara realmente acredita nisso, então, tendo em vista suas interpretações acima, é melhor sua consciência começar a usar óculos...

-

O Sr. Câmara e a maçonaria

É curioso que o Sr. Câmara nos acuse de ser maçons(!), baseado como sempre em provas "irrefutáveis" que mostram sua erudição: as estrelinhas que ele viu na seção de cartas do *site* da Montfort... Isso justamente agora que seu professor fala favoravelmente e em público da maçonaria romena (OC, 11.08.01). O Sr. Câmara, que por coincidência já esteve na Romênia (PC, 01.99), país este que aliás não é nenhum ponto turístico, deveria ter prestado atenção nisso...

Já que o Sr. Câmara tocou no assunto da maçonaria, tenho aqui um livro interessante: "Igreja e Maçonaria", de D. Boaventura Kloppenburg (Ed. Vozes, 5ª edição). Olhando apenas o índice, veja-se quais os itens enumerados pelo autor como princípios do liberalismo religioso (condenados pela Igreja e defendidos pela maçonaria): 1. livre-pensamento, 2. autonomia da razão, 3. liberdade de culto, 4. liberdade de consciência, 5. indiferentismo religioso, 6. Estado neutro, 7. ensino leigo, 8. moral independente, 9. religião natural, 10. laicismo. É um livro muito fácil de achar, e que explica razoavelmente a oposição da Santa Igreja a esses dogmas maçônicos, a maioria dos quais defendidos pelo Sr. Câmara.

Sobre esse assunto, que não é o desta polêmica, vale lembrar que impôr a Religião Católica a alguém, contra a vontade, é pecado mortal, e a Igreja nunca defendeu isso. Confundir esse absurdo com a oposição da Igreja à liberdade de culto e ao Estado leigo mostra total ignorância doutrinária.

No ano passado, o Sr. Câmara disse: "Dê-me um documento papal de valor magisterial que eu o obedecerei." (PC, 08.2000). Na seção de documentos da Igreja do *site* da Montfort há vários, condenando as idéias guenolávicas seguidas pelo Sr. Câmara. Também no livro de D. Boaventura não faltam documentos importantes, dos quais cito apenas um, contra a defesa que o Sr. Câmara faz da liberdade de pornografia: "O que não corresponde à verdade e à norma moral não tem direito algum, nem à existência, nem à propaganda, nem à ação." (Pio XII, *apud* Kloppenburg, *op. cit.*, p. 157).

-

Doutrina X opinião

Quanto à Doutrina Católica, a opinião de quem quer que seja não tem absolutamente nenhum valor, mas sim o ensinamento constante e universal da Santa Igreja Católica. A Montfort é apenas um grupo de católicos tentando ser fiéis à Igreja, mesmo quando boa parte do clero aderiu aos erros modernos. Nunca passou pela cabeça de ninguém que não haja outros católicos fora daqui. Muito pelo contrário: mesmo nessa polêmica, por exemplo, recebemos cartas de apoio de várias pessoas que nem conhecemos, dos lugares mais distantes.

Já o Sr. Câmara, como se vê pela epígrafe deste artigo e pelo nível religioso de suas mensagens anteriores, é tão católico quanto Leonardo Boff ou Olavo de Carvalho.

06/11/2023, 18:53

Os frutos do gnóstico Olavo II: Revelações de uma câmara escura

Bem, definitivamente não responderei mais aos olavianos, não importa quantos artigos, ameaças ou ofensas escrevam. E, a não ser que o Sr. Olavo de Carvalho resolva forjar mais contradições e distinções inexistentes ou chutar mais interpretações e citações delirantes, encerro aqui minha participação nessa polêmica, agradecendo a Nossa Senhora por ter iluminado minha inteligência e confundido os hereges.

In Jesu et Mariae,
Felipe Coelho.
19.08.01

BIBLIOGRAFIA (textos citados dos polemistas)

(OF, 31.05.01): Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, <<http://www.montfort.org.br/cadernos/guennon.html>>.

(OF, 10.79): Orlando Fedeli, *Conceituação, causas e classificação das utopias*, <<http://www.montfort.org.br/cadernos/utopia.html>>.

(FC, 12.08.01): Felipe Coelho, "Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo14.html>>.

(FC, 05.08.01): Felipe Coelho, "Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho", <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo10.html>>.

(OC, 21.07.01): Olavo de Carvalho, "Gnósticos e revolucionários", *O Globo*, 21.07.01, apud <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html#gnosticos>>.

(OC, 11.08.01): Olavo de Carvalho, "Em busca de justiça", *O Globo*, 11.08.01, <<http://www.olavodecarvalho.org/semana/bjustica.htm>>.

(PC, 14.08.01): Pedro Sette Câmara, "Filósofos e gnósticos", <<http://www.olavodecarvalho.org/convidado/pedro.htm>>.

(PC, 08.2000): Pedro Sette Câmara, "Apaixonados pelo abismo - mais um recado aos fiscais de ortodoxia", <<http://www.oindividuo.com/pedro/pedro27.htm>>.

(PC, 14.07.00): Pedro Sette Câmara, "O coração e o mundo", <<http://www.oindividuo.com/pedro/pedro26.htm>>.

(PC, 01.99): Pedro Sette Câmara, "A vida: bela para uns, bonitinha (mas ordinária) para outros", <<http://www.oindividuo.com/pedro/pedro8.htm>>.

Filósofos e gnósticos

<<http://www.olavodecarvalho.org/convidados/pedro.htm>>

Pedro Sette Câmara

"O objetivo de toda polêmica entre católicos e hereges é fazer com que estes vomitem sua heresia, de preferência voltando à Fé Católica, ou ao menos expondo aquilo que ocultavam para se infiltrar e perverter os bons."

Felipe Coelho

O coelhinho da Montfort resumiu aí toda a sua visão da "polêmica" entre Orlando Fedeli e Olavo de Carvalho. Para ele, os lados já estão definidos: os montfortianos seriam os "católicos" e os "olavianos" os "hereges". Mais: Olavo de Carvalho (e os olavianos) agem apenas como quem se infiltra no meio de inocentes cordeiros para lhes perverter a alma. O mais curioso aqui é que eu nunca vi Olavo de Carvalho dando aulas em ambientes nominalmente católicos, ou mesmo participando de qualquer atividade da Montfort – o

coelhinho, ao contrário, era aluno do *Seminário de Filosofia* e participante do *Fórum Sapientia*. Além disto, o coelhinho trocava e-mails com alunos do *Seminário*, eu inclusive, solicitando materiais ou tentando demonstrar alguma incompatibilidade entre a "doutrina olaviana" e aquilo que ele pensa que é a doutrina católica, na tentativa de fazer com que os alunos abandonassem as perigosas águas da investigação filosófica para se proteger no porto seguro da retórica fedelista.

Retórica, vejam bem. A adesão a algum grupo – seja ela a Associação Montfort, a Igreja Católica, o Partido Comunista ou um time de futebol – aliada à condenação de tudo que pareça um grupo e pareça contrário *só pode produzir um discurso retórico*, porque suas premissas só são aceitas dentro do contexto daquele grupo e os demais grupos estão sendo condenados justamente por não aceitar as tais premissas. Assim, os católicos condenam os muçulmanos por não serem católicos, e os muçulmanos condenam os católicos por não serem muçulmanos. Não há premissas comuns que permitam uma depuração dialética dos discursos (ou até há, mas não ao nível dos montfortianos) dos grupos opostos, apenas premissas que se excluem mutuamente.

Assim, todo o esforço montfortiano é um só: provar que Olavo de Carvalho e seus alunos não concordam com suas premissas. Como eles consideram que estas premissas são a quintessência da doutrina católica, crêem que os discordantes são não-católicos ou mesmo anticatólicos. Que uma agremiação oriunda da TFP, condenada por vários outros representantes do saco de gatos que compõe a massa dos que se opuseram às mudanças recentes na Igreja Católica, também alienada da própria Igreja "oficial", considere-se o último bastião da doutrina, pode parecer altamente imprudente, mas não é atípico nem imprevisível.

Na verdade, para eles, o simples fato de não pertencer à associação Montfort já é razão suficiente para suspeitar de alguém. Afinal, neste mundo mau, os homens de verdadeira boa vontade não se negariam a aderir ao grupo dos defensores do bem, da tradição, da família, da propriedade, e do direito de eliminar fisicamente os culpados por este mundo ser tão mau – que é justamente a interpretação que os montfortianos dão à posição contrária à "liberdade de consciência", pois acreditam que a vida civil deve ser regrada por um Estado forte da mesma maneira que a alma do fiel deveria se submeter à vontade divina. A vida da alma, porém, é diferente da vida civil.

Que eles creiam nisto, vá lá: cada um sabe de si. Mas daí a pretender que é um ponto essencial do catolicismo a defesa de um Estado que imponha a moralidade cristã a todos os cidadãos... É possível entender porque um sujeito que se diz católico pense isto a partir das considerações sobre a Igreja e o império tecidas por Olavo de Carvalho no *Jardim das Aflições*, mas não é possível aceitar em sua consciência que a adesão à fé católica compreenda necessariamente a adesão à ideologia de um "mundo melhor cristão" – até porque Jesus disse: "meu reino não é deste mundo". Isto vale tanto para os "teólogos da libertação" que desejam fazer a revolução proletária e chamar isto de reino de Deus quanto para os TFPistas e afins – isto é, a Montfort – que desejam instaurar o reino do moralismo.

Se houver qualquer dúvida de que é isto mesmo que a Montfort defende, basta considerar, em última instância, que Orlando Fedeli defende, segundo Felipe Coelho, a doutrina explícita da TFP, que pode ser encontrada, sem equívoco, no site da mesma. O [Auto-retrato filosófico de Plínio Correia de Oliveira](http://www.tfp.org.br/news/Autoretrato.htm) <<http://www.tfp.org.br/news/Autoretrato.htm>> assim sintetiza o primeiro dos "principais elementos doutrinários" do clássico TFPista *Revolução e Contra-*

Revolução: "a missão da Igreja como única Mestra, Guia e Fonte de Vida dos povos rumo à civilização perfeita".

Este item, que deixa de ser um pressuposto de análise teórica e passa a ser uma diretriz de ação no momento em que um grupo minoritário pretende assumir o papel que atribuía à Igreja (seja por considerá-la decadente ou qualquer coisa), mais os subseqüentes, já bastam para enquadrar a doutrina explícita da TFP – e, por conseguinte, da Montfort – em cinco dos [seis itens assinalados por Eric Voegelin](http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm) <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm>> para descrever a gnose.

Como se isso não bastasse, basta olhar a conduta dos montfortianos, que fizeram de uma visão peculiar – e bastante próxima da gnose segundo Voegelin – da doutrina católica sua "gnose" particular, dando o benefício da dúvida quanto à salvação da alma aos membros de seu grêmio e a condenação certa de quem estiver de fora – Felipe Coelho, auto-nomeado promotor do Juízo Final, [já proferiu a minha sentença](http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo10.html) <<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo10.html>>.

Isto tudo, como dizia, não passa de retórica, como é todo discurso destinado a condenar alguém, e não pode dizer nada quanto à verdade dos fatos, mas apenas quanto à sua adequação aparente a uma interpretação peculiar da doutrina da Igreja, aliás mais fixada na letra da doutrina do que em seu conteúdo. A veracidade da doutrina, como já disse em meu artigo [O Coração e o Mundo](http://www.oindividuo.com/pedro/pedro26.htm) <<http://www.oindividuo.com/pedro/pedro26.htm>>, só pode ser verificada pela consciência humana individual, e não pelos livros que a contém. Livros não pensam nem integram. Palavras só se referem a algo se a consciência "vê" o objeto que elas chamam. Caso contrário, saímos do mundo das coisas para viver no não-mundo das palavras soltas, onde um computador pode habitar perfeitamente. E é realmente tenebroso que entre os defensores da Igreja estejam pessoas tão incapacitadas para defendê-la com algo além da inteligência de um computador e a capacidade de armar intrigas.

[Home](#) | [Veritas](#) | [Cadernos Montfort](#) | [Documentos da Igreja](#)
[Destaques da Imprensa](#) | [Orações](#) | [Espaço do leitor](#)

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br